

U N I V E R S I D A D E      D E      É V O R A

Mestrado em Sociologia, Área de Especialização: Família e População

# FILHOS DO ADEUS

(Des)sincronização familiar e fecundidade depois dos 40 anos  
no Portugal contemporâneo

Rosalina Maria Pisco Costa

Dissertação de Mestrado orientada por Professor Doutor J. Manuel Nazareth

*“Esta dissertação não inclui as críticas e sugestões feitas pelo júri.”*

Évora . MMIII



Ao meu Avô

*Luo ye gui gen.*



## Agradecimentos

O tempo aproxima e afasta, permite encontros, desencontros e reencontros, celebra a vida e impõe lutos. Colorido pelo amor, pelas amizades, sorrisos e lágrimas, o tempo cronometrado que medeia entre o início e o fim deste trabalho é também o tempo das vivências que nele tiveram lugar. Por esta razão e por muitas outras, os agradecimentos impõem-se no tempo deste trabalho, reservando-se os primeiros parágrafos àqueles com quem partilhei angústias e alegrias, sonhos e fatalidades, nos (des)encontros da academia e da vida pessoal.

Ao *Professor Doutor J. Manuel Nazareth*, Professor Catedrático da Universidade Nova de Lisboa, que aceitou orientar esta dissertação, devo o interesse e o olhar atento com que acompanhou o desenrolar do trabalho, bem como as inúmeras observações críticas que, sabiamente, me endereçou, levando-me a (re)equacionar opções e decisões.

Ao Director do Curso de Mestrado em Sociologia e Presidente do Conselho de Departamento de Sociologia, *Professor Doutor Francisco Martins Ramos*, não posso deixar de agradecer toda a disponibilidade que sempre demonstrou perante as minhas dúvidas e inquietações, lembrando-me como, inevitavelmente, o caminho se faz caminhando.

Nos contactos que as investigações sempre implicam, devo igualmente uma palavra de agradecimento à *Senhora D.<sup>a</sup> Rosário Barroso*, do Instituto Nacional de Estatística – Delegação Regional do Alentejo, pela atenção e disponibilidade sempre demonstrada, e que marca a diferença no quotidiano das burocracias institucionais.

A um conjunto de pessoas que tenho o privilégio de conhecer e com quem partilho parte da vida académica mas não só, quero também agradecer de forma especial, porque, ainda que o não saibam, marcaram de forma indelével a minha forma de olhar o mundo e os mundos que o mundo contém: o *Professor Doutor Augusto da Silva*, o *Professor Doutor Carlos Alberto Martins de Oliveira*, o *Dr. Luís Filipe Navarro Canhão Cavaco* e o *Professor Doutor Silvério da Rocha e Cunha*.

Aos meus *alunos*, que me ajudam a perspectivar a Sociologia de outra forma, e de muitas formas, dando razão à máxima *docendo, discitur*.

Ao grupo das “*tea-talks*” pelo bom-humor nos fins de tarde, calorosos no Inverno e frescos de Verão, num percurso infindável pelos caminhos académicos e pessoais, prova de que a vida continua, um pouco por dia, todos os dias.

À minha *mãe e irmã*, obrigada por tudo. Porque são – antes de mais –, parte de mim.

## Resumo

### Filhos do Adeus

#### **(Des)sincronização familiar e fecundidade depois dos 40 anos no Portugal contemporâneo**

Numa altura em que as práticas contraceptivas são altamente eficazes e o seu uso generalizado, assiste-se, em grande parte das sociedades ocidentais contemporâneas, a um adiamento progressivo da entrada na maternidade, aproximando-a do limite biológico. A partir de uma pergunta de partida que equaciona a forma como a fecundidade depois dos 40 anos se articula com as alterações recentes sobre o tempo familiar, este trabalho procura, de forma mais específica, analisar criticamente o processo de construção social do tempo familiar, caracterizar a evolução recente da fecundidade após os 40 anos em Portugal, traçar o perfil das mulheres que na actualidade têm filhos depois dos 40 e formular hipóteses sobre as determinantes da fecundidade tardia. Por meio de um estudo exploratório, segue-se à fase de observação, descrição e análise, cimentada em torno da revisão de estudos anteriores bem como do tratamento de dados estatísticos oficiais, a apresentação de um conjunto de hipóteses que enfatizam o ultrapassar dos limites sociais e biológicos impostos pela idade à fecundidade, o que coloca, simultaneamente, estas mulheres numa situação de dessincronização relativamente ao calendário familiar “tradicional” e sincronização ante o seu próprio “relógio familiar”.

**Palavras-chave:** Família, Fecundidade, Fecundidade Tardia.

## Abstract

### Farewell's Children

#### The family (de)synchronisation and fertility after 40 years of age in contemporary Portugal

At a time where the contraceptive practices are highly efficient and its use generalized, to a large extent of the contemporaries' western societies, take place a gradual postponement of the entry into maternity, approaching it to the biological limit. Through a departure question that problemizes the way how the fertility after the 40 years is related with the recent occurred changes on the family time, this work specifically seeks for critically analyse the process of social construction of the family time, to characterize the recent development of the fertility after the 40s in Portugal, to draw the profile of women who nowadays have children after the 40s and to state hypotheses on the determinants of the late fertility. By means of an exploratory study, the observation, description and analysis phases, based on the revision of previous studies as well as in the official statistical data handling, is followed by the presentation of an assembly of hypotheses that emphasize the exceeding of social and biological limits imposed by age to fertility, what places, simultaneously, these women in a situation of desynchronisation to the “traditional” familiar calendar and synchronisation before its own “family clock”.

**Keywords:** Family, Fertility, Late Fertility.



# Índice

Agradecimentos

Resumo

## **Introdução, 1**

O sociólogo como “destruidor de mitos”, 3

Itinerário metodológico, 11

Do “caos original” ao *patchwork* final, 16

## **1 Tempo(s) & Família, 19**

Estações, luas, marés e relógios de pulso, 21

Rumo a uma Sociologia do Tempo, 29

O tempo n(d)a família, 37

A experiência (in)temporal contemporânea, 46

## **2 Tempo para ter filhos, 59**

*Calendários familiares*, 61

O “toque normativo” do tempo familiar, 61

Conjugalidade e parentalidade: um e um são três, 73

A multiplicidade de “relógios familiares”, 82

*Calendários reprodutivos*, 95

A arquitectura da fecundidade, 95

A “normalidade” do calendário reprodutivo, 102

Riscos (in)certos da fecundidade tardia, 114

### **3 Filhos “fora do tempo”, 123**

*Homogeneidades e singularidades da fecundidade em Portugal*, 125

Coordenadas espaço-temporais, 125

A aritmética da fecundidade depois dos 40, 134

*Os quadros sociais da fecundidade tardia*, 144

Mulheres mais e menos instruídas, 145

Mulheres mais e menos qualificadas, 148

Projectos familiares diversos, 156

Perfis de fecundidade tardia, 160

*Os filhos da “maturidade”*, 168

Desejados mas adiados, 169

“Novos filhos” para “novas famílias”, 175

Desejados, adiados... e auxiliados, 179

Para uma leitura da (des)sincronização familiar e fecundidade depois dos 40 anos no Portugal contemporâneo, 184

**Questões & conclusões, 193**

Bibliografia, 209

Anexos, 227



# Introdução



## O sociólogo como “destruidor de mitos”

Nada se pensa *ex nihilo* e este parece ser o principal argumento porque é tão difícil apresentar a razão pela qual se opta por determinado tema de investigação. A verdade é que se decide, inicialmente, por “recortar” parte da realidade social que se elege como área de estudo. Este acto, aparentemente simples é, afinal de contas e à partida, tão imprevisível quanto o singelo exercício de criar uma bola de sabão. No início é impossível antecipar os contornos exactos que a bola irá tomar, o que também acontece com a investigação. Ao exercício de injeção de ar corresponde, por parte do investigador, mais leitura, recolha de dados e reflexão. Como a bola de sabão aumenta numa profusão de cores, também a investigação aumenta em complexidade, cercando o investigador por todos os lados e envolvendo-o de tal forma, que não mais o deixa sair<sup>1</sup>.

Nesta que é a tarefa difícil de traçar o exacto momento e o contexto que serve de mola impulsionadora à realização de um determinado estudo ou à escolha de um determinado facto como epicentro da nossa análise, as palavras de Wright Mills são particularmente sábias. Na

---

<sup>1</sup> O investigador vive assim a sua investigação como uma quase “experiência totalizadora”. Sendo certo que «qualquer actividade intelectual torna-se estimulante a partir do instante em que se transforma numa rota de descoberta» (Berger 1978: 30) esta, uma vez traçada, não mais abandona o investigador. Como afirma Wright Mills, «[...] quando estamos no assunto, ele é encontrado por toda parte» (Mills 1975: 227), tornando-se o investigador tão sensível a ele que o encontra nas mais diversas experiências quotidianas, aparentemente não relacionadas, seja nos jornais, nos noticiários, nos filmes ou até mesmo nos romances.

prática, afirma, «jamais “começamos a trabalhar num projecto”: já estamos “trabalhando”, seja num veio pessoal, nos arquivos, nas notas tomadas aos rascunhos, ou nos empreendimentos dirigidos» (Mills 1975: 239). Dos “empreendimentos dirigidos” de que fala Wright Mills, dois foram particularmente importantes para o percurso trilhado, por um lado, um contacto mais próximo com a Sociologia da Família, motivado por razões profissionais e, por outro lado, a frequência do curso de Mestrado em Sociologia, na área de especialização de Família e População, ministrado pela Universidade de Évora. É nesta encruzilhada de áreas disciplinares – Sociologia da Família e Demografia – que é também a encruzilhada sobre a qual se ergue o curso de Mestrado em Sociologia na área de especialização de Família e População –, que se desenrola o presente trabalho, intitulado “*Filhos do Adeus – (Des)sincronização familiar e fecundidade depois dos 40 anos no Portugal contemporâneo*”, que procura equacionar a forma como a fecundidade feminina depois dos 40 anos de idade se articula com as alterações recentes sobre o tempo familiar.

A família é uma realidade que se nos impõe. Como afirma Ana Paula Relvas «todos e cada um de nós tem uma família... ou mais do que uma, mesmo que a não conheça!» (Relvas 1996: 9) e este facto, isto é, a pertença a uma família, real ou simbólica, marca de forma indelével a presença dos indivíduos na sociedade. Apesar de todos sabermos como funciona a família, quais os seus problemas e competências, a verdade é que, quando passamos de um olhar pessoal para um olhar científico, não hesitamos em concordar que afinal a família é um «emaranhado de noções, questões e, mesmo, de contradições e paradoxos» (Relvas 1996: 9), apresentando-se assim como uma realidade «pouco palpável, quase invisualizável» (Relvas 1996: 9). É também esta a opinião de Claude Lévi-Strauss quando, a propósito do conhecimento que todos julgamos ter sobre a família, se interroga dizendo «não nascemos e crescemos, cada um de nós, numa família a que nos ligam os sentimentos mais profundos?», ao que responde de imediato que, não obstante, «tornou-se claro, desde os primeiros tentames da reflexão sociológica e da investigação etnográfica, que poucas instituições sociais colocam problemas tão diversos e de tão grande complexidade.» (Lévi-Strauss 1995: 8).

Ora, uma das formas através da qual esta realidade se torna mais “palpável” é por meio do estudo dos principais eventos que marcam as biografias individuais. Os indivíduos nascem, vivem boa parte das suas vidas sozinhos até que, em determinada altura das suas vidas reproduzem, com



ou sem casamento, com ou sem coabitação, para mais tarde morrerem. Estes processos vitais – o nascer e o morrer – são, simultaneamente, factos indissociáveis das experiências familiares e os factos essenciais do crescimento natural das populações<sup>2</sup>. Ao traçar as balizas temporais da existência humana, na medida em que interferem directamente com o viver dos indivíduos e dos povos, são, por isso, objecto de estudo quer para a Sociologia da Família, quer para a Demografia (Lelièvre & Bonvalet 1995, Requena 1997).

Os mesmos eventos individuais que, nas experiências familiares assinalam o alargamento e a contracção da família – os nascimentos e as mortes – com todas as manifestações de afectividade que os envolvem, são exactamente os mesmos eventos que, ao nível de uma população diluem os sorrisos sobre os nascimentos e as lágrimas depositadas sobre a morte, aglomerando-os em contagens estatísticas anónimas que reflectem os níveis globais de natalidade e mortalidade. Da mesma forma, as biografias individuais, marcadas pelo número de filhos alguma vez nascidos para uma determinada mulher ou a idade de morte de um indivíduo em particular traduzem-se, ao nível de uma população, na taxa de fecundidade geral ou na esperança média de vida à nascença (Tilly 1978), reiterando a forma como, inexoravelmente, «[...] os indivíduos não são mais do que átomos de gigantescas moléculas: as populações» (Le Bras 1985: 354). O nascer e o morrer caracterizam-se assim por uma interacção contínua, mútua e inseparável da relação entre factores biológicos e sociais, cuja compreensão só pode ser alcançada à luz do contexto sócio-cultural em que se inserem, lembrando, como diria Alain Girard, que «poderia quase dizer-se que não há movimento “natural”, mas somente um movimento “sociocultural” da população» (Girard 1977: 382), regulado por uma espécie de “mão invisível” (Roussel & Théry 1997) que rege os nossos comportamentos aparentemente mais “naturais”.

Quando, em 1979, Hervé le Bras (*apud* Höhn 1990) dizia que o casamento e divórcio, os nascimentos e a própria morte são três capítulos da demografia, todos eles experienciados na família, estava, de facto, a chamar a atenção para a necessidade de uma abordagem mais integrada

---

<sup>2</sup> É neste contexto que J. M. Nazareth (1993) fala da demografia como ciência social de raiz biológica: «os dois grandes fenómenos demográficos – a natalidade e a mortalidade – são antes de mais manifestações sócio-culturais de processos biológicos, daí que “naturalmente”, a demografia estuda fenómenos que, sendo biológicos na origem, sofrem profundas modificações quando inseridos na sociedade» (Nazareth 1993: 884).

de todos estes eventos que ultrapassa as fronteiras estanques de uma análise “puramente” demográfica e encontra fronteiras com outras disciplinas como a Economia, a Sociologia, a Psicologia, a Moral, a Política, a Biologia ou mesmo a História (Nazareth 1993). A interpenetração existente entre a demografia e as outras ciências faz-se de facto nos dois sentidos (Pressat 1975-1976). Por um lado, para aprofundar as suas conclusões, a demografia tem de utilizar resultados das disciplinas vizinhas; todavia, ela própria oferece um acervo de informação interessante que os não-demógrafos podem utilizar quando estão a analisar o indivíduo e pretendem esclarecer determinados fenómenos à escala demográfica. Caracterizada por uma ligação muito estreita à Sociologia – leccionada por departamentos de Sociologia ou explorada por sociólogos (Moore 1972) – não raro se nota o peso da demografia na análise da família, seja nos estudos clássicos sobre a fecundidade, a nupcialidade e mortalidade seja no conhecimento de novos espaços de reflexão como as famílias monoparentais ou reconstituídas (Ussel & Flaquer 1993). A vantagem da análise demográfica dos fenómenos vitais é pois que nos permite lidar com o individual e o grupal simultaneamente (Tilly 1978). Por um lado, explicita a lógica que leva um indivíduo a estar agregado ao outro e, por outro lado, permite-nos comparar a experiência de qualquer indivíduo particular com o comportamento da população ao qual o indivíduo pertence.

De entre os dois marcadores vitais, este estudo centra-se a montante, isto é, no nascer e, por conseguinte na natalidade e na fecundidade, procurando ver como o nascimento de um bebé, ao mesmo tempo que constitui um marco importante na vida individual e social, alterando a vida familiar no plano microssociológico, reflecte e determina no plano macrossociológico, pela soma de todos os bebés nascidos, as dinâmicas demográficas de uma determinada região.

Para Alain Girard (1977), a modernidade trouxe consigo duas mudanças demográficas cujas consequências são igualmente consideráveis – a baixa da mortalidade e a quebra da natalidade. Em termos demográficos, daqui resulta um movimento paradoxal: não apenas aumentou o período de vida das populações, na medida em que a redução da mortalidade se traduz no aumento da esperança média de vida, como também se reduziu o número de nascimentos e, por conseguinte, o período fecundo. No que respeita ao aumento da esperança média de vida, esta acarreta alterações profundas no tempo de vida dos indivíduos como também das famílias. Ao viver mais tempo, os indivíduos têm também mais tempo para cumprir as

diversas fases do ciclo de vida: crescer e permanecer em casa dos pais, entrar na conjugalidade e viver essa conjugalidade, entrar na parentalidade e viver essa parentalidade. O alargamento da esperança média de vida acarreta pois novas e diferentes formas de experienciar o tempo familiar. No fundo tudo se passa como, expandindo as barreiras temporais da vivência humana, seja possível desacelerar o tempo para cumprir as diversas etapas da vida (Castells 1999) e, ao mesmo tempo, vivenciar múltiplos percursos familiares (Daly 2001).

Por outro lado, ao olhar para as recentes sequências estatísticas das sociedades ocidentais e no contexto particular do país, bem como até para as nossas próprias experiências familiares, habituámo-nos a entender as transformações ocorridas ao nível da natalidade por meio de um olhar uniformizador. Através deste olhar, somos levados a afirmar que a fecundidade se homogeneizou num conjunto de tendências: diminuição do número de filhos e consequente redução do número de filhos de ordem elevada, retardamento da idade média ao nascimento do primeiro filho, concentração do período reprodutivo num número reduzido de anos e redução da idade média ao nascimento do último filho. Por meio deste olhar, somos também levados a afirmar que tudo isto é indissociável do desenvolvimento de métodos contraceptivos altamente eficazes que permitem, com uma segurança quase absoluta, definir exactamente o *quantum* e o *timing* da fecundidade. Ora, este contexto de impressionante uniformização de práticas procriativas, como é hoje o caso de Portugal, esconde contudo ritmos particulares de fecundidade dos quais dois são particularmente notórios – a fecundidade precoce e a fecundidade tardia (Almeida, André & Lalanda 2002). Na verdade, por entre o constrangimento uniformizador de uma sociedade que, de forma mais visível ou mais subtil, prescreve “calendários” familiares e reprodutivos, emerge a constelação de distintas sequências familiares à margem dos calendários sociais e, por isso, muitas vezes rotuladas como “desviantes”.

Se, próximo do extremo inferior do período fértil e portanto, dos 15 anos, quando falamos em gravidez na adolescência, os desafios colocados às sociedades são enormes, próximo do extremo superior, ou seja, dos 40 aos 50 e portanto, na última década em que biologicamente ainda é possível ter filhos, até que a menopausa encerre definitivamente esta possibilidade, os desafios não são menores. Socialmente, esta possibilidade é encarada de forma diversa e polémica. Nascerão estes filhos, de alguma forma, “fora do tempo”? Ou, pelo contrário, se ainda é possível, porque não ter filhos quando a vida o permite e a isso se proporciona? De facto, as mulheres

adiam cada vez mais o nascimento do primeiro filho (Almeida, André & Lalanda 2002), “puxando-o” para perto do limite biológico, enfrentando para isso um conjunto de riscos biológicos, é certo, mas também sociais.

Dado que existe controlo deliberado da fecundidade sob diversas formas e, uma vez que as relações sexuais podem ser separadas da fecundidade efectiva com elevado grau de sucesso, o comportamento na fecundidade é um comportamento socialmente motivado e normativamente sancionado, não podendo por essa razão ser assumido como “sociologicamente não problemático” (Moore 1972). Numa altura em que a tomada de decisão sobre a fecundidade parece ser cada vez mais calculista, todo o processo decisional, bem como o complexo causal que está na base dessa tomada de decisão se torna particularmente interessante (Ryder 1972) ao mesmo tempo que mais significativas se afiguram as diferenças encontradas. Desta forma, os factores individuais de decisão, isto é, as motivações, assumem um poder explanatório acrescido. A atenção tem, pois, de ser dada à interacção existente entre variáveis de natureza sociodemográfica e motivacional, ou seja, como as macrovariáveis estão relacionadas com as microvariáveis na explicação da fecundidade (Beckman 1978), o que obriga não só a contextualizar a fecundidade no cenário mais amplo dos comportamentos familiares a que está associada e onde se cruzam valores sobre a sexualidade, conjugalidade e procriação, mas também e ao mesmo tempo, a reduzir a malha de análise, dar visibilidade e compreender modos e ritmos diferentes dos calendários reprodutivos, procurando clarificar as clivagens e especificidades que subsistem por detrás dos grandes traços estruturantes da fecundidade portuguesa.

Louis Henry, num estudo escrito em 1958 (*apud* Nazareth 1975), afirmava que existiam duas direcções principais no estudo da fecundidade: o aperfeiçoamento na medida do fenómeno e o estudo dos factores fisiológicos, psicológicos e sociológicos que lhe estão associados. Se à data, J. Manuel Nazareth enfatizava sobretudo os avanços notáveis no primeiro aspecto, é sobretudo no segundo que se situa o presente trabalho. Se é verdade que não podemos dispensar um conjunto de cálculos fundamentais que nos dão ideia sobre a caracterização e evolução do fenómeno, certo é que estes cálculos só podem ser compreendidos à luz de um conjunto de factores fisiológicos, psicológicos e sociais, os “ingredientes” necessários para uma compreensão cabal do fenómeno, numa época em que, colocadas à disposição das mulheres e dos casais meios

cada vez mais eficazes para direccionar a fecundidade efectiva no sentido da fecundidade desejada, importa conhecer o que determina então o comportamento genésico das mulheres portuguesas.

É ao empreender este esforço de procurar “conhecer” que, nas suas investigações, os cientistas operam muitas vezes como “destruidores de mitos” (Elias 1980). Também a perspectiva sociológica é eminentemente desmistificadora (Berger 1978). Ao pôr em marcha o “olhar por trás dos bastidores” (Berger 1978) e mediante a observação dos factos, os sociólogos procuram analisar fenómenos, por vezes, banais, e criticar, rejeitar, aceitar ou substituir as interpretações comuns que deles são feitas por interpretações claras, precisas e fundamentadas de modo científico. A Sociologia, enquanto “tentativa de compreensão” (Berger 1978), implica olhar por trás dos bastidores, isto é, questionar a realidade social e pôr em prática uma postura crítica e reflexiva de querer saber mais, pondo em marcha a engrenagem da “imaginação sociológica” (Mills 1975), essa imaginação que «capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos» (Mills 1975: 11), uma capacidade inolvidável de relacionar e articular o que, num dado momento histórico, permite construir a realidade social, num processo simultaneamente global e local. Esta mesma imaginação sociológica permite compreender que «todo indivíduo vive, de uma geração até a seguinte, numa determinada sociedade; que vive uma biografia, e que vive dentro de uma sequência histórica. E pelo facto de viver, contribui, por menos que seja, para o condicionamento dessa sociedade e para o curso de sua história, ao mesmo tempo que é condicionado pela sociedade e pelo seu processo histórico. A imaginação sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações entre ambas, dentro da sociedade. Essa a sua tarefa e a sua promessa» (Mills 1975: 12). Ora, é exactamente este o propósito do presente trabalho, isto é, compreender a forma como as opções tomadas relativamente à fecundidade e, designadamente, relativamente à fecundidade tardia, podem ser compreendidas à luz das transformações ocorridas no tempo familiar, a biografia de que fala Wright Mills, e compreender essas mesmas inter-relações num momento histórico preciso — a contemporaneidade.

Como afirmavam João Ferreira de Almeida e José Madureira Pinto, «a realidade é silenciosa; torna-se indispensável questioná-la para produzir respostas» (Almeida & Pinto 1995: 10). No caso particular, a grande pergunta de partida que orientou o estudo procura equacionar

a forma como a fecundidade depois dos 40 anos se articula com as alterações recentes sobre o tempo familiar. Desta pergunta de partida emerge o objectivo geral do trabalho que passa por analisar e compreender a forma como as recentes mutações ocorridas sobre o tempo familiar se articulam com a fecundidade após os 40 anos de idade no Portugal contemporâneo. Não é propósito deste estudo caracterizar a evolução recente da fecundidade em Portugal. Na verdade, esse trabalho constituiu já objecto de estudo de outros autores noutro tempo e noutro lugar que não este (Almeida 1995 *et al.*, Bandeira 1996a). Trata-se, aqui, de perceber como um modelo que consensualmente é uno, apresenta variantes interessantes, designadamente a fecundidade tardia, cuja compreensão não pode ser dissociada de um conjunto mais amplo de transformações ocorridas sobre o tempo familiar. Tendo em conta o objectivo principal delineado, os objectivos específicos procuram, de forma mais pormenorizada, analisar criticamente o processo de construção social do tempo familiar, caracterizar a evolução recente da fecundidade após os 40 anos em Portugal, traçar o perfil das mulheres que, na actualidade, têm filhos depois dos 40 anos e, por último, formular hipóteses sobre as determinantes da fecundidade depois dos 40 anos.

Os “filhos do adeus”, que dão título ao trabalho, são pois estes filhos que surgem numa fase em que a mulher se “despede” do seu período fértil encetando a “pausa lunar”<sup>3</sup>. Num artigo intitulado «Os Problemas da Natalidade. IV – Capacidade de Reprodução», publicado em 1947, na *Revista do Centro de Estudos Demográficos*, António de Almeida Garrett, dizia, a respeito da fecundidade que «[...] não é raro observar-se, depois de uma paragem de alguns anos, durante os quais a capacidade de gerar como que se extinguiu, renascer na véspera da menopausa, concebendo então a mulher, fruto de despedida da ovulação» (Garrett 1947: 58). Em grande medida, o ciclo menstrual e a maternidade, não são meros factos fisiológicos mas indícios femininos por excelência e, ao mesmo tempo, «a indicação “social” de que o seu corpo ainda está jovem» (Dexeus & Pàmies 1979: 12). Contrariamente à menarca, a menopausa é, não raro, enfrentada com algum desconforto por parte das mulheres que, eufemisticamente, através de expressões como “aquela idade” ou a “idade crítica”, percebem nela uma clara ameaça à sua imagem enquanto “mulheres completas” (Machado 1997). A ausência das “regras” pode, por

---

<sup>3</sup> Na origem latina, o termo “menopausa” significa “pausa lunar” entrando a mulher em menopausa quando a menstruação deixa de ocorrer durante 12 meses lunares (Gomes 1987a).

isso, funcionar como um sinal inequívoco do envelhecimento da mulher, assinalando a perda do seu encanto pessoal, do atractivo físico e sexual e até mesmo a proximidade da morte (Dexeus & Pàmies 1979). Porque os 40 anos<sup>4</sup>, e não obstante o declínio acentuado da fecundidade a partir dessa idade (Weinstein, Wood & Ming-Cheng 1993) são, simbolicamente, os anos deste “adeus”, se apelidam de “filhos do adeus” aqueles cujo nascimento ocorre na “véspera da menopausa”, como uma “despedida da ovulação”. É em torno deles que se desenrola o presente trabalho.

## Itinerário metodológico

Na construção do conhecimento científico, cada ciência produz o seu próprio “objecto científico” com o objectivo de, «operando sobre ele e com ele, criar um “código de leitura” do real-concreto social que lhe permita explicá-lo, compreendê-lo, interpretá-lo.» (Nunes 1996: 19). É neste contexto que a investigação pode ser definida como «um processo sistemático e intencionalmente orientado e ajustado tendo em vista inovar ou aumentar o conhecimento num dado domínio» (Ketele & Roegiers 1993: 104). Vários critérios permitem, no entanto, diferenciar os diversos tipos de investigação, nomeadamente o referencial existente à partida, o produto procurado à partida, o valor prioritário ao qual a investigação se refere, o grau de generalização procurado, etc. (Ketele & Roegiers 1993). No contexto dos propósitos enunciados, a investigação desenvolvida pode ser caracterizada como uma investigação exploratória (Ketele & Roegiers 1993, D’Ancona 1996). Este tipo de investigação permite a familiarização com o problema em estudo e é levada a cabo para cumprir algum ou vários dos objectivos que se seguem: familiarização com o problema de investigação para deduzir (a partir da informação recolhida) os aspectos que requerem uma análise pormenorizada em investigações

---

<sup>4</sup> Internacionalmente, os técnicos de saúde convencionaram considerar gravidez de risco as gestações de mulheres com 35 anos de idade ou mais (Andrade 2002), tendo em conta que a partir desta idade a esterilidade aumenta significativamente, bem como os riscos associados à gravidez. Todavia, dada a conotação simbólica dos 40 anos no imaginário feminino e social, utilizar-se-á, daqui em diante, a expressão “fecundidade tardia” para significar a fecundidade em mulheres de 40 e mais anos, ao mesmo tempo que a expressão “de 40 e mais anos” se utiliza por relação à fecundidade tardia, ou seja, a que tem lugar em mulheres com idades compreendidas entre os 40 e os 49 anos de idade completos.

posteriores, verificar a factibilidade da investigação e documentar os meios necessários para a tornar viável e comprovar que estratégia ou estratégias de investigação se adequam mais à sua análise no sentido de seleccionar a técnica ou técnicas de recolha de dados e de análise mais pertinentes para futuras investigações (D’Ancona 1996). Ora, no conjunto dos objectivos prosseguidos, a presente investigação situa-se claramente no primeiro, ou seja, «familiarizá-lo com o assunto a estudar e com as situações em que o fenómeno se produz, permitir-lhe fazer o inventário das variáveis susceptíveis de entrar em jogo (e não só das variáveis dedutivas *a priori*)... logo, compreender bem a problemática do objecto de estudo» (Ketele & Roegiers 1993: 117). A investigação exploratória passa assim por uma fase de observação, descrição e análise, de onde resulta a emergência de uma ou várias hipóteses que, susceptíveis de ajustamentos progressivos coerentes com o corpo dos conhecimentos anteriores e graças ao raciocínio indutivo, poderão posteriormente ser verificadas, mediante uma investigação especificamente planificada para o efeito.

Metaforicamente e como o próprio nome indicia, o estudo exploratório constitui uma fase “aberta”, «na qual o investigador se situa como um verdadeiro explorador» (Ketele & Roegiers 1993: 109) na medida em que estes estudos se desenvolvem sobretudo quando este se depara com escassa informação sobre o objecto de estudo para, posteriormente, proceder a uma análise mais aprofundada que passe, nomeadamente, pela descrição, explicação, predição ou avaliação (D’Ancona 1996). Ora, de facto, são poucos os estudos efectuados na área da fecundidade tardia (Rahman & Menken 1993) e, muito especificamente, das suas inter-relações com as alterações verificadas na experiência do tempo familiar em contexto português, pelo que se justifica claramente o desenvolvimento de um estudo que, por meio de uma cuidada observação e reflexão, permita consolidar um conjunto de hipóteses que poderão servir de ponto de partida para estudos posteriores, o que justifica, em grande medida, a importância concedida ao enquadramento teórico do problema em estudo. De facto, o estudo exploratório raramente se constitui como um fim em si mesmo (D’Ancona 1996), até porque se desenrola no sentido de uma aproximação a fenómenos pouco conhecidos com a finalidade de extrair variáveis relevantes e hipóteses a comprovar em investigações posteriores. Neste sentido, a investigação exploratória não é uma investigação de menor importância, pelo contrário, «uma boa investigação exploratória



combina, portanto, criatividade e rigor» (Ketele & Roegiers 1993: 117), fundamental para a investigação científica.

Quanto às técnicas aplicadas a este tipo de estudo, elas podem ser a revisão de estudos, análise de estatísticas e documentos, observação (participante ou não participante), entrevista aberta não estruturada (individual e/ou grupal) e relato biográfico ou análise de documentos pessoais (D’Ancona 1996). No caso particular, a revisão de estudos anteriores bem como a análise de dados estatísticos oficiais (publicados e não publicados), constituem o principal alicerce para a reflexão efectuada.

A revisão bibliográfica, transversal a todo o trabalho efectuado, desenvolveu-se no sentido de rever a literatura que existe sobre o assunto, por forma a consolidar o corpo teórico que serve de enquadramento ao estudo efectuado. Muito concretamente, procurou-se, por meio desta revisão bibliográfica, encontrar os elementos de construção social do tempo familiar e, ao mesmo tempo, os indicadores das diversas alterações ocorridas nesse mesmo tempo familiar. Em grande medida, as citações incluídas ao longo do texto traduzem a influência mais notória de algumas das leituras efectuadas. A este propósito escreve Miguel Tamen que «em certas profissões pode-se ser punido por não citar. Quando se ensina pessoas a não serem punidas ensina-se pessoas a fazer citações» (Tamen 1996: 11). Neste caso, a “obrigatoriedade” de citar revela uma necessidade latente, como aliás noutros domínios do saber e mesmo da nossa vida pessoal, de confrontar experiências e opiniões, na inevitabilidade de que ninguém escreve nada pela primeira vez mas na imperiosidade que «tal como ninguém pode escrever nada pela primeira vez, ninguém pode escrever como se *não* tivesse escrito nada pela primeira vez» (Tamen 1996: 12). Não foge também este texto à inclusão de citações, correndo o risco, o qual é um risco real, de retirar das palavras dos autores uma interpretação que é sempre a interpretação do leitor que procura apreender o sentido do autor<sup>5</sup>. Muitas serão todavia as “citações implícitas” (Simon s.d: 6), pela dificuldade que tantas vezes existe em separar o que o investigador lê do que pensa e, por

---

<sup>5</sup> Todas as citações extraídas de obras em língua estrangeira, incluídas ao longo do texto, foram livremente traduzidas para língua portuguesa. Correndo o risco de dar razão ao aforismo italiano *traduttore, traditore*, a tradução tornou-se um imperativo perante a diversidade da bibliografia consultada, cujos excertos, a serem incluídos na língua original, formariam um mosaico linguístico que traria dificuldades de compreensão e quebras no ritmo do texto, exigindo ao leitor que dominasse, de igual forma, o português, o espanhol, o francês, o inglês ou o italiano.

consequente, de reconhecer e identificar inequivocamente os autores das ideias que entretanto já adoptou como suas. Esta sensação estranha que «nos leva a comportarmo-nos como ladrões, como piratas da literatura – a fazer, como dizia Montaigne em termos mais poéticos, o nosso mel com o tomilho e a manjerona dos outros» (Simon s.d: 6) é afinal a consciência de que tudo quanto se escreve é sempre o resultado de tudo o que já se escreveu de outras vezes, se leu e viveu, em última instância, se é, na certeza que o discurso científico é sempre um discurso de interpretação e, por isso, indissociável das marcas que o próprio investigador deixa na interpretação dos factos, ou não fosse a neutralidade absoluta uma quimera do positivismo.

Na sequência da orientação teórica tratada na parte inicial do trabalho, optou-se por enveredar pela análise empírica por forma a compreender melhor a complexidade do fenómeno. Assim, a reflexão efectuada constrói-se sob um conjunto de dados empíricos a partir de fontes de informação secundária que inclui os dados publicados e não publicados elaborados por organismos públicos que publicam estatísticas, por isso “oficiais”, como parte central da sua actividade, designadamente o INE – Instituto Nacional de Estatística e o EUROSTAT - *Statistical Office of the European Communities*, cuja análise permite, de um ponto de vista mais quantitativo, caracterizar a evolução recente da fecundidade após os 40 anos, bem como os seus contornos actuais.

As principais fontes utilizadas neste trabalho correspondem às principais fontes portuguesas utilizadas pela análise demográfica, designadamente, os resultados definitivos do *Recenseamento Geral da População* (1981, 1991 e 2001) e a sequência de *Estatísticas Demográficas* de 1981 a 2001, no que concerne aos dados publicados e disponíveis não publicados. A informação de base, relacionada sobretudo com o número de mulheres no período fértil nas diversas unidades territoriais, o respectivo número de nascimentos ocorridos e ainda algumas características do perfil dessas mulheres, permitiu um tratamento estatístico subsequente traduzido no traçar da evolução da fecundidade tardia em Portugal nos últimos 20 anos, na caracterização actual dos nascimentos depois dos 40 anos e ainda na apresentação dos quadros sociais da fecundidade tardia, a partir de um conjunto de variáveis pertinentes no domínio da educação, do trabalho e da família, combinando assim uma análise longitudinal e transversal do fenómeno. Também outros estudos desenvolvidos pelo INE como o *Inquérito à Fecundidade e à Família, 1997* ou o *Inquérito à Ocupação do Tempo, 1999* foram tidos em conta na medida em que, sendo estudos desenvolvidos a

nível do país com base em amostragens representativas da população, nos permitem (re)conhecer algumas das variáveis que não são trabalhadas pelos Censos ou pelas Estatísticas Demográficas.

Neste itinerário metodológico optou-se por enfatizar o papel desempenhado pela mulher no processo de fecundidade, donde os dados empíricos recolhidos no INE se orientam apenas para a fecundidade feminina<sup>6</sup>. A opção tomada não se prende com a negação do papel masculino nas decisões sobre a fecundidade, até porque a própria expressão “ter um filho” se aplica tanto às mulheres como aos homens, exigindo por isso tanto de pai como de mãe (Kitzinger 1996), mas tão somente com a redução da complexidade da análise, à semelhança de outros estudos (Weinstein, Wood & Ming-Cheng 1993), reconhecendo que, apesar de tudo, as decisões sobre a reprodução têm maior relevância para as mulheres do que para os homens (McLaren 1997). Da mesma forma que se aborda a fecundidade a partir da perspectiva feminina, sem entrar em linha de conta com os comportamentos procriativos do ponto de vista dos homens, também se aborda a fecundidade a partir das mulheres e não dos casais, dissociando assim fecundidade e conjugalidade.

Depois de uma parte inicial de carácter claramente qualitativo, expresso na revisão bibliográfica, o trabalho cede lugar a um olhar mais quantitativo, traduzido na análise dos dados empíricos, que rapidamente abandona em prol de uma reflexão crítica e transversal. Na verdade, os indicadores estatísticos não revelam tudo. Pelo contrário, na aparente simplicidade de uma taxa ou de uma percentagem, a geometria da realidade social oculta relações que é necessário descortinar, esmiuçar ou validar. Por esta razão, os factos devem servir para nos abrir perspectivas, mas a investigação empírica não se deve esgotar em si mesma, permitindo a crítica e a (re)construção teórica em torno dos problemas sobre os quais nos debruçamos, tornando-se assim mais clara a intersecção entre a Demografia e a Sociologia. Como afirma Alain Girard, «os números, em tal domínio, têm apenas significação quando se inscrevem num complexo das relações sociais» (Girard 1977: 397). Por outro lado, a abordagem empreendida traduz uma

---

<sup>6</sup> Não obstante, o INE disponibiliza, nomeadamente nas *Estatísticas Demográficas*, alguns dados relativos à fecundidade dos homens. Por outro lado, o próprio *Inquérito à Fecundidade e Família, 1997* (INE 2001a) foi aplicado a uma amostra representativa da população portuguesa composta também por homens que, perante a especificidade do seu comportamento no que respeita à fecundidade e família, foram objecto de questionários distintos dos aplicados ao grupo das mulheres, ainda que a maioria das questões fosse comum.

forma de compreender a riqueza e complexidade da realidade social e que, ao mesmo tempo, ofusca a dicotomia redutora que opõe estudos qualitativos e estudos quantitativos para antes reconhecer a sua necessária complementaridade.

Quer aquando da revisão bibliográfica, quer também aquando da reflexão em torno dos dados empíricos e da própria reflexão final, torna-se por demais evidente a forma como a fecundidade não é apenas um fenómeno biológico, nem tão pouco um objecto que interesse apenas à Demografia e à Demografia da Família, chamando constantemente à análise outras áreas disciplinares como a Sociologia da Família, da Fecundidade (Easterlin 1978) ou mesmo do Tempo (Pronovost 1986), utilizando por isso vários pontos de vista, deixando que a «nossa mente se transforme num prisma móvel, colhendo luz de tantos ângulos quanto possível» (Mills 1975: 231) e enfatizando a ideia de que, «uma prática científica credível nesta área de estudo dos “factos de população” implicará a construção de um referencial teórico ou quadro conceptual empiricamente validado *forjado predominantemente na óptica da sociologia*» (Freitas 1979-80: 169) mas, sobretudo, multidisciplinar.

## Do “caos original” ao *patchwork* final

Em grande medida, o processo de escrita assemelha-se a um *patchwork*, resultado de múltiplas leituras, observações e reflexões, parte daquilo a que Wright Mills (1975) chamou de “artesanato intelectual”. A imagem de um trabalho de *patchwork* recorda que, não obstante o trabalho de união de pequenos retalhos de tecido de diversas dimensões, texturas e cores, enquanto partes distintas, subsiste uma ideia global que orienta esse trabalho, lhe confere forma e dá coerência.

A ideia global que subjaz à organização do texto é a ideia que, desde o início, norteou o trabalho desenvolvido. Após esta *introdução*, as três partes em que se divide o corpo do texto funcionam como os três ponteiros do relógio que, internamente, marcam o tempo deste trabalho e que, progressivamente avançam em patamares de profundidade e afunilamento na questão central que se pretende estudar, isto é, equacionar a forma como a fecundidade depois dos 40 anos se articula com as alterações recentes sobre o tempo familiar. O percurso efectuado começa por introduzir o fio teórico que orienta a pesquisa em *Tempo(s) & Família* e *Tempo para ter filhos*, e

que permitirá depois desfiar o novelo, por meio de uma análise empírica onde se conclui sobre os *Filhos “fora do tempo”*.

Na primeira parte, intitulada *Tempo(s) & Família*, procura-se reflectir sobre o lugar da temporalidade na teoria social, em particular na Sociologia da Família. “Estações, luas, marés e relógios de pulso” é o ponto inicial nesta viagem que começa por (des)construir a polissemia do tempo de modo a (re)conhecer a multiplicidade de tempos que permeiam a vida dos indivíduos. De entre estes tempos, interessa estudar de forma particular o tempo social, onde se inclui o tempo familiar e a forma como este molda a vida em sociedade. É neste contexto que se discute a teorização sociológica em torno do tempo – “Rumo a uma Sociologia do Tempo” –, em particular no domínio da Sociologia da Família – “O tempo n(d)a família” – para, no fim, em “A experiência (in)temporal contemporânea”, apresentar as características que parecem construir o tempo contemporâneo nos diversos quadros da vida quotidiana, especificamente na família.

Porque o trabalho se desenrola em torno da fecundidade tardia, na segunda parte – *Tempo para ter filhos* – questiona-se precisamente esse tempo “recortado” da vida dos indivíduos e das famílias e que se espelha na confluência de dois calendários: os familiares e os reprodutivos. Os “calendários familiares” dizem respeito à forma como se desenrolam as experiências familiares em termos de sequência e *timing*, daí que se procure ver em “O ‘toque normativo’ do tempo familiar” como o conceito de ciclo de vida familiar aponta para sequências pré-determinadas de organizar as experiências familiares e como esse “toque normativo” se alarga à conjugalidade e à parentalidade por meio de uma fórmula geral de acordo com a qual “um e um são três”. Porém, as sequências familiares prescritas são sempre probabilísticas, coexistindo com uma “multiplicidade de ‘relógios familiares’”. No que respeita aos “calendários reprodutivos”, a biologia começa por imprimir uma determinada “arquitectura da fecundidade” indissociável do período fértil feminino dentro do qual se gere o período reprodutivo. “A ‘normalidade’ do calendário reprodutivo”, expressa por essa arquitectura, bem como pela homogeneização dos comportamentos reprodutivos que parece esboçar-se na contemporaneidade através da “plasticização” da fecundidade, é todavia aparente. Esta homogeneização esconde sinais de diversidade, onde se inclui um ligeiro aumento da fecundidade tardia o que, enfrentando um conjunto de obstáculos biológicos e sociais obriga a falar dos “Riscos (in)certos da fecundidade tardia”.

Na medida em que esse conjunto de obstáculos se traduz, não raro, na rotulação dos nascimentos em mulheres de 40 e mais anos como ocorrendo “fora do tempo”, a descrição e análise empírica da fecundidade tardia reserva-se para a terceira e última parte, intitulada *Filhos “fora do tempo”*. Em “Homogeneidades e singularidades da fecundidade em Portugal” traça-se a evolução recente da fecundidade por meio das suas coordenadas espaço-temporais e da aritmética da fecundidade depois dos 40, em particular. O perfil das mulheres que empreendem a fecundidade tardia, nas dimensões educacional, profissional e familiar desenvolve-se a partir da leitura de “Os quadros sociais da fecundidade tardia” e, finalmente em “Os filhos da ‘maturidade’” avança-se com uma reflexão sobre as interrelações entre as mudanças verificadas no tempo familiar e a fecundidade depois dos 40, apresentando para isso um conjunto de hipóteses sobre o problema, sintetizadas numa leitura da (des)sincronização familiar e fecundidade depois dos 40 anos no Portugal contemporâneo. Finalmente, em *Questões & Conclusões* sistematizam-se as ideias centrais do trabalho e retomam-se alguns dos principais temas tratados, procurando fios condutores que possam estabelecer a ponte entre o que foi feito e o que fica por fazer. Por último, indica-se a bibliografia citada, bem como os anexos considerados relevantes.

Do “caos original” (Quivy & Campenhoudt 1998) inicial, as ideias intercruzam-se, as conclusões emergem, as palavras articulam-se e a escrita é a única saída possível para dar forma à reflexão sobre as questões. Como afirmava Wright Mills, «chega um momento, no curso de nosso trabalho, em que nos cansamos dos outros livros» (Mills 1975: 221) e, com base num conjunto de notas, resumos, observações e reflexões se assentam as ideias, ainda que nem todos os livros tenham sido lidos, nem todas as notas tomadas e nem todas as observações efectuadas. Ainda que a reflexão não esteja totalmente terminada – porque jamais o estará – é essa a reflexão que a seguir se apresenta, correndo o risco de ocultar (sem o distanciamento e o amadurecimento necessário) outras tantas questões.

## Primeira Parte

# Tempo(s) & Família

*«A forma como vivemos o tempo e como o percebemos é muito diferente segundo os sujeitos, os lugares e as circunstâncias. O tempo não tem a mesma consistência numa sala de espera de dentista, no trabalho, nas férias ou com a pessoa amada.»*

G. Ausloos (1996) *A Competência das famílias – Tempo, caos, processo*, p. 49.

*«Um relógio parado dá a hora exacta duas vezes por dia.»*

Provérbio Árabe





## Estações, luas, marés e relógios de pulso

Vivemos no tempo e com o tempo. A aparente simplicidade de uma afirmação como esta, ainda que apoiada por uma definição geral de “tempo” como «a duração sucessiva de qualquer fenómeno ou do movimento real das coisas» (Alves 1975: 1276) oculta a polissemia real deste conceito, profundamente imbricado no nosso quotidiano.

Na verdade, por entre a paradoxalidade que opõe à brevidade inimaginável de um milésimo ou milionésimo de segundo a temporalidade longínqua do tempo dos dinossauros, reflectindo sobre o tempo que passamos na sala de espera do dentista ou nos minutos que antecedem um exame final ou cogitando, por fim, nas designações comuns que opõem ao tempo do trabalho o tempo do lazer ou ao tempo do estudo o tempo das férias, facilmente nos apercebemos como nem todos – indivíduos, grupos ou sociedades – experienciamos um período de tempo metricamente idêntico da mesma forma.

A palavra “tempo” é assim uma palavra tão usual quanto polissémica, polissemia essa visível desde logo no significado etimológico das palavras gregas *chronos* e *kairos* (Daly 1996). De acordo com esta distinção, no sentido abstracto o tempo é visto como objectivo e real – materializado nos ponteiros de um relógio, é o tempo do *chronos*, expresso de um modo universal e público –, já experienciado enquanto “duração”, é subjectivo, contínuo e fluído, daí que o *kairos* seja um tempo de experiências, sem fronteiras e ilimitado.

Parece ser na encruzilhada entre estas duas dimensões do tempo que se forja a sua importância para os indivíduos, grupos e sociedades. Como afirma Kerry Daly, «o tempo é uma

componente fundamental da ordem sociocultural que tomamos como certa e que serve de base para as nossas decisões e acções» (Daly 1996: 1), elemento fundamental e constitutivo da personalidade individual e da vida colectiva é, por isso, um aspecto essencial da construção social da realidade (Gasparini 1986, Berger & Luckmann 1999).

Subjacente às múltiplas experiências temporais, é todavia possível identificar uma dimensão tríplica do tempo<sup>1</sup> (Gasparini 1986, Pomian 1993), distinguindo um tempo natural (físico ou objectivo), individual (psicológico e biológico) e social (colectivo). O tempo natural é perspectivado no campo da ciência físico-natural e para a sua definição e percepção, em muito contribuiu a definição de Newton que, nos *Philosophiae Naturalis Principia Mathematica*, obra publicada em 1687, enuncia de forma clara um novo conceito de tempo<sup>2</sup>. O tempo natural equivale, na perspectiva newtoniana, ao tempo “absoluto”. É o tempo “verdadeiro, matemático”, apenas mensurável através da “equação do tempo” ou “equação astronómica”. A este, Newton opõe um tempo relativo, função do resultado das diversas operações de medida, que se deixa constatar a olho nu através da observação dos fenómenos e por isso pertencente à esfera do visível. Ligado à percepção e fruto da simples observação dos fenómenos, é, nas suas próprias palavras, “aparente e vulgar”, diferente do “verdadeiro tempo”. Na medida em que a perspectiva newtoniana da ciência encara o tempo natural como real e absoluto na medição do movimento ao

---

<sup>1</sup> A adopção da dimensão tríplica do tempo, para classificar as diversas experiências temporais, justifica-se pelo facto de, comparativamente às outras classificações existentes, permitir distinguir e isolar, para efeitos analíticos, a experiência social ou grupal do tempo das experiências física e psicológica. Na verdade, à riqueza polissémica do conceito corresponde uma infinidade de tipologias para catalogar as múltiplas experiências do e sobre o tempo. A título de exemplo, citar-se-ão as classificações que distinguem entre tempo qualitativo e quantitativo; tempo da natureza e da razão; tempo subjectivo e objectivo; tempo cíclico e linear ou tempo cíclico, linear e em espiral e ainda uma outra classificação que opõe o tempo da natureza ao tempo da sociedade (Belloni 1986, Filipcová & Filipec 1986, Gasparini 1986, Pomian 1993, Daly 1996). Giovanni Gasparini (1986) procura resumir as diversas tipologias e distinções sobre o tempo em apenas duas “constelações”, reconhecendo no entanto que «não é possível uma recomposição antagónica clara nem tão pouco dicotómica das várias classificações utilizadas» (Gasparini 1986: 65) ante a «complexa arquitectura temporal» (Pomian 1984 *apud* Gasparini 1986: 66) da sociedade que alicerça concepções, representações e organizações sociais do tempo diversas e não simétricas.

<sup>2</sup> Nesta obra, Newton expõe assim a sua concepção de tempo: «o tempo absoluto, verdadeiro, matemático, em si mesmo e por natureza, decorre uniformemente sem relação com algo de externo, e é chamado por outro nome duração. O tempo relativo, aparente e vulgar, é uma medida (exacta ou inexacta) sensível e externa da duração por meio do movimento, que é correntemente empregada no lugar do verdadeiro tempo: tais são a hora, o dia, o mês, o ano» (Newton 1713: 101-102 *apud* Pomian 1993: 38).

longo do espaço e, somente através da “equação do tempo”, se pode passar de um tempo “sensível”, “relativo”, “aparente e vulgar”, enquanto fundado no conhecimento instrumental, a um tempo “absoluto”, “verdadeiro” e “matemático”, alcançado indirectamente graças aos cálculos feitos com base nas observações e em medidas obtidas utilizando instrumentos fiáveis (Pomian 1993), a sua expressão é, sobremaneira, quantitativa.

Já o tempo individual, especifica-se na sua dimensão psicológica e biológica (Gasparini 1986), significando, por um lado, a percepção, por parte do indivíduo, da própria experiência temporal, por isso psicológico e, por outro lado, a expressão dos ciclos e dos ritmos de vida dos indivíduos que o tempo biológico encerra. Na sua dimensão psicológica, o tempo individual encontra justificação no facto de durações de tempo metricamente idênticas, não serem percebidas da mesma forma, nem para indivíduos diferentes, nem tão pouco para o mesmo indivíduo quando colocado em diferentes contextos. Isto acontece porque as experiências temporais são alvo de uma interpretação subjectiva diversificada da sucessão das actividades, dos fenómenos ou do movimento, influenciadas por experiências anteriores, recordações apreendidas e conservadas na memória, expectativas que se traduzem em pensamentos, actos e palavras ou estados afectivos momentâneos ou permanentes (Pomian 1993). O tempo psicológico – «o tempo que faço correr, isto é, aquele que o meu psiquismo acelera ou abranda ao sabor das minhas exigências afectivas» (Alaméda 2001: 171) –, é assim um tempo formado por intervalos desiguais e heterogéneos, tanto no presente como no passado e futuro e, por essa razão, muito variável<sup>3</sup>.

Também do ponto de vista biológico, os seres humanos são sensíveis à passagem do tempo. À semelhança de todos os outros organismos vivos, «também o homem apresenta uma organização temporal: é um relógio biológico» (Pomian 1993: 66) e esta condição molda a sua percepção do tempo em que a biologia surge como limite. Dotado de uma orientação irreversível e dividido em fases ou períodos que se sucedem segundo uma ordem imutável – primeira infância, infância, adolescência, juventude, maturidade e velhice –, o tempo psicológico é um tempo finito, balizado que está entre os marcos do nascimento e da morte. Não obstante, para

---

<sup>3</sup> «É, por exemplo, o tempo que suspendo porque tenho de negar a dor de uma separação, ou aquele que, pelo contrário, acelero, quando o sofrimento me leva pelo suicídio a antecipar a própria morte» (Alaméda 2001: 171).

além dos constrangimentos impostos pela idade e doença, que assinalam a finitude da vida, os seres humanos são cadenciados por uma infinitude de ritmos biológicos do corpo que regulam os ritmos comportamentais e fisiológicos, onde se incluem os ciclos de dormir e acordar, de alimentação, de temperatura corporal, secreção de certas hormonas ou nível de determinados elementos no sangue, de tal forma que, «a organização temporal das próprias funções vitais parece ser, pois, o fundamento a que se sobrepõe a organização temporal senso-motora, à qual se sobrepõe por sua vez o pensamento temporal» (Pomian 1993: 67).

Finalmente, é ainda possível reconhecer uma dimensão social ou colectiva do tempo, enquanto determinado pelos agrupamentos sociais e pela própria sociedade. Enquanto que o tempo natural é uniforme, homogéneo e quantitativo, o tempo social está, à semelhança do tempo psicológico, imbuído de significados baseados em diferentes contextos de referência e experiência, mas agora partilhados por um conjunto de pessoas. Falar do tempo social é pois reconhecer que «a concepção e o uso que os homens dele fazem são largamente tributários às condições económicas, de organização da vida quotidiana e dos quadros culturais, incluindo a religião» (Rezsohazy 1986: 37).

É de uma dimensão social do tempo que fala Daniel Mercure quando designa de “temporalidades sociais” a «realidade de tempos vividos pelos grupos, ou seja, a multiplicidade de condutas temporais e de representações do tempo ligadas à diversidade de situações sociais e de modos de actividades no tempo» (Mercure 1979: 263). Para este autor, o estudo das temporalidades sociais<sup>4</sup> inscreve-se nos temas complexos que regem todas as sociedades e por isso implica relacionar as diversas actividades, tarefas e experiências dos múltiplos modos de

---

<sup>4</sup> Segundo Daniel Mercure (1979) qualquer estudo sobre as temporalidades sociais terá, inevitavelmente, de referir duas dimensões que lhe estão muito próximas, designadamente, a de multiplicidade de tempos sociais e a de ritmo social. A noção de multiplicidade de tempos sociais implica a pluralidade e a heterogeneidade de tempos vividos nos diversos sectores da realidade social, combatendo assim a ilusão de uniformidade de tempos sociais e reconhecendo a experiência real dos indivíduos e dos grupos através de diferentes situações e experiências sociais. A noção de ritmo social não é menos fundamental no estudo das temporalidades sociais. Empregue em duas acepções diferentes mas indissociáveis, significa, por um lado, a sucessão de movimentos sociais periódicos de intensidade variável dentro de um tempo definido e, por outro lado, enfatiza a descontinuidade, aludindo à rapidez com que se sucedem acontecimentos ou etapas diferentes. Em ambas as utilizações da palavra “ritmo social” – periodicidade e rapidez das mudanças ou continuidade e descontinuidade – não parece, para Daniel Mercure, haver uma oposição mas apenas a constatação das duas faces de uma mesma moeda.

actividade no tempo, com as diferentes representações, concepções, percepções e simbolizações do tempo, ou seja, como diz Gurvitch (1963), as diversas formas de tomar consciência do tempo, que imbricadas no tecido dos modos de actividade, donde dependem em grande medida, podem, eventualmente, conduzir por sua vez, a um conjunto de práticas sociais diferentes segundo os grupos e os actores sociais considerados. A multiplicidade de temporalidades sociais implica ao mesmo tempo uma *décalage* nas diversas concepções do tempo por parte dos diferentes grupos e nas relações que estes estabelecem com as diversas instituições sociais, podendo daí resultar problemas de ajustamento e contradições que, latentes ou manifestas, provocam uma certa dinâmica social é certo, mas também conflitos eventuais (Mercure 1979).

Uma perspectiva socialmente construída do tempo esboça-se então a partir do entendimento de que a compreensão do tempo é moldada pela experiência cultural (Daly 1996), ou seja, que é possível compreender a forma como as pessoas vivenciam a passagem do tempo nos seus comportamentos sociais, como experienciam os eventos e as acções ao longo do tempo, quais são os significados que outorgam à sua passagem, como relacionam os eventos em mudança e quais são as imagens e metáforas que utilizam na conceptualização do tempo. Entendendo que as ideias de tempo são construídas socialmente, então, «enquanto construção social, o tempo é simultaneamente subjectivo e social» (Daly 1996: 44). Contrariamente ao tempo físico, o tempo social é artificial, arbitrário e convencional, derivado da actividade humana, como uma dimensão imposta pela necessidade de sincronização na organização social<sup>5</sup>, daí que cada sociedade desenvolva a sua própria “cultura do tempo” (Pronovost 1986).

---

<sup>5</sup> O processo de standardização temporal impõe-se pela multiplicidade de tempos sociais. Já Gurvitch (1963) falava da unificação do tempo social como condição necessária e decorrente da multiplicidade de tempos sociais, ou seja, da natureza diversa do tempo. Também Eviatar Zerubavel (1982) reconhece que, sendo o tempo uma realidade social intersubjectiva partilhada, tem que ser standardizado. O tempo standardizado surge assim entre as «coordenadas essenciais da realidade intersubjectiva» (Zerubavel 1982: 2) do mundo social, o que pressupõe a conversão das formulações subjectivas da duração de eventos e da sua localização no tempo numa «linguagem temporal standardizada» (Zerubavel 1982: 3), de forma a terem para os outros o mesmo significado que tem para quem as utiliza. A este propósito, também Gasparini (1986) relembra como o tempo quantitativo funciona como uma espécie de linguagem universal derivada da necessidade e da exigência do aumento de interacções entre indivíduos, grupos e sociedades. A abolição de modos locais de medição temporal e a introdução de formas standardizadas ao nível supralocal para o registo do tempo constituem um marco histórico na relação do homem com o tempo, assinalando a transição de um tempo ancorado nas propriedades da natureza como o movimento do sol, as estações e as marés para um tempo acordado

Porque é uma construção social, é interessante constatar como o processo da consciência temporal constitui uma dimensão elementar no processo de socialização primária (Zerubavel 1982, Daly 1996). Inicia-se na família, desde a infância, onde as crianças começam, pouco a pouco, a compreender que o tempo constitui um pré-requisito para a sua participação no mundo social adulto da mesma forma que molda e estrutura o curso das suas vidas<sup>6</sup>. Norbert Elias fala mesmo de uma “socialização temporal” (Elias 1992 *apud* Daly 1996), para sublinhar que o indivíduo não inventa o conceito de tempo, mas que o apreende desde a infância por meio de constrangimentos compatíveis com o contexto institucional do tempo. Nesta socialização temporal, as crianças aprendem a ser pontuais, organizadas e coordenadas nas suas actividades, daí que o processo de socialização temporal seja um processo de auto-constrangimento para um padrão de auto-constrangimento temporal que abraça toda a vida do indivíduo (Elias 1992 *apud* Daly 1996).

A existência de um tempo social passa então não apenas pela partilha dos significados atribuídos ao tempo, mas também pelo estabelecimento de uma linha temporal que, para além dos constrangimentos do relógio, molda as biografias individuais. Assim, o desenvolvimento individual pode ser conceptualizado como uma série de marcadores temporais ou pontos de transição que moldam o passado, influenciam o presente tendo como direcção um futuro idealizado. É neste contexto que Kerry Daly utiliza a expressão “calendário sociológico” (Daly 1996), enquanto mecanismo que foca os temas chave e datas que organizam a experiência temporal dos indivíduos. As unidades desse “calendário sociológico” reflectem o ritmo e a mudança de temas e actividades tal como ocorrem na vida dos indivíduos – casamentos, nascimentos, baptizados, guerras, epidemias, mortes, separações ou migrações – de forma que, mais importante que as unidades standardizadas do tempo do relógio ou do calendário em que

---

socialmente, em grande medida apoiado na medição quantitativa do tempo dos relógios, cuja precisão é a forma mais simples de sincronizar as diversas actividades numa referência temporal standardizada que é concomitante com o processo de substituição da natureza como âncora da referência temporal pelo princípio da racionalidade e que marca a construção humana do tempo (Daly 1996).

<sup>6</sup> Como salienta Daniel Mercure (1979), as concepções e atitudes sobre a forma de encarar o tempo têm influência sobre as condutas quotidianas dos agentes sociais. Os horizontes temporais, edificados nos meios de socialização primária e da vida activa, podem influenciar as escolhas futuras, os hábitos de vida e de consumo ou as expectativas de sucesso de um determinado grupo.

esses eventos ocorrem, parece pois ser o significado outorgado a determinados acontecimentos considerados significativos<sup>7</sup>. Também Eviatar Zerubavel (1982) reconhece que, de entre a grande variedade na forma de medir o tempo, entre culturas e mesmo dentro da mesma cultura, se utilizam muitos pontos de referência temporais que não estão ancorados no tempo do relógio, no calendário Gregoriano ou na era Cristã, mas tão somente em determinadas formulações temporais que associam eventos a outros eventos considerados importantes para o grupo.

K. Pomian (1993) cita como exemplos de tempo social o solar, o religioso e o político. Todavia, um outro quadro relacional da vida quotidiana – a família – parece também construir o seu próprio tempo – o tempo familiar<sup>8</sup> (Aldous 1996, Daly 1996, Relvas 1996), na medida em

---

<sup>7</sup> Pronovost (1986) apresenta e cita o exemplo de Evans-Pritchard sobre os Nuer (Sudão). Este antropólogo, que estudou a tribo dos Nuer durante os anos 30 do século XX, distinguiu entre eles dois tipos de tempo. Por um lado o tempo ecológico, isto é, aquele que reflecte as suas relações com o meio e, por outro lado, o que reflecte as relações estabelecidas no interior da estrutura social, apelidado por isso de tempo estrutural. O tempo estrutural é aquele que predomina, na medida em que o tempo ecológico (representado pela sucessão dos anos, estações ou alternância de condições climáticas) é modulado e interpretado pelo sistema do tempo estrutural. O tempo dito “estrutural” funda-se sobre o ritmo das actividades e dos grupos sociais e, por isso, o cálculo dos períodos e dos ciclos faz-se através da identificação das actividades que têm uma significação particular no seio do grupo, tais como a festa ou a guerra ou outras de carácter memorável. O tempo é assim visto como «uma sucessão de actividades significativas; a selecção de pontos de referência é determinada pela importância de certas actividades de grupo» (Pronovost 1986: 8). Desta forma, o que realmente determina o calendário social são os acontecimentos significantes e não a marcação casuística do tempo standardizado, «o calendário resulta de uma relação entre um ciclo de actividades significativas: faz-se menos uso dos nomes dos meses para datar os acontecimentos que da referência a qualquer actividade notável» (Pronovost 1986: 8). Por outro lado, estas actividades tornam-se significativas, em virtude da interpretação de que são alvo por parte dos grupos sociais, o que faz com que, dentro dos Nuer, cada grupo tenha a sua forma própria de definir e de reter o que considera marcante aos seus olhos, tornando o tempo relativo a um ponto de vista local, não obstante o quadro de referência comum a todos eles.

<sup>8</sup> Muitas vezes emprega-se o conceito “tempo familiar” com um significado distinto daquele que se pretende aqui vincar. Nessa acepção, o tempo familiar é visto como o tempo passado em conjunto, isto é, com os outros membros da família, não raro, associado a uma certa visão “nostálgica” da família, construído com um “forte sabor” de sentimentalidade ou união e colorido numa visão romantizada e idealizada (Daly 1996). Alguns exemplos “tradicionais” desse “tempo familiar” são imagens de trabalho em família, momentos de refeição ou de fruição de momentos de lazer em conjunto, enquanto que as imagens contemporâneas revelam o ritmo acelerado da vida das famílias, por entre um pequeno almoço à pressa ou no carro a caminho da escola ou do trabalho, onde o tempo familiar mais parece uma coincidência esporádica da partilha de espaço e tempo que emerge na intersecção de vidas marcadas pelo ritmo acelerado de trabalho e consumo (Daly 1996). Todavia, nesta acepção, o tempo familiar precisa de ser visto como um largo espectro de possibilidades que vai desde a fotografia cor-de-rosa descrita, à parte mais “obscura” onde o tempo vivido em conjunto é constrangedor e preenchido por interesses competitivos, que marcam as relações sexuais ou geracionais existentes (Daly 1996).

que também ele parece conduzir os membros da família a «inscrever certas actividades nos quadros temporais determinados em função das orientações propriamente institucionais» (Pronovost 1986).

A leitura da família constrói-se, inegavelmente, sob dois eixos básicos: o eixo sincrónico ou do espaço e o eixo diacrónico ou do tempo (Relvas 1996, Alarcão 2000). O eixo sincrónico, de análise do espaço familiar, é um eixo eminentemente relacional, revelando-se concretamente, «na estrutura da família, nas relações entre os seus membros, nas suas alianças e limites, no tipo e modos de comunicações por eles privilegiados. Desse modo criam-se e desenvolvem-se as normas e os padrões ou modelos de interacção que caracterizam determinada família (ser mãe mas de que modo, ser pai mas como...)» (Relvas 1996: 29). O outro eixo no qual se desenrolam as relações familiares é precisamente o eixo diacrónico, do tempo familiar como «um tempo eminentemente histórico, pontuado pelos acontecimentos do quotidiano, pelas etapas do desenvolvimento e pela história das gerações» (Alarcão 2000: 246) e onde se assumem como elementos importantes os mitos, as lealdades, as dívidas, os legados e as delegações familiares, assim como acontecimentos relevantes da existência tais como acidentes ou doenças graves e onde se articulam também permanentemente os movimentos de evolução e de conservação do sistema familiar (Alarcão 2000).

O tempo familiar não é pois o tempo especificamente cronológico que data com precisão os eventos familiares, mas sim o tempo processual (Rodgers 1973 *apud* Klein & White 1996, Relvas 1996) que se relaciona «com os diversos momentos estruturais que progressivamente se vão articulando na família, momentos em que se jogam diferentes papéis e posicionamentos, bem como diferentes proeminências desses mesmos papéis» (Relvas 1996: 25). O tempo familiar é então este tempo que, independentemente da calendarização temporal, se expressa «no desenrolar do quotidiano, no ritmo dos dias e das fases por que cada família vai passando» (Relvas 1996: 26), o que nos permite falar de um “calendário familiar” (Aldous 1996, Klein & White 1996) que respeita ao tempo de vida das famílias e onde se utilizam as experiências familiares como marcadores distintivos para dividir o tempo. Por esta razão e abandonando a noção de tempo do calendário – expresso em dias, meses ou anos – as experiências familiares são muitas vezes contextualizadas a partir de eventos que se inferem através de expressões como “quando casámos”, “antes do nascimento da tua irmã” ou “logo após o teu pai ter falecido” (Klein &



White 1996). É certo que estes eventos pecam pela periodicidade, já que muitos deles apenas aconteceram uma vez; no entanto, estas experiências são comumente entendidas como os marcadores no “calendário familiar” (Klein & White 1996) porque acontecem na maior parte das famílias ao longo do seu tempo de vida, assumindo-se como particularmente significativas na sua percepção do tempo familiar.

Em suma, é um tempo social aquele que marca os ritmos dos habitantes de um determinado território, que subjaz à organização quotidiana dos indivíduos, que determina a regência pelos ritmos do sol, das estações, das luas, das marés ou do relógio de pulso, que distingue o tempo do trabalho e o tempo das férias, o tempo da cidade e do campo, o tempo religioso do tempo civil ou ainda que define o ano político, o escolar, o judicial ou o fiscal. Como afirma K. Pomian, «ao “cada um por si” do tempo psicológico, do qual, para sermos exactos, só devíamos falar no plural, os tempos colectivos opõem, na ordem esparsa, o seu “um por todos”» (Pomian 1993: 14). Também no tempo de vida das famílias, ou seja, no desenrolar dos “calendários familiares” é possível identificar um tempo próprio. Porém, da mesma forma que falamos de “famílias” ao invés de “a família”, somos forçados a rejeitar um conceito monolítico de tempo familiar a que, aparentemente, o relógio de pulso conduz, a favor de diversas formas de organizar o tempo familiar e, por conseguinte, de diversos “relógios familiares” (Aldous 1996), sobre os quais se constroem as biografias familiares.

## Rumo a uma Sociologia do Tempo

A polissemia do tempo confirma e justifica a inevitabilidade da sua apropriação por disciplinas científicas próprias como a cronologia e a cronometria e pelo discurso científico multidisciplinar (Filipcová & Filipec 1986), não apenas por parte da Biologia, Física, Matemática ou Química, mas também pela Antropologia, Arqueologia, Economia, Estética, Filosofia, Geografia, História, Linguística, Psicologia ou Teologia, bem como pela Sociologia, perspectiva que interessa agora estudar em particular, sem contudo negligenciar a constatação, válida para as diversas leituras científicas, de como, na investigação e compreensão da dinâmica temporal, as diversas tradições científicas se revelam fundamentais e sinergicamente necessárias, reconhecendo

assim a limitação de qualquer análise rigidamente compartimentada e monodisciplinar sobre o tempo (Gasparini 1986).

Se é certo que a Sociologia chega relativamente tarde na teorização sobre o tempo<sup>9</sup> (Daly 1996), certo é que a teorização sociológica em torno do tempo é quase tão antiga quanto a própria Sociologia. A escola durkheimiana, a primeira a interessar-se por esta questão, abria definitivamente as portas à Sociologia do Tempo (Pronovost 1986), designadamente através dos escritos conjuntos de Henri Hubert e Marcel Mauss que, em 1909, publicam *Mélanges d'Histoire des Religions* e o próprio Émile Durkheim nas reflexões contidas em *Les Formes Elementaires de la Vie Religieuse*, datado de 1912.

É pois na tradição sociológica francesa clássica que Hubert e Mauss, partindo de uma análise da vida religiosa nas populações ditas “primitivas”, problematizam questões como as relativas ao tempo individual e tempo social, bem como a da distinção entre tempo qualitativo e quantitativo<sup>10</sup> (Gasparini 1986), concluindo que, «o tempo é um objecto de representações

---

<sup>9</sup> Como afirma Pierre Jean-Simon, «a Sociologia teve um aparecimento tardio entre as Ciências – também elas tardias – do homem» (Simon s.d.: 7), o que justifica em parte que, na longa história da teorização sobre o tempo, a Sociologia chegasse relativamente tarde, sobretudo quando comparada com a Filosofia, domínio onde a questão agostiniana se confunde por vezes com a tradição filosófica em torno do tempo, ainda que esta anteceda e preceda Santo Agostinho (Daly 1996). Ao interrogar-se sobre «que assunto mais familiar e mais batido nas nossas conversas do que o tempo?» (Santo Agostinho 1958: 308), Santo Agostinho alertava já para o carácter quotidiano das referências temporais. Numa questão, incluída no capítulo XI das suas Confissões, Santo Agostinho “imortaliza” para sempre a reflexão filosófica sobre o tempo ao perguntar «o que é, por conseguinte o tempo?» (Santo Agostinho 1958: 308), respondendo de imediato que «se ninguém mo perguntar, eu sei; se o quiser explicar a quem me fizer a pergunta, já não sei» (Santo Agostinho 1958: 308). Ora esta questão é também uma das questões que, no campo da Sociologia, viria a nortear muitas das reflexões efectuadas.

<sup>10</sup> Observando a prática religiosa e mágica na cultura arcaica e tradicional em geral, Hubert e Mauss encontraram uma antinomia e uma divisão entre tempo normal ou profano e um tempo sagrado e indiviso. Neste contexto, e para a religião, o tempo não é homogéneo e as partes em que se divide não são também necessariamente homogéneas ou iguais. Para a religião e para a magia, o tempo não é uma quantidade pura, plenamente mensurável, mas antes um elemento dotado de qualidade. Ao mesmo tempo que distingue de certa forma um tempo quantitativo de um tempo qualitativo, «composto de partes descontínuas, heterogéneas e girando sem parar sobre ele próprio» (Hubert 1905: 229 *apud* Isambert 1979: 200), os autores refutam a ideia de um calendário que tenha uma função essencialmente quantitativa. Esta distinção entre tempo quantitativo e qualitativo, não implica uma total e absoluta exclusão. Mauss reconhece, por um lado que o tempo qualitativo não está completamente alheado da quantidade e por outro lado, que o tempo quantitativo representa, muito provavelmente, o resultado histórico da ideia de tempo qualitativo (Gasparini 1986).

colectivas da mesma forma que o espaço» (Hubert 1901: 234 *apud* Isambert 1979: 193), na sequência da ideia de que, para Hubert, o tempo «é uma estrutura simbólica, como esta estrutura dispõe de normas, é também um sistema operatório» (Isambert 1979: 201) de organização da sociedade em ritmos temporais.

Em *Les Formes Elementaires de la Vie Religieuse*, Émile Durkheim insiste em afirmar a natureza social do tempo (Urry 2002), consolidando a ideia que o tempo é uma categoria social de entendimento, um produto da sociedade e por isso, à semelhança do espaço, uma noção essencial que domina toda a vida intelectual. Ambas são das «propriedades mais universais das coisas», os «quadros sólidos que encerram o pensamento» (Durkheim 1960: 13), de forma que não é possível pensar os objectos sem que se contextualizem no tempo ou no espaço. O tempo é «um quadro abstracto e impessoal que envolve não apenas a nossa existência individual, mas a da humanidade», afirma Durkheim. É «como um quadro ilimitado onde toda a duração é estabelecida sobre o olhar do espírito e onde todos os acontecimentos possíveis podem ser situados por relação a pontos de referência fixos e determinados. Não é o meu tempo que é assim organizado, mas o tempo que é objectivamente pensado por todos os homens de uma mesma civilização» (Durkheim 1960: 14), donde só pode ser colectivo<sup>11</sup>.

Não obstante as diferenças de abordagem encontradas entre Henri Hubert, Marcel Mauss e Émile Durkheim, todos eles partem da reflexão da consideração do tempo sagrado e religioso e, mais concretamente, da forma como o ritmo de vida nas sociedades estudadas é penetrado pelo sagrado e regido por categorias religiosas de pensamento, salientando a forma como os ritos constituem modalidades de ordenação do ritmo de vida em colectividade (Pronovost 1986) moldando, por conseguinte, o tempo social dessas sociedades.

---

<sup>11</sup> Acerca da distinção entre tempo social e tempo individual, Durkheim expressa claramente que o tempo social exprime um tempo comum ao grupo, sendo uma autêntica instituição social que envolve não apenas a existência individual mas também a vida da humanidade (Gasparini 1986). Ao mesmo tempo, Durkheim revela uma concepção clara dos ritmos sociais. O tempo colectivo compõem-se de diversos acontecimentos ou de durações particulares que se encaixam uns nos outros, se modulam e se articulam num ritmo conjunto que é próprio de uma determinada sociedade (Pronovost 1986). Nas suas palavras, «as divisões em dias, semanas, meses, anos, etc., correspondem à periodicidade dos ritos, das festas, das cerimónias públicas. Um calendário exprime o ritmo da actividade colectiva ao mesmo tempo que tem por função assegurar a regularidade» (Durkheim 1960: 15).

Do outro lado do Oceano Atlântico, caberia aos escritos conjuntos de Pitirim Sorokin e Robert Merton, que em 1937 publicam no *American Journal of Sociology* o artigo «Social time: a methodological and functional analysis», as primeiras reflexões sobre a Sociologia do Tempo que constituiriam o alicerce da escola americana neste domínio (Pronovost 1986). Fortemente inspirados pela antropologia, estes autores demonstram o carácter eminentemente qualitativo do tempo social, a sua descontinuidade, relatividade e a especificidade de um tempo conhecido por relação ao tempo biológico e físico (Pronovost 1986). Neste contexto, o contributo específico de Sorokin e Merton reside na ilustração da relação de significação que une uma actividade ao seu quadro temporal, na medida em que o reconhecimento dos períodos temporais depende em grande parte do conteúdo significativo das actividades que os compõem e também na afirmação da relação entre tempo e grupos sociais, enfatizando um “time system” particular aos grupos, que outorga ritmos específicos às suas actividades (Pronovost 1986). Os autores concordam pois com a ideia de um tempo social ou sociocultural, que se opõe ao tempo astronómico, moldado que é pelas crenças e costumes comuns ao grupo (Gasparini 1986).

Vinte anos mais tarde, os trabalhos sobre o tempo conheceriam um interesse renovado, graças a Georges Gurvitch que, de novo no espaço europeu, afirma de forma indelével a multiplicidade de tempos sociais. Em *A Vocação Actual da Sociologia*, datada de 1950, Gurvitch define tempo social e faz a distinção entre tempos macrossociais e tempos microssociais, ao mesmo tempo que faz referência a uma grande multiplicidade e heterogeneidade de tempos sociais diferentes. Gurvitch deu conta da diversidade e heterogeneidade de tempos sociais, articulando a sua análise em redor do estudo da escala de tempos e dos seus níveis de análise, conceptualizou diferentes categorias de tempo social<sup>12</sup>, procedeu a um exame das suas relações

---

<sup>12</sup> Segundo Georges Gurvitch (1963), os fenómenos sociais totais e as estruturas sociais que os exprimem parcialmente são os produtores e os produtos do tempo social, daí que seja impossível definir tempo social sem definir fenómeno social total. O tempo social caracteriza-se pelo máximo de significações humanas que se lhes pode outorgar e sobre a sua extrema complexidade, complexidade muito superior que a do tempo da realidade física, pelo que é possível definir diferentes tipos de tempo que se encontram em função da pluri-dimensionalidade dos fenómenos sociais totais. Para uma análise mais detalhada dos diferentes tempos sociais construídos como quadros de referência da análise sociológica propostos por Gurvitch (1963), *vd.* o capítulo XIII do 2.º vol. de *La Vocation Actuelle de la Sociologie*, intitulado «A Multiplicidade de Tempos Sociais» ainda que, para Gasparini (1986), a tipologia proposta por Georges Gurvitch seja de tal forma detalhada e formal que se torna pouco utilizada em termos empíricos.

com as instituições, as estruturas e os grupos sociais e relatou os laços que os tempos sociais mantém entre si (Pronovost 1986).

Para Georges Gurvitch, o tempo é «uma coordenação, bem como uma *décalage* de movimentos, coordenação e *décalage* que dura ao longo da sucessão e se sucede na duração» (Gurvitch 1963: 32) sendo que a vida social se faz de tempos múltiplos, sempre divergentes, por vezes contraditórios, donde a unificação relativa, ligada a uma hierarquização por vezes precária, representa um problema para todas as sociedades. Daqui resulta que, cada classe social, cada grupo particular, cada elemento microsocial, cada actividade social – mítica, religiosa e mágica, económica, técnica, jurídica ou política, cognitiva, moral ou educativa – tem tendência a mover-se num tempo que lhe é próprio (Gurvitch 1963). Desta forma, a sociedade não pode viver sem tentar unificar a pluralidade destes vários tempos sociais, mas o esforço para chegar a esta coesão e, portanto, a esta interpenetração relativa dos tempos sociais conduz a um novo aspecto da sua multiplicidade – própria das sociedades globais – onde cada um estabelece uma outra hierarquia unificadora dos tempos sociais e escolhe um dos pontos da sua especificidade a partir do qual organiza a sua vida (Gurvitch 1963). Neste sentido, «a multiplicidade de tempos impõe-se-nos pelo contacto directo com as diferentes esferas do real» (Gurvitch 1963: 337), podendo, consoante os casos, ser vividos, percebidos, representados, simbolizados e conceptualizados pelos quadros sociais onde se movem, daí que a unidade do tempo não passe de uma “miragem” (Gurvitch 1963).

Relativamente à teorização sociológica recente em torno do tempo<sup>13</sup>, são de realçar as análises de Eviatar Zerubavel que, em palco americano, se posiciona ante o objectivo ambicioso de delinear um novo campo de análise designado por “Sociologia do Tempo”<sup>14</sup> (Gasparini 1986), bem como dos contributos de Anthony Giddens (2000a, 2001) que «colocou a análise do tempo e do espaço no coração da teoria social contemporânea no início dos anos 1980.»

---

<sup>13</sup> A história da Sociologia do Tempo ensaiada nos parágrafos anteriores está todavia longe de ser completa. Outros autores como Karl Marx e Max Weber com as suas reflexões sobre a sociedade capitalista industrial, os estudos de Pierre Bourdieu sobre os Cabilas da Argélia e os contributos fenomenologicamente orientados de Heidegger, Bergson e Mead (Urry 2002) teriam certamente, numa análise mais aprofundada, lugar garantido nesta história por escrever.

<sup>14</sup> Para esta tarefa contribuiu, de modo decisivo, a obra *Hidden Rhythms*, datada de 1981 e «The Standardization of Time: a sociohistorical perspective», publicado no *American Journal of Sociology* em 1982.

(Urry 2002: 389) e que vê no “esvaziamento do tempo” o corolário da libertação do tempo ocorrido nas culturas modernas comparativamente às pré-modernas, e ainda os contributos mais recentes de Kerry Daly, Michel Maffesoli ou Zaki Laïdi, que sintomática e respectivamente, sintetizam em expressões como “síndrome da aceleração” (Daly 1996), “o eterno instante” (Maffesoli 2001) ou o “homem-presente” (Laïdi 2001), a problematização da questão do tempo nas sociedades ocidentais contemporâneas<sup>15</sup>.

Não obstante os exemplos apresentados, a Sociologia tem demonstrado um interesse relativamente modesto sobre o tempo<sup>16</sup> e este tem sido de certo modo, problematizado de forma insuficiente, ao mesmo tempo que os estudos se têm centrado de forma excessiva na sua dimensão quantitativa (Mercure 1979, Belloni 1986, Pronovost 1986, Daly 1996). De referir que uma tradição relativamente importante neste domínio tem a ver com o estudo da multiplicidade de tempos sociais, contabilizando para isso as diferentes ocupações temporais de actividades diversas por relação a um parâmetro – o tempo matemático (Mercure 1979). Muitos destes estudos traduzem-se em análises quantitativas das diversas formas de ocupar o tempo: formas de emprego do tempo, geometria dos horários de vida ou repartição de actividades numa duração precisa (Mercure 1979, Daly 1996). Insere-se aqui, aliás, a tradição dos orçamentos de tempos ou “*budgets-temps*”<sup>17</sup>, na expressão francófona que os tornou conhecidos.

---

<sup>15</sup> O desenvolvimento mais aprofundado desta temática reserva-se para o último ponto desta parte, intitulado “A experiência (in)temporal contemporânea”, onde se procura, com base num conjunto de autores contemporâneos (entre os quais os citados), identificar, para as sociedades ocidentais contemporâneas, o conjunto de representações concepções e percepções do tempo que lhes são próprias.

<sup>16</sup> Em 1986, Maria Carmen Belloni afirmava que, ao examinar a literatura sociológica, facilmente nos deparamos com o facto de a variável tempo raramente entrar em consideração e socorria-se para o efeito de escassos exemplos (no domínio da Sociologia italiana), de trabalhos empíricos realizados no âmbito da Sociologia das Organizações e do Trabalho, na Sociologia da Família e, também em estudos mais recentes, sobre a cultura de certos grupos sociais em que a percepção do tempo é considerada em estreita relação com a personalidade, a formação da identidade e a capacidade de se proteger a si mesmo.

<sup>17</sup> Em 1964, o Centro Europeu de Coordenação de Pesquisa e Documentação em Ciências Sociais, sob os auspícios da UNESCO e estabelecido em Viena, incluiu no seu programa um vasto inquérito de “*budgets-temps*” a aplicar num determinado número de países e que deveria constituir assim a primeira grande pesquisa multinacional de Sociologia comparada. Em 1965, os representantes das instituições de pesquisa em ciências sociais dos vários países reuniram-se em Budapeste para acordar uma metodologia comum e em Abril de 1966, uma primeira reunião na Universidade de Colónia, permitiu desde logo confrontar os resultados da maioria dos inquéritos e mais tarde no VI Congresso Mundial de Sociologia em Evian, uma mesa redonda foi especialmente organizada sobre este projecto internacional.

Todavia, uma mudança de rumo parece emergir progressivamente. Maria Carmen Belloni (1986), nota um interesse crescente pela dimensão temporal, ainda que no plano metodológico se tenda a negligenciar o factor tempo, isto é, a não considerar como condição metodológica importante «o facto que todos os fenómenos sociais se produzem no tempo, ocupam um tempo determinado, e que o tempo constitua por vezes um constrangimento, a par de outras variáveis, e uma dimensão (a privilegiar porventura) do próprio fenómeno» (Belloni 1986: 69). Segundo esta autora, para além de um ponto de vista descritivo, onde cada fenómeno pode ser definido tendo por base as dimensões fixadas pelos seus elementos constitutivos, como a duração, sucessão de componentes ou ritmo das sequências, isto é, quantificado, o tempo pode ser percebido enquanto objecto signifiante, procurando-se assim analisar os seus significados e é neste sentido precisamente que se processa a evolução verificada.

O interesse crescente pelas questões do tempo no contexto das ciências sociais traduz a convicção de que é possível considerar o tempo, não mais como uma constante de menor importância no estudo dos fenómenos, mas como «uma variável de grande instabilidade e de uma forte complexidade, pela qual numerosos actores sociais manifestam um interesse cada vez mais tangível» (Belloni 1986: 70). Para a autora, as causas que estão na base desta evolução na concepção do tempo são essencialmente duas: por um lado o facto de se encarar o tempo como um recurso de que se pode dispor em medida diferente e cuja exploração interage com outros recursos, através da negociação ou de um cálculo racional levado a cabo pelo sujeito em causa. Resultado do progresso técnico que em certa medida provoca um efeito contraditório de ora abundância de tempo, libertando os actores de um conjunto de tarefas de natureza obrigatória, ora rarefacção de tempo, que não permite a realização de todas as tarefas desejadas, o tempo

---

Em *Les Vingt-Quatre Heures du Belge*, Claude Javeau (1970) apresenta os resultados da experiência belga, analisando as 24 horas do quotidiano dos belgas em grandes categorias de actividades como o dormir, higiene, trabalho, administrar a casa, refeições, lazer e ocupação com crianças, donde resultou uma divisão entre os 4 tempos da vida quotidiana: tempo obrigatório (trabalho, trabalhos domésticos e não trabalho no local de trabalho), o tempo constrangido (trajectos, compras e serviços), tempo livre (diferentes actividades de lazer) e o tempo necessário (dormir, refeições, cuidar de crianças). Bem mais contemporâneo e em contexto português, o *Inquérito à Ocupação do Tempo* (INE 2001b), promovido pelo Instituto Nacional de Estatística, constitui a primeira experiência a nível nacional de um inquérito que intende caracterizar, nas várias dimensões, a forma como os portugueses ocupam o respectivo tempo. A recolha de informação, realizada no último trimestre de 1999, permitiu organizar a informação em três capítulos distintos, nomeadamente “A ocupação do tempo”, “Trabalho e Família” e “Lazer”.

passou a ser entendido como um bem em si mesmo e não um mero receptáculo dos acontecimentos da vida humana, sendo por isso um bem desejável e valorizado. Por outro lado, e estreitamente relacionado com o aspecto anterior, ao considerar-se que o tempo é um bem, considera-se simultaneamente que é um bem raro que tem de ser maximizado.

Também Pronovost (1986) constata uma certa evolução na teorização sociológica no sentido de um tempo “qualitativo” que se afasta progressivamente da simples representação em termos de duração perfeitamente mensurável e por isso composto de diversas partes, descontínuas e assimétricas e John Urry é peremptório, afirmando que a Sociologia do Tempo tem «um significado central na sociologia contemporânea, mesmo sabendo que nem sempre tal aconteceu» (Urry 2002: 377).

A Sociologia do Tempo não se pode pois limitar a analisar a incidência do tempo mecânico ou do tempo do relógio nas práticas quotidianas nem tão pouco a uma simples descrição da geometria dos horários de vida. Como defende Daniel Mercure (1979), os trabalhos realizados no âmbito das temporalidades sociais deverão sim orientar-se no sentido de estudar as modalidades múltiplas do tempo colectivo, dos modos de actividade no tempo e das formas de tomar consciência do tempo e das relações complexas que este estabelece com os vários sectores da realidade social: estudo de interferências entre temporalidades sociais distintas, dinâmicas que revelam ou os problemas de harmonização do tempo que impõem<sup>18</sup>.

Parecem assim esboçar-se, progressivamente, as premissas de uma Sociologia do Tempo. Para Pronovost (1986), uma Sociologia do Tempo centrar-se-ia em torno dos tipos de sociedades e respectivas estruturas do tempo, na pluralidade de quadros temporais e nas

---

<sup>18</sup> Para Daniel Mercure (1979), o estudo das *décalages*, das distorções e dos conflitos entre temporalidades sociais deve levar a que nos debrucemos sobre dois domínios principais: por um lado, sobre quais são os mecanismos através dos quais cada sociedade procura harmonizar as suas temporalidades sociais divergentes, ajustar as suas concepções e os seus modos de apreensão do tempo em temporalidades novas que acompanham as mudanças numa dada sociedade, de se adaptar ao ritmo de transformações e de coordenar as múltiplas *décalages* entre ritmos de actividades distintos. Por outro lado, em que medida as tensões entre os diferentes modos de temporalidade social suscitados por desequilíbrios temporais profundos e *décalages* e distorções nos ritmos de transformação e na concepção do tempo, como a evolução rápida de novos modos de actividade, são fonte de rupturas e mudança importantes nas mentalidades e revelam as mutações profundas que animam os sectores económico, técnico e político da sociedade.



mutações das relações entre os tempos sociais, na institucionalização de certas formas de tempo, na sua natureza e diversidade de conteúdos e de significações para os actores, actividades, cultura e política. Porque as significações do tempo são múltiplas, variadas e ricas em conteúdo, à Sociologia caberia procurar descrever e compreender as diversas representações, os diferentes modelos temporais próprios de uma sociedade ou de um grupo particular. Como afirma Gasparini, «o tempo representa um ponto de vista novo – mas também antigo, se se pode acrescentar – através do qual é possível revisitar toda a problemática social» (Gasparini 1986: 57) já que, como defende Daniel Mercure (1979), o estudo das diversas formas de tomar consciência do tempo contribui de forma decisiva para a compreensão dos fenómenos sociais, dos esquemas temporais, dos modos de simbolização do tempo e das concepções e atitudes particulares de entender o tempo.

## O tempo n(d)a família

Por várias razões, também a Sociologia da Família tem acompanhado o interesse demonstrado pela Teoria Social no estudo do tempo e, em particular, do tempo familiar. As relações familiares estabelecem-se e dissolvem-se ao longo do tempo (Morgan 1996), funcionando esta como uma dimensão central em torno da qual as famílias organizam as suas vidas, pelo que o estudo da família implica, necessariamente, o estudo desta dimensão. Viver numa família é estar localizado numa geração, numa história familiar<sup>19</sup> e num conjunto de rotinas diárias, horários, compromissos e prioridades que fornecem o contexto estrutural para a organização da experiência (Daly 1996) e permitem antecipar a forma como os eventos se irão

---

<sup>19</sup> A importância concedida à temporalização dos eventos familiares é a expressão mais visível da localização das experiências familiares numa história familiar. É neste quadro que se inscreve, por exemplo, a datação de objectos familiares como quadros, móveis ou objectos decorativos. Como refere Philippe Ariès, “não se trata tanto de dados individuais como de dados relativos aos membros da família. Sente-se a necessidade de dar à vida familiar uma história, datando-a” (Ariès 1988: 36). Da mesma forma que o tempo molda a identidade individual também é central para a formulação e revisão da identidade familiar (Daly 1996). As famílias tem uma “função memorial” (Daly 1996: 64) que emerge da sua capacidade de armazenar informação ao longo do tempo acerca da sua história, mitos, valores, segredos e esperanças para o futuro e é através destes significados acumulados e partilhados que as famílias formulam um conjunto de crenças sobre quem elas são.

desenrolar no futuro, daí que o tempo desempenhe um papel fundamental no discurso sobre a experiência familiar.

Quando comparada com outros grupos sociais, a família diferencia-se desde logo pelo seu enorme potencial de duração ao longo do tempo (Menaghan & Godwin 1993, Klein & White 1996), registando uma verdadeira “dimensão de longo prazo”<sup>20</sup>, baseada nos princípios de duração e continuidade (Segalen 1999). Numa proposição muito simples, os indivíduos envelhecem, as relações têm determinadas durações e a estrutura familiar altera-se (Klein & White 1996), pelo que, os membros individuais da família, a interacção entre os mesmos, a estrutura da família bem como as normas que compõem as expectativas sobre os papéis familiares mudam necessariamente com a passagem do tempo.

Na verdade, a família encontra-se na encruzilhada de várias dimensões temporais, determinantes para compreender e explicar a mudança na vida familiar e nos comportamentos ao longo do tempo (Bengtson & Allen 1993). Por um lado, as famílias estão localizadas num determinado tempo histórico, matizado por desenvolvimentos geopolíticos, económicos e tecnológicos, o que, por sua vez, afecta o tempo individual e social, já que o contexto sócio-cultural associado a esse tempo histórico tem influência nos padrões do *timing* individual e familiar (Daly 1996), como por exemplo a esperança média de vida ou ainda a idade média de casamento ou ao primeiro nascimento. Ao mesmo tempo, o fluir do tempo acarreta alterações profundas no seio da família, seja alterações no número e idade dos seus membros, seja nos papéis que estes desempenham ou nas expectativas que sobre eles são depositadas<sup>21</sup> (Waite

---

<sup>20</sup> É certo que muitas das relações familiares não são vitalícias, no sentido em que decisões – ou imposições –, como o divórcio ou a morte, podem sempre alterar os laços de pertença a este grupo. Não obstante, os indivíduos nascem no seio de uma família e a própria descendência cria expectativas quanto à continuidade das relações familiares. Neste caso, a involuntariedade da pertença ao grupo familiar é então, de certa forma, garante da sua perenidade, como não acontece em qualquer outro grupo.

<sup>21</sup> Veja-se, a título de exemplo, como a família se constrói sobre momentos de alargamento (entrada de novos membros por união ou nascimento) e de contracção (saída de membros devido a constituição de novas famílias ou morte). Ao mesmo tempo, os membros da família desempenham diferentes papéis ao longo da sua existência (cônjuge, pai ou avô são alguns exemplos e, ainda assim, o mesmo papel também se altera ao longo do tempo, na medida em que as exigências colocadas ao papel de pai de um recém-nascido são radicalmente diferentes das colocadas a um adolescente ou filho adulto) e, por outro lado ainda, também as exigências colocadas à família variam ao longo do tempo (ter filhos, acompanhar o crescimento dos filhos ou cuidar dos membros idosos da família).

1980). Por outro lado, o tempo individual e o tempo familiar, estão sincronizados de forma muito próxima, já que a maior parte das transições individuais estão relacionadas com transições familiares (Daly 1996), como bem ilustra uma certa coincidência entre a chegada à idade adulta e a assunção de papéis familiares como o da conjugalidade ou parentalidade<sup>22</sup>. O tempo familiar é também um tempo feito de acelerações, abrandamentos e até mesmo suspensões (Alaméda 2001), cruzando-se, no domínio dos afectos que tanto se agudizam na família, o tempo psicológico e o familiar. Finalmente, não apenas o consenso relativamente a um tempo social geral é determinante na moldagem de diferentes experiências do tempo familiar, como também o calendário familiar é fortemente influenciado por tempos sociais mais específicos, próprios dos grupos sociais e onde intervêm factores como a idade, o sexo, a classe social, o status profissional ou o meio urbano-rural de proveniência (Daly 1996).

Também na família e, não obstante, o facto de o tempo e a mudança serem factores permanentemente implícitos na sua abordagem (Relvas 1996), o tempo tem sofrido um desfavorecimento conceptual, problematizado que tem sido de forma insuficiente ou mesmo negligenciado (Daly 1996). Na verdade, apesar de o tempo estar implicitamente presente nos temas da gravidez, no equilíbrio trabalho-tempo ou até mesmo no processo de socialização, não é, geralmente, considerado directamente na análise como um factor determinante (Daly 1996). Pelo contrário, a pesquisa tem-no tratado como um valor-neutro, reificado na dimensão *quantum*, traduzido em muitos casos na simples contabilização da divisão do trabalho<sup>23</sup>.

No domínio da família, Kerry Daly (1996) apresenta alguns exemplos de estudos que incluem a variável tempo, nomeadamente, estudos sobre a entrada da mulher no mercado de trabalho pago e a consequente contabilização da afectação de tempo para diversas actividades

---

<sup>22</sup> À semelhança de Ana Paula Relvas (1996), utilizar-se-á a palavra “parentalidade” para designar a qualidade parental. Esta palavra, inexistente no dicionário de língua portuguesa, utilizar-se-á com um significado idêntico ao das palavras *parenthood* e *parentalité*, nas línguas inglesa e francesa respectivamente, permitindo assim operacionalizar os conteúdos que lhe são inerentes, colocando o acento tónico nas funções e não na(s) pessoa(s) que lhes dão forma, seja o pai (paternidade) ou mãe (maternidade).

<sup>23</sup> Exemplo disto e bem próximo de nós, o *Inquérito à Ocupação do Tempo* (INE 2001b) e muito concretamente no que respeita à área “Trabalho e Família”, procede apenas a uma abordagem quantitativa da problemática da gestão entre trabalho remunerado e trabalho não pago no contexto do agregado doméstico, a afectação diferenciada de papéis e responsabilidades a mulheres e homens e as respectivas práticas nesse domínio.

como o trabalho doméstico, a maternidade ou actividades de lazer, a conceptualização do tempo como uma forma de dividir o ciclo de vida e ainda a sua utilização para, em termos históricos, perceber como as famílias de hoje são diferentes das famílias do passado. Todavia estes estudos são, na sua opinião, eminentemente quantitativos, isto é, permitem de facto medir ou contabilizar o tempo afecto às diversas actividades realizadas ou não em conjunto e ajudam, numa perspectiva mais ou menos pormenorizada, a compreender a distribuição temporal e a co-presença, mas dizem muito pouco quanto à forma como o tempo é vivido e o grau de partilha das actividades levadas a cabo nesse tempo (Daly 1996). Esta abordagem, que se limita a uma análise quantitativa dos diversos modos de actividade ao longo do tempo, é por isso considerada hoje, por vários investigadores (Mercure 1979, Daly 1996) como insuficiente, na medida em que não permite conhecer algumas dimensões importantes das temporalidades sociais, como, por exemplo, o conhecimento das diversas formas de tomar consciência do tempo por parte dos actores sociais.

Não obstante a visibilidade dos estudos empíricos citados anteriormente e que se traduzem essencialmente na tentativa de indexação do tempo familiar às diversas actividades, o contributo mais visível para a aproximação da Sociologia da Família ao estudo do tempo parece situar-se na teoria do desenvolvimento familiar<sup>24</sup>, cujas origens remontam à germinação do conceito de ciclo de vida familiar nos anos 40 do século XX (Morgan 1996).

De forma diferente das teorias do desenvolvimento individual, como as oferecidas pelos psicólogos ou teóricos do desenvolvimento humano, os teóricos do desenvolvimento familiar, apesar de reconhecerem a importância do desenvolvimento individual, centram a sua análise no

---

<sup>24</sup> Fala-se de teoria do desenvolvimento familiar, como também de perspectiva, abordagem analítica ou quadro conceptual, não existindo consenso entre os autores sobre a sua classificação enquanto teoria (Rodgers & White 1993). Para Joan Aldous (1996) o desenvolvimento familiar constitui um quadro conceptual, na sequência das posições de Hill & Hansen, para quem os quadros conceptuais fornecem um vocabulário particular de conceitos interrelacionados que se mantêm coesos e apontam para determinadas características da família (Hill & Hansen 1960 *apud* Aldous 1996). Já para outros autores, o desenvolvimento familiar preenche os critérios necessários para ser apelidado de teoria social científica, contendo um conjunto de definições e proposições gerais que implicam um modelo formal do processo de desenvolvimento na família (Rodgers & White 1993, Klein & White 1996). Considerando que «teorizar é o processo de sistematicamente formular e organizar ideias para compreender um fenómeno particular, uma teoria é o conjunto de ideias interligadas que emergem deste processo» (Doherty *et al.* 1993: 20), entendendo-se, à semelhança destes autores, que existem diversos tipos de teoria em função do grau de abstracção e âmbito, pelo que se utilizará a designação de teoria para classificar esta forma particular de ler as relações familiares.

desenvolvimento da família<sup>25</sup>, enquanto processo que acompanha a idade e as fases por que passa a família<sup>26</sup> e as normas sociais que a regula (Rodgers & White 1993). O desenvolvimento familiar preocupa-se como as famílias vivem os meses e os anos que duram, bem como com as alterações a que estão ou poderão estar sujeitas, isto é, concentra-se na forma como as famílias se alteram ao longo do tempo.

A teoria do desenvolvimento familiar centra-se no conjunto de mudanças sistemáticas e padronizadas experienciadas pelas famílias à medida que estas passam por fases distintas ao longo do seu tempo de vida<sup>27</sup>, procurando em suma, descrever e analisar os processos de mudança na

---

<sup>25</sup> A teoria do desenvolvimento familiar é a única que se desenvolveu no domínio exclusivo da família (Klein & White 1996). Todas as outras teorias aplicadas ao estudo da família têm explicações mais amplas para outros grupos e estruturas sociais. É o que se passa por exemplo com a teoria da troca ou do conflito, cujas aplicações tentaculares abrangem o domínio da família, como também o da economia ou da política ao mesmo tempo que se tendem a concentrar em pequenos períodos de interacção, mais do que em ocorrências continuadas (Aldous 1996). A teoria do desenvolvimento familiar difere de outras abordagens sobre a família essencialmente porque se preocupa com as famílias ao longo do tempo e não apenas num determinado período, analisando as mudanças qualitativas previsíveis entre os marcos que representam o início e o fim da família. Tal como não se preocupa com períodos pequenos de interacção, também não se preocupa com as grandes mudanças no tempo histórico. A sua preocupação é com as carreiras temporais das famílias tal como existem no presente e no contexto social existente, o que não quer dizer que a sua abordagem seja a-histórica, na medida em que se preocupa com os factores históricos específicos que operam no presente e que estabelecem limites ao que as famílias podem fazer (Aldous 1996).

<sup>26</sup> Em 1978, Aldous avançou com uma definição de fase familiar que ainda hoje se mantém: «uma fase é uma divisão no tempo de vida de uma família que é suficientemente distinto daquele que o precede e procede para constituir um período separado» (Aldous 1978: 80 *apud* Rodgers & White 1993: 229). Não obstante as diferenças de etnia, classe social ou de composição familiar, há um conjunto de similaridades no conteúdo dos papéis sociais e das interacções dos membros de famílias que estão na mesma fase. Paralelamente, as famílias que estão na mesma fase estão organizadas para enfrentar problemas similares no que respeita ao desempenho das tarefas que preconizam, problemas esses que diferem dos problemas das fases anteriores e requerem padrões familiares de interacção diferentes para lhe fazer face (Aldous 1996). Uma fase familiar é assim o intervalo de tempo no qual a estrutura e as interacções das relações entre os papéis são de forma notável e qualitativa distintas de outros períodos de tempo. As fases são usualmente inferidas através de eventos que indicam mudanças na pertença à família ou na forma como os membros estão espacialmente e interactivamente organizados (Klein & White 1996), sendo a duração das fases medida pela duração de tempo entre um evento que inicia a fase e o que marca o seu fim.

<sup>27</sup> Ao estudar o conjunto de mudanças padronizadas porque passam as famílias desde o início à sua dissolução, a teoria do desenvolvimento familiar desenvolveu o conceito de “ciclo de vida familiar” como principal instrumento conceptual operativo na valorização da dimensão temporal das relações familiares, mais tarde substituído, em parte, pelo conceito de “carreira familiar”. O desenvolvimento mais

família (Rodgers & White 1993) e vendo no tempo familiar um tempo composto pela sequência de fases precipitadas internamente por exigências dos membros da família (necessidades biológicas, psicológicas e sociais) e externamente pela sociedade mais ampla através das expectativas sociais que coloca sobre a família, daí que o tempo familiar seja o ponto central da sua perspectiva.

Na maturação desta teoria, David Klein e James White (1996) distinguem três fases distintas. A primeira dessas fases é uma fase essencialmente descritiva, centrada sobretudo no desenvolvimento da ideia de ciclo de vida familiar. As sementes da teoria desenvolvimentista da família foram lançadas durante a Grande Depressão dos anos 30 do século XX, ainda que, *avant la lettre*, o solo houvesse já sido preparado pelos pioneiros do pensamento social e psicológico (Rodgers & White 1993). Os investigadores viam a família como tendo um curso de vida, ou na expressão biológica, um ciclo de vida. De forma similar a um organismo biológico, a família passaria pelas fases de formação, expansão, contracção e dissolução. O próprio conceito de ciclo de vida familiar tem, aliás, uma história bastante longa. Alguns investigadores situam mesmo as suas origens em finais de oitocentos, por volta de 1777 (Mattessich & Hill 1987 *apud* Klein & White 1996). No entanto, esta noção começa por aparecer de forma mais sistemática em estudos e pesquisas no âmbito da Sociologia Rural americana durante a Grande Depressão<sup>28</sup> até que, com o trabalho de Paul Glick em 1947, «a noção de ciclo de vida familiar entrou na demografia social como uma ferramenta descritiva» (Klein & White 1996: 121) e dez anos mais tarde, com Evelyn Duvall, afirmou-se no domínio da Sociologia<sup>29</sup>.

---

pormenorizado destes temas pode ser encontrado mais à frente na secção intitulada "Calendários Familiares".

<sup>28</sup> Sobre as origens e o meio sociocultural de emergência da teoria *vd.* Rodgers & White (1993).

<sup>29</sup> De facto, os primeiros académicos que contribuíram para a teoria do desenvolvimento familiar não eram sociólogos da família, nem tão pouco sociólogos, mas psicólogos, economistas, demógrafos, historiadores e outros (Rodgers & White 1993). É somente nos anos 50, pela mão de Evelyn Duvall que o processo de consolidação da teoria foi definitivamente tomado nas mãos dos sociólogos, devendo-se a este a difusão das ideias básicas da teoria (Rodgers & White 1993) através de *Family Development*, publicado em 1957.

A segunda fase consiste na formulação consciente da teoria contemporânea. Iniciou-se após a II Guerra Mundial com um relatório conjunto de Reuben Hill e Evelyn Duvall em 1948<sup>30</sup>, mas foi o trabalho desenvolvido pelo mesmo Reuben Hill e Roy Rodgers em 1964<sup>31</sup> que forneceu a primeira apresentação sistemática da abordagem. Para estes autores, a família é composta por papéis sociais<sup>32</sup> e relações que mudam em cada fase da família. Esta abordagem, inicialmente sistematizada por Hill e Rodgers foi mais tarde aprofundada por Rodgers em 1973 numa obra especificamente dedicada a esse tema<sup>33</sup>, onde sugere o abandono do conceito de ciclo de vida familiar a favor do conceito de carreira familiar. É também esta a posição de Joan Aldous

---

<sup>30</sup> O relatório intitula-se *Report of the committee on the dynamics of family interaction* e foi preparado a pedido do National Conference on Family Life, em 1948.

<sup>31</sup> Trata-se de um capítulo intitulado «The developmental approach», fruto de um trabalho conjunto entre Reuben Hill e Roy Rodgers e publicado em 1964 na obra *Handbook of Marriage and the Family*, cujo editor foi H. Christensen, bem como de um artigo da autoria de Roy Rodgers intitulado «Toward a theory of family development» e publicado nesse mesmo ano no *Journal of Marriage and the Family*.

<sup>32</sup> Os conceitos de posição, papel e norma são conceitos centrais na teoria do desenvolvimento familiar e uma expressão clara da influência exercida pelo interaccionismo simbólico nesta forma de analisar as mudanças esperadas dentro da família (Aldous 1996). A posição consiste num ponto ou localização numa determinada estrutura de grupo social à qual está atribuído ou associado um conjunto de direitos e deveres. Para o estudo da família, a estrutura social em que as posições estão localizadas é a do parentesco, onde as posições se definem pelo género, casamento, relações sanguíneas e relações geracionais (Rodgers & White 1993), de forma que as posições básicas na família são o marido, a mulher, o pai, mãe, filho, filha, irmão e irmã. O conceito de posição está assim eminentemente ligado ao de papel, isto é, o conjunto organizado de padrões de comportamento que somos esperados a ter em função da posição que ocupamos na sociedade. Por sua vez, cada papel consiste num conjunto de normas, que prescrevem orientações comportamentais aos actores, daí que também se possa definir um papel familiar como o conjunto de normas anexas a uma determinada posição dentro da família (Rodgers & White 1993). As normas são regras sociais para o comportamento incumbido a uma determinada posição social e que proíbem, permitem, preferem ou prescrevem um comportamento específico ou conjunto de comportamento para os que ocupam determinada posição social (Rodgers & White 1993). Tal como as normas que os compõem, também os papéis sociais variam em função da idade e da fase familiar. Estes conceitos, quando aplicados às famílias permanecem estáticos. Referem-se a um determinado ponto no tempo e fornecem a base para determinar a mudança. A teoria do desenvolvimento da família incorpora estes conceitos mas dá-lhes uma perspectiva diferente. Assim, a preocupação com as mudanças sistemáticas acrescidas ao conceito de posição traduzem-se no conceito de carreira posicional que inclui uma perspectiva de continuidade sobre o presente e, por analogia, da colocação do conceito de papel na trajectória temporal resulta o conceito de sequência de papéis. Assim, quando analisada ao longo do tempo, uma posição consiste num conjunto imbricado de sequência de papéis em mudança e é a esta sequência que se pode chamar de carreira posicional (Aldous 1996).

<sup>33</sup> Trata-se de *Family Interaction and transaction: The developmental approach*, publicada em 1973 por Roy Rodgers.

que em 1978<sup>34</sup> desenvolve de forma mais aprofundada a noção de carreira familiar, conceptualizando-a como uma interrelação das subcarreiras marital, parental e fraternal, todas elas influenciadas por carreiras externas à família como as carreiras educacionais e profissionais. Esta fase compreende então a sistematização inicial da teoria, bem como a emergência do conceito de carreira familiar em substituição do conceito de ciclo de vida familiar.

Por último, a terceira fase e também mais recente do desenvolvimento desta teoria, pode ser vista como uma reestruturação motivada por algumas críticas entretanto endereçadas ao conceito de ciclo de vida, bem como ao próprio estatuto de teoria, argumentando com a fraca formulação teórica, e ainda devido ao aprofundamento de novas técnicas de análise de dados que permitem estudar a família de um ponto de vista longitudinal. Nesta última fase, os académicos têm procurado rever e reconstruir a teoria, de forma a responder aos comentários e críticas e ainda a incorporar novas técnicas metodológicas (Rodgers & White 1993), daí que esta seja uma fase ainda, em curso, de formalização da maturação da teoria.

De acordo com David Klein e James White (1996), as dimensões teóricas particulares desta teoria passam essencialmente por dois aspectos principais. Em primeiro lugar, incorpora o tempo como uma componente principal da sua análise, discutindo as diversas formas de conceptualização e medição, seja o tempo dos relógios, os processos sociais ou os eventos considerados especialmente marcantes na vida familiar, entendendo-o por isso na sua multidimensionalidade. Em segundo lugar, a mudança alia-se ao tempo enquanto pilar estrutural no estudo da família, enfatizando as formas de mudança familiar não apenas no que respeita às mudanças de estrutura entre os membros da família mas também e sobretudo, nos conteúdos em mudança dos papéis sociais familiares.

Também para Joan Aldous (1996) o tempo ocupa um lugar de destaque no seio da teoria do desenvolvimento familiar, o que é visível aliás nas três suposições básicas que a fundamentam.

---

<sup>34</sup> *Family Careers*, publicada em 1978 por Joan Aldous tornar-se-ia uma referência inolvidável na teoria do desenvolvimento familiar. Porque na sua opinião, as famílias mudaram bastante desde então decidiu, em 1996, reescrever o livro publicado em 1978, chamando-lhe agora *Family Careers - Rethinking the Developmental Perspective*, considerando que é ainda possível, não obstante os diferentes e contrastantes padrões na vida familiar, encontrar algumas regularidades nas fases familiares, transversais à composição familiar, classe e diferenças étnicas.



Em primeiro lugar, o comportamento familiar é o somatório das experiências anteriores dos membros da família, da forma como as incorporam no presente e nas suas expectativas sobre o futuro, pelo que períodos diferentes não significam recomeços totais, uma vez que os laços com o passado, através da memória, condicionam as escolhas presentes e futuras. Segunda suposição, as famílias desenvolvem-se e mudam ao longo do tempo de formas similares e consistentes, o que não equivale a dizer que todas seguem uma mesma sequência. Finalmente, terceira suposição, a família e os seus membros desempenham tarefas específicas no tempo, tarefas essas estabelecidas pelos seus membros e pela sociedade, o que permite compreender que as mudanças esperadas no tempo familiar provém das exigências da própria família, cruzadas necessariamente com as exigências que advém da inclusão dos seus membros em determinados contextos escolares ou profissionais, mas também da sociedade mais ampla que, mediante um conjunto de expectativas construídas sobre o significado social anexo à idade, pressionam a família para a mudança.

O estudo das relações entre o tempo e a família oscila assim entre estas duas esferas. De um lado, estuda-se o tempo *na* família, ou seja, a forma como é vivido e experienciado. Toma-se como uma variável externa às relações familiares e procura-se, olhando a família de fora, afectar quantidades de tempo às múltiplas actividades que aí têm lugar: o cuidado da casa, das crianças, o lazer ou o dormir. Por outro lado, a teoria do desenvolvimento familiar, abre, pouco a pouco, as portas ao estudo do tempo *da* família, isto é, a forma como a família, internamente, representa, percebe e vive o seu tempo e o tempo das suas experiências. Da mesma forma que se esboçam as premissas de uma Sociologia do Tempo (Gasparini 1986, Pronovost 1986), novos rumos se traçam para o estudo das relações entre o tempo e a família. Cruzando os caminhos trilhados, o estudo do tempo *n(d)a* família deve ser orientado para «compreender os significados sociais e políticos do tempo tal qual se manifesta nas experiências do dia-a-dia e negociações dos membros da família» (Daly 1996: 3) ou para uma «análise compreensiva dos significados conceptuais do tempo para as famílias» (Daly 1996:12). Para David Morgan (1996), o estudo do tempo introduz uma variável de flexibilidade na compreensão dos processos familiares, lembrando-nos da fluidez, das múltiplas dimensões e, por conseguinte, da complexidade das experiência familiar. Uma teoria do tempo para as famílias tem que ter, pois, como premissa, a ideia de que o tempo não é monolítico mas se expressa de diferentes formas, é diverso e permeável, que não se esgota

em unidades estandardizadas como horas, minutos, segundos ou dias mas que «emerge num caleidoscópio de significados e formas» (Daly 1996: 202) para cada família em particular.

## A experiência (in)temporal contemporânea

Analisando a teorização em torno do tempo através de um «percurso sociologicamente orientado» (Gasparini 1986: 58) e tendo como pano de fundo o facto de cada tipo de sociedade construir a sua própria “cultura do tempo” (Pronovost 1986), parece ser possível identificar, nas sociedades ocidentais contemporâneas, um conjunto de representações, concepções e percepções do tempo que lhes são próprias, operando desta forma uma distinção entre uma concepção moderna e uma concepção pós-moderna<sup>35</sup> do tempo, dos seus usos e significados (Daly 1996, Laïdi 2001, Maffesoli 2001).

Para Gilles Pronovost (1986), a valorização do tempo como um recurso, as estratégias temporais relacionadas com a planificação e organização do tempo a curto, médio e longo prazo e a associação dos diversos horizontes temporais à ideia de progresso e futuro prometedora constituem as três dimensões fundamentais das significações modernas de tempo. Em primeiro lugar, a sociedade moderna valoriza o tempo como um recurso, em oposição a uma atitude de ociosidade, inutilidade e passividade que apenas encara o tempo como uma coordenada certa da

---

<sup>35</sup> A distinção entre uma concepção moderna e pós-moderna de tempo é concomitante com uma outra, bastante mais ampla, que associa à modernidade a crença num progresso linear, em verdades absolutas, no planeamento racional de ordens sociais ideais e na estandardização do conhecimento e à pós-modernidade a heterogeneidade, a fragmentação, a indeterminação e a descrença nas explicações universais que o positivismo preconizava (Harvey 1989 *apud* Daly 1996). Também Anthony Giddens (2000a) reconhece a pós-modernidade como uma espécie de avanço para longe das instituições da modernidade, em direcção a um tipo novo e distinto de ordem social. Neste contexto, identifica como pressupostos da pós-modernidade a descoberta de que não se pode saber nada com qualquer certeza, uma vez que todos os “fundamentos” preexistentes da epistemologia se tornaram falíveis; a conclusão que a história é destituída de teleologia, e que, em consequência, não se pode falar em “progresso” e o nascimento de uma nova agenda social e política com a crescente importância das preocupações ecológicas e dos novos movimentos sociais em geral (Giddens 2000a). A constatação de que «[...] não se pode saber nada com qualquer certeza [...]» (Giddens 2000a: 32), está de facto no centro do debate sobre a constelação do moderno e pós-moderno. Como afirma Barry Smart, «com a aplicação dos poderes de reflexão ao próprio processo de reflexão moderna, as velhas certezas entraram, de facto, em colapso. Encontramo-nos como se estivéssemos no estrangeiro, num mundo em que a teoria e a análise sociais já não são capazes, com credibilidade, de fornecer um modelo para a prática política e para a decisão eticamente informada.» (Smart 2002: 431).

acção humana, que segue um curso próprio, alheio à vontade e ao esforço do homem. Na valorização do tempo como um recurso, o capitalismo industrial desempenhou um papel fundamental ao associar o tempo à produtividade e, por conseguinte, ao dinheiro (Daly 1996). O tempo da fábrica é também o tempo do relógio<sup>36</sup> enquanto medida exacta da eficácia laboral que mede a quantidade de bens que podem ser produzidos no menor tempo possível, associando o valor da força do trabalho ao tempo laboral necessário à produção. A idolização do tempo torna-se assim um valor chave na sociedade industrializada, que vê nele um recurso precioso demais para ser desperdiçado<sup>37</sup>.

---

<sup>36</sup> Para a implementação da “cultura do relógio” (Daly 1996), em muito contribuiu a disciplina do trabalho na indústria, que, para além de suscitar uma procura maciça de relógios, «inscreveu solidamente o tempo quantitativo no próprio corpo dos indivíduos» (Pomian 1993: 33) que, sob o olhar atento, constante e vigiado dos ponteiros do relógio, cumprem o ritmo de um trabalho regular, exacto e imparável que é, afinal de contas, também o ritmo da própria revolução industrial. A fábrica, esse ícone máximo da sociedade industrial, encontra assim no relógio um forte aliado, sem o qual não teria imposto o seu ritmo à sociedade, pelo menos da forma que o fez, operando uma distinção radical entre o tempo do trabalho e o tempo “morto”, em que, «o dinheiro não dá juros, as máquinas não trabalham e os operários não produzem» (Pomian 1993: 33). Ao mesmo tempo que a produção industrial moldou as relações laborais pela rigidez e precisão do tempo do relógio (Gasparini 1986), forçou de certa forma a divisão do tempo global em vários tempos sociais; desde logo, o tempo do trabalho e o tempo do não trabalho, ou, por outras palavras, o tempo cronometrado e o tempo livre. Todavia, «com a divisão do tempo, o que se afirma não é tanto uma segmentação em partes homogêneas duma entidade única (o tempo global), mas uma autonomização progressiva dos tempos microssociais, que são relativamente interdependentes, mas que não são se bastam a eles próprios e que são forçados a encontrar pontos de encontro entre eles» (Belloni 1986: 70). A fragmentação de tempos sociais é característica dos tempos modernos, «o homem moderno vive numa pluralidade de quadros temporais de significados e conteúdos diferentes, senão contraditórios ou em conflito» (Pronovost 1986: 10). De facto, com a industrialização assiste-se ao império do tempo. Parece que tudo se organiza em torno de um tempo principal que é o tempo do trabalho e, por referência a este se organiza, se estrutura, se divide e se reparte o outro tempo disponível nos vários tempo possíveis: o da família, da religião, do lazer ou do desporto. É por isto que, segundo Pronovost, se pode dizer que nas sociedades industriais, o trabalho define o “tempo-pivot” (Pronovost 1986), em torno do qual o conjunto dos outros tempos sociais é redistribuído.

<sup>37</sup> Em *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*, Max Weber chama a atenção para as inextricáveis relações entre o tempo e a economia. Ao relacionar as concepções religiosas básicas do protestantismo ascético com as máximas económicas da vida quotidiana, Weber conclui que a propriedade em si não é condenável, aquilo que é realmente condenável do ponto de vista moral é «apoiar-se na propriedade, gozar a riqueza, o ócio e o prazer carnal dela resultantes, sobretudo o desvio da aspiração a uma vida “santa”» (Weber 1996: 124). A garantia da salvação conquista-se pela subordinação da vida terrena ao trabalho. Como afirma, «o “repouso eterno dos santos” dá-se no outro mundo, mas na Terra o homem, para se assegurar do seu estado de graça, “tem de fazer valer as obras daquele que o enviou, enquanto for dia”. Não o ócio e o prazer mas apenas a acção serve, segundo a vontade indubitavelmente revelada por Deus, para aumentar a sua glória. Perder tempo é assim o primeiro e, do ponto de vista dos princípios, o maior de todos os pecados. A duração da vida é infinitamente curta e, por isso, preciosa para “assegurar” a

O próprio discurso quotidiano está imbuído de utilizações metafóricas que aludem para a necessidade de uma correcta gestão do tempo, como se de um recurso financeiro – escasso –, se tratasse (Daly 1996). É neste contexto que se utilizam expressões como “dispendir”, “gastar” ou “poupar tempo” ou que se apela à importância de “não perder tempo”, entendendo-se que “o tempo é precioso”.

A segunda dimensão fundamental das significações modernas de tempo tem a ver com as estratégias temporais relacionadas com a planificação e a organização do tempo a curto, médio e longo prazo, o que se contrapõe fortemente a uma atitude de fatalismo, do sentimento de impotência face ao poder do tempo que tudo determina. Na sequência da primeira dimensão que vê o tempo como um recurso escasso, o tempo moderno é o tempo cronometrado, contabilizado e dividido, sobre o qual se fazem custos, contas e orçamentos, num esforço, que é também o da modernidade, de planificar, quando a sociedade se orienta para o futuro e não mais para o passado (Pomian 1993).

Por último, a terceira dimensão distintiva das significações modernas de tempo associa à representação de um horizonte temporal de médio e longo prazo, as noções de progresso e futuro prometededor. Para isto, em muito contribuiu a promoção da ciência, cujos progressos alimentam a crença num futuro prometededor mas, ao mesmo tempo, a problemática das relações entre o passado, o presente e o futuro adquiriu um significado particularmente interessante com a Revolução Francesa (Pomian 1993), na medida em que esta consolida a ideia, inicialmente política, de que é possível, mediante um esforço consciente, colectivo e organizado, acreditar num futuro melhor que o presente, a ponto de se romper com ele. A modernidade caracteriza-se assim por uma inversão na referência do tempo individual e social do passado para o futuro.

---

salvação. Perder tempo em sociedade, em “conversas podres”, no luxo, ou por dormir mais que o necessário à saúde – 6, no máximo 8 horas – é absolutamente condenável de um ponto de vista ético» (Weber 1996: 125). Apoiando-se em Richard Baxter, representante do puritanismo inglês que se destacou de entre muitos propagandistas da ética puritana e a quem Max Weber recorre para a discussão do capítulo intitulado “Ascetismo e espírito capitalista”, afirma que «o tempo é infinitamente valioso, visto que cada hora perdida é tempo que se rouba ao trabalho ao serviço da glória de Deus. A contemplação inactiva também não tem valor, sendo directamente condenável, pelo menos à custa do trabalho profissional. Agrada menos a Deus que o labor activo na sua profissão. Para a contemplação há o domingo e, segundo Baxter, são sempre os ociosos no trabalho precisamente aqueles que nunca têm tempo para Deus na hora devida.» (Weber 1996: 125).

Algumas das características da concepção moderna de tempo enunciada por Gilles Pronovost (1986) são utilizadas por Michel Maffesoli (2001) para argumentar que o tempo moderno se diferencia do tempo pós-moderno. Num livro intitulado *O Eterno Instante — o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*, defende que se passou de um tempo «monocromo, linear, seguro, o do projecto, para um tempo policromo, trágico por essência, presenteísta e que escapa ao utilitarismo do cômputo burguês» (Maffesoli 2001: 9). Prossegue ainda na sua distinção, afirmando que «[...] onde dominava a separação, a distinção, a autonomia, tende a reinar a reversibilidade, a mistura, a heteronomia» (Maffesoli 2001: 11). O tempo pós-moderno afigura-se então como um tempo diverso, que não marcha ao ritmo do passo de um progressismo optimista e que coloca a ênfase nas experiências do *bic et nunc*.

Ao tempo mecânico da produção industrial e do relógio de ponto, linear e projectivo, da história individual ou social, dotado de um início e um fim, sucedem-se experiências temporais que enfatizam a lentidão, a suspensão e a paragem do tempo, dando lugar «ao qualitativo da existência» (Maffesoli 2001: 65), o culto da instantaneidade e do *carpe diem*, entendendo que, «não sendo a vida mais do que uma concatenação de instantes imóveis, de instantes eternos, de que é necessário poder tirar o máximo de prazer» (Maffesoli 2001: 8).

Esse tempo pós-moderno, enfatiza o presente como expressão da presença da vida. Numa espécie de “eterno instante”, a suspensão do tempo e o abrandamento da existência favorecem a intensidade, o qualitativo e o aprofundamento das relações sociais e a apreciação do mundo tal como ele é, marcado com o cunho do efémero, onde se vive uma «temporalidade descontínua» (Maffesoli 2001: 100).

É também da oposição entre uma concepção moderna e pós-moderna de tempo que Zaki Laïdi (2001) fala em *A Chegada do Homem-Presente ou Da Nova Condição do Tempo*, ao distinguir entre o homem arcaico, o homem perspectivo e o homem-presente. O homem arcaico não é estranho ao tempo. A sua experiência do tempo é eminentemente cíclica, ritmada pelo desenrolar repetitivo dos dias, pela sucessão das estações e das variações climáticas, a transmissão dos saberes, as sequências que comandam a sua vida cultural e social. Para este homem, «o sentido da vida exprime-se pela conformidade com o passado absoluto através dos diferentes rituais da repetição» (Laïdi 2001: 22). O homem arcaico vive no presente, no entanto, este presente não é diferente do passado nem do futuro, pelo que ele se temporaliza a partir do passado. O homem

perspectivo, por sua vez, forjou as categorias temporais do tempo orientado, como uma seta do tempo – do passado para o futuro através do presente – ou a de um tempo cumulativo dominado e construído pela experiência. É guiado pelo tempo da revelação e em vez de interpretar a sua vida do ponto de vista do seu passado, começa a compreendê-la na perspectiva do seu fim último<sup>38</sup>, ou seja, «ele mede a sua finitude pela infinitude de Deus» (Laïdi 2001: 39). Finalmente, perante o tempo, o homem-presente encontra-se numa posição de fraqueza, de vulnerabilidade. Este tempo curto, restrito, rápido, que exige tudo no momento, impõe-se-lhe com um vigor que o torna violento, é por isso que «o homem-presente é um homem sem ponto de vista. Privado das mediações do tempo que o ajudavam a pensar e a sentir o mundo, ele tornou-se imediato em si mesmo» (Laïdi 2001: 245). O “homem-presente” de que fala Zaki Laïdi (2001) é o mesmo homem que vive “o eterno instante” de Michel Maffesoli (2001). Reconhecendo a brevidade da vida e submerso em possibilidades de opção de vida e de escolha disponíveis, o indivíduo é colocado numa «sociedade da satisfação imediata» (Laïdi 2001: 119) e conduzido pelo «paradigma sociocultural da velocidade» (Laïdi 2001: 195), onde a urgência remete para um tempo social rarefeito, que pressionaria a agir sempre com a máxima rapidez para daí serem retiradas as máximas vantagens.

A libertação do tempo, o pluralismo e o passo acelerado da mudança são para Kerry Daly (1996) as três características principais da concepção pós-moderna de tempo. No que diz respeito à libertação do tempo, a contemporaneidade liberta o tempo da experiência local, o mesmo é dizer que se assiste à libertação das relações sociais dos contextos locais de interacção e da sua reestruturação através de infinitos cursos de tempo e espaço que contribuem para deslocalizar o tempo. Quanto ao pluralismo do tempo, é de notar como o tempo universal da

---

<sup>38</sup> Para Zaki Laïdi (2001) a perspectiva, emblemática descoberta da Renascença, foi decisiva para a nova concepção do tempo que emerge a partir do século XV. Libertando o homem de ver no quadro apenas uma superfície plana, mas uma verdadeira janela em que a imagem representada corresponde à visão dos objectos no espaço, isto é, em que «o percebido coincide com o representado» (Laïdi 2001: 48), permite descobrir a profundidade num espaço até então unidimensional. Do *Quattrocento* às Luzes sedimentam-se as ideias de transposição do espaço e de abertura para o infinito possibilitadas pela perspectiva, um passo decisivo em que «a perspectiva representa, a partir de então, um sistema de sentido que associa claramente a projecção no espaço à projecção no tempo» (Laïdi 2001: 49). O contributo da perspectiva foi pois decisivo: «ao libertar o pensamento das contingências reais e simbólicas do espaço, ela permitiu ao homem ver e pensar “mais longe”, dar maior amplitude ao seu olhar, projectar-se sem receio excessivo ou inibição dirimente» (Laïdi 2001: 63).

maquinaria industrial e moderna caminha no sentido de uma pluralidade de tempos que se impõem em tempos e horários cada vez mais individualizados (Daly 1996), seja nos próprios tempos laborais que se tornam menos típicos, fugindo do trabalho das 9 às 5 ou nos tempos familiares em que o divórcio ameaça o “para sempre” do casamento (Daly 1996). Enquanto que uma visão moderna do tempo o dicotomiza entre público e privado, entre o tempo do trabalho e do não-trabalho, na visão pós-moderna o tempo está fragmentado por muitos domínios moldados pela globalização, consumismo, *mass media* e as próprias rotinas individuais. Reconhecendo a variedade e multiplicidade de tempos sociais, abandona-se a noção de um tempo externo, de uma estrutura temporal singular a favor de uma visão do tempo que é viva, diversa e em mutação. A experiência pós-moderna parece pois elevar, a todos os níveis, o número de escolhas disponíveis num determinado tempo tornando visível, mais que nunca, a coexistência plural de diferentes estilos de vida.

A ideia de multiplicidade de tempos sociais para que Gurvitch (1963) chama a atenção constitui assim e paradoxalmente, um dos eixos fundamentais da concepção do tempo na era pós-moderna (Daly 1996). Na verdade, à globalização do tempo<sup>39</sup>, consequência das transformações

---

<sup>39</sup> O processo de “globalização do tempo”, adivinhava-se desde finais do século XVIII. Os serviços regulares de correspondência e de transporte, sobretudo o transporte ferroviário, a invenção do telefone e do telégrafo e a própria emergência da fábrica foram os primeiros responsáveis pela tomada de consciência de como o tempo das comunidades era diferente entre si e, por conseguinte, da necessidade de um sistema de tempo estandardizado que permitisse uma certa coordenação temporal ao nível supralocal. Quando, por volta de 1780 (Zerubavel 1982), os Correios Britânicos adoptaram como ponto de referência *The Royal Observatory* em Greenwich, visível num objecto que todas as carruagens transportavam, indicando o Tempo Médio de Greenwich (Greenwich Mean Time ou GMT), constituía-se a primeira tentativa na História para sincronizar comunidades diferentes entre si (Zerubavel 1982). Todavia, porque apenas um círculo muito restrito utilizava os serviços dos Correios, o GMT continuou, durante algum tempo, incógnito para grande parte da população britânica de forma que, não seria senão com a introdução do transporte ferroviário, que afectava uma proporção bastante maior da população, que a necessidade de introduzir uma forma estandardizada de tempo ao nível supralocal se tornaria crucial. Primeiro na Grã-Bretanha, mais tarde nos EUA, o sistema de estandardização do tempo rapidamente ultrapassou as fronteiras do mundo ferroviário para começar, gradualmente, a penetrar em muitos outros domínios da vida quotidiana, estando na base da instauração de um quadro de referência global e unitário para a mensuração do tempo a nível planetário (Gasparini 1997), unificando o planeta em termos de medida de tempo com um nível de precisão extrema. O processo de estandardização temporal a nível mundial é assim um processo lento, cuja “formalização” se iniciou em 1884 na *International Meridian Conference*, donde resultou a divisão do mundo em 24 zonas temporais, cada uma com 15 graus de longitude e diferenças de uma hora entre elas, por referência a um meridiano, no caso o meridiano de Greenwich (Zerubavel 1982), mas que tem desenvolvimentos mais recentes como em 1956, quando o

impostas pela modernidade, afirma-se a tomada de consciência da impossibilidade total dessa mesma globalização temporal e o consequente reconhecimento, mais do que nunca, da multiplicidade de tempos sociais. Como afirma Kerry Daly, «apesar de os indivíduos poderem acordar sobre uma medida de tempo objectiva e externa, o tempo é experienciado de muitas e diversas formas» (Daly 1996: 3) e esta característica é indelével da pós-modernidade.

Quanto ao passo acelerado da mudança, Daly (1996) relembra como se tem a noção que tudo, nas últimas décadas, mudou muito rapidamente e se espera, constantemente, pela apresentação de outras tantas alterações, de tal forma que «o ritmo acelerado do tempo tornou-se ele próprio um dado adquirido» (Daly 1996: 34) e assim, apesar de em termos de *quantum* o dia permanecer igual, a sensação de que a viagem no tempo se acelerou de forma dramática instalou-se definitivamente, o que se reflecte numa espécie de «síndrome da aceleração» (Daly 1996: 14) que caracteriza as sociedades contemporâneas e que a transforma numa «sociedade obcecada pelo tempo» (Shaw 1994: 81 *apud* Daly 1996: 14) em que o discurso dominante é um discurso de crise associado a essa rarefacção de tempo.

Os próprios avanços na economia de mercado e na tecnologia desempenham um papel fundamental nesta nova concepção de tempo, conquistando as barreiras temporais de outrora (Daly 1996, Castells 1999). As mudanças recentes na economia de mercado, agudizadas pelo processo de globalização, possibilitam a coexistência de produtos de extremos do globo na mesma prateleira de supermercado e, por outro lado, as novas tecnologias criam comunicações virtuais onde o espaço é apenas um artefacto comunicacional, onde a comunicação é mediada pelo ecrã, teclado ou microfone do computador, longe da comunicação tradicional onde as interações ocorrem entre corpos localizados num espaço tangível<sup>40</sup>. Ao mesmo tempo, «a tecnologia dá azo a uma intolerância quanto à espera e um desejo por resultados imediatos e gratificação» (Daly

---

*Comité International des Poids et Mesures* ab-rogou a definição tradicional do segundo para a substituir por outra, segundo a qual «o segundo é a fracção  $1/31\,556\,925,9477$  do ano trópico para 1900 Janeiro O às 12 horas T.E.» (Pomian 1993: 35), quer dizer, da escala temporal chamada das Efemérides, que define em princípio o movimento orbital da terra em volta do Sol e, na prática, o da Lua em volta da Terra.

<sup>40</sup> É neste contexto que Anthony Giddens (2000a, 2001) fala do “esvaziamento do tempo” ao contrapor as culturas pré-modernas, caracterizadas por uma estreita ligação entre o tempo e o espaço (o “quando” e o “onde”), às culturas modernas, caracterizadas pela uniformização e universalização que, ao separar tempo e espaço, o libertam do seu significado anterior, esvaziando-o e abstraindo-o.



1996: 34). Num caso como no outro, são constantes os apelos aos valores da rapidez, instantaneidade, simultaneidade e descartibilidade<sup>41</sup>.

Como afirma Manuel Castells, tomando como termo de comparação a modernidade, esse tempo «linear, irreversível, mensurável e previsível está sendo fragmentado na sociedade em rede» (Castells 1999: 460), daí que a experiência temporal contemporânea seja uma experiência eminentemente intemporal, caracterizada por «fugir dos contextos de sua existência» (Castells 1999: 460) e que, numa mistura de tempos aleatórios, apropriada, de forma selectiva, qualquer valor que os vários contextos podem oferecer ao presente. Castells apelida assim de «tempo intemporal» (Castells 1999: 460) a temporalidade dominante na nossa sociedade onde se vive simultaneamente uma cultura do eterno e do efêmero – eterna porque alcança toda a sequência passada e futura das expressões culturais e efêmera na medida em que cada organização e cada sequência específica depende do contexto e do objectivo do momento. Neste contexto afirma,

---

<sup>41</sup> No domínio da economia, a disponibilização por parte do mercado de uma grande variedade de bens de consumo, vindos de qualquer parte do mundo e a rapidez no seu acesso, facilitado pela eficiência dos serviços à distância, pelas cadeias de supermercados, entregas porta a porta, pagamentos *on-time* ou generalização da compra e venda através da *Internet* e do multibanco contribuem de forma decisiva para esbater as barreiras temporais. A expressão “colonização” do tempo utiliza-se neste contexto para significar o preenchimento de tempo anteriormente desocupado, quer por pessoas, quer por actividades (Melbin 1978 *apud* Daly 1996: 88). Constituem exemplos desta colonização do tempo a abertura do comércio e da restauração todo o dia, a sequência entre turnos de trabalho ininterruptos, o prolongamento de televisão e rádio toda a noite, a permanência dos multibancos, *Internet* e de diversos outros serviços 24 horas por dia, separando, definitivamente, o tempo dos ritmos diários e sazonais do mundo natural. A libertação do tempo e a fuga da cultura ao relógio são igualmente facilitadas pelas novas tecnologias. A seu tempo, a introdução do telefone e do telégrafo revolucionaram as comunicações de então, mas as comunicações por satélite, os faxes, computadores e redes de *e-mail* dos dias de hoje permitem a transmissão tão rápida quanto instantânea de informação ao longo do globo, contribuindo de forma decisiva para um sentimento de “aceleração do tempo”, onde os vários tempos se tornam síncronos, sem começo, fim ou sequência. O desenvolvimento nas comunicações móveis, nomeadamente com as opções de chamada em espera e de transmissão de mensagens não apenas orais, como também escritas e visuais, normalizaram a expectativa de constante disponibilidade e interrupção, num altura em que «a cultura da virtualidade real associada a um sistema multimedia electronicamente integrado (...) contribui para a transformação do tempo em nossa sociedade de duas formas diferentes: simultaneidade e intemporalidade» (Castells 1999: 486). O mesmo se passa com o aperfeiçoamento dos electrodomésticos que, progressivamente, minimizam os tempos de espera, seja as ondas electromagnéticas dos fornos microondas ou a possibilidade de *fast forward* do gravador de vídeo, contribuindo para que o passado se aproxime do presente e para que este, por sua vez, coincida de muito perto com o futuro. Acresce ainda que, na superação constante do presente pelo novo, a sociedade contemporânea se torna numa «sociedade de deitar fora» (Daly 1996: 35), em que as pessoas se dispõem a deitar fora não apenas chávenas, pratos, guardanapos ou roupa, mas também valores, estilos de vida, relações estáveis, compromissos com pessoas e formas de fazer e ser (Harvey 1989 *apud* Daly 1996).

não estarmos numa cultura de circularidade ou linearidade mas de uma «temporalidade não diferenciada de expressões culturais» (Castells 1999: 487).

Em suma, uma concepção pós-moderna de tempo parece emergir nas sociedades ocidentais contemporâneas, abandonando-se as dicotomizações herméticas de outrora que confluem na diversidade e simultaneidade de tempos, tornando-o fragmentado, contraditório, plural e variável. Expressa no culto da instantaneidade, simultaneidade e descartibilidade, a experiência contemporânea é por isso profundamente presenteísta (Urry 2002), imprimindo nas experiências o cunho do efêmero, concomitante com a rapidez com que as mudanças se impõem, de tal forma violentas que quase afogam a brevidade da vida na multiplicidade de opções disponíveis.

Em *Families & Time*, Kerry Daly (1996) chama a atenção para o facto de as famílias partilharem com a sociedade mais ampla algumas das características do tempo presente enunciadas anteriormente. Edward Shorter (1995) caracteriza a família moderna a partir da metáfora de um navio firmemente ancorado na sociedade tradicional cujas amarras – que a “prendem” à parentela circundante, à comunidade mais vasta e ainda às gerações passadas e futuras – se soltam na sociedade moderna. Daly prolonga a metáfora de Shorter dizendo que a família encontrou lugar (esse navio) num outro espaço e num outro tempo (Daly 1996). Consistente com a diversidade da experiência temporal contemporânea, as famílias de hoje vivem para o presente e não mais para os seus antecessores ou para a prosperidade, existindo um sentido reduzido de confiança e compromisso ao longo das gerações, ao mesmo tempo que as relações familiares se tornam mais temporárias e descartáveis (Urry 1994 *apud* Daly 1996: 35).

Por outro lado, parece ter-se passado de um tempo em que as famílias trabalhavam do nascer ao pôr do sol e em que o ritmo da vida quotidiana era moldado pelo ritmo do sol, para um tempo radicalmente diferente em que as rotinas familiares passam a ser largamente determinadas pela actividade produtiva na esfera pública (Daly 1996), marcado pela ânsia permanente de disponibilidade de tempo, vendo nele a “moeda dominante” (Daly 1996) das famílias contemporâneas<sup>42</sup>. As famílias vivem assim comprimidas entre o tempo do relógio que as obriga a

---

<sup>42</sup> As fronteiras entre tempo de trabalho e tempo de família são ainda fortes mas a tecnologia abriu «um buraco na cerca» (Daly 1996: 72) ao deixar de fazer parte exclusiva do local de trabalho para

uma sincronização entre o cuidado das crianças, as refeições, o cuidado da casa e os cuidados pessoais com os horários da creche, da escola ou do trabalho e a necessidade de flexibilização desse mesmo tempo, rotinas que, ainda que cíclicas e repetitivas, passam praticamente ao lado do nascer e do pôr do sol<sup>43</sup>, sendo bastante mais exactas na forma como são geridas e levadas a cabo e, por tudo isso, também elas marcadas pelo “síndrome da aceleração”.

A família, constitui assim um exemplo vivo de como a multiplicidade de tempos se impõe. Vivem comprimidas no tempo, são tiranizadas pelas exigências temporais de uma cultura do relógio com horários demarcados e seduzidas pela ânsia de eficiência temporal (Daly 1996) apanhadas entre o mundo público que acelera sem parar nas auto-estradas da informação e o seu próprio e privado desejo de preservar a família como um «stop para descanso» (Daly 1996: 116), os membros da família procuram novas e mais eficientes formas de proteger, controlar e gerir o seu tempo.

Se é certo que as relações familiares são baseadas num conjunto de expectativas relativamente à sequência e *timing* da mudança familiar, existindo «uma gravitação em direcção ao desejo de uma sequência normal da vida familiar que consiste no casamento e concepção de filhos e terminar com o ninho vazio<sup>44</sup> e reforma» (Hagestad 1986 *apud* Daly 1996: 33), o certo é que tem havido uma variedade enorme de alterações nas famílias que contribuem para lhes imprimir as características associadas a uma concepção de tempo pós-moderno. O aumento da esperança de

---

ser uma componente essencial da família, designadamente por meio da *Internet*, fax, telemóveis e televisões que incluem a família na sociedade em rede e permitem a constante permeabilidade do trabalho na família 24 horas por dia (Daly 1996).

<sup>43</sup> Martine Segalen e Françoise Zonabend (1995) enfatizam igualmente a libertação da família face ao calendário religioso. Enquanto que nos séculos XVIII e XIX era comum atribuir à criança recém nascida o nome do santo inscrito no calendário religioso, hoje em dia, privilegia-se a individualização, através da escolha de um nome próprio, considerado original e singular, festejando o aniversário em si mesmo e não a festa do santo. Esta transformação é, até certo ponto, sintomática de um conjunto de alterações mais vastas no campo das experiências familiares: «o calendário religioso já não organiza o tempo da família, tal como a comunidade aldeã já não intervém na sua vida» (Segalen & Zonabend 1995: 137).

<sup>44</sup> A expressão “ninho vazio” traduz a expressão inglesa “*empty-nest*”, utilizada na literatura do desenvolvimento familiar para designar a fase em que a família, depois de criados os filhos, os vê partir para encetarem novas famílias, reduzindo-se então à díade inicial. A metáfora “ninho vazio” é então utilizada para retratar a fase da vida das famílias em que estas se encontram depois de verem as suas “crias” “levantar vôo”.

vida, o prolongamento dos percursos escolares e o consequente adiamento da autonomia financeira dos jovens, tiveram repercussões importantes nos calendários familiares, expandindo as barreiras temporais de algumas experiências normativamente esperadas como a conjugalidade ou parentalidade (Daly 1996). Outras alterações na estrutura familiar, como o decréscimo da dimensão familiar, a complexificação da participação na força do trabalho pago com a entrada da mulher que faz com que em muitos dos casais, sejam ambos, trabalhadores a tempo inteiro (famílias de dupla carreira), o aumento das famílias monoparentais e a progressiva diversificação de estruturas familiares em geral, está na base de muitas e variadas formas de experienciar o tempo nas famílias, ou seja, «o maior pluralismo na forma da família origina o pluralismo temporal» (Daly 1996: 34), contribuindo para uma melhor percepção de como também o tempo familiar é múltiplo, diverso e em mutação permanente. Como resultado, a experiência do tempo familiar tem menos probabilidade de seguir os patamares tradicionais e unilineares que são apresentados de forma típica na literatura sobre o desenvolvimento familiar, marcado que está pela irregularidade, incerteza e inesperado, ou, numa palavra, a novidade como refere Alvin Toffler (2001).

Também Manuel Castells (1999), que caracteriza a sociedade contemporânea como uma sociedade em rede, advoga que os avanços organizacionais, tecnológicos e culturais característicos da nova sociedade emergente, estão a colocar em causa o ciclo de vida regular, sendo que, uma das principais alterações se prende precisamente com a ideia que «a sociedade em rede caracteriza-se pela ruptura do ritmo, ou biológico ou social, associado ao conceito de um ciclo de vida» (Castells 1999: 472), em particular, no que respeita à duração média de vida dos indivíduos. De facto, apesar de um tema dominante da experiência familiar quotidiana ser o da “escassez de tempo” – dos pais com os filhos, dos pais com os seus pais ou dos pais entre si –, existe um paradoxo emergente relacionado com a percepção da escassez do tempo por força da aceleração e desaceleração do processo de envelhecimento associado ao aumento da longevidade (Pasero 1994 *apud* Daly 1996). Assim, à medida que a esperança de vida aumenta, existe um aumentar das expectativas de uma maior intensidade e variedade de experiências em cada fase da vida. Existe assim uma desaceleração global do tempo devido ao processo de envelhecimento durante o qual podemos esperar ter mais tempo e ao mesmo tempo uma aceleração e compressão dentro desse tempo devido a múltiplas experiências de vida (Pasero 1994 *apud* Daly 1996).

A experiência contemporânea do tempo é pois construída a vários tempos. Na sociedade em geral, como na família, a intemporalidade coexiste com temporalidades diversas que vão desde a sujeição aos ritmos naturais até à tirania do tempo do relógio. Como metaforicamente afirma Manuel Castells, «a intemporalidade navega em um oceano cercado por praias ligadas ao tempo, de onde ainda se podem ouvir os lamentos de criaturas a ele acorrentadas» (Castells 1999: 490). Apesar de tudo há regularidades, também familiares. Sob a capa de uma pretensa universalidade e, por conseguinte, “normalidade”, a sociedade, através de um conjunto de calendários – familiares e reprodutivos – prescreve e marca o “tempo para ter filhos”. Porém, um conjunto de transformações relativamente recentes opera como nunca um movimento de expansão das balizas temporais dentro das quais as experiências familiares podem ter lugar, possibilitando a libertação do tempo como limite. Ao mesmo tempo, contudo, age-se como se a vida fosse feita de momentos rarefeitos, num mundo cunhado pelo passo acelerado da mudança, também das famílias. A experiência (in)temporal contemporânea desmascara assim essa pretensa “normalidade”, dando visibilidade e oportunidade ao plural e ao diferente, também no que ao tempo para ter filhos diz respeito.



## Segunda Parte

# Tempo para ter filhos

*«Um modelo familiar dominante, que é a referência sólida de todo o comportamento; uma aceitação dos outros modelos, que mais não faz do que reflectir a liberalização dos costumes, mas que permanece ainda minoritária; além disso, a continuação de uma profunda identificação das mulheres com o seu papel de mãe, embora muitas delas estejam envolvidas no mercado de trabalho: o casal evolui, o grupo doméstico assume estruturas diversas, mas a instituição familiar permanece a referência dominante e o seu peso normativo, ao nível das imagens mentais e simbólicas, continua a ser tão forte como era.»*

M. Segalen & F. Zonabend (1995) «Famílias em França», p.126.

*«Há um tempo para ir à pesca e um tempo para secar o peixe.»*

Provérbio Chinês





## Calendários familiares

### *O "toque normativo" do tempo familiar*

Robin Skinner e John Cleese (1990), num livro intitulado *Famílias e Como (Sobre)Viver com Elas*, iniciam o diálogo dizendo:

«John: Começamos com uma questão muito simples. Porque é que as pessoas decidem casar-se?

Robin: Porque estão apaixonadas.

John: Deixa-te disso!

Robin: Não, estou a falar a sério.

John: Bem, talvez, mas esta rotina de nos apaixonarmos é um pouco bizarra. Deparamos com pessoas perfeitamente normais e racionais, tais como programadores de computadores e inspectores de finanças, que, subitamente, no meio da sua rotina, vêem alguém no outro extremo duma sala cheia de gente e pensam: «Ah! Aquela pessoa foi feita para mim, por isso acho que o melhor que tenho a fazer é passar o resto da minha vida com ela[...]» (Skynner & Cleese 1990: 17).

Não obstante o carácter hiperbólico da afirmação de John e independentemente da razão ou das razões pelas quais as pessoas casam ou, de uma forma mais ampla, decidem unir as suas vidas numa relação estável, com expectativas de durabilidade e reconhecida socialmente, o certo é

que no conjunto das mudanças que alteram de forma significativa a vida dos indivíduos, a conjugalidade é central. Uma das mudanças mais visíveis na vida dos indivíduos tem precisamente que ver com o facto de, à medida que atingem a idade adulta, deixam, na maior parte dos casos, a sua família de orientação, para formarem uma nova família a que se chama usualmente família de procriação (Michel 1983). Estão assim criadas as condições para tomar esta união como ponto de partida para um novo ciclo na vida destes indivíduos, utilizando-se então o conceito de “ciclo de vida familiar” para designar o conjunto de mudanças verificadas na vida familiar com origem na constituição do casal e fim na sua dissolução<sup>1</sup>. Em geral, o conceito de ciclo de vida familiar, analisa as famílias como movendo-se progressivamente de um número de fases que começam com um núcleo básico constituído pelo casal recém constituído, que se expande com o nascimento e maturação das crianças, e depois se contrai, primeiramente com o seu casamento e consequente saída de casa e, finalmente com a morte daqueles que estiveram inicialmente na origem deste ciclo. É assim possível – para efeitos empíricos – dividir a história de uma família nuclear, desde a união à dissolução num conjunto de fases sequenciais relativamente autónomas que formam o ciclo vital da família o que, nas palavras de Ana Paula Relvas, compreende a «identificação de uma sequência previsível de transformações na organização familiar, em função do cumprimento de tarefas bem definidas» (Relvas 1996: 16), e que expressa portanto e integra uma perspectiva claramente desenvolvimentista da família.

Para Yannick Lemel e Daniel Verger (1986), a ideia subjacente ao conceito de ciclo de vida familiar compreende duas facetas que importa distinguir. Por um lado, o facto de os indivíduos e as famílias passarem, ao longo da sua existência, por diversas etapas “naturais”<sup>2</sup> e, em segundo lugar, o facto de estas etapas ou alterações de posição implicarem modificações nos

---

<sup>1</sup> A noção de ciclo de vida é, como lembra Lemel & Verger (1986), uma noção muito plástica, como aliás prova o sucesso da sua generalização para diversas áreas científicas. Também na análise da família este conceito revela potencialidades, sobretudo pela metáfora imediata que sugere, à semelhança do que acontece nos organismos vivos, de uma realidade que nasce, cresce, vive e morre. Desta forma, se aplicam (tal como aos organismos biológicos), aos indivíduos, grupos e mesmo aos sistemas sociais, as metáforas de crescimento e declínio, ganhos e perdas, utilizadas para caracterizar a mudança na estrutura ou funções dos organismos ao longo do tempo, no caso particular, a descrição e explicação de mudanças nos papéis e relações entre os membros da família ao longo do tempo.

<sup>2</sup> A classificação de determinadas etapas como “naturais” prende-se com a relação inextricável que existe entre o conceito de ciclo de vida familiar e o desenvolvimento ontogenético dos indivíduos, em que a idade é, de forma exemplificativa, uma forma de cunhar esse desenvolvimento, permitindo distinguir as diversas “idades da vida”.

comportamentos. A primeira faceta é de certa forma “intrínseca” e a segunda “comportamental”, permitindo uma compreensão de como as famílias se formam, mais tarde se desenvolvem com a chegada de crianças e se reduzem enfim com a sua partida.

A primeira análise sistemática da família através do conceito “ciclo de vida familiar” deve-se ao demógrafo Paul Glick nos anos 40 (Waite 1980, Höhn 1990, Klein & White 1996)<sup>3</sup>. No seu primeiro ensaio, intitulado «The Family Cycle» e publicado na *American Sociological Review* em 1947 e mais tarde na obra *American Families*, datada de 1957, Paul Glick define o início e o fim de cada uma das seis fases principais, segundo as quais passa a família, utilizando para isso as idades médias do marido ou da mulher (Höhn 1990). A primeira fase, designada de “formação”, iniciava-se com o casamento e duraria até ao nascimento do primeiro filho. Para Glick, esta primeira fase, mais do que o casamento, começa com a formação e o reconhecimento perante os outros de um novo casal, tornado visível usualmente através da cerimónia nupcial (Waite 1980). Esta fase termina com o nascimento do primeiro filho e dura, cerca de um ano e meio. O nascimento do primeiro filho marca então o início da segunda fase, a “extensão”, que se prolonga até ao nascimento do último filho, durante aproximadamente sete anos. O período que medeia entre o nascimento de todas as crianças e a altura em que estas começam a deixar a casa constitui a terceira fase, a chamada “extensão completa ou fim da extensão” e a quarta fase, chamada de “contracção”, inicia-se tendo como marco inicial a saída do primeiro filho de casa dos pais e final a saída do último filho. O “fim da contracção” respeita à quinta fase da família, marcada pelo período que medeia entre a saída do último filho de casa dos pais até à morte de um dos cônjuges e, finalmente, a última e sexta fase do ciclo, a “dissolução” compreende o período que vai desde a morte de um dos cônjuges até à morte do sobrevivente, marcando, simultaneamente, a extinção deste ciclo de vida. Ao conjunto de fases consideradas subjaz então um conjunto de eventos importantes na vida dos indivíduos<sup>4</sup>: o casamento; o nascimento do primeiro filho; o nascimento

---

<sup>3</sup> Parece consensual (Clayton 1979, Rodgers & White 1993, Klein & White 1996) que foi durante os anos que acompanharam a Grande Depressão que surgiram as primeiras utilizações do conceito de ciclo de vida familiar (cf. “O tempo n(d)a família” incluído na primeira parte). Todavia, face à notoriedade e influências posteriores dos trabalhos de Paul Glick e Evelyn Duvall, dedicar-se-ão a estes os principais avanços nesta matéria.

<sup>4</sup> De facto, as fases são usualmente inferidas através de eventos que indicam mudanças na pertença à família ou na forma como os membros estão espacialmente e interactivamente organizados (Klein & White 1996). Esses eventos que indicam mudanças na família são considerados os momentos de

do último filho; a saída do primeiro filho de casa; a saída do último filho de casa e a morte dos cônjuges. Este é, na opinião de Charlotte Höhn (1990) o conceito de ciclo de vida “clássico” ou “original”, assim designado, na medida em que serviu de base à diferenciação posterior em mais do que seis fases, bem como para adaptação e generalização a outros tipos de famílias que não apenas a nuclear.

Num relatório elaborado a pedido do *National Conference on Family Life* e intitulado *Report of the committee on the dynamics of family interaction*, Evelyn Duvall e Reuben Hill propõem em 1948, os critérios para estabelecer as fases do ciclo de vida (Aldous 1996), designadamente, as alterações na composição familiar, por meio do estabelecimento da relação conjugal e da entrada e saída de membros pelo nascimento, saída de casa quando adultos ou morte; a fase de desenvolvimento do

---

transição, conceito que combina de forma inextricável os conceitos de fase, eventos e tempo. Uma transição ocorre quando a família passa de uma fase para outra qualitativamente distinta (Rodgers & White 1993). Existem assim, ao longo do ciclo de vida, inúmeras transições entre fases. Para David Klein e James White (1996), o conceito de transições que se tem esboçado ao longo do tempo consiste numa espécie de caminhos tomados ou não tomados, que conduzem a família para uma nova série de transições alternativas possíveis. O processo levado a cabo ao longo do tempo assemelha-se assim a uma árvore com muitos ramos em que o caminho escolhido consiste ele próprio numa série de outros ramos (Klein & White 1996). As transições de uma fase familiar para outra são indicadas pelos eventos entre as fases e os eventos são medidas para as transições familiares. São os pontos de transição entre as fases, daí que não sejam utilizados para designar mudanças graduais mas somente para mudanças qualitativas que ocorrem num momento específico do tempo. Para determinar onde fazer as divisões das fases, o conceito de transição de papel torna-se particularmente importante, uma vez que estas transições marcam descontinuidades suficientemente fortes nos comportamentos dos indivíduos e das famílias (Aldous 1996). De facto, as fases do ciclo de vida familiar cobrem períodos temporais substanciais e, ainda que as transições liguem uma fase à outra, existem rupturas e descontinuidades entre elas que concedem a cada fase um carácter distinto, produzindo períodos qualitativamente diferentes (Aldous 1996), motivados pelos membros individuais da família, como também por elementos exteriores à família que forçam rupturas nos padrões de comportamento para que uma nova fase possa tomar lugar. A noção de transições de papéis sugere desde logo que os eventos particulares não separam completamente um período familiar de outro. Pelo contrário, o evento que institui a mudança representa um período de transição no qual as famílias desenvolvem novas rotinas para substituir as que foram afectadas por ele (Aldous 1996) e, tal como os novos padrões não são estabelecidos de forma imediata também as velhas formas não cessam de imediato. Na maior parte das sociedades e na maior parte das famílias, casar, ter filhos, vê-los crescer e finalmente sair de casa em adultos, o divórcio, o recasamento ou passar pela morte de um dos cônjuges constituem esses momentos de viragem (*turning points*), marcadores ou eventos críticos nas carreiras dos membros da família, isto é, os momentos de transição dos estádios de desenvolvimento por que vai passando a família (Relvas 1996). Há muitos eventos que têm impactos nos indivíduos e nas famílias como guerras, depressões, doenças, epidemias ou sismos mas que não têm implicações no desenvolvimento da família. Um evento desenvolvimental leva consigo a implicação de que haverá diferenças qualitativas relativamente às expectativas normativas no conteúdo dos papéis dentro das relações familiares como resultado desse evento (Rodgers & White 1993). É aliás por esta razão que Rodgers & White (1993) preferem o termo “evento de transição” a “evento”.

filho mais velho, perceptível através das transições decorrentes da mudança de idade do filho mais velho e ainda a saída da vida profissional do marido/pai, assinalada pelo fim da carreira laboral, transição que serve para dividir o período após a saída dos filhos de casa ao meio e isolar uma fase que vai da reforma até à morte do cônjuge.

Nos anos 50, o sociólogo Evelyn Duvall propõe um quadro classificatório das fases familiares que se tornaria igualmente clássico e que espelha de forma clara o trabalho conjunto desenvolvido anteriormente com Reuben Hill. Em 1957 publica *Family Development* onde, focando a sua análise na presença de filhos e tomando como critério a idade do filho mais velho, o “pioneiro familiar” (Aldous 1996) como lhe chama, encontra a forma de ultrapassar o problema gerado pela sobreposição das fases, o que acontecia sempre que na família analisada existia mais do que um filho (Clayton 1979). De acordo com Evelyn Duvall, a família passaria então por uma sequência de oito fases, designadamente: o casal sem filhos; filho mais velho com menos de trinta meses; filho mais velho de dois e meio a seis anos; filho mais velho de seis a treze; filho mais velho dos treze aos vinte anos; desde que o primeiro filho sai de casa até ao último; do ninho vazio à reforma e da reforma à morte de um ou ambos os cônjuges<sup>5</sup>. Nesta classificação, um dos conceitos centrais é o de tarefa de desenvolvimento, definida por Duvall como «tarefa que surge num ou durante um certo período na vida de um indivíduo ou família, quando bem atingida conduz à sua felicidade e sucesso nas tarefas seguintes, enquanto que o fracasso conduz à infelicidade no indivíduo, desaprovação pela sociedade e dificuldade nas tarefas seguintes»<sup>6</sup>

<sup>5</sup> Ana Paula Relvas (1996), ao fazer referência ao esquema classificatório de Evelyn Duvall, simplifica a denominação de cada uma destas fases, identificando-as como casais sem filhos; famílias com recém-nascido; famílias com crianças em idade pré-escolar; famílias com crianças em idade escolar; famílias com filhos adolescentes; famílias com jovens adultos; casal na meia idade e envelhecimento.

<sup>6</sup> Para as famílias americanas, Duvall listou um conjunto de oito tarefas básicas onde incluía a manutenção física; a alocação de recursos; a divisão do trabalho; a socialização dos seus membros; a reprodução, o recrutamento e lançamento dos membros da família; a manutenção da ordem; a colocação dos membros na sociedade mais vasta e a manutenção da motivação e da moral. Durante o ciclo de vida, os seus membros, bem como a família como um todo, desempenham certas tarefas essenciais à sua sobrevivência, crescimento e continuidade. É neste contexto que Duvall introduziu ao mesmo tempo a noção de tarefas de desenvolvimento adequadas às diversas fases do ciclo de vida familiar. As tarefas de desenvolvimento familiar são as tarefas que as famílias são chamadas a cumprir em determinados períodos, sendo a palavra “tarefa” utilizada para indicar o papel activo que é exigido às famílias por parte da sociedade. Ana Paula Relvas (1996) relembra quais são essas tarefas: na primeira fase, correspondente ao casal sem filhos, o estabelecimento de uma relação conjugal mutuamente satisfatória; a preparação para a gravidez e para a parentalidade; nas famílias com recém-nascidos, ou segunda fase, o ajustamento às exigências de desenvolvimento de uma criança dependente; em famílias com crianças em idade pré-escolar

(Duvall 1962 *apud* Clayton 1979: 28). As tarefas de desenvolvimento confrontam todas as famílias à medida que estas passam através das várias fases do ciclo de vida e são estabelecidas por meio de papéis assumidos pelos membros da famílias no seu próprio desenvolvimento ontogenético, no curso da interacção com os outros membros da família e também com os membros da sociedade mais ampla.

Um último passo na consolidação do conceito de ciclo de vida seria dado em 1964 por Reuben Hill e Roy Rodgers (Relvas 1996). Com base em três critérios principais para a “marcação” das fases do ciclo de vida da família (os mesmos utilizados em 1948 por Duvall e Hill), apresentam um esquema de ciclo de vida familiar que engloba apenas cinco fases: o jovem casal sem filhos; o estágio expansivo (adição de filho(s) para constituir ou “fechar” a família); o estágio estável (período de educação dos filhos até que o primeiro saia de casa); o estágio de contracção (período da saída, “lançamento” dos filhos no exterior), até que o último saia de casa e o estágio pós-parental (de novo o casal sem filhos).

Os modelos propostos por Paul Glick, Evelyn Duvall e Reuben Hill e Roy Rodgers constituem assim as referências clássicas no estudo do ciclo de vida familiar. Ao longo de três décadas os trabalhos destes autores apresentam esquemas classificatórios diferentes para o estudo

---

(terceira fase), a adaptação às necessidades e interesses das crianças no sentido da sua estimulação e promoção do desenvolvimento; na quarta fase ou famílias com crianças em idade escolar a assunção de responsabilidades com crianças em meio escolar, o relacionamento com outras famílias na mesma fase; em famílias com filhos adolescentes, a quinta fase, a necessidade de facilitar o equilíbrio entre liberdade e responsabilidade: partilha desta tarefa com a comunidade; estabelecimento de interesses pós-parentais, na sexta fase ou famílias com jovens adultos a permissão da separação e o “lançamento” dos filhos no exterior, com rituais e assistência adequada (primeiro emprego ou educação superior); manutenção de uma base de suporte familiar; no casal de meia idade ou sétima fase, a reconstrução da relação de casal, redefinição das relações com as gerações mais velhas e mais novas e finalmente, para a oitava fase ou envelhecimento, o ajustamento à reforma; aprender a lidar com as perdas (lutos) e a viver sozinho e por fim, adaptação ao envelhecimento. O elemento chave no conceito de tarefa de desenvolvimento familiar é então o conjunto de alterações de conteúdo nestas funções principais em fases particulares do ciclo de vida familiar onde novas tarefas de desenvolvimento advém com novas fases sendo que, do processo de transição faz também parte o tempo necessário para que os membros renegociem e reconstruam os padrões de interacção que lhes permite desempenhar as tarefas próprias do novo período (Aldous 1996). A este propósito, Rodgers & White (1993) consideram que o conceito de tarefas de desenvolvimento é redundante com o conceito de normas e papéis associados à idade e às fases da família e por isso não o incluem entre os conceitos-chave da teoria. Não obstante a operacionalidade empírica da identificação das tarefas de desenvolvimento, estas viriam a ser fortemente criticadas mais tarde, sobretudo pela forma como exigem, da parte do investigador, a classificação do desempenho de terminada tarefa como um “sucesso” ou “fracasso” (Klein & White 1996).

da mudança na família, mantendo porém uma constante: a utilização do conceito de ciclo de vida. Desde então, e não obstante as críticas entretanto endereçadas ao conceito, múltiplas têm sido as classificações utilizadas pelos diversos investigadores que insistem na repartição do tempo de vida das famílias num conjunto de fases a que chamam “ciclo de vida familiar” ou “ciclo vital” da família<sup>7</sup>.

O quadro analítico do ciclo de vida familiar apresenta, indiscutivelmente, um grande valor descritivo. Uma das mais valias deste conceito quando aplicado à análise da família, é precisamente o facto de «mostrar a importância da continuidade nas relações humanas» (Relvas 1996: 23), chamando a atenção para essa característica inolvidável da família que é o desenvolvimento e a mudança num grupo onde as relações perduram por um período de tempo consideravelmente superior ao verificado na maior parte dos outros grupos sociais. Por outro lado, o conceito de ciclo de vida permite passar rapidamente de uma visão microsocial, vendo na família um pequeno grupo ou um subsistema, para uma visão macrosocial, enfatizando o lugar da família nesse sistema maior que é a sociedade e a sua relação com outros grandes grupos (Relvas 1996). A contextualização da família na sociedade facilita assim a compreensão dos fenómenos como um todo articulado que, ao mesmo tempo que apresenta perspectivas de longo prazo, sofre influências do passado, não sendo por isso um mero objecto isolado no presente<sup>8</sup>. Para William Goode (1982), uma das principais causas do sucesso do conceito de ciclo de vida familiar reside na estreita relação que estabelece entre as biografias individuais e as familiares, já que os principais eventos na vida de um indivíduo são, muitas vezes, utilizados como os principais marcadores do ciclo vital, o que permite, ao mesmo tempo, compreender como

---

<sup>7</sup> Em Portugal, Ana Paula Relvas publica em 1996 (quase meio século após a publicação de «The Family Cycle» de Paul Glick na *American Sociological Review*), *O Ciclo Vital da Família*, utilizando cinco fases para dividir o ciclo de vida familiar, nomeadamente, a formação do casal; a família com filhos pequenos; a família com filhos na escola; a família com filhos adolescentes e a família com filhos adultos ou *empty-nest*.

<sup>8</sup> É neste contexto que Ana Paula Relvas (1996) chama a atenção para a importância do conceito de ciclo de vida no âmbito da terapia familiar, considerando-o fundamental em termos de diagnóstico e avaliação das situações. Nestes casos, a importância da contextualização das situações experienciadas no ciclo de vida da família é vital para a análise do caso, como também para a compreensão global da própria terapia e particularmente da intervenção. Como afirma, «a conceptualização do ciclo vital da família dá um contributo valioso para o seu estudo, ao centrar-se na evolução temporal das interações (entre os membros da família, entre estes e outros não familiares, entre a família e outras estruturas sociais) e ao perspectivar a continuidade, transformando-se num instrumento clínico importante para o diagnóstico e planeamento da intervenção» (Relvas 1996: 25).

algumas transições individuais são também familiares e apenas se podem compreender num determinado contexto sócio-cultural<sup>9</sup>. Para Andrée Michel (1983) a abordagem que parte do conceito de ciclo de vida familiar revelou-se fecunda sobretudo para o estudo da interacção no casal, designadamente, o estudo da autoridade, repartição das tarefas domésticas, comunicação, acordo e conflito. Também Madalena Alarcão enfatiza a importância do conhecimento das várias etapas do ciclo vital da família sobretudo «no equacionar das funções e tarefas dos diferentes sub-sistemas bem como da hierarquia de poder e dos modelos de comunicação» (Alarcão 2000: 111), o que permite caracterizar e assinalar as potencialidades e vicissitudes das diversas famílias, aquando da sua análise.

Se é certo que é possível reconhecer no conceito de ciclo de vida familiar um instrumento analítico capaz de sintetizar o desenvolvimento da família, certo é que a imagem simplificada que o conceito revela na leitura das modificações familiares, facilmente desperta dúvidas acerca do seu valor teórico e empírico (Höhn 1990, Aldous 1996, Relvas 1996). A diversidade subjacente aos diversos esquemas classificatórios patenteia de modo evidente a dificuldade que existe em chegar a um consenso quanto aos momentos críticos do ciclo da vida familiar. De facto, apesar de ser possível encontrar, subjacente às diversas classificações, um acordo latente em torno de quatro momentos principais de desenvolvimento do ciclo de vida familiar – formação, expansão, contracção e extinção –, falta o consenso real que fundamente a razão de ser destas categorias abstractas e que permita o acordo quanto à repartição da vida da família em fases (Clayton 1979)<sup>10</sup>. Quer o número de fases, quer os “marcadores” para essas mesmas fases podem ser influenciados pelo número de crianças nascidas (se as houver), pelo espaçamento entre as datas de nascimento do primeiro e último filho, as idades de ambos os cônjuges à data do casamento

---

<sup>9</sup> Martine Segalen e Françoise Zonabend (1995) relembram como estes momentos são, em toda a parte e desde sempre, acompanhados de rituais que tratam de assinalar a “passagem” de um estado para o outro, daí que alguns constituam autênticos ritos de passagem que acompanham o nascimento, o desenvolvimento e desaparecimento dos indivíduos ou das famílias. Em todos esses rituais os diversos parentes estão presentes, funcionando como instância legitimadora do aparecimento, multiplicação e desaparecimento do grupo familiar, como acontece nos casamentos, bodas de prata ou ouro, festas de aniversários, funerais, missas de aniversário de parentes falecidos mas também reuniões de família na Páscoa, Natal ou férias.

<sup>10</sup> Veja-se o exemplo das classificações apresentadas anteriormente em que todas elas diferem quanto ao número de fases consideradas: 6 para Paul Glick em 1947, 8 para Evelyn Duvall em 1957 e apenas 5 para Reuben Hill e Roy Rodgers em 1964.



ou a ausência temporária ou permanente de membros da família (Clayton 1979), recaindo assim no investigador a decisão – que é a sua – de considerar este ou aquele critério para a constituição das fases, de onde decorre obviamente uma certa arbitrariedade, o que por sua vez exige a relatividade do seu valor e a necessidade de os tratar com alguma flexibilidade aquando da sua interpretação (Relvas 1996)<sup>11</sup>. A diversidade de fases para dividir os ciclos familiares, suscita ainda um outro problema. O carácter arbitrário com que os investigadores olham as transições familiares, faz crer que esse olhar é, em certa medida, intencional, no sentido de construir os esquemas classificatórios que incluam as categorias que fornecem respostas às questões colocadas por esses mesmos investigadores (Aldous 1996).

Também a perspectiva cíclica na qual este conceito subjaz é alvo de inúmeras críticas. O termo ciclo de vida familiar é “enganoso” (Aldous 1996), desde logo porque um ciclo constitui uma sequência repetida de eventos, numa espécie de “eterno retorno”, o que não acontece na família. É certo que os membros da família constituem, no fim da sequência familiar tradicional, o mesmo casal que iniciou a existência da família, o que transmite uma certa ideia de retorno. Todavia, ao longo do tempo não existe um ciclo já que os eventos que marcam o início de uma relação conjugal não são repetidos pelo casal idoso (Aldous 1996). Por outro lado, ainda que determinados eventos, como o casamento, o nascimento de filhos, ou a saída de um filho de casa, sejam renováveis, nunca esses eventos são totalmente iguais, de forma que, os pontos de transição são também “pontos de não retorno”, pois uma vez passados, os indivíduos nunca mais serão os mesmos<sup>12</sup>. Assim, a perspectiva cíclica faz sentido apenas quando se olha a família de um ponto

---

<sup>11</sup> A título exemplificativo, refira-se que, para Ana Paula Relvas (1996), a formação do casal inicia o ciclo vital da família, considerando-se que a família “nasce” nesta fase. Isto não quer obviamente dizer que o novo casal ou esta nova família corte em absoluto com as gerações anteriores, mas tão apenas que assim se cria uma outra unidade ou entidade «com outras, novas e próprias características, sem prejuízo dessa continuidade» (Relvas 1996: 33). O exemplo de Duvall é diferente uma vez que para ele o primeiro estágio é precisamente o “casal sem filhos”, apontando como tarefas a preparação para a gravidez e para a parentalidade. O mesmo faz Hill e Rodgers, dando-lhe a mesma designação, considerando que o segundo estágio se inicia com a junção do primeiro filho – estágio expansivo –, que permite constituir ou fechar a família.

<sup>12</sup> Se por um lado, por exemplo as pessoas que tornam a casar após um divórcio, podem, de alguma forma, ser vistas como estando a “reclicar” a família, funcionando até e paradoxalmente, como um exemplo de ciclos de vida familiar, ao repetirem fases anteriores, o certo é que as novas experiências diferem sempre das experiências anteriores, seja porque os divorciados jamais poderão recuperar o estatuto de solteiros, seja pelas memórias associadas a eventos passados ou pela existência de crianças fruto de uniões anteriores, o que impossibilita um mero decalque de ciclos anteriores (Aldous 1996).

de vista geracional (Clayton 1979). Nesse sentido, a família nunca se dissolve, já que os filhos casados acabam por assegurar a continuidade intergeracional, durante a qual o ciclo é repetido vezes sem fim, ligando entre si diferentes gerações.

No que diz respeito à operacionalidade do conceito, facilmente se conclui pela sua inaplicabilidade a realidades familiares que não se confinem ao casal heterossexual, com filhos e que vive de forma independente dos seus pais ou da restante família, como por exemplo as famílias reconstituídas, as famílias monoparentais, sem filhos ou ainda famílias em que três gerações estejam presentes<sup>13</sup>. De facto, o conceito clássico de ciclo de vida familiar aplica-se apenas à família nuclear, ou seja, a família de duas gerações sem quaisquer outros parentes ou não parentes a co-residir (Höhn 1990). Aliás, é nesta exacta medida que se pode aplicar o ciclo de início e fim determinados, na medida em que na família extensa estes marcos não são tão facilmente perceptíveis, já que, em princípio, estas famílias são “imortais” (Browning & Herberger 1978 *apud* Höhn 1990). Da mesma forma, ao prever a dissolução da família apenas por morte dos cônjuges, não se aplica a situações de ruptura conjugal, nem tão pouco a situações de mortalidade infantil ou juvenil ou ainda a situações de migração (Höhn 1990). Por definição, a noção de ciclo de vida familiar desemboca pois e, inevitavelmente, numa família nuclear “típica”, “intacta”, “normal” ou “modal”, tipicismo esse que é então característica *sine qua non* para a aplicação do conceito de ciclo de vida familiar<sup>14</sup>. É esta também a opinião de Martine Segalen ao afirmar que este quadro analítico «é muito marcado pelo seu tempo e pelo seu meio, e concerne à família da classe média norte-americana, dificilmente transponível para outros modelos de famílias, tanto em termos temporais como em termos espaciais» (Segalen 1999:

---

<sup>13</sup> É precisamente a coexistência de diversos tipos de famílias que está na base da designação de “variações em torno do ciclo vital” utilizada por Madalena Alarcão (2000) para estudar as famílias reconstituídas, monoparentais, adoptivas, homossexuais e comunitárias, isto é, as configurações familiares distintas daquelas que permitiram a conceptualização inicial do ciclo vital e onde esse mesmo ciclo assume algumas particularidades que ultrapassam as singularidades que cada família lhe pode conferir.

<sup>14</sup> Por estas várias razões, muitas famílias, em comparação com a sequência tradicional podem estar “fora de sequência”, “truncadas” ou “recicladas” (Furstenberg & Spanier 1984, Kerkhoff 1978 *apud* Aldous 1996). Fora de sequência são as famílias que não passaram pelas fases na ordem tradicional, por exemplo famílias que se iniciaram pelo nascimento e não pelo casamento. As famílias truncadas são as famílias que não preenchem todas as sequências normativamente esperadas dentro da família, por exemplo, casais sem filhos ou famílias onde ocorrem separações ou divórcios. Finalmente, as famílias recicladas são famílias que passam, mais do que uma vez por fases idênticas, como acontece com as famílias reconstituídas.

217), confirmando a ideia da incompatibilidade entre a pretensa universalidade do ciclo de vida familiar e a diversidade de sequências familiares e transições nos eventos familiares.

Quando nem todos os primeiros casamentos permanecem intactos até à morte dos cônjuges que lhe deram origem, constata-se que o conceito clássico de ciclo de vida familiar está eminentemente relacionado com os casamentos estáveis, adequando-se igualmente e apenas à análise das situações em que ambos os cônjuges eram solteiros antes do casamento (Höhn 1990). Negligenciando as uniões em que um ou ambos os parceiros registaram antes desta outro(s) casamento(s), dissolvido(s) por morte, divórcio ou separação, estuda-se apenas parte dos casamentos e das famílias e não todos os casamentos e todas as famílias<sup>15</sup>. Também a existência de filhos e a contabilização do número de filhos levanta alguns problemas teóricos e metodológicos (Höhn 1990). Se um casal permanece sem filhos, rapidamente o ciclo proposto por Paul Glick se contrai em apenas duas fases ao invés das seis apresentadas, isto é, a Formação e Dissolução. Um outro problema surge por exemplo com os casais que tenham apenas um filho, onde a data de nascimento do primeiro coincide com a do último filho, de forma que também aqui o modelo proposto por Glick se altera, passando, inevitavelmente, de seis fases para apenas quatro. De facto, e não por acaso, o modelo apresentado adequa-se perfeitamente a uma situação em que o casal permanece nesse modelo filial de simetria tida como ideal que é a família de dois filhos.

A aparente linearidade da vida familiar vista como uma sucessão de etapas faz crer que estas mesmas etapas se sucedem de forma pré-determinada e independente (Relvas 1996, Alarcão 2000). Ora, em muitas famílias as etapas sobrepõem-se e por isso não é raro ver famílias em que se encontram simultaneamente filhos pequenos e outros já adolescentes ou alguns filhos fora de casa enquanto outros permanecem até bastante tarde com os pais, o que dificulta visivelmente o enquadramento destas famílias no esquema classificatório do ciclo de vida familiar. Da mesma forma, uma tarefa característica de uma fase não cessa completamente assim que se inicia uma outra tarefa. Por exemplo, a formação do casal como a parentalidade são tarefas sempre presentes

---

<sup>15</sup> Desta forma, as limitações associadas ao conceito de ciclo de vida familiar surgem logo no primeiro evento, quando, em rigor, seria possível definir não um mas três ciclos de vida, designadamente, os que envolvem os primeiros casamentos puros (ambos os cônjuges são solteiros), os puros recasamentos (ambos os cônjuges já foram casados) e os casamentos mistos (em que um dos cônjuges se casa pela primeira vez enquanto que o outro está a recasar) (Höhn 1990).

ao longo do tempo de vida da família (Relvas 1996). Por outro lado, as mudanças ocorridas no seio da família, ainda que parcialmente previsíveis, são sempre totalmente imprevisíveis (Aldous 1996, Relvas 1996), colocando assim em causa a pretensa “inevitabilidade” das fases associadas ao ciclo de vida familiar, nomeadamente o casar, ter filhos, ver os filhos crescer e por fim sair de casa perante, por exemplo, casais que apenas casam depois de nascer um primeiro filho, nunca chegam sequer a casar ou a ter filhos. Finalmente, da mesma forma que as fases familiares não são inevitáveis, também não são totalmente irreversíveis (Aldous 1996, Relvas 1996). Determinados momentos de transição como o nascimento de outros filhos, a saída dos filhos de casa, as rupturas e as uniões conjugais são momentos renováveis, ainda que nunca totalmente iguais.

Sintetizando e pegando nas palavras de Roy Rodgers e James White (1993), a orientação implícita que reside na ideia de um ciclo de vida familiar “normal”, é claramente pró-casamento, pró-natal e pró-família nuclear tendendo assim para um enviezamento no que concerne à diversidade familiar, impossibilitado que está para descrever um conjunto infindável de trajectórias familiares que não obedecem aos cânones da família nuclear “típica”. De facto, é absolutamente impossível descrever através deste conceito realidades tão diversas como as de crianças que nascem fora do casamento, pessoas que nunca casam, outras que casam mas permanecem sem filhos e de casamentos que, dissolvidos através de mortes, divórcios ou separações, originam, por sua vez, vários ciclos de vida, por meio de recasamentos ou da consolidação de agregados monoparentais.

“O toque normativo” (Höhn 1990) é a expressão encontrada por Charlotte Höhn para designar a característica do conceito de ciclo de vida enquanto instrumento analítico potenciador de uma análise normativa e conservadora tomando como bitola uma família tida como “normal”, o que só pode ser evitado com a observância permanente de alguns cuidados epistemológicos. De facto, «o conceito de ciclo de vida familiar é inofensivo *per se*. Contudo, a utilização feita deste conceito nem sempre é inofensiva. O conceito pode conduzir a pesquisa por maus caminhos, ou colocar vendas no investigador, ou, quando utilizado como uma ferramenta educativa, funcionar como um agente conservador» (Trost 1977: 468 *apud* Höhn 1990: 73). Para Charlotte Höhn (1990), a solução para contornar “o toque normativo” passa pelo reconhecimento de que um único ciclo de vida familiar não é suficiente para cobrir a diversidade de famílias existentes. Também Ana Paula Relvas alerta para o facto de, o conceito de ciclo de vida dever ser utilizado

com algumas cautelas, uma vez que «comporta riscos de “normalização” e espartilhamento da realidade familiar, quando aplicado numa perspectiva simplista e linear que escamoteie a individualidade de cada família» (Relvas 1996: 25) e Madalena Alarcão lembra que «o risco que não podemos correr é o de normalizar essa tipificação e desconhecer a singularidade de cada sistema» (Alarcão 2000: 111).

Da mesma forma que a partir de um conjunto de unidades de medição estandardizadas o relógio se apresenta como um instrumento de medição do fluir do tempo físico, também o conceito de ciclo de vida familiar, com as suas fases estandardizadas e pré-determinadas, funciona como um instrumento de medição para a leitura das experiências familiares e, de uma forma mais ampla, do tempo familiar, propondo, não apenas a sequência dos eventos, como também o *timing* em que estes devem ocorrer e, por isso, um verdadeiro “relógio familiar” onde a parentalidade e a conjugalidade são os dois ponteiros e cujo tic-tac marca o ritmo da sincronização do tempo familiar.

### ***Conjugalidade e parentalidade: um e um são três***

Uma velha canção de recreio americana chama a atenção, de forma exemplar, para o conjunto de mudanças típicas na vida dos indivíduos:

*«Bill and Suzie sitting in a tree,  
K-I-S-S-I-N-G.  
First comes love, then comes marriage,  
Then comes Suzie with a baby carriage.»<sup>16</sup>*

(Rodgers & White 1993: 240)

A sequência rítmica e fonética que a canção sugere, deixa perceber uma clara prescrição normativa das sequências familiares e, ao mesmo tempo, uma sequência determinista que faz com que a uma determinada fase siga um determinado evento e a este uma outra fase, ou seja, uma sequência entre fases e eventos, no caso particular, o enamoramento e namoro, depois a

---

<sup>16</sup> Porque se trata de um excerto de uma canção, que obedece a uma sequência rítmica e fonética próprias, optou-se por não proceder à tradução para a língua portuguesa, exceptuando assim a indicação avançada na Introdução, a propósito das citações incluídas no corpo do texto.

conjugalidade e depois desta a parentalidade. É esta aliás a associação determinista subjacente ao conceito de ciclo de vida familiar, guiado pelo princípio de que se for conhecida a fase actual então é possível conhecer as fases futuras, como se de uma equação matemática se tratasse em que, pelo conhecimento dos valores de todas as variáveis relevantes se poderia predizer o comportamento familiar com uma acuidade completa.

A passagem da conjugalidade à parentalidade constitui um denominador comum em todos os esquemas classificatórios do ciclo de vida familiar apresentados anteriormente. A parentalidade torna-se assim uma característica intrínseca e central da “família típica” (Waite 1980), que se organiza em torno do nascimento de crianças, das diversas fases do seu crescimento e, por fim, da sua saída de casa, de tal forma que a inexistência de filhos pode mesmo questionar a operacionalidade do próprio conceito de ciclo de vida familiar, designadamente pela redução abissal das suas fases em apenas duas: a “formação” e a “dissolução”.

Quando Evelyn Duvall e Reuben Hill em 1948, propuseram o seu quadro classificatório sobre as principais mudanças ocorridas na vida das famílias, algumas dessas regularidades manifestavam-se de facto nas famílias americanas (Aldous 1996). Como relembra Linda Waite (1980), é necessário não esquecer que o conceito de ciclo de vida familiar, forjado na literatura americana, foi criado para designar ou descrever a família americana “típica”. A actualidade da vida familiar dos EUA de então, caracterizava-se pela predominância de famílias nucleares, com filhos, em que os membros do casal permaneciam juntos até que “a morte os separasse”, daí os níveis relativamente baixos e estabilizados de divórcio. Trata-se afinal dos principais indicadores da “era dourada da família tradicional” (Aldous 1996) que marcaria os anos 50 do século XX nos EUA<sup>17</sup>. Esta família, utilizada como referência para a constituição dos ciclos de vida familiar, é também a família que subjaz ao modelo da família parsoniana<sup>18</sup>, onde os homens ocupam o

<sup>17</sup> Também a Europa de então assiste à predominância destes indicadores. Martine Segalen (1999) designa de “idade de ouro da nupcialidade francesa” o período que decorre entre 1930 e 1970, caracterizado de uma forma geral pela forte intensidade do modelo matrimonial, pela idade juvenil dos cônjuges, pelo fraco número de divórcios e ainda por uma taxa de fecundidade elevada.

<sup>18</sup> Em *Family, Socialization and Interaction Process*, Parson & Bales (1964), apontam como característica principal da família americana de então a segregação sexual dos papéis masculino e feminino. O papel ocupacional que o marido-pai desempenha constitui a fonte principal de rendimento e de status familiar, sendo por isso apelidado de “papel instrumental”. Quanto à mulher, ela é a responsável pelos assuntos internos da família: mulher, mãe e gestora do lar, assegura aquilo a que os autores chamam de “papel expressivo”. Enquanto que a mãe assegura a coerência interna do grupo, o papel masculino está

papel de “ganha pão” e as mulheres de “donas de casa”, uma “família mítica” como Joan Aldous (1996) a designa e que, apesar de constituir a norma, está muito longe da linearidade que o conceito de ciclo de vida familiar sugere. Fazendo uma viagem no tempo, também nos dias de hoje e no que respeita à parentalidade, são poucos os casais permanente e voluntariamente sem filhos (Silva & Covas 2000) e, apesar da diminuição generalizada do número médio de filhos por casal nos países ditos desenvolvidos, a percentagem de casais sem filhos no fim do período fértil permaneceu relativamente estável<sup>19</sup> (Silva & Covas 2000).

Neste contexto, a questão de saber se o conceito de ciclo de vida e, mais concretamente, a passagem da conjugalidade à parentalidade, se baseia numa sequência de fases estatisticamente média ou culturalmente prescrita afigura-se pois como uma questão extremamente interessante, a que Charlotte Höhn responde, afirmando que «alguns autores notam que a sequência típica não é estatisticamente média mas culturalmente prescrita» (Höhn 1990: 72), dada a forte pressão cultural no sentido da conformidade. Apesar de as pessoas se moverem ao longo da vida, tomando o que parecem ser decisões individuais sobre quando casar ou quando ter filhos, existe um elevado grau de previsibilidade para as famílias em geral (Klein & White 1996), precisamente porque este processo é largamente moldado pelo *timing* social e normas sequenciais, isto é, definido por normas sociais. Quer isto dizer que as transições de uma fase familiar para outra são previsíveis pela fase actual e pelo período de tempo ocupado com essa fase. Novas normas são acrescentadas com uma nova fase, daí que, apesar de a duração da fase ser uma medida temporal, comporta também elementos normativos relacionados com a expectativa de duração de uma determinada fase antes da qual um evento transicional e a fase consequente é inapropriado e improvável e após o qual a fase actual é, também ela, altamente inapropriada e improvável (Rodgers & White 1993). Assim, os eventos da vida tornam-se eles próprios instituições (Bengtson & Allen 1993) à medida que um número significativo de membros da sociedade os experiencia, criando expectativas em torno do tempo ideal para casar, dar à luz, ser avô ou reformar-se.

---

ancorado essencialmente no mundo profissional. Quanto às funções básicas e irredutíveis da família parsoniana, elas estão relacionadas com a socialização primária da criança e a estabilização da personalidade dos adultos de ambos os sexos.

<sup>19</sup> Em Portugal contudo e de acordo com os mesmos autores, a redução do número médio de filhos por casal fez-se acompanhar de uma redução da frequência de casais sem filhos (Silva & Covas 2000).

Independentemente da razão ou das razões pelas quais as pessoas casam ou, de uma forma mais ampla, decidem unir as suas vidas numa relação estável, com expectativas de durabilidade e reconhecida socialmente<sup>20</sup>, o certo é que muitos casais fazem seguir, nalguns momentos das suas vidas, à conjugalidade a parentalidade, também ela envolta numa visão positiva e romantizada, expressa no epílogo “...viveram felizes para sempre e tiveram muitos filhos”. A definição normativa e tradicional da parentalidade apresenta-a como «um tempo de alegria e satisfação e como uma função afectiva e socialmente “compensadora”, isto é, como “enriquecimento” individual e familiar, imprescindível para a realização total e completa do ser humano» (Relvas 1996: 79), invadindo os afectos não apenas a representação da conjugalidade como também da parentalidade (Almeida, André & Lalande 2002).

A entrada no casamento ou em uniões similares, marca assim, quase definitivamente, o início da “aptidão” para ter filhos (Groot & Pott-Buter 1992) e tornando-se a criança um atributo «quasi-obrigatório do casamento» (Monnier 1990: 73 *apud* Sporton 1993: 59). A união conjugal e a parentalidade, os principais marcos do ciclo de vida dos indivíduos (Groot & Pott-Buter 1992) estão assim ligados entre si de uma forma quase que determinista. Para estes autores, este facto está estreitamente relacionado com uma forma particular de olhar o processo reprodutivo como se de um engenho se tratasse, o qual, uma vez accionado (por meio da conjugalidade), põe em marcha uma força cinética que lhe permite entrar em auto-gestão, visível, a título exemplificativo, no facto de, usualmente, as pessoas antecederem a questão “para quando os filhos?” pela questão “para quando o casamento?” (Kein & White 1996) ou como quando às crianças ou jovens se dirigem expectativas perante o futuro lembrando que «“quando fores grande e te casares... depois vais ter um bebé”» (Alarcão 2000: 113).

A cultura ocidental é fortemente pró-natalista (McLaren 1997) e apesar de já não se esperar que as mulheres tenham muitos filhos, «uma enorme pressão normativa é exercida sobre as mulheres pelos governos, pelas igrejas e pela cultura popular no sentido de se “realizarem” tendo pelo menos um filho» (McLaren 1997: 295). Em termos histórico-sociais, também a

---

<sup>20</sup> A conjugalidade entende-se assim como consequência da formação do casal (Relvas 1996), assumida através do casamento formal ou de uma união à margem dessa consolidação “legal”. O desejo explícito de viver juntos, a criação de um lar e de um modelo relacional próprio traduz a formação do casal, de forma que «o casal surge quando dois indivíduos se comprometem numa relação que pretendem se prolongue no tempo» (Relvas 1996: 51).



tradição judaico-cristã contribui em larga medida para essa associação forte entre conjugalidade e parentalidade, muitas vezes mascarada pela associação explícita entre sexualidade e procriação. No imaginário colectivo cultural de grande parte dos países ocidentais, «Ele os criou Homem e Mulher. Abençoando-os Deus disse-lhes: “crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a Terra”» (Genesis I, 27-28).

A própria maternidade é construída como um papel social, estabelecido socialmente na infância e na adolescência sendo a relação mulher/mãe um dos pilares sobre os quais se constrói a identidade feminina (Martínez & Rodríguez 2000). Culturalmente, muitas meninas são socializadas por antecipação, através de brincadeiras infantis e da atribuição de responsabilidades para tomar conta de crianças, “preparando-as” para o desempenho de cuidados maternos dos seus próprios filhos (Kitzinger 1996, Alarcão 2000, Andrade 2002). Assim, as mulheres, que não são mães por natureza, transformam-se, pelas condições que a natureza lhes proporciona mas, sobretudo pela socialização, mães em potência. Por todas estas razões, mesmo na sociedade contemporânea, é visível a pressão social para assumir a maternidade e a parentalidade em termos mais amplos (Melkersson & Rooth 2000), criando esta fase uma grande expectativa, quer para o casal, quer para a sociedade envolvente, de tal forma que o casal que permanece sem filhos durante alguns anos depois do casamento começa a receber de forma mais ou menos subtil, dicas que o aconselha a “despacharem-se com isso” e a ter os filhos “enquanto é tempo” (Clayton 1979), havendo «uma espécie de consenso social que impõe uma mensagem oficial segundo a qual o casal só pode ser perfeitamente feliz depois do nascimento de um filho» (Ausloos 1996: 154).

De forma transversal a esta “pressão cultural no sentido da conformidade”, o poder normativo do vocabulário utilizado para classificar as mudanças familiares é particularmente significativo. As definições iniciais de tarefas de desenvolvimento consideravam que se certas condições e tarefas fossem atingidas em determinada fase então a família passaria com “sucesso” para a fase seguinte (Rodgers & White 1993), fundamentando assim uma relação causal entre fases e tarefas de desenvolvimento que, ao mesmo tempo, prescrevia uma forma correcta para proceder e empreender as diversas sequências familiares. Criticado pelos juízos de valor que podem estar associados à postura científica de considerar determinados factos como “sucessos” e outros como “fracassos” (Klein & White 1996), o conceito de tarefa de desenvolvimento foi

então reformulado para o conjunto de normas ou expectativas de papel que surgem numa fase particular da carreira familiar (Klein & White 1996), o que não o libertou todavia de um mesmo processo de rotulagem, em que as designações de “desviante” em contraste com “normal” ou “convencional” são utilizadas para significar a «aprovação ou desaprovação a certas formas de comportamento» (Höhn 1990: 73).

Foi neste contexto que Bernice Neugarten introduziu em 1965 e 1973<sup>21</sup> a ideia de estar “*on time*” e “*off time*” no ciclo de vida. Estas classificações não se baseiam tanto numa medição cronológica mas sobretudo normativa (Rodgers & White 1993), rotulando os eventos face ao conjunto de eventos particulares ou compromissos que são esperados e seguidos comportamentalmente pela sociedade para uma determinada fase familiar, o que em si não pode ser desligado do facto de os indivíduos, relações ou famílias estarem numa determinada idade, já que a sociedade prescreve um *timing* etário, próprio dos indivíduos, como também dos casamentos ou uniões de uma forma geral, em suma, das coortes de nascimento e de casamento, pincelando-as com “o toque normativo” (Höhn 1990) do ciclo de vida familiar. De facto, «os relógios sociais estabelecem expectativas comportamentais associadas a idades particulares» (Aldous 1996: 19), daí que as sequências dos eventos familiares estejam também ligadas a marcadores etários. Fornecem ao indivíduo um marco de referência se ele ou ela está “*on*” ou “*off time*” no casamento, ao tornar-se pai, ou a ver os filhos sair de casa (Aldous 1996). Quando as famílias ou os seus membros estão “*on time*” no desempenho das tarefas, têm a vantagem não apenas de ouvir as experiências dos seus pares mas também de observar onde os amigos desempenham bem ou mal determinados comportamentos relacionados com as tarefas. A solidão substitui o sentimento de “estamos todos no mesmo barco” quando as famílias ou os seus membros estão “*off time*” nas sequências das tarefas, desviando-se dos calendários sociais<sup>22</sup>. Esta solidão junta-se ao sofrimento

---

<sup>21</sup> Trata-se de um artigo em co-autoria com J. Moore e J. Lowe, publicado em 1965 no *American Journal of Sociology*, intitulado «Age norms, age constraints, and adult socialization» e de um capítulo escrito 8 anos depois, também em co-autoria por Bernice Neugarten e N. Datan, intitulado «Sociological perspectives on the life cycle» e publicado numa obra editada por P. W. Baltes e K. W. Schaie, sob o título *Life-Span developmental psychology: personality and socialization*.

<sup>22</sup> No desenvolvimento familiar, as variações e os desvios indicam o não respeito pela sequência normativa das fases familiares. Enquanto a variação é aleatória, o desvio é não aleatório e sistemático, daí que, quando praticado por um grande número de famílias, pode ser visto como fonte de mudança social. O desvio surge muitas vezes para alinhar o tempo familiar com o tempo de outras instituições não familiares, como a educação e o trabalho (Klein & White 1996).

da desaprovação social e pessoal associada ao adiamento ou “fracasso” das tarefas (Aldous 1996). Assim se classifica o ter filhos numa idade precoce ou avançada como “*off time*” e sequências como primeiro ter filhos e depois casar como “desorganizadas” (Kein & White 1996).

No conjunto das pressões sociais relacionadas com as experiências familiares e não obstante a interrelação entre as sequências dos eventos familiares e os marcadores etários, alguns autores (Goode 1982, Höhn 1990, Aldous 1996) defendem que muitas expectativas estão mais ligadas à fase do ciclo de vida propriamente dita do que à idade cronológica dos indivíduos<sup>23</sup>, sugerindo a pesquisa que a sequência das fases ou dos eventos é regulada de forma mais intensa que o *timing* em que as mesmas ocorrem (Klein & White 1996) ou seja, que o ciclo de vida familiar, enquanto sequência de fases ou eventos é provavelmente mais importante na explicação do comportamento familiar que a idade<sup>24</sup>.

É certo pois que muitos casais, e não poucos, optam por ter filhos quando poderiam, pura e simplesmente, evitá-los das mais diversas formas, seja antes, durante ou mesmo após a sua concepção (Easterlin 1978), o que nos conduz ao questionamento das motivações para ter filhos. Como vimos anteriormente, a sociedade pressiona os indivíduos para ter filhos. Todavia, outras motivações, mais “individuais” fazem parte do estudo da motivação para a parentalidade, um *puzzle* difícil de montar e cujas “peças” variam segundo os contextos sócio-culturais. Partindo da ideia de que, podendo evitá-los, os casais continuam a optar por ter filhos, Alessandro Cigno (1991) defende que isto só pode querer significar que os pais retiram alguma utilidade do número ou da qualidade dos seus filhos. De facto, o estudo da motivação para a parentalidade está largamente influenciado pela análise económica da fecundidade expressa na teoria da decisão (Beckman 1978, Easterlin 1978) que equaciona a questão de ter filhos em termos de uma decisão custo-benefício, consequência de um cálculo complexo e utilitarista que envolve a avaliação de vantagens e desvantagens esperadas como consequência da decisão de procriação, comparativamente a outras alternativas viáveis (Ryder 1972). Esta análise considera que a

---

<sup>23</sup> Como exemplifica Goode (1982), a agenda de uma mulher é muito mais moldada pela fase em que se encontra no ciclo de vida do que pela sua idade: uma mulher com 23 anos difere no seu dia-a-dia sobretudo pelo facto de ser casada, mãe ou permanecer solteira.

<sup>24</sup> David Klein e James White (1996) citam o exemplo dos militares americanos regressados da II Guerra Mundial que, apesar de conscientes da necessidade de encurtar o tempo entre os eventos familiares, não alteraram a ordem dos eventos nem tão pouco subtraíram eventos.

motivação para ter filhos é baseada numa espécie de balança dos gostos subjectivos contra constrangimentos de custo e de rendimento de forma a maximizar a satisfação dos casais. A racionalidade subjacente encara as crianças como um tipo de bem de consumo que traz satisfação, à semelhança dos bens económicos em geral. É certo que a racionalidade dos casais em matéria de fecundidade é a hipótese favorita dos economistas mas é ao mesmo tempo a mais contestada, não apenas por especialistas das outras disciplinas científicas mas também por economistas que a aceitam na compra de uma casa mas não para a concepção dos filhos (Lemennicier 1988).

Uma concepção mais ou menos arreigada de família vê nesta o “ninho” adequado à procriação. Tradicionalmente, a reprodução é vista como uma das principais funções da família (Murdock 1949, Morgan 1975), incluindo não apenas a procriação mas também a própria preservação da espécie humana. Para outros autores (Osório 1996), a reprodução liga-se à família não tanto por força da imperiosidade dos nascimentos ocorrerem dentro do casamento mas sobretudo pela importância das relações familiares nos cuidados ministrados aos recém-nascidos. Assim se “naturaliza” a parentalidade como consequência directa da constituição de família. Todavia, são inúmeras as motivações que podem determinar o desejo de ter filhos. Há casais que o fazem pela necessidade de procurar um sentido para a vida ou para afirmar uma identidade sexual (Andrade 2002), outros fazem-no por erro, por imitação, para substituir um filho falecido ou para reproduzir o clima da sua própria infância (Lemennicier 1988), ainda para encontrar a distribuição desejada de crianças por número e idade ou para equilibrar os sexos dentro da família (Ryder 1972). Por outro lado, eles oferecem também uma possibilidade de continuidade familiar. O prolongamento *post-mortem* faz-se não apenas por transmissão de um património genético (capacidade física, intelectual...), mas também humano (conhecimentos, valores, competências...) e financeiro (fortuna mobiliária ou imobiliária) e, por mais alternativas que as pessoas tenham, a verdade é que, dificilmente encontram no mercado «bons substitutos ao afecto e à imortalidade» (Lemennicier 1988: 139). Por último, mas não menos importante, este *puzzle* só fica completo quando tem como moldura o conjunto de valores (Moore 1972) que rodeiam a conjugalidade, a parentalidade, a fecundidade e o papel da criança na família, com as necessárias interrelações que estes valores estabelecem com um conjunto alargado de variáveis socioeconómicas, políticas ou religiosas.

Uma das principais questões de fundo que contribui para questionar os modelos racionais de motivação para a parentalidade está relacionada com a alteração profunda do papel da criança no seio da família (Ariès 1988), isto é, o facto de o custo da criança se ter alterado no sentido negativo (Mendes 1992). Nas sociedades agrícolas tradicionais, um grande número de filhos significava, antes de mais, um grande potencial de mão-de-obra. À medida que as sociedades se industrializam, esta mão-de-obra deixa de fazer sentido o que, aliado aos avanços notáveis no domínio da contracepção, permite aos casais fazer coincidir de perto a fecundidade desejada com a realizada e a necessária para a sua “satisfação” pessoal e relacional, o que é concomitante com o maior custo das crianças, visível no facto de depender em períodos cada vez maiores dos pais e exigir um conjunto diversificado de investimentos consideráveis como na escola ou na ocupação de tempos livres.

É grande pois o investimento afectivo que os pais depositam hoje nas crianças, operando-se uma mudança radical no ênfase na quantidade para a qualidade. Assumida como um ser vulnerável, a criança torna-se o centro de atenção e de afecto dos pais e é nela que está ancorada a ideia de família (Almeida *et al.* 1998). Apesar de hoje em dia os filhos não mais funcionarem como um “seguro de velhice” (Leiceaga 1999), permitindo prever uma velhice menos isolada e apoiada e assegurar dividendos no futuro aquando da inactividade, o investimento feito por parte dos pais é consideravelmente superior, conscientes de que, «mais ricos, mais saudáveis e mais bem educados, as pessoas têm mais oportunidades na vida» (Cigno 1991: 85). Por vezes o investimento é tal que mais parece que as pessoas “constróem” uma cópia à sua própria imagem ou àquela que gostariam de ter (Lemennicier 1988), espelhando uma imagem paradoxal de que, em certa medida, «a criança pode ser vista como um bem produzido pelos pais para o seu consumo» (Ryder 1972: 426), ainda que as satisfações da parentalidade sejam não-económicas por definição. Numa sociedade de consumo, as crianças são, assim, cada vez mais “um consumo caro”. Um filho é um “bem durável” que implica despesas de concepção, manutenção e criação ou produção e é neste contexto que o estudo das motivações para a parentalidade assume particular importância. Em qualquer dos casos, adequa-se a proposição paradoxal de que no casal “um e um são três”<sup>25</sup> para aludir ao papel dos filhos como prolongamento do casal e da relação. De facto,

---

<sup>25</sup> A própria Ana Paula Relvas (1996) adopta a expressão “um e um são três” da obra *Un et un font trois. Le couple révélé à lui-même* de P. Caillé, datada de 1991 e editada pela ESF, Paris. Para além da

eles pertencem mais à relação do que propriamente a qualquer um dos membros, constituindo assim o principal exemplo de “capital marital específico” (Waite & Lillard 1996), isto é, um recurso que vale substancialmente menos fora de uma relação particular que dentro dela. Ao mesmo tempo, o nascimento de um filho marca a passagem da díade conjugal à tríade relacional, na qual novas díades se arriscam a aparecer (Ausloos 1996). A conjugalidade abre-se à parentalidade e o casal ingressa numa carreira parental, em torno da qual giram as etapas do ciclo de vida familiar “clássico”, como o definiu Charlotte Höhn (1990), designadamente, ao abrir as portas para o nascimento de outros filhos, a sua entrada na escola, na puberdade, na adolescência, a autonomização e por fim a partida dos filhos e o “síndrome do ninho vazio” (Ausloos 1996).

Na medição do tempo familiar, o relógio que o ciclo de vida representa e os seus ponteiros da conjugalidade e da parentalidade consolidam a ideia de uma aparente sincronização do tempo familiar. Aparente apenas. As críticas endereçadas ao conceito e, muito especificamente, a normatividade associada à relação entre conjugalidade e parentalidade deixam ver neste um relógio imperfeito, incapaz de dar conta da diversidade de experiências familiares enfatizando, ao mesmo tempo, a imperiosidade de outros instrumentos conceptuais que permitam, de uma forma mais completa, dar conta da multiplicidade de “relógios familiares”.

### *A multiplicidade de “relógios familiares”*

Enquanto que para algumas pessoas a formação da família é assinalada ritualmente através da “marcha nupcial”, para outras, inicial ou definitivamente, a coabitação surge à margem das cerimónias nupciais e mesmo oficiais. Nas uniões, ambos os parceiros podem ser solteiros, mas um deles ou até ambos podem já provir de uma relação anterior. Por outro lado, os parceiros íntimos podem incluir casais heterossexuais mas também homossexuais. Alguns casais têm apenas

---

parentalidade e seguindo a mesma autora, a metáfora da complexidade e paradoxalidade que “um e um são três” traduz é também passível de ser aplicada à criação de um novo e específico modelo relacional pelo casal e sem o qual seriam dois estranhos, abandonando cada um o estatuto de “outro” e formando a díade conjugal; ao papel da sociedade na escolha do par e na evolução da sua relação, nos estatutos de homem e mulher, nas expectativas criadas e /ou impostas sobre aquilo que deve ser a relação homem-mulher e o casal; nas famílias de origem unidas pelo par ou na sua interferência mais ou menos consciente na escolha e na gestão das relações com os parentes por afinidade e ainda aos passados individuais de cada um dos elementos do casal, à reestruturação das relações com os antigos amigos ou à reformulação de valores e tipos de conduta previamente aceites e assumidos.

um filho, outros mais que um e outros ainda, voluntária ou involuntariamente, permanecem sem filhos toda a vida. Enquanto que algumas pessoas casam uma única vez e para a vida toda, “até que a morte os separe”, para outras a dissolução marital pode acontecer por força de uma separação ou divórcio, permanecendo sozinhas ou re-casando, encetando assim novos ciclos familiares e dando origem a várias famílias. Enfim, se considerarmos que o tipo de união, a existência e o número de filhos, a natureza sexual da união e a ordem de união não são variáveis isoladas mas antes variáveis que se podem combinar de diversas formas, temos então que famílias diferentes podem seguir uma variedade de caminhos em termos de *timing* e tipo de eventos familiares, que mais se assemelha a uma sequência de tentativas de Bernoulli (Courgeau & Lelièvre 1992).

O próprio Paul Glick, que em 1947 criou uma tipologia para a sequência dos eventos familiares, e que se tornaria a referência clássica do conceito de ciclo de vida familiar, alertava já para o facto de os diferentes tipos de família requererem os seus próprios horários (Aldous 1996), pelo que a ideia de um ciclo de vida familiar baseado num conjunto de padrões de mudanças predeterminadas, previsíveis e invariantes não é de todo compatível com os diversos caminhos adoptados pelas famílias (Rodgers & White 1993).

Numa tentativa de combater a pretensa universalidade do conceito de ciclo de vida familiar clássico, outras tipologias têm sido apresentadas (Feichtinger 1990, Höhn 1990). Mais diversas, mais completas e mais abertas a outras realidades, são no entanto e à semelhança da primeira, também elas tipologias herméticas, que acabam por catalogar, tipificar e rotular a diversidade de estruturas familiares, numa ânsia de abrangência absoluta, anulando a especificidade das histórias de vida familiares<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup> É com vista a ultrapassar a limitação inerente às etapas rígidas de um único ciclo de vida familiar que uma demógrafa germânica, Charlotte Höhn (1990), propõe uma tipologia de 10 cursos de vida, considerando-os necessários para dar conta da variedade de tipos de família. Esta tipologia distingue cinco tipos principais de cursos de vida, que englobam os primeiros e puros casamentos estáveis; os puros recasamentos estáveis; os casamentos mistos estáveis; os casamentos instáveis sem recasamento e os nunca casados. A tipologia desdobra-se depois, encontrando para cada um destes tipos particulares de cursos de vida, situações em que existem crianças e outras em que não existem crianças. Neste caso, as crianças surgem como particularidades de um casamento (não contabilizando portanto as crianças por mulher, que poderão ter origem num outro casamento) e, por outro lado, a noção de casamento inclui aqui as uniões consensuais, uma vez que, para efeitos analíticos, a intenção subjacente à união é mais importante que o laço formal que consagra essa mesma união. Porque esta tipologia pode variar bastante em função do

Paralelamente às críticas endereçadas ao conceito de ciclo de vida familiar<sup>27</sup>, um conjunto de factores relativamente recentes, têm contribuído para afastar de vez a ideia de uma uniformidade das sequências familiares, vendo nela uma conclusão tão limitada quanto etnocêntrica. Ao mesmo tempo que estas alterações confirmam as limitações inerentes ao conceito de ciclo de vida familiar, confirmam indirectamente a necessidade de outros instrumentos conceptuais para descrever as sequências familiares.

Para Andrée Michel (1983), a “perturbação” dos ciclos de vida familiar prende-se essencialmente com uma dissociação maior da sexualidade e da fecundidade, uma maior tolerância em relação à união livre ou à família monoparental e o prolongamento da esperança média de vida à nascença. Um dos factores deste triângulo relacional está então relacionado com a expansão da contracepção, de forma mais acentuada a partir de meados do século XX, e que permite dissociar, progressivamente, a conjugalidade e a sexualidade em geral da fecundidade, sem necessidade de recorrer ao celibato ou ao recuo da idade do casamento, como propunha Malthus. As consequências para o ciclo de vida familiar tradicional decorrentes das alterações nos padrões da fecundidade têm que ver essencialmente com o adiamento da entrada na conjugalidade, da idade

---

número de crianças incluída na categoria “com crianças”, a autora propôs mais tarde uma nova tipologia de 12 tipos de cursos de vida (Höhn 1990), construída com base nos critérios do número de filhos, a estabilidade da união e ainda a presença de crianças de casamentos anteriores. Nesta nova tipologia inclui (A) Primeiros e puros casamentos estáveis - (1A) Sem filhos, (2A) Com um filho, (3A) Com dois filhos, (4A) Com três ou mais filhos; (B) Puros recasamentos e casamentos mistos, estáveis e sem crianças de uma união inicial - (5B) sem filhos do actual casamento, (6B) com filhos do actual casamento; (C) Puros recasamentos e casamentos mistos, estáveis e com crianças de uma união anterior (indicando o número médio) - (7C) sem filhos do actual casamento, (8C) com filhos do actual casamento; (D) Casamentos instáveis, sem recasamento - (9D) sem filhos, (10D) com filhos e (E) Nunca Casados - (11E) sem filhos, (12E) com filhos. Um outro exemplo concreto da identificação de vários tipos de ciclos de vida é por exemplo o utilizado por Gustav Feichtinger (1990). Com o objectivo de estudar a *performance* reprodutiva das mulheres, o autor, ao estudar as famílias, elegeu como ponto de partida as mulheres com 50 anos completos (dado que depois dessa idade os primeiros casamentos são muito raros e o processo reprodutivo está completo) utilizando para o efeito uma classificação especial. O próprio autor chama a atenção para o facto de esta não ser uma classificação genuína dos ciclos de vida familiar, mas antes apresentar os ciclos de casamento como uma base para estudar a *performance* reprodutiva até à idade de 50 anos. É então neste contexto que o autor distingue entre os casos em que a mulher morre antes dos 15 anos de idade, ao que chama o ciclo abreviado de não-casamento; os casos em que a mulher sobrevive até aos 50 anos de idade mas nunca casa, o ciclo de não-casamento celibatário; os casos em que a mulher casa mas morre antes dos 50 anos de idade, situação apelidada de ciclo de casamento incompleto; a situação em que a mulher casa, sobrevive até aos 50 anos de idade mas é divorciada ou viúva, chamado o ciclo de casamento truncado e ainda, um último caso em que a mulher sobrevive até aos 50 anos de idade e é casada, chamado de ciclo de casamento completo.

<sup>27</sup> Cf. “O ‘toque normativo’ do tempo familiar” no início desta parte.



média à primeira maternidade e com a diminuição da dimensão média familiar (Hantrais 1993 *apud* Daly 1996), o que se traduz no aumento, ainda que temporário, de casais sem filhos ou com apenas um, perante os quais o esquema classificatório do ciclo de vida familiar perde operacionalidade, no primeiro caso porque resume as etapas do ciclo de vida a apenas duas – formação e dissolução e, no segundo caso, porque as etapas se centram na existência de apenas um filho.

A maior tolerância em relação à união livre ou às famílias monoparentais, de que fala Andrée Michel (1983), traduz o reconhecimento social generalizado da proliferação de formas de família não “tradicionais” (Aldous 1996), onde se incluem não apenas as uniões de facto ou as famílias monoparentais mas também as famílias reconstituídas, uniões de homossexuais ou casais sem filhos. Neste contexto, a ruptura conjugal por força da separação ou divórcio desempenha um papel bastante importante no questionamento da noção de ciclo de vida familiar que via apenas na morte dos cônjuges a única forma de dissolução da família. Assim, ao mesmo tempo que a separação se apresenta como uma alternativa à morte para simbolizar o encerramento dos ciclos de vida familiar, pode dar início a outros ciclos de vida, como acontece com as famílias monoparentais ou reconstituídas. De facto, como afirma Nathan Keyfitz, «todos morrem uma vez, mas alguns indivíduos casam e divorciam-se muitas vezes» (Keyfitz 1990: 10) e o aumento do divórcio faz querer que os casais de hoje parecem estar dispostos a dar ao casamento várias hipóteses (Aldous 1996). Ao mesmo tempo, o casamento adia-se para mais tarde, numa altura em que os jovens e sobretudo as mulheres estão dele menos dependentes e em que o acesso generalizado à educação, a maior participação no mercado de trabalho e o aumento no acesso à sexualidade pré-marital tornaram o estar solteiro mais aceitável do que outrora (Aldous 1996).

Por último, Andrée Michel (1983) cita o prolongamento da esperança média de vida como causa da “perturbação” dos ciclos de vida familiar. A conquista sobre a morte, graças em parte à melhoria das condições de vida e aos progressos médicos tem como consequência que «o aumento da vida física média permite ao homem médio viver *uma vida biologicamente completa*, ou seja, que compreenda uma infância, uma adolescência, uma idade madura e uma velhice» (Fourastié 1985: 337). O papel desempenhado pelo aumento da esperança média de vida no ciclo de vida familiar é de facto notável e exige comparar os ciclos de vida numa época, como a

tradicional, em que, «a morte estava no centro da vida, como o cemitério no centro da vila» (Fourastié 1985: 338), para uma outra em que as pessoas vivem bastante mais tempo<sup>28</sup>.

Este fenómeno relativamente recente, a que Alain Girard chamou “a grande revolução” (Girard 1984) e cujas origens indefinidas se podem situar em meados do século XVIII, traria consequências novas e globais ao mundo ocidental. A conquista sobre a morte ou o recuo da morte faz com que a família em particular conheça modificações de estrutura e de dimensão (Girard 1984) que ocorrem pelo simples facto de o homem, ainda que permaneça mortal, consiga levar mais longe o desejo de imortalidade<sup>29</sup>. Vencer a morte é, por outras palavras, prolongar cada vez mais a vida, o que ajuda a compreender em parte as alterações no ciclo de vida: o adiamento de algumas das fases como o casamento, o nascimento do primeiro filho ou a saída dos filhos de casa, mas também o aumento do tempo de vida conjunta do casal (Relvas 1996) com todos os riscos de ruptura que isso implica e a coexistência, durante períodos de tempo consideravelmente superiores, entre, pelo menos três gerações diferentes dentro da família, ou, por outras palavras, o prolongamento do período pós-parental, cujas incidências psicológicas e sócio-económicas são consideráveis (Michel 1983) para uma geração adulta que tem de dar apoio por mais tempo aos seus filhos jovens e dependentes mas também aos seus pais idosos, muitas vezes também dependentes. Como afirma Joan Aldous (1996), em contraste com os papéis

---

<sup>28</sup> Jean Fourastié (1985) descreve de forma notável a diferença abissal entre os ciclos de vida da época tradicional relativamente à contemporânea, socorrendo-se para isso do exemplo da vida de um pai de família médio, casado pela primeira vez aos 27 anos em finais do século XVII: «Nascido dentro de uma família de 5 filhos, não viu senão apenas metade deles chegar à idade dos 15 anos; ele próprio teria 5 filhos, tal como o seu pai, de onde apenas dois ou três estariam vivos à hora da sua morte. Este homem, que viveria em média até aos 52 anos, poderia entrar na categoria venerada dos “anciãos”. Ele teria visto morrer na sua família directa (sem falar de tios, sobrinhos e primos), uma média de 9 pessoas, entre as quais, um dos seus avós (os outros já teriam morrido aquando do seu nascimento), os seus dois pais e três dos seus filhos. Teria enfrentado dois ou três períodos de fome e três ou quatro de grande carestias, relacionados com os maus anos agrícolas que aconteciam em média de 10 em 10 anos. Teria ainda conhecido as doenças dos seus irmãos, filhos, esposas e dos seus pais e amigos. Teria também enfrentado duas ou três epidemias de doenças infecciosas, sem falar das epidemias quase permanentes como tosse convulsa, escarlatina e difteria que todos os anos faziam muitas vítimas. Teria também sofrido diversos males físicos, como dentários e de cura de ferimentos. Em suma: os espectáculos de miséria, de má formação e de sofrimento eram constantes aos seus olhos. A diferença relativamente aos dias de hoje é de facto notável.» (Fourastié 1985: 337-338). Tudo é diferente, desde a idade ao casamento, o nível de fecundidade, o controlo da mortalidade, o controlo da dor ou a esperança de vida à nascença.

<sup>29</sup> As mudanças nos padrões da mortalidade não apenas expandiram a duração das vidas individuais e das relações familiares, como também tornaram a morte bem mais previsível, transformando a morte “prematura” numa crise como nunca até agora (Hagestad 1986 *apud* Daly 1996: 26).

maritais, os indivíduos de hoje parecem estar mais dispostos a desempenhar ambos os papéis parentais e de filhos por períodos mais longos do que antes.

Existe de facto todo um conjunto de factores que revelam a vitalidade da família enquanto unidade em transformação permanente e que implicam novas vicissitudes no ciclo de vida da chamada “família típica” da sociedade ocidental (Relvas 1996). Para Martine Segalen (1999) é o prolongamento da esperança de vida e a coexistência de várias gerações que estão na base da «emergência da dimensão do longo prazo da família» (Segalen 1999: 215) na Sociologia a partir dos anos 70 do século XX e cuja fermentação levou à criação de instrumentos de investigação e de um novo vocabulário capaz de apreender e designar esta realidade agora descoberta e onde a ideia de continuidade é uma ideia subjacente.

A progressiva substituição do conceito de ciclo de vida familiar pelo de carreira familiar – parte da segunda fase de maturação da teoria do desenvolvimento da família (Klein & White 1996) –, representa a primeira tentativa conceptual para dar resposta ao reconhecimento de que existe uma elevada probabilidade de uma coorte experienciar múltiplos percursos familiares. Situando-se numa orientação mais longitudinal, vê na família a possibilidade de uma sequência infundável de experiências (Bumpass 1984) ao mesmo tempo que exige uma análise da mudança na família que não se limite apenas ao grupo doméstico mas que seja lida em paralelo com o contexto em que está envolvida. É precisamente para as interrelações entre a família e o meio que o conceito de “carreira familiar” chama a atenção, apresentando-se assim como um instrumento conceptual mais apto a transmitir a “dimensão de longo prazo” (Segalen 1999) da família. De facto, o reconhecimento desta dimensão não é de todo compatível com um conceito de ciclo de vida familiar que tendia claramente para uma associação metafórica de processos simples e cíclicos, ao mesmo tempo que sugeria um conjunto fixo de fases sobre as quais os indivíduos passavam e que eram vistas como normativamente centrais relativamente a outras passos e movimentos vistos como desvios ao ciclo central (Morgan 1996).

Foi Roy Rodgers quem, em 1964, num artigo intitulado «Toward a theory of family development» e publicado no *Journal of Marriage and the Family*, forjou o termo “carreira familiar”<sup>30</sup>

---

<sup>30</sup> Trata-se da formulação sistemática do conceito, já que algumas conceptualizações haviam sido feitas anteriormente, quer pelo sociólogo Bernard Farber em 1961 num capítulo intitulado «The family as a set of mutually contingent careers» publicado em *Consumer behaviour: Models of household decision-making*,

(Aldous 1996). Composta pela intersecção entre as diversas sub-carreiras<sup>31</sup>, o termo carreira é “emprestado” da área profissional (Aldous 1996) e baseia-se na ideia de uma sequência de eventos esperada que demarcam a existência familiar desde o início à sua dissolução, na qual as fases actuais são afectadas pelo passado e não simples fases que se sucedem de forma teleológica com o objectivo de fechar um círculo (Klein & White 1996).

A carreira familiar é composta por todos os eventos e períodos de tempo (fases) entre eventos atravessados pela família, isto é, a ligação sequencial das diversas fases ao longo da história de vida familiar<sup>32</sup> (Rodgers & White 1993), entendida assim numa perspectiva mais global, como todo o “caminho” (Relvas 1996) que a família tem de percorrer, em particular, a família nuclear. Desta forma, a carreira familiar comporta duas *interfaces* de desenvolvimento: indivíduo/grupo familiar e família/meio sócio-cultural, o mesmo é dizer que integra no seu seio factores de índole diversa com a dinâmica interna do sistema, os aspectos e características

---

editado por N. Foote, quer pelo próprio Roy Rodgers quando em 1962 publicou uma versão da sua tese de doutoramento apresentada à Universidade de Minnesota, sob o título *Improvements in the construction and analysis of family cycle categories*.

<sup>31</sup> É possível distinguir na carreira familiar quatro mas interrelacionadas subcarreiras (Feldman 1975 *apud* Clayton 1979: 30), designadamente a carreira de experiência sexual, a carreira marital, a carreira parental e a carreira dos pais adultos. Quanto à carreira de experiência sexual e, não obstante o facto de cada parceiro ter a sua carreira sexual individual, as duas carreiras unem-se numa só com a união conjugal (legalizada ou não), o que não quer contudo dizer que se mantenham exclusivas, sendo que as separações, o divórcio e as re-uniões a tornam cada vez mais complexa. No que diz respeito à carreira marital, esta tem início com a constituição de uma união, dissolvendo-se de forma legal através da morte ou do divórcio. Entendida para além do casamento e englobando também as uniões de facto, o fim dessas uniões representa igualmente o termo da carreira marital. A carreira parental é a carreira que decorre do nascimento dos filhos, começa com a concepção de uma criança e continua até à morte de modo que, mesmo quando a união termina, a parentalidade permanece. Como afirma Ana Paula Relvas, «a parentalidade é para sempre. Nela não há férias nem reforma. Em relação aos filhos não se aceita o divórcio. A não-parentalidade não pode ser recapturada» (Relvas 1996: 82), gozando de uma propriedade irrevogável, pela qual «podemos ter ex-esposas e ex-empregos mas não ex-filhos» (Rossi 1968 *apud* Clayton 1979: 24). Decorrente da parentalidade como um compromisso vitalício, que dura até à morte dos pais ou dos filho, a última sub-carreira considerada, isto é, a carreira dos pais de adultos é a carreira que se estabelece na fase em que os filhos já saíram de casa, fase que se caracteriza por alterações nos laços de dependência que unem os filhos aos pais à medida que estes envelhecem.

<sup>32</sup> A noção de carreira está assim mais próxima da reformulação da teoria do desenvolvimento familiar proposta por Roy Rodgers e James White (1993). Segundo estes autores, o processo de desenvolvimento familiar caracteriza-se por uma tripla dimensão, designadamente, o processo é estocástico, isto é, apesar de conter algumas dependências e ainda que essas dependências sejam conhecidas o processo não é absolutamente determinado; a etapa actual ocupada por uma família afecta a probabilidade da sua transição para qualquer fase seguinte (o processo sequencial é discreto e não contínuo) e a duração de tempo ocupado numa fase afecta a probabilidade de transição para outra fase.

individuais dos parceiros, pais ou filhos e as interações daí resultantes, mas também a relação com os vários contextos em que a família se insere<sup>33</sup>, seja a sociedade em termos globais, sejam outros subsistemas como a escola ou o mercado de trabalho, com os quais mantém interações.

Contrariamente ao conceito de ciclo de vida familiar que colocava o ênfase no indivíduo, sem referência a outros processos colectivos mais amplos que tendem a moldar as experiências familiares, a noção de carreira familiar afasta-se de uma pesquisa essencialmente descritiva (Clayton 1979) no sentido de catalogar as diferentes fases da família e as tarefas de desenvolvimento que, em cada uma dessas fases, são exigidas à família, tornando o mais inteligível o calendário familiar (Aldous 1996), ao colocar as famílias no seu contexto social e histórico para compreender as fontes de mudança. Os indivíduos estão ligados à comunidade mais alargada na educação, política, trabalho, instituições de bem estar e pela participação simultânea dos seus membros nestas instituições (Aldous 1996), o que se torna importante para analisar a forma como o *timing* e o conteúdo de fases anteriores nas histórias individuais e familiares afectam os padrões de interacção actuais.

Em *Family Careers - rethinking the developmental perspective* (Aldous 1996), ao reescrever *Family Careers* datado de 1978, Joan Aldous acredita ser ainda possível utilizar o conceito de carreira familiar para determinar se há, subjacente à diversidade familiar, um conjunto de regularidades no *timing* de mudança e nas transições entre fases e nas fases em si mesmas, que atravessam a composição familiar, classe e diferenças étnicas<sup>34</sup>. Assim, as mudanças familiares que enfatiza são as que um grande número de famílias experiencia ao longo do tempo. O modelo que Joan Aldous (1996) defende baseia-se nas principais alterações registadas no *status* familiar e que se devem ao seguinte: (a) estabelecimento de relações entre dois indivíduos através de coabitação, casamento,

---

<sup>33</sup> Para além das mudanças nos ciclos de vida familiar que ocorrem por força de dinâmicas internas à vida familiar, como as alterações na composição familiar decorrentes de casamentos, nascimento de crianças e sua saída de casa, estes mesmos eventos podem ser afectados, no seu *timing* e frequência, por tendências históricas no contexto social. Segundo Joan Aldous (1996), os homens apressam os casamentos quando estão para ir para a guerra e adiam-nos quando os tempos são difíceis. Foi isto que aconteceu, por exemplo, durante a Grande Depressão nos anos 30 do século XX, que levou muitos jovens a adiar o casamento e a casarem-se depois mais cedo nos anos 50 quando as melhores condições o permitiam.

<sup>34</sup> A aplicação da metáfora sistémica às carreiras familiares ajuda a clarificar a questão de como algo que está em fluxo constante pode, ao mesmo tempo, manter a continuidade necessária para que possa constituir o grupo a que chamamos família (Aldous 1996).

divórcio e recasamento; (b) adopção de papéis parentais, de “novos pais”, de avós ou permanecer sem filhos e (c) frequentar a escola e papéis ocupacionais com as possíveis, entradas, saídas e perdas ao longo do tempo. Estas alterações envolvem mudanças na composição do número de membros das famílias e alterações nas expectativas normativas sobre os membros das famílias, sobretudo das crianças à medida que estas crescem. De forma semelhante ao conceito de ciclo de vida, o conceito de carreira familiar permite também olhar para segmentos particulares da família e determinar as características especiais dessa fase que a tornam qualitativamente diferente da que a antecede e procede, fornecendo assim *standards* de comparação (Aldous 1996), que permitem ao investigador ter ideia sobre as vulnerabilidades particulares de uma família ao conhecer o ponto em que se situam nos relógios familiares e, em certa medida, fazer predições sobre as mudanças e os comportamentos esperados nas famílias.

Apesar de os defensores da teoria do desenvolvimento familiar terem respondido às diversas críticas propondo fases específicas para outros tipos de família que não a nuclear e de terem substituído o conceito de ciclo de vida familiar pelo de carreira familiar, o carácter original do desenvolvimento familiar através de fases hierárquicas e universais continua subjacente à teoria (Bengtson & Allen 1993). Isto justifica aliás o facto de que, não obstante as diferenças conceptuais entre os conceitos de ciclo de vida familiar e carreira familiar, alguns autores (Nye & Berardo 1973, Aldous 1996) utilizam os dois termos indistintivamente, referindo-se, em ambos os casos às sequências esperadas no desenvolvimento da família<sup>35</sup>.

Perante o conjunto de críticas endereçadas ao conceito de ciclo de vida familiar e face à diversidade de mudanças globais que após os anos 50 do século XX a família enfrenta, alguns autores (Höhn 1990, Morgan 1996) propõem como alternativa aos conceitos de ciclo e carreira familiar o de “curso de vida”. A perspectiva do curso de vida apresenta-se como uma perspectiva

---

<sup>35</sup> Nye e Berardo (1973) relembram como «o conceito de ciclo de vida familiar, algumas vezes apelidado de carreira familiar, tem sido utilizado por sociólogos e outros para descrever e analisar as mudanças na estrutura e organização familiar que ocorre ao longo do tempo» (Nye e Berardo 1973: 533) e Joan Aldous (1996), não obstante as críticas endereçadas ao conceito de “ciclo de vida familiar”, adverte que, ao longo do livro, utilizará o termo indistintamente por forma a evitar a monotonia decorrente da referência constante ao conceito central no âmbito da teoria desenvolvimentista por apenas um termo, o de carreira familiar. A este propósito, também Ana Paula Relvas lembra que «o ciclo vital da família, conceito-chave desta abordagem, expressa e integra uma perspectiva desenvolvimentista: representa um esquema de classificação em estádios que demarcam a tal sequência previsível de transformações, diferenciando fases ou etapas no que alguns autores designam por “carreira família”» (Relvas 1996: 17).

analítica que, resultado da confluência de diversas orientações teóricas e metodológicas, parece particularmente promissora para lidar com as questões da mudança ao longo do tempo e que está a emergir como um novo paradigma nos estudos dos desenvolvimento da família (Bengtson & Allen 1993)<sup>36</sup>, ao envolver uma abordagem contextual, processual e dinâmica no estudo da mudança ao longo do tempo de vida dos membros individuais da família e das próprias famílias enquanto unidades sociais que mudam ao longo de períodos históricos.

Desenvolvido pelo sociólogo Glen Elder e pela historiadora Tamara Hareven (Bengtson & Allen 1993, Segalen 1999)<sup>37</sup>, apresenta-se mais operativo que o ciclo de vida familiar ao associar de forma mais próxima as etapas mais importantes da vida individual, como a entrada no mercado de trabalho, o casamento ou a reforma, às transformações familiares, como também às transformações sociais mais amplas (Segalen 1999). De facto, ao passo que o conceito de ciclo de vida familiar centrava a sua análise no grupo doméstico e, de forma mais específica, no lar nuclear, o conceito de curso de vida familiar analisa «as inter-relações entre trajectórias individuais, transformações familiares à escala de uma vida e transformações sociais nas suas

---

<sup>36</sup> Estas autoras defendem que a perspectiva do curso de vida constitui um novo “paradigma”. Entre o micronível do indivíduo e da psicologia e o macronível da sociedade e da história situa-se o ponto de análise que nos ocupa aqui: a família enquanto um grupo pequeno e enquanto instituição: a família inclui pessoas em interação, dinâmica e em desenvolvimento ao longo do tempo, cujos comportamentos, necessidades e diversas trajectórias de carreira são por vezes confluentes, outras vezes em conflito. Tudo isto está relacionado com a sociedade e as instituições sociais (Bengtson & Allen 1993).

<sup>37</sup> De facto, a primeira aplicação sócio-histórica do curso de vida ao estudo das famílias pertence a G. H. Elder (1974) em *Children of the Great Depression: social change in life experience* e a T. K. Hareven (1978) com *Transitions: the family and the life course in historical perspective* (Bengtson & Allen 1993). Todavia, alguns dos seus métodos e conceptualizações foram propostos há mais de 100 anos quando E. S. Rowntree em 1901 com a obra *Poverty: A study of town life*, tentou explicar a persistência da pobreza na confluência entre o curso de vida individual e as exigências económicas da família (Bengtson & Allen 1993). Também o estudo sobre os imigrantes polacos na América, conduzido por W. I. Thomas e F. Znaniecki em 1918 com *The Polish peasant in Europe and America* e a descrição da vida familiar nas cidades médias americanas, conduzido por R. S. Lynd e H. M. Lynd em 1937 com *Middletown in transition*, chama a atenção para três aspectos importantes na análise do curso de vida com aplicação nas famílias: ligação ou relação entre o desenvolvimento individual (idade, ontogenético), tempo geracional (ciclo familiar) e o contexto socioeconómico (Bengtson & Allen 1993). A partir dos anos 30, várias orientações teóricas, quer dentro da Sociologia, quer multidisciplinares, contribuíram de uma forma mais sistemática para a aplicação desta perspectiva à família, designadamente, a forma como o tempo, o contexto e os significados estão relacionados com os padrões familiares, onde se destaca: o desenvolvimento humano e da criança/tradição do desenvolvimento humano; a psicologia do desenvolvimento da duração de vida (*life span*); a teoria do desenvolvimento da família; a Sociologia da estratificação etária; o estudo sócio-histórico das famílias e o paradigma do curso de vida (Bengtson & Allen 1993).

repercussões cruzadas (guerra, emigração, desemprego, etc.)» (Segalen 1999: 218). A análise deixa então de se centrar essencialmente nas etapas da vida familiar mas sobretudo nos momentos de transição entre etapas (Morgan 1996, Segalen 1999) que traduzem uma inextricável importância individual, familiar e social, lembrando que os processos de desenvolvimento são, simultaneamente, ontogenéticos e sociogenéticos (Bengtson & Allen 1993).

A perspectiva do curso de vida assemelha-se assim bastante ao espírito do conceito de carreira familiar (Aldous 1996) enquanto novo instrumento conceptual capaz de dar conta da mudança familiar sugerindo, mais facilmente, ligações entre as alterações nas famílias e nos indivíduos e a forma como essas alterações estão ligadas a movimentos mais amplos de mudança histórica, sem implicar qualquer modelo normativamente dominante (Morgan 1996). A noção de curso de vida chama a atenção para o facto de as carreiras e trajectórias dos indivíduos não se limitarem às experiências delimitadas da família mas também do trabalho, da educação e de outras esferas, quer públicas, quer privadas. A ideia chave que o conceito de curso de vida acrescenta às análises sobre desenvolvimento e mudança e em particular ao conceito de carreira familiar é precisamente a importância dos significados sociais que são aplicados aos eventos da vida, ao desenvolvimento individual e ao desenvolvimento das relações ao longo do tempo (Bengtson & Allen 1993). É certo que este ênfase não é totalmente novo nos estudos sobre a família, todavia, o que é novo é o ênfase concedido à forma como a sociedade dá ou atribui significado social e pessoal à passagem do tempo biológico (Hagestad 1990 *apud* Bengtson & Allen 1993). Assim se relacionam as questões de idade e tempo com um olhar especial nos momentos de transição, isto é, os pontos de viragem que ganham significado no contexto familiar, que podem ou não ocorrer, variar em termos de *timing*, de pessoas envolvidas ou até no significado social, mais do que nas fases em si (noções fixas de períodos de tempo sobre os quais é suposto que os indivíduos passem e que têm claros pontos de demarcação, como acontecia com o ciclo de vida) mas que, em qualquer dos casos, implicam reajustes, adições ou subtracções no conjunto das relações familiares (Morgan 1996).

A orientação sociológica vai assim enfatizar a importância dos significados sociais anexados aos eventos da vida e o contexto social no qual eles emergem e são reconhecidos. Significados sociais esses socialmente construídos, reconhecidos e partilhados, pelo que a ideia de existência de contextos temporais múltiplos de desenvolvimento constitui uma suposição básica



para o curso de vida. O tempo ontogenético da biografia individual relacionado com os níveis de desenvolvimento que caracterizam os indivíduos à medida que estes crescem, mudam e envelhecem desde o nascimento à morte, o tempo geracional dos eventos ou transições familiares que alteram as interações e relacionados com a posição do indivíduo na descendência biossocial de uma família de procriação e sucessão e o tempo histórico que, relacionado com a dimensão macrosocial do tempo, situa os eventos no contexto social mais amplo que alteram papéis ou valores de indivíduos e famílias faz com que, em suma, o curso de vida se preocupe com o *interface* entre as biografias individuais ou pessoais e o tempo socio-histórico (Bengtson & Allen 1993) ou, segundo David Morgan (1996) como o tempo familiar se tece com outros tempos e calendários.

Para David Morgan, é certo que a ideia de curso de vida ainda transporta ideias de linearidade e uma orientação futura (Morgan 1996), todavia, contribui para uma compreensão mais clara do facto de os indivíduos não passarem “automaticamente” de uma fase para a outra como o conceito de ciclo de vida fazia crer. Transportam consigo memórias, selectivas e desordenadas de transições anteriores, relativas ao seu curso de vida e ao de outros também. Assim, mais do que um simples conjunto de mudanças do passado para o presente e para o futuro, o que há são séries de interações modificadas continuamente entre o presente, passados seleccionados e futuros projectados (Morgan 1996).

O conceito de carreira familiar e, de forma mais clara o de curso de vida baseiam-se no princípio de uma perspectiva sociogenética das mudanças e do desenvolvimento familiar, permitindo dar conta de forma mais adequada de três aspectos fundamentais do desenvolvimento humano: a maleabilidade do indivíduo em relação com o ambiente, a complexidade do ambiente social e o conhecimento social ou as normas partilhadas que influenciam o desenvolvimento (Bengtson & Allen 1993), em contraste com a visão que enfatiza as tendências centrais, categorias modais e as transições universais propostas pelo conceito de ciclo de vida. Não obstante e paradoxalmente, acabam por traçar a forma como os eventos significativos são esperados ao longo do tempo, ainda que adaptados a um determinado contexto social e sem um prescrição rígida (Aldous 1996), não conseguindo por essa razão libertar-se totalmente do “toque normativo” associado do tempo familiar. Ao contextualizar a análise das mudanças familiares no conjunto de mudanças institucionais a que os indivíduos e as famílias estão

sujeitos, estes conceitos, continuam a analisar as sequências normativamente esperadas. Isto acontece porque as sequências do desenvolvimento familiar são atravessadas por sequências normativas trans-institucionais (Rodgers & White 1993), que relacionam por exemplo educação, trabalho e família, prescrevendo uma sequência normativa que faz seguir ao fim dos estudos o encontrar emprego e a este a constituição de família (Aldous 1996).

À prescrição normativa do ciclo de vida familiar, o curso de vida surge como infinitamente variado, na medida em que tem um fim aberto, concomitante com a constatação de que os indivíduos permanentemente recriam o seu passado, constroem o presente e moldam o futuro (Gergen 1980 *apud* Daly 1996). Assim, o conteúdo dos papéis desempenhados pelas pessoas parece cada vez mais individualizado e não o resultado de normas rigidamente prescritas (Aldous 1996). Todavia, uma visão mais moderada (Seltzer & Troll 1986 *apud* Daly 1996) defende que o curso de vida é em parte auto-determinado e único e em parte influenciado por expectativas culturais comuns, bem como por observações das trajectórias de vida das gerações passadas, o que molda uma “história de vida esperada”, chamando assim a atenção para a importância desempenhada pela forma como os vários temas familiares são transmitidos ao longo de gerações e como os objectivos e expectativas individuais desempenham um papel na determinação do curso actual dos eventos vitais (Daly 1996).

Na leitura dos calendários familiares, o conceito operativo de ciclo de vida familiar perspectiva os diversos eventos em torno de sequências normativamente esperadas. Como sintetiza Charlotte Höhn, este conceito «coloca o ênfase nos casamentos estáveis (por vezes excluindo os casamentos sem filhos), negligencia os divórcios, as famílias incompletas e os recasamentos. O ciclo de vida familiar é portanto um conceito parcial» (Höhn 1990: 72), fundado numa aparente sincronização dos tempos familiares e que deixa antever a imperiosidade de novos instrumentos conceptuais que permitam, de uma forma mais completa, dar conta do desenvolvimento e da mudança nas relações familiares e em última instância, da multiplicidade de “relógios familiares”. Alguns conceitos mais próximos da diversidade familiar como o de carreira familiar e sobretudo o de curso de vida chamam, progressivamente, a atenção para estes relógios familiares e para o facto de as transições ocorridas serem mais que simples assuntos intra-familiares, resultando de uma interacção inextricável entre o indivíduo, a família e a sociedade, assumindo por isso aqui particular importância a forma como a sociedade atribui significado

social à passagem do tempo biológico, enfatizando os significados sociais anexos aos eventos da vida e o contexto social no qual emergem e são reconhecidos. Para a (des)construção do significado social atribuído aos eventos, é pois fundamental a exploração das ligações entre os vários tempos sobre os quais se tece a vida dos indivíduos, ou seja, a compreensão da multiplicidade de relógios familiares e dos diversos relógios que afectam a família.

## Calendários reprodutivos

### *A arquitectura da fecundidade*

A idade, enquanto marco biológico, molda de forma inextricável a fecundidade ao influenciar directamente a fecundabilidade<sup>38</sup>. O facto de uma mulher se situar, simultaneamente, nas categorias de pós-menarca e pré-menopausa, o período consensualmente definido como período fértil feminino e que abarca, grosso modo, uma fracção de tempo de vida das mulheres situada entre os 15 e os 50 anos aproximadamente<sup>39</sup>, não lhe confere uma indistinta capacidade

---

<sup>38</sup> Uma distinção urge clarificar desde já: o termo fecundidade distingue-se de fertilidade. Enquanto que a fertilidade designa a aptidão de uma mulher ou de um casal para procriar, a fecundidade diz respeito às manifestações dessa aptidão. Desta forma, enquanto que a primeira, ao significar a capacidade fisiológica para conceber e gerar crianças, não é conhecida com precisão, a segunda pode ser utilizada para indicar a *performance* reprodutiva de uma mulher ou grupo de mulheres, sendo mensurável através do número de nascimentos ocorridos (Thompson & Lewis 1965). Para clarificar, uma mulher fértil não é necessariamente fecunda enquanto que a fecundidade constitui sempre uma prova da fertilidade. Como exemplifica Alfred Sauvy (1979), as expressões francesas (à semelhança das portuguesas), correspondem melhor às noções usuais, quando comparadas com as inglesas. Metaforicamente, uma terra *fértil* (de fertilidade, *fertilité* na expressão francesa, traduzida em inglês por *fecundity*), é uma terra que é susceptível de produzir muito. Já uma terra *fecunda* (de fecundidade, que corresponde a *fecondité* e, por sua vez, ao inglês *fertility*), é uma terra que produz muito. Por último, enquanto que a fecundidade tem como antónimo a infecundidade, a fertilidade opõe-se à esterilidade (Pressat 1983). Quanto à fecundabilidade, traduz esta «a probabilidade de concepção, por mês ou por ciclo menstrual, para uma mulher exposta ao risco de concepção» (Golden & Millman 1993: 183), isto é, durante um período de exposição a um coito ou relação não protegida em que ambos os parceiros são, biologicamente, capazes ou aptos a conceber (Weinstein, Wood & Ming-Cheng 1993).

<sup>39</sup> Na verdade, como alude António de Almeida Garrett (1947) «quando a estatística demográfica toma por base das quotas de fecundidade o grupo das mulheres com idades compreendidas entre os 15 e os 49 anos, não está inteiramente dentro da exactidão biológica. Na prática, porém, essa base é perfeitamente aceitável, porque as gestantes com idade de 50 ou mais anos são excepcionais, e muito raras são as que têm menos de 15 anos, embora a concepção possa dar-se muito antes, até aos 12 anos» (Garrett 1947: 56).

de conceber ao longo dos anos, na medida em que a fertilidade varia fortemente com a idade. Se assim não fosse e porque uma gestação completa dura cerca de 9 meses, então uma mulher, numa sociedade com uma fecundidade muito próxima da natural, seria capaz de ter um filho por ano, o que equivaleria a que, contabilizando todo o período fértil, pudesse ter cerca de 35 filhos durante a sua vida reprodutiva. Ora, o que acontece nessas sociedades, é que as mulheres têm um número de filhos máximo entre doze ou quinze (Segalen 1999), número esse que, apesar de elevado quando comparado com sociedades em que as mulheres fazem a limitação de nascimentos, se situa bastante abaixo dos 35 filhos por mulher avançados em teoria.

De uma forma natural, a mulher torna-se progressivamente estéril com a idade. Em termos de fisiologia reprodutiva feminina, a fertilidade aumenta com a primeira menstruação, no início gradualmente e depois rapidamente desde um nível zero ou nulo no início da adolescência até um máximo por volta dos vinte anos, que depois declina gradualmente até cerca dos trinta anos e de forma mais precipitada durante os quarenta, para encetar depois uma descida exponencial que, de novo, se aproxima do zero perto dos cinquenta anos, quando as mulheres atingem a menopausa (Ryder 1972). A lei de progressão de esterilidade, descoberta por Louis Henry (Sauvy 1979), apresenta o número de mulheres estéreis por cada 100 mulheres em determinadas idades, ajudando assim o demógrafo que, impossibilitado de julgar a esterilidade de uma mulher, pode no entanto afirmar que, em cada 100 mulheres, apenas 3 serão estéreis aos 20 anos, aos 30 serão cerca de 9, aos 40 já serão 31 e aos 50 a totalidade das 100 mulheres será, definitivamente, estéril (Sauvy 1979).

A este modelo de fertilidade corresponde, não obstante as diferenças encontradas nas diversas sociedades ou populações (Rindfuss & Bumpass 1978), um modelo tendencialmente idêntico de fecundidade em forma de “chapéu” (Nazareth 1988), centrado sobre o período fértil das mulheres. A arquitectura da fecundidade caracteriza-se então por partir de zero no grupo dos 0 aos 15 anos, uma vez que é praticamente inexistente a ocorrência de nascimentos antes desta última idade, para aumentar a partir dos 15 até atingir um máximo entre os 20 e os 30 anos, a partir do qual a fecundidade decai progressivamente até atingir de novo o valor zero por volta dos 50 anos, idade após a qual o número de nascimentos volta a ser praticamente inexistente.

Ao relacionarmos a fertilidade com a fecundidade e sobrepondo num jogo de espelhos as duas curvas, seríamos então levados a concluir que, apesar de ser difícil definir numericamente

uma fecundidade natural, correspondente a uma lei teórica de reprodução da espécie humana, sobretudo porque os casos de isenção total de factores limitativos são muito raros e não permitem generalizações<sup>40</sup> (George 1974), a idade parece ser a explicação única para a fecundidade e que, por conseguinte, reside nos factores biológicos a explicação última para o comportamento desta.

Todavia, uma fecundidade absolutamente natural não significa que os níveis de fecundidade dependam unicamente da idade da mulher, caso contrário, as mulheres fariam coincidir muito de perto o período fértil com o período reprodutivo, o que não acontece de todo. Uma fecundidade absolutamente natural significa sim que são os factores fisiológicos que determinam a fecundidade (Sauvy 1979) e que estes factores dependem, em grande medida da idade da mulher mas que, enquanto sujeita às leis da natureza é, inevitavelmente, condicionada por outros factores, onde se incluem os limites involuntários à fecundidade e ainda a perda fetal devida a causas involuntárias (Easterlin 1978)<sup>41</sup>. Alguns aspectos como o intervalo de retorno da ovulação após o parto, a redução da fecundabilidade da mulher no período de aleitamento, a esterilidade accidental ou crónica devida a endemias, influências genéticas na fecundidade ou o efeito de determinadas doenças e má nutrição<sup>42</sup> na frequência do coito e a capacidade de levar um

---

<sup>40</sup> Um destes exemplos é o comportamento observado entre as mulheres de uma seita religiosa — as mulheres Hutterite —, conhecidas por registarem elevadas taxas de fecundidade, quer em termos espaciais, quer temporais, funcionando como a referência de uma população cuja fecundidade se aproxima bastante da “fecundidade natural”. A taxas de fecundidade deste grupo foram aliás utilizadas por A. Coale em 1972 na elaboração de uma série de índices que, por meio da estandardização directa, procuram superar as limitações inerentes à utilização das taxas brutas aquando da análise da fecundidade (Nazareth 1988).

<sup>41</sup> É possível assim distinguir entre fecundidade natural e fecundidade regulada (Easterlin 1978), considerando que «a fecundidade natural corresponde ao número de filhos que uma mulher pode ter ao longo do seu período fértil» (George 1974: 47), sem que a mulher ou o casal faça algo para intervir nesse número. O ponto crítico que diferencia ambos os tipos de fecundidade tem pois a ver com a motivação do casal. Por exemplo, uma abstinência (em geral classificada dentro da fecundidade regulada) não planeada ou não propositada, devido a uma doença temporária ou associada a um movimento migratório surge incluída na fecundidade natural (Easterlin 1978).

<sup>42</sup> É o caso das doenças venéreas que tendem a diminuir a fecundidade natural por força da esterilidade temporária ou permanente que impõem (Easterlin 1978). Por outro lado, até finais do século XVIII, as condições económicas, temporárias ou estruturais influenciavam o regime alimentar e provocavam na mulher períodos de amenorreia (supressão anormal da menstruação) ou induziam partos prematuros (Segalen 1999).

feto até ao termo, isto é, que resulte num nado vivo, representam alguns exemplos da complexidade do canal de influência biológica na fecundidade (Henry 1972, Bongaarts 1993), que não se limita à idade. Esta sim é que constitui pois a verdadeira fecundidade natural. Natural no sentido de não regulada intencionalmente (Girard 1984) e que é, de certa forma, mais ou menos a mesma para todas as populações (Sauvy 1979).

Este modelo de fecundidade natural constitui todavia um modelo ideal, longe de ser realizado (Garrett 1947), resultando a fecundidade num *puzzle* admirável que dificilmente reflecte o potencial de fecundidade existente, mesmo depois de retirados os condicionalismos fisiológicos descritos anteriormente. Independentemente da normalidade do organismo da mulher, há uma série de factores que perturbam a marcha regular da reprodução humana. Como afirma Alain Girard, «a fecundidade humana nunca foi inteiramente natural, como um erro de óptica poderia fazer crer» (Girard 1984: 313), devendo-se a discrepância entre a fecundidade natural e a observada a factores de inibição quer de ordem biológica, quer também comportamental que influenciam a probabilidade de ocorrência de um nascimento em casais potencialmente fecundos, seja num tempo particular ou seja para além de um tempo particular (Ryder 1972). De facto, um conjunto de outros factores, apelidados de “sócio-culturais” (Rahman & Menken 1993), “factores de comportamento” (Henry 1972, Sauvy 1979, Bongaarts 1993) ou de índole “cultural” (Easterlin 1978), contribuem para moldar de forma específica os contornos da fecundidade individual, grupal e social, chamando ao mesmo tempo a atenção para a inexistência de uma fecundidade absolutamente “natural”. Como afirmava George Pierre, «trata-se de definir uma “forquilha” mais do que um quociente natural» (George 1974: 47), de tal forma que costumes de todas as espécies, moldados por códigos religiosos, morais ou jurídicos, escritos ou não escritos, sempre mantiveram a população num nível inferior ao poder multiplicador da espécie (Girard 1984).

Louis Henry (1972) enunciou o conjunto de “factores de comportamento” responsáveis pela diferenciação entre fecundidade natural e real, designadamente, a frequência de relações sexuais em situação normal; interditos sexuais durante determinados períodos; frequência e duração do aleitamento maternal e a acção voluntária para limitar os nascimentos para prevenção de nascimento ou para aborto. Para a compreensão do primeiro destes factores, isto é, a frequência com que ocorrem relações sexuais entre pessoas férteis (Nazareth 1978), é necessário

ter em conta pelo menos três dimensões importantes de variação do comportamento sexual dentro do casamento – a idade da mulher, a idade do homem e a duração marital – sendo que as taxas de coito declinam com qualquer uma delas (Rahman & Menken 1993, Weinstein, Wood & Ming-Cheng 1993). De uma forma geral, o impacto da duração do casamento, significativo na diminuição da fecundidade, é muito provavelmente, mediado pela diminuição da frequência do coito e pela acumulação dos efeitos negativos decorrentes de gravidezes múltiplas<sup>43</sup> (Ryder 1972, Rahman & Menken 1993). De facto, quando estudamos a fecundidade simultaneamente segundo a idade da mulher e a antiguidade desses casamentos, conclui-se que, em idade igual, a fecundidade é tanto mais elevada quanto mais recente for o casamento<sup>44</sup> (Henry 1972, Nazareth 1979, Pressat 1983).

Também as leis e costumes vigentes influenciam de forma determinante a frequência do coito ou a fecundidade em geral, prescrevendo nalguns casos o momento em que a mulher pode começar a ter relações sexuais (sob a forma, por exemplo, de uma idade social “ideal” para casar), fomentando por conseguinte, uma associação forte entre nupcialidade, sexualidade e procriação (Nazareth 1978, Sauvy s.d.), pelo que, de uma forma geral, a nupcialidade e o sistema matrimonial em geral influenciam de forma determinante o comportamento da fecundidade. A idade ao casamento por exemplo, não é um factor inócuo no que respeita à fecundidade, «é um factor que não é de desprezar, visto que, do ponto de vista da dinâmica demográfica, uma viúva que se casa apenas renova, em geral, a sua vida conjugal; pelo contrário, uma rapariga nova quando se casa com um celibatário ou um viúvo tem à sua frente toda a sua fecundidade» (Nazareth & Sousa 1983: 7). Ao analisar o número de concepções e nascimentos segundo a idade da mulher ao casar, Alfred Sauvy (1979) conclui que aos 15 anos a mulher poderá esperar

---

<sup>43</sup> «Com o avanço da idade e a superveniência das maternidades, uma fracção crescente de mulheres inicialmente férteis, tornam-se estéreis» (Pressat 1983: 188), consequência, em alguns casos, de doenças inflamatórias pélvicas que reduzem a probabilidade de concepção. Este factor está claramente relacionado com a idade, na medida em que a probabilidade de ocorrer aumenta com o tempo. Assim, afectará predominantemente as mulheres mais velhas expostas há mais tempo a estas influências (Spira *et al.* 1993).

<sup>44</sup> Este facto não acontece aliás apenas em populações malthusianas mas pode também ocorrer em populações não malthusianas, ainda que, nesses casos, as razões sejam sempre de ordem fisiológica. Com casamentos mais antigos, as mulheres passaram já por repetidas gravidezes, correndo assim o risco de se tornarem estéreis, ou simplesmente, menos férteis que as mulheres que, embora com a mesma idade, tenham um casamento mais recente (Nazareth 1979).

12 nascimentos, aos 30, 5, aos 40 possui ainda uma “esperança de descendência” de 1,1 enquanto que aos 50 a esperança de descendência é já nula (0) de forma que, uma idade mais tardia ao casamento pode resultar num maior risco de esterilidade antes que o número de filhos desejados esteja completo.

Ainda no domínio dos costumes, também determinados interditos sexuais têm influência sobre a fecundidade. Os primeiros destes interditos são interdições sexuais periódicas, relacionadas, nalguns casos, com práticas religiosas que impõem a abstinência em certos períodos do calendário (Segalen 1999). Outros interditos sexuais surgem relacionados com a frequência e duração do período de amamentação, impondo um tabu ao coito durante a lactação, evocando para tal a saúde da mãe ou do bebé e encontrando aí a sua justificação. Um conjunto diversificado de outros costumes<sup>45</sup>, prolongam a abstinência pós-parto ou desempenham um papel importante no espaçamento ou alargamento dos intervalos intergenésicos, reduzindo desta forma a fecundidade (Sauvy 1979). Para além destes factores, pode também haver um conjunto de interdições sociais pesando sobre as relações sexuais, visível na obstrução ao segundo casamento das viúvas e recasamentos de uma forma geral e mesmo em concepções mais amplas sobre a dissolução marital, o recasamento, o divórcio, a viuvez, a abstinência ou sobre os nascimentos fora do casamento que regulam, de forma directa ou indirecta, o regime matrimonial (Sauvy 1979).

É todavia na acção voluntária de controlo intencional dos nascimentos que reside o principal mecanismo que afecta a fecundidade de uma sociedade (Sauvy 1979). As formas de regulação que podem surgir nos vários elos que constituem a cadeia de acontecimentos que leva ao nascimento de uma criança (Ryder 1972)<sup>46</sup>, enquanto actividades percebidas e definidas pelos casais quanto à regulação da fecundidade, constituem factores sociais para limitar os

---

<sup>45</sup> A este propósito, um costume na Índia obrigava a que as noivas muito novas permanecessem em casa dos pais durante vários anos após o casamento e, nalgumas sociedades, as mulheres regressavam a casa dos pais ou faziam um retiro temporário por altura da ovulação (Easterlin 1978).

<sup>46</sup> As técnicas para regulação da fecundidade podem operar em todas as fases do processo reprodutivo e virtualmente, em todas as componentes da fecundidade natural: aquando do coito, a frequência do coito pode ser reduzida através da abstinência; na fase seguinte, a probabilidade de concepção pode ser reduzida ou eliminada através da esterilização ou do uso de contracepção e já na fase de gestação, a mortalidade fetal pode ser aumentada através de aborto provocado (Easterlin 1978).



nascimentos, para a sua prevenção ou para aborto<sup>47</sup>. Dos métodos “tradicionais” como a abstinência, o coito interrompido ou o aborto provocado<sup>48</sup> aos métodos mais sofisticados<sup>49</sup> como a pílula oral, a contracepção ou a limitação voluntária dos nascimentos se constrói a história da população (Kitzinger 1996, McLaren 1997).

Para além dos factores enunciados por Louis Henry (1979) e ainda sob a égide cultural, podem também ser incluídas outras circunstâncias nos chamados “factores de comportamento”, como a ausência dos homens durante períodos mais ou menos longos, devido a guerras ou migrações que impõem a separação física dos parceiros<sup>50</sup> ou o atraso da idade de casamento pela emigração masculina dos jovens (George 1974, Easterlin 1978), com consequências directas para a fecundidade. Finalmente, um outro conjunto de variáveis, denominadas variáveis sociais, está, igualmente, na base das variações encontradas na fecundidade. O rendimento, a educação, a ocupação, a etnia, a religião, a política populacional, a dimensão da comunidade em que estão

---

<sup>47</sup> A discussão sociológica dos determinantes da regulação da fecundidade envolve normalmente três tipos de considerações, com as quais a regulação da fecundidade varia directamente: o grau de motivação, a favorabilidade de atitudes e o alcance do acesso (Easterlin 1978). A motivação tem usualmente a ver com o número desejado de filhos, a idade “ideal” para os ter, a dimensão ideal da família ou o espaçamento considerado apropriado para as crianças. As atitudes perante a regulação da fecundidade têm a ver com a aceitação do planeamento familiar de uma forma geral, os sentimentos relativos a práticas muito específicas como por exemplo o aborto, a forma como se encara cada uma das formas de regulação da fecundidade, as atitudes subjectivas sobre a forma como a utilização do método está directamente associada ao tipo de relacionamento sexual e também com a eventual reversibilidade do método ou controlo sobre o seu carácter de permanência definitiva, tudo isto contextualizado na própria concepção dos diferentes métodos pela sociedade ou pela religião e que traduz por isso o conjunto de atitudes perante a regulação da fecundidade que são, simultaneamente, individuais e sociais. Finalmente, a questão do acesso tem a ver com a informação e disponibilidade dos meios de regulação da fecundidade.

<sup>48</sup> As mulheres, tradicionalmente, não faziam uma separação nítida entre contracepção e aborto, encarando «ambas as coisas como se se situassem num *continuum* de estratégias reguladoras da fertilidade» (McLaren 1997: 15).

<sup>49</sup> No conjunto dos diversos métodos contraceptivos enunciados no *Inquérito à Fecundidade e Família, 1997* (INE 2001a) subentende-se uma distinção entre os métodos contraceptivos “tradicionais” como os menos seguros em termos de prevenção de uma gravidez não desejada (injecção, diafragma, espuma ou cones, abstinência periódica, ciclos ou períodos seguros e coito interrompido) e os métodos contraceptivos “modernos” como aqueles que oferecem uma maior eficácia face à prevenção da gravidez (esterilização masculina e feminina, pílula, preservativo masculino e DIU – Dispositivo Intra-Uterino).

<sup>50</sup> Por vezes estes factores podem afectar a fecundidade natural também pelo lado biológico. Por exemplo as guerras ou as catástrofes naturais, como inundações ou sismos, podem operar pelo lado psicológico através de danos psicológicos que se repercutem na dificuldade de conceber (Easterlin 1978).

inseridas (urbano-rural) e a própria influência da mortalidade<sup>51</sup> parecem desempenhar um papel igualmente importante nos contornos que a fecundidade assume (Ryder 1972, Schnell & Monmonier 1983).

Todo o modelo de fecundidade tem pois que ser lido à luz das variabilidades culturais clarificadas anteriormente, concluindo-se mais uma vez por uma fecundidade humana cuja arquitectura repousa sob dois pilares, um de natureza biológica e outro de natureza social. Entre estes dois pilares gera-se uma interacção complexa, onde os factores sociais e comportamentais se revelam determinantes mais importantes para os níveis e diferenciações na fecundidade quando comparados aos factores biológicos (Sauvy 1979, Bongaarts 1993) e, por isso, representam o pilar mais sólido nos “fundamentos” da fecundidade. Dado que existe controlo deliberado da fecundidade sob diversas formas e, uma vez que a sexualidade pode ser separada da fecundidade efectiva com algum grau de sucesso, o comportamento na fecundidade é um comportamento socialmente motivado e normativamente sancionado (Moore 1972), não podendo por essa razão ser assumido como «sociologicamente não problemático» (Moore 1972: 841). Por esta razão e no conjunto das alterações profundas por que a fecundidade tem passado, importa compreender a aparente “normalidade” dos calendários reprodutivos contemporâneos.

### *A “normalidade” do calendário reprodutivo*

Para Alain Girard (1977), os tempos modernos assistiram ao aparecimento de duas mudanças demográficas, cujas consequências são igualmente consideráveis: a baixa da mortalidade e a quebra da natalidade<sup>52</sup>. No que respeita a Portugal, Jorge Arroteia, a propósito da evolução

---

<sup>51</sup> Como afirma Óscar Soares Barata, «é sabido, pela experiência de diversos países, que, quando a mortalidade infantil é alta, as famílias tendem a proteger-se contra o risco de morte dos filhos em idades jovens por meio de descendências um pouco mais numerosas do que a descendência final a que aspirariam. Trata-se de garantir que cheguem à idade adulta filhos em número suficiente para assegurar a continuidade da família. Quando, porém, o risco de morte em idades jovens se reduz, a pouco e pouco o número médio de filhos baixa, ajustando-se ao novo estado de coisas.» (Barata 1985: 38).

<sup>52</sup> Este fenómeno faz parte da chamada “transição demográfica”, conceito utilizado para significar a passagem de um estado de equilíbrio, em que a mortalidade e a fecundidade tinham elevados níveis, para um outro estado de equilíbrio, em que, quer a mortalidade, quer a fecundidade, apresentam baixos níveis, processo que se dá na sequência ou paralelamente ao processo de modernização das sociedades (Nazareth 1996). De facto, as taxas de fecundidade baixaram bastante na Europa durante a primeira transição

demográfica recente, diz tratar-se de «um século de profundas modificações» (Arroteia 1984: 25) e para Mário Leston Bandeira (1996a), a evolução da natalidade constitui mesmo o aspecto mais relevante na caracterização do modelo português de mudança demográfica.

Circunscrevendo a atenção na evolução recente da fecundidade, «os sinais de mudança são radicais» (Almeida *et al.* 1998: 46). Na compreensão da radicalidade subjacente a esta mudança, não interessa aqui traçar pormenorizadamente a aritmética da evolução recente da fecundidade portuguesa<sup>53</sup>, o que já foi aliás feito noutros locais (Almeida *et al.* 1995, Bandeira 1996a), mas tão somente sintetizar e contextualizar, as principais alterações de fundo no domínio da

---

demográfica que, para a maior parte dos países europeus, ocorreu entre 1880 e 1940 (Gustafsson 2001). Os demógrafos pensaram então que os níveis de fecundidade iriam estabilizar em valores bastante baixos todavia, entre 1940 e 1960 as taxas de fecundidade global aumentaram em muitos países criando aquilo que foi designado pelo “*baby boom*” pós segunda guerra mundial. No entanto, a partir de 1965 uma segunda descida das taxas de fecundidade teve início, arrastando as taxas de fecundidade para valores abaixo do nível de substituição das gerações na maior parte de todos os países da Europa, fenómeno que perdura até aos dias de hoje (Gustafsson 2001).

<sup>53</sup> O conjunto de transformações recentes porque passou a fecundidade portuguesa tem início, de forma mais acentuada a partir dos anos 60. Todavia, desde finais da década de 20 do século XX que a evolução das taxas brutas de natalidade e das taxas de fecundidade geral denota uma tendência clara de declínio (Nazareth 1979). É no final da década de 20 que se regista a diminuição das taxas de natalidade a nível global de Portugal, descendo a taxa bruta de natalidade definitivamente abaixo dos 30‰ (Nazareth 1979). Uma vez iniciado, o movimento de declínio da natalidade desenvolveu-se de forma irregular segundo três fases: uma primeira fase regista a queda entre 1927 (30,97‰) e 1941 (23,75‰), verifica-se depois uma ligeira subida entre 1941 e 1965 (24,01‰) para, a partir daqui, se assistir a nova descida contínua das taxas de natalidade, entre 1965 e 1989 (11,5‰), registando-se em 1990-1991, pela primeira vez durante este período, uma subida para 11,18‰ (Bandeira 1996a). No que respeita à fecundidade em particular, a análise da sequência dos índices disponíveis permite concluir que (1) durante a década de 1930 a fecundidade desceu moderadamente de 3,8 filhos em 1930-1931 para 3,13 filhos por mulher em 1940-41, confirmando-se assim a tendência induzida pela análise das taxas brutas de natalidade; (2) entre 1940 e o início dos anos 60 a fecundidade estagnou, o que não contradiz as taxas brutas de natalidade e (3) enquanto as taxas de natalidade mostram que durante a década de 60 a natalidade se manteve praticamente estável, o Índice Sintético de Fecundidade ao descer abaixo dos 3 filhos por mulher (2,98) quando em 60-61 era de 3,17, revela uma quebra da fecundidade sensível no início dos anos 70 (Bandeira 1996a). Não obstante algum atraso relativamente à Europa, as tendências de decréscimo chegaram a Portugal na década de 60 para, de então em diante, marcarem definitivamente o cenário da fecundidade portuguesa contemporânea. As elevadas taxas de natalidade e de fecundidade dos anos 60 e ainda relativamente altas nos anos 70 caem para níveis baixíssimos nos anos 80 e 90. A subida de nascimentos que envolve o 25 de Abril é apenas temporária, devida à antecipação de casamentos e nascimentos, na sequência das perspectivas favoráveis suscitadas para os casais no pós 25 de Abril (Barata 1985b). No início dos anos 80 o índice sintético de fecundidade atingia o valor limite (2,19 em 1980-81), abaixo do qual a teoria demográfica considera que deixou de ser assegurada a substituição das gerações (Bandeira 1996a).

fecundidade portuguesa<sup>54</sup>. Até aos anos 60, Portugal detinha, no contexto europeu, elevadas taxas de natalidade e fecundidade, traduzidas em descendências numerosas, aliadas a uma realidade profundamente contrastada no seu interior em que o norte do país apresentava valores máximos que se opunham aos distritos meridionais, sobretudo os do interior e de Lisboa, onde incidiam valores mínimos (Almeida & Wall 1995). Uma queda brutal e recente e ainda uma dispersão regional muito uniforme constituem as duas viragens decisivas da fecundidade em Portugal a partir de então (Almeida & Wall 1995) mas as alterações não se ficaram por aqui. De forma mais específica, a homogeneização do número de filhos, a redução do número de nascimentos de ordem elevada, o retardamento da idade média ao nascimento do primeiro filho, a concentração do período reprodutivo num menor número de anos e ainda a redução da idade média ao último nascimento marcam de forma indelével a evolução recente da fecundidade em Portugal.

A baixa da taxa de natalidade e de fecundidade na Europa Ocidental não significa, comparativamente ao passado, um acréscimo substancial do número de casais sem filhos (Segalen 1999). Na verdade, a decisão sobre o número de filhos que se pretendem é radicalmente diferente da decisão de ter filhos, não significando a quebra da fecundidade uma recusa a ter filhos, já que, a maior parte dos casais que podem fisiologicamente ter um filho, o têm (Michel 1983). A quebra nas taxas de fecundidade significa sim uma redução do desvio que existia entre as famílias do ponto de vista do número de filhos rumo à homogeneização do comportamento reprodutivo (Michel 1983) que, transversal às diferenças socioculturais e geográficas, se faz por meio de um modelo tendencial e global de opções no plano da fecundidade que traduz a opção por um número médio pequeno de filhos, em regra dois<sup>55</sup>. De um valor de 3,1 filhos por mulher em idade fértil registado em 1960, a fecundidade em Portugal decresceu muito rapidamente desde então, passando para 1,5 em 1999 (Almeida, André & Lalande 2002) e registando-se em 1983 a data em que o Índice Sintético de Fecundidade (ISF), descendo abaixo dos 2,1 filhos por

---

<sup>54</sup> Uma breve análise da evolução recente da fecundidade portuguesa será todavia empreendida na última parte em “Homogeneidades e singularidades da fecundidade em Portugal – Coordenadas espaço-temporais”, no sentido de preparar o terreno para a compreensão de “A aritmética da fecundidade depois dos 40”.

<sup>55</sup> O modelo ideal de dois filhos não é exclusivo de Portugal e verifica-se, de uma forma geral, por toda a Europa Ocidental e na América do Norte (Segalen 1999), onde os dados relativos à fecundidade de mulheres com o período fértil completo evidencia uma percentagem excessiva de mulheres com dois filhos, designadamente no caso da Suécia (Melkersson & Rooth 2000).

mulher, deixou de assegurar a substituição de gerações (Bandeira 1996a). Os valores nacionais da fecundidade revelam assim a extensão de um tipo de organização familiar de dimensão reduzida correspondendo «ao retrato-tipo da família malthusiana, isto é, o casal com um ou dois filhos» (Bandeira 1996a: 389), num ideal de harmonia simétrica e complementaridade ideal entre casais e filhos que, progressivamente, esbate as diferenças que outrora separavam o sul pouco fecundo do resto do país (Muñoz 1995, Almeida *et al.* 1998).

Por outro lado e estreitamente relacionada com a questão anterior, a rarefacção de nascimentos de ordem elevada surge, indissociavelmente, ligada à baixa secular da fecundidade (Sardon 2000). Em todas as sociedades, à medida que avançamos na ordem dos nascimentos, não intervêm mais que um número cada vez mais reduzido de famílias, de dimensão final cada vez maior, com intervalos intergenésicos cada vez mais pequenos (Pressat 1983). Ora, é nas sociedades de forte fecundidade que se verifica um maior número de nascimentos de ordem elevada (Sauvy s.d.) que se sabe, ocorrem também em idades superiores do período fértil. A redução do número de filhos de ordem elevada parece ser a consequência mais visível da instauração e generalização da limitação voluntária dos nascimentos (Girard 1984). Caracterizada por valores baixos acima dos 40 anos nos países sem práticas anticoncepcionais, a taxa de fecundidade é bem mais baixa ainda nos países mais desenvolvidos (Sauvy 1979), onde o comportamento malthusiano ou neomalthusiano dos casais faz com que, após se ter atingido a dimensão familiar desejada, se pratique a contracepção numa forma mais frequente e cuidada, de forma a se ajustar a fecundidade desejada à realizada, sendo por isso e cada vez mais, as famílias numerosas um fenómeno anacrónico, sob a bandeira da procura de um maior bem-estar e a troca da quantidade pela qualidade no que aos filhos diz respeito.

O retardamento da idade média ao nascimento do primeiro filho é outra das características da evolução recente registada na fecundidade portuguesa, como aliás noutros países da Europa e América do Norte<sup>56</sup>. Em Portugal, a maternidade precoce (menos de 20 anos)

---

<sup>56</sup> Para Deborah Sporton (1993), o declínio da fecundidade na Europa do Norte desde os anos 60 pode mesmo estar associado ao adiamento da fecundidade. O adiamento da fecundidade de uma coorte de mulheres comparativamente à coorte anterior só por si não implicaria uma diminuição de nascimentos, desde que no final das coortes aparecesse uma fecundidade tardia compensatória (Leiceaga 1999). As taxas globais de fecundidade aumentariam então se a concretização dos nascimentos adiados pela coorte que adiou essa capacidade reprodutiva viesse a coincidir com as intenções da coorte que, “a seu tempo”, pretendia dar à luz, como aconteceu no pós segunda guerra mundial (Gustafsson 2001). Nalguns casos

registra uma diminuição mais visível a partir do final dos anos 80, depois de um acréscimo verificado após o 25 de Abril (Almeida, André & Lalande 2002). No período intercensitário de 1981 a 1991 o pico da fecundidade desloca-se para o grupo etário dos 20-24 anos mas na década de seguinte retoma o dos 25-29 anos, onde permanece e a idade média ao nascimento do primeiro filho aumentou de 24,4 em 1970 para 26,8 em 2001, sublinhando como, paulatinamente tem aumentado a contribuição dada pelas mulheres com mais de 30 anos para as taxas de fecundidade. No rescaldo da revolução e da subida genérica da nupcialidade que acompanhou esses anos, o período mais recente caracteriza-se pelo aumento da idade ao nascimento do primeiro filho. O conjunto de alterações registadas ao nível da educação, o aumento do custo de oportunidade feminino através da elevação dos níveis de formação e da subida das taxas de actividade, parece fomentar um adiamento da decisão de ter filhos (Andrade 2002), já que, como uma espécie de “bola de neve”, adia todos os eventos futuros, designadamente a entrada no mercado de trabalho e a constituição de família. Ora, se a idade ao nascimento do primeiro filho varia em grande medida com a idade ao casamento (Wrigley 1978), com o aumento da segunda, a primeira regista de imediato também um aumento significativo. Por outro lado e devido a razões que se prendem com projectos profissionais e de carreira, a decisão de ter filhos é, muitas vezes, posta em segundo plano, uma vez que pode dificultar a estabilidade no trabalho, a progressão hierárquica e implicar o afastamento das posições mais exigentes nas estruturas organizacionais (Ganhão 1995 *apud* Andrade 2002).

A fecundidade portuguesa marchou igualmente no sentido de uma condensação do período de tempo dedicado à procriação que, reduzindo o número de filhos e os intervalos intergenésicos, opera, como nunca, uma distinção clara na vida das mulheres entre período reprodutivo e período fértil. De uma forma geral, os casais tratam de rapidamente após o casamento, ter o número de filhos desejados<sup>57</sup>, instalando nos anos subsequentes uma

---

porém, a coorte de fecundidade adiada falha nas suas intenções, originando um decréscimo de nascimentos que pode ser explicado em parte como resultado do desejo voluntário, entretanto firmado, de um menor número de filhos por casal ou então pelo aumentar (ainda que indesejado) do número de casais sem filhos ou com apenas um filho, que já não “apanhou” a tempo o “comboio da fecundidade”, numa viagem que se encurta (por força de uma entrada mais tardia) (Gustafsson 2001).

<sup>57</sup> A este propósito, o inquérito efectuado no âmbito do projecto de investigação “Famílias no Portugal Contemporâneo” dá conta de que, no que se refere ao último filho «os nascimentos ocorrem frequentemente nos primeiros 9 anos de vida conjugal (71,0%). Quando são planeados concentram-se mais ainda nesse intervalo (77,5%)» (Cunha 2000: 179). O encerramento da carreira reprodutiva ocorre

infecundidade voluntária que é, por consequência, mais frequente para uma mesma idade da mulher, nos casais mais antigos do que nos formados mais recentemente (Pressat 1983). Isto é tanto mais visível quanto mais tardio é o casamento, levando assim a apressar a fecundidade, de tal forma que, por vezes, é no próprio grupo de idade em que a mulher se casa que encontramos o maior potencial reprodutivo e, da mesma forma, quanto mais cedo se casa, mais cedo se deixa de ter filhos (Lobo & Miranda 1995). Num certo sentido, é como se os pais pudessem definir um “tempo para ter e criar os filhos” (Relvas 1996), com uma pensada e pequena *décalage* etária entre os irmãos e definido para um período etário específico da vida das mulheres, o que Alice Rossi (1987) designou de “*prime time* reprodutivo”. Em Portugal, a fecundidade está concentrada nos grupos de idade intermédios, especialmente entre os 25 e os 29 anos (Almeida, André & Lalanda 2002), acompanhando a tendência generalizada nos países ocidentais para recusar a sobreposição das balizas temporais entre o período fértil e o período reprodutivo<sup>58</sup>.

As alterações registadas ao nível do período de actividade fecunda das mulheres caracterizam-se em suma por uma delimitação mais clara do período reprodutivo, caracterizado, a montante, por um início mais tardio e, a jusante, por um encerramento mais precoce (Bandeira 1996a). Ainda que tenha aumentado nos últimos anos a idade média de nascimento do primeiro filho, a verdade é que diminuiu o número de anos decorridos entre o nascimento do primeiro e do último filho, registando-se assim uma idade menor de encerramento do período reprodutivo, como que reflectindo a vontade dos casais em terem o último filho mais cedo (Requena 1997).

Enquanto que no período de 1930-34 (reflectindo uma situação proveniente de épocas anteriores), os nascimentos se repartiam amplamente pelo período fecundo da vida das mulheres,

---

assim, basicamente ao fim de poucos anos da vida em casal – menos de 10 – e quando a mulher tem entre 25 e 35 anos (29,3 anos em média) (Cunha 2000), ou seja, antes de se completar 10 anos de conjugabilidade e muitos anos antes de terminar o período fértil da mulher a descendência já está completa e terminada a carreira de fecundidade.

<sup>58</sup> Também a respeito do calendário reprodutivo das mulheres espanholas, Miguel Requena (1997) afirma que a Espanha de hoje se caracteriza por um modelo que une um baixo nível de fecundidade a uma diminuição da fase da vida dedicada à reprodução, como efeito da sua condensação em torno de idades cada vez mais elevadas quando começa o esforço reprodutivo e cada vez mais jovens quando termina. Nos últimos anos, as mulheres espanholas têm, paulatinamente, adiado os seus esforços reprodutivos para depois dos 25 e concentrando-os nos trinta anos. Sabe-se que este modelo não apenas responde à mudança estrutural rumo a um regime reprodutivo que exige uma fecundidade de baixa intensidade como também às prolongadas dificuldades por que passam os jovens espanhóis actualmente na hora de ingressarem no mundo adulto (Requena 1997).

sendo o número de filhos significativo nas mulheres de todos os grupos etários entre os 20 e os 45 anos, mesmo após os 35 ou 40 anos (Barata 1985b), a partir dos anos 30 e até aos anos 70, toda a quebra da natalidade se verifica entre as mulheres com mais de trinta anos (Barata 1985b), ou seja, a quebra do número de nascimentos opera-se inicialmente entre as mulheres mais velhas. Aos escassos nascimentos em mulheres com mais de 45 anos, somam-se os nascimentos progressivamente mais raros entre os 40 e os 44 anos e, mesmo as mulheres entre os 35 e os 39 anos seguem, para esse período, a mesma tendência, renunciando a pouco e pouco o ter filhos. A partir de 1975, com a significativa facilitação do acesso a contraceptivos mais eficazes, a maternidade tardia (a partir dos 35 anos), caiu rapidamente (Almeida, André & Lalandá 2002) e mesmo durante o período intercensitário de 1981 a 1991, continuou a assistir-se a uma diminuição das taxas de fecundidade no país, em todos os grupos etários, com especial realce para as idades superiores a 40 anos<sup>59</sup> (Santos 1993). O retardamento da idade média ao nascimento do primeiro filho e a redução da idade média ao último nascimento constituem assim malhas indissociáveis da concentração do período reprodutivo numa fracção particular do período fértil das mulheres, pelo que não podem ser analisadas separadamente da teia que, em conjunto, formam<sup>60</sup>.

Em suma, o conjunto de alterações registadas na evolução recente da fecundidade é essencialmente e simultaneamente de duas ordens de razão: alterações no *quantum* e no *timing* da fecundidade. Quanto às primeiras, incluem-se aí as alterações operadas ao nível do número de filhos por mulher ou casal, designadamente a homogeneização do número de filhos por um lado e a redução do número de filhos de ordem elevada por outro. No que respeita às alterações de

---

<sup>59</sup> A partir de 1991 a fecundidade após os 35 anos volta a registar um aumento, o que poderá estar relacionado com o adiamento considerável do nascimento do primeiro filho e também com a possibilidade de, através de meios de diagnóstico seguros, reduzir os riscos associados às maternidades tardias (Almeida, André & Lalandá 2002). Esta tendência associa-se igualmente aos avanços notáveis da escolarização e da actividade feminina registados nas mesmas décadas em Portugal (Almeida, André & Lalandá 2002), tema que ocupará a última parte do trabalho intitulada «Filhos “fora do tempo”».

<sup>60</sup> Isto acontece em Portugal como também por toda a Europa (Gustafsson 2001). Em Espanha, Salustiano Del Campo e Navarro López (1987) ao analisarem as taxas específicas de fecundidade no período de 1922 a 1980, concluem sobre a elevada alteração no calendário da fecundidade ao longo do período delineado por essas balizas temporais, tendo em conta que em 1922 45,9% da fecundidade total produzia-se antes de as mulheres completarem os 30 anos, enquanto que em 1970 as proporções eram de 58,3% e em 1980 de 65%. Por outro lado, a fecundidade total das mulheres com mais de 40 anos que em 1922 representava 9,9% do total, baixou para 5,1% em 1970 e em 1980 para 3,6%.



*timing*, ou seja, alterações no calendário da fecundidade que dá conta da cadência e da temporalidade associadas à entrada dos filhos na família e da idade em que tais nascimentos ocorrem, são de salientar um retardamento da idade média ao nascimento do primeiro filho, a concentração do período reprodutivo num menor número de anos e ainda a redução da idade média ao último nascimento. O conjunto de alterações registadas traduzem, em síntese, a ideia de que nos reproduzimos cada vez menos e, para além disso, começamos a fazê-lo cada vez mais tarde e terminamos mais cedo (Requena 1997).

O conjunto de alterações registadas ao nível da fecundidade torna visível um dos *puzzles* mais intrigantes da sociobiologia humana (Draper & Harpending 1987): o facto de os seres humanos limitarem as suas capacidades reprodutivas e de o fazerem voluntariamente (Girard 1977), em casais potencialmente férteis e mesmo sob circunstâncias de aparente abundância de recursos, o que atribui de forma muito particular à contracepção médica, moderna e eficaz, um papel determinante para as alterações registadas na fecundidade. A prática neomalthusiana de limitação dos nascimentos<sup>61</sup>, isto é, «um controlo científico sobre a fecundidade» (Almeida *et al.* 1995) surge estreitamente ligada ao conjunto das alterações registadas no domínio da fecundidade (Almeida & Wall 1995, Almeida *et al.* 1998) permitindo concretizar o número de filhos desejados, reduzir o número de filhos de ordem elevada, adiar a entrada na carreira parental, reduzir o tempo dedicado à procriação e definir um tempo para o fim do período reprodutivo, a partir do qual não ocorrerão mais nascimentos, limite esse que pode ser assegurado com uma margem de certeza muito perto dos 100%.

O rosto mais visível da contracepção moderna – a pílula contraceptiva e o rigor dos ciclos menstruais metricamente idênticos de 28 dias que impõe – não é contudo a causa do rápido declínio da fecundidade portuguesa a partir dos anos 60. Na verdade, os estudos mostram a lentidão da adesão das mulheres às práticas contraceptivas (Almeida *et al.* 1995, Bandeira 1996a), lembrando que «só por si, a existência de meios técnicos não assegura a adesão a comportamentos

---

<sup>61</sup> Como refere J. M. Nazareth (1975) à quebra de fecundidade cuja origem está na limitação dos nascimentos, chama-se fecundidade neomalthusiana, porque os primeiros defensores do princípio da limitação dos nascimentos se intitularam a eles próprios neomalthusianos. Na verdade, esta é uma designação até certo ponto paradoxal, uma vez que o próprio Malthus se opôs determinantemente ao uso da contracepção e do aborto, propondo ao invés, uma redução da fecundidade através do aumento da idade ao casamento e do celibato, reduzindo assim a proporção de mulheres casadas o que, indirectamente diminuiria o número de nascimentos, prática denominada de limitação malthusiana dos nascimentos.

modernos» (Bandeira 1996a: 420). As respostas para as alterações verificadas no planeamento e controlo da fecundidade têm pois de ser encontradas no conjunto de novos valores que, paulatinamente, emergem sobre a conjugalidade, a parentalidade e a sexualidade (Segalen 1999, Almeida, André & Laland 2002), inseridos numa rede diversificada de relações e permutas entre o indivíduo, o casal e a sociedade (Santos 1993), que levam as pessoas a ter menos filhos do que teriam se à natureza fosse permitido tomar ou seguir o seu curso.

Por um lado, o movimento de privatização da família, estrutura-a em torno de um casal “democrático”, ao serviço da satisfação individual e não o contrário, ou seja, valorizando o indivíduo e minorando a subordinação do casal à família no seu conjunto (Almeida, André & Laland 2002). Por outro lado, alterou-se profundamente o papel da criança na família, assistindo-se a uma mudança radical nos comportamentos procriativos, antes determinados por uma racionalidade económica, que via nas crianças instrumentos de produção de riqueza, canalizados para o trabalho e rendimento da família, bem como de amparo e protecção dos pais na velhice (Almeida *et al.* 1998). Dominados pelo papel central que a criança ocupa no seio da família contemporânea enquanto “instrumento” afectivo, os comportamentos procriativos de hoje, libertos dos imperativos económicos de outrora, não são por isso menos racionais mas, mais que nunca, dominados por uma atitude de previsão, controlo e planeamento individual no que respeita ao *quantum* e *timing* dos nascimentos. A opção sobre o ter filhos autonomiza-se assim do controlo social e da biologia e passa a estar fortemente condicionada à vontade individual ou do casal (Almeida, André & Laland 2002).

Por último, a privatização do casal (Shorter 1995), solta-o das amarras que antes o prendiam aos imperativos colectivos impostos pela religião, vizinhança e redes de parentesco, o que também lhe permite operar uma dissociação entre sexualidade e casamento, sexualidade e procriação e casamento e fecundidade sem necessidade de recorrer ao celibato ou ao recuo da idade do casamento. O lançamento nos anos 60 da pílula contraceptiva no mercado português marca o fim ou o começo do fim do modelo sexual reprodutivo (Gomes 1987a), mas a aceitação da pílula não seria possível se antes não se tivesse já aceitado, no plano das mentalidades, a possibilidade de dissociar as duas coisas, ou seja, a possibilidade de manter relações sexuais enquanto um fim em si mesmo e não como um meio para obter um fim determinado e legítimo como a procriação, abrindo a porta ao prazer e fechando-a à procriação, pelo menos quando e

durante o tempo em que ou para lá do qual não for desejada, o que é concomitante com o surgimento da ideia do corpo como objecto de conhecimento positivo e de intervenção racional (Ariès 1979 *apud* Bandeira 1996a), que permite, por outro lado, a aceitabilidade da prática generalizada da contracepção. Desta forma, mais que a instituição, afirma-se a relação, a privacidade, a dissociação entre prazer sexual e pecado, exaltando-se a família como lugar de realização do casal (Almeida, André & Lalanda 2002).

A queda da fecundidade não é pois o efeito simples de uma causa única, mas o produto de uma conjugação de diversos factores e de novos valores que conduzem a procura contraceptiva e tornam possível a sua generalização, existindo assim uma “cumplicidade imediata” (Almeida, André & Lalanda 2002) entre a queda da fecundidade e a generalização do acesso e utilização dos métodos de contracepção médica, segura e eficaz, já que estes constituem o “instrumento técnico” (Almeida, André & Lalanda 2002), expressão e sinal de mudança nos comportamentos e valores da mulher portuguesa, decisivos para a reconfiguração dos padrões de fecundidade.

Angus McLaren, na sua *História da Contracepção* (1997) apelida de “revolução contraceptiva moderna” um movimento novo, plural e radical que alteraria para sempre a arquitectura da fecundidade nos países ocidentais, ainda que a ritmos muito diferenciados<sup>62</sup> (Girard 1977). Esse movimento, caracteriza-se não pela introdução de formas de regulação da fecundidade (já que, sempre houve, por parte das mulheres e das sociedades, a preocupação de influenciar ou moldar a fecundidade, de reduzir ou aumentar as concepções e os nascimentos<sup>63</sup>) mas pela alteração,

---

<sup>62</sup> A evolução registada nos valores da fecundidade portuguesa de 1960 a 1999 é análoga à da União Europeia, ainda que a queda seja mais tardia e significativamente mais abrupta (Almeida, André & Lalanda 2002), isto é, «passámos mais rapidamente de um regime de fecundidade pouco controlada, associada a taxas elevadas de mortalidade infantil, para um quadro de planeamento eficaz da procriação» (Almeida, André & Lalanda 2002: 372).

<sup>63</sup> Esta ideia exige pensar a limitação da fecundidade para além do emprego de contraceptivos modernos, pois estes, é evidente, não os encontraremos no passado. Se todavia a noção de controlo for alargada para abranger quaisquer métodos que tenham sido empregues, o que inclui os “meios naturais”, como a abstinência ou o prolongamento do aleitamento, então chegar-se-á, definitivamente a conclusões muito diferentes (McLaren 1997). Para Angus McLaren (1997), não se pode encarar a regulação da fecundidade como uma simples evolução polarizada em dicotomizações radicais que assinalam a passagem de meios primitivos para formas mais eficazes, de métodos irracionais para racionais, da ignorância para o conhecimento, do tradicional para o moderno ou “da sujeição à liberdade”, em suma, de uma época em que não era tecnologicamente limitada para outra em que o é, descontextualizando as formas de contracepção e desligando as decisões sobre a reprodução da imbricada teia de relações sociais, culturais e sexuais em que essas mesmas decisões eram tomadas.

possibilitada pelos avanços científicos e tecnológicos no campo da contracepção, que se regista ao nível do aumento do grau de controlo disponível e da percentagem da população que exerce esse controlo sobre os comportamentos reprodutivos (McLaren 1997)<sup>64</sup>.

Controlada e instrumentalizada, a fecundidade é moldada de acordo com as intenções específicas da mulher ou do casal, autonomizando-se relativamente ao controlo social e ao costume. Ter um filho tornou-se cada vez mais o resultado de decisões livres do casal e estas decisões livres só podem ser tomadas a partir do momento em que esses mesmos casais têm nas suas mãos as rédeas que permitem controlar a fecundidade. A individualização ou a auto-gestão da fecundidade, fruto de decisões voluntárias, privadas e individuais dos casais constitui por isso outra característica marcante da fecundidade contemporânea (Wrigley 1978, Girard 1984) e aquela que permite “fechar o círculo”.

Como conclusão, pode-se afirmar que a modernidade trouxe a plasticização da fecundidade. Maleável, pelo menos até que a menopausa encerre de vez as portas ao período fértil, possibilita que os casais possam determinar, planear e escolher, não apenas o *quantum* de filhos que pretendem como também definir o *timing* desses mesmos filhos, permitindo assim «uma libertação relativa face ao biológico» (Relvas 1996: 110). A fecundidade deixou assim de ser um processo mais aleatório, sujeito às leis do acaso, para se transformar num fenómeno de “oportunidade calculada” (Girard 1984), dependente de uma decisão expressa dos procriadores, ajudados que são por processos cada vez mais químicos e eficazes.

Por outro lado, as práticas contraceptivas modernas na família são social e culturalmente práticas femininas, conferindo a sua utilização um novo poder às mulheres e uma nova posição ante a sexualidade (Bandeira 1996a). Ao passo que os métodos contraceptivos tradicionais eram sobretudo técnicas masculinas, as práticas modernas reservam para a mulher a possibilidade de

---

<sup>64</sup> No contexto português e de acordo com os dados do *Inquérito à Fecundidade e Família, 1997* (INE 2001a), em termos globais, os métodos de contracepção como a pílula e o dispositivo intra-uterino em conjunto “monopolizam” a contracepção em Portugal, sendo utilizados em cerca de 70% dos casos, segundo as respostas das mulheres e de 68%, segundo as dos homens. Os restantes métodos de contracepção como a injeção, o diafragma/cones/espuma, o preservativo masculino, a abstinência periódica/ciclos/períodos seguros, o coito interrompido e os outros métodos são utilizados numa percentagem bem mais baixa, situando-se nos 28% segundo as mulheres e nos 30% de acordo com as respostas dos homens.

decidir, só por si, se quer ou não ter filhos, longe dos tempos em que subjugadas a uma situação de subordinação – também reprodutiva – as mulheres recorriam, “às escondidas” a amigas e parentes do sexo feminino, em busca de estratégias eficazes para utilizar antes ou após as relações sexuais (McLaren 1997). Uma atitude verdadeiramente revolucionária, marca do processo reprodutivo contemporâneo é pois a que imprime, de forma mais visível, a gestão feminina do processo reprodutivo já que, em última instância, são sobretudo as mulheres e não tanto os casais, que utilizam a contracepção para reduzir a sua fecundidade bastante abaixo da capacidade biológica (Beckman 1978).

Em 1995 Ana Nunes de Almeida e Karin Wall afirmavam que «se há traço que aglutina, num todo homogêneo, as práticas dos casais portugueses por todo o país, ele é, sem dúvida, a fecundidade» (Almeida & Wall 1995: 39) e em 2002, Ana Nunes de Almeida, Isabel André e Piedade Lalande concluem, a respeito da queda “abrupta” da fecundidade em Portugal nas últimas três décadas que esta se caracterizou por ocorrer «a uma velocidade intensa e traduz-se não só numa notável homogeneização regional, cimentada em torno de um baixo índice sintético, como também numa forte tendência de concentração média dos nascimentos no grupo de idade dos 25-29 anos», ao que acrescentam, entre parêntesis: «(tendência que encobre, porém, um aumento das gravidezes tardias e o recuo da maternidade antes dos 20 anos)» (Almeida, André & Lalande 2002: 405). Ora, é precisamente esta observação paralela que faz emergir uma outra conclusão, aparentemente paradoxal, mas pertinente no contexto do presente trabalho: não obstante a relativa homogeneização dos calendários reprodutivos numa certa “normalidade”, esta é uma falsa normalidade, já que, qualquer esforço sintetizador assenta necessariamente sobre um conjunto de diferenças. Quer isto dizer que, «apesar do seu forte carácter homogeneizador, a queda encobre sinais de diversidade» (Almeida, André & Lalande 2002: 379) de forma que, não obstante as tendências gerais apresentadas, sintetizadas num certo “*prime time* reprodutivo” (Rossi 1987), é necessário não esquecer que as decisões e carreiras reprodutivas são sempre diferentes e irrepetíveis. Entre os que se submetem à norma, os outros, os “precoces” ou “tardios” evidenciam que os indivíduos são moldados por uma multiplicidade de variáveis, identificadas como *inputs* legítimos para as decisões reprodutivas, lembrando como, no desenvolvimento particular das suas vidas, a aplicação da fórmula institucionalizada no grupo a que pertence terá resultados variáveis

(Ryder 1978) donde, à semelhança dos calendários familiares, também a “normalidade” dos calendários reprodutivos é profundamente aparente.

Sob a capa da homogeneização dos comportamentos reprodutivos, há assim diversas estratégias e temporalidades que se reflectem na cadência dos calendários da fecundidade e que contêm diferentes olhares sobre a criança: a sua maior ou menor centralidade na concepção de família e o seu lugar relativo no campo das realizações e dos constrangimentos, em cada momento do ciclo de vida pessoal e conjugal (Cunha 2000). Num momento em que a tomada de decisão sobre a fecundidade parece estar cada vez mais calculista, o processo decisional afigura-se como um “admirável mundo novo”. Quanto mais uma população se aproxima do polo da fecundidade completamente controlada, mais significativas se tornam essas diferenças e «maior a proporção da população que controle de forma eficaz a sua procriação, maior o ênfase que deve ser colocado no *nexus* causal das decisões de ter filhos» (Ryder 1972: 426). A conquista e vitória sobre o biológico que a plasticização da fecundidade representa não é todavia total. O tempo, o tempo de vida das mulheres impõe-se como limite e, apesar de tudo, o período fértil é um período mais ou menos delimitado, impondo constrangimentos ao processo decisório sobre a fecundidade. Ao adiar a fecundidade, as mulheres não apenas têm menor aptidão à procriação já que a esterilidade aumenta com a idade, como também dispõem de menos tempo para constituir descendência. Para além disso, lidam com um conjunto de obstáculos que traduzem riscos, alguns certos, outros incertos que envolvem a decisão de ter filhos em idade tardia. É neste contexto que importa estudar os riscos (in)certos da fecundidade tardia.

### ***Riscos (in)certos da fecundidade tardia***

O período fértil das mulheres representa um relógio biológico perfeitamente balizado. Entre a menarca e a menopausa, ou entre os 15 e os 50 anos<sup>65</sup>, a mulher goza de cerca de 35 anos

---

<sup>65</sup> A menopausa ou a cessação da menstruação, é bastante difícil de estimar, todavia, existe um certo consenso sobre a idade de cessação da menstruação entre as mulheres à volta dos 50 anos de idade (Rahman & Menken 1993). Entre os 45-49 anos dão-se cerca de metade das menopausas, repartindo-se a outra metade por casos precoces e casos tardios (Garrett 1947). A pesquisa médica conclui, no entanto, que a idade à menopausa é determinada geneticamente (Gustafsson 2001), ainda que outros factores, como por exemplo a desnutrição ou alimentação insuficiente possam, porventura, ter influência na data de menopausa (Dexeus & Pàmies 1979).

para que possa conceber. Estes eventos extravasam todavia as fronteiras herméticas de simples marcos do calendário fisiológico feminino (Dexeus & Pàmies 1979), para se assumirem como marcos sociais determinantes, ainda que socialmente colocados em campos diametralmente opostos. Enquanto que a menarca simboliza a entrada da mulher na vida adulta, sendo por isso, normalmente, encarada de forma positiva, como o momento a partir do qual a jovem poderá ser mãe, «expressão máxima do modelo reprodutivo» (Machado 1997: 27), a menopausa, assinala, pouco a pouco, o envelhecimento como uma marcha irreversível do desenvolvimento humano, sendo por isso encarada, pela maioria das mulheres com alguma apreensão e desconforto (Machado 1997), associando-se à perda de juventude, força, actividade sexual<sup>66</sup>, energia, beleza, vitalidade e das capacidades reprodutivas. Como afirma Maria José Machado e tratando-se da menopausa natural<sup>67</sup>, «o facto de já não poder ser mãe é sinal de uma juventude perdida e de um confronto, por vezes, brusco com a fuga inexorável do tempo e a contracção do futuro» (Machado 1997: 29).

Por entre um conjunto de eufemismos, fala-se da menopausa através de meias palavras. Expressões que aludem à altura em que as mulheres atingem “uma certa idade”, “aquela idade” ou a “idade crítica”, deixam antever muita da angústia e perturbação com que algumas mulheres vêem chegar os quarenta anos<sup>68</sup>, vendo neles uma ameaça à possibilidade de se sentirem como

---

<sup>66</sup> Na origem inglesa, a palavra “menopausa” significa o fim de relacionamento com os homens (*men*, “homens” + *pause*, “interrupção”), remetendo assim para futuras perturbações da vida sexual conjugal (Beedell 1975 *apud* Machado 1997: 28). A este propósito, Francisco Allen Gomes (1987a) considera que ainda persiste o mito que a menopausa marca o fim da vida sexual da mulher. Todavia, há também quem defenda que o desaparecimento definitivo do medo de engravidar após a menopausa tem ou pode ter um efeito libertador e desinibidor, estando as mulheres hoje mais interessadas pela vida sexual nesta fase da vida comparativamente ao passado (Dexeus & Pàmies 1979, Gomes 1987a, Delbès & Gaymu 1997).

<sup>67</sup> Ao falar de “menopausa natural” subentende-se aquela que surge como uma etapa natural da fisiologia feminina por volta dos 45-50 anos. Todavia, consequências idênticas podem ser conseguidas por efeito de determinadas intervenções cirúrgicas que provocam simultaneamente o desaparecimento da menstruação e a esterilização definitiva. É o caso da Histerectomia (extirpação do útero), Ovariectomia bilateral (extirpação dos dois ovários) e Anexetomia (extirpação dos ovários e das trompas) (Dexeus & Pàmies 1979), verificando-se nos dois últimos casos uma “menopausa cirúrgica”, porque não passou por um período de adaptação equivalente ao climatério, ocorrendo uma diminuição brusca (e não gradual) do funcionamento dos ovários e, por conseguinte, da produção de estrogénio e de progesterona (Machado 1997).

<sup>68</sup> Pelo simbolismo que lhe está associado, muitas mulheres falseiam a idade em que tiveram a última menstruação (Dexeus & Pàmies 1979).

“mulheres completas” (Machado 1997), já que a cessação definitiva das regras menstruais surge como o culminar de um processo de declínio gradual da fecundidade que afasta definitivamente a capacidade reprodutiva.

Contrariamente à idade da menarca e da fecundidade na adolescência, a idade à menopausa, bem como a fecundidade que precede a menopausa e as normas culturais relativas à idade em que o ter filhos deverá estar completo, tem recebido relativamente pouca atenção na literatura científica (Rahman & Menken 1993). Todavia, recentemente, cada vez mais mulheres nos países ditos desenvolvidos optam por atrasar os primeiros nascimentos (Gustafsson 2001), “puxando” a maternidade para perto do limite biológico. Por outro lado, o aumento da esperança de vida veio separar de forma mais nítida a menopausa do processo de envelhecimento com o qual sempre esteve associada, podendo a mulher viver mais duas ou três décadas após os primeiros indícios do climatério<sup>69</sup> (Rahman & Menken 1993).

Ora, a idade é de facto uma dimensão importante no processo de decisão de fecundidade (Rindfuss & Bumpass 1978). Não apenas acarreta um conjunto de obstáculos biológicos à fecundidade, como também se associa a um conjunto de obstáculos que podemos designar como “sociais”. No domínio dos obstáculos biológicos, observa-se que, quando comparadas com as mães mais novas, as mães aos 40 e mais anos estão sempre sobre-representadas num conjunto de problemas<sup>70</sup>. Numa conjugação problemática entre o decréscimo da fertilidade e o aumento do

---

<sup>69</sup> Etimologicamente, a menopausa é definida como a cessação definitiva das regras menstruais (do grego *mén*, “mês; mês-truo” + *paūsis*, “cessação”). A menopausa assinala assim a cessação das hemorragias uterinas que mensalmente ritmam a biologia feminina (regras). Fisiologicamente distingue-se pois a menopausa do climatério ou período de perimenopausa. Enquanto que a menopausa diz respeito à cessação permanente da menstruação decorrente do declínio da função ovariana, o climatério tem a ver com o processo de reajustamento hormonal que rodeia esse período (Dexeus & Pàmies 1979). O climatério é a expressão do envelhecimento do ovário, que inicia uma suspensão progressiva do cumprimento das suas funções, facto que se traduz por uma multiplicidade de alterações do organismo feminino, entre as quais alterações endócrinas, alterações neurovegetativas (afrontamentos, hipertermia, dores de cabeça, doenças imprecisas, inchaços), alterações cardiovasculares, alterações cutâneas, alterações ósseas, alterações psíquicas e da conduta sexual, alterações dos órgãos dos sentidos, alterações digestivas, alterações metabólicas e alterações ginecológicas (Dexeus & Pàmies 1979).

<sup>70</sup> Num estudo recente dedicado à idade ótima para a maternidade, onde apresenta algumas considerações teóricas e empíricas sobre o adiamento da maternidade na Europa, Siv Gustafsson (2001) cita um outro estudo de Gilbert *et al.*, datado de 1999, especificamente sobre a questão da maternidade depois dos 40 anos. Baseado em dados recolhidos através de certificados de nascimento e registos hospitalares de todos os nascimentos que ocorreram nos hospitais californianos entre 1 de Janeiro de 1992 até 31 de Dezembro de 1993, conclui que houve um total de 24 032 nascimentos de mulheres com



risco de anomalias cromossômicas, bem como de outras malformações congênitas (Andrade 2002), os investigadores não hesitam em catalogar as gestações destas mulheres como uma “gravidez de risco”.

A partir dos 40 anos diminuem significativamente as probabilidades de concepção (Andrade 2002), não apenas porque, por força do declínio da fecundabilidade com a idade, aumenta o número de ciclos onovulatórios no período da perimenopausa, mas também porque as anormalidades uterinas (fibróides e carcinoma), que aumentam com a idade, podem criar um ambiente hostil para a implantação do ovo (Rahman & Menken 1993), diminuindo assim a capacidade de fecundação, ao mesmo tempo que provocam um maior risco de alterações cromossômicas. A partir dos 35 anos aumenta também para as mães a possibilidade de desenvolvimento de toxemia ou de disfunções como a hipertensão e, como causa de morte materna, a possibilidade de hemorragias obstétricas, embolismo, bem como a já referida hipertensão arterial (Andrade 2002).

Por outro lado, a partir dos 40 anos, verifica-se um aumento significativo da prematuridade dos nascimentos e ainda um aumento das dificuldades associadas ao parto, designadamente, o maior risco de intervenção cirúrgica, recorrendo-se para esses casos mais à cesariana aquando do parto (Andrade 2002). Paralelamente, a fecundidade após os 40 anos parece estar associada ao declínio da probabilidade de um feto nascer com vida, aumentando as taxas de perda fetal espontânea (Spira *et al.* 1993), devido sobretudo ao aumento na incidência de fetos com cromossomas anormais, já que a proporção de abortos fetais com anormalidades cromossômicas mais que duplica de 8% entre mulheres abaixo dos 20 anos de idade para 17% em mulheres com mais de 40 anos de idade (Spira *et al.* 1993). Para as crianças que vencem a barreira da concepção e do parto, outros obstáculos surgem. Siv Gustafsson (2001) faz um levantamento de alguns problemas registados aquando do nascimento de bebés filhos de mães com 40 e mais anos, assinalando o aumento do número de nados-mortos, o menor peso das

---

mais de 40 anos, o que corresponde a cerca de 2% do total de nascimentos ocorridos neste período de 2 anos. Destes, perto de 20%, nomeadamente 4 777 eram de nulíparas. Estes dados de mulheres mais velhas, foram depois comparados com um grupo de controlo composto por mulheres com idade compreendida entre os 20-29 anos à data de maternidade. Os resultados concluem que as mulheres que têm o seu primeiro filho aos 40 anos, têm um maior risco de enfrentar um conjunto de problemas relacionados não apenas com a concepção mas também com a gestação, parto e desenvolvimento da criança durante o primeiro ano de vida.

crianças, a maior incidência da mortalidade infantil, bem como o aumento de anomalias cromossómicas (cromossomopatias) e congénitas, sendo que a anomalia cromossómica mais frequente é a Trisomia 21 ou Síndrome de Down<sup>71</sup>, associada a deficiência mental, problemas cardíacos, hipotireoidismo, problemas imunológicos, etc. (Andrade 2002).

A importância da idade e, por conseguinte, da biologia, como constrangimento à fecundidade é tal que este facto poderá explicar em parte porque comumente esta variável “absorve” todas as explicações das diferenças de fecundidade por idade, negligenciando os obstáculos sociais e psicológicos sobre as decisões de fecundidade (Rindfuss & Bumpass 1978). No “calendário sociológico” de que fala Kerry Daly (1996), a idade é fundamental para compreender porque, depois de uma “certa idade”, os filhos surgem como algo “fora do tempo”. Numa proposição muito simples, o facto de se ser “demasiado velho” é, muitas vezes, argumento para não ter mais filhos, o que possibilita assim falar de uma «componente sociológica do efeito da idade na fecundidade» (Rindfuss & Bumpass 1978: 44), para além da componente biológica, já analisada. Na verdade, a idade é uma consideração fundamental na decisão do casal em ter ou não ter mais filhos, influenciando a escolha de um determinado método contraceptivo (mais ou menos seguro), a vigilância com que a contracepção é praticada (mais ou menos falível) e ainda a permanência do método (definitivo ou não como por exemplo a esterilização após uma determinada idade).

Segundo Ronald Rindfuss e Larry Bumpass (1978), são quatro os principais aspectos sociais da idade que podem afectar as decisões relativas à fecundidade. Em primeiro lugar, é um facto que, quanto mais tempo se está num determinado estado, seja a residência, a ocupação profissional ou o estar sem filhos ou com apenas um filho, mais diminui a propensão para o abandonar (Courgeau & Lelièvre 1992) pelo que, quanto mais a mulher adia a tarefa reprodutiva, maior é a probabilidade de ela se envolver em actividades “alternativas” aos papéis familiares (Waite 1980) e que vão consumir o seu tempo e energia como a carreira profissional, o terminar dos estudos, o trabalho voluntário ou a prossecução de outros interesses. Esta “inércia acumulada” (Courgeau & Lelièvre 1992) vai assim competir com a procriação e chamar a atenção

---

<sup>71</sup> A incidência da Síndrome de Down aumenta consideravelmente depois de a mulher alcançar os 30 anos, aumentando de 1 em 2400 nascimentos em mães entre os 15 e os 19, para 1 em 109 para mães de 40 anos e 1 em 32 para mães de 45 anos de idade (Andrade 2002).

e tempo da mulher quer se trate da decisão de ter filhos ou de ter mais filhos, revelando uma espécie de competição entre o ter filhos e outras dimensões da vida em sociedade.

Em segundo lugar, porque a fecundidade costuma ocorrer dentro de um curto espaço de tempo, o seu adiamento aumenta a probabilidade de outros membros da mesma coorte desse casal terem já terminado o seu período reprodutivo. Ter filhos mais tarde implica assim uma série de constrangimentos durante um longo período da vida do casal, durante o qual estará “fora do tempo” relativamente aos seus pares, evidenciando um desfasamento da fase em que se encontra. Desta forma, o casal vai estar como que dessincronizado, tendo de enfrentar, num determinado momento das suas vidas, uma série de constrangimentos, já ultrapassados pela maior parte dos seus pares perdendo, ao mesmo tempo, uma fonte importante de aconselhamento e apoio no processo de concepção e criação das crianças. Um dos aspectos que sustenta este facto é a diminuição, com a idade, de influências pró-natalistas por parte de amigos e familiares.

Em terceiro lugar, a influência da idade nas decisões sobre a fecundidade também tem uma componente biológico-social que não está directamente relacionada com a fecundidade. Deriva sim de uma preocupação, que parece aumentar com a idade, relacionada com o facto de o casal pensar que não terá tempo suficiente e energia para acompanhar o filho (ou mais um filho) – vendo o tempo e a energia ou em termos absolutos ou como escasso e menor para o qual o ter mais filhos poderá aumentar a competitividade relativamente a outros objectivos de vida.

Finalmente, há um conjunto de fronteiras ou delimitações normativas que prescrevem o tempo “ideal” para ter filhos, para o que contribuem vários elementos. Um desses elementos tem a ver com o aumento da probabilidade de esterilidade que aumenta com a idade e que se apreende por exemplo quando se aconselha aos casais mais novos que tenham filhos ou mais filhos “antes que seja demasiado tarde”. Por outro lado, pode de facto haver a consciência, através da pressão da sociedade, que ter filhos em idades mais avançadas envolve riscos de saúde acrescidos quer para a mãe, quer para a criança. No ideal e típico ciclo de vida apresentado e prescrito pela sociedade, pela televisão e pela imprensa, ter filhos pertence ou está incluído nos estágios iniciais

de conjugalidade e, neste sentido, os casais que se vêm com bebés, são, por norma, casais jovens<sup>72</sup>.

Tudo isto faz crer que «a idade tem um efeito maior na fecundidade do que a sua simples componente biológica, e as razões para esse efeito são sociológicas» (Rindfuss & Bumpass 1978: 47). Este efeito sociológico sobre a fecundidade pode ser descrito da seguinte forma: «quanto mais velha a mulher, maior a probabilidade de ela se envolver em actividades não familiares; quanto mais velha a mulher, maior a probabilidade de os seus contemporâneos etários terem já terminado o ciclo reprodutivo e quanto mais velha a mulher, menor apoio e instigação ela receberá dos outros que lhe são significativos para ter filhos» (Rindfuss & Bumpass 1978: 52). Assim, ter filhos mais tarde significa ter menos filhos, não apenas porque a biologia funciona como limite, mas porque quanto mais é adiado um nascimento desejado, maior é a probabilidade de o casal rever os seus objectivos de fecundidade em função dos factores expostos e visível através de uma regra geral segundo a qual e de uma forma geral, o número de filhos desejados é fortemente e inversamente relacionado com a idade da mulher. Como afirmam os autores, «dado que as considerações significativas são mais sociológicas que biológicas, a questão “quão velho se é velho demais?” é uma questão acerca dos ritmos reprodutivos dos pares, ciclos de vida ideais interiorizados e as expectativas dos outros significativos» (Rindfuss & Bumpass 1978: 54).

Todavia, o adiamento da maternidade que se torna visível no contexto do mundo ocidental não comporta apenas efeitos negativos. Muitas destas mães procuram adquirir um nível

---

<sup>72</sup> Ainda assim, na sociedade ocidental, são bastante subtis as prescrições culturais sobre o “tempo ideal” para ter filhos, sobretudo quando comparada com algumas sociedades não ocidentais que têm um conjunto de normas bem mais explícitas sobre o fim do período para ter filhos, usualmente mediado através da abstinência, normas essas que se expressam em termos de fases do ciclo de vida mais do que da idade *per se* (Ware 1979 *apud* Rahman & Menken 1993). A sociedade tradicional Hindu, por exemplo, apresenta um dos poucos exemplos de prescrições para a actividade sexual masculina relacionada com a idade (Rahman & Menken 1993). De acordo com os costumes religiosos Hindus, a vida de uma pessoa é dividida em quatro fases ou *ashrama*, e apenas a segunda fase, que vai aproximadamente dos 25 aos 50, deve ser dedicada a ter filhos, expressando assim «o sentimento geral que a actividade sexual do homem deve cessar quando todos os filhos estiverem já crescidos e tiver um neto» (Opler 1964 *apud* Rahman & Menken 1993: 77). Outras sociedades prescrevem igualmente normas relativamente à actividade sexual da mulher com a idade. Em muitas sociedades não ocidentais, as expectativas relativamente ao nível apropriado de actividade sexual estão relacionadas com os eventos do ciclo de vida como tornar-se avó mais do que com a idade cronológica (Rahman & Menken 1993), como em algumas partes da Índia ou nos *Yoruba* na Nigéria Ocidental, onde é considerado inapropriado para as mulheres procriarem se têm filhos adultos e sobretudo se já são avós (Rahman & Menken 1993).

de vida que permita oferecer melhores condições para as crianças, incluindo-se muitas delas num estatuto sócio-económico elevado (Andrade 2002). Por outro lado, as mulheres que têm filhos tardiamente parecem poder beneficiar numa gravidez tardia de experiências emocionais que não poderiam beneficiar mais cedo, demonstrando mais sentimentos de autonomia, auto-confiança e individualidade do que as mães mais novas, parecendo por isso mais aptas para desempenhar as funções sociais que são atribuídas ao papel de mãe, tais como a competência, atenção e disponibilidade afectiva para cuidar da criança (Andrade 2002). Ao mesmo tempo e ao nível intra-familiar, estes casais reconhecem que já tiveram a disponibilidade necessária para viver a sua intimidade que se completa com o nascimento de um filho, sentindo-se então mais disponíveis para as solicitações que implica a chegada da criança (Andrade 2002). Finalmente, se outrora o receio de anomalias cromossómicas e congénitas como a Trisomia 21 – o rosto mais visível e mais temido da fecundidade tardia – poderia dissuadir muitos casais de optarem por ter filhos a partir de uma determinada idade, hoje com um bom diagnóstico pré-natal que permita quantificar e identificar esses riscos, associado a uma intervenção médica apropriada, é possível «dissipar um número significativo de incertezas quanto à “normalidade” da criança que vai nascer, levando um número crescente de casais a aceitar e planejar gravidezes tardias» (Andrade 2002: 30).

Nos calendários familiares, como também nos reprodutivos, sequências normativas são impostas aos indivíduos, cuja não aceitação conduz à sua catalogação como “desviante”, “fora de tempo”, “dessincronizado”, “precoce” ou “tardio”. Num caso como no outro, a realidade mostra que, a “normalidade” dos modelos é mais construída que real, impondo-se a multiplicidade de relógios familiares. No conjunto das mulheres que adiam a fecundidade para perto do limite biológico, muitas são nulíparas. Se associarmos este facto à generalizada “plasticização” da fecundidade por meio de métodos contraceptivos cada vez mais eficazes, somos levados a concluir que muitas destas mulheres parecem optar por ter filhos em idade tardia, rompendo assim o tempo socialmente definido para ter filhos. Entre probabilidades desconhecidas e/ou assumidas, os riscos da fecundidade tardia são sempre certos tal como o são também incertos. Biológicos e sociais, não parecem ser suficientes para demover estas mulheres que, aparentemente, têm tudo ao seu alcance para não terem filhos “fora do tempo” se assim o

desejarem. Qual é o perfil destas mulheres e porque o fazem é o que se tentará descortinar em seguida.

## Terceira Parte

### Filhos “fora do tempo”

*«Na realidade, temos de criar um novo tipo de maternidade para nos adaptarmos às exigências da sociedade actual e ao ciclo de desenvolvimento da família, radicalmente diferente, em que vivemos hoje. Não é apenas uma questão de as técnicas de maternidade serem diferentes do que eram na época das nossas mães e avós, mas de a própria maternidade ter de se adaptar a um contexto social tremendamente diferente. E isto significa que não só a maternidade, mas também a paternidade, tem de se modificar.»*

Sheila Kitzinger (1996) *Mães. Um estudo antropológico da maternidade*, p. 54.

*«Um tempo cede lugar a outro tempo.»*

Provérbio Africano





## Homogeneidades e singularidades da fecundidade em Portugal

### *Coordenadas espaço-temporais*

É nos finais da década de 20 do século XX que se começa a desenhar em Portugal a queda das taxas de natalidade e de fecundidade, quando a Taxa Bruta de Natalidade desce definitivamente abaixo dos 30‰ (Nazareth 1979)<sup>1</sup>. Todavia, o conjunto de transformações recentes porque passou a fecundidade portuguesa e cujos primeiros passos foram dados de forma embrionária a partir dessa altura, tem início, na sua expressão mais acentuada, apenas a partir dos

---

<sup>1</sup> Uma primeira nota metodológica impõe-se desde já no sentido de clarificar alguns dos conceitos aqui referidos. A Taxa Bruta de Natalidade (TBN) consiste na relação entre o total de nascimentos num determinado período e a população média existente nesse mesmo período, apresentando-se os valores geralmente em permilagem (‰). Todavia, porque a Taxa Bruta de Natalidade isola de forma muito rudimentar os efeitos da estrutura (Nazareth 1996), a Taxa de Fecundidade Geral (TFG) apresenta-se como um instrumento bem mais eficaz na medição da fecundidade, na medida em que relaciona os nascimentos ocorridos num determinado período com a parte da população que directamente lhes dá origem, isto é, a população feminina no período fértil, que se convencionou como o período que vai dos 15-50 anos, apresentando-se também este valor, por norma, em permilagem. Distinto é o Índice Sintético de Fecundidade (ISF) de um determinado ano civil, que indica o número médio de nascimentos que uma mulher poderá ter em toda a sua vida se, ao longo dos anos que constituem o período fértil, tiver o número de nascimentos correspondente às taxas de fecundidade por idade registadas nesse ano civil, considerando-se na teoria demográfica que se situa nos 2,1 filhos por mulher o ISF mínimo para que se possa garantir a substituição de gerações. Uma discussão metodológica rodeia todavia o ISF, questionando-o enquanto indicador mais completo para a análise da fecundidade. Na verdade, este indicador é calculado com base nas taxas de fecundidade por idades num determinado ano civil, as quais podem ser influenciadas por decisões conjunturais e não reflectir por isso de forma real o verdadeiro comportamento da fecundidade. Em alternativa, defende-se a Descendência Final, um indicador não de momento mas de geração, o que exige a disponibilidade de dados que permitam uma leitura longitudinal da fecundidade (Peixoto 1996).

anos 60. Até então, Portugal detinha, no contexto europeu, elevadas taxas de natalidade e fecundidade, traduzidas em descendências numerosas, aliadas a uma realidade profundamente contrastada no seu interior, marcada que estava por uma realidade dual entre o norte do país que apresentava valores máximos e os distritos meridionais, sobretudo os do interior e de Lisboa, onde incidiam valores mínimos (Almeida & Wall 1995).

De 1960 à actualidade, o fenómeno de evolução da fecundidade pode ser dividido em quatro fases fundamentais: (1) a década de 60 caracteriza-se por um período de relativa estabilidade e de uma ligeira diminuição da fecundidade; (2) de 1971-1985 o declive da fecundidade é muito acentuado, passando o Índice Sintético de Fecundidade de 3,2 a 1,5 filhos por mulher, ainda que em 1976 e 1977 os valores da fecundidade verifiquem um ligeiro aumento. Concretamente, situa-se em 1981 o ano a partir do qual a população portuguesa deixa de garantir a substituição de gerações futuras, gerando em média menos de 2,1 filhos por mulher; (3) de 1986-1994 a evolução da fecundidade pauta-se por um declive menos acentuado e (4) de 1995 à actualidade, o mesmo é dizer a actual, caracterizada pela inversão de tendências, ainda que com aumentos muitos ligeiros (Silva 2002).

Uma primeira leitura dos principais indicadores relacionados com a fecundidade de 1960 à actualidade, aponta desde logo para a constatação que, ao longo deste período, a fecundidade portuguesa caminha rumo ao afastamento progressivo da fecundidade dita “tradicional”. De facto, diminui o número de nados vivos, a Taxa Bruta de Natalidade, a Taxa de Fecundidade Geral, o Índice Sintético de Fecundidade e ainda a idade média ao nascimento dos filhos, ao mesmo tempo que aumenta o número de nados vivos ocorridos fora do casamento e a idade média ao nascimento do primeiro filho [Quadro 1].

No início dos anos 60, Portugal registava um total de 212775 nados vivos, valor que decresce progressivamente até atingir os 112774 em 2001, o que significa uma variação percentual notável, na ordem dos -47%. Ao longo destes 40 anos, a descida mais acentuada regista-se de 1981 para 1991 (-23,53%) e logo depois aquela que enceta a análise, ou seja de 1960 para 1970 quando os nados vivos decresceram 18,78%. Os indicadores seguintes – Taxa Bruta de Natalidade, Taxa de Fecundidade Geral e Índice Sintético de Fecundidade – que apresentavam valores bastante elevados nos anos 60 e 70 caem para níveis baixíssimos nos anos

80 e 90, registando todos decréscimos acima dos 50%, designadamente, a TBN passa de 24,1‰ em 1960 para 10,9‰ em 2001, a TFG de 94,9‰ em 1960 para 42,9‰ em 2001 e o Índice Sintético de Fecundidade que em 1960 se situava nos 3,2 filhos por mulher fica em 2001 pelos 1,5, não só um valor substancialmente inferior (menos de metade), como também abaixo do nível de substituição de gerações, o que acontece desde o início dos anos 80, em que atingiu o valor limite de 2,1 (Bandeira 1996a). Também a idade média ao nascimento dos filhos diminui de 29,6 anos em 1960 para 28,8 anos em 2001, assinalando a já referida maior precocidade no encerramento do período reprodutivo que acompanha as alterações registadas na fecundidade.

### Principais indicadores da natalidade e fecundidade, Portugal 1960-2001

[Quadro 1]

| Indicadores   | Anos   |        |        |        |        |
|---|--------|--------|--------|--------|--------|
|   | 1960   | 1970   | 1981   | 1991   | 2001   |
| Nados vivos   | 212775 | 172815 | 152061 | 116286 | 112774 |
| Nados vivos fora do casamento (%)                   | 9,5    | 7,3    | 9,5    | 15,6   | 23,8   |
| Taxa Bruta de Natalidade (‰)                        | 24,1   | 20,8   | 15,4   | 11,7   | 10,9   |
| Taxa de Fecundidade Geral (‰)                       | 94,9   | 86,7   | 64,6   | 47,2   | 42,9   |
| Índice Sintético de Fecundidade (filhos por mulher) | 3,2    | 2,8    | 2,1    | 1,6    | 1,5    |
| Idade média ao nascimento 1.º filho (anos)          | 25,1   | 24,4   | 23,6   | 24,9   | 26,8   |
| Idade média ao nascimento dos filhos (anos)         | 29,6   | 29,0   | 26,6   | 27,2   | 28,8   |

**Fonte:** Almeida *et al.* 1995; Carrilho 2002; EUROSTAT, *European Social Statistics - Demography 2001* e INE, *Estatísticas Demográficas 2001, Recenseamento Geral da População e Habitação 2001 e Séries Tipo - Taxas de Fecundidade por Grupos de Idade, Portugal 1960-1991*.

Ao mesmo tempo que ocorreram estas alterações, o peso dos nados vivos ocorridos fora do casamento no total de nados vivos assinala um aumento na ordem dos 150%, passando de 9,5% no início da década de 60 para 23,8% em 2001, aumentando igualmente a idade média ao nascimento do primeiro filho que, depois de uma queda dos 25,1 anos em 1960 para os 23,6 em 1981, aumenta para 26,8 anos em 2001, revelando um retardamento de cerca de 3 anos na idade média ao nascimento do primeiro filho.

A quebra generalizada observada na Taxa de Fecundidade Geral encobre todavia sinais de diversidade interna no que respeita à evolução registada nas taxas de fecundidade por grupos de idade<sup>2</sup> [Gráfico 1]. Ao ajustar a 100 as taxas específicas de fecundidade<sup>3</sup>, o gráfico permite comparar as curvas de fecundidade de 1960 a 2001 e concluir sobre uma progressiva convergência para a direita (rumo a idades mais adultas) da fecundidade, abandonando a antiga convergência para a esquerda (idades mais jovens). Sendo ao ponto mais alto das curvas que corresponde a idade à qual as mulheres optam por ter mais crianças, o gráfico revela que, não obstante essas alterações, a fecundidade regista sempre o seu pico no grupo de idade dos 25-29 anos, à excepção de 1981, onde esse pico se desloca para o grupo etário imediatamente anterior (20-24 anos) (Almeida *et al.* 1995) [Quadro I.1 – Anexo].

No que respeita à fecundidade precoce, ou seja, dos 15-19 anos, esta aumentou consideravelmente de 1960 a 1981 (de 26,2‰ para 39,6‰), fenómeno que não pode ser descontextualizado das alterações introduzidas pelo 25 de Abril (Almeida, André & Lalande 2002), iniciando depois um decréscimo progressivo, registando 23,5‰ em 1991 e apenas 20,4‰ em 2001.

No caso das jovens adultas (20-24 anos) e das adultas jovens (25-29), as taxas de fecundidade registam aumentos significativos de 1960 para 1970 mas, a partir de então, a regressão marca a sua evolução. As primeiras registavam em 1970 um valor de 158,8‰ mas de 70 para 81 os valores decaem bastante. Apesar de em 81 ainda se situarem acima dos 130‰, de 81 para 91 descem para os 85,2‰ e em 2001 ficam-se pelos 55,6‰. Quanto às segundas,

---

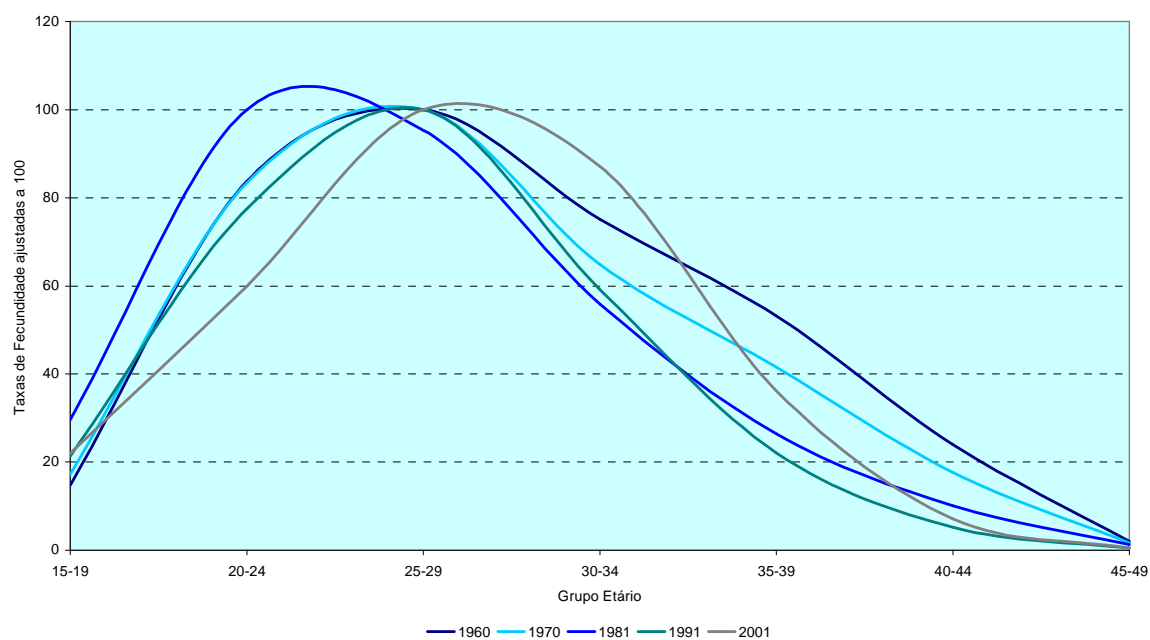
<sup>2</sup> A Taxa de Fecundidade Geral ou Taxa Global de Fecundidade, apresentando vantagens óbvias relativamente à Taxa Bruta de Natalidade – uma vez que contabiliza no denominador apenas a população que dá origem aos nascimentos –, não é todavia completamente satisfatória. De facto, porque a fecundidade varia bastante com a idade, é necessário calcular as Taxas de Fecundidade segundo a Idade ou Grupos de Idade da mãe, também chamadas de Taxas Específicas de Fecundidade (Sauvy s.d.). Para se calcular as taxas de fecundidade por idades ou grupos de idades, dividem-se os nascimentos entre as idades exactas pela população média existente entre essas mesmas idades, cálculo que permitirá encontrar índices libertos de efeitos de estruturas, superando assim as limitações inerentes à análise das taxas brutas (Nazareth 1988).

<sup>3</sup> Sempre que se pretende comparar modelos de fecundidade é aconselhável ajustar as taxas de fecundidade a 100 para uma melhor visualização gráfica das semelhanças e diferenças (Nazareth 1996). No ajustamento das taxas a 100 considera-se o valor mais elevado como equivalente a 100, calculando-se depois o ajustamento das restantes taxas. Desta forma, a representação permite demonstrar a permanência de um único modelo de fecundidade e, ao mesmo tempo, as inúmeras variantes que esse modelo assume.

aumentam de 177,6‰ em 1960 para os 190,4‰ em 1970, altura a partir da qual diminuem acentuadamente, situando-se em 2001 nos 92,7‰.

### Taxas de fecundidade por grupos de idade, Portugal 1960-2001

[Gráfico 1]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro I.1 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 2001, Recenseamento Geral da População e Habitação 2001 e Séries Tipo - Taxas de Fecundidade por Grupos de Idade, Portugal 1960-1991*.

A fecundidade das mulheres adultas, que se situava nos 133,4‰ no grupo dos 30-34, nos 94,4‰ no grupo dos 35-39 e nos 42,5‰ no grupo dos 40-44 anos – valores relativamente elevados no conjunto do país em 1960 –, decresceu progressivamente ao longo do período analisado e, de forma mais sensível dos anos 70 até 1991. Na última década estudada (1991-2001), todos estes grupos de idade registam todavia acréscimos sensíveis, nomeadamente, de 65,1‰ para 80,7‰ no grupo dos 30-34, que assim se aproxima bastante dos valores dos 25-29 anos (92,7‰), onde se situa a idade média ao nascimento dos filhos, de 24,3‰ para 33,6‰ dos 35-39 e dos 5,7‰ para 6,6‰ dos 40-44 anos. No conjunto dos grupos de idade, apenas o grupo das mulheres mais idosas (45-49) tem registado um decréscimo contínuo, passando de 3,5‰ em 1960 para 0,4‰ em 2001.

Em suma, a queda da fecundidade no período 1960-2001, pauta-se por uma diversidade interna no que às taxas de fecundidade por grupos de idade diz respeito. Enquanto que a década de 70 assinala o ponto de viragem no que toca à quebra da fecundidade a partir dos 30 anos, a década de 80 marca a quebra da fecundidade mais jovem. Por outro lado, a evolução recente aponta para um claro aumento da fecundidade nos grupos de idade mais avançados, sendo de notar que os aumentos registados no período intercensitário de 1991-2001 – que se sabe ocorrem no período pós 1995 (Carrilho 2002) – se verificam todos dos 30 aos 44 anos inclusive, o que confirma uma clara tendência de adiamento da fecundidade por parte das mulheres portuguesas.

Depois de uma análise regional, Ana Nunes de Almeida e outros autores (1995) propõem em *Os Padrões Recentes da Fecundidade em Portugal* um conjunto de 6 perfis distintos de evolução da fecundidade no território nacional. O Grupo 1, formado pelos Açores, representa uma situação singular, registando sempre valores bastante superiores à média nacional; o Grupo 2 é constituído pelas áreas industriais periféricas do Grande Porto que registavam em 1960 os valores mais elevados do país e que registaram até 1991 o decréscimo mais acentuado, descida essa particularmente abrupta nos anos 70 mas que, ainda assim, mantém em 1991 valores superiores aos nacionais; o Grupo 3 é formado pelas regiões de Trás-os-Montes/Douro e Madeira onde se observa uma evolução semelhante à do Grupo 2, ainda que a um ritmo mais lento; o Grupo 4 engloba as áreas adjacentes aos principais centros urbanos do Norte Litoral (Porto, Aveiro e Viana do Castelo) bem como a região de Dão-Lafões e apresenta um perfil praticamente coincidente com o nacional; o Grupo 5 que inclui as regiões de Lisboa e Coimbra, apresenta de 1960 a 1990 valores sempre inferiores à média nacional apesar de ter registado nos anos 60 um aumento justificado das taxas de fecundidade por força do grande êxodo rural então sentido e, finalmente o Grupo 6, que engloba toda a área a sul do Mondego com excepção do Grupo 5, caracterizado por valores muito abaixo da média em 1960 e 1970 mas que se aproximaram a partir de 1981. No conjunto destas transformações, a diferenciação regional da fecundidade foi particularmente acentuada nos grupos de mulheres mais jovens e mais idosas, ou seja, nos grupos de idade 15-19 e 40-49 anos, enquanto que nos grupos mais fecundos (20-29 anos) a evolução verificada foi bem menos contrastada (Almeida *et al.* 1995).

Quer isto dizer que, a evolução da fecundidade registada entre 1960 e 2001 é muito especialmente até 1991, não apenas se caracteriza pela quebra abissal do número de nascimentos e das taxas de fecundidade, como também por uma profunda uniformização desse fenómeno ao longo do território português, ainda que a «ritmos regionais diferenciados» (Almeida *et al.* 1995: 28). De uma clara diversidade regional que marcava a cartografia da fecundidade portuguesa nos anos 60 e 70, pautada por um grande contraste a norte e sul do Mondego, possuindo as Regiões Autónomas valores muito próximos do norte do país, os anos 80 e sobretudo os 90 evidenciam um claro esbatimento dessas clivagens, apresentando Portugal hoje uma profunda homogeneidade nos principais indicadores da fecundidade (Almeida *et al.* 1995).

Também no que diz respeito à evolução da fecundidade em Portugal no contexto da Europa, essa evolução se processou rumo à homogeneidade, evidenciando todavia algumas singularidades. As taxas de fecundidade, resumidas através do Índice Sintético de Fecundidade [Quadro 2], evidenciam que, se no início dos anos 60, Portugal apresentava uma diferença clara relativamente aos países da Europa, os níveis se reduziram a metade entre 1960 e 2001, colocando o país dentro dos padrões comunitários (Carrilho 2002).

No início dos anos 60, os valores da fecundidade situavam-se acima dos 2,5 filhos por mulher em idade fecunda na maior parte dos países da actual União Europeia (UE). Portugal gozava nessa altura de um Índice Sintético de Fecundidade francamente superior à média europeia, com cerca de 3,1 filhos por mulher, situação a que se juntava a Irlanda com o ISF mais elevado: 3,76, a Holanda com 3,12 e a Espanha com 3,86. No final da década de 60 e início de 70, alguns países – Dinamarca, Alemanha, Luxemburgo, Finlândia e Suécia – assistiram a uma queda brutal dos níveis de fecundidade abaixo dos de substituição de gerações. Portugal, agora com 2,83 filhos por mulher via decrescer o ISF mas continuava acima da média europeia (2,38 filhos por mulher), posição que partilhava com a hegemónica Irlanda, Espanha e Holanda. A queda prossegue e em 1980 a média europeia atinge o valor abaixo do nível de substituição de gerações com 1,82 filhos por mulher, situação que espelha o comportamento reprodutivo da Europa dos 15, onde apenas os países do sul da Europa – Grécia, Espanha e Portugal –, bem como a Irlanda, apresentam valores acima dos 2,1 filhos por mulher. Em 1990, quando a Irlanda toca o limiar dos 2,1 filhos por mulher e a Suécia regista uma recuperação do ISF ao mesmo valor, o ISF da Europa baixa para os 1,57 filhos por mulher, exactamente o mesmo valor que se regista em

Portugal e que traduz a não mais substituição de gerações. Chegados a 2000, a média da Europa dos 15 toca os 1,53 filhos por mulher e Portugal confirma a continuidade da identificação com a Europa Comunitária em que se insere, caracterizada por uma profunda homogeneidade nos baixos níveis de fecundidade, apesar das diferenças no ritmo de evolução da mesma (Silva 2002). O padrão de evolução da fecundidade em Portugal é pois relativamente análogo ao do conjunto dos países que formam actualmente a UE ainda que a queda, como aliás a que registou de uma forma geral a Europa do Sul, seja mais tardia e significativamente mais abrupta (Almeida, André & Laland 2002).

### Índice Sintético de Fecundidade, Europa dos 15, 1960-2000

[Quadro 2]

| Países         | Anos              |             |             |             |                   |
|----------------|-------------------|-------------|-------------|-------------|-------------------|
|                | 1960              | 1970        | 1980        | 1990        | 2000              |
|                | filhos por mulher |             |             |             |                   |
| <b>EU - 15</b> | <b>2,59</b>       | <b>2,38</b> | <b>1,82</b> | <b>1,57</b> | <b>1,53*</b>      |
| B              | 2,56              | 2,25        | 1,68        | 1,62        | 1,65*             |
| DK             | 2,57              | 1,95        | 1,55        | 1,67        | 1,76*             |
| D              | 2,37              | 2,03        | 1,56        | 1,45        | 1,34 <sup>p</sup> |
| EL             | 2,28              | 2,39        | 2,21        | 1,39        | 1,30*             |
| E              | 2,86              | 2,90        | 2,20        | 1,36        | 1,22*             |
| F              | 2,73              | 2,47        | 1,95        | 1,78        | 1,89 <sup>p</sup> |
| IRL            | 3,76              | 3,93        | 3,23        | 2,11        | 1,89              |
| I              | 2,41              | 2,42        | 1,64        | 1,33        | 1,25*             |
| L              | 2,28              | 1,98        | 1,49        | 1,61        | 1,78              |
| NL             | 3,12              | 2,57        | 1,60        | 1,62        | 1,72 <sup>p</sup> |
| A              | 2,69              | 2,29        | 1,65        | 1,45        | 1,32*             |
| <b>P</b>       | <b>3,10</b>       | <b>2,83</b> | <b>2,18</b> | <b>1,57</b> | <b>1,54*</b>      |
| FIN            | 2,72              | 1,82        | 1,63        | 1,78        | 1,73              |
| S              | 2,20              | 1,92        | 1,68        | 2,13        | 1,54              |
| UK             | 2,72              | 2,43        | 1,90        | 1,83        | 1,64 <sup>p</sup> |

**Nota:** (EU) União Europeia; (B) Bélgica; (DK) Dinamarca; (D) Alemanha; (EL) Grécia; (E) Espanha; (F) França; (IRL) Irlanda; (I) Itália; (L) Luxemburgo; (NL) Holanda; (A) Áustria; (P) Portugal; (FIN) Finlândia; (S) Suécia e (UK) Reino Unido; \* Valores estimados; <sup>p</sup> Valores provisórios.

**Fonte:** EUROSTAT, *European Social Statistics – Demography 2001*.

Os países que nos anos 80 haviam registado as taxas de fecundidade mais elevadas, designadamente os países do Sul da Europa e a Irlanda, são aqueles que registaram depois as



quebras mais acentuadas. Em 2000 nenhum país da União Europeia assegurava a substituição das gerações, situando-se os níveis mais baixos na Europa do Sul, onde se inclui Portugal, concretamente, em Espanha (1,22), Itália (1,25) e Grécia (1,30) e os mais elevados na Irlanda e em França onde o ISF chega aos 1,89 filhos por mulher, seguidos do Luxemburgo, Dinamarca, Finlândia e Holanda onde os valores oscilam entre os 1,78 e 1,72 filhos por mulher. Depois de uma certa estabilidade num ISF de 1,45 filhos por mulher durante três anos, o ISF da União Europeia aumentou em 2000 para 1,53. Este indicador parece ter “batido no fundo do poço” e, muito provavelmente, irá ainda subir ligeiramente nos próximos anos (EUROSTAT 2001). Não obstante, apesar de o número de nascimentos em 2000 ter sido o mais elevado na Europa dos 15, num período de 6 anos, esse aumento não representou o tão aguardado “*millennium baby boom*” (EUROSTAT 2001), prevendo-se mesmo que em breve a fecundidade na Europa dos 15 encete um novo decréscimo, suscitado pela substituição das mulheres nascidas em meados dos anos 60 durante o “*baby boom*” – que entretanto chegarão ao fim do seu período fértil –, por um número menor de mulheres nascidas entre 1965 e 1975 e que representam o “*baby busters*”, período em que a fecundidade decaiu consideravelmente na Europa (EUROSTAT 2001).

Alguns sinais de mudança se evidenciam também na evolução recente da fecundidade em Portugal. Em 1996, interrompeu-se o percurso decrescente da natalidade que se manifestava desde o começo dos anos 60, tendo-se registado uma subida em relação ao ano anterior. Todavia, é preciso notar que os aumentos registados de 1995-2000 foram muito pequenos para que se possa assegurar uma tendência crescente no longo prazo, devendo o aumento da natalidade durante os 5 anos consecutivos ser, segundo Maria José Carrilho (2002), interpretado com cuidado na medida em que tem certamente subjacente flutuações conjunturais associadas ao efeito idade. Ainda em relação ao caso português, um estudo recente sobre a projecção das taxas de fecundidade específicas por idades (Silva 2002) utilizando um modelo econométrico, concluiu que a fecundidade portuguesa irá verificar uma tendência ligeiramente crescente até 2050 com pequenas transformações na distribuição da fecundidade por idades, favorecendo o aumento das taxas de fecundidade relativas nas idades depois dos 29 e a sua diminuição nas idades mais jovens.

No contexto das homogeneidades que caracterizam a evolução recente da fecundidade em Portugal, designadamente a homogeneização regional dos comportamentos procriativos,

cimentada em torno de um baixo ISF e de uma forte concentração dos nascimentos no grupo de idade dos 25-29 anos, bem como a identificação com os valores europeus, as singularidades persistem. Em 1995 Ana Nunes de Almeida e outros autores afirmavam que «[...] o grupo de mulheres mais velhas é aquele que apresenta em 1991, taxas de fecundidade regionalmente mais diversificadas» (Almeida *et al.* 1995: 46), razão pela qual nesse estudo, onde se estabeleciam três níveis de diferenciação do espaço regional, fundamentais na tipologia da fecundidade em Portugal que então se apresentava, a fecundidade tardia constituía um elemento essencial<sup>4</sup>. Já em 2002, Ana Nunes de Almeida, Isabel André e Piedade Lalanda reafirmam que, não obstante a aparente uniformidade dos comportamentos procriativos, no que respeita à maternidade tardia<sup>5</sup>, a diversidade regional persiste, opondo-se à maternidade precoce mais visível no Alentejo e nas Regiões Autónomas, a tardia que se destaca na Madeira e em Lisboa e Vale do Tejo (Almeida, André & Lalanda 2002). Por esta razão e por todas as outras que se prendem com os objectivos específicos deste trabalho, analisar-se-á em seguida e de forma mais pormenorizada a aritmética da fecundidade depois dos 40 em Portugal.

### *A aritmética da fecundidade depois dos 40*

Constituindo o aumento da fecundidade tardia um dos traços da evolução recente da fecundidade portuguesa (Almeida, André & Lalanda 2002), importa “isolar” os nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos<sup>6</sup>, por forma a melhor compreender os contornos desta

---

<sup>4</sup> Ao estabelecer um conjunto de 5 perfis regionais os autores identificaram os aspectos da fecundidade que mais diferenciavam o espaço regional, onde incluíam um primeiro nível – Índice Sintético de Fecundidade (ISF), associado ao intervalo entre nascimentos, um segundo nível – ISF associado à fecundidade tardia e à variação temporal da fecundidade e um terceiro nível – fecundidade nas idades mais férteis (20-29 anos) e fecundidade precoce (Almeida *et al.* 1995).

<sup>5</sup> Enquanto que em 1995 se considerava a fecundidade tardia como a que se registava entre os 40-49 anos de idade (Almeida *et al.* 1995) em 2002 utiliza-se a mesma expressão para designar os nascimentos ocorridos em mulheres de 35 e mais anos (Almeida, André & Lalanda 2002), associando-se a maternidade tardia à classificação de gravidez de risco, consensualmente definida a partir desta data. Todavia, pelas razões explicitadas na Introdução, optar-se-á por estudar a fecundidade apenas na última década do período fértil, razão pela qual se utiliza a expressão “fecundidade tardia” para significar a que se verifica em mulheres de 40 e mais anos.

<sup>6</sup> No contexto da informação recolhida nas *Estatísticas Demográficas*, os nascimentos contemplam o total de nados vivos e fetos mortos. Segundo a definição da Organização Mundial de Saúde, adoptada

fecundidade “tardia”, analisando de forma muito particular, o modo como, ao longo dos últimos 20 anos têm evoluído as taxas de fecundidade depois dos 40 anos em Portugal<sup>7</sup> [Gráfico 2].

No cômputo geral, a fecundidade em mulheres de 40 e mais anos acompanhou, de 1981 a 2001, a evolução genérica da fecundidade total, nomeadamente, uma queda progressiva até 1994-1995, data a partir da qual regista ligeiros aumentos [Quadro 2.1 – Anexo]. De forma mais específica, a fecundidade, neste grupo de idade, detinha em 1981 uma taxa de 7,4‰, valor que num curto espaço de 5 anos regista uma queda acentuada para menos 3‰. A partir de 1986 a queda é de facto mais sensível ainda que permanente. Entre 1987-1989 os valores rondam os 4‰, para iniciarem a década de 90 nos 3,3‰. Nos anos seguintes os decréscimos continuam até aos 2,8‰ em 1994, valor mais baixo atingido em todo o período analisado e repetido em 1996. Em 1995, a fecundidade neste grupo etário aumenta um valor, que perde no ano seguinte e volta a ganhar em 1997 e mantém estável em 1998. A partir deste ano, os valores da fecundidade tardia registam aumentos progressivos, passando dos 2,9‰ para 3,2‰ em 1999, 3,6‰ em 2000 e 2001, afirmando assim uma recente e ligeira subida da fecundidade tardia entre 1995 e 2001 que, não obstante uma pequena diferença de 0,70‰ no grupo de 40 e mais anos e de 1,4‰ no grupo dos 40-44 anos, traduz uma variação percentual positiva na ordem dos 25% em ambos os casos.

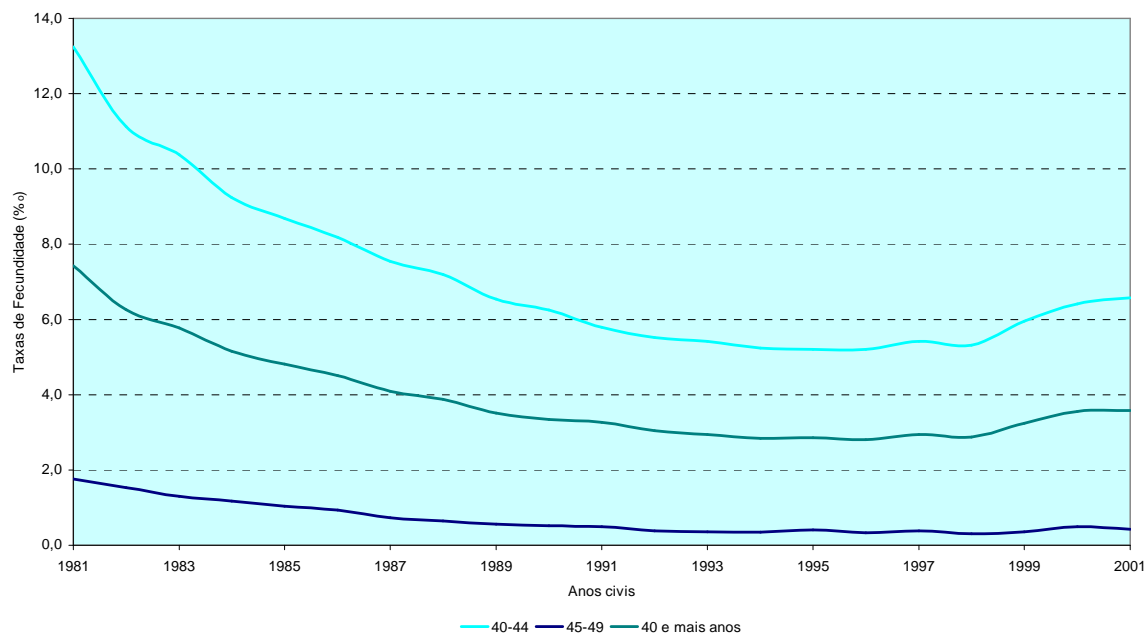
---

pelo INE, entende-se por “nado vivo” o produto da fecundação que após a expulsão ou extracção completa do corpo materno, independentemente da duração da gravidez, do corte do cordão umbilical e da retenção da placenta, respira ou manifesta sinais de vida, tais como pulsações do coração ou do cordão umbilical ou contracções efectivas de qualquer músculo sujeito à acção da vontade e por “feto morto” o produto da fecundação cuja morte ocorreu antes da expulsão ou extracção completa relativamente ao corpo da mãe, independentemente da duração da gravidez. No que respeita contudo ao estudo da fecundidade, este reporta-se geralmente apenas aos nados vivos (Pressat 1983), o que não quer dizer que por vezes não se analisem os nados mortos, devido à forma como as estatísticas foram estabelecidas. Em concordância com este facto, os dados recolhidos e analisados respeitam apenas a nados vivos, de forma que, sempre que ao longo do texto se utilizar a expressão “nascimentos” querer-se-á com ela significar nados vivos.

<sup>7</sup> A aceleração do ritmo de queda da fecundidade a partir de 1960 mas, de forma mais intensa, entre a década de 70 e 80 remete para a década seguinte a análise completa e longitudinal do processo, iniciando-se com o *Recenseamento Geral da População 1981* e as *Estatísticas Demográficas 1981* o cálculo das taxas de fecundidade por grupos de idade, muito especificamente nos grupos de idade dos 40-44, 45-49 e num grupo de síntese construído propositadamente tendo em conta os objectivos do estudo e que agrega todas as mulheres de 40 e mais anos. Por outro lado, é apenas a partir de 1980 que se dispõe, para Portugal, do número de nascimentos por idades das mães ao nível distrital, bem como da população residente por sexos e grupos de idade a este nível, elementos essenciais para o cálculo das taxas específicas de fecundidade no sentido de compreender os contornos territoriais da evolução da fecundidade depois dos 40 anos.

## Taxas de fecundidade tardia, Portugal 1981-2001

[Gráfico 2]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.1 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

Decompondo este grupo etário nos grupos quinquenais que lhe subjazem, verifica-se que a evolução das taxas específicas dos 40-44 e dos 45-49 anos é análoga, ainda que com valores distintos, mais elevados no primeiro caso e inferiores no segundo. A taxa de fecundidade dos 40-44 anos detinha em 1981 um valor de 13,2%, valor que decai progressivamente até aos 5,2% em 1994 onde permanece durante três anos. Em 1997 regista um ligeiro acréscimo, que perde em 1998 mas, no ano seguinte, enceta um processo ascendente chegando aos 6% em 1999 e aos 6,6% em 2001. Quanto à taxa de fecundidade das mulheres entre os 45-49 anos de idade, ficava-se esta pelos 1,8% no início da década de 80 e, apesar dos fracos valores que assume, depois de tocar um mínimo de 0,3% em 1994, 96 e 98, regista nos últimos anos um pequeno acréscimo de 1%. Em suma, da análise da fecundidade tardia ao longo dos últimos 20 anos, assinala-se uma evolução decrescente em todos os grupos etários quinquenais depois dos 40 anos até meados da década de 90, altura a partir da qual as taxas de fecundidade evidenciam ligeiros acréscimos.

Uma análise sobre a cartografia da fecundidade depois dos 40 anos de 1981 a 2001 [Quadro 2.22 – Anexo] permite, para além desta evolução global, encontrar perfis diversificados de evolução regional<sup>8</sup>. Em 1981, quando a média nacional da fecundidade em mulheres de 40 e mais anos se situava nos 7,4‰, os valores mais elevados situavam-se a norte do país e nas ilhas, nomeadamente em Braga (16,9‰), R.A. da Madeira (15,9‰), Vila Real (14,5‰), R.A. dos Açores (13,4‰) e Viseu (13,3‰), enquanto que os mais baixos se registavam a Sul, designadamente em Évora (3‰), Portalegre (4‰), Faro e também Lisboa (ambos com 4,3‰), o que demonstrava não apenas uma elevada assimetria regional no que às taxas de fecundidade diz respeito, como também a existência de grandes desvios (positivos e negativos) relativamente à média nacional (7,4‰), opondo-se os elevados valores de Braga que rondavam os 17‰ aos de Évora que se ficavam pelos 3‰. De 1981 para 1985, 1990 e 1995, os sinais de mudança são evidentes. Não apenas a média nacional desce para os 4,8‰, depois para os 3,3‰ e finalmente para os 2,9‰ (aproximadamente uma terça parte do registado em 1981) como diminuem os desvios relativamente a este valor. As diferenças regionais, essas mantêm-se todavia, ainda que de forma mais esbatida. Os valores mais elevados são agora encabeçados pelas R.A. dos Açores e da Madeira em torno dos 5-6‰, a que se seguem os distritos do norte do país como Bragança, Viseu, Vila Real ou Braga mas também Faro. Quanto aos valores inferiores, permanecem esses no centro e sul do país, atingindo os níveis mais baixos em Santarém, Évora, Beja e Castelo Branco.

É apenas de 1995 para 2001 que se regista uma mudança clara no comportamento regional da fecundidade tardia, alteração essa concomitante com a primeira subida das taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos ao longo do período observado, passando a média nacional de 2,9‰ para 3,6‰. O cenário da fecundidade tardia regional é pois bem diferente em 2001 onde os valores mais elevados – entre os 4-5‰ – se situam nos Açores (4,7‰), depois em Lisboa (4,5‰), Madeira (4,4‰) e em Faro (4,3‰), enquanto os valores mais baixos se

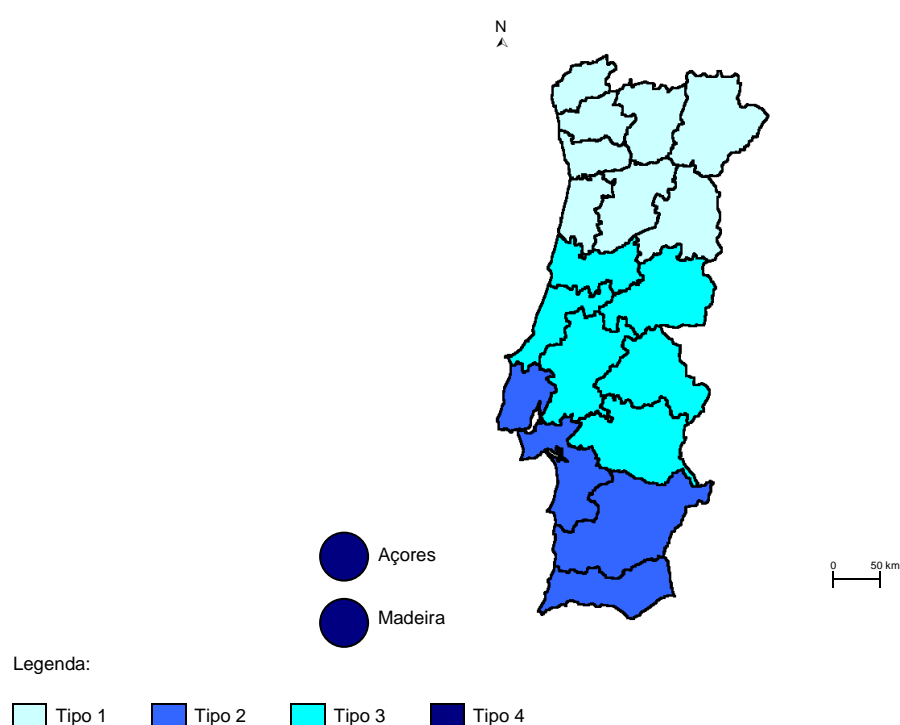
---

<sup>8</sup> Sendo impossível reconstruir a evolução da fecundidade em mulheres de 40 e mais anos por NUTS II para o período 1981-2001 (dada a destruição da informação detalhada do número de nascimentos por idade da mãe e Concelhos referente ao período 1980-1984, segundo informação fornecida pelo INE), a análise empreendida toma como unidade de análise o Distrito. Para tal, utilizou-se a informação publicada do número de nados vivos por idade da mãe e Distrito para os anos de 1981-1987 inclusive, e, para o período 1988-1989 e 1990-2001 a informação disponível publicada e informação disponível não publicada respectivamente, do número de nados vivos por idade da mãe e Concelho por forma a construir os valores relativos ao conjunto de Distritos do país.

encontram agora no Interior Centro e Norte do país, concretamente em Castelo Branco (1,9‰), Vila Real (2,1‰), Portalegre (2,3‰) ou Coimbra (2,5‰). Sintetizando, a evolução recente das taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos no período de 1981 a 2001, fez-se em Portugal a ritmos diferenciados e sobretudo a partir de quatro perfis distintos [Figura 1]<sup>9</sup>.

### Perfis de evolução das taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos, Distritos, 1981-2001

[Figura 1]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

O Tipo 1 inclui os distritos que registaram uma evolução marcadamente negativa, passando de taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos superiores e bastante distantes

<sup>9</sup> A leitura da Figura 1 complementa-se não apenas com a leitura do quadro síntese das taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais no período de 1981-2001 por distrito [Quadro 2.22 – Anexo], como também com a leitura da representação gráfica da evolução dessas mesmas taxas por comparação com as taxas nacionais [Gráficos 2.2-2.21 – Anexo].

da média nacional em 1981 a taxas inferiores à média nacional registada em 2001. Este perfil corresponde a todo o norte do país, designadamente os distritos de Aveiro, onde se regista apesar de tudo uma tendência crescente a partir de 1998; Braga, que apesar de valores inferiores à média nacional desde 1997, se situa muito perto dos valores nacionais; Bragança caracterizada por oscilações em torno dos valores nacionais desde 1987; Guarda; o Porto que desde 1994 se tem vindo a aproximar da média nacional; Viana do Castelo que oscila em torno dos valores nacionais desde 1988; Vila Real que tocou os valores nacionais em 1992 e de novo em 1997, descendo abaixo dos mesmos apenas em 2001 e, finalmente Viseu que desde 2000 apresenta valores abaixo dos nacionais.

O Tipo 2 abarca os distritos que em 1981 detinham valores de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos inferiores à média nacional e que são hoje superiores, perfil que se estende por Lisboa, toda a faixa do litoral sul e Baixo Alentejo. Inclui-se aqui o distrito de Beja que regista uma tendência crescente, embora oscilante, desde 1995; Faro que depois de tocar a linha nacional em 1989 revela uma clara tendência positiva desde 1996; Lisboa com tendências crescentes desde 1993 e Setúbal onde desde 1996 a taxa de fecundidade ilustra uma tendência ascendente.

O Tipo 3 inclui os distritos que, quer em 1981, quer em 2001, apresentam baixos valores de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos, sempre inferiores aos valores nacionais, agregando, territorialmente todo o centro do país e Norte Alentejo. Muito especificamente, inclui-se aqui o distrito de Castelo Branco; Coimbra, apesar da sua tendência crescente desde 1997; Évora que revela igualmente uma tendência crescente a partir de 1995 e muito especialmente a partir de 1997; Leiria onde os valores aumentam desde 1998; Portalegre que se revela como o distrito mais oscilante nestas taxas de fecundidade, alternando entre valores elevados e baixos ano após ano e finalmente Santarém com uma tendência positiva desde 1995. Finalmente, o Tipo 4 inclui as Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, regiões que, quer em 1981, quer em 2001, apresentam valores superiores à média nacional, ainda que hoje o façam com um desvio bastante menor (cerca de 1‰) do que os 6‰ e 8,5‰ de outrora.

Olhemos então de forma mais pormenorizada para o conjunto de nascimentos em mulheres de 40 e mais anos de acordo com os últimos dados disponíveis, designadamente, os disponibilizados pelo INE através das *Estatísticas Demográficas 2001*, nalguns casos, acrescidos de outros, extraídos do *Recenseamento Geral da População 2001*. Uma primeira leitura destes dados

permite concluir desde logo pelo ínfimo contributo dos nascimentos ocorridos após os 40 anos no total de nascimentos registados [Quadro 3]. De facto, de um total de 112774 nados vivos em Portugal no ano de 2001<sup>10</sup>, apenas 2590 ocorreram em mães cuja idade era superior a 40 anos, o que, em termos percentuais, representa uma fracção na ordem dos 2,3% do total de nados vivos ocorridos em Portugal nesse ano, a que corresponde, igualmente, a mais baixa taxa de fecundidade então registada, designadamente 3,58%.

### Nados vivos e taxas de fecundidade por grupos de idade, Portugal – 2001

[Quadro 3]

| Nados Vivos /<br>População Feminina | Total   | 15-19  | 20-24  | 25-29  | 30-34  | 35-39  | 40-44  | 45-49  | De 40 e<br>mais<br>anos | Ignorada |
|-------------------------------------|---------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|-------------------------|----------|
| Nados Vivos                         | 112774  | 6873   | 21726  | 37570  | 30852  | 13157  | 2441   | 149    | 2590                    | 6        |
| %                                   | 100     | 6,09   | 19,27  | 33,31  | 27,36  | 11,67  | 2,16   | 0,13   | 2,30                    | 0,01     |
| Pop. Feminina                       | 2631330 | 337264 | 390814 | 405418 | 382094 | 391998 | 370990 | 352752 | 723742                  | -        |
| Tx. de Fecundidade                  |         |        |        |        |        |        |        |        |                         |          |
| ‰                                   | 42,86   | 20,38  | 55,59  | 92,67  | 80,74  | 33,56  | 6,58   | 0,42   | 3,58                    | -        |

**Fonte:** INE, *Estatísticas Demográficas 2001 e Recenseamento Geral da População 2001*.

A maior fatia percentual de origem dos nados vivos situa-se actualmente, como aliás já se verificou anteriormente, no escalão etário das mães que têm entre 25 e 29 anos de idade, onde ocorrem 33,31% do total de nascimentos e onde a taxa de fecundidade é de 92,67‰, seguido dos grupos etários que o rodeiam, isto é, o dos 30 aos 34 anos de idade com 27,36% e uma taxa de fecundidade de 80,74‰, e o das mães que têm entre 20 e 24 anos, de onde resultam 19,27% do total de nados vivos ocorridos nesse ano, o que representa uma taxa de fecundidade na ordem dos

<sup>10</sup> Efectivamente, o número total de nados vivos registado em Portugal no ano de 2001 foi de 112825. Todavia, este número engloba um total de 51 nados vivos ocorridos de mães cuja área geográfica de residência se situa no estrangeiro, pelo que se decidiu partir do valor de 112774 nados vivos nascidos em Portugal de mulheres com residência em Portugal, englobando este valor um conjunto de 6 nados vivos de mães cuja área geográfica de residência é ignorada.



55,59%, sequência que se verifica, não obstante a diferença de valores, em todo o território nacional<sup>11</sup> [Quadro 3.1 – Anexo].

No conjunto dos diversos grupos etários que constituem o período fértil das mulheres, os grupos dos extremos são de facto os grupos que menos contribuem para o total dos nascimentos. Esta, que não é uma conclusão nova, exige no entanto ser clarificada no contexto do presente trabalho. O conjunto de nados vivos com origem no grupo etário inicial do período fértil das mulheres portuguesas contribuiu em 6,09% para o total de nados vivos ocorridos em 2001 e regista uma taxa de fecundidade de 20,38‰. No extremo diametralmente oposto, ponderando os nados vivos ocorridos na última década do período fértil das mulheres portuguesas, conclui-se que em 2001 estes representavam apenas 2,3% do total, cerca de um terço dos 6,09% ocorridos em mães com menos de 20 anos, e uma taxa de fecundidade que não vai além dos 3,58‰, reflectindo assim a oposição abissal entre a despedida da ovulação de um lado, ante a pujança da entrada no período fértil, por outro.

Em termos regionais e comparativamente aos valores nacionais, verifica-se que a região Norte, Centro e Alentejo apresentam taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos abaixo da média nacional, situada nos 3,58‰, enquanto que Lisboa e Vale do Tejo, Algarve e as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira dela se distanciam com valores superiores [Gráfico 3]. No conjunto dos desvios negativos superiores a 0,5‰, de assinalar apenas que é na região Centro que se regista o maior desvio negativo à média nacional, com uma taxa de 2,91‰. Relativamente aos desvios positivos, são todos superiores a 0,5‰, registando-se na Região Autónoma dos Açores o valor mais elevado, onde, a um desvio de 1,16‰ corresponde, igualmente, a taxa de fecundidade mais elevada observada em mulheres de 40 e mais anos, designadamente, 4,74‰. A Região Autónoma da Madeira, com uma taxa de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos de

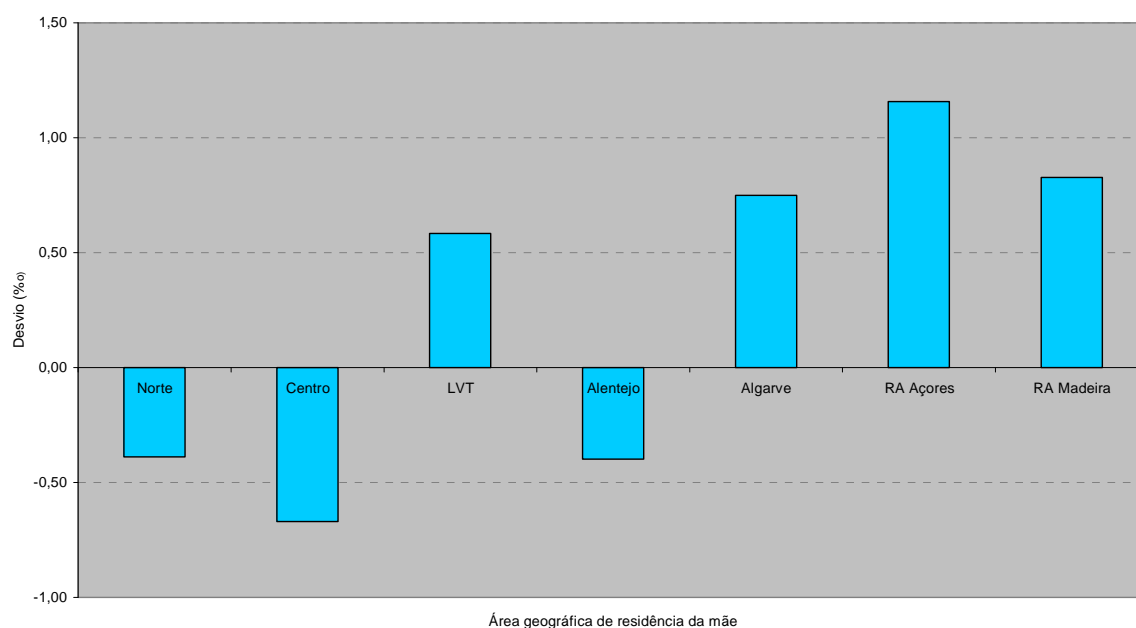
---

<sup>11</sup> Porque, numa primeira fase, foram já identificados os distritos que apresentam maiores especificidades no contexto da fecundidade tardia, a análise empreendida a partir deste ponto deixará de se fazer por distrito de residência da mãe mas sim segundo NUTS II (Nomenclatura das Unidades Territoriais para fins Estatísticos), isto é, as unidades territoriais para fins estatísticos de nível II que, em 2001, compreendiam o Norte, Centro, Lisboa e Vale do Tejo (LVT), Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira. Neste contexto, importa referir que o decreto-lei n.º 244/2002 de 5 de Novembro veio alterar a delimitação das NUTS, passando a incluir no nível II as regiões Norte, Centro, Lisboa, Alentejo, Algarve, Região Autónoma dos Açores e Região Autónoma da Madeira. Todavia, os dados agrupados nas *Estatísticas Demográficas 2001* assentam ainda na anterior nomenclatura do território nacional, nomenclatura essa que se manterá na análise efectuada.

4,41‰, desvia-se da média nacional em 0,83‰; a taxa de 4,33‰ registada no Algarve traduz um desvio positivo de 0,75‰ e, finalmente, Lisboa e Vale do Tejo distancia-se dos valores nacionais em 0,58‰, com uma taxa de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos na ordem dos 4,16‰.

### Taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos, NUTS II – 2001 (desvios em relação à média nacional)

[Gráfico 3]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 3.1 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 2001* e *Recenseamento Geral da População 2001*.

Decompondo o escalão etário definido para efeitos de análise, isto é, os nados vivos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos, nos diversos grupos quinquenais que o constituem, observa-se que este agrupamento encobre sinais de diversidade, quer interna, quer também regional [Quadro 3.1 – Anexo]. Neste contexto, é sempre, em todas as NUTS II, o grupo etário dos 40-44 anos, o que mais contribui para o total de nados vivos ocorridos na última década do período fértil, com valores que, para o total de Portugal representam uma taxa de fecundidade de 6,58‰ e que, em todas as NUTS II, estão sempre acima dos 5‰. Porém, se no que respeita aos desvios negativos à média nacional e neste grupo de idade específico, não parece haver diferenças

relativamente ao observado para o conjunto dos 40 e mais anos – incluindo-se aqui as mesmas regiões Centro, Norte e Alentejo, com maior importância do Centro –, o mesmo não se verifica no que diz respeito aos desvios positivos. De facto, entre os 40-44 anos de idade, a taxa de fecundidade mais elevada encontra-se, não na Região Autónoma dos Açores, mas sim na Região Autónoma da Madeira, logo seguida do Algarve, com 7,92‰ e 7,90‰ respectivamente, e só depois então nessa região, com um valor muito próximo de Lisboa e Vale do Tejo (7,83‰ e 7,81‰ respectivamente). Relativamente ao grupo dos 45-49 anos e no cômputo geral, verifica-se aqui uma taxa de fecundidade de 0,42‰, apenas ultrapassada em Lisboa e Vale do Tejo e Algarve por pequenos valores, sendo na Região Autónoma dos Açores que este desvio se afigura mais significativo, ultrapassando mesmo os 0,5‰. A explicação para o facto de ser na Região Autónoma dos Açores que se verifica a taxa de fecundidade mais elevada na última década do período fértil, encontra, assim, explicação no facto de registar, não apenas uma taxa de fecundidade superior à média nacional no grupo dos 40-44 – ainda que não a mais elevada –, como também a mais elevada taxa de fecundidade em mulheres de 45-49 anos.

Concomitantemente com a lei da esterilidade progressiva, também a análise empírica dos dados disponíveis permite concluir que, a deixar para a última década do período fértil a tarefa de ter filhos, as mulheres portuguesas o fazem, de uma forma esmagadora, nos primeiros quatro anos dessa década, isto é, entre os 40 e os 44 anos<sup>12</sup>, em média aos 42 anos de idade, distribuindo-se em 2001 dos 40 aos 53 anos de idade [Quadro 3.2 – Anexo].

Uma série de homogeneidades e outras tantas singularidades marcam a evolução recente da fecundidade em Portugal e, muito especificamente, da fecundidade depois dos 40 anos. Para já, afirma-se a ideia da diversidade: nos ritmos de evolução, na distribuição regional e na expressão do fenómeno. Uma pesquisa mais dirigida, como uma espécie de *zoom*, procurará agora encontrar os indícios das determinantes dessa diversidade, analisando para isso os quadros sociais da fecundidade tardia no Portugal contemporâneo.

---

<sup>12</sup> É precisamente em virtude da fraca contribuição do último grupo de idade para a fecundidade das mulheres que Roland Pressat (1975-76), ao apresentar a fórmula de cálculo da taxa global de fecundidade, afirma que esta se poderia reportar apenas à população feminina compreendida entre os 15 e os 44 anos de idade.

## Os quadros sociais da fecundidade tardia

O conjunto de dados já analisados permite, de forma inequívoca, situar os nascimentos depois dos 40 anos no contexto das alterações recentes porque passou a fecundidade portuguesa. Todavia, em certa medida é como se se conhecessem apenas os filhos mas não as mães, uma vez que aquilo de que se dispõe até agora é tão somente de uma segmentação geográfica e etária dos nados vivos depois dos 40 anos. É neste contexto que interessa, agora, conhecer os quadros sociais da fecundidade tardia. Para tal, utilizar-se-á, mais uma vez a informação disponível (publicada e não publicada) nas *Estatísticas Demográficas 2001*, bem como no *Recenseamento Geral da População 2001*, cujo acervo de informação permite cruzar os dados relativos à fecundidade depois dos 40 anos com um conjunto de variáveis discriminantes, no sentido de auscultar mais minuciosamente a fecundidade na última década do período fértil das mulheres. Desta forma se consegue uma maior aproximação à contextualização destes nascimentos, contextualização essa que foi, para efeitos de análise, agrupada em três dimensões fundamentais para a compreensão da fecundidade: a dimensão educacional, profissional e familiar<sup>13</sup>.

A escolha destas dimensões não se dá por acaso. A instrução é, no conjunto das variáveis sociais, uma variável clássica na análise da fecundidade. Como diz Vanessa Cunha, «[...] basta introduzirmos uma variável de natureza social, como é a escolaridade das mulheres, na abordagem da fecundidade, para desconstruir a imagem da homogeneidade que é habitual ter a este respeito e dar conta da diversidade que pauta, afinal, o universo das aspirações, das representações e das práticas procriativas das famílias» (Cunha 2000: 204). No que respeita à dimensão profissional, que agrega não apenas a profissão como também a condição perante o trabalho da mãe e a situação na profissão da mãe, constitui-se esta como uma pedra angular na leitura da fecundidade na medida em que, intimamente relacionada com as habilitações literárias, permite uma maior compreensão das especificidades da fecundidade, não apenas porque as solicitações dos empregadores, a progressão na carreira e o grau de estabilidade são distintos nos vários segmentos do mercado de emprego, o que interfere significativamente nas decisões individuais

---

<sup>13</sup> Em todos os quadros de base e para cada uma das variáveis analisadas foram incluídos os valores referentes à totalidade dos nados vivos registados em 2001 (15-49 anos), no sentido de permitir uma análise comparativa com os valores referentes à parcela dos nados vivos em mães de 40 e mais anos, desagregados por NUTS II.

relativas à fecundidade, mas também porque as representações e os valores dominantes em cada categoria sócio-profissional são diversos e induzem comportamentos diferenciados face à organização familiar (Almeida *et al.* 1995). Para além de variáveis de índole educacional ou profissional, inclui-se também aqui a dimensão familiar na leitura da fecundidade tardia, considerando que questões como a ordem de nascimentos e a filiação dos mesmos poderão trazer alguma informação adicional à leitura da fecundidade tardia.

### ***Mulheres mais e menos instruídas***

Detenhamo-nos então e em primeiro lugar pelas taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos, de acordo com o grau de instrução<sup>14</sup> em 2001 [Quadro 4.1 – Anexo]. Analisando em primeiro lugar a distribuição para a totalidade dos nados vivos, facilmente se conclui que, apesar de em termos absolutos o maior número de nascimentos ocorrer em mulheres com o ensino básico, seguidas das que possuem o ensino secundário e só depois das que têm o ensino superior; em termos de taxas específicas de fecundidade por grau de instrução, o valor mais elevado situa-se no grupo das mulheres que têm o ensino superior, onde se regista uma taxa de 63,06%, seguidas das que possuem o ensino básico com 47,45% e, em terceiro lugar das que têm o ensino secundário, com uma taxa de 44,63%. Às mulheres sem nível de ensino reserva-se a taxa de fecundidade mais baixa, designadamente, 4,37%. No caso particular dos nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos para o mesmo 2001, verifica-se que a taxa de fecundidade mais elevada continua a situar-se entre as mulheres que possuem o ensino superior, com uma taxa de 6,24%, seguidas das que têm, não o ensino básico mas o ensino secundário, onde a taxa é de 4,92% e só depois as mulheres com o ensino básico, onde a taxa é de 3,45% e, finalmente, as que não têm qualquer nível de ensino com uma taxa de 0,87%. À semelhança do

---

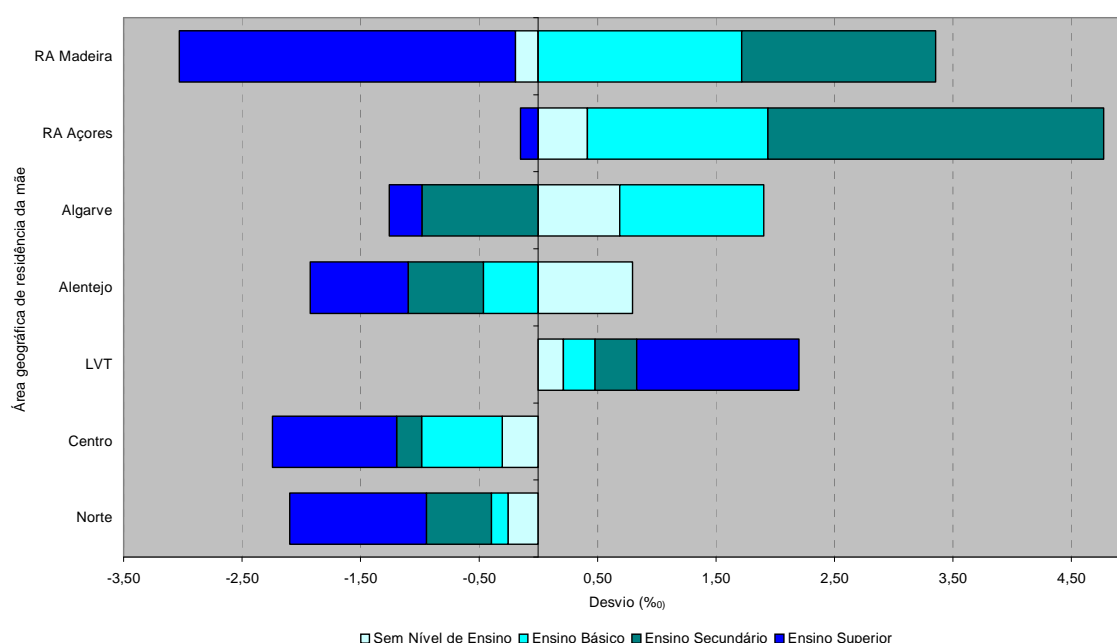
<sup>14</sup> No contexto da informação compilada pelas *Estatísticas Demográficas 2001*, entende-se por instrução o mais alto grau de ensino completo possuído pelo indivíduo, de entre os seguintes: “não sabe ler nem escrever”; “sabe ler sem ter frequentado o ensino”; “ensino básico”; “ensino secundário” e “ensino superior”. Tendo em conta que os resultados do Recenseamento Geral da População agrupam a população, segundo a instrução, nas categorias de “sem nível de ensino”; “ensino básico”; “ensino secundário” e “ensino superior” e por forma a calcular as taxas de fecundidade por grau de instrução, agregaram-se os nados vivos ocorridos em mulheres que não sabem ler nem escrever e sabem ler sem ter frequentado o ensino em “sem nível de ensino”.

que acontece em termos globais, também a análise da fecundidade tardia deixa, assim, perceber uma bi-polarização dos nascimentos entre mulheres mais e menos instruídas.

Outras conclusões, resultantes de interações particulares entre níveis de instrução inferiores e superiores evidenciam-se igualmente à malha mais fina [Gráfico 4]. Ao nível regional, constata-se que, em todas as regiões consideradas, com excepção das Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, as taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos são mais elevadas nas que detêm o ensino superior, seguidas das que possuem o secundário, enquanto que, no caso dos arquipélagos, se observa que as taxas de fecundidade mais elevadas, entre as mulheres de 40 e mais anos, são as registadas no grupo das que possuem o ensino secundário, seguidas das que detêm o ensino superior, nos Açores, e o básico, na Madeira.

#### Taxas de fecundidade, por grau de instrução, em mulheres de 40 e mais anos, NUTS II – 2001 (desvios em relação à média nacional)

[Gráfico 4]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 4.1 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP) e *Recenseamento Geral da População 2001*.

Relativamente aos graus mais baixos de instrução, verifica-se que, no caso das mulheres de 40-49 anos que não possuem qualquer nível de ensino, as taxas de fecundidade que mais distam da média nacional (com desvios superiores a 0,5‰) o fazem de forma positiva, designadamente no Alentejo e Algarve, e sobretudo no Alentejo que, com 1,66‰, regista a mais elevada taxa de fecundidade em mulheres com este nível de instrução. No nível de instrução imediatamente acima, ou seja, no grupo de mulheres que possuem o ensino básico, é no Centro que as taxas de fecundidade mais se afastam dos valores nacionais, com um desvio negativo de 0,68‰, traduzido numa taxa de fecundidade de 2,77‰. Por outro lado, é nas regiões do Algarve, Região Autónoma dos Açores e Madeira que as taxas de fecundidade neste nível de ensino mais surgem sobre-representadas, com desvios positivos relativamente à média nacional superiores a 1‰ e que, no caso da Região Autónoma da Madeira, regista mesmo o valor mais elevado, encontrando-se aí uma taxa de 5,17‰ entre as mulheres de 40 e mais anos que possuem o ensino básico.

No conjunto das mulheres que detêm o ensino secundário, o Norte, Alentejo e Algarve apresentam desvios negativos à média nacional superiores a 5‰, atingindo o máximo no Algarve onde a um desvio de -0,98‰ corresponde a menor taxa registada, designadamente, 3,94‰. Quanto aos desvios positivos mais significativos, surgem estes nas Regiões Autónomas, sobretudo nos Açores que regista um desvio positivo em relação aos valores nacionais na ordem dos 2,83‰, a que corresponde a mais elevada taxa de fecundidade entre as mulheres com 40 e mais anos e o ensino secundário: 7,75‰. Finalmente, no que respeita às mulheres com o ensino superior, é de referir que nas regiões Norte, Centro, Alentejo e Região Autónoma da Madeira se verificam desvios negativos em relação à média nacional superiores a 0,5‰, verificando-se nesta última o maior desvio, querendo com isto dizer que é nesta região que menos mulheres com o ensino superior têm filhos depois dos 40 anos. De salientar ainda que a região de Lisboa e Vale do Tejo constitui, nesta matéria, um caso único, traduzindo o único desvio positivo à média nacional, donde resulta uma taxa de fecundidade de 7,61‰ em mulheres de 40 e mais anos com o ensino superior.

## Mulheres mais e menos qualificadas

Analiseemos agora uma outra dimensão que tem a ver com o domínio profissional e onde abordaremos especificamente três variáveis: a condição perante o trabalho, a situação na profissão e finalmente a profissão da mãe. Começemos então por ver as taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos segundo a condição perante o trabalho<sup>15</sup> [Quadro 5.1 - Anexo]. Para o total dos nados vivos registados em Portugal no ano de 2001, constata-se que as taxas de fecundidade mais elevadas surgem no grupo das mulheres empregadas, com uma taxa de fecundidade de 48,19%, seguido do grupo das não activas, onde a taxa é de 35,13% e, por último, no grupo das desempregadas, que apresentam uma taxa de fecundidade de 27,02%<sup>16</sup>. Já no que respeita aos nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos, observa-se que, não obstante o facto de o maior peso de nascimentos, em termos absolutos, se verificar no grupo das mulheres empregadas

---

<sup>15</sup> De acordo com as *Estatísticas Demográficas 2001*, considera-se como condição perante o trabalho a relação existente entre o indivíduo e a actividade económica que desenvolve. Esta noção distingue as pessoas com actividade económica (aquelas que tendo ultrapassado a idade de escolaridade obrigatória ficam disponíveis para a produção de bens e serviços económicos): população activa – população empregada e desempregada; das que não têm actividade económica (aquelas que, de um modo geral, não exercem uma actividade remunerada): população não activa.

<sup>16</sup> Na distribuição dos nados vivos segundo a condição perante o trabalho, as *Estatísticas Demográficas 2001*, consideram as categorias “Empregado”, “Desempregado”, “Não Activo”, “Outra” e “Ignorada”. Quer os empregados como os desempregados fazem parte da população activa, considerando-se “empregado” o indivíduo que exerce uma profissão e onde deverão ser incluídos os indivíduos a cumprir o serviço militar obrigatório e como “desempregado” o indivíduo disponível para trabalhar, que não trabalha e procura novo emprego ou o procura pela primeira vez. No que respeita aos não activos e referindo-se estes ao conjunto de pessoas que não têm actividade económica (aquelas que, de um modo geral, não exercem uma actividade remunerada), incluem estes o “doméstico”, isto é, homem ou mulher que não exercendo uma profissão nem estando desempregado, se ocupa principalmente das tarefas domésticas do seu próprio lar e o “estudante”, indivíduo com 15 ou mais anos que não exerce qualquer actividade e que frequenta um estabelecimento de ensino público ou privado, qualquer que seja o nível de ensino. Finalmente, a “outra condição” agrega indivíduos que não exercem nenhuma actividade económica e que vivem da reforma ou pensão proveniente de actividades anteriores (reformado, aposentado ou na reserva); os indivíduos que não exercem nenhuma actividade económica e que são titulares de bens de capital donde lhes provêm os rendimentos que constituem o seu principal modo de vida (proprietários, etc.); os indivíduos totalmente incapazes para o trabalho, quer por acidente de trabalho quer por qualquer outro motivo (inválidos); os indivíduos sem actividade económica que recebem ajuda do Estado ou de fonte privada e todos aqueles que não estão compreendidos nas categorias mencionadas. Tendo em conta a uniformização das tipologias entre as *Estatísticas Demográficas 2001* e o *Recenseamento Geral da População 2001*, optou-se, no entanto, por retirar a categoria de “outra condição”, mantendo apenas as de “empregada”, “desempregada”, “não activa” e “ignorada”.



e só depois nas não activas, o certo é que, quando ponderamos os nascimentos com a população que directamente lhes dá origem, ou seja, ao calcularmos as taxas de fecundidade segundo a condição perante o trabalho da mãe, constata-se que, neste grupo de idade, são as não activas que apresentam a mais elevada taxa de fecundidade, designadamente, 3,93%, valor no entanto, muito próximo das mulheres empregadas, onde a taxa é de 3,56% e, já mais afastado, o grupo das desempregadas, cuja taxa de fecundidade não chega aos 2%. Por outras palavras, no contexto da fecundidade em mulheres de 40 e mais anos assiste-se, à semelhança do que acontece em termos globais, a uma distribuição dos nascimentos entre mulheres empregadas e não activas, com taxas de fecundidade muito próximas, o que não acontece para o total do período fértil, onde a taxa de fecundidade das mulheres empregadas dista das não activas em cerca de 13%.

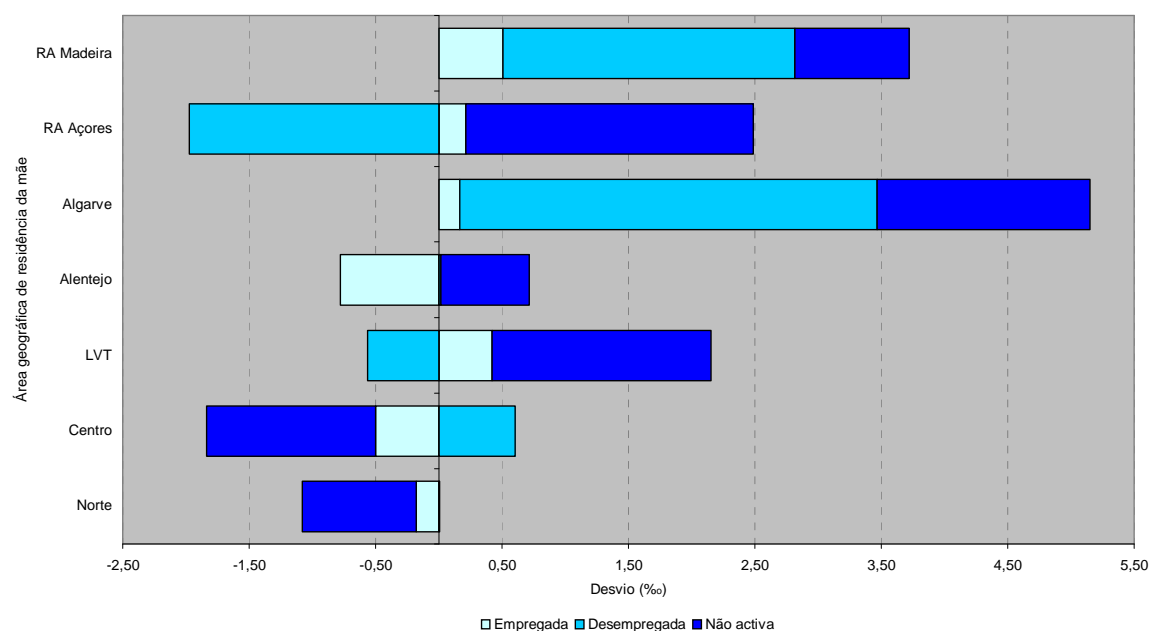
Para além desta distribuição geral, os dados permitem ainda auscultar algumas especificidades à malha regional [Gráfico 5]. À excepção das regiões Norte e Centro, onde as taxas de fecundidade mais elevadas em mulheres de 40 e mais anos se encontram no grupo das mulheres empregadas e só depois no grupo das não activas, em todas as outras regiões as principais taxas de fecundidade registam-se no grupo das não activas.

No que diz respeito à população empregada, é na região Alentejo que se verifica um maior desvio negativo relativamente à média nacional, a que corresponde, no total do país, a menor taxa de fecundidade em mulheres empregadas, designadamente, 3,18%, sendo que os restantes valores não distam, negativa ou positivamente da média nacional. Quanto às taxas de fecundidade em mulheres desempregadas, estas surgem sub-representadas em Lisboa e Vale do Tejo com uma taxa de apenas 1,41% e na Região Autónoma dos Açores, onde não ocorrem quaisquer nascimentos nesta categoria, e sobre-representadas no Centro, Algarve e na Região Autónoma da Madeira, sendo que se regista no Algarve a maior taxa de fecundidade em mulheres desempregadas de 40 e mais anos, concretamente, 3,30%. No que se refere ao grupo das mulheres de 40 e mais anos não activas, os principais desvios negativos encontram-se no Norte e, muito especialmente, no Centro, onde os 2,59% traduzem a menor taxa de fecundidade nesta categoria em todo o país. A taxa de fecundidade em mulheres não activas surge depois sobre-representada nas restantes regiões, e de forma particular na Região Autónoma dos Açores onde se verifica a taxa mais elevada, designadamente, 4,83%, logo seguida de Lisboa e Vale do Tejo e

Algarve, também elas com taxas que distam em mais de 1% do valor nacional, respectivamente, 5,67% e 5,61%.

### Taxas de fecundidade, por condição perante o trabalho, em mulheres de 40 e mais anos, NUTS II – 2001 (desvios em relação à média nacional)

[Gráfico 5]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 5.1 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP) e *Recenseamento Geral da População 2001*.

Conhecida a condição perante o trabalho, importa também estudar a distribuição dos nados vivos em mães de 40 e mais anos por situação na profissão da mãe<sup>17</sup> [Quadro 6.1 – Anexo]. Uma leitura global sobre os dados permite concluir que os nascimentos, apesar de em termos absolutos serem mais numerosos em trabalhadoras por conta de outrem, quando

<sup>17</sup> Segundo a definição de conceitos utilizada nas *Estatísticas Demográficas 2001*, a situação na profissão diz respeito à situação do indivíduo em relação à sua profissão actual ou anterior (se for desempregado à procura de novo emprego), ou seja, a relação de dependência ou independência na forma como exerce ou exercia a sua profissão, referindo-se por isso apenas à população activa, o que explica a categoria de “não aplicável” entre o rol de categorias afectas à “situação da mãe na profissão” e que corresponde, grosso modo, aos valores das mulheres “não activas” apresentadas no quadro referente à distribuição de nados vivos em mães de 40 e mais anos por condição perante o trabalho da mãe [Quadro 5.1 – Anexo].

ponderados pela população feminina em idade fértil e por situação na profissão, deixam perceber que as taxas de fecundidade mais elevadas se situam primeiramente nas trabalhadoras por conta própria, onde a taxa é de 97,15‰, depois nas mulheres que se encontram noutras situações, com uma taxa de 68,05‰, em terceiro lugar nas trabalhadoras por conta de outrem, onde a taxa é de 51,43‰, seguidas, em último lugar, pelas mulheres empregadoras, onde se regista uma taxa de apenas 3,83‰<sup>18</sup>. No caso particular dos nascimentos que ocorrem em mulheres de 40 e mais anos, observa-se que as taxas de fecundidade mais elevadas dizem respeito ao grupo das trabalhadoras por conta própria, à semelhança do que acontece em termos globais, seguidas pelas trabalhadoras por conta de outrem e logo das que se encontram em outra situação, onde se verificam taxas de fecundidade muito próximas, respectivamente, 3,79‰ e 3,42‰. Quanto ao grupo das empregadoras, regista-se aqui uma pequena taxa de fecundidade, concretamente, abaixo de 1‰. Mais uma vez os dados apontam para uma oposição entre as mulheres que, profissionalmente, gozam de alguma autonomia, comparativamente às trabalhadoras por conta de outrem, envolvidas que estão em actividades independentes, isto é, actividades cuja retribuição está directamente dependente dos resultados realizados ou potenciais proporcionados pela actividade correspondente (produção de bens e/ou serviços) e em que o seu titular mantém o controlo dos processos conducentes à obtenção dos resultados e da organização dos meios necessários para esse fim.

Retirando da análise os casos de situação na profissão ignorada e de não aplicável, a observação a nível regional apresenta algumas especificidades que importa conhecer [Gráfico 6].

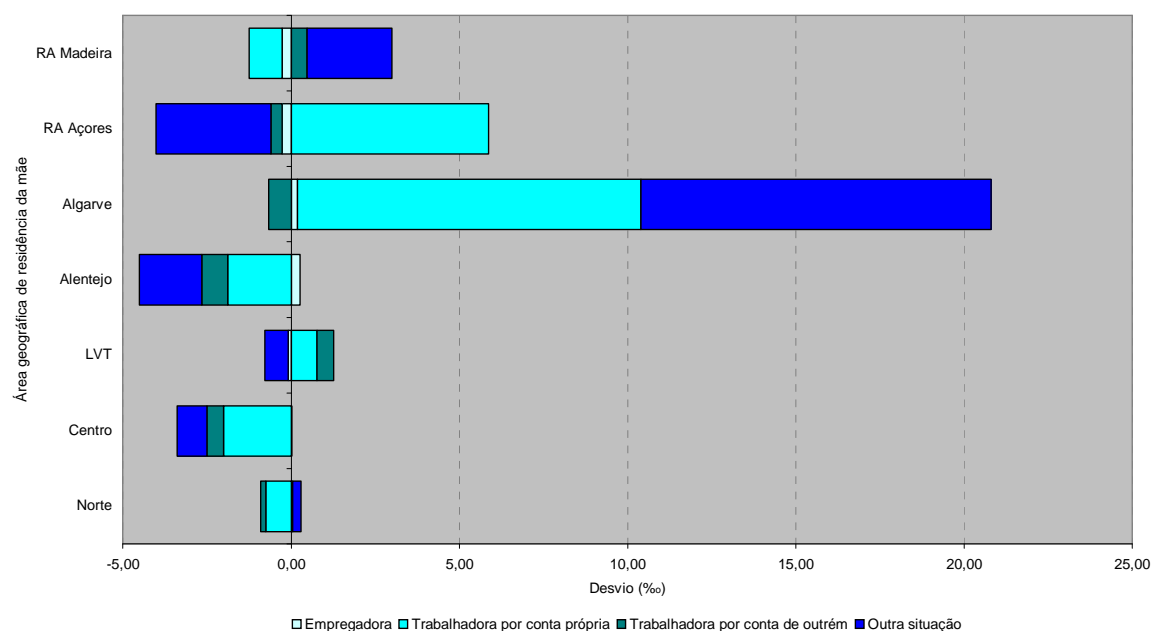
---

<sup>18</sup> De acordo com as *Estatísticas Demográficas 2001*, na distribuição dos indivíduos segundo a situação na profissão deverão ser consideradas as categorias de empregador, trabalhador por conta própria, trabalhador por conta de outrem e outras situações. Por “empregador” entende-se o indivíduo que exerce uma actividade independente, individualmente ou com um ou mais associados e que, tem ao seu serviço um ou mais trabalhadores por conta de outrem; “trabalhador por conta própria” é o indivíduo que exerce uma actividade independente, individualmente ou com um ou vários associados e que não tem qualquer trabalhador por conta de outrem ao seu serviço; “trabalhador por conta de outrem” é o indivíduo que exerce uma actividade sob a autoridade e direcção de outrem, nos termos de um contrato de trabalho, sujeito ou não a forma escrita, e que lhe confere o direito a uma remuneração a qual não depende dos resultados da unidade económica para a qual trabalha e, finalmente, a “outra situação” inclui o trabalhador familiar colaborando numa empresa familiar, ou seja, o indivíduo que exerce uma actividade independente numa empresa explorada por um familiar, não sendo contudo seu associado nem estando vinculado por um contrato de trabalho, o membro de cooperativa de produção, isto é, o indivíduo que exerce uma actividade independente, numa cooperativa de bens e/ou serviços à qual pertence como sócio e ainda a situação de um indivíduo com actividade económica que não se enquadre nas situações referidas anteriormente.

O facto de as principais taxas de fecundidade se situarem, primeiramente, nas trabalhadoras por conta própria, seguidas das trabalhadoras por conta de outrem e, em terceiro lugar, das mulheres que, com 40 e mais anos se encontram noutra situação, é comum às regiões Centro, Lisboa e Vale do Tejo, Alentejo e Região Autónoma dos Açores. Nas restantes regiões, faz-se seguir às taxas de fecundidade entre as trabalhadoras por conta própria, as registadas entre as mulheres que se encontram noutra situação e só depois pelas trabalhadoras por conta de outrem.

### Taxas de fecundidade, por situação na profissão, em mulheres de 40 e mais anos, NUTS II – 2001 (desvios em relação à média nacional)

[Gráfico 6]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 6.1 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP) e *Recenseamento Geral da População 2001*.

No caso particular das empregadoras, não se verificam desvios importantes relativamente à média nacional, inferiores que são, em todos os casos, a 0,5%. O mesmo não acontece entre as trabalhadoras por conta própria, onde, com desvios negativos, se encontram as regiões Norte, Centro, Alentejo e a Região Autónoma da Madeira, observando-se no Centro o maior desvio e, por conseguinte, a menor taxa de fecundidade nesta situação na profissão, concretamente,

6,83%. No conjunto dos desvios positivos, encontra-se a região de Lisboa e Vale do Tejo, a Região Autónoma dos Açores e o Algarve onde se regista a taxa mais elevada, nomeadamente, 17,79%.

No que respeita às trabalhadoras por conta de outrem, de assinalar apenas os desvios negativos, ainda que inferiores a 1% no Algarve e também no Alentejo, onde a taxa de fecundidade se fica pelos 3,01%. Finalmente, quanto às mulheres que se encontram noutra situação, de referir que, à excepção da região Norte, todas as regiões apresentam desvios em relação à média superiores a 0,5%. No conjunto dos desvios negativos está Lisboa e Vale do Tejo, o Centro, o Alentejo e a Região Autónoma dos Açores, onde o desvio ultrapassa os 3,42%, dado que não há nascimentos em mulheres nesta situação. Quanto às regiões que apresentam desvios positivos, inclui-se aqui a Região Autónoma da Madeira com um desvio de 2,52% e, muito especialmente, o Algarve que, com um desvio de 10,41% apresenta a maior taxa de fecundidade entre mulheres que, de 40 e mais anos, se encontram em outras situações que não as referidas, como as trabalhadoras familiares que colaboram numa empresa familiar, membros de cooperativas de produção, isto é, que exercem uma actividade independente, numa cooperativa de bens e/ou serviços à qual pertencem como sócio e ainda a situação de mulheres com actividade económica que não se enquadre nas situações referidas anteriormente.

Finalmente, como componente da dimensão profissional, resta analisar a distribuição dos nados vivos depois dos 40 anos por profissão da mãe [Gráfico 7]. A este respeito, com base nos dados disponíveis<sup>19</sup> e retirando da análise as mulheres de profissão ignorada bem como as mulheres sem profissão<sup>20</sup>, conclui-se que, em termos gerais, a maior percentagem de nados vivos

---

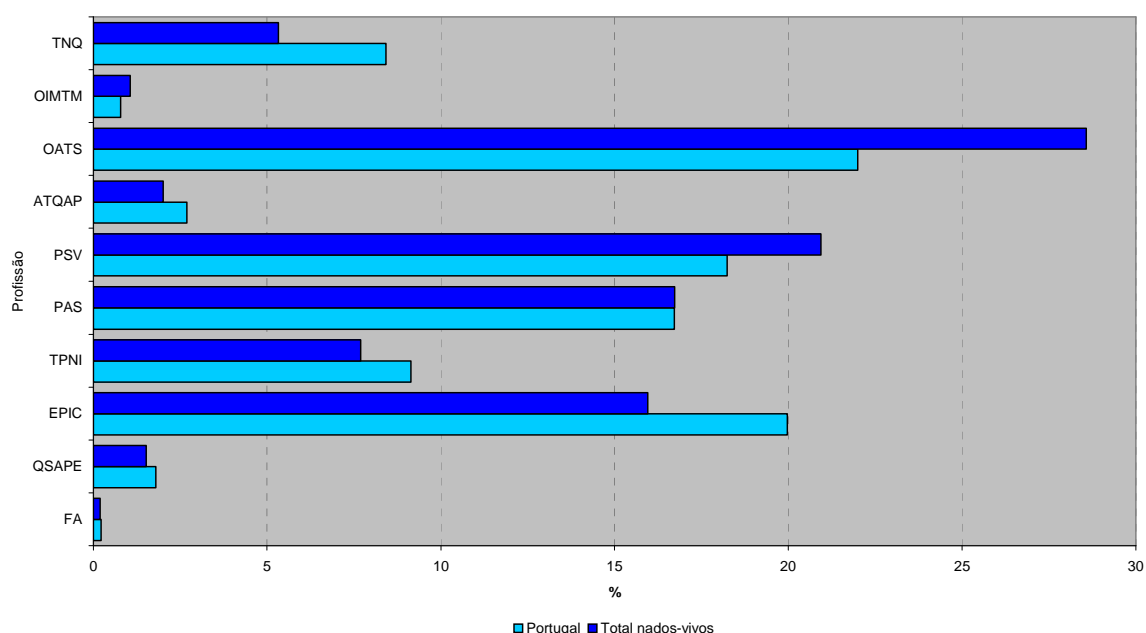
<sup>19</sup> Enquanto que os dados disponíveis nas *Estatísticas Demográficas 2001*, no que concerne à profissão, estão agrupados de acordo com a Classificação Nacional de Profissões/1994 (CNP/94), os dados disponibilizados pelo *Recenseamento Geral da População 2001*, por sexo e grupo de idade, estão agrupados de acordo com o grupo sócio-económico. Sendo o grupo sócio-económico uma variável estabelecida através de vários indicadores, que procura reflectir o universo da actividade económica, visto sob o ângulo da inserção profissional dos indivíduos, é construída a partir de diversas variáveis primárias, designadamente, a profissão, a situação na profissão e o número de trabalhadores da empresa onde trabalha, o que inviabiliza, a partir destes dados, encontrar a distribuição da população por profissão, sexo e grupos de idade e, por conseguinte, calcular as taxas de fecundidade por profissão da mãe. Por esta razão, a análise que se segue tem apenas por base a distribuição percentual dos nascimentos por grupo etário e profissão da mãe, com todas as limitações que tal facto acarreta.

<sup>20</sup> Mais uma vez, as mulheres que incluem a categoria “sem profissão”, correspondem, grosso modo, aos valores das mulheres “não activas” apresentadas no quadro referente à distribuição de nados

(28,57%) ocorre em mulheres operárias, artífices e trabalhadoras similares (OATS), a que se seguem 20,94% que têm lugar entre o pessoal dos serviços e vendedores (PSV), depois 16,73% entre o pessoal administrativo e similares (PAS) e em quarto lugar, 15,96% dos nascimentos registam-se entre as mulheres que pertencem às profissões intelectuais e científicas (EPIC).

### Nados vivos em mães de 40 e mais anos por profissão da mãe, Portugal – 2001

[Gráfico 7]



**Nota:** (FA) Forças Armadas; (QSAPE) Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas; (EPIC) Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas; (TPNI) Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio; (PAS) Pessoal Administrativo e Similares; (PSV) Pessoal dos Serviços e Vendedores; (ATQAP) Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas; (OATS) Operários, Artífices e Trabalhadores Similares; (OIMTM) Operadores de Instalações e Máquinas, e Trabalhadores da Montagem e (TNQ) Trabalhadores não Qualificados.

**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 7.2 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP).

Restringindo agora a análise ao caso particular dos nados vivos depois dos 40 anos, observam-se algumas diferenças interessantes. Por um lado, os nados vivos continuam a ocorrer

---

vivos em mães de 40 e mais anos por condição perante o trabalho da mãe [Quadro 5.1 – Anexo] e aos valores da categoria “não aplicável” do quadro que respeita à distribuição dos nados vivos em mães de 40 e mais anos por situação na profissão da mãe [Quadro 6.1 – Anexo].

maioritariamente mas com menos peso (22%) entre as mulheres que são operárias, artífices e trabalhadoras similares (OATS), para logo em seguida 19,98% acontecerem entre as que pertencem às profissões intelectuais e científicas (EPIC) e em terceiro e quarto lugar nas mulheres que pertencem ao pessoal dos serviços e vendedores (PSV) e ao pessoal administrativo e similares (PAS) com 18,24 e 16,72% respectivamente. Na verdade, se somarmos as profissões mais qualificadas (QSAPE, EPIC e TPNI) e as menos qualificadas (PAS, PSV, ATQAP, OATS, OIMTM e TNQ) temos para o primeiro caso cerca de um terço dos nascimentos depois dos 40 anos e para o segundo caso cerca de dois terços. Não obstante, a fracção de um terço para os nados vivos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos com profissões mais qualificadas parece um dado particularmente interessante, sobretudo porque consolida a bi-polarização, já verificada aquando da análise destes mesmos nados vivos por grau de instrução da mãe, em dois perfis de mulheres claramente distintos: as mais instruídas e mais qualificadas de um lado e as menos instruídas e menos qualificadas de outro.

Ao nível regional a diversidade acentua-se [Quadro 7.1 – Anexo]. Na verdade, a profissão assinala de forma notável as diferenças regionais, a começar desde logo pelo grupo profissional onde mais nados vivos ocorrem em mulheres de 40 e mais anos, e que se fica pelo grupo das operárias, artífices e trabalhadoras similares (OATS) no Norte e Centro da forma mais expressiva no conjunto do país (como também acontece em termos da globalidade dos nados vivos), nas especialistas das profissões intelectuais e científicas (EPIC) em Lisboa e Vale do Tejo bem como nos Açores *ex aequo* com o pessoal administrativo e similares (PAS), entre o pessoal dos serviços e vendedores (PSV) no Alentejo e muito especialmente no Algarve onde detém a maior percentagem a nível nacional e no PAS na Região Autónoma da Madeira.

No contexto global importa chamar a atenção para o caso particular de Lisboa e Vale do Tejo e da Região Autónoma dos Açores. A região de Lisboa e Vale do Tejo é a única onde o grupo profissional que mais origina nados vivos em mulheres com 40 e mais anos é um grupo qualificado, designadamente, as especialistas das profissões intelectuais e científicas (EPIC), onde ocorrem 17,39% dos nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos e a que se une o valor mais elevado (2,42%) em termos nacionais de nados vivos entre quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas (QSAPE). No caso particular da Região Autónoma dos Açores, não obstante a elevada percentagem de mulheres que têm filhos

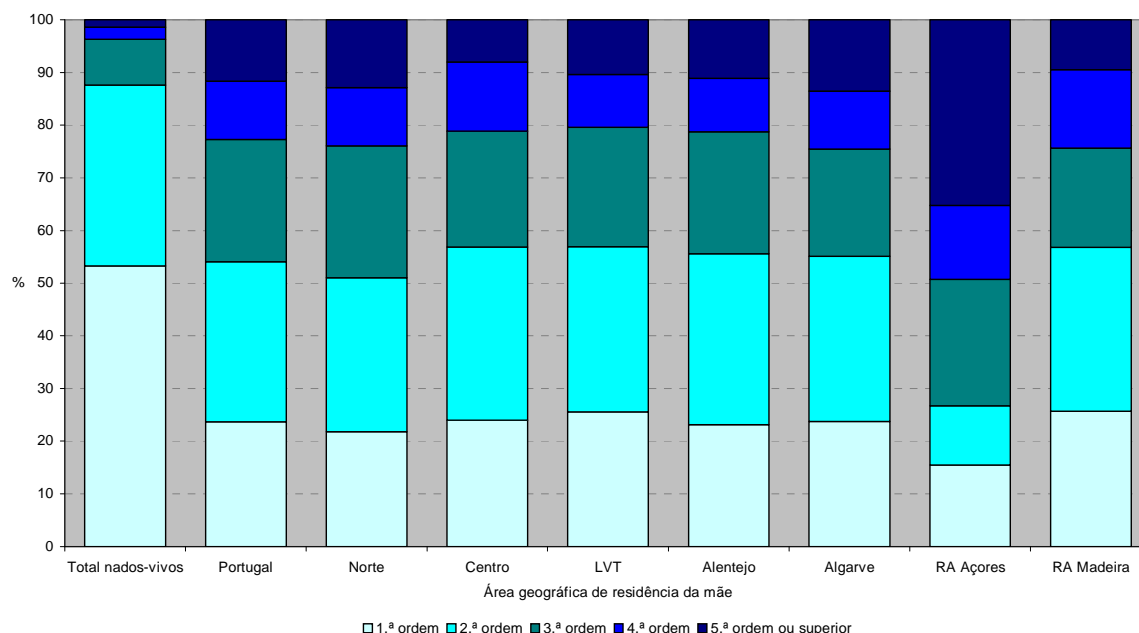
depois dos 40 anos mas que não são activas – a percentagem mais elevada em todo o território nacional –, as que têm profissão são, em igual percentagem, as especialistas das profissões intelectuais e científicas (EPIC) e as que pertencem ao pessoal administrativo e similares (PAS), verificando-se nesta região a segunda percentagem mais elevada em todo o país de mulheres que, pertencendo a quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas (QSAPE), têm filhos depois dos 40 anos de idade.

### *Projectos familiares diversos*

Numa outra dimensão da fecundidade tardia, importa analisar igualmente alguns indicadores referentes à dinâmica familiar das mulheres que dão origem a estes nascimentos. Tendo em conta a informação disponível, tratar-se-á, em tempos distintos, da ordem de nascimentos [Gráfico 8] e da filiação dos nascimentos [Gráfico 9].

#### Nados vivos em mães de 40 e mais anos por ordem de nascimentos, NUTS II – 2001

[Gráfico 8]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 8.2 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP).



No que respeita à ordem de nascimentos e começando mais uma vez pelos dados referentes à totalidade dos nascimentos, observa-se que a esmagadora maioria dos nados vivos registados em 2001 se refere a primeiros nascimentos (53,29%) a que se seguem os segundos nascimentos (34,28%), os terceiros (8,69%) e com uma percentagem que é cerca de  $\frac{1}{4}$  desta, os quartos nascimentos (2,32%) e seguintes ordens, cuja importância no cômputo total não chega a 1,5%. No caso particular dos nados vivos registados em mulheres que têm filhos depois dos 40 anos de idade, estes são na sua maioria não primeiros mas segundos nascimentos (30,35%), logo seguidos dos primeiros nascimentos (23,67%) e dos terceiros nascimentos (23,20%), detendo ainda os quartos nascimentos uma importância significativa (11,08%) e depois, com percentagens gradualmente menores as restantes ordens de nascimento. Assim se giza a ideia de que as mulheres que têm filhos quando têm 40 e mais anos o fazem, não para engrossar os caudais de uma família numerosa<sup>21</sup>, mas para preencher os primeiros escalões da ordem de nascimento dos filhos, designadamente, para completar a díade filial ou mesmo para ter o seu primeiro filho.

Esta conclusão nacional encobre mais uma vez sinais de diversidade regional [Quadro 8.1 – Anexo]. O comportamento registado em termos nacionais estende-se às regiões Centro, de Lisboa e Vale do Tejo, Algarve e Região Autónoma da Madeira onde aos segundos nascimentos – sempre com valores acima dos 30% –, se seguem os primeiros e só depois os terceiros. Excepções a esta regra encontram-se na região Norte onde, à predominância dos segundos nascimentos, se seguem os terceiros e não os primeiros nascimentos, no Alentejo, onde após os segundos nascimentos que constituem a maioria, os primeiros e terceiros se encontram em igual percentagem e ainda na Região Autónoma dos Açores, a única região onde os nascimentos registados em mulheres de 40 e mais anos são sobretudo terceiros nascimentos (23,94%) e onde os nascimentos de 4.<sup>a</sup> ordem apresentam, juntamente com o verificado na Madeira, as percentagens mais elevadas, muito concretamente, acima dos 14%. Neste contexto, a região de Lisboa e Vale do Tejo constitui mais uma vez um caso particular na medida em que é aqui que os

---

<sup>21</sup> De acordo com a Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (APFN 2003), considera-se família numerosa qualquer família com três ou mais filhos. A este propósito também Alfred Sauvy afirma que «o terceiro filho é o que constitui a charneira» (Sauvy s.d.: 102), alertando precisamente para a importância deste no conjunto da ordem de nascimentos, distinguindo entre famílias de um e dois filhos e as famílias numerosas.

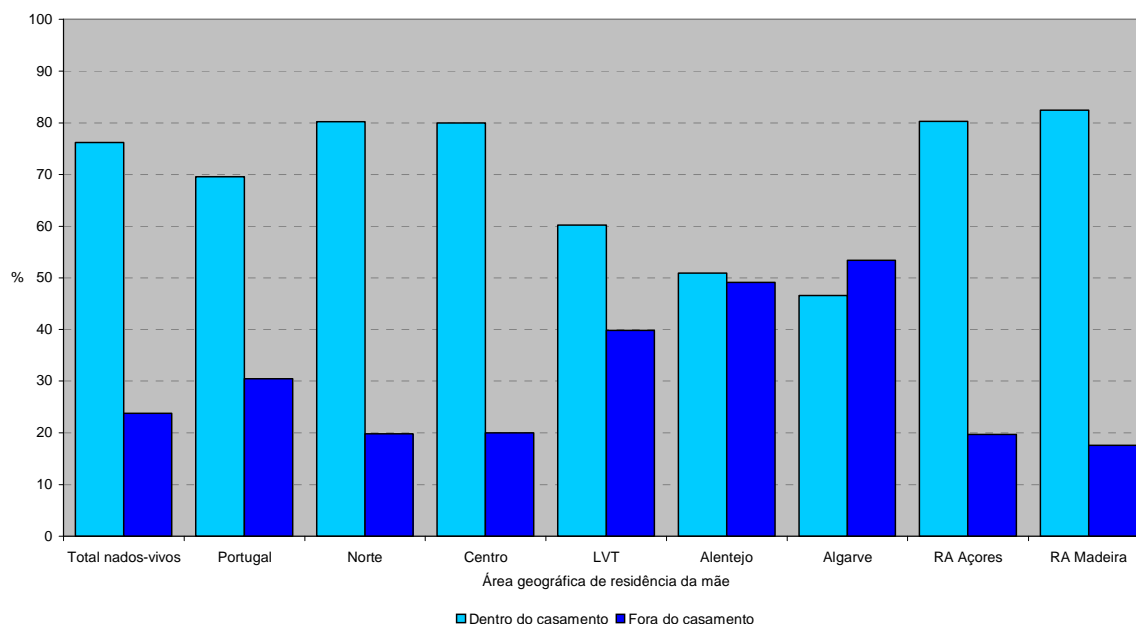
primeiros e segundos nascimentos perfazem no total a percentagem mais elevada de entre os nados vivos que ocorrem após os 40 anos (56,89%), daí o destaque a nível nacional. No campo oposto, também a Região Autónoma dos Açores se destaca, registando-se aqui a menor percentagem – no cômputo nacional – de primeiros e segundos nascimentos após os 40 anos de idade (26,76% no total). De facto, nesta região, os nascimentos que ocorrem após os 40 anos são sobretudo nascimentos de terceiros filhos (23,94%) e, ainda assim, os quartos filhos representam aqui uma fracção relativamente importante (14,08%), bem como todos os nascimentos das restantes ordens que no total perfazem 35,31% do total de nascimentos, valor muito distante dos valores nacionais que se ficam pelos 11,70% bem como de um máximo de 13,56% encontrado no caso do Algarve. A Região Autónoma da Madeira apresenta também valores elevados de nascimentos em todas as ordens iniciais, muito concretamente na primeira onde se encontra o valor mais elevado – 25,68% – e também na quarta, se bem que, a partir de então, os nascimentos depois dos 40 anos de idade são já muito poucos, representando apenas 9,46% do total.

Em último lugar, resta analisar a distribuição dos nados vivos depois dos 40 anos de acordo com a filiação [Gráfico 9]. Iniciando mais uma vez a análise com a totalidade dos nados vivos registados em 2001, conclui-se que uma fracção esmagadora dos nados vivos continua a ocorrer dentro do casamento (76,22%) contra apenas 23,78% que ocorrem fora do casamento, dos quais 17,79% em situação de coabitação dos pais e 5,99% sem coabitação. Descendo ao caso particular dos nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos conclui-se que o comportamento é idêntico, ainda que com valores algo diferentes, muito concretamente, operando-se uma sub-representação dos nascimentos ocorridos dentro do casamento (69,54%) face a uma sobre-representação dos nascimentos fora do casamento que chegam aos 30,46%, seja com coabitação dos pais (22,66%) seja sem coabitação (7,80%).

Analisando agora a distribuição regional dos valores representados no gráfico, conclui-se que a Região Autónoma da Madeira e dos Açores, a região Norte e Centro registam as percentagens mais elevadas de nascimentos que, ocorrendo em mulheres de 40 e mais anos se registam dentro do casamento, respectivamente, 82,43%, 80,28%, 80,21% e 80% [Quadro 9.1 – Anexo].

### Nados vivos em mães de 40 e mais anos por filiação, NUTS II – 2001

[Gráfico 9]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 9.1 – Anexo), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP).

No campo oposto, temos o caso particular do Algarve, a única região do país onde, no caso dos nados vivos após os 40 anos, é maior o número de nascimentos ocorridos fora do casamento, nomeadamente, 53,39% contra 46,61% que ocorrem dentro do casamento. Logo em seguida vem o Alentejo e Lisboa e Vale do Tejo, cujos valores de nascimentos fora do casamento, apesar de inferiores aos do Algarve, se mantém acima da média nacional, nomeadamente 49,07% no Alentejo – assinalando a distribuição mais equitativa entre nascimentos dentro e fora do casamento – e 39,81% em LVT<sup>22</sup>. A estes nascimentos, sobre-representados no cômputo total, unem-se algumas especificidades no domínio da coabitação dos pais, registando-se no Algarve a maior percentagem de nascimentos que ocorrendo fora do casamento se dão com coabitação dos pais (42,37%) e no Alentejo a maior percentagem de nascimentos que, ocorrendo em mulheres de 40 e mais anos se dão fora do casamento e sem coabitação dos pais (12,04%).

<sup>22</sup> Esta observação não pode todavia ser desligada do facto de se observarem nas NUTS II do Algarve, Lisboa e Vale do Tejo e Alentejo as percentagens mais elevadas de indivíduos casados de facto, onde se registam valores acima dos valores nacionais (INE 2001a).

Analisadas que estão as diferentes variáveis seleccionadas para cada uma das dimensões consideradas, resta agregá-las na construção dos diversos perfis de fecundidade tardia.

### *Perfis de fecundidade tardia*

A contextualização da fecundidade tardia que se ensaiou nas páginas anteriores permite concluir que no total das NUTS II, é na Região Autónoma dos Açores e da Madeira, no Algarve e em Lisboa e Vale do Tejo que se encontram as taxas de fecundidade mais elevadas em mulheres de 40 e mais anos, representando aí valores superiores aos nacionais que se ficam pelos 3,58%. Muito especificamente, sabe-se também que, nestas regiões, são, para além das próprias Regiões Autónomas, os distritos de Faro, Lisboa e Setúbal aqueles que registam as maiores taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos. Todas as outras NUTS II apresentam valores inferiores aos nacionais, destacando-se a região Centro como aquela onde esta taxa é menor, seguida do Alentejo e região Norte. Depois de uma breve incursão sobre a aritmética da fecundidade depois dos 40, o passo seguinte procurou aproximar a fecundidade tardia aos seus contextos sociais de ancoragem, cruzando-se para tal as diversas coordenadas da fecundidade depois dos 40 anos com os quadros sociais das suas protagonistas, nas dimensões educacional, profissional e familiar, sintetizando-se os principais resultados então obtidos mais adiante [Figura 2].

Em termos de distribuição territorial, é possível destacar traços de um primeiro perfil de fecundidade tardia na região de Lisboa e Vale do Tejo. Nesta região encontram-se, no plano educacional, as taxas de fecundidade mais elevadas entre mulheres que, de 40 e mais anos, possuem o ensino superior. No que respeita à situação profissional, mantém-se a regra nacional relativa à condição perante o trabalho da mãe e situação na profissão da mãe, segundo a qual as taxas de fecundidade mais elevadas se registam no grupo das não activas e trabalhadoras por conta própria. A excepção, nesta dimensão, vai para a profissão, onde, contrariamente à regra nacional, as profissões intelectuais e científicas (EPIC) assumem um lugar cimeiro, na medida em que constituem o grupo profissional que mais contribui para os nascimentos depois dos 40 anos (única região onde isto acontece), logo seguidos dos que ocorrem em mulheres que pertencem aos quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de

## Quadros sociais da fecundidade tardia, NUTS II – 2001

[Figura 2]

| Área geográfica de residência da mãe |                                    |  |  |   |                            |  |  |   |   |  |
|--------------------------------------|------------------------------------|--|--|---|----------------------------|--|--|---|---|--|
| Dimensão                             | Variável                           | Total nados vivos                                    | Portugal   | Norte   | Centro                     | LVT                                      | Alentejo                                   | Algarve   | RA Açores   | RA Madeira   |
| <u>Educacional</u>                   | Instrução da mãe                   | (1)superior<br>(2)básico                             | (1)superior<br>(2)secundário                         | --  | básico(-)                  | superior(+)                              | sem nível de ensino(+)                     | secundário(-)   | (1)secundário<br>(2)superior<br>secundário(+)   | (1)secundário<br>(2)básico<br>básico(+)<br>superior(-) |
| <u>Profissional</u>                  | Condição perante o trabalho da mãe | (1)empreg.<br>(2)ñ activas                           | (1)ñ activas<br>(2)empreg.                           | (1)empreg.<br>(2)ñ activas                                  | (1)empreg.<br>(2)ñ activas | --                                       | --<br>empreg(-)                            | (1)ñ activa<br>(2)desempreg.  | --<br>desempreg.(-)<br>ñ activa (+)   | (1)ñ activa<br>(2)desempreg.                           |
|                                      | Situação na profissão da mãe       | (1)conta própria<br>(2)outra sit.<br>(3)conta outrém | (1)conta própria<br>(2)conta outrém<br>(3)outra sit. | (1)conta própria<br>(2)outra sit.<br>(3)conta outrém        | --<br>c. própria(-)        | --                                       | --<br>conta outrém(+)                      | (1)conta própria<br>(2)outra sit.<br>(3)conta outrém<br>c. própria(+)<br>outra sit. (+) | --<br>outra sit.(-)   | (1)conta própria<br>(2)outra sit.<br>(3)conta outrém   |
|                                      | Profissão da mãe                   | (1)OATS<br>(2)PSV<br>(3)PAS<br>(4)EPIC               | (1)OATS<br>(2)EPIC                                   | (1)OATS<br>(2)PAS<br>(3)EPIC<br>OATS(+)                     | --                         | (1)EPIC<br>(2)PSV<br>EPIC(+)<br>QSAPE(+) | (1)PSV<br>(2)EPIC                          | (1)PSV<br>(2)EPIC<br>PSV(+)   | (1)PAS e EPIC   | (1)PAS<br>(2)ATQAP                                     |
| <u>Familiar</u>                      | Ordem de nascimentos               | (1)primeiros<br>(2)segundos<br>(3)terceiros          | (1)segundos<br>(2)primeiros<br>(3)terceiros          | (1)segundos<br>(2)terceiros<br>(3)primeiros<br>terceiros(+) | --<br>segundos(+)          | --<br>primeiros+<br>segundos (+)         | (1)segundos<br>(2)primeiros e<br>terceiros | --  | (1)terceiros<br>(2)primeiros<br>(3)segundos<br>primeiros<br>+segundos(-)<br>quintos (+) | --<br>primeiros(+)<br>quartos(+)                       |
|                                      | Filiação de nascimentos            | (1)dentro cas.<br>(2)fora cas.                       | (1)dentro cas.<br>(2)fora cas.                       | --  | --                         | --                                       | --<br>sem coabit. (+)                      | (1)fora cas.<br>(2)dentro cas.<br>fora cas. (+)<br>dentro cas. (-)<br>com coabit. (+)   | --  | --<br>fora cas. (-)<br>dentro cas. (+)                 |

## Legenda:

- ◆ Diferença relativamente ao total de nados vivos  
 (+) Desvio positivo mais elevado registado no total das NUTS II  
 -- Idêntico ao total de nados vivos em mães de 40 e mais anos (PT)

- ◆ Diferença relativamente ao total de nados vivos em mães de 40 e mais anos (PT)  
 (-) Desvio negativo mais elevado registado no total das NUTS II

empresas (QSAPE) – que registam também aqui a percentagem mais elevada –, valores em tudo concordantes com a distribuição das mulheres segundo o grau de instrução, onde as habilitações de nível superior assumem também o lugar de destaque. Finalmente e no que respeita à esfera familiar, não obstante a persistência da sequência nascimentos dentro do casamento – fora do casamento, regista-se aqui a percentagem mais elevada do somatório dos primeiros e segundos nascimentos. Em suma, na região de Lisboa e Vale do Tejo, os nascimentos depois dos 40 anos parecem constituir a expressão de intenções claras das protagonistas que lhes dão origem. São sobretudo mulheres instruídas, não activas ou trabalhadoras por conta própria, que ocupam posições qualificadas no mercado de trabalho, as que têm filhos depois dos 40, fazendo-o como uma entrada tardia na parentalidade (primeiro filho) ou para alargamento da descendência já iniciada anteriormente em torno do modelo de dois filhos.

Ao que parece, serão pois filhos desejados, dado que, sabemo-lo, a ausência de contracepção e o uso de métodos pouco eficazes são práticas cuja frequência decresce com o aumento do nível de escolaridade (Almeida, André & Lalande 2002), o que é claramente visível, atendendo a que a distribuição etária dos nascimentos segundo o grau de instrução apresenta um padrão com um significado muito claro: «quanto maior é a instrução, mais concentrada e mais tardia surge a fecundidade no ciclo de vida dos pais» (Almeida *et al.* 1995: 61). De facto, os níveis mais elevados de educação estão associados a entradas mais tardias ao nascimento do primeiro filho, já que os primeiros anos da idade adulta são ocupados a completar os anos da educação e a estabilizar as carreiras laborais ao invés de iniciar a constituição de família (Martin 1999). Assim, «o filho mais novo das universitárias nasce, grosso modo, a partir dos 30 (66,3%). Inclusivamente, são elas que mais frequentemente têm esse nascimento a partir dos 35 anos e menos frequentemente têm até aos 29 anos» (Cunha 2000: 183). As universitárias fazem assim mais tarde a transição para a maternidade, deslocando o pico modal para uma idade em que os estudos superiores, por norma, já terminaram, sobressaindo por isso na maternidade depois dos 30 anos, a que se soma o facto de o nascimento do último filho ocorrer claramente mais tarde do que para as restantes mulheres (Cunha 2000).

Por outro lado e no que respeita à esfera profissional, os grupos profissionais mais qualificados do sector terciário, tendem a praticar uma contracepção clara e eficaz (Almeida, André & Lalande 2002), o que não quer dizer que não possam também registar-se aqui algumas situações pontuais a classificar como “descuidos”<sup>23</sup>. A este propósito, Vanessa Cunha (2000) concluiu no seu estudo e relativamente ao último filho, que as inquiridas que mais planearam a gravidez foram, em primeiro lugar, as que tiveram esse nascimento entre os 25 e os 29 anos e entre os 30 e os 34, enquanto que as mulheres que planearam menos essa gravidez foram as que tiveram esse filho mais cedo, até aos 24 anos e, principalmente, as que tiveram mais tarde, a partir dos 35 anos, questionando-se mesmo sobre se «não haverá nas mulheres mais e menos jovens, eventualmente por razões diferentes, uma maior «permeabilidade» a uma gravidez imprevista» (Cunha 2000: 177). De forma complementar, e de acordo com o IFF (INE 2001a), os métodos pouco eficazes estão, à semelhança do que acontece entre as trabalhadoras da agricultura e as trabalhadoras não qualificadas de todos os sectores, sobre-representados entre as dirigentes do sector público e privado (QSAPE).

Traços de um segundo perfil de fecundidade tardia parecem encontrar-se nas Regiões Autónomas dos Açores e Madeira. Desde logo, nos arquipélagos altera-se a sequência que a nível nacional reserva as maiores taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos para as mulheres que possuem o ensino superior, registando-se aqui os principais valores entre as mulheres que detêm apenas o ensino secundário. Na Região Autónoma dos Açores regista-se mesmo a taxa de fecundidade tardia mais elevada em mulheres com o ensino secundário e na Região Autónoma da Madeira com o básico, sendo também aqui que a taxa de fecundidade em mulheres com o ensino superior está mais sub-representada. Por outro lado, nas Regiões Autónomas é grande também o peso das taxas de fecundidade entre as não activas, sobre-representada no caso dos Açores, ao mesmo tempo que perde importância, em ambos os casos, o peso da fecundidade em mulheres que trabalham por conta de outrem, em detrimento das que o fazem por conta própria ou se encontram noutra situação, concentrando-se aqui os nascimentos em mulheres de 40 e mais anos

---

<sup>23</sup> Não obstante, a caírem nessa situação, acabam por se tornar gravidezes aceites por si mesmas, o que ainda as torna uma expressão mais clara da vontade das mulheres que as enfrentam, sabendo-se que é na região de Lisboa e Vale do Tejo (seguida do Alentejo e Algarve) que uma maior percentagem de mulheres, quando confrontada com a atitude perante uma gravidez não desejada, admite a hipótese de realização de uma IGV, considerando ambas as opções colocadas à disposição, isto é, “Faria um aborto” e “Talvez fizesse um aborto” (INE 2001a).

entre o pessoal administrativo e similares. No que respeita à dimensão familiar, de referir que os nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos são, no caso dos Açores, sobretudo os terceiros nascimentos, registando-se aqui uma sub-representação de primeiros e segundos e uma sobre-representação dos nascimentos de quinta ordem e superior e, no caso da Madeira, se assiste a uma sobre-representação dos nascimentos de quarta ordem. Finalmente e no que respeita à filiação dos nascimentos, de referir que se regista na Região Autónoma da Madeira a maior proporção de nascimentos dentro do casamento e, conseqüentemente, a menor proporção de nascimentos fora do casamento. Em suma, nas Regiões Autónomas, os filhos depois dos 40 anos parecem ocorrer, tendencialmente, em mulheres com baixos níveis de instrução, que são não activas ou trabalham por conta própria, de uma forma geral, pouco qualificadas em termos profissionais, e que empreendem a fecundidade depois dos 40 como o finalizar a “conta-gotas” de uma elevada fecundidade, estreitamente associada ao casamento, o que permite, em certa medida, falar de uma certa persistência de algumas características de um quadro de fecundidade “tradicional”.

Várias explicações poderão situar-se a montante deste comportamento. Uma primeira explicação prende-se com uma inextricável relação entre as representações da família, da conjugalidade e da sexualidade e as práticas reprodutivas. Ainda no domínio dos valores, há um conjunto de traços que aproxima mais do que separa as pessoas mais e menos escolarizadas. Na verdade, é «no topo e na base que a família-modelo contempla as descendências mais numerosas» (Cunha 2000: 199) e, de facto, nas Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira, sobretudo as gerações mais avançadas, ultrapassam ligeiramente o número médio de filhos desejados para Portugal, que ronda, como média, as 2,1 crianças (INE 2001a).

Alguns destes nascimentos poderão também estar relacionados com a utilização, ou não utilização, de métodos contraceptivos. Neste contexto, é preciso não esquecer que «nas idades mais avançadas, após os 40 anos, se continua a dar bastante importância aos métodos contraceptivos tradicionais» (INE 2001a: 44), como o coito interrompido, a abstinência periódica e os ciclos seguros, métodos esses que apresentam valores especialmente elevados na Região Autónoma dos Açores e nas gerações mais velhas (INE 2001a). Por outro lado, e sobretudo no contexto de uma contracepção pouco eficaz, numa altura da vida das mulheres em



que as “regras” começam a perder a cadência de outrora, algumas destas gravidezes poderão, pelo menos numa fase inicial, ser encobertas pelos sinais de uma menopausa que se aproxima a passos largos. Neste caso, poder-se-á mesmo levantar a hipótese de estes filhos serem fruto não de uma decisão planeada mas do acaso, que se impõe e se torna aceite<sup>24</sup>.

No que respeita à instrução, as mulheres com o ensino secundário são as que, regra geral, manifestam menos dúvidas e que desenham mais precocemente os seus projectos de fecundidade, sendo a gravidez accidental pouco frequente, com excepção para o último filho (Cunha 2000), o que poderá também ser importante neste contexto, dada a relevância das mulheres que possuem este grau de instrução. No caso da condição perante a actividade profissional, o grupo das mulheres que se dedica exclusivamente ao trabalho doméstico (a principal categoria no conjunto das não activas com uma importância especial no caso dos Açores), e sobretudo com mais de 40 anos, caracteriza-se por uma contracepção pouco frequente (Rocha *et al.* 1999). Quanto ao comportamento das mulheres empregadas face à fecundidade, é este bastante distinto consoante o grupo profissional, sendo que os grupos menos qualificados, como também o das mulheres domésticas – os predominantes no caso em análise –, se distinguem por ser aqueles em que a fecundidade é mais distribuída ao longo do período fértil, aproximando-se mesmo bastante do limite superior (Cunha 2002).

---

<sup>24</sup> A questão de classificar uma concepção como descuido é todavia sempre difícil, como bem chama a atenção Norman Ryder (1972). Ainda que antes de uma gravidez ou nascimento, um casal afirmasse que não desejava ter filhos, depois do facto consumado, podem ter reconsiderado totalmente a questão ou ter acesso a informação que tenha modificado a sua intenção. Por outro lado, pedir ao casal para classificar a concepção como accidental e não desejada é forçá-los a uma rejeição parcial das suas crianças e a uma confissão de ineficiência, o que nem sempre acontece quando com isso confrontados.

Por outro lado, sabe-se que a prevalência do recurso à Interrupção Voluntária de Gravidez (IVG) é especialmente importante nas idades extremas, isto é, tanto nas jovens com menos de 20 anos como nas mulheres com 35 e mais anos de idade. De acordo com o *Inquérito à Fecundidade e Família, 1997* (INE 2001a), as mulheres que engravidaram depois dos 35 anos realizaram, com grande expressão, uma IGV. No conjunto de mulheres entre os 35-39 anos os valores situavam-se entre os 115 e 220 por mil gravidezes, entre os 40-44 anos ascendiam aos 200-400 e depois dos 45 anos chegam mesmo a rondar os 700 mil, o que significa que entre 10 a 40% das gravidezes ocorridas entre os 35 e os 44 anos terminaram em IGV e depois dos 45 anos este número aproxima-se dos 70%. Não obstante, as Regiões Autónomas dos Açores e da Madeira registam os valores mais reduzidos (no conjunto das NUTS II) de percentagem de mulheres que recorreram à IGV e, por outro lado, quando confrontadas com a atitude perante uma gravidez não desejada e soluções apontadas para o facto, é nestas regiões que, de forma mais expressiva, as mulheres são peremptórias e afirmam “Teria o bebé e ficaria com ele”, o que pode também ser útil na compreensão da “aceitação” de gravidezes tardias no contexto das ilhas.

Estes dois perfis surgem no entanto no contexto de situações matizadas que compõem a matriz mais vasta da fecundidade depois dos 40 anos no Portugal contemporâneo. As regiões Norte e Centro parecem deter poucas especificidades, aproximando-se bastante dos valores nacionais, designadamente, na dimensão educacional, na profissão da mãe e na dimensão familiar. De destacar apenas o maior peso das taxas de fecundidade no grupo das mulheres empregadas e só depois nas não activas, alterando a regra nacional; uma sobre-representação dos nascimentos depois dos 40 em mães operárias, artífices e trabalhadoras similares (OATS) que atinge o valor mais elevado na região Norte; também na região Norte, uma alteração dos valores dos nascimentos segundo a ordem, já que aos segundos se seguem os terceiros – que registam aqui o valor mais elevado de todas as regiões – e não os primeiros como em termos nacionais acontece e ainda, agora na região Centro, a sobre-representação de segundos nascimentos no total das NUTS II.

Já no caso particular das regiões Alentejo e Algarve, cruzam-se características dos dois perfis já definidos, desde logo porque se mantém a regra nacional que situa a taxa de fecundidade mais elevada no grupo das mulheres com ensino superior e só depois o secundário, assinalando a bi-polarização entre mulheres mais e menos instruídas a terem filhos depois dos 40 anos, com a particularidade de que se regista no Alentejo a maior taxa de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos que não possuem qualquer nível de ensino. No que respeita à esfera profissional, as principais taxas de fecundidade situam-se aqui nas trabalhadoras por conta própria, com algumas particularidades: no Alentejo encontra-se a taxa mais elevada de mulheres que, com 40 e mais anos têm filhos enquanto trabalhadoras por conta de outrem e no Algarve encontra-se uma sobre-representação da taxa de fecundidade em mulheres que trabalham por conta própria ou que se encontram noutra situação. Quanto à profissão, em ambas as regiões são as mulheres incluídas na categoria do pessoal dos serviços e vendedores (PSV) que mais contribuem para os nascimentos analisados, categoria que encontra no Algarve a máxima expressão. Em ambas as regiões também se segue a esta categoria profissional o grupo das especialistas das profissões intelectuais e científicas (EPIC), consolidando a já referida bi-polarização ao nível da instrução. Finalmente e no que respeita à dimensão familiar, os nascimentos ocorridos depois dos 40 são essencialmente os segundos a que se seguem os primeiros e terceiros, estes dois últimos com percentagens idênticas no caso do Alentejo, nascimentos esses que no que concerne à filiação alteram a regra

nacional no Algarve – a única região do país onde a maioria destes nascimentos ocorre fora do casamento – e que, no caso do Alentejo, se associam à maior percentagem de nascimentos ocorridos fora do casamento e sem coabitação dos pais. Sintetizando, este perfil de fecundidade tardia traduz a fusão dos anteriores e assinala, num mesmo espaço territorial, a heterogeneidade que resulta da sobreposição dos traços que mais opõem os dois perfis já esboçados.

Mais que dois, ou três, perfis de fecundidade tardia cartograficamente distintos, o que emerge como significativamente visível e pertinente no contexto dos nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos, é pois um perfil dual que, à margem das diferenças regionais, parece ser transversal ao espaço português e que permite falar de dois perfis tipo, perfis esses situados em campos diametralmente opostos. Temos de um lado franjas de mulheres pouco instruídas – sem qualquer nível de ensino ou com o ensino básico –, com fracas qualificações profissionais – são não activas como as domésticas ou trabalham por conta própria, ocupando profissões do grupo das operárias, artífices e trabalhadoras similares, do pessoal dos serviços e vendedores ou do pessoal administrativo e similares – e que empreendem a fecundidade tardia no quadro de um encerramento “natural”, como que a “conta-gotas” de uma imposição biológica, onde a vigilância contraceptiva permite mesmo alguns “descuidos”, e no contexto de uma associação estreita entre casamento, conjugalidade e procriação, de que é aliás testemunha a clara acentuação dos nascimentos de terceira ordem e superior, que vêm engrossar de forma mais numerosa uma descendência já iniciada, bem como a elevada centralidade dos nascimentos dentro do casamento. De outro lado, temos mulheres particularmente instruídas, que possuem o ensino secundário e superior e que gozam de uma relativa autonomia a nível profissional – pertencem aos quadros qualificados das profissões intelectuais e científicas ou aos quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas ou, em termos de situação na profissão, trabalham por conta própria ou estão noutra situação –, para quem o ter filhos aos 40 e mais anos parece ser o fruto de uma decisão planeada, já que, não raro, empreendem estratégias de fecundidade tardia no quadro da entrada na parentalidade ou no completar da descendência em torno dos dois filhos e no contexto de novas experiências familiares que dissociam casamento, conjugalidade e procriação, como bem traduz a sobre-valorização dos nascimentos fora do casamento e mesmo sem coabitação dos pais. Porque entre as primeiras o controlo e o planeamento dos nascimentos tende a ser pouco frequente, enquanto que entre as segundas a

fecundidade tardia se afigura como a expressão de intenções pensadas e claras das protagonistas que lhes dão origem, aos primeiros chamar-se-ão os “filhos da idade” e aos segundos os “filhos da maturidade”.

## Os filhos da “maturidade”

A palavra “maturidade” traduz, indubitavelmente, uma ideia de plenitude ou perfeição. Diz-se que determinado fruto ou semente está “maduro” quando atinge um estado de desenvolvimento completo e o mesmo se diz de um indivíduo que, em termos desenvolvimentais, atingiu a plenitude das suas capacidades físicas e intelectuais, querendo com isto significar a fase da vida, após a juventude, entendendo-se então como sinónimo “idade adulta” e “idade madura”. Porém, não raro, utiliza-se a expressão “idade madura” como sinónimo de sensatez, circunspecção e segurança, estados que se adquirem especialmente com a idade e a experiência que os 40 anos simbolicamente denotam.

Ora, é precisamente este exercício de sensatez, circunspecção e segurança que permite distinguir os dois perfis tipo de fecundidade tardia enunciados a partir da reflexão empreendida sobre os dados recolhidos relativos aos nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos, bem como aos quadros sociais dessa fecundidade. Contrariamente aos filhos da “idade”, mais aceites que planeados, fruto de “cálculos furados” ou gravidezes “acidentais”, os filhos da “maturidade” fazem-se preceder por uma reflexão cuidada, como parece indiciar os seus contextos sociais de ancoragem: os elevados capitais escolares e profissionais que algumas destas mulheres possuem e o enquadramento destes nascimentos no quadro da entrada na parentalidade ou no completar da descendência em torno dos dois filhos, por vezes mesmo no contexto de experiências familiares que encarnam formas não “tradicionais” de família, ao ocorrerem fora do casamento e alguns mesmo em situação de não coabitação dos pais, deixa perceber que estes nascimentos traduzem a expressão clara das protagonistas que lhe dão origem.

Porque, na gestão do período fértil, dispomos hoje de meios contraceptivos de grande eficácia, meios esses que nos permitem controlar, com a precisão de um relógio digital, não apenas o número de filhos que desejamos ter, como também a idade em que queremos ter esses

filhos, dedicar-se-á especial atenção aos segundos, isto é, àqueles que desejados e planeados, traduzem a vontade clara de uma mulher ou de um casal em ter um filho ou outro filho. Para estes, resultado de “contas bem feitas” e não para a totalidade dos nascimentos em idade tardia, se avança com um conjunto de hipóteses que procuram dar conta das determinantes da fecundidade depois dos 40 anos no Portugal contemporâneo.

### *Desejados mas adiados*

Uma das principais evidências aquando da análise dos quadros sociais da fecundidade tardia prende-se precisamente com as elevadas qualificações, quer escolares, quer profissionais, de algumas mulheres que têm filhos à idade de 40 e mais anos. Esta evidência, pela sua especificidade no contexto da fecundidade total, permite avançar com uma primeira hipótese, segundo a qual os investimentos educacionais e profissionais – profundamente imbricados aliás –, empreendidos por essas mulheres, desempenham um papel fundamental no arrastamento da fecundidade para muito perto do limite biológico:

*A fecundidade em mulheres de 40 e mais anos prende-se com um elevado investimento em capital humano, nos planos educacional e profissional que, a ter lugar na casa dos 20 e 30 anos, promove um progressivo adiamento do “ter filhos” no timing das fases associadas ao ciclo de vida “tradicional”.*

A bi-polarização dos nascimentos registados em mulheres de 40 e mais anos entre mulheres mais e menos instruídas e mais e menos qualificadas profissionalmente coloca, do mesmo lado, as mulheres que no plano educacional detêm o ensino superior e que, em termos profissionais, ocupam as profissões do grupo dos quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas ou das especialistas das profissões intelectuais e científicas, o que permite falar não dos tradicionais papéis de “fada-do-lar” mas de mulheres cujos percursos escolares são particularmente longos e cujas profissões são igualmente exigentes e competitivas, razão pela qual a “bi-direccionalidade da relação emprego-fecundidade” (Beckman 1978) se afigura aqui particularmente interessante, quando se sabe que a maioria das mulheres prefere completar a sua escolaridade antes de se tornarem mães (INE 2001a).

Depois de um percurso escolar longo que conduz à formação superior, estas mulheres enfrentam, não raro, outros obstáculos à fecundidade aquando da entrada no mercado de trabalho. Num contexto de elevada competitividade, são “forçadas” a dedicar mais alguns anos ao aperfeiçoamento de competências escolares e profissionais, investindo em formação avançada ou em especializações profissionais (Bryan & Higgins 2002). Por vezes as próprias políticas de recrutamento de pessoal para quadros de carreira reforçam os incentivos à não parentalidade, uma vez que concentram o recrutamento em jovens talentos, sendo menos comum recrutar pessoas na fase pós-parental para uma posição que exige ou envolve um longo treino. Não raro, é-lhes mesmo exigido, aquando por exemplo de promoções, que garantam que não estão grávidas ou então que não tencionam engravidar nos próximos tempos (Gustafsson 2001), o que acaba por promover um adiamento ou mesmo um refreamento do desejo de ter filhos, em particular durante os anos de consolidação profissional (Joshi 1998). Aquelas que, voluntariamente, deixaram ou suspenderam a carreira para ter e cuidar de crianças, descobrem muitas vezes que o caminho de volta é demasiado difícil, deparando-se com a perda de experiência profissional, discriminação salarial e dificuldade em conciliar as duas esferas (Budig & England 2001), o que as “obriga” em muitos casos a optar por empregos “amigos” da maternidade que são, mais facilmente conciliáveis mas também mais mal pagos, razão pela qual estas autoras falam de uma “pena salarial para a maternidade”<sup>25</sup>.

Os planos em redor da carreira da mulher constituem assim um motivo determinante no adiamento do primeiro nascimento, ficando, em termos econométricos, mais barato ter filhos mais tarde. Grosso modo, ter filhos numa idade mais jovem acarreta dois custos principais para as mulheres: por um lado o custo directo nos salários não recebidos pelo tempo passado fora do trabalho e, por outro lado, a perda de capital humano durante o afastamento e o retorno a esses investimentos mais tarde (Gustafsson 2001), assumindo-se assim que o tempo dedicado à concepção e educação de crianças é, de certa forma, “roubado” ao mercado de trabalho. Se é certo que o custo directo no salário é maior para os nascimentos mais tardios, na medida em que, regra geral, quanto maior a experiência laboral pré-parental maior o salário auferido, certo é que este

---

<sup>25</sup> “*The wage penalty for motherhood*” (Budig & England 2001) no original, beneficiando de uma analogia com a “pena de morte” (*the death penalty*), no sentido de enfatizar o forte efeito da maternidade nos salários.

custo também está intimamente relacionado com os investimentos efectuados em capital humano. Quando as esperanças de carreira são nulas, por falta de qualificação (de investimento no seu próprio capital humano), o custo de oportunidade de uma criança é tão somente o rendimento presente. Como este rendimento cresce com a experiência profissional, o custo de uma criança é, nesses casos, mais fraco à idade onde esta experiência ainda não está acumulada, ou seja, em jovem (Lemennicier 1988). Pelo contrário, quando a mulher ou os cônjuges estão envolvidos em investimentos de capital humano (diploma escolar ou qualificação profissional), o custo de oportunidade da criança não é mensurável pelo rendimento presente mas sim pelo conjunto de rendimentos presentes e futuros que este investimento permite esperar. Assim, a chegada de um filho faz perder não apenas o rendimento presente, como também o conjunto de rendimentos suplementares esperados, pelo que o custo de uma criança é então mais elevado na fase de investimento em capital humano (Lemennicier 1988). Por esta razão, as mulheres diplomadas e com elevadas potencialidades de carreira, são menos inclinadas a interromper as suas vidas profissionais para ter filhos (Blossfeld, Drobnič & Rohwer 1998) adiando essa fase para uma altura das suas vidas em que esses investimentos estarão de certa forma concluídos ou, pelo menos, consolidados.

À medida que as mulheres se educam a si próprias e cada vez mais para uma longa e exigente carreira profissional, mais parece verdadeira a constatação de Richard Clayton quando afirmava que «a nossa sociedade prepara as mulheres para serem trabalhadoras mas não mães» (Clayton 1979: 449). O adiamento da fecundidade para idades tardias patenteia assim e de alguma forma uma diferença de género na motivação para a parentalidade, na medida em que a discussão parentalidade-emprego raramente se coloca ao homem, assumindo-se que ele facilmente assumirá ambos os papéis, enquanto que para a mulher se espera muitas vezes uma troca de papéis (Beckman 1978, Joshi 1998)<sup>26</sup>. O que a leitura dos dados deixa perceber é que estas

---

<sup>26</sup> A este propósito, Chantal Nicole-Drancourt (1989) chama a atenção para o facto de que quando a família se orienta para a carreira masculina, toda a família se mobiliza, construindo-se um consenso em torno de uma prioridade: a do marido, enquanto que apenas a mulher se mobiliza para a carreira feminina. Uma das expressões mais visíveis da mobilização familiar em torno da realização do projecto familiar masculino é a repartição desigual do trabalho doméstico que os homens, “indisponíveis”, delegam nas mulheres. Por outro lado, fazer carreira para uma mulher que vive em família implica desde logo uma evidência: a “impossibilidade” de acumular as tarefas profissionais e domésticas, daí que, muitas mulheres, optem não pela simultaneidade mas pela alternância. Também Anália Torres (2002b) refere que a simetria entre homens e mulheres vigente em termos de ideal-tipo não se traduz na divisão igualitária

mulheres não optaram pela tão falada “conciliação entre a vida profissional e familiar” ou, pelo menos “profissional e parental”, preferindo, ao invés, apostar primeiro na consolidação profissional e só depois no projecto familiar (na dimensão procriativa pelo menos).

Por estas razões, muitos dos nascimentos que ocorrem em mulheres com mais de 40 anos são nascimentos de nulíparas. Nesta espécie de regra geral que é deixar pelo menos um filho na terra, para muitas mulheres, ter um filho pode ser um desejo adiado, mas não recusado. Apesar de a sua concretização apenas se dar numa idade tardia, este filho, o primeiro filho, é por isso, desejado. Em termos relacionais, «ele é desejado como o ser que traz consigo a felicidade que faltava: é o “D. Sebastião” da família...» (Relvas 1996: 79).

Não obstante, para a maior parte das mulheres que têm filhos aos 40 e mais anos, não se trata da entrada na parentalidade, mas apenas do alargar da descendência já iniciada. De facto, os filhos da “maturidade” são sobretudo os segundos filhos, o que é particularmente interessante na medida em que, as razões que levam os pais a ter um primeiro filho são substancialmente diferentes das razões que os levam a ter mais filhos (Silva & Covas 2000), seja um segundo ou mesmo um terceiro filho. O número total de filhos que um casal tem é assim o resultado de um processo sequencial, no qual os pais decidem, condicionalmente sobre o número actual de crianças, se pretendem ou não ter um outro filho (Silva & Covas 2000), de forma que, «depois do primeiro, a vinda de um outro bebé é sem dúvida, na esmagadora maioria dos casos, fruto de uma decisão planeada» (Almeida *et al.* 1995).

Limitados por constrangimentos que os primeiros anos da vida familiar sempre encerram, muitas destas mulheres poderão, em determinada altura das suas vidas, ter dito “não a filhos”, sem que isso significasse todavia um encerramento total e definitivo das portas da fecundidade. Numa fase mais estabilizada das suas vidas, quando as angústias da vida profissional parecem ter já cicatrizado de vez, com maiores rendimentos, melhores condições para garantir as despesas

---

das tarefas domésticas no casal, sendo só no caso das mulheres e nunca dos homens, que as responsabilidades familiares funcionam, em certas circunstâncias, como obstáculo à realização pessoal e profissional.



ligadas à educação das crianças e, eventualmente, melhores condições de habitação, poderão finalmente recuperar o(s) nascimento(s) então adiados<sup>27</sup>.

Por outro lado, muitas mulheres ou casais que têm apenas um filho podem desejar um segundo apenas para evitar ter um filho único, seja como resultado do preconceito social, seja porque a educação de um filho único é considerada mais exigente em termos de tempo e esforço (Silva & Covas 2000) ou porque, no plano psicossocial, se entende que o aparecimento de vários filhos (dois ou mais), permite a criação do subsistema fraternal, onde o desempenho de novos papéis e o estabelecimento de novas funções, funciona como uma espécie de “laboratório” da vida social em que as crianças aprendem a cooperar, liderar, competir, rivalizar e negociar (Relvas 1996)<sup>28</sup>. A tendência dos casais para evitar ter um único filho está de facto bastante disseminada na sociedade portuguesa contemporânea, onde se denota uma escolha maioritária pelo modelo de dois filhos (INE 2001a), esse modelo tido como ideal, permite não apenas uma vivência das relações familiares de uma forma igualitarista (dois pais/dois filhos) (Segalen 1999), como corresponde também ao ideal ocidental onde «a própria noção de família parece indicar no espírito público a presença de 2 ou 3 crianças» (Girard 1984: 194).

Por vezes ainda, são os primeiros filhos, particularmente o primeiro, «que condicionam não só o desejo de ter outros como, também, o lugar que lhe está destinado» (Relvas 1996: 104), o que pode acontecer porque o primeiro nasceu com uma deficiência, porque não corresponde ao sexo pretendido ou porque morreu por exemplo. Todos estes factores podem assim alterar os projectos então delineados, encarando-se o “novo” filho como a possibilidade de vir a ter um bebé do sexo desejado, uma criança em quem se vão depositar as expectativas de

---

<sup>27</sup> Um dos exemplos mais notável de “bébés adiados” prende-se com o pós segunda guerra mundial e que esteve na origem do chamado “*baby boom*”. Muitas mulheres, por força da guerra e dos difíceis anos que se lhes seguiram adiaram os nascimentos. Para surpresa dos investigadores, a recuperação dos nascimentos no pós-guerra, manteve-se por vários anos, prolongando-se até meados da década de 60 (Barata 1985).

<sup>28</sup> Considera-se então que estes modelos de comportamento se expandem depois para o contexto extra familiar, ajudando assim a evitar alguns problemas registados em filhos únicos que por vezes, «apesar de apresentarem um desenvolvimento precoce no sentido da adaptação ao mundo adulto, podem também revelar algumas dificuldades em cooperar, partilhar e competir com os seus iguais» (Relvas 1996: 103).

sucesso social e pessoal ou a quem se vai entregar a responsabilidade futura pelo irmão mais novo (Relvas 1996) ou ainda a substituição de um outro entretanto falecido<sup>29</sup>.

Nalguns casos a fecundidade tardia traduz assim a concretização do desejo de ter filhos em mulheres e casais até então sem filhos ou daqueles que, entrando mais tardiamente na fecundidade, se “obrigam” – e “arriscam” – a passar a barreira dos 40 anos para não ficar com apenas um filho. O adiamento da entrada no mercado de trabalho, por força de um maior investimento educacional, o próprio carácter precário que muitas vezes caracteriza essa inserção e o investimento a que se associa na conquista de formação escolar ou profissional avançada, tem assim um efeito de adiamento sobre a formação de famílias, provocando não apenas um adiamento da nupcialidade mas também e sobretudo na entrada na parentalidade, já que, muitos dos nascimentos são adiados para ter lugar apenas no casamento, dentro do casamento (Sporton 1993), que, por força desses e de outros constrangimentos, é também adiado. Por outro lado, a tarefa do “ter filhos” é vista, não como o cumprimento de uma exigência a ser cumprida num *timing* imposto do exterior, mas como uma tarefa que obedece a um *timing* individual, profundamente moldado pelos condicionalismos de ordem escolar e profissional. Ao mesmo tempo, a maior dissociação entre sexualidade, conjugalidade e procriação permite a estas mulheres e simultaneamente, gozar de uma conjugalidade e/ou sexualidade mais ou menos activa e manter em *stand by* a maternidade. Para o conjunto de mulheres com elevados capitais escolares e profissionais a fecundidade depois dos 40 sugere então que estas mulheres fizeram opções e não conciliações entre vida profissional e familiar. Acumulam sucessiva e não simultaneamente as duas esferas e esta é, muito provavelmente, a sua forma de articulação.

---

<sup>29</sup> Após a morte de um filho, a expectativa dos pais relativamente ao número futuro de filhos é alterada, aumentando significativamente, mesmo quando já não planeavam ter mais filhos (Bowlby 1973, Kennell & Klaus 1993 *apud* Lopes 1997). Na sequência da morte de um filho, o casal pode então decidir ter um novo filho, é a “criança de substituição” (Sauvy 1979), por vezes «uma criança “feita à força” pela infelicidade e concebida para a desaparecida» (Alaméda 2001: 184), nos casos em que os pais não fazem o luto pela morte do filho e concebem uma outra criança que, na sua fantasia, vem ocupar o local daquela que havia falecido e que «tende a anular magicamente a morte ocorrida» (Lopes 1997: 74).

### “Novos filhos” para “novas famílias”<sup>30</sup>

O facto de, no contexto da fecundidade em mulheres de 40 e mais anos, ganhar visibilidade o número de nascimentos ocorridos fora do casamento, seja com coabitação mas também sem coabitação dos pais, permite pensar que alguns nascimentos ocorridos em idade tardia se enquadram em estratégias familiares que dissociam conjugalidade e parentalidade. Uma segunda hipótese para a compreensão das determinantes da fecundidade tardia emerge assim, vendo esses nascimentos como os “novos filhos” de “novas famílias”:

*A fecundidade em idade tardia atesta, nalguns casos, a emergência de novas famílias, na dupla acepção relacional e temporal, que se afirmam na sociedade contemporânea perante a “tradicional” associação entre casamento - conjugalidade - sexualidade - procriação.*

O aumento da esperança média de vida traz consigo um inegável alongamento do espaço temporal para a vivência do tempo em família, o que parece ser indissociável de um aumento e diversificação das experiências familiares que nele podem ter lugar, designadamente, aumentam as probabilidades contra o êxito da estabilidade do casamento, aquilo que Alvin Toffler (2001) designou de “probabilidades estatísticas contra o amor” e que se traduzem numa maior sucessão de uniões e rupturas familiares. Se, aparentemente, as rupturas conjugais podem reduzir o número de filhos que teriam tido os casais se não se tivessem separado, também podem, noutros casos e por força de novas uniões, favorecer outros nascimentos (Sauvy 1979), atendendo a que, a tendência maioritária dos divorciados e separados é para voltar a casar ou, pelo menos, para

---

<sup>30</sup> José Gameiro (1998) inicia o livro *Os Meus, os Teus e os Nossos – novas formas de família*, esclarecendo que «novas famílias é uma expressão que criei para fugir à sua denominação clássica: famílias reconstruídas. São as famílias em que existem os meus, os teus e os nossos e que já entraram na cultura urbana.» (Gameiro 1998: 9). Na verdade, a designação “famílias reconstruídas” é controversa e procura obviar a inexistência de vocabulário próprio para aquilo que a literatura anglo-saxónica denomina de “stepfamily” e a francófona “recomposées familiales”, expressões utilizadas para designar famílias que têm na sua génese um ou dois divórcios. José Gameiro prefere a expressão “novas famílias”, defendendo que não há aí lugar a nenhuma reconstrução uma vez que a “nova família”, apesar de manter elementos da família anterior, tem uma estrutura e afectos inteiramente novos. Ao longo do texto contudo, utilizar-se-á a expressão “novas famílias” para designar quaisquer novas famílias no plano relacional, nomeadamente aquelas que têm na sua génese um ou mais divórcios mas também separações ou viuvez, como também numa acepção temporal, isto é, chamando a atenção para estruturas familiares que, paulatinamente, ganham visibilidade na sociedade ocidental contemporânea.

voltar a viver em situação de conjugalidade (Torres 1996), recusando por vezes os aspectos “formais” do casamento e não propriamente a ideia de constituir família ou ter filhos.

Sabe-se que, como conclui Pedro Ferreira e Sofia Aboim (2002), os rearranjos familiares a seguir a uma ruptura conjugal contribuem para engrossar actualmente o número de nascimentos fora do casamento. Ora, se a coabitação surge «mais vinculada a momentos iniciais de transição na vida familiar e à formação de novas famílias» (Ferreira & Aboim 2002: 424), a sobre-representação dos nascimentos fora do casamento com coabitação dos pais em mulheres de 40 e mais anos pode pois significar que alguns desses nascimentos sejam fruto de “novas famílias”, ou seja, da união de pessoas com experiências conjugais anteriores, usualmente designadas como famílias reconstituídas, argumento que ganha peso quando se sabe que a primeira relação conjugal continua a ser maioritariamente a legal (INE 2001a) e quando se atenta à idade dessas mulheres, verificando-se que lhes possibilita, perfeitamente, uma experiência conjugal anterior a ter lugar na “primeira metade da vida”. É neste contexto – relacional – que os nascimentos depois dos 40 poderão ser nascimentos de “novas famílias”.

Regra geral, o bebé assume um lugar de destaque no seio da família. O nascimento da criança é um marco importante em todo o processo de desenvolvimento familiar e por isso é visto como um “elemento *revolucionário*” (Relvas 1996), na medida em que, com ele, de um lar centrado no casal passa-se radicalmente, ao lar centrado na(s) criança(s). O bebé funciona assim como um pequeno Deus. Nas palavras de Robin Skynner e John Cleese, “Sou Deus e não se fala mais nisso” (Skynner & Cleese 1990: 65). Envolto em novos mitos de felicidade é, à semelhança do próprio casamento, rodeado de expectativas, igualmente românticas e irrealistas, funcionando como um elo de reforço da ligação do casal e elemento de estabilização de ligações (Relvas 1996). Nas “novas famílias”, segundas ou de outra ordem, o nascimento de uma criança cria uma sub-unidade que a une e aproxima mais das expectativas tradicionais, criando ao mesmo tempo uma família “natural” que se sobrepõe ao carácter “menos formal” da nova união (Bumpass 1984). O aparecimento destas crianças é, não raro, visto como um elo de reforço do casal, entendendo-se mesmo que a sua presença pode reduzir a probabilidade de divórcio (Cherlin 1978) e contribuir para centralizar a atenção do casal, sobretudo quando há crianças de uniões

anteriores que podem funcionar como forças centrífugas na nova relação, ao complexificarem a estrutura de papéis e relações familiares.

Por outro lado, essa mesma sobre-representação dos nascimentos fora do casamento com coabitação dos pais em mulheres de 40 e mais anos pode significar que alguns desses nascimentos traduzam, mais que “novas famílias”, “famílias novas”. Num outro plano – o temporal – estes nascimentos poderão indiciar a emergência e afirmação de experiências familiares onde a dissociação entre casamento e conjugalidade se torna mais premente e que aumentam em número e visibilidade na sociedade contemporânea. Na verdade, o aumento das uniões de facto nos últimos anos (Ferreira & Aboim 2002), é a expressão clara e inequívoca de novas formas de viver a conjugalidade, quer nas famílias reconstituídas enunciadas há pouco, como também nas primeiras uniões entre pessoas para quem o laço jurídico oficial aparece como uma formalidade desnecessária e para quem os casamentos podem bem ser “casamentos sem papéis”, uma vez que não acrescentam nada aos sentimentos.

“Famílias novas” são também as que a sobre-representação dos nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos fora do casamento e sem coabitação dos pais pode ainda indiciar, ao evidenciar dissociações entre conjugalidade e procriação, que se traduzem numa monoparentalidade “independente” (Ferreira & Aboim 2002) ou maternidade a solo<sup>31</sup>. Estas experiências podem contudo significar realidades profundamente contrastantes. Se é certo que, de um lado, se podem situar franjas de mulheres que empreendem a fecundidade à margem de qualquer relação estável, deixando antever algumas “produções independentes” de mulheres que desejando ter filhos os têm, de outro lado poderemos ter as situações que a sigla LAT (*Living Apart Together*) tão bem exprime, isto é, as conjugalidades não coabitantes de quem vive separado mas está junto (Sarrible 1996), articulando assim uma identidade consolidada na esfera pública com uma autonomia relativa em termos familiares, sem prescindir porém da gratificação afectiva e sexual – e por isso afirmando uma outra dissociação entre casamento e sexualidade –, que a

---

<sup>31</sup> O conceito de “solo” é proposto por Jean-Claude Kaufmann (2000) para designar em *A Mulher Só e o Príncipe Encantado*, as mulheres que não vivem como parte de um casal. Porque a maioria dos termos actualmente utilizados (celibatários, mulheres sós, mulheres autónomas, monorresidentes, monolares) induz em erros de análise e representações orientadas, o autor propõe o termo “mulheres a solo” que parece assim suficientemente neutro para designar uma posição que oscila entre o positivo e o negativo.

relação informal do casal proporciona, quando se vive “só” mas “com”, ainda que afastados espacialmente (Singly 2001)<sup>32</sup>.

Ao cruzar esta informação com os elevados capitais escolares e profissionais destas mulheres, designadamente as qualificações escolares superiores e profissões globalmente mais qualificadas como quadros superiores, dirigentes e especialistas das profissões intelectuais e científicas, compreende-se então que, de facto, estas mulheres gozam de condições sócio-económicas que propiciam o exercício da autonomia pessoal para que, longe do ostracismo de outrora, possam empreender a maternidade no contexto de uma vivência positiva da “mulher a solo” (Kaufmann 2000) e onde, «ser mãe a sós pode também conformar-se à expressão de um projecto individual apoiado por recursos sócio-económicos que garantam a independência da mulher/mãe.» (Ferreira & Aboim 2002: 436). Em qualquer dos casos, a desvinculação entre conjugalidade e maternidade pode «configurar-se como um acréscimo de autonomia individual permitido por uma maior margem de manobra face ao controle normativo dos comportamentos familiares, dando força, na prática, à ideia de privatização da vida familiar.» (Ferreira & Aboim 2002: 436-437).

Os nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos podem bem ser os filhos de “novas famílias” e de “famílias novas”. Famílias reconstituídas, uniões de facto, maternidades a solo e LAT afirmam, em qualquer dos casos, uma «maior abertura do campo de possibilidades para a construção de percursos familiares, em comparação com a linearidade do esquema tradicional» (Ferreira & Aboim 2002: 426) e, por isso, a flexibilidade, multiplicidade e diversidade do tempo familiar, características que se imprimem também às experiências familiares, riscadas agora por traços de maior individualismo. Reforçam-se assim as ideias de não linearidade das transições familiares, vincando ao mesmo tempo a desinstitucionalização da vida familiar e dissociando a “tradicional” associação entre casamento - conjugalidade - sexualidade - procriação.

---

<sup>32</sup> É para esta realidade que remetem os 47% de indivíduos que, de acordo com o *Inquérito à Fecundidade e Família, 1997*, sendo casados de facto, não vivem na mesma residência, alegando para isso como motivo a “opção amigável”, quando os restantes motivos passam pela “separação forçada” e “problemas conjugais” (INE 2001a).

### *Desejados, adiados... e auxiliados*

Uma terceira hipótese explicativa da fecundidade tardia constrói-se em torno de uma última questão que é, simultaneamente a primeira: como são possíveis estes nascimentos? Transversal à totalidade das situações observadas é a constatação de que o adiamento dos nascimentos enfrenta um inegável obstáculo biológico, na medida em que, a realização do desejo de dar à luz pelas mulheres mais velhas enfrenta o risco de estas serem, por natureza, menos fecundas. De acordo com a lei de progressão de esterilidade de Louis Henry, por cada 100 mulheres com 40 anos, 31 serão estéreis e esse número aumenta depois exponencialmente, de forma que aos 50 a totalidade das 100 mulheres será, definitivamente, estéril (Sauvy 1979). Esta observação completada com o facto de cerca de 90% das mulheres que têm filhos depois dos 40 anos o fazerem em média aos 42 anos de idade, faz crer que muitos deste filhos são, necessariamente, desejados, adiados... e auxiliados, na certeza de que, se as mulheres puderem antecipar que conseguirão, com sucesso, adiar a maternidade para idades tardias, terão mais probabilidade de o fazer, enquanto que se não o conseguirem garantir com alguma razoabilidade, antecipá-los-ão (Martin 1999):

*A fecundidade em mulheres de 40 e mais anos é indissociável de uma progressiva permeabilidade médica no processo reprodutivo, o que permite ultrapassar os constrangimentos biológicos de outrora para limites verdadeiramente desconhecidos.*

Quando as mulheres que dedicaram a casa dos 20 e dos 30 anos a carreiras educacionais ou profissionais se dispõem mais tarde a ter filhos, descobrem, não raro, as vantagens e riscos associados a essa decisão. Se por um lado têm maior maturidade e podem oferecer uma maior estabilidade aos filhos (Andrade 2002), por outro lado, a fertilidade diminui substancialmente a partir dos 35 anos como aumenta também a partir desta idade o risco de anomalias cromossómicas, bem como de outras malformações congénitas. Convictamente, «alguns casais partem do princípio de que, a partir do momento em que decidem ter um bebé, o mesmo chegará pontualmente nove meses mais tarde – tal como se encomendassem artigos de mercearia para a sexta-feira seguinte.» (Bryan & Higginns 2002: 61). Ora, para muitas mulheres, o avanço na idade transforma muitas renúncias temporárias em ter filhos ou adiamentos desejados em

situações mais ou menos definitivas sob a ameaça da esterilidade<sup>33</sup> (Silva & Covas 2000). Nestes casos, os casais poderão aumentar a probabilidade de concepção ao obter a ajuda de especialistas na remoção das causas identificadas de esterilidade<sup>34</sup>, custos que provavelmente teriam sido evitados se a mulher tivesse escolhido a maternidade numa idade mais jovem (Gustafsson 2001).

Aumenta assim visivelmente nos dias de hoje o desenvolvimento de muitos tratamentos de fertilidade pelas mulheres<sup>35</sup>, já que, no que respeita à terapêutica das alterações do processo reprodutivo, está hoje demonstrado que o tratamento correcto das diferentes formas de esterilidade conjugal, assente num criterioso diagnóstico causal, poderá resolver cerca de 55% das situações clínicas detectadas (Santos 1993), o que contribui também para combater o resíduo de vergonha ou culpa adstrito que geralmente está associado à esterilidade (Ryder 1972).

A generalização destes tratamentos, sobretudo a partir dos 35 anos, enquadra-se no contexto mais amplo do desenvolvimento de inovações biomédicas com incidência na procriação e que permitem falar de “tecnologia de reprodução medicamente assistida”, onde se inclui o

---

<sup>33</sup> Diz-se que a esterilidade existe num casal quando ao fim de dois anos de relações sexuais desprotegidas não surge uma gravidez (Santos 1993). O conceito distingue-se de infertilidade, «designação atribuída ao casal em que existe fecundação, mas em que o produto da concepção não atinge a viabilidade. O casal também não tem filhos, mas a grande maioria dos mecanismos da fecundação tem lugar, só que a gravidez que foi alcançada, uma ou mais vezes, não termina pelo nascimento de um novo ser vivo e viável» (Santos 1993: 30). Por vezes também se utiliza, englobando os dois conceitos, a expressão de Hipofertilidade, para traduzir, de forma genérica, a incapacidade biológica de ter filhos (Santos 1993).

<sup>34</sup> De acordo com o *Inquérito à Fecundidade e Família, 1997* (INE 2001a), do total de indivíduos entrevistados, cerca de 4% pertenciam a casais que tentaram ter filhos sem êxito durante um período superior a um ano. Destes, cerca de 3% consultaram o médico, sobretudo em conjunto, isto é, estando presentes os dois membros do casal, o que revela a consciência, por parte dos casais, da necessidade de recorrer a um médico especialista quando confrontados com dificuldades na concepção.

<sup>35</sup> Todavia e contrariamente a algumas ideias feitas, não são apenas as mulheres as responsáveis pela esterilidade no casal. Se cerca de 50% das situações de esterilidade conjugal resultam de um ou vários distúrbios femininos, em cerca de 40% das esterilidades conjugais existe um factor masculino em parte ou no todo responsável por essa mesma esterilidade (Santos 1993). Por outro lado, é também conhecido que em aproximadamente 10% dos casos não se detecta nenhuma causa presumivelmente responsabilizável pela esterilidade investigada, são as chamadas esterilidades idiopáticas ou de causa desconhecida (Santos 1993). Por outro lado, existem ainda situações em que frequentemente se associa mais do que uma causa de esterilidade e que se poderiam considerar mistas, englobando diversos factores femininos ou associando alterações em ambos os membros do casal. Por isso se advoga e se considera como regra fundamental na investigação da esterilidade conjugal a análise conjunta de eventuais anomalias quer no homem, quer na mulher (Santos 1993).



conjunto de intervenções médicas utilizadas para auxiliar a mulher a engravidar como a indução e estimulação ovárica, a fecundação *in vitro*, inseminação artificial e a fecundação micro-assistida, que tornam o filho, aparentemente impossível, uma realidade, transformando-o num “bebé milagre”, que a ciência ajudou a trazer ao mundo.

A eficácia dos tratamentos postos à disposição das mulheres e dos casais com problemas de fertilidade, graças aos avanços científicos e tecnológicos, permite que estes prossigam os seus desejos de procriação para além do que era considerado possível no passado (Andrade 2002). Assim se pode conciliar os dois aspectos e prolongar os limites temporais que a biologia até agora impunha. As novas tecnologias colocadas ao serviço da procriação, permitem desta forma dissociar a idade da condição biológica, como também sexualidade e procriação, não porque a primeira se autonomiza da segunda, no sentido de “sexualidade plástica” (Giddens 1996) mas, sobretudo, porque a segunda pode acontecer à margem da primeira, fora do útero da mulher, num qualquer laboratório especializado (Sullerot 1999). Outrora, as mulheres que não podiam ter filhos limitavam-se a aceitar o seu destino. Hoje, perante os avanços da medicina, não aceitam que a esterilidade seja insolúvel. São «informadas de que sofrem de uma “doença” que a medicina pode “curar”» (McLaren 1997: 295), sentindo-se na “obrigação” de seguirem as novas opções que lhes são colocadas à disposição e que possibilitam que um filho desejado se torne cada vez menos uma “criança esquiva” (Bryan & Higgs 2002).

Mas as inovações biomédicas com incidência na procriação não se ficam apenas pelo desenvolvimento de métodos de procriação assistida. Incluem também os avanços efectuados ao nível do diagnóstico pré-natal (DPN)<sup>36</sup>, bem como do tratamento fetal. É graças a estes avanços que parecem estar resolvidos alguns dos problemas levantados com a decisão de avançar com uma gravidez de risco (após os 35 anos), ao permitir quantificar e identificar esses riscos. Os avanços registados ao nível do diagnóstico pré-natal permitem, por exemplo, saber o sexo da criança, o que pode ser importante para a limitação dos nascimentos de indivíduos de sexo masculino, com maior probabilidade de desenvolver algumas doenças como a Hemofilia e a Distrofia Muscular de Duchesne (McLaren 1997) ou saber de antemão se o feto comporta quaisquer outras anomalias

---

<sup>36</sup> O método mais utilizado de diagnóstico pré-natal é a amniocentese, efectuada entre a 14.<sup>a</sup> e a 15.<sup>a</sup> semana de gravidez e que consiste na recolha de líquido amniótico que, após analisado, vai permitir identificar se há alguma malformação no feto.

ou problemas genéticos, possibilitando à mulher e/ou ao casal a tomada de decisão sobre a prossecução da gravidez<sup>37</sup>.

A tecnologia de reprodução assistida é de facto uma das histórias de grande sucesso médico do século XX. O útero, outrora opaco e misterioso, transforma-se agora numa *vitrine* de exploração científica (Vandelac 1987) e os mistérios que durante séculos cobriam o ventre das mulheres são hoje totalmente desmascarados à luz da procriação medicamente assistida. As repercussões desta “fábrica da vida” nas relações conjugais e nas relações pais-filhos, estão ainda por identificar. Uma evidência é todavia clara: a medicalização crescente da sexualidade e da procriação (Novaes 1992, Andrade 2002), em particular da gravidez em idade tardia o que, ao mesmo tempo traz a «nostalgia das ingénuas histórias de cegonhas e de folhas de couve...» (Vandelac 1987: 102). Rotulada como “gravidez de risco”, surge cada vez mais associada a um quadro institucional medicalizado, com rotinas determinadas, verificando-se uma notória influência dos aspectos científicos e dos procedimentos técnicos no modelo médico, como também nas representações sociais da gravidez (Andrade 2002), resultando a maior visibilidade do feto numa progressiva invisibilidade do corpo maternal (Oliver 1997).

Por outro lado, no contexto relacional da fecundação medicamente assistida é necessário não esquecer a intromissão de um “estranho”, papel ocupado pelo ginecologista ou pela equipa responsável pelo processo de fecundação, razão que leva Eduardo Sá (1997) a falar de uma «paternidade dividida entre o pai biológico e o “pai que fertiliza” o que, em circunstâncias de rotina, poderá potenciar distorções relacionais que, eventualmente, poderão ser vividas no casal sobre o bebé que resulta de uma fecundação medicamente assistida.» (Sá 1997: 33-34). De facto, os protagonistas da fecundação medicamente assistida constróem-se na fronteira entre duas instituições – a família e a medicina (Novaes 1992), e neste contexto, há mesmo quem

---

<sup>37</sup> Todavia, ao mesmo tempo que o fazem, colocam a mulher e/ou o casal perante uma difícil decisão. A interrupção da gravidez não é uma mera decisão biológica, tem implicações éticas e psicológicas que a situam numa encruzilhada entre a esfera pública e a privada que não são de negligenciar (Andrade 2002) e que desafiam a reflexão de pais e cientistas, tema que, não obstante a sua pertinência, ultrapassa em muito o âmbito deste trabalho.

tema que actualmente os médicos tenham um papel mais importante na tomada de decisões sobre a procriação do que os pais (McLaren 1997)<sup>38</sup>.

Indubitavelmente, uma espécie de “mão invisível” – a progressiva permeabilidade médica no processo reprodutivo – traz ganhos notáveis no contexto da fecundidade tardia. O filho que nasce é totalmente auxiliado medicamente, antes mesmo da concepção, durante toda a gravidez – as imagens ecográficas do embrião já fazem parte do “álbum do bebé” (Segalen 1999)<sup>39</sup> – no parto e pós-parto, razão pela qual o apoio médico à fecundidade desempenha um papel cada vez mais importante, assumindo-se como um procedimento fundamental no planeamento familiar actual (Gustafsson 2001). O DPN permite por exemplo saber com uma elevada margem de certeza e de antemão se o feto comporta quaisquer anomalias ou problemas genéticos. Todavia, neste domínio, as interrogações são inúmeras e o futuro incerto, eliminando os obstáculos biológicos de outrora e arrastando a possibilidade de ter filhos para um limite verdadeiramente desconhecido, como bem lembram no capítulo que encerra a *História da Família* («E amanhã, a família?»), os directores da Obra, ao se interrogarem sobre «o que acontecerá às relações entre gerações, quando se pode, pela congelação do esperma ou do embrião, manipular a época de nascimento de uma criança ou, mais ainda, permitir a uma mulher que já sofreu a menopausa ter um filho, graças a uma preparação hormonal adequada, ultrapassando assim o que se pensava serem os limites temporais da fecundidade?» (Burguière *et al.* 1995: 144).

---

<sup>38</sup> Sheila Kitzinger (1996) fala do “controlo mecanizado do corpo humano” a propósito da despersonalização do parto nas sociedades contemporâneas, onde as mulheres têm os filhos em contextos altamente mecanizados, longe de qualquer referência familiar e social como acontece nas sociedades ditas “tradicionais”. Ora, este “controlo mecanizado do corpo humano” de que fala Sheila Kitzinger pode também aplicar-se no contexto da procriação medicamente assistida, onde o papel da mulher e do casal é subalternizado ante a decisão médica adequada sobre a melhor solução para o caso e, que por vezes chama a atenção para a necessidade de uma “ressocialização da gravidez” (Andrade 2002).

<sup>39</sup> A gravidez é, cada vez mais, uma “gravidez empírica” (Rothman 1986 *apud* McLaren 1997), alterando a experiência da gravidez da mulher a quem, através da amniocentese, *scanning* por ultra-sons e outros métodos, é possibilitado uma observação da vida fetal, a auscultação dos ritmos cardíacos do feto, o conhecimento do seu sexo e mesmo de outras características que, em função do conselho médico, lhe permitirá decidir acerca da interrupção da gravidez, minando «o significado do testemunho e experiência da gravidez da mulher» (McLaren 1997: 294).

## *Para uma leitura da (des)sincronização familiar e fecundidade depois dos 40 anos no Portugal contemporâneo*

Sintetizando as hipóteses forjadas, os filhos da “maturidade” são desejados mas adiados, constituem, nalguns casos os “novos filhos” de “novas famílias” e tornam-se possíveis graças à intervenção médica que funciona como uma espécie de “mão invisível” no auxílio que presta à fecundidade tardia. A fecundidade tardia no Portugal contemporâneo parece então traduzir o ultrapassar dos limites sociais e biológicos impostos pela idade à fecundidade, limites esses intimamente relacionados com uma determinada concepção de tempo familiar onde este é visto como único, pré-definido e totalmente previsível, razão pela qual é possível agregar as diversas hipóteses explicativas das determinantes da fecundidade tardia, numa hipótese global, segundo a qual:

*A fecundidade em mulheres de 40 e mais anos traduz, nalguns casos, o ultrapassar dos limites sociais e biológicos impostos pela idade à fecundidade, o que coloca, simultaneamente, estas mulheres numa situação de dessincronização relativamente ao calendário familiar “tradicional” e numa sincronização ante o seu próprio “relógio familiar”.*

Um primeiro aspecto tem que ver com a autonomização relativamente ao ciclo de vida “tradicional” rumo à auto-gestão do “tempo para ter filhos” por parte das mulheres que possuem elevados capitais escolares e profissionais. Para estas mulheres, desprendidas das imposições sociais, alteram-se profundamente as etapas rígidas e pré-definidas do ciclo de vida familiar em prol de etapas que se constróem sob as especificidades das carreiras educacionais e profissionais empreendidas e onde a tarefa de ter filhos é vista mais como uma decisão individual do que propriamente como uma imposição por parte de uma sociedade que prescreve tempos ideais para ter filhos.

O facto de as mulheres com elevados capitais escolares e profissionais adiarem a fecundidade para idades cada vez mais próximas do limite biológico é, não apenas um sinal do domínio da mulher sobre o tempo biológico de que dispõe para procriar, mas sobretudo o controlo sobre a gestão do tempo familiar dedicado à tarefa do “ter filhos”, que conta com a

ajuda preciosa da plasticização da fecundidade. A contracepção médica, moderna e eficaz, que encarna a prática neomalthusiana de limitação dos nascimentos, traduzida na capacidade de decidir com um grau de eficácia bastante elevado, o número de filhos e a idade para ter esses filhos, permite entender o “tempo para ter filhos” não como uma simples coordenada à qual a vontade da mulher é alheia, mas algo que pode gerir, moldar e instrumentalizar em função do curso de vida individual. Maleável, pelo menos até que a menopausa encerre de vez as portas do período fértil, possibilita que os casais e as mulheres em particular, possam determinar, planejar e escolher livremente, não apenas o *quantum* de filhos que pretendem como também definir o *timing* desses mesmos filhos, permitindo assim «uma libertação relativa face ao biológico» (Relvas 1996: 110). A fecundidade deixou assim de ser um processo aleatório, sujeito às leis do acaso, para se transformar num fenómeno de “oportunidade calculada” (Girard 1984), dependente de uma decisão expressa dos procriadores, ajudados que são por processos cada vez mais científicos e, simultaneamente, eficazes, e isto parece ser tanto mais verdade quanto as protagonistas são mulheres com elevados capitais escolares e profissionais e que reúnem as condições para que possam empreender essa autonomia face ao social.

Também a maior dissociação entre casamento – conjugalidade – sexualidade – procriação que se parece esboçar no contexto da fecundidade tardia, chama a atenção para uma maior abertura do tempo familiar enquanto tempo de experiências vividas, caracterizado pela multiplicidade e diversidade de experiências familiares empreendidas na maturidade. Aparentemente, estas mulheres, dotadas de elevados capitais escolares e profissionais estarão mais libertas da ideia de um único ciclo de vida familiar, empreendendo experiências que, à margem do casamento ou depois do divórcio, em resultado dos “casamentos temporários” como lhes chamou Alvin Toffler (2001) em *O Choque do Futuro*, afirmam a maior falibilidade no casamento convencional do “até que a morte nos separe”, abrindo a porta à diversificação de experiências familiares. Assim se assinala, mais uma vez, a apropriação do tempo familiar como seu e não como o recitar de um guião que alguém – a sociedade – já escreveu. Enfatizando a mudança dos interesses familiares para os interesses do indivíduo, estas experiências revelam, simultaneamente, a expressão mais visível da grande questão contemporânea da conciliação do individualismo e da vida em comum (Singly 2001), permitindo que o indivíduo realize, ao longo do curso de vida,

permutações entre diferentes vínculos conjugais e situações familiares de acordo com calendários específicos e trajectórias individuais.

Por último, o ultrapassar dos limites sociais que os maiores capitais escolares e profissionais proporcionam e que as novas experiências familiares traduzem, não seria possível se estas mulheres não pudessem contar com a ajuda de um precioso aliado: a medicina. A gestão do tempo biológico que esta possibilita permite, sem dúvida e de forma transversal, a concretização de todos estes projectos familiares. Não fosse a crença absoluta numa medicina procriativa que cada vez mais possibilita a eliminação dos obstáculos biológicos, muitos dos adiamentos à fecundidade transformar-se-iam em impossibilidades irreversíveis. As novas tecnologias colocadas ao serviço da reprodução, permitem desta forma dissociar a idade da condição biológica da procriação, numa forma de «invalidação do tempo, do tempo biológico humano» (Castells 1999: 477). Muitas mulheres que adiam a fecundidade têm, mais tarde, de contar com auxílio médico, no sentido de maximizar o tempo que lhes resta para procriar. Mais uma vez se encontra um sinal claro do domínio do homem sobre o tempo biológico, possibilitado-lhes ter filhos quando a biologia se mostra mais reticente e ainda, através de meios de diagnóstico seguros, reduzir os riscos associados às gravidezes tardias.

Estas alterações registadas sobre o tempo familiar e de que a fecundidade tardia constitui um exemplo, denotam o abandono da família enquanto instituição – que fornece guiões rígidos sobre a idade de casar, de ter filhos, de ver os filhos crescer e sair de casa – rumo a uma maior individualização dentro da família. Alguns autores (Roussel 1980, 1992; Giddens 1996, 2000b; Torres 2002b) esboçaram já os contornos destas famílias, onde os interesses do indivíduo se sobrepõem aos da instituição.

Para Louis Roussel (1980) um novo modelo de conjugalidade – “associação” – ganha visibilidade actualmente<sup>40</sup>. Aqui, o casal surge essencialmente como um meio, de importância variável, para alcançar objectivos individuais. Ao individualismo das aspirações corresponde um certo distanciamento entre os cônjuges. Nestes casos a relação é um contrato privado que se estabelece entre duas pessoas com a finalidade de maximizar as gratificações de cada um dos

---

<sup>40</sup> Os modelos de casamento que apresenta são quatro ao todo: casamento-instituição, casamento-aliança, casamento-fusão e casamento associação (Roussel 1980).

parceiros e em que o casamento deixa de ser uma formalidade indispensável, trocada que é pela coabitação. Assim se afirma uma cada vez maior privatização da vida conjugal, onde as relações familiares e, em especial as conjugais, deixaram de ser definidas pelas instituições e passaram a ser reguladas por pactos. Se a instituição significa a norma pública que se impõe ao indivíduo, o pacto significa um acordo privado entre particulares (Roussel 1992).

Para Anthony Giddens (2000b), o conjunto de alterações registadas na família coloca o acento tónico no casal. Enquanto que «na família tradicional, o casal era apenas uma parte, e por vezes nem era a parte mais importante do sistema familiar» (Giddens 2000b: 63), hoje o casal, casado ou não, é o próprio centro da existência da família, onde o amor e a sexualidade ocupam um lugar de destaque. Durando apenas enquanto for considerada por ambas as partes uma fonte de satisfação, é por isso indissociável da generalização da “sexualidade plástica” (Giddens 1996). As relações, isto é, os laços emocionais contínuos com outrém, equivalem em importância aos casamentos de outrora, com a diferença de que caminham no sentido de um maior igualitarismo. É neste sentido que Giddens fala de “relação pura”, isto é, «uma relação baseada na ligação emocional, em que as recompensas derivadas da ligação constituem os alicerces que permitem que a relação continue.» (Giddens 2000b: 64) e que goza de um conjunto de qualidades significativamente diferentes das dos relacionamentos mais “tradicionais”, sobretudo porque traduz um ideal de democraticidade, ou seja, uma relação entre iguais, fazendo emergir na vida corrente aquilo a que chama “democracia das emoções” (Giddens 2000b). Por esta razão, o amor que lhe subjaz não é o amor romântico, já que esse assenta numa profunda assimetria em termos de poder, mas sim um “amor confluyente”, «activo, contingente, e, por isso, choca com as qualidades de “para sempre” e “único e exclusivo” do complexo do amor romântico» (Giddens 1996: 41).

No contexto português, também Anália Torres (2002b) apresenta pistas sobre o que poderá ser o esboço de um novo modelo de conjugalidade. É o “amor-construção” que dá corpo ao modelo associativo (Torres 2002b), onde o amor e a paixão iniciais se transformam num sentimento mais estável, mais “construído”, à medida que se descobrem ou consolidam aspectos novos da relação e outros sentimentos<sup>41</sup>. Este modelo, como o próprio nome indica, traduz-se

---

<sup>41</sup> No seu estudo sobre o casamento em Portugal, Anália Torres (2002b) identifica três formas principais de conjugalidade: a institucional, fusional e associativa. Na primeira a tendência é para se

numa associação de dois indivíduos autónomos em deveres e direitos, com vista à promoção do bem-estar conjugal, sendo aquele que melhor permite articular o jogo de cumplicidades entre o eu e o nós, isto é, conciliar o individualismo e a vida em comum nas sociedades contemporâneas. Apesar de conservar algumas assimetrias<sup>42</sup>, implica desde logo uma maior paridade entre homens e mulheres, na medida em que, e em termos de ideal-tipo, pressupõe um modelo simétrico de família, segundo o qual o homem e a mulher devem os dois trabalhar fora de casa e partilhar as responsabilidades domésticas, familiares e profissionais, o que é visível sobretudo entre os profissionais intelectuais e científicos, com formação escolar de nível universitário, onde, no plano identitário, a conjugalidade se afirma como uma das dimensões relevantes da identidade pessoal mais do que da identidade social (Torres 2002b). Também aqui se valoriza mais a relação conjugal do que o casamento como modo de realização afectiva, ou seja, insiste-se mais na dimensão relacional e menos na de estatuto ou institucional, que tende a constituir a representação e validação externa do casamento como sinal de pertença a um grupo ou a uma instituição, seguindo-se por isso mais os sentimentos individuais que os imperativos sociais. A “família associação” revela assim o triunfo do individualismo sobre a instituição familiar, com visíveis preocupações de autonomia e respeito pela independência do parceiro em detrimento da instituição.

É a estas relações que Eduardo Sá se refere quando afirma que «a igualdade de oportunidades tem-nos ensinado a conviver sem “fadas do lar” e sem “príncipes de marés”

---

afirmar a relevância do casamento enquanto instituição, devendo este manter-se independentemente do grau de satisfação dos indivíduos nele implicados e, ao mesmo tempo, para um maior centramento na relação parental do que na conjugal, surgindo, não raro, o desejo de ter filhos como o motivo para fundar a família. O modelo fusional assume uma modalidade mais romântica de relação, traduzida no facto de as pessoas se casarem porque “gostam um do outro”, sendo esta razão necessária e suficiente. É precisamente na perspectiva de partilha romântica e do amor que surge a ideia de ter filhos, pelo que, nestes casos, o projecto conjugal é, fusionalmente, parental e conjugal. Quanto à forma de conjugalidade associativa, traduz-se esta numa associação de dois indivíduos autónomos em deveres e direitos, com vista à promoção do bem-estar conjugal e familiar que não pode colidir nem sacrificar a autonomia individual e os projectos de realização pessoal de parte a parte. Neste caso a perspectiva romântica continua a fundar a relação e é na sua continuidade, isto é, como consequência natural do amor conjugal que surgem os filhos. Todavia, os indivíduos têm mais autonomia, não se esgotando a sua definição identitária nesta dimensão da vida.

<sup>42</sup> Segundo a autora, a indiferenciação ideal está ainda longe de se concretizar. De facto, são sempre as mulheres a sacrificar, em todas as durações de casamento e em todas as formas de conjugalidade, os seus objectivos pessoais às responsabilidades familiares (Torres 2002b).



e releva, incontornavelmente, a função do casal, muito para além do vínculo matrimonial, no sentido da exigência de uma maturidade relacional que se traduz, no plano da interioridade, numa união de facto.» (Sá 1999: 114). Nestas novas famílias, a posição dos filhos assume também novos contornos, simultaneamente interessantes e paradoxais. A criança deixa de ser vista como o expoente da relação e surge na sua continuidade. Ao mesmo tempo que os indivíduos têm mais autonomia, não se esgotando a sua definição identitária na dimensão conjugal ou parental, insiste-se também na autonomia da criança. Ela é um «“novo parceiro” para quem se deseja independência e originalidade. Reciprocamente, pesa relativamente pouco na existência dos pais, que dela se ocupam sem sujeitar os seus destinos ao dela.» (Kellerhals *et al.* 1984: 105), de forma que a sua presença não vem colidir nem sacrificar a autonomia individual e os projectos de realização pessoal de parte a parte.

Os traços de individualismo que perpassam neste tipo de famílias, são apenas alguns dos traços que esboçam um conjunto de alterações mais vastas, simultaneamente novas e radicais, porque passou a família ocidental no último quarto do século XX: a maior eficácia das práticas de contracepção, a queda generalizada da fecundidade para valores abaixo do nível de substituição de gerações, o alargamento da vida média dos indivíduos por força do aumento da esperança média de vida para valores nunca antes alcançados, a diminuição da nupcialidade e o adiamento da idade ao casamento ou inexistência até do mesmo, unido a um aumento significativo do divórcio, das uniões de facto e dos nascimentos fora do casamento, o aumento das famílias monoparentais e das pessoas que vivem sozinhas. No contexto da teoria demográfica, estas alterações são indicativas de uma tendência apelidada de “segunda transição demográfica” (Bandeira 1996b, Beets 1999, Gustafsson 2001), onde se aponta a individualização e a emancipação das mulheres como as forças motrizes desta tendência, testemunho do «exacerbar do individualismo e do desejo de autonomia na época contemporânea» (Bandeira 1996b: 34).

No contexto mais amplo da teoria sociológica, alguns autores (Shorter 1995, Cheal 1999) interrogam-se mesmo sobre a existência de uma “família pós-moderna”. Como diz Michel Fize (2000), a família de hoje encontra-se em todos os seus estados: composta, decomposta e recomposta, ao ponto de não sabermos verdadeiramente o que ela é. Edward Shorter (1995) fala de uma viagem em direcção à “família pós-moderna” ou “rumo ao coração do sol”, para significar

que a família contemporânea se desloca para o desconhecido. Para este autor, três aspectos diferentes da vida familiar evoluem hoje em dia em direcções sem qualquer precedente: o corte definitivo das linhas que conduzem da geração mais jovem à mais velha, a nova instabilidade da vida do casal e a demolição sistemática da “noção de ninho” da vida da família nuclear. Para esta nova instabilidade da vida do casal, contribuem dois fenómenos particularmente importantes: a intensificação da vida erótica do casal por um lado, que injectou uma boa dose de instabilidade, já que o apego sexual é notoriamente instável e, por outro lado, o facto de as mulheres se estarem a tornar mais independentes economicamente, o que não apenas lhe confere mais influência como também um maior sentido de autonomia pessoal, sendo que «com a capacidade de se sustentarem veio a capacidade de serem livres» (Shorter 1995: 297), daí que sejam elas os principais “instabilizadores” do “ninho”. Para David Cheal (1999), as alterações recentes sobre a família enfatizam a ideia de pluralismo, desordem e fragmentação, de todo previsíveis pelo paradigma moderno da razão universal e da família “moderna” que lhe correspondia.

A família “moderna”, fundada sobre o processo de nuclearização no contexto de uma “sentimentalização” crescente (Ariès 1988) num espaço doméstico fechado e autónomo, materializado num cenário de íntima privacidade e caracterizado pela libertação das amarras sobre o exterior<sup>43</sup> (Shorter 1995), dá assim lugar a novas famílias, onde se sublinha a cada vez menor importância do tempo longo, ou seja, o tempo concedido à família enquanto instituição (Déchaux 1995), moldando-se esta de acordo com a conveniência dos indivíduos, «ao contrário do tempo em que eram os indivíduos a conformarem-se sem latitude à instituição» (Torres 2002b: 257), às suas sequências e *timings*. A desvalorização da perenidade e a aspiração à autonomia dá então lugar a uma família relacional e individualista (Fize 2000), local de construção da identidade pessoal e de realização de si próprio (Singly 2000).

Discreta e paulatina, esta mudança clarifica-se em contextos particulares como é o da fecundidade tardia. O facto de estas mulheres – sobretudo as que têm capitais escolares e

---

<sup>43</sup> Para Edward Shorter (1995) a família moderna funda-se na quebra progressiva dos laços que, na sociedade tradicional, a ligavam à parentela circundante, à comunidade mais vasta e às gerações passadas e futuras o que, metaforicamente a assemelhava a um navio firmemente amarrado ao seu ancoradouro. A metáfora ganha peso quando E. Shorter, relativamente à família na sociedade tradicional afirma: «de todos os lados, grandes cabos se estendem para o prender à doca. O navio não se desloca e faz parte do porto» (Shorter 1995: 9) para, quebrados esses laços, a família vogar até ao mar alto nos tempos modernos.

profissionais mais elevados – e que dedicaram a casa dos 20 e dos 30 anos à consolidação das suas carreiras educacionais e profissionais “puxarem” a fecundidade para o limite biológico só pode por isso significar que, à margem das pressões sociais e possibilidades de ultrapassar os constrangimentos biológicos, têm filhos mais tarde mas “a seu tempo”. Sendo que os constrangimentos sociais da idade limitam, de forma mais plausível, a fecundidade do que propriamente os limites biológicos (Rindfuss & Bumpass 1978), ultrapassados ambos e de forma especial os primeiros, parece isto indiciar um conjunto de novas representações sobre o tempo familiar: mais estocástico, aberto, e flexível.

Libertam-se do tempo em que o tempo era uma prisão, que moldava as experiências familiares e as formatava para sequências pré-determinadas. Dominam o tempo e sabem que ele está do seu lado, empreendendo por isso e simultaneamente a “morte do tempo”. Num sopro de individualismo, vivem o *hic et nunc*, sem que o tempo que lhes resta ou a qualidade desse tempo pareça importar. Por esta razão, ao mesmo tempo que parecem estar “dessincronizadas” relativamente aos calendários sociais que prescrevem um “relógio familiar” no quadro do ciclo de vida “tradicional”, estas mulheres constroem o seu próprio “relógio familiar”, que não pode ser desligado de outros eventos e processos na vicissitude pessoal e familiar, e com ele se sincronizam: estudam mais, investem mais na carreira e têm os filhos mais tarde, o que permite falar de uma (des)sincronização familiar no contexto da fecundidade tardia.

Heráclito (séc. VI-V a.C.) dizia que «o tempo é uma criança que brinca com as peças». A situação parece ter-se invertido. Agora é a mulher quem, qual criança, brinca com as peças do tempo, combinando-as de diversas formas e sequências, reivindicando a realização de si e a articulação do social com o individual. Os filhos da “maturidade” são os filhos dessas mulheres que, numa fase “madura” das suas vidas, libertas de constrangimentos de ordem educacional e/ou profissional, empreendem as suas próprias estratégias de fecundidade, interpretando – à sua maneira – o guião que alguém – a sociedade – já escreveu.



## Questões & Conclusões



O quadragésimo aniversário feminino serve de porta de abertura ao estudo efectuado. Com a entrada na menopausa, não apenas biologicamente os estrogénios e a progesterona deixam de ser “fabricados”, como se assinala, simbolicamente, a “morte” da mulher. Mais do que um simples marco do calendário fisiológico feminino, a menopausa espelha o envelhecimento como uma marcha irreversível do desenvolvimento humano, associando-se à perda de juventude, como também das capacidades reprodutivas. Talvez por esta razão e por entre um conjunto de eufemismos, se fale da menopausa através de meias palavras. Expressões que aludem à altura em que as mulheres atingem “uma certa idade”, “aquela idade” ou a “idade crítica”, deixam antever muita da angústia e perturbação com que algumas mulheres vêm chegar os quarenta anos, enquanto ameaça à possibilidade de se sentirem “mulheres completas”. Porém, um conjunto de alterações relativamente recentes e radicais não apenas expandem os limites temporais dentro dos quais as experiências familiares têm lugar, como também acarretam uma nova forma de conceber o tempo familiar que, paulatinamente, se abre à gestão individual.

A etapa de vida dos indivíduos e das famílias que incorpora a variável microdemográfica da fecundidade – o “ter filhos” – exemplifica de forma notável estas transformações no tempo familiar. De uma forma geral, assiste-se, nas sociedades ocidentais contemporâneas, a um adiamento progressivo da entrada na parentalidade, “puxando-a” cada vez mais para perto do limite biológico. Numa sociedade em que também as práticas contraceptivas são cada vez mais eficazes e o seu uso generalizado, somos obrigados a (re)equacionar todo o processo decisional respeitante à fecundidade tardia, tarefa que exige o intercruzamento entre a Sociologia da Família, a Demografia, a Sociologia da Fecundidade e mesmo do Tempo.

Em torno de uma pergunta de partida que equacionava precisamente a forma como a fecundidade depois dos 40 anos se articula com as alterações recentes sobre o tempo familiar, o objectivo geral do estudo estabelecia como meta a análise e compreensão da forma como as recentes mutações ocorridas sobre o tempo familiar se articulam com a fecundidade após os 40 anos de idade no Portugal contemporâneo, objectivo esse que se operacionalizou em quatro objectivos específicos, designadamente, a análise crítica do processo de construção social do tempo familiar, a caracterização da evolução recente da fecundidade após os 40 anos em Portugal, o traçar do perfil das mulheres que, na actualidade, têm filhos depois dos 40 anos e, por último, a formulação de hipóteses sobre as determinantes da fecundidade depois dos 40 anos. No contexto dos propósitos enunciados, o estudo levado a cabo é essencialmente de cariz exploratório, permitindo, como o próprio nome indica, explorar e problematizar um tema pouco estudado, como é o caso, daí que, após uma fase de observação, descrição e análise, cimentada em torno da revisão de estudos anteriores, bem como da análise de dados estatísticos oficiais (publicados e não publicados), se termine com a apresentação de um conjunto de hipóteses a verificar numa investigação subsequente.

Uma análise crítica sobre o processo de construção social do tempo familiar, que traduz o cumprimento do primeiro objectivo específico traçado, dá corpo às primeiras duas partes do trabalho – *Tempo(s) & Família e Tempo para ter Filhos*. Esta análise começa desde logo com a clarificação dos fundamentos que alicerçam uma concepção social do tempo e, em particular, do tempo familiar. A polissemia do conceito, profundamente imbricado no nosso quotidiano, oculta até certo ponto, a sua importância enquanto aspecto essencial da construção social da realidade. A natureza tríplica do tempo obriga, no entanto, a reconhecer, para além de uma dimensão natural e individual, um tempo social que permite falar de representações e percepções do tempo comuns a grupos e sociedades. E porque é uma construção social, é interessante constatar como o processo da consciência temporal constitui uma dimensão elementar no processo de socialização primária, visível no estabelecimento de uma linha temporal que, para além dos constrangimentos do relógio, molda as biografias individuais e também as familiares, o que permite falar da forma como, também as famílias, parecem construir o seu próprio tempo – o tempo familiar.

Da tradição sociológica francesa clássica à contemporaneidade, a teorização sociológica em torno do tempo consolida-se, esboçando progressivamente as premissas de uma “Sociologia



do Tempo” que se expande, também, para o domínio da Sociologia da Família onde, não obstante um certo desfavorecimento conceptual, se tem vindo, nomeadamente através da teoria do desenvolvimento familiar, a demonstrar um interesse crescente sobre o tempo familiar. O estudo das relações entre o tempo e a família tem, assim, oscilado entre duas esferas primordiais: de um lado, estuda-se o tempo *na* família, ou seja, a forma como é vivido e experienciado, tomando-o como uma variável externa às relações familiares e procurando, olhando a família de fora, afectar quantidades de tempo às múltiplas actividades que aí têm lugar: o cuidado da casa, das crianças, o lazer ou o dormir e, por outro lado, a teoria do desenvolvimento familiar, abre, pouco a pouco, as portas ao estudo do tempo *da* família, isto é, a forma como a família, internamente, representa, percebe e vive o seu tempo e o tempo das suas experiências.

A experiência contemporânea parece, no entanto, imprimir novos contornos à vivência do tempo na sociedade em geral e na família em particular. O tempo, o seu uso e significados, assume um carácter profundamente paradoxal, ora de abundância, ora de rarefacção, enfatizando a lentidão dos processos – da entrada na conjugalidade e na parentalidade – e, ao mesmo tempo, o culto da instantaneidade, simultaneidade e descartibilidade. A libertação do tempo, o pluralismo, o passo acelerado da mudança e a individualização do tempo parecem, assim, contrapor-se a um tempo rígido e unilinear e isto reflecte-se não apenas em termos gerais como também nas famílias, onde se expandem as barreiras temporais de outrora para as experiências normativamente esperadas, centradas nos calendários familiares e reprodutivos.

Uma análise mais aprofundada sobre esses calendários desemboca, inevitavelmente, numa falsa homogeneidade dos calendários familiares como também dos reprodutivos. Relativamente aos primeiros, o “toque normativo” do tempo familiar sintetizado no conceito de ciclo de vida familiar simplifica as transformações familiares num rol de fases que, implicitamente, orienta a leitura da família para a ideia de existência de um ciclo de vida familiar “normal”, instrumento analítico potenciador de uma análise normativa e conservadora, tomando como bitola uma família tida como “normal”, que funciona como um instrumento de medição para a leitura das experiências familiares e do tempo familiar, propondo não apenas a sequência dos eventos como também o *timing* em que estes devem ocorrer e por isso um verdadeiro “relógio familiar” onde a parentalidade e a conjugalidade são os dois ponteiros e cujo tic-tac marca o ritmo da sincronização do tempo familiar.

Uma associação determinista – consolidada no conceito de ciclo de vida familiar – entre conjugalidade e parentalidade parece, assim, mais prescrita culturalmente que estatisticamente média. Socialmente, “um e um são três” e é neste sentido precisamente que se opera o poder normativo do vocabulário familiar, ao classificar as mudanças familiares como estando “*on time*” ou “*off time*”, conquanto cumpram ou não o *timing* que a sociedade prescreve para os diversos eventos. Porém, o “relógio familiar” que o ciclo de vida familiar propõe é um relógio imperfeito. Prescreve sincronizações quando elas não existem e por isso não permite a leitura de experiências como a monoparentalidade, as reconstituições familiares, situações de morte prematura ou de fecundidade tardia. Da mesma forma que o relógio de sol, a clepsidra, a ampulheta, o relógio mecânico ou de quartzo mais não são do que vários instrumentos para a medição do fluir do tempo físico, também na medição do tempo familiar a multiplicidade de “relógios familiares” desemboca, inexoravelmente, na imperiosidade de outros instrumentos conceptuais que permitam dar conta da imensa variedade de caminhos em termos de *timing* e tipo de eventos familiares, e onde todas e quaisquer predições são apenas probabilísticas. O conceito de carreira familiar e, muito especialmente, o de curso de vida familiar procuram dar conta precisamente dessa multiplicidade de “relógios familiares”, enfatizando a relação entre processos de desenvolvimento ontogenéticos e sociogenéticos e, por outro lado, atribuindo também uma maior importância aos significados sociais adstritos aos eventos da vida, a forma como são socialmente construídos, reconhecidos e partilhados, pelo que se afiguram especialmente importantes na leitura dos “filhos fora do tempo”.

À semelhança do conceito de ciclo de vida familiar, também no domínio dos calendários reprodutivos a arquitectura da fecundidade começa por deixar ver um comportamento aparentemente “normal” de fecundidade, modelo esse expresso no “modelo em chapéu”, ao longo do período fértil que situa, simultaneamente, a mulher nas categorias de pós-menarca e pré-menopausa. A idade não é todavia o único factor que molda a fecundidade feminina. Esta repousa sobre dois pilares, um de natureza biológica e outro de natureza social, entre os quais se gera uma interacção complexa e onde os factores de índole social se revelam determinantes mais importantes que os biológicos. Ainda neste contexto, uma outra falsa normalidade tem que ver com a aparente redução das práticas reprodutivas à sua homogeneização no que respeita ao *timing* e ao *quantum* da fecundidade: a homogeneização do número de filhos, a redução do número de

nascimentos de ordem elevada, o retardamento da idade média ao nascimento do primeiro filho, a concentração do período reprodutivo num menor número de anos e ainda a redução da idade média ao último nascimento. Não obstante as tendências gerais apontadas, sintetizadas na ideia de um certo “*prime time reprodutivo*”, é necessário não esquecer que as carreiras reprodutivas são sempre únicas e que, sob a capa da homogeneização, há diversas estratégias e temporalidades que se reflectem na cadência dos calendários da fecundidade, como bem revela o aumento da fecundidade tardia. Todavia, apesar de toda a gestão operada sobre o período fértil, este desenrola-se num tempo limitado. Ao arrastar a fecundidade, as mulheres enfrentam um conjunto de riscos, não apenas biológicos, como também sociais. Os riscos (in)certos da fecundidade tardia incluem o aumento dos riscos associados à gravidez, quer para a criança, quer também para a mãe, mas os principais obstáculos parecem colocar-se ao nível social onde, o facto de se ser “demasiado velho” é muitas vezes considerado um argumento para não ter mais filhos.

Os restantes objectivos específicos traçados cumprem-se na última parte do trabalho – *Filhos “fora do tempo”*. No que respeita à caracterização da evolução recente da fecundidade após os 40 anos, em Portugal, é esta marcada por um conjunto de homogeneidades e singularidades. Depois de uma queda continuada do número de nascimentos, o ligeiro aumento da natalidade registado nos últimos anos evidencia um aumento de toda a fecundidade a partir dos 30 anos, como também no grupo de idade dos 40 e mais anos, destacando-se, neste caso, uma recente e ligeira subida da taxa de fecundidade entre 1995 e 2001, traduzindo uma variação percentual positiva na ordem dos 25%. Não obstante o carácter peremptório de algumas afirmações, é necessário relembrar todavia que se trata aqui de um estudo exploratório. Neste como noutros casos, apenas o tempo poderá dizer se o aumento da fecundidade tardia traduz um novo comportamento das mulheres portuguesas ou se se trata de um mero efeito geracional e do falar mais alto dos relógios biológicos de mulheres das gerações de 50 e 60.

Em termos de evolução regional, é possível no entanto identificar quatro perfis diversificados de evolução da fecundidade tardia ao longo dos últimos 20 anos: os distritos que registaram uma evolução marcadamente negativa, passando de taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos superiores e bastante distantes da média nacional em 1981 a taxas inferiores à média nacional registada em 2001, o que corresponde a todo o norte do país; os distritos que em 1981 detinham valores de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos inferiores à média

nacional e que são hoje superiores, perfil que se estende por toda a faixa do litoral sul e Baixo Alentejo; os distritos que, quer em 1981, quer em 2001, apresentam baixos valores de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos, sempre inferiores aos valores nacionais, agregando territorialmente todo o centro do país e Norte Alentejo e, finalmente, as Regiões Autónomas dos Açores e Madeira, regiões que, quer em 1981, quer em 2001, apresentam valores superiores à média nacional, ainda que hoje o façam com um desvio bastante menor do que outrora.

Para além da constatação destes perfis de evolução, observa-se ainda, com base nos últimos dados publicados, que os nascimentos em idade tardia representavam, em 2001, apenas 2,3% do total de nascimentos, registando-se na Região Autónoma dos Açores e da Madeira, no Algarve e em Lisboa e Vale do Tejo as taxas de fecundidade mais elevadas em mulheres de 40 e mais anos, com valores superiores aos nacionais que se ficam pelos 3,58%, sendo que, em todas as regiões, a deixar para a última década do período fértil a tarefa de ter filhos, as mulheres portuguesas o fazem, na maioria, entre os primeiros quatro anos, isto é, entre os 40 e os 44 anos.

Os filhos da maturidade exigem no entanto e sempre um complemento circunstancial. Os filhos de quem? Em que contexto? Daí que, quanto ao terceiro objectivo específico delineado, por meio do qual se intentava traçar o perfil das mulheres que, na actualidade, têm filhos depois dos 40 anos em Portugal, se tenha optado por cruzar a informação recolhida em três dimensões – educacional, profissional e familiar – que agregam um conjunto de variáveis discriminantes disponibilizadas pelas *Estatísticas Demográficas* e que permitem conhecer os contextos sociais de ancoragem destas mulheres a partir de três sub-carreiras determinantes no curso de vida familiar – educativa, profissional e conjugal. A análise dos dados permite concluir sobre uma divisão da fecundidade tardia em duas constelações, de certa forma antitéticas, observadas nas três dimensões consideradas: mulheres mais e menos instruídas, mais e menos qualificadas e projectos familiares diversos.

Sintetizando, mais que dois, ou três, perfis de fecundidade tardia cartograficamente distintos, o que emerge como significativamente visível e pertinente no contexto dos nascimentos ocorridos em mulheres de 40 e mais anos, é pois um perfil dual que, à margem das diferenças regionais, parece ser transversal ao espaço português e que permite falar de dois perfis tipo, perfis esses situados em campos diametralmente opostos. Temos de um lado franjas de mulheres pouco

instruídas – sem qualquer nível de ensino ou com o ensino básico –, com fracas qualificações profissionais – são não activas como as domésticas ou trabalham por conta própria, ocupando profissões do grupo das operárias, artífices e trabalhadoras similares, do pessoal dos serviços e vendedores ou do pessoal administrativo e similares – e que empreendem a fecundidade tardia no quadro de um encerramento “natural”, como que a “conta-gotas” de uma imposição biológica, onde a vigilância contraceptiva permite mesmo alguns “descuidos”, e no contexto de uma associação estreita entre casamento, conjugalidade e procriação, de que é aliás testemunha a clara acentuação dos nascimentos de terceira ordem e superior, que vêm engrossar de forma mais numerosa uma descendência já iniciada, bem como a elevada centralidade dos nascimentos dentro do casamento. De outro lado, temos mulheres particularmente instruídas, que possuem o ensino secundário e superior e que gozam de uma relativa autonomia a nível profissional – pertencem aos quadros qualificados das profissões intelectuais e científicas ou aos quadros superiores da administração pública, dirigentes e quadros superiores de empresas ou, em termos de situação na profissão, trabalham por conta própria ou estão noutra situação –, para quem o ter filhos aos 40 e mais anos parece ser o fruto de uma decisão planeada, já que, não raro, empreendem estratégias de fecundidade tardia no quadro da entrada na parentalidade ou no completar da descendência em torno dos dois filhos e no contexto de novas experiências familiares que dissociam casamento, conjugalidade e procriação, como bem traduz a sobre-valorização dos nascimentos fora do casamento e mesmo sem coabitação dos pais. Porque entre as primeiras o controlo e o planeamento dos nascimentos tende a ser pouco frequente, enquanto que entre as segundas a fecundidade tardia se afigura como a expressão de intenções pensadas e claras das protagonistas que lhes dão origem, aos primeiros chamar-se-ão os “filhos da idade” e aos segundos os “filhos da maturidade”.

É precisamente sobre estes “filhos da maturidade”, resultado de “contas bem feitas” e não para a totalidade dos nascimentos em idade tardia, que se avança com um conjunto de hipóteses que procuram dar conta das determinantes da fecundidade depois dos 40 anos no Portugal contemporâneo, dando assim resposta ao quarto e último objectivo específico delineado. Uma primeira hipótese, baseando-se na constatação de que algumas dessas mulheres têm elevados perfis escolares e profissionais, parte do princípio que estes filhos embora adiados são desejados: *a fecundidade em mulheres de 40 e mais anos prende-se com um elevado investimento em capital humano, nos planos*

*educacional e profissional que, a ter lugar na casa dos 20 e 30 anos, promove um progressivo adiamento do ‘ter filhos’ no timing das fases associadas ao ciclo de vida ‘tradicional’.* Uma segunda hipótese vê nestes nascimentos os “novos filhos” de “novas famílias”, considerando que *a fecundidade em idade tardia atesta, nalguns casos, a emergência de novas famílias, na dupla aceção relacional e temporal, que se afirmam na sociedade contemporânea perante a ‘tradicional’ associação entre casamento – conjugalidade – sexualidade – procriação.* E, finalmente, a terceira e última hipótese parte de uma questão central que questiona a possibilidade de estes nascimentos ocorrerem em mulheres cuja biologia coloca cada vez mais obstáculos, donde, *a fecundidade em mulheres de 40 e mais anos é indissociável de uma progressiva permeabilidade médica no processo reprodutivo, o que permite ultrapassar os constrangimentos biológicos de outrora para limites verdadeiramente desconhecidos.* Depois deste “olhar de longe”, um olhar de perto se impõe. Numa reflexão articulada entre os contributos teóricos e a análise empírica realizada como forma de dar resposta ao objectivo geral do estudo, uma conclusão emerge como significativamente estruturante na leitura da fecundidade tardia no Portugal contemporâneo. Agregando as três hipóteses esboçadas, *a fecundidade em mulheres de 40 e mais anos traduz, nalguns casos, o ultrapassar dos limites sociais e biológicos impostos pela idade à fecundidade, o que coloca, simultaneamente, estas mulheres numa situação de dessincronização relativamente ao calendário familiar ‘tradicional’ e numa sincronização ante o seu próprio ‘relógio familiar’.*

Discreta e paulatina, esta mudança clarifica-se em contextos particulares como é o da fecundidade tardia. O facto de estas mulheres – sobretudo as que têm capitais escolares e profissionais mais elevados – e que dedicaram a casa dos 20 e dos 30 anos à consolidação das suas carreiras educacionais e profissionais “puxarem” a fecundidade para o limite biológico só pode significar que, à margem das pressões sociais e possibilitadas de ultrapassar os constrangimentos biológicos, têm filhos mais tarde mas “a seu tempo”. Sendo que os constrangimentos sociais da idade limitam, de forma mais plausível, a fecundidade do que propriamente os limites biológicos, ultrapassados ambos e de forma especial os primeiros, parece isto indiciar um conjunto de novas representações sobre o tempo familiar: mais estocástico, aberto e flexível. Estas mulheres parecem, assim, libertar-se do tempo em que o tempo era uma prisão, que moldava as experiências familiares e as formatava para sequências pré-determinadas. Dominam o tempo e sabem que ele está do seu lado, empreendendo por isso e simultaneamente a “morte do tempo”. Num sopro de individualismo, vivem o *bic et nunc*, sem que o tempo que lhes

resta ou a qualidade desse tempo pareça importar. Por esta razão, quando parecem estar “dessincronizadas” relativamente aos calendários sociais que prescrevem um “relógio familiar” no quadro do ciclo de vida “tradicional”, estas mulheres constróem o seu próprio “relógio familiar”, que não pode ser desligado de outros eventos e processos na vicissitude pessoal e familiar, e com ele se sincronizam: estudam mais, investem mais na carreira e têm os filhos mais tarde, o que permite falar de uma (des)sincronização familiar no contexto da fecundidade tardia.

Um exame crítico ao concluir obriga, porém, a encontrar limitações que são, ao mesmo tempo, pistas de investigação para o futuro. Uma primeira limitação do estudo efectuado prende-se com a utilização das fontes estatísticas. Exacta por meio do cálculo de taxas de natalidade, taxas específicas de fecundidade ou do índice sintético de fecundidade, é, no entanto e até certa medida árida, impossibilitando-nos de ouvir e compreender a realidade social na primeira pessoa dos seus protagonistas. Falta, por isso, investigar o “lado de dentro” da vida das mulheres que optam por ter filhos depois dos 40 anos, no sentido de compreender as suas histórias reprodutivas e, muito especialmente, a forma como percebem o tempo na gestão dessas histórias. Um exercício desta natureza poderia então constituir-se a partir de uma auscultação intensiva que permitisse descortinar o conjunto de opções, valores, projectos ou contingências que levam as mulheres a ter filhos depois dos 40 anos em Portugal e que poderia traduzir-se por meio de uma abordagem apoiada em métodos de pesquisa qualitativos como entrevistas em profundidade ou histórias de vida, permitindo compreender melhor as interrelações entre o desenvolvimento ontogenético e sociogenético e o modo como o indivíduo incorpora nas suas actuações as imposições sociais. A partir do cruzamento da informação recolhida sobre as diversas carreiras — educativa, profissional, conjugal e procriativa, seria então possível (re)constituir a fecundidade depois dos 40 como o resultado de um percurso longitudinal de trajectórias individuais, fortemente entrosadas no contexto social, o que é concomitante com a perspectiva do curso de vida familiar. Por outro lado, uma análise estatística mais aprofundada, recorrendo nomeadamente à Análise Factorial por Componentes Principais a partir das estatísticas do INE, poderia também ser complementar a esta análise.

Ao mesmo tempo, o esforço de “dar voz” aos protagonistas da fecundidade tardia implicaria necessariamente trazer a experiência masculina para o universo da fecundidade e para o palco da análise. É certo que a fecundidade recai, em última instância, nas mulheres, já que são

elas, e apenas elas, que dão à luz. Todavia, a fecundidade é sempre o resultado de uma experiência a dois e, neste domínio, a maior diversificação de experiências familiares e o maior comprometimento do pai nas relações pais-filhos de hoje obriga a que as explicações sobre as determinantes da fecundidade se encontrem tanto do lado das mulheres, quanto dos homens. Finalmente, uma análise mais completa do estudo empreendido exigiria uma contextualização e comparação da fecundidade tardia a nível distrital, como também europeu, no sentido de compreender as dinâmicas espaciais e temporais de dispersão e tendências de evolução do fenómeno.

Longe de estar encerrado, o estudo aqui apresentado permite alinhar um conjunto de notas problematizadoras que podem constituir pistas de investigação interessantes para o futuro; daí que, mais que colocar alguns pontos finais, se pontue o texto com inúmeras reticências e alguns pontos de interrogação, deixando perceber uma reflexão final construída sobre algumas conclusões e outras tantas questões, o que a torna necessariamente inconclusiva.

Os filhos da “maturidade” enquanto filhos desejados, deixam no ar algumas interrogações sobre o caminho de uma sociedade que parece preparar as mulheres para serem boas profissionais mas não mães, obrigando a pensar políticas familiares que permitam a estas mulheres fazer opções reais e não decisões forçadas, de forma a facilitar as articulações entre ser estudante e mãe ou ser mãe e trabalhadora, exigindo ao mesmo tempo (re)pensar o papel do pai nessa discussão. A gestão do tempo por parte da mulher situa-se assim no campo mais vasto da relação produção - procriação, isto é, no *interface* família - trabalho. O tempo da mãe determina o calendário da fecundidade. Mas será assim também no futuro? Será apenas o tempo da mãe a ser exigido para ter e cuidar das novas gerações ou poderão os homens fazer aqui a diferença? Em qualquer dos casos, parece que as decisões sobre a fecundidade terão de resultar cada vez mais de um maior compromisso e comprometimento entre os parceiros.

Também as relações da família com a tecnologia no domínio da contracepção – gravidez – parto, se afiguram como uma interessante pista de investigação. Quando, em finais do século XIX, os zoólogos assistiam, entusiasmados, à libertação, por volta do mês de Maio, de um líquido alaranjado, contendo milhões de óvulos, por parte da fêmea do ouriço do mar, a que o macho respondia com um líquido esbranquiçado, por sua vez contendo biliões de



espermatozóides, não imaginavam certamente que, tomar consciência desse encontro que se dava ali mesmo na água do mar, estaria, não apenas na base do nascimento de Louise Brown alguns anos mais tarde, em 1978, através da técnica da fertilização *in vitro*, como também de inúmeras outras possibilidades onde a medicina procriativa avança a passos largos e que, ao contrário do que aconteceu com o primeiro “bebê-proveta”, não se limitam apenas a proceder à fusão das células sexuais dos progenitores em laboratório e não no corpo animal – do ouriço ou humano – mas podem, nalguns casos, empreender procriação sem coito ou dissociar parentalidade genésica e social.

O progresso dos meios de controle da fecundidade, das técnicas de auxílio à concepção, de acompanhamento da gravidez, de despistagem pré-natal de doenças hereditárias e de malformações, de interrupção da gravidez, de acompanhamento do parto e do pós-parto, constróem um novo discurso sobre a fecundidade, que molda as representações sociais da procriação e maternidade, com repercussões nas relações conjugais e parentais. No domínio das primeiras, em que medida a interferência da tecnologia altera a experiência da concepção, da gravidez e da maternidade? Como vivem a sexualidade e se sentem os casais na expectativa da concepção ditada pelo quadro da temperatura hormonal ou perante o “olhar indiscreto” do ginecologista? O que sentem as mulheres e os casais que desde o início da gravidez sentem e observam o pulsar do ritmo cardíaco dos seus filhos? Até onde vai a mecanização dos processos reprodutivos? Nalguns casos, parece esboçar-se uma comodificação crescente da procriação em prol das aspirações individuais das mulheres e/ou dos casais. Numa sociedade individualista e hedonista, a maior instrumentalização e tecnicização da procriação pode fazer com que a criança se venha a transformar numa “coisa” susceptível de ser “comprada” no exacto momento em que é desejada, sendo as repercussões dessa decisão – inclusive para a criança – relativamente desconhecidas por enquanto. O desejo de engravidar não provoca, nalguns casos, uma concentração obsessiva na técnica esquecendo a vida? As técnicas de procriação medicamente assistida têm sempre um prefixo de algo impessoal, frio e alheio adstrito. Quais as repercussões nas relações conjugais e parentais de uma certa substituição dos instintos, desejos e medos pela objectividade científica, pelo engenho técnico e pelas rotinas disciplinadas cercadas pelo optimismo ilimitado na ciência? A intervenção médica na fecundidade tardia obriga-nos por isso e também a equacionar os limites éticos da fecundidade tardia. Será permissível, do ponto de vista ético,

possibilitar a uma sexagenária ter filhos se assim o desejar? Ultrapassados os limites biológicos e sociais à fecundidade tardia, quais são os limites éticos? Estas são apenas algumas questões que se colocam quando o medicamente possível choca o eticamente permissível.

Uma última questão prende-se com o futuro dos filhos da maturidade. Como se desenvolverá nestes casos a relação pais-filhos? Como vivenciam estas mulheres e os casais uma gravidez e maternidade em idade tardia? Por um lado, terão mais tempo para dedicar atenção aos filhos mas, por outro lado, poderão sentir o tempo fugir demasiado depressa sem que possam fazer algo para o evitar, temendo não ter o tempo suficiente para acompanhar o desenvolvimento dos seus filhos. Como será também que os filhos da “maturidade” se vêem perante os outros? Como se relacionarão com os seus pais e pares quando, do ponto de vista biológico, podemos ter “mães-avós” ou “filhos quase netos”? Em qualquer dos casos, a soma da pensão de velhice ao abono de família poderá não ser suficiente para suportar filhos ainda economicamente dependentes quando termina a vida activa dos pais, o que obriga a equacionar também as relações entre o adiamento da fecundidade e a emancipação dos filhos daí resultantes.

Os *Filhos do Adeus* devem, em suma, entender-se numa acepção plural da palavra “adeus”. Por um lado significam o adeus ao período fértil e ao que ele representa socialmente – a beleza, a juventude e a capacidade de conceber. Por outro lado, simbolizam o adeus a calendários familiares e reprodutivos rígidos, pré-determinados e, sobretudo hetero-determinados pela sociedade e pela biologia. Como na língua chinesa, a apelidada “crise dos 40” tem que ser vista na complementaridade dos caracteres “perigo” e “sorte”. Por esta idade, algumas mulheres culpar-se-ão por ter esperado demasiado. “Acordando tarde demais”, para algumas delas, que têm por conseguinte menos tempo, como numa ampulheta, o tempo parece correr incrivelmente devagar e demasiado depressa, sem que o consigam controlar. Para outras, contudo, os 40 anos são ainda anos de concretização de desejos e de refazer os seus relógios biológicos uma última vez. Estes são os *Filhos do Adeus* também porque o adeus implica sempre um recomeço: de mulheres que empreendem uma nova e diferente atitude perante o tempo familiar, exemplificando de uma forma admirável como “a Sociologia mostra que o homem é aquilo que a sociedade o fez ser, e que esse mesmo homem tenta, debilmente, hesitantemente, às vezes apaixonadamente, ser outra coisa, alguma coisa que ele mesmo tenha escolhido ser.” (Berger 1978: 172).

Pegando na metáfora inicial que associava a investigação a uma grande bola de sabão, resta dizer que, muitas vezes, da injeção continuada de ar sobre uma mesma bola, resultam outras bolas de sabão. Mais pequenas, orbitam a bola maior, sendo, à semelhança da primeira, imprevisíveis nos seus contornos finais. Assim também deste trabalho resultam pistas para um trabalho continuado, mais aprofundado e mais complexo. Esta é, afinal, uma investigação que valoriza determinadas questões e oculta outras que constituirão, muito provavelmente, novas “bolas de sabão”...



## Bibliografia



## Bibliografia

- Aboim, Sofia & Wall, Karin (2002) «Tipos de Família em Portugal: interações, valores, contextos». *Análise Social*. Número Especial «Famílias». Vol. XXXVII (163): 475-506.
- Alaméda, Antoine (2001) [1998] *Os Sete Pecados da Família*. Porto: Ambar.
- Alarcão, Madalena (2000) *(Des)Equilíbrios Familiares*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Aldous, Joan (1996) *Family Careers – rethinking the developmental perspective*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Almeida, Ana Nunes de & Wall, Karin (1995) «A Família». In Eduardo de Sousa Ferreira & Helena Rato [Coord.] *Portugal Hoje*. S.l.: Instituto Nacional de Administração: 33-53.
- Almeida, Ana Nunes de *et al.* (1995) *Os Padrões Recentes da Fecundidade em Portugal*. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres/Ministério do Emprego e da Segurança Social (CIDM/MESS).

- Almeida, Ana Nunes de *et al.* (1998) «Relações Familiares: mudança e diversidade». In José Manuel Leite Viegas & António Firmino da Costa [Org.] *Portugal, que Modernidade?* 2.<sup>a</sup> ed. Oeiras: Celta Editora: 45-78.
- Almeida, Ana Nunes de; André, Isabel Margarida & Laland, Piedade (2002) «Novos Padrões e Outros Cenários para a Fecundidade em Portugal». *Análise Social*. Número Especial «Famílias». Vol. XXXVII. n.º 163: 371-409.
- Almeida, João Ferreira de & Pinto, José Madureira (1995 [1976]) *A Investigação nas Ciências Sociais*. 5.<sup>a</sup>. Ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Alves, V. de Sousa (1975) «Tempo». In AAVV. *Enciclopédia Luso-Brasileira de Cultura*. Vol. 17.º. Lisboa: Editorial Verbo: 1276-1285.
- Andrade, Maria Cláudia Perdigão (2002) *Pensar e Agir: as doenças genéticas e o diagnóstico pré-natal*. Coimbra: Quarteto Editora.
- APFN (2003) *Associação Portuguesa de Famílias Numerosas* [em linha]. Lisboa: Associação Portuguesa de Famílias Numerosas (revisto em 03-05-22) [citado em 03-05-22 – 12:55]. Disponível em URL: <http://www.apfn.com.pt>
- Ariès, Philippe (1988) [1973] *A Criança e a Vida Familiar no Antigo Regime*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Arroteia, Jorge Carvalho (1984) *A Evolução Demográfica Portuguesa – reflexos e perspectivas*. Lisboa: Instituto da Cultura e Língua Portuguesa.
- Arroyo, Cristino R. & Zhang, Junsen (1997) «Dynamic Microeconomic Models of Fertility Choice: a survey». *Journal of Population Economics*. Vol. 10. n.º 1: 23-65.
- Ausloos, Guy (1996) *A Competência das Famílias – tempo, caos, processo*. Lisboa: Climepsi Editores.
- Bandeira, Mário Leston (1996a) *Demografia e Modernidade – família e transição demográfica em Portugal*. Lisboa: Imprensa Nacional Casa da Moeda.
- Bandeira, Mário Leston (1996b) «Teorias da População e Modernidade: o caso português». *Análise Social*. Vol. XXXI. n.º 135. 1.º: 7-43.
- Barata, Óscar Soares (1985a) «Demografia e Evolução social em Portugal». *Análise Social*. Vol. XXI. n.º 87-88-89. 3.º. 4.º e 5.º: 981-993.
- Barata, Óscar Soares (1985b) *Natalidade e Política Social em Portugal*. Lisboa: ISCSP.
- Beckman, Linda J. (1978) «Couple's Decision-Making Processes Regarding Fertility». In Karl Taeuber, E. Bumpass, L. Larry & James Sweet [Ed.] *Social Demography*. New York: Academic Press: 57-81.
- Beets, Gijs (1999) «Education and Age at First Birth». *Demos* [em linha]. Vol. 15. [citado em 01-08-28 – 02:14]. Disponível em URL: <http://nidi.nl/public/demos/dm99epc2.html>
- Belloni, Maria Carmen (1986) «Les Dimensions des Temps Sociaux en tant qu'Indicateurs de Distance entre les Classes en Italie». *Revue Internationale des Sciences Sociales*. Numéro Spécial «Temps et sociétés – Perspectives sociologiques et



- historiques». Vol. XXXVIII. n.º 1. 107. UNESCO/Erès: 69-82.
- Bengtson, Vern L. & Allen, Katherine R. (1993) «The Life Course Perspective Applied to Families Over Time». In Pauline G. Boss *et al.* [Ed.] *Sourcebook of Family Theories and Methods – a contextual approach*. New York: Plenum Press: 469-499.
- Berger, Peter (1978) [1963] *Perspectivas Sociológicas – uma visão humanística*. 4.<sup>a</sup> ed. Petrópolis: Editora Vozes, Ltda.
- Berger, Peter L. & Luckmann, Thomas (1999) [1966] *A Construção Social da Realidade*. Lisboa: Dinalivro.
- Blossfeld, Hans-Peter; Drobnič, Sonja & Rohwer, Götz (1998) «Les Trajectories Professionnelles des Couples Mariés en Allemagne – une étude longitudinale de long terme de carrières des époux en Allemagne de l'Ouest». *Revue Française de Sociologie*. XXXIX. n.º 2: 305-351.
- Bongaarts, John (1993) «The Relative Contributions of Biological and Behavioural Factors in Determining Natural Fertility: a demographer's perspective». In Ronald Gray, Henri Leridon & Alfred Spira [Ed.] *Biomedical and Demographic Determinants of Reproduction*. Oxford: Clarendon Press: 9-18.
- Bourdieu, Pierre (2001) [1994] *Razões Práticas – Sobre a Teoria da Acção*. 2.<sup>a</sup> ed. Oeiras: Celta Editora.
- Bourgeois-Pichat, Jean (s.d.) [1979] *A Demografia*. Lisboa: Livraria Bertrand.
- Bryan, Elizabeth & Higgins, Ronald (2002) [1995] *A Criança Esquiva: infertilidade*. Coimbra: Quarteto Editora.
- Budig, Michelle J. & England, Paula (2001) «The Wage Penalty for Motherhood». *American Sociological Review*. Vol. 66: 204-225.
- Bumpass, Larry (1984) «Some Characteristics of Children's Second Families». *American Journal of Sociology*. Vol. 90. n.º 3: 608-623.
- Burguière, André *et al.* (1995) [1986] «E amanhã, a família?». In André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine Segalen & Françoise Zonabend [Dir.] *História da Família – O Ocidente: Industrialização e Urbanização*. 4.º Vol. Lisboa: Terramar: 139-145.
- Cabetas, Jimena Puy (2000) «Fecundidad y Actividad Femenina en España: 1980-1995». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. 92: 141-167.
- Carrilho, Maria José & Peixoto, João (1993) «A Evolução Demográfica em Portugal entre 1981 e 1992». *Estudos Demográficos*. 31. INE. Lisboa: 7-19.
- Carrilho, Maria José (2002) «A Situação Demográfica Recente em Portugal». *Revista de Estudos Demográficos*. 32: 147-175.
- Castells, Manuel (1999) *A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura – A Sociedade em Rede*. Vol. I. São Paulo: Paz e Terra.
- Cheal, David (1999) «The One and The Many: modernity and postmodernity». In Graham Allan [Ed.] *The Sociology of the Family – a reader*. Oxford: 56-85.

- Cherlin, Andrew (1978) «Remarriage as an Incomplete Institution». *American Journal of Sociology*. Vol. 84. n.º 3: 634-650.
- CIDM (1995) *A Menopausa*. 3.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Comissão para a Igualdade e para os Direitos das Mulheres.
- Cigno, Alessandro (1991) *Economics of the Family*. Oxford: Clarendon Press.
- Clausen, John S. (1991) «Adolescent Competence and the Shaping of the Life Course». *American Journal of Sociology*. Vol. 96. nr. 4: 805-42.
- Clayton, Richard R. (1979) [1975] *The Family, Marriage and Social Change*. 2.<sup>a</sup> ed. Lexington: D.C. Heath and Company.
- Coninck, Frédéric de & Godard, Francis (1989) «L'Approche Biographique à l'Épreuve de l'Interprétation – les formes temporelles de la causalité». *Revue Française de Sociologie*. XXXI-1: 23-53.
- Correia, Clara Pinto (1986) *O Essencial sobre os “Bebés-Proveta”*. s.l.: INCM.
- Courgeau, Daniel & Lelièvre, Éva (1992) *Event History Analysis in Demography*. Oxford: Clarendon Press.
- Cunha, Vanessa (2000) *O Lugar da Criança nas Famílias Portuguesas*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais. Lisboa: Universidade de Lisboa/ICS [texto policopiado].
- D’Ancona, María Ángeles Cea (1996) *Metodología Cuantitativa – estrategias y técnicas de investigación social*. Madrid: Editorial Síntesis, S.A.
- Daly, Kerry J. (1996) *Families & Time – keeping pace in a hurried culture*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Daly, Kerry J. (2001) «Deconstructing Family Time: from ideology to lived experience». *Journal of Marriage and Family*. 63: 283-294.
- Déchaux, Jean-Hugues (1995) «Orientations Théoriques en Sociologie de la Famille: autour de cinq ouvrages récents». *Revue française de Sociologie*. Vol. XXXVI-3: 525-550.
- Del Campo, Salustiano & López, M. Navarro (1987) *Nuevo Análisis de la Población Española*. Barcelona: Editorial Ariel, S.A.
- Delbès, Christiane & Gaymu, Joëlle (1997) «L’Automne de l’Amour – la vie sexuelle après 50 ans». *Population*. 6: 1439-1484.
- Déville, Jean-Claude (1985) «Activité Feminine et Fecondité». In Denis Kessler & André Masson [Eds.] *Cycles de vie et générations*. Paris: Economica: 191-204.
- Dexeus, Santiago & Pàmies, Teresa (1979) *A Mulher depois dos 40 Anos*. Mem Martins: Publicações Europa-América.
- Doherty, William J. et al. (1993) «Family Theories and Methods – a contextual approach». In Pauline Boss et al. [Ed.] *Sourcebook of Family Theories and Methods – a contextual approach*. New York: Plenum Press: 3-30.
- Draper, Patricia & Harpending, Henry (1987) «Parent Investment and the Child’s Environment». In Jane B. Lancaster et al. [Eds.] *Parenting Across*

- the Life Span – biosocial dimensions*. New York: Aldine de Gruyter: 207-235.
- Duby, Georges [Introd.] (1998) [1991] *Amor e Sexualidade no Ocidente*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Terramar.
- Duclos, Denis (1996) «Puissance et Faiblesse du Concept de Risque». *L'Année Sociologique*. Vol. 46. n.º. 2 : 309-337.
- Durkheim, Émile (1960) [1912] *Les Formes Élémentaires de la Vie Religieuse – le système totémique en Australie*. 4.<sup>a</sup> ed. Paris: PUF.
- Durkheim, Émile (1975) [1888] «Introduction à la Sociologie de la Famille». In Victor Karady [Pres.] *Émile Durkheim – Textes – Fonctions sociales et institutions*. Paris: Les Editions de Minuit: 9-34.
- Easterlin, Richard A. (1978) «The Economics and Sociology of Fertility: a synthesis». In Charles Tilly [Ed.] *Historical Studies of Changing Fertility*. New Jersey: Princeton University Press: 57-133.
- Eco, Umberto (1995) [1977] *Como se Faz uma Tese em Ciências Humanas*. 6.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Elias, Norbert (1980) [1970] *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- EUROSTAT (2001) *European Social Statistics – Demography*. Luxembourg: Office des Publications Officielles de Communautés Européennes.
- EUROSTAT (2002) *Annuaire Eurostat 2002 – le guide statistique de l'Europe, données 1990-2000*. 7.<sup>a</sup> ed. Luxembourg: Office des Publications Officielles de Communautés Européennes.
- Feichtinger, Gustav (1990) «The Statistical Measurement of the Family Life Cycle». In John Bongaarts, Thomas Burch & Kenneth Wachter [Ed.] *Family Demography – methods and their applications*. Oxford: Clarendon Press: 81-101.
- Fernandes, Ana Alexandre (1997) *Velhice e Sociedade – demografia, família e políticas sociais em Portugal*. Oeiras: Celta Editora.
- Ferreira, Pedro Moura & Aboim, Sofia (2002) «Modernidade, laços conjugais e fecundidade: a evolução recente dos nascimentos fora do casamento». *Análise Social – 'Famílias'*. Vol. XXXVII (163): 411-446.
- Filipcová, Blanka & Filipec, Jindřich (1986) «La Société et les Concepts du Temps». *Revue Internationale des Sciences Sociales*. Numéro Spécial «Temps et sociétés – Perspectives sociologiques et historiques». Vol. XXXVIII. n.º 1. 107. UNESCO/Erès: 21-35.
- Fize, Michel (2000) *À Mort la Famille – plaidoyer pour l'enfant*. Ramonville Saint-Agne: Érès.
- Foner, Anne & Kertzer, David (1978) «Transitions over the Life Course: lessons from age-set societies». *American Journal of Sociology*. Vol. 83-nr. 5: 1081-1104.
- Fourastié, Jean (1985) «De la Vie Traditionnelle à la Vie 'Tertiaire' - recherches sur le calendrier démographique de l'homme moyen». In Hervé le Bras [Prés.] *Population*. Paris: Hachette: 337-353.
- Freitas, Eduardo de (1979-80) «Algumas Reflexões a Propósito da Definição do Objecto da Sociologia da População». *Revista do Centro de Estudos*

- Demográficos*. no. 24. INE. Lisboa: 155-171.
- Gameiro, José (1998) *Os Meus, os Teus e os Nossos – novas formas de família*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Terramar.
- Garrett, António de Almeida (1945) «Os Problemas da Natalidade. I – natureza e valores dos dados estatísticos». *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. N.º 2. INE. Lisboa: 29-42.
- Garrett, António de Almeida (1947) «Os Problemas da Natalidade. IV – capacidade de reprodução». *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. N.º 4. INE. Lisboa: 51-70.
- Garrett, António de Almeida (1952-53) «Os Problemas da Natalidade. XV – voltando ao tema fecundidade». *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. N.º 8. INE. Lisboa: 43-54.
- Garrett, António de Almeida (1954-55) «Os Problemas da Natalidade. XIX – a natalidade desejável». *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. N.º 9. INE. Lisboa: 58-63.
- Gasparini, Giovanni (1986) «Il Tempo. Un percorso sociologicamente orientato». *Studi di Sociologia*. 1: 54-78.
- Gasparini, Giovanni (1997) «Tempo e Globalizzazione: alcune note». *Studi di Sociologia*. 3-4: 399-407.
- George, Pierre (1974) [1972] *População e Povoamento*. Lisboa: Libreria Bertrand.
- Giddens, Anthony (1996) [1992] *Transformações da Identidade – sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas*. 2.<sup>a</sup> ed. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2000a) [1990] *As Consequências da Modernidade*. 4.<sup>a</sup> ed. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, Anthony (2000b) [1999] *O Mundo na Era da Globalização*. 2.<sup>a</sup> Ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Giddens, Anthony (2000c) [1989] *Sociologia*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Giddens, Anthony (2001) [1991] *Modernidade e Identidade Pessoal*. 2.<sup>a</sup> ed. Oeiras: Celta Editora.
- Girard, Alain (1977) «Demografia Social». In Georges Gurvitch [Dir.] *Tratado de Sociologia*. Vol. I. 3.<sup>a</sup> Ed.. Barcelos: Iniciativas Editoriais: 375-398.
- Girard, Alain (1984) *L'Homme et le nombre des hommes – essais sur les conséquences de la révolution démographique*. Paris: PUF.
- Golden, Meredith L. & Millman, Sara R. (1993) «Models of Fecundability». In Ronald Gray, Henri Leridon & Alfred Spira [Ed.] *Biomedical and Demographic Determinants of Reproduction*. Oxford: Clarendon Press: 183-208.
- Gomes, Francisco Allen (1987a) «A sexualidade na Idade Madura». *Planeamento Familiar*. n.º 35. Lisboa: Associação para o Planeamento da Família: 2-6.
- Gomes, Francisco Allen (1987b) «A sexualidade na Segunda Metade da Vida». In Francisco Allen Gomes, Afonso de Albuquerque & J. Silveira Nunes [Coord.] *Sexologia em Portugal – A Sexologia Clínica*. 1.º Vol. Lisboa: Texto Editora: 94-103.

- Goode, William J. (1982) [1964] *The Family*. 2.<sup>a</sup> ed. Englewood Cliffs: Prentice-Hall, Inc.
- Goody, Jack (1968) «Time: Social Organization». In David L. Sills [Ed.] *International Encyclopedia of the Social Sciences*. Vol. 16.: The Macmillan Company & The Free Press: 30-42.
- Groot, Wim & Pott-Buter, Hettie A. (1992) «The Timing of Maternity in the Netherlands». *Journal of Population Economics*. Vol. 5. n.º 2: 155-172.
- Gurvitch, Georges (1963) [1950] *La Vocation Actuelle de la Sociologie – Antécédents et Perspectives*. Vol. II. 2.<sup>a</sup> ed. Paris: PUF.
- Gustafsson, Siv (2001) «Optimal age at motherhood. Theoretical and empirical considerations on postponement of maternity in Europe». *Journal of Population Economics*. Vol. 14. nr. 2: 225-247.
- Hall, Edward T. (1996) [1983] *A Dança da Vida – a outra dimensão do tempo*. Lisboa: Relógio d'Água.
- Henry, Louis (1972) *Démographie – analyse et modèles*. Paris : Librairie Larousse.
- Hogan, Dennis P. (1987) «Demographic Trends in Human Fertility, and Parenting Across the Life Span». In Jane B. Lancaster *et al.* [Eds.] *Parenting across the Life Span – biosocial dimensions*. New York: Aldine de Gruyter: 315-349.
- Höhn, Charlotte (1990) «The Family Life Cycle: needed extensions of the concept». In John Bongaarts, Thomas Burch & Kenneth Wachter [Ed.] *Family Demography – methods and their applications*. Oxford: Clarendon Press: 65-80.
- INE (2001a) *Inquérito à Fecundidade e Família*. 1997. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2001b) *Inquérito à Ocupação do Tempo*, 1999. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE (2002) *Mulheres e Homens em Portugal nos Anos 90*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- Isambert, François-A. (1979) «Henri Hubert et la Sociologie du Temps». *Revue Française de Sociologie*. XX – 1: 183-204.
- Javeau, Claude (1970) *Les Vingt-Quatre Heures du Belge*. Bruxelles: Editions de L'Institut de Sociologie-Université Libre de Bruxelles.
- Joshi, Heather (1998) «The Opportunity Costs of Childbearing: more than mothers' business». *Journal of Population Economics*. Vol. 11. n.º 2: 161-183.
- Kalwij, Adriaan S. (2000) «The Effects of Female Employment Status on the Presence and Number of Children». *Journal of Population Economics*. Vol. 13. n.º 2: 221-239.
- Kaufmann, Jean-Claude (2000) [1999] *A Mulher Só e o Príncipe Encantado*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Notícias.
- Kellerhals, Jean, Troutot, Pierre-Yves & Lazega, Emmanuel (1984) *Microsociologia da Família*. Lisboa: Publicações Europa-América.

- Ketele, Jean-Marie de & Roegiers, Xavier (1993) [1999] *Metodologia da Recolha de Dados – fundamentos dos métodos, de observações, de questionários, de entrevistas, e de estudo de documentos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Keyfitz, Nathan (1990) «Form and Substance in Family Demography». In John Bongaarts, Thomas Burch e Kenneth Wachter, Kenneth [Ed.] *Family Demography – methods and their Applications*. Oxford: Clarendon Press: 3-16.
- Kitzinger, Sheila (1996) [1978] *Mães. Um estudo antropológico da maternidade*. 2.<sup>a</sup> ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Klein, David M. & White, James M. (1996) *Family Theories – an introduction*. Thousand Oaks: Sage Publications.
- Laïdi, Zaki (2001) [2000] *A Chegada do Homem-Presente ou Da Nova Condição do Tempo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Lalanda, Piedade (1998) «Sobre a Metodologia Qualitativa na Pesquisa Sociológica». *Análise Social*. Vol. XXXIII (148): 871-883.
- Le Bras, Hervé (1985) «Parents, Grand-parents, Bisaïeux». In Hervé le Bras [Prés.] *Population*. Paris: Hachette: 354-386.
- Leiceaga, Xoaquín Fernández (1999) «La Caída de la Fecundidad en Galicia, 1970-1995: explicaciones desde la economía». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. 87: 53-81.
- Lelièvre, Eva & Bonvalet, Catherine (1995) «La Construcción de Principios para el Análisis Biográfico del Grupo Familiar». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. 70: 123-138.
- Lemel, Yannick & Verger, Daniel (1986) «Composition Démographique et Cycle de Vie – quelques réflexions sur le contenu et la notion de ‘type de ménage’». *Revue Française de Sociologie*. XXVII-2: 273-300.
- Lemennicier, Bertrand (1988) *Le Marché du Mariage et de la Famille*. Paris: Presses Universitaires de France.
- Leridon, Henri (1991) «Stérilité et Hipofertilité: du silence à l’impatience?». *Population*. 2: 227-248.
- Lévi-Strauss, Claude (1995) [1986] «Prefácio». In André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine Segalen & Françoise Zonabend [Dir.] *História da Família – Mundos Longínquos*. 1.<sup>o</sup> Vol. Lisboa: Terramar: 7-11.
- Lobo, Marta & Miranda, Fernando (1995) «Evolução da Fecundidade em duas Paróquias Minhotas – uma perspectiva comparada». In David Reher [Coord.] *Reconstituição de Famílias e outros Métodos Microanalíticos para a História das Populações. Estado actual e perspectivas para o futuro*. Actas do III Congresso da ADEH. Vol. 1. Porto: Edições Afrontamento: 65-87.
- Lopes, João Santana (1997) «Luto e Gravidez». In Eduardo Sá [Org.] *A Maternidade e o Bebê*. Lisboa: Fim de Século: 73-90.
- Lourenço, Nelson (1991) «Sociologia e Família: uma leitura dos discursos sociológicos sobre a família». *Arquipélago*. 6. Ponta Delgada: 137-193.

- Machado, Maria José (1997) «A Mulher em Fase Lunar». In Isabel Pereira Leal [Ed.] *Sexualidade e Parentalidade, Pensar hoje o que se vem pensando*. Actas do 1.º Colóquio de Psicologia Social Clínica. Lisboa: Instituto Superior de Psicologia Aplicada: 27-32.
- Maffesoli, Michel (2001) [2000] *O Eterno Instante — o retorno do trágico nas sociedades pós-modernas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Martin, Steven P. (1999) «Fertility Trends among U.S. Women who defer Childbearing past Age 30». *CDE - Center for Demography and Ecology Working Paper* [em linha]. N.º 99-11. [citado em 01-08-28 — 00:49]. Disponível em URL: <http://www.ssc.wisc.edu/cde/cdewp/99-11.pdf>
- Martínez, Rosalía & Rodríguez, María Jesús (2000) *La Maternidad Social — estudio de casos de filiación no consanguínea en la provincia de Sevilla*. Sevilla: Ediciones Alfar.
- McLaren, Angus (1997) [1990] *História da Contraceção — da antiguidade à actualidade*. Lisboa: Terramar.
- Melkersson, Maria & Rooth, Dan-Olof (2000) «Modeling Female Fertility using Inflated Count Data Models». *Journal of Population Economics*. Vol. 13 — n.º 2: 189-203.
- Menaghan, Elizabeth G. & Godwin, Deborah D. (1993) «Longitudinal Research Methods and Family Theories». In Pauline G. Boss *et al.* [Ed.] *Sourcebook of Family Theories and Methods — a contextual approach*. New York: Plenum Press: 259-273.
- Mendes, Maria Filomena Ferreira (1992) *Análise Sociodemográfica do Declínio da Fecundidade da População Portuguesa na Década de 80: o caso particular do custo económico da criança*. Tese de Doutoramento. Évora: Universidade de Évora [texto policopiado].
- Mercure, Daniel (1979) «L'Étude des Temporalités Sociales — quelques orientations». *Cahiers Internationaux de Sociologie*. Vol. LXVII : 263-276.
- Michel, Andrée (1983) *Sociologia da Família e do Casamento*. Porto: Rés-Editora.
- Mills, C. Wright (1975) [1959] *A Imaginação Sociológica*. 4ª. Ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Moore, Wilbert E. (1972) [1959] «Sociology and Demography». In Philip M. Hauser & Otis Dudley Duncan [Ed.] *The Study of Population — an inventory and appraisal*. 7ª. ed. Chicago: The University of Chicago Press: 832-851.
- Morgan, David H. J. (1975) *Social Theory and the Family*. London & Boston: Routledge & Kegan Paul.
- Morgan, David H. J. (1996) *Family Connections — an introduction to family studies*. Cambridge: Polity Press.
- Muñoz, Francisco Pérez (1995) «Las parejas sin hijos en Portugal y España». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. 70: 39-66.
- Murdock, George Peter (1949) *Social Structure*. New York: The Free Press.
- Nazareth, J. Manuel (1975) «Sobre as Perspectivas Demográficas no Sul de Portugal: o declínio da fecundidade: aplicação do método de Coale».

- Análise Social*. n.º. 41. Vol. XI. 1.º: 31-66.
- Nazareth, J. Manuel (1975-76) «Aspects Regionaux de l'Evolution de la Fécondité au Portugal (Période 1930-1970)». *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. no. 22. INE. Lisboa: 45-98.
- Nazareth, J. Manuel (1978) «A Dinâmica da População portuguesa no período 1930-70». *Análise Social*. Vol. XIV (56). 4.º: 729-800.
- Nazareth, J. Manuel (1979) *O Envelhecimento da População Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença/ Gabinete de Investigações Sociais.
- Nazareth, J. Manuel (1985) «A Demografia Portuguesa do Século XX: principais linhas de evolução e transformação». *Análise Social*. Vol. XXI (87-88-89). 3.º-4.º-5.º: 963-980.
- Nazareth, J. Manuel (1988) *Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Nazareth, J. Manuel (1993) «Demografia e Ecologia Humana». *Análise Social*. Vol. XXVIII (123-124), 4.º. e 5.º: 879-885.
- Nazareth, J. Manuel (1996) *Introdução à Demografia – teoria e prática*. Lisboa: Editorial Presença.
- Nazareth, J. Manuel & Sousa, Fernando de (1983) *A Demografia Portuguesa em finais do Antigo Regime – aspectos sociodemográficos de Coruche*. Lisboa: Livraria Sá da Costa Editora.
- Nicole-Drancourt, Chantal (1989) «Stratégies Professionnelles et Organisation des Familles». *Revue Française de Sociologie*. XXX-1: 57-80.
- Novaes, Simone (1992) «Les Techniques Médicales de Procréation». In François de Singly [Dir.] *La famille: l'état des savoirs*. Paris: Éditions la Découverte: 327-333.
- Nunes, Adérito Sedas (1996) [1971] *Questões Preliminares sobre as Ciências Sociais*. 12.ª ed. Lisboa: Editorial Presença.
- Nye, F. Ivan & Berardo, Felix M. (1973) *The Family – its structure and interaction*. New York: Macmillan Publishing Co., Inc.
- Oliver, Kelly (1997) *Family Values – subjects between nature and culture*. New York: Routledge.
- Ornellas, Teresa (2001) «À procura da idade ideal». *SOS*. 14: 68-70.
- Osório, Luiz Carlos (1996) *Família Hoje*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Parsons, Talcott & Bales, Robert (1964) [1955] *Family, Socialization and Interaction Process*. 4.ª ed. S.l.: The Free Press of Glencoe.
- Passeron, Jean-Claude (1989) «Biographies, Flux, Itinéraires, Trajectoires». *Revue Française de Sociologie*. XXXI-1: 3-22.
- Peixoto, João (1996) «Evolução Demográfica e Modelos Familiares – algumas notas sobre Portugal e a Europa». *Socius Working Papers*. 2/96. Lisboa: ISEG/UTL.
- Perista, Heloísa (2002) «Género e Trabalho não Pago: os tempos das mulheres e os tempos dos homens». *Análise Social*



- *Famílias*. Vol. XXXVII (163): 447-474.
- Pomian, K. (1993) «Tempo/Temporalidade». *Enciclopédia Einaudi*. Vol. 29. s.l.: Imprensa Nacional Casa da Moeda: 11-91.
- Pressat, Roland (1975-76) «Quelques Aspects de la Recherche Démographique». *Revista do Centro de Estudos Demográficos*. n.º 22. INE. Lisboa: 105-110.
- Pressat, Roland (1983) [1961] *L'Analyse Démographique - concepts, méthodes, résultats*. 4ª. ed. Paris: PUF.
- Pronovost, Gilles (1986) «Introduction: le temps dans une perspective sociologique et historique». *Revue Internationale des Sciences Sociales*. Numéro Spécial «Temps et sociétés – Perspectives sociologiques et historiques». Vol. XXXVIII. n.º 1. 107. UNESCO/Erès: 5-19.
- Quivy, Raymond & Campenhoudt, LucVan (1998) [1995] *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª. ed. Lisboa: Gradiva.
- Rahman, Omar & Menken, Jane (1993) «Age at Menopause and Fecundity Preceding Menopause». In Ronald Gray, Henri Leridon & Alfred Spira [Ed.] *Biomedical and Demographic Determinants of Reproduction*. Oxford: Clarendon Press: 65-84.
- Relvas, Ana Paula (1996) *O Ciclo Vital da Família – perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Relvas, Ana Paula & Alarcão, Madalena [Coord.] (2002) *Novas Formas de Família*. Coimbra: Quarteto.
- Requena, Miguel (1997) «Sobre el Calendario Reproductivo de las Mujeres Españolas». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. 79: 43-79.
- Rezsohazy, Rudolf (1986) «Les Mutations Sociales Récentes et les Changements de la Conception du Temps». *Revue Internationale des Sciences Sociales*. Numéro Spécial «Temps et sociétés – Perspectives sociologiques et historiques». Vol. XXXVIII. n.º 1. 197. UNESCO/Erès: 37-52.
- Rindfuss, Ronald R. & Bumpass, Larry L. (1978) «Age and the Sociology of Fertility: how old is too old?». In Karl Taeuber, E. Bumpass, L. Larry & James Sweet [Ed.] *Social Demography*. New York: Academic Press: 43-56.
- Rocha, Gilberta et al. (1999) *A Situação das Mulheres nos Açores*. Ponta Delgada: Universidade dos Açores/Centro de Estudos Sociais.
- Rocha, Gilberta Margarida de Medeiros Pavão Nunes Rocha (1989) *Dinâmica Populacional dos Açores no Século XX. Unidade – permanência – Diversidade*. Tese de Doutoramento. Ponta Delgada: Universidade dos Açores [texto policopiado].
- Rodgers, Roy H. & White, James M. (1993) «Family Development Theory». In Pauline G. Boss et al. [Ed.] *Sourcebook of Family Theories and Methods – a contextual approach*. New York: Plenum Press: 225-254.
- Rossi, Alice S. (1987) «Parenthood in Transition: from lineage to child self-orientation». In Jane B. Lancaster et al. [Eds.] *Parenting across the Life Span – biosocial dimensions*. New York: Aldine de Gruyter: 31-81.

- Roussel, Louis (1980) «Mariages et Divorces. Contribution á une analyse systématique des modèles matrimoniaux». *Population*. 6 : 1025-1040.
- Roussel, Louis (1992) «O Futuro da Família». *Sociologia – Problemas e Práticas*. N.º 11: 165-179.
- Roussel, Louis & Théry, Irène (1997) «Alain Girard (1914-1996). Entre Démographie et Sociologie». *L'Année Sociologique*. Vol. 47. n.º 1 : 7-24.
- Ryder, Norman (1972) [1959] «Fertility». In Philip M. Hauser & Otis Dudley [Ed.] *The Study of Population – an inventory and appraisal*. 7ª. ed. Chicago: The University of Chicago Press: 400-436.
- Ryder, Norman (1978) «Some Problems of Fertility Research». In Karl E. Taeuber, Larry Bumpass & James Sweet [Ed.] *Social Demography*. New York: Academic Press: 3-13.
- Sá, Eduardo (1997) «Fecundação com Esperma de Dador... algumas reflexões». In Eduardo Sá [Org.] *A Maternidade e o Bebê*. Lisboa: Fim de Século: 33-37.
- Sá, Eduardo (1999) *'Manual de Instruções' para uma Família Feliz*. Lisboa: Fim de Século.
- Santo Agostinho (1958) *Confissões*. 6.ª ed. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa.
- Santos, Agostinho de Almeida (1993) «Demografia e Esterilidade – Realidades Confluentes?». *Estudos Demográficos*. n.º 31. INE. Lisboa: 29-34.
- Saraceno, Chiara (1997) [1988] *Sociologia da Família*. Lisboa: Editorial Estampa.
- Sardon, Jean-Paul (2000) «La Conjoncture Démographique : L'Europe et les pays développés d'outre-mer». *Population*. n.º 4-5: 729-764.
- Sarribe, Graciela (1996) «Segunda Pareja y Diferencias por Genero». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. 76: 123-139.
- Sauvy, Alfred (1979) [1976] *Elementos de Demografia*. Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- Sauvy, Alfred (s.d.) [1944] *A População*. Lisboa: Edição Livros do Brasil.
- Schnell, George & Monmonier (1983) *The Study of Population – elements, patterns, processes*. Columbus: A Bell & Howell Company.
- Segalen, Martine & Zonabend, Françoise (1995) [1986] «Famílias em França». In André Burguière, Christiane Klapisch-Zuber, Martine Segalen & Françoise Zonabend [Dir.] *História da Família – O Ocidente: Industrialização e Urbanização*. 4.º Vol. Lisboa: Terramar: 111-137.
- Segalen, Martine (1999) [1996] *Sociologia da Família*. Lisboa: Terramar.
- Shorter, Edward (1995) [1975] *A Formação da Família Moderna*. Lisboa: Terramar.
- Silva, Augusto Santos & Pinto, José Madureira (1999) [1986] «Uma Visão Global sobre as Ciências Sociais». In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto [Orgs.] *Metodologia das Ciências Sociais*. 10ª. ed. Porto: Edições Afrontamento: 9-27.
- Silva, Augusto Santos (1999) [1986] «A Ruptura com o Senso Comum nas

- Ciências Sociais». In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto [Orgs.] *Metodologia das Ciências Sociais*. 10<sup>a</sup>. ed. Porto: Edições Afrontamento: 29-53.
- Silva, Filipa (2002) «Projecção das taxas de fecundidade específicas por idade no horizonte de longo prazo (2001-2050): estudo de um modelo de previsão com séries temporais». *Revista de Estudos Demográficos*. 32: 59-79.
- Silva, João Santos & Covas, Francisco (2000) «A Modified Hurdle Model for Completed Fertility». *Journal of Population Economics*. Vol.13. n.º 2: 173-188.
- Silva, Maria Manuela (1963) «Transformações nas estruturas familiares». *Análise Social*, n.º. 3, Vol. I, Julho: 471-474.
- Simon, Pierre-Jean (s.d.) *História da Sociologia*. Porto: Rés-Editora.
- Singly, François de (2000) [1996] *O Eu, o Casal e a Família*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Singly, François de (2001) [2000] *Livres Juntos – o individualismo na vida comum*. Lisboa: Publicações Dom Quixote.
- Skyenner, Robin & Cleese, John (1990) [1983] *Famílias... e como (Sobre)viver com Elas*. 3.<sup>a</sup> ed. Porto: Edições Afrontamento.
- Smart, Barry (2002) [1996] «Teoria Social Pós-moderna». In Bryan S. Turner [Ed.] *Teoria Social*. Algés: Difel: 405-436.
- Spira, Alfred *et al.* (1993) «Conception Probability and Pregnancy Outcome in Relation to Age, Cycle Regularity, and Timing of Intercourse». In Ronald Gray, Henri Leridon & Alfred Spira, Alfred [Ed.] *Biomedical and Demographic Determinants of Reproduction*. Oxford: Clarendon Press: 271-284.
- Sporton, Deborah (1993) «Fertility: the lowest level in the world». In Daniel Noin & Robert Woods [Ed.] *The Changing Population of Europe*. Oxford: Blackwell: 49-61.
- Sullerot, Evelyne (1999) [1997] *A Família – da crise à necessidade*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Tamen, Miguel (1996) «Aspas». *Românica – Citação*. 5: 11-18.
- Thompson, Warren S. & Lewis, David T. (1965) [1930] *Population Problems*. 5.<sup>a</sup> ed. New York: McGraw Hill.
- Tilly, Charles (1978) «The Historical Study of Vital Processes». In Charles Tilly [Ed.] *Historical Studies of Changing Fertility*, New Jersey: Princeton University Press: 3-55.
- Toffler, Alvin (2001) [1970] *O Choque do Futuro – do apocalipse “à esperança”*. Lisboa: Edição “Livros dos Brasil”.
- Torres, Anália Cardoso (1996) *Divórcio em Portugal – ditos e interditos*. Oeiras: Celta Editora.
- Torres, Anália Cardoso (2001) *Sociologia do Casamento – a família e a questão feminina*. Oeiras: Celta Editora.
- Torres, Anália Cardoso (2002a) «Casamento: conversa a duas vozes e em três andamentos». *Análise Social – ‘Famílias’*. Vol. XXXVII (163): 569-602.
- Torres, Anália Cardoso (2002b) *Casamento em Portugal – uma análise sociológica*. Oeiras: Celta Editora.

- Urry, John (2002) [1996] «Sociologia do Tempo e do Espaço». In Bryan S. Turner [Ed.] *Teoria Social*. Alges: Difel: 377-403.
- Ussel, Julio Iglesias de & Flaquer, Lluís (1993) «Familia y Analisis Sociologico: el caso de España». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. 61: 57-75.
- Valero, Angeles (1995) «El Sistema Familiar Español. Recorrido as traves del ultimo cuarto de siglo». *Revista Española de Investigaciones Sociológicas*. 70: 91-105.
- Vandelac, Louise (1987) «Sexes et technologies de procréation: 'mères porteuses' ou la maternité déportée para la langue...». *Sociologie et Sociétés* [em linha]. Vol. XIX. [citado em 02-01-17 – 17:26]. Disponível em URL: <http://www.pum.umontreal.ca/nemes/socsoc/articles/article668.html>
- Waite, Linda J. (1980) «Working Wives and the Family Life Cycle». *American Journal of Sociology*. Vol. 86-nr.2: 272-294.
- Waite, Linda J. & Lillard, Lee A. (1996) «Children and Marital Disruption». *American Journal of Sociology*. Vol. 96. nr. 4: 930-953.
- Wall, Karin (1993) «Elementos sobre a Sociologia da Família em Portugal». *Análise Social*. Vol. XXVIII (123-124): 999-1009.
- Weber, Max (1996) [1905] *A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo*. 4.<sup>a</sup> ed.. Lisboa: Editorial Presença.
- Weinstein, Maxine, Wood, James & Ming-Cheng, Chang (1993) «Age Patterns of Fecundability». In Ronald Gray, Henri Leridon & Alfred Spira, Alfred [Ed.] *Biomedical and Demographic Determinants of Reproduction*. Oxford: Clarendon Press: 209-227.
- Willekens, Frans (1990) «The Marital Status Life Table». In John Bongaarts, Thomas Burch & Kenneth Wachter [Ed.] *Family Demography – Methods and their Applications*. Oxford: Clarendon Press: 125-149.
- Wrigley, E. A. (1978) «Fertility Strategy for the Individual and the Group». In Charles Tilly [Ed.] *Historical Studies of Changing Fertility*. New Jersey: Princeton University Press: 135-154.
- Zerubavel, Eviatar (1982) «The Standardization of Time: a sociohistorical perspective». *American Journal of Sociology*. Vol. 88. Nr. 1: 1-23.

## Fontes

- INE, «Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000, por Grupos Quinquenais e Distrito». In *Estimativas da População Residente 1991-2000, aferidas para os resultados provisórios dos Censos 2001* [em linha]. Revisto em 2002. [citado em 02-10-19 – 10:55]. Disponível em URL: <http://www.ine.pt/prodserv/quadros/quadro.asp>

- INE, «Séries Tipo – Taxas de Fecundidade por Grupos de Idade, Portugal 1960-1991». In *Séries Cronológicas – população e condições sociais* [em linha]. Revisto em 2002. [citado em 02-10-20 – 22:55]. Disponível em URL:  
<http://www.ine.pt/prodserv/series/serie.asp>
- INE, *Estatísticas demográficas de 1980-82, 1983, 1984, 1985, 1986, 1987, 1988, 1989, 1990, 1991, 1992, 1993, 1994, 1995, 1996, 1997, 1998, 1999, 2000 e 2001*.
- INE, *XII Recenseamento Geral da População*, em 16 de Março de 1981.
- INE, *XIII Recenseamento Geral da População*, em 15 de Abril de 1991.
- INE, *XIV Recenseamento Geral da População*, em 12 de Março de 2001



## Anexos





## Notas Metodológicas

<sup>1</sup> Os grupos etários quinquenais definidos para o período fértil são os grupos dos 15-19; 20-24; 25-29; 30-34; 35-39; 40-44 e 45-49. Todavia, porque também ocorrem nascimentos antes dos limites inferior e superior do período fértil consensualmente definido, isto é, antes dos 15 anos e depois dos 50, decidiu seguir-se o critério adoptado por J.M. Nazareth (1996), somando os nados vivos em mulheres de idade inferior a 15 anos ao grupo inicial (15-19) e os nascimentos em mulheres de 50 e mais anos ao último grupo considerado (45-49 anos).

<sup>2</sup> No conjunto dos quadros 2.1-2.22, os dados das taxas de fecundidade específicas para o período 1981-1990 e 1991-2001 não são rigorosamente comparáveis entre si. Enquanto que a estrutura etária utilizada para o cálculo dos indicadores até 1990 resulta, pela inexistência de estimativas de população residente por sexos e grupos de idade para esse período e à semelhança aliás do que foi já feito noutros estudos (Carrilho & Peixoto 1993), do Recenseamento de 1981, a estrutura etária do período 1992-2000 baseia-se nas estimativas de população residente aferidas para os resultados provisórios dos Censos 2001 e disponibilizadas pelo INE. Os dados referentes a 1981, 1991 e 2001 referem-se todavia e sempre aos resultados definitivos dos Recenseamentos Gerais da População que tiveram lugar nos respectivos anos.

<sup>3</sup> Por razões que se prendem com a disponibilização dos dados (disponíveis mas não publicados), os quadros 4.1, 5.1, 6.1 e 7.1 contabilizam todos os nados vivos registados em Portugal no ano de 2001, incluindo portanto os nados vivos de idade ignorada, bem como os de mãe estrangeira. Todavia e porque os nados vivos ocorridos em mães estrangeiras com 40 e mais anos são apenas 2, optou-se por tratar os dados como disponibilizados, considerando-se que tal facto não põe em causa a análise efectuada.

<sup>4</sup> Por razões que se prendem com a disponibilização dos dados (disponíveis mas não publicados), os quadros 3.1, 8.1 e 9.1 não entram em consideração com os nados vivos cuja proveniência geográfica da mãe é desconhecida (total de 6) nem com os estrangeiros (total de 51), daí o desfasamento relativamente ao total de nados vivos apresentados nos quadros anteriores.

<sup>5</sup> Devido a questões de arredondamentos, a soma das parcelas pode não corresponder ao total apresentado (100,00%).

## Taxas de fecundidade por grupos de idade, Portugal 1960-2001

[Quadro I.1]

| Grupo Etário | Anos  |           |       |           |       |           |       |           |      |           |
|--------------|-------|-----------|-------|-----------|-------|-----------|-------|-----------|------|-----------|
|              | 1960  |           | 1970  |           | 1981  |           | 1991  |           | 2001 |           |
|              | ‰     | Aj. a 100 | ‰     | Aj. a 100 | ‰     | Aj. a 100 | ‰     | Aj. a 100 | ‰    | Aj. a 100 |
| 15-19        | 26,2  | 15        | 32,7  | 17        | 39,6  | 30        | 23,5  | 21        | 20,4 | 22        |
| 20-24        | 148,7 | 84        | 158,8 | 83        | 133,6 | 100       | 85,2  | 77        | 55,6 | 60        |
| 25-29        | 177,6 | 100       | 190,4 | 100       | 127,4 | 95        | 110,0 | 100       | 92,7 | 100       |
| 30-34        | 133,4 | 75        | 123,5 | 65        | 74,7  | 56        | 65,1  | 59        | 80,7 | 87        |
| 35-39        | 94,4  | 53        | 79,1  | 42        | 35,3  | 26        | 24,3  | 22        | 33,6 | 36        |
| 40-44        | 42,5  | 24        | 33,6  | 18        | 13,5  | 10        | 5,7   | 5         | 6,6  | 7         |
| 45-49        | 3,5   | 2         | 3,2   | 2         | 1,7   | 1         | 0,5   | 0         | 0,4  | 0         |

**Fonte:** INE, *Estatísticas Demográficas 2001, Recenseamento Geral da População e Habitação 2001 e Séries Tipo - Taxas de Fecundidade por Grupos de Idade, Portugal 1960-1991*.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Portugal 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 426087     | 426087     | 426087     | 426087     | 426087     | 426087     | 426087     | 426087     | 426087     | 426087     | 417348     |
|  | 20-24            | 382511     | 382511     | 382511     | 382511     | 382511     | 382511     | 382511     | 382511     | 382511     | 382511     | 378597     |
|  | 25-29            | 342787     | 342787     | 342787     | 342787     | 342787     | 342787     | 342787     | 342787     | 342787     | 342787     | 367072     |
|  | 30-34            | 322267     | 322267     | 322267     | 322267     | 322267     | 322267     | 322267     | 322267     | 322267     | 322267     | 353620     |
|  | 35-39            | 296464     | 296464     | 296464     | 296464     | 296464     | 296464     | 296464     | 296464     | 296464     | 296464     | 339301     |
|  | 40-44            | 300886     | 300886     | 300886     | 300886     | 300886     | 300886     | 300886     | 300886     | 300886     | 300886     | 326864     |
|  | 45-49            | 308883     | 308883     | 308883     | 308883     | 308883     | 308883     | 308883     | 308883     | 308883     | 308883     | 297958     |
|  | 40 e mais        | 609769     | 609769     | 609769     | 609769     | 609769     | 609769     | 609769     | 609769     | 609769     | 609769     | 624822     |
|  | TOTAL            | 2379885    | 2379885    | 2379885    | 2379885    | 2379885    | 2379885    | 2379885    | 2379885    | 2379885    | 2379885    | 2480760    |
| Nados vivos  | 15-19            | 16943      | 16800      | 16000      | 15624      | 13677      | 12657      | 11784      | 11158      | 10694      | 9991       | 9845       |
|  | 20-24            | 51881      | 52044      | 49665      | 49347      | 44256      | 42763      | 39939      | 38651      | 36317      | 34150      | 32534      |
|  | 25-29            | 43870      | 43766      | 42294      | 42329      | 39531      | 39301      | 39282      | 40359      | 39491      | 40004      | 40470      |
|  | 30-34            | 24247      | 24252      | 23064      | 22660      | 21061      | 20755      | 21007      | 21308      | 21684      | 22127      | 23157      |
|  | 35-39            | 10558      | 10295      | 9739       | 9661       | 8978       | 8468       | 8655       | 8239       | 8141       | 7984       | 8240       |
|  | 40-44            | 3986       | 3346       | 3122       | 2779       | 2614       | 2462       | 2272       | 2164       | 1967       | 1879       | 1892       |
|  | 45-49            | 542        | 472        | 400        | 363        | 321        | 289        | 224        | 200        | 173        | 159        | 148        |
|  | 40 e mais        | 4528       | 3818       | 3522       | 3142       | 2935       | 2751       | 2496       | 2364       | 2140       | 2038       | 2040       |
|  | TOTAL            | 152027     | 150975     | 144284     | 142763     | 130438     | 126695     | 123163     | 122079     | 118467     | 116294     | 116286     |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 39,8       | 39,4       | 37,6       | 36,7       | 32,1       | 29,7       | 27,7       | 26,2       | 25,1       | 23,4       | 23,6       |
|  | 20-24            | 135,6      | 136,1      | 129,8      | 129,0      | 115,7      | 111,8      | 104,4      | 101,0      | 94,9       | 89,3       | 85,9       |
|  | 25-29            | 128,0      | 127,7      | 123,4      | 123,5      | 115,3      | 114,7      | 114,6      | 117,7      | 115,2      | 116,7      | 110,3      |
|  | 30-34            | 75,2       | 75,3       | 71,6       | 70,3       | 65,4       | 64,4       | 65,2       | 66,1       | 67,3       | 68,7       | 65,5       |
|  | 35-39            | 35,6       | 34,7       | 32,9       | 32,6       | 30,3       | 28,6       | 29,2       | 27,8       | 27,5       | 26,9       | 24,3       |
|  | 40-44            | 13,2       | 11,1       | 10,4       | 9,2        | 8,7        | 8,2        | 7,6        | 7,2        | 6,5        | 6,2        | 5,8        |
|  | 45-49            | 1,8        | 1,5        | 1,3        | 1,2        | 1,0        | 0,9        | 0,7        | 0,6        | 0,6        | 0,5        | 0,5        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>7,4</b> | <b>6,3</b> | <b>5,8</b> | <b>5,2</b> | <b>4,8</b> | <b>4,5</b> | <b>4,1</b> | <b>3,9</b> | <b>3,5</b> | <b>3,3</b> | <b>3,3</b> |
|  | TOTAL            | 63,9       | 63,4       | 60,6       | 60,0       | 54,8       | 53,2       | 51,8       | 51,3       | 49,8       | 48,9       | 46,9       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

[Quadro 2.1]

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Portugal 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 418016     | 410914     | 401070     | 388892     | 375049     | 364254     | 355397     | 346033     | 335896     | 337264     |
|  | 20-24            | 397494     | 403790     | 412119     | 419249     | 423257     | 421399     | 415638     | 406680     | 395299     | 390814     |
|  | 25-29            | 376913     | 377511     | 376012     | 377824     | 382165     | 388427     | 393282     | 400204     | 404931     | 405418     |
|  | 30-34            | 363746     | 366996     | 370627     | 371212     | 371097     | 370396     | 369520     | 367022     | 367937     | 382094     |
|  | 35-39            | 343216     | 348276     | 353928     | 359923     | 366943     | 370399     | 374984     | 380076     | 382080     | 391998     |
|  | 40-44            | 335933     | 334406     | 337406     | 341383     | 344328     | 350567     | 357994     | 365348     | 372691     | 370990     |
|  | 45-49            | 312715     | 321231     | 325765     | 328276     | 334590     | 339354     | 339509     | 343767     | 348563     | 352752     |
|  | 40 e mais        | 648648     | 655637     | 663171     | 669659     | 678918     | 689921     | 697503     | 709115     | 721254     | 723742     |
|  | TOTAL            | 2548033    | 2563124    | 2576927    | 2586759    | 2597429    | 2604796    | 2606324    | 2609130    | 2607397    | 2631330    |
| Nascimentos  | 15-19            | 9449       | 9262       | 8553       | 8008       | 7853       | 7678       | 7395       | 7360       | 7489       | 6873       |
|  | 20-24            | 30961      | 29975      | 27793      | 26057      | 25981      | 25877      | 24799      | 24537      | 24610      | 21726      |
|  | 25-29            | 40278      | 39429      | 37778      | 36660      | 37463      | 38297      | 37898      | 38998      | 40127      | 37570      |
|  | 30-34            | 24073      | 24952      | 24696      | 25612      | 27396      | 28582      | 30011      | 30323      | 31936      | 30852      |
|  | 35-39            | 8181       | 8403       | 8512       | 8836       | 9649       | 10453      | 11262      | 12479      | 13270      | 13157      |
|  | 40-44            | 1853       | 1813       | 1767       | 1776       | 1792       | 1900       | 1904       | 2174       | 2392       | 2441       |
|  | 45-49            | 119        | 115        | 114        | 135        | 109        | 131        | 105        | 122        | 173        | 149        |
|  | 40 e mais        | 1972       | 1928       | 1881       | 1911       | 1901       | 2031       | 2009       | 2296       | 2565       | 2590       |
|  | TOTAL            | 114914     | 113949     | 109213     | 107084     | 110243     | 112918     | 113374     | 115993     | 119997     | 112768     |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 22,6       | 22,5       | 21,3       | 20,6       | 20,9       | 21,1       | 20,8       | 21,3       | 22,3       | 20,4       |
|  | 20-24            | 77,9       | 74,2       | 67,4       | 62,2       | 61,4       | 61,4       | 59,7       | 60,3       | 62,3       | 55,6       |
|  | 25-29            | 106,9      | 104,4      | 100,5      | 97,0       | 98,0       | 98,6       | 96,4       | 97,4       | 99,1       | 92,7       |
|  | 30-34            | 66,2       | 68,0       | 66,6       | 69,0       | 73,8       | 77,2       | 81,2       | 82,6       | 86,8       | 80,7       |
|  | 35-39            | 23,8       | 24,1       | 24,1       | 24,5       | 26,3       | 28,2       | 30,0       | 32,8       | 34,7       | 33,6       |
|  | 40-44            | 5,5        | 5,4        | 5,2        | 5,2        | 5,2        | 5,4        | 5,3        | 6,0        | 6,4        | 6,6        |
|  | 45-49            | 0,4        | 0,4        | 0,3        | 0,4        | 0,3        | 0,4        | 0,3        | 0,4        | 0,5        | 0,4        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>3,0</b> | <b>2,9</b> | <b>2,8</b> | <b>2,9</b> | <b>2,8</b> | <b>2,9</b> | <b>2,9</b> | <b>3,2</b> | <b>3,6</b> | <b>3,6</b> |
|  | TOTAL            | 45,1       | 44,5       | 42,4       | 41,4       | 42,4       | 43,4       | 43,5       | 44,5       | 46,0       | 42,9       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Aveiro 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 30229      | 30229      | 30229      | 30229      | 30229      | 30229      | 30229      | 30229      | 30229      | 30229      | 28999      |
|  | 20-24            | 26399      | 26399      | 26399      | 26399      | 26399      | 26399      | 26399      | 26399      | 26399      | 26399      | 27489      |
|  | 25-29            | 22801      | 22801      | 22801      | 22801      | 22801      | 22801      | 22801      | 22801      | 22801      | 22801      | 26857      |
|  | 30-34            | 20270      | 20270      | 20270      | 20270      | 20270      | 20270      | 20270      | 20270      | 20270      | 20270      | 24848      |
|  | 35-39            | 18150      | 18150      | 18150      | 18150      | 18150      | 18150      | 18150      | 18150      | 18150      | 18150      | 23012      |
|  | 40-44            | 18303      | 18303      | 18303      | 18303      | 18303      | 18303      | 18303      | 18303      | 18303      | 18303      | 21121      |
|  | 45-49            | 18003      | 18003      | 18003      | 18003      | 18003      | 18003      | 18003      | 18003      | 18003      | 18003      | 19043      |
|  | 40 e mais        | 36306      | 36306      | 36306      | 36306      | 36306      | 36306      | 36306      | 36306      | 36306      | 36306      | 40164      |
|  | TOTAL            | 154155     | 154155     | 154155     | 154155     | 154155     | 154155     | 154155     | 154155     | 154155     | 154155     | 171369     |
| Nados vivos  | 15-19            | 1179       | 1264       | 1172       | 1213       | 1028       | 998        | 897        | 902        | 837        | 742        | 763        |
|  | 20-24            | 3738       | 3772       | 3553       | 3644       | 3211       | 3240       | 3061       | 2909       | 2639       | 2551       | 2540       |
|  | 25-29            | 2998       | 2991       | 2790       | 2882       | 2751       | 2652       | 2660       | 2719       | 2689       | 2847       | 2867       |
|  | 30-34            | 1624       | 1545       | 1463       | 1493       | 1282       | 1365       | 1364       | 1364       | 1380       | 1428       | 1539       |
|  | 35-39            | 657        | 639        | 597        | 582        | 570        | 522        | 560        | 501        | 497        | 482        | 480        |
|  | 40-44            | 262        | 197        | 190        | 174        | 139        | 147        | 135        | 128        | 101        | 112        | 105        |
|  | 45-49            | 35         | 22         | 24         | 18         | 16         | 14         | 16         | 9          | 6          | 8          | 7          |
|  | 40 e mais        | 297        | 219        | 214        | 192        | 155        | 161        | 151        | 137        | 107        | 120        | 112        |
|  | TOTAL            | 10493      | 10430      | 9789       | 10006      | 8997       | 8938       | 8693       | 8532       | 8149       | 8170       | 8301       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 39,0       | 41,8       | 38,8       | 40,1       | 34,0       | 33,0       | 29,7       | 29,8       | 27,7       | 24,5       | 26,3       |
|  | 20-24            | 141,6      | 142,9      | 134,6      | 138,0      | 121,6      | 122,7      | 116,0      | 110,2      | 100,0      | 96,6       | 92,4       |
|  | 25-29            | 131,5      | 131,2      | 122,4      | 126,4      | 120,7      | 116,3      | 116,7      | 119,2      | 117,9      | 124,9      | 106,8      |
|  | 30-34            | 80,1       | 76,2       | 72,2       | 73,7       | 63,2       | 67,3       | 67,3       | 67,3       | 68,1       | 70,4       | 61,9       |
|  | 35-39            | 36,2       | 35,2       | 32,9       | 32,1       | 31,4       | 28,8       | 30,9       | 27,6       | 27,4       | 26,6       | 20,9       |
|  | 40-44            | 14,3       | 10,8       | 10,4       | 9,5        | 7,6        | 8,0        | 7,4        | 7,0        | 5,5        | 6,1        | 5,0        |
|  | 45-49            | 1,9        | 1,2        | 1,3        | 1,0        | 0,9        | 0,8        | 0,9        | 0,5        | 0,3        | 0,4        | 0,4        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>8,2</b> | <b>6,0</b> | <b>5,9</b> | <b>5,3</b> | <b>4,3</b> | <b>4,4</b> | <b>4,2</b> | <b>3,8</b> | <b>2,9</b> | <b>3,3</b> | <b>2,8</b> |
|  | TOTAL            | 68,1       | 67,7       | 63,5       | 64,9       | 58,4       | 58,0       | 56,4       | 55,3       | 52,9       | 53,0       | 48,4       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Aveiro 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 28748      | 28195      | 27619      | 26967      | 26307      | 25680      | 25171      | 24574      | 23942      | 24345      |
|  | 20-24            | 28378      | 28688      | 28938      | 29261      | 29312      | 29058      | 28550      | 27682      | 26753      | 27115      |
|  | 25-29            | 27346      | 27298      | 27290      | 27314      | 27573      | 27945      | 28227      | 28185      | 28115      | 28988      |
|  | 30-34            | 25753      | 26239      | 26641      | 26875      | 26998      | 27055      | 27011      | 27315      | 27602      | 28280      |
|  | 35-39            | 23929      | 24410      | 24906      | 25330      | 25807      | 26272      | 26807      | 27664      | 28434      | 28881      |
|  | 40-44            | 22288      | 22419      | 22834      | 23491      | 24035      | 24622      | 25220      | 25744      | 26306      | 26568      |
|  | 45-49            | 20031      | 20818      | 21383      | 21423      | 22240      | 22727      | 22963      | 23457      | 24171      | 24315      |
|  | 40 e mais        | 42319      | 43237      | 44217      | 44914      | 46275      | 47349      | 48183      | 49201      | 50477      | 50883      |
|  | TOTAL            | 176473     | 178067     | 179611     | 180661     | 182272     | 183359     | 183949     | 184621     | 185323     | 188492     |
| Nascimentos  | 15-19            | 686        | 684        | 637        | 579        | 548        | 524        | 530        | 473        | 550        | 489        |
|  | 20-24            | 2355       | 2350       | 2118       | 2086       | 2014       | 1974       | 1767       | 1768       | 1819       | 1497       |
|  | 25-29            | 2927       | 2851       | 2801       | 2675       | 2836       | 2745       | 2775       | 2776       | 2894       | 2614       |
|  | 30-34            | 1573       | 1684       | 1643       | 1805       | 2007       | 1969       | 2027       | 2078       | 2254       | 2104       |
|  | 35-39            | 517        | 490        | 557        | 562        | 642        | 694        | 705        | 780        | 879        | 863        |
|  | 40-44            | 96         | 105        | 97         | 105        | 91         | 126        | 94         | 112        | 128        | 153        |
|  | 45-49            | 8          | 8          | 6          | 8          | 9          | 6          | 4          | 5          | 8          | 5          |
|  | 40 e mais        | 104        | 113        | 103        | 113        | 100        | 132        | 98         | 117        | 136        | 158        |
|  | TOTAL            | 8162       | 8172       | 7859       | 7820       | 8147       | 8038       | 7902       | 7992       | 8532       | 7725       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 23,9       | 24,3       | 23,1       | 21,5       | 20,8       | 20,4       | 21,1       | 19,2       | 23,0       | 20,1       |
|  | 20-24            | 83,0       | 81,9       | 73,2       | 71,3       | 68,7       | 67,9       | 61,9       | 63,9       | 68,0       | 55,2       |
|  | 25-29            | 107,0      | 104,4      | 102,6      | 97,9       | 102,9      | 98,2       | 98,3       | 98,5       | 102,9      | 90,2       |
|  | 30-34            | 61,1       | 64,2       | 61,7       | 67,2       | 74,3       | 72,8       | 75,0       | 76,1       | 81,7       | 74,4       |
|  | 35-39            | 21,6       | 20,1       | 22,4       | 22,2       | 24,9       | 26,4       | 26,3       | 28,2       | 30,9       | 29,9       |
|  | 40-44            | 4,3        | 4,7        | 4,2        | 4,5        | 3,8        | 5,1        | 3,7        | 4,4        | 4,9        | 5,8        |
|  | 45-49            | 0,4        | 0,4        | 0,3        | 0,4        | 0,4        | 0,3        | 0,2        | 0,2        | 0,3        | 0,2        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>2,5</b> | <b>2,6</b> | <b>2,3</b> | <b>2,5</b> | <b>2,2</b> | <b>2,8</b> | <b>2,0</b> | <b>2,4</b> | <b>2,7</b> | <b>3,1</b> |
|  | TOTAL            | 46,3       | 45,9       | 43,8       | 43,3       | 44,7       | 43,8       | 43,0       | 43,3       | 46,0       | 41,0       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Beja 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 6961       | 6961       | 6961       | 6961       | 6961       | 6961       | 6961       | 6961       | 6961       | 6961       | 5645       |
|  | 20-24            | 6042       | 6042       | 6042       | 6042       | 6042       | 6042       | 6042       | 6042       | 6042       | 6042       | 5138       |
|  | 25-29            | 5013       | 5013       | 5013       | 5013       | 5013       | 5013       | 5013       | 5013       | 5013       | 5013       | 5027       |
|  | 30-34            | 4569       | 4569       | 4569       | 4569       | 4569       | 4569       | 4569       | 4569       | 4569       | 4569       | 4922       |
|  | 35-39            | 4605       | 4605       | 4605       | 4605       | 4605       | 4605       | 4605       | 4605       | 4605       | 4605       | 4591       |
|  | 40-44            | 5804       | 5804       | 5804       | 5804       | 5804       | 5804       | 5804       | 5804       | 5804       | 5804       | 4383       |
|  | 45-49            | 6532       | 6532       | 6532       | 6532       | 6532       | 6532       | 6532       | 6532       | 6532       | 6532       | 4481       |
|  | 40 e mais        | 12336      | 12336      | 12336      | 12336      | 12336      | 12336      | 12336      | 12336      | 12336      | 12336      | 8864       |
|  | TOTAL            | 39526      | 39526      | 39526      | 39526      | 39526      | 39526      | 39526      | 39526      | 39526      | 39526      | 34187      |
| Nados vivos  | 15-19            | 432        | 423        | 428        | 395        | 365        | 330        | 321        | 279        | 283        | 256        | 251        |
|  | 20-24            | 857        | 853        | 827        | 784        | 691        | 656        | 629        | 595        | 608        | 492        | 507        |
|  | 25-29            | 627        | 571        | 576        | 584        | 527        | 543        | 488        | 532        | 483        | 491        | 471        |
|  | 30-34            | 306        | 318        | 275        | 288        | 272        | 269        | 245        | 255        | 248        | 247        | 249        |
|  | 35-39            | 153        | 156        | 127        | 145        | 104        | 99         | 95         | 99         | 65         | 95         | 92         |
|  | 40-44            | 54         | 39         | 51         | 38         | 38         | 33         | 27         | 33         | 21         | 26         | 20         |
|  | 45-49            | 9          | 6          | 9          | 11         | 9          | 3          | 1          | 4          | 2          | 2          | 2          |
|  | 40 e mais        | 63         | 45         | 60         | 49         | 47         | 36         | 28         | 37         | 23         | 28         | 22         |
|  | TOTAL            | 2438       | 2366       | 2293       | 2245       | 2006       | 1933       | 1806       | 1797       | 1710       | 1609       | 1592       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                      | 15-19            | 62,1       | 60,8       | 61,5       | 56,7       | 52,4       | 47,4       | 46,1       | 40,1       | 40,7       | 36,8       | 44,5       |
|  | 20-24            | 141,8      | 141,2      | 136,9      | 129,8      | 114,4      | 108,6      | 104,1      | 98,5       | 100,6      | 81,4       | 98,7       |
|  | 25-29            | 125,1      | 113,9      | 114,9      | 116,5      | 105,1      | 108,3      | 97,3       | 106,1      | 96,3       | 97,9       | 93,7       |
|  | 30-34            | 67,0       | 69,6       | 60,2       | 63,0       | 59,5       | 58,9       | 53,6       | 55,8       | 54,3       | 54,1       | 50,6       |
|  | 35-39            | 33,2       | 33,9       | 27,6       | 31,5       | 22,6       | 21,5       | 20,6       | 21,5       | 14,1       | 20,6       | 20,0       |
|  | 40-44            | 9,3        | 6,7        | 8,8        | 6,5        | 6,5        | 5,7        | 4,7        | 5,7        | 3,6        | 4,5        | 4,6        |
|  | 45-49            | 1,4        | 0,9        | 1,4        | 1,7        | 1,4        | 0,5        | 0,2        | 0,6        | 0,3        | 0,3        | 0,4        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>5,1</b> | <b>3,6</b> | <b>4,9</b> | <b>4,0</b> | <b>3,8</b> | <b>2,9</b> | <b>2,3</b> | <b>3,0</b> | <b>1,9</b> | <b>2,3</b> | <b>2,5</b> |
|  | TOTAL            | 61,7       | 59,9       | 58,0       | 56,8       | 50,8       | 48,9       | 45,7       | 45,5       | 43,3       | 40,7       | 46,6       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

[Quadro 2.3]

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Beja 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 5862       | 5851       | 5803       | 5739       | 5556       | 5346       | 5192       | 5026       | 4789       | 4763       |
|  | 20-24            | 5167       | 5195       | 5318       | 5460       | 5653       | 5772       | 5755       | 5699       | 5629       | 5215       |
|  | 25-29            | 4909       | 4890       | 4840       | 4887       | 4830       | 4914       | 4914       | 5021       | 5135       | 4679       |
|  | 30-34            | 4920       | 4939       | 4946       | 4843       | 4817       | 4746       | 4709       | 4642       | 4675       | 4801       |
|  | 35-39            | 4660       | 4746       | 4778       | 4844       | 4981       | 4949       | 4970       | 4987       | 4892       | 5140       |
|  | 40-44            | 4302       | 4338       | 4402       | 4511       | 4580       | 4711       | 4811       | 4848       | 4931       | 5086       |
|  | 45-49            | 4381       | 4345       | 4339       | 4285       | 4245       | 4315       | 4362       | 4431       | 4541       | 4668       |
|  | 40 e mais        | 8683       | 8683       | 8741       | 8796       | 8825       | 9026       | 9173       | 9279       | 9472       | 9754       |
|  | TOTAL            | 34201      | 34304      | 34426      | 34569      | 34662      | 34753      | 34713      | 34654      | 34592      | 34352      |
| Nascimentos  | 15-19            | 217        | 194        | 178        | 175        | 169        | 181        | 145        | 151        | 134        | 122        |
|  | 20-24            | 461        | 412        | 347        | 342        | 332        | 363        | 361        | 320        | 330        | 303        |
|  | 25-29            | 463        | 488        | 413        | 385        | 387        | 432        | 436        | 399        | 420        | 417        |
|  | 30-34            | 257        | 278        | 246        | 286        | 288        | 292        | 340        | 332        | 364        | 313        |
|  | 35-39            | 98         | 96         | 88         | 86         | 98         | 124        | 134        | 117        | 157        | 138        |
|  | 40-44            | 31         | 21         | 19         | 16         | 17         | 20         | 31         | 22         | 30         | 38         |
|  | 45-49            | 3          | 3          | 2          | 0          | 2          | 3          | 0          | 2          | 6          | 0          |
|  | 40 e mais        | 34         | 24         | 21         | 16         | 19         | 23         | 31         | 24         | 36         | 38         |
|  | TOTAL            | 1530       | 1492       | 1293       | 1290       | 1293       | 1415       | 1447       | 1343       | 1441       | 1331       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                      | 15-19            | 37,0       | 33,2       | 30,7       | 30,5       | 30,4       | 33,9       | 27,9       | 30,0       | 28,0       | 25,6       |
|  | 20-24            | 89,2       | 79,3       | 65,3       | 62,6       | 58,7       | 62,9       | 62,7       | 56,2       | 58,6       | 58,1       |
|  | 25-29            | 94,3       | 99,8       | 85,3       | 78,8       | 80,1       | 87,9       | 88,7       | 79,5       | 81,8       | 89,1       |
|  | 30-34            | 52,2       | 56,3       | 49,7       | 59,1       | 59,8       | 61,5       | 72,2       | 71,5       | 77,9       | 65,2       |
|  | 35-39            | 21,0       | 20,2       | 18,4       | 17,8       | 19,7       | 25,1       | 27,0       | 23,5       | 32,1       | 26,8       |
|  | 40-44            | 7,2        | 4,8        | 4,3        | 3,5        | 3,7        | 4,2        | 6,4        | 4,5        | 6,1        | 7,5        |
|  | 45-49            | 0,7        | 0,7        | 0,5        | 0,0        | 0,5        | 0,7        | 0,0        | 0,5        | 1,3        | 0,0        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>3,9</b> | <b>2,8</b> | <b>2,4</b> | <b>1,8</b> | <b>2,2</b> | <b>2,5</b> | <b>3,4</b> | <b>2,6</b> | <b>3,8</b> | <b>3,9</b> |
|  | TOTAL            | 44,7       | 43,5       | 37,6       | 37,3       | 37,3       | 40,7       | 41,7       | 38,8       | 41,7       | 38,7       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.



| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Braga 1981-2001 |                  |             |             |             |             |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1981        | 1982        | 1983        | 1984        | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina  | 15-19            | 38812       | 38812       | 38812       | 38812       | 38812      | 38812      | 38812      | 38812      | 38812      | 38812      | 37898      |
|   | 20-24            | 31726       | 31726       | 31726       | 31726       | 31726      | 31726      | 31726      | 31726      | 31726      | 31726      | 34890      |
|   | 25-29            | 26014       | 26014       | 26014       | 26014       | 26014      | 26014      | 26014      | 26014      | 26014      | 26014      | 32365      |
|   | 30-34            | 20966       | 20966       | 20966       | 20966       | 20966      | 20966      | 20966      | 20966      | 20966      | 20966      | 28537      |
|   | 35-39            | 17472       | 17472       | 17472       | 17472       | 17472      | 17472      | 17472      | 17472      | 17472      | 17472      | 25951      |
|   | 40-44            | 18084       | 18084       | 18084       | 18084       | 18084      | 18084      | 18084      | 18084      | 18084      | 18084      | 21997      |
|   | 45-49            | 18475       | 18475       | 18475       | 18475       | 18475      | 18475      | 18475      | 18475      | 18475      | 18475      | 18080      |
|   | 40 e mais        | 36559       | 36559       | 36559       | 36559       | 36559      | 36559      | 36559      | 36559      | 36559      | 36559      | 40077      |
|   | TOTAL            | 171549      | 171549      | 171549      | 171549      | 171549     | 171549     | 171549     | 171549     | 171549     | 171549     | 199718     |
| Nados vivos   | 15-19            | 1031        | 984         | 989         | 1010        | 870        | 819        | 817        | 754        | 733        | 744        | 696        |
|   | 20-24            | 4868        | 4832        | 4698        | 4897        | 4451       | 4320       | 4114       | 4029       | 3766       | 3524       | 3390       |
|   | 25-29            | 4213        | 4224        | 4172        | 4107        | 3945       | 3854       | 3939       | 4045       | 3984       | 4046       | 4075       |
|   | 30-34            | 2241        | 2308        | 2187        | 2174        | 2127       | 2055       | 1969       | 2060       | 1952       | 2028       | 2114       |
|   | 35-39            | 1158        | 1102        | 1016        | 948         | 885        | 823        | 849        | 767        | 780        | 726        | 710        |
|   | 40-44            | 539         | 455         | 397         | 305         | 298        | 260        | 263        | 254        | 197        | 176        | 179        |
|   | 45-49            | 78          | 81          | 73          | 66          | 42         | 45         | 20         | 21         | 16         | 19         | 13         |
|   | 40 e mais        | 617         | 536         | 470         | 371         | 340        | 305        | 283        | 275        | 213        | 195        | 192        |
|   | TOTAL            | 14128       | 13986       | 13532       | 13507       | 12618      | 12176      | 11971      | 11930      | 11428      | 11263      | 11177      |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                       | 15-19            | 26,6        | 25,4        | 25,5        | 26,0        | 22,4       | 21,1       | 21,1       | 19,4       | 18,9       | 19,2       | 18,4       |
|   | 20-24            | 153,4       | 152,3       | 148,1       | 154,4       | 140,3      | 136,2      | 129,7      | 127,0      | 118,7      | 111,1      | 97,2       |
|   | 25-29            | 162,0       | 162,4       | 160,4       | 157,9       | 151,6      | 148,2      | 151,4      | 155,5      | 153,1      | 155,5      | 125,9      |
|   | 30-34            | 106,9       | 110,1       | 104,3       | 103,7       | 101,4      | 98,0       | 93,9       | 98,3       | 93,1       | 96,7       | 74,1       |
|   | 35-39            | 66,3        | 63,1        | 58,2        | 54,3        | 50,7       | 47,1       | 48,6       | 43,9       | 44,6       | 41,6       | 27,4       |
|   | 40-44            | 29,8        | 25,2        | 22,0        | 16,9        | 16,5       | 14,4       | 14,5       | 14,0       | 10,9       | 9,7        | 8,1        |
|   | 45-49            | 4,2         | 4,4         | 4,0         | 3,6         | 2,3        | 2,4        | 1,1        | 1,1        | 0,9        | 1,0        | 0,7        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>16,9</b> | <b>14,7</b> | <b>12,9</b> | <b>10,1</b> | <b>9,3</b> | <b>8,3</b> | <b>7,7</b> | <b>7,5</b> | <b>5,8</b> | <b>5,3</b> | <b>4,8</b> |
|   | TOTAL            | 82,4        | 81,5        | 78,9        | 78,7        | 73,6       | 71,0       | 69,8       | 69,5       | 66,6       | 65,7       | 56,0       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

[Quadro 2.4]

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Braga 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina  | 15-19            | 38087      | 37695      | 36823      | 36113      | 35311      | 34625      | 33787      | 33172      | 32635      | 32194      |
|   | 20-24            | 38000      | 38114      | 38325      | 38375      | 38332      | 37756      | 37262      | 36517      | 36114      | 35507      |
|   | 25-29            | 35342      | 35722      | 35519      | 35179      | 35026      | 35095      | 34474      | 34270      | 33862      | 36543      |
|   | 30-34            | 31365      | 32214      | 32865      | 33295      | 33295      | 33020      | 32744      | 31795      | 30787      | 34496      |
|   | 35-39            | 27279      | 28148      | 29079      | 29828      | 31050      | 31737      | 32546      | 32929      | 32866      | 34717      |
|   | 40-44            | 23649      | 24196      | 25073      | 26367      | 27072      | 28296      | 29456      | 30623      | 31390      | 30274      |
|   | 45-49            | 19710      | 20884      | 21750      | 22284      | 23381      | 24455      | 25243      | 26299      | 27671      | 27590      |
|   | 40 e mais        | 43359      | 45080      | 46823      | 48651      | 50453      | 52751      | 54699      | 56922      | 59061      | 57864      |
|   | TOTAL            | 213432     | 216973     | 219434     | 221441     | 223467     | 224984     | 225512     | 225605     | 225325     | 231321     |
| Nascimentos   | 15-19            | 730        | 732        | 663        | 587        | 586        | 572        | 510        | 558        | 534        | 449        |
|   | 20-24            | 3251       | 3176       | 2918       | 2728       | 2808       | 2700       | 2574       | 2527       | 2462       | 2171       |
|   | 25-29            | 4103       | 3911       | 3811       | 3671       | 3783       | 3776       | 3814       | 3841       | 3840       | 3708       |
|   | 30-34            | 2217       | 2202       | 2321       | 2306       | 2530       | 2653       | 2797       | 2642       | 2869       | 2751       |
|   | 35-39            | 681        | 717        | 735        | 736        | 789        | 868        | 899        | 1016       | 1035       | 1071       |
|   | 40-44            | 150        | 155        | 163        | 141        | 151        | 130        | 153        | 163        | 192        | 188        |
|   | 45-49            | 10         | 9          | 11         | 11         | 12         | 12         | 8          | 14         | 9          | 15         |
|   | 40 e mais        | 160        | 164        | 174        | 152        | 163        | 142        | 161        | 177        | 201        | 203        |
|   | TOTAL            | 11142      | 10902      | 10622      | 10180      | 10659      | 10711      | 10755      | 10761      | 10941      | 10353      |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                       | 15-19            | 19,2       | 19,4       | 18,0       | 16,3       | 16,6       | 16,5       | 15,1       | 16,8       | 16,4       | 13,9       |
|   | 20-24            | 85,6       | 83,3       | 76,1       | 71,1       | 73,3       | 71,5       | 69,1       | 69,2       | 68,2       | 61,1       |
|   | 25-29            | 116,1      | 109,5      | 107,3      | 104,4      | 108,0      | 107,6      | 110,6      | 112,1      | 113,4      | 101,5      |
|   | 30-34            | 70,7       | 68,4       | 70,6       | 69,3       | 76,0       | 80,3       | 85,4       | 83,1       | 93,2       | 79,7       |
|   | 35-39            | 25,0       | 25,5       | 25,3       | 24,7       | 25,4       | 27,3       | 27,6       | 30,9       | 31,5       | 30,8       |
|   | 40-44            | 6,3        | 6,4        | 6,5        | 5,3        | 5,6        | 4,6        | 5,2        | 5,3        | 6,1        | 6,2        |
|   | 45-49            | 0,5        | 0,4        | 0,5        | 0,5        | 0,5        | 0,5        | 0,3        | 0,5        | 0,3        | 0,5        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>3,7</b> | <b>3,6</b> | <b>3,7</b> | <b>3,1</b> | <b>3,2</b> | <b>2,7</b> | <b>2,9</b> | <b>3,1</b> | <b>3,4</b> | <b>3,5</b> |
|   | TOTAL            | 52,2       | 50,2       | 48,4       | 46,0       | 47,7       | 47,6       | 47,7       | 47,7       | 48,6       | 44,8       |

Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Bragança 1981-2001 |                  |            |             |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982        | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 8468       | 8468        | 8468       | 8468       | 8468       | 8468       | 8468       | 8468       | 8468       | 8468       | 6222       |
|  | 20-24            | 6405       | 6405        | 6405       | 6405       | 6405       | 6405       | 6405       | 6405       | 6405       | 6405       | 4905       |
|  | 25-29            | 4749       | 4749        | 4749       | 4749       | 4749       | 4749       | 4749       | 4749       | 4749       | 4749       | 4245       |
|  | 30-34            | 3943       | 3943        | 3943       | 3943       | 3943       | 3943       | 3943       | 3943       | 3943       | 3943       | 4496       |
|  | 35-39            | 4644       | 4644        | 4644       | 4644       | 4644       | 4644       | 4644       | 4644       | 4644       | 4644       | 4557       |
|  | 40-44            | 5161       | 5161        | 5161       | 5161       | 5161       | 5161       | 5161       | 5161       | 5161       | 5161       | 4094       |
|  | 45-49            | 5576       | 5576        | 5576       | 5576       | 5576       | 5576       | 5576       | 5576       | 5576       | 5576       | 4723       |
|  | 40 e mais        | 10737      | 10737       | 10737      | 10737      | 10737      | 10737      | 10737      | 10737      | 10737      | 10737      | 8817       |
|  | TOTAL            | 38946      | 38946       | 38946      | 38946      | 38946      | 38946      | 38946      | 38946      | 38946      | 38946      | 33242      |
| Nados vivos  | 15-19            | 370        | 387         | 337        | 329        | 288        | 287        | 255        | 223        | 247        | 190        | 203        |
|  | 20-24            | 985        | 992         | 889        | 905        | 743        | 730        | 694        | 678        | 562        | 519        | 478        |
|  | 25-29            | 687        | 673         | 711        | 620        | 588        | 591        | 540        | 607        | 526        | 480        | 447        |
|  | 30-34            | 331        | 341         | 311        | 341        | 285        | 281        | 274        | 292        | 294        | 282        | 260        |
|  | 35-39            | 246        | 201         | 165        | 170        | 133        | 140        | 146        | 134        | 126        | 109        | 102        |
|  | 40-44            | 93         | 96          | 77         | 72         | 58         | 53         | 39         | 44         | 40         | 32         | 21         |
|  | 45-49            | 10         | 23          | 12         | 9          | 11         | 10         | 7          | 6          | 7          | 5          | 3          |
|  | 40 e mais        | 103        | 119         | 89         | 81         | 69         | 63         | 46         | 50         | 47         | 37         | 24         |
|  | TOTAL            | 2722       | 2713        | 2502       | 2446       | 2106       | 2092       | 1955       | 1984       | 1802       | 1617       | 1514       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 43,7       | 45,7        | 39,8       | 38,9       | 34,0       | 33,9       | 30,1       | 26,3       | 29,2       | 22,4       | 32,6       |
|  | 20-24            | 153,8      | 154,9       | 138,8      | 141,3      | 116,0      | 114,0      | 108,4      | 105,9      | 87,7       | 81,0       | 97,5       |
|  | 25-29            | 144,7      | 141,7       | 149,7      | 130,6      | 123,8      | 124,4      | 113,7      | 127,8      | 110,8      | 101,1      | 105,3      |
|  | 30-34            | 83,9       | 86,5        | 78,9       | 86,5       | 72,3       | 71,3       | 69,5       | 74,1       | 74,6       | 71,5       | 57,8       |
|  | 35-39            | 53,0       | 43,3        | 35,5       | 36,6       | 28,6       | 30,1       | 31,4       | 28,9       | 27,1       | 23,5       | 22,4       |
|  | 40-44            | 18,0       | 18,6        | 14,9       | 14,0       | 11,2       | 10,3       | 7,6        | 8,5        | 7,8        | 6,2        | 5,1        |
|  | 45-49            | 1,8        | 4,1         | 2,2        | 1,6        | 2,0        | 1,8        | 1,3        | 1,1        | 1,3        | 0,9        | 0,6        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>9,6</b> | <b>11,1</b> | <b>8,3</b> | <b>7,5</b> | <b>6,4</b> | <b>5,9</b> | <b>4,3</b> | <b>4,7</b> | <b>4,4</b> | <b>3,4</b> | <b>2,7</b> |
|  | TOTAL            | 69,9       | 69,7        | 64,2       | 62,8       | 54,1       | 53,7       | 50,2       | 50,9       | 46,3       | 41,5       | 45,5       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Bragança 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 6615       | 6484       | 6372       | 6171       | 5867       | 5563       | 5288       | 4982       | 4671       | 4768       |
|  | 20-24            | 5424       | 5798       | 6013       | 6186       | 6437       | 6512       | 6380       | 6282       | 6100       | 4996       |
|  | 25-29            | 4275       | 4408       | 4566       | 4850       | 5077       | 5317       | 5700       | 5923       | 6108       | 4130       |
|  | 30-34            | 4488       | 4409       | 4352       | 4218       | 4135       | 4195       | 4336       | 4491       | 4773       | 3996       |
|  | 35-39            | 4532       | 4472       | 4437       | 4454       | 4491       | 4415       | 4332       | 4282       | 4152       | 4541       |
|  | 40-44            | 4358       | 4440       | 4490       | 4518       | 4452       | 4450       | 4403       | 4367       | 4381       | 4825       |
|  | 45-49            | 4432       | 4233       | 4068       | 4031       | 4183       | 4267       | 4351       | 4404       | 4437       | 4899       |
|  | 40 e mais        | 8790       | 8673       | 8558       | 8549       | 8635       | 8717       | 8754       | 8771       | 8818       | 9724       |
|  | TOTAL            | 34124      | 34244      | 34298      | 34428      | 34642      | 34719      | 34790      | 34731      | 34622      | 32155      |
| Nascimentos  | 15-19            | 173        | 187        | 139        | 124        | 129        | 146        | 156        | 99         | 111        | 93         |
|  | 20-24            | 411        | 364        | 370        | 335        | 347        | 317        | 313        | 281        | 286        | 262        |
|  | 25-29            | 424        | 431        | 343        | 368        | 360        | 371        | 419        | 353        | 354        | 353        |
|  | 30-34            | 257        | 259        | 249        | 267        | 271        | 233        | 267        | 292        | 258        | 267        |
|  | 35-39            | 102        | 86         | 99         | 104        | 124        | 103        | 113        | 107        | 134        | 110        |
|  | 40-44            | 34         | 27         | 22         | 24         | 23         | 22         | 26         | 26         | 29         | 25         |
|  | 45-49            | 4          | 2          | 2          | 4          | 2          | 3          | 1          | 2          | 0          | 2          |
|  | 40 e mais        | 38         | 29         | 24         | 28         | 25         | 25         | 27         | 28         | 29         | 27         |
|  | TOTAL            | 1405       | 1356       | 1224       | 1226       | 1256       | 1195       | 1295       | 1160       | 1172       | 1112       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 26,2       | 28,8       | 21,8       | 20,1       | 22,0       | 26,2       | 29,5       | 19,9       | 23,8       | 19,5       |
|  | 20-24            | 75,8       | 62,8       | 61,5       | 54,2       | 53,9       | 48,7       | 49,1       | 44,7       | 46,9       | 52,4       |
|  | 25-29            | 99,2       | 97,8       | 75,1       | 75,9       | 70,9       | 69,8       | 73,5       | 59,6       | 58,0       | 85,5       |
|  | 30-34            | 57,3       | 58,7       | 57,2       | 63,3       | 65,5       | 55,5       | 61,6       | 65,0       | 54,1       | 66,8       |
|  | 35-39            | 22,5       | 19,2       | 22,3       | 23,3       | 27,6       | 23,3       | 26,1       | 25,0       | 32,3       | 24,2       |
|  | 40-44            | 7,8        | 6,1        | 4,9        | 5,3        | 5,2        | 4,9        | 5,9        | 6,0        | 6,6        | 5,2        |
|  | 45-49            | 0,9        | 0,5        | 0,5        | 1,0        | 0,5        | 0,7        | 0,2        | 0,5        | 0,0        | 0,4        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>4,3</b> | <b>3,3</b> | <b>2,8</b> | <b>3,3</b> | <b>2,9</b> | <b>2,9</b> | <b>3,1</b> | <b>3,2</b> | <b>3,3</b> | <b>2,8</b> |
|  | TOTAL            | 41,2       | 39,6       | 35,7       | 35,6       | 36,3       | 34,4       | 37,2       | 33,4       | 33,9       | 34,6       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Castelo Branco 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 9422       | 9422       | 9422       | 9422       | 9422       | 9422       | 9422       | 9422       | 9422       | 9422       | 7426       |
|  | 20-24            | 8005       | 8005       | 8005       | 8005       | 8005       | 8005       | 8005       | 8005       | 8005       | 8005       | 6697       |
|  | 25-29            | 6382       | 6382       | 6382       | 6382       | 6382       | 6382       | 6382       | 6382       | 6382       | 6382       | 6337       |
|  | 30-34            | 5758       | 5758       | 5758       | 5758       | 5758       | 5758       | 5758       | 5758       | 5758       | 5758       | 6567       |
|  | 35-39            | 5822       | 5822       | 5822       | 5822       | 5822       | 5822       | 5822       | 5822       | 5822       | 5822       | 6262       |
|  | 40-44            | 6821       | 6821       | 6821       | 6821       | 6821       | 6821       | 6821       | 6821       | 6821       | 6821       | 5939       |
|  | 45-49            | 7761       | 7761       | 7761       | 7761       | 7761       | 7761       | 7761       | 7761       | 7761       | 7761       | 5980       |
|  | 40 e mais        | 14582      | 14582      | 14582      | 14582      | 14582      | 14582      | 14582      | 14582      | 14582      | 14582      | 11919      |
|  | TOTAL            | 49971      | 49971      | 49971      | 49971      | 49971      | 49971      | 49971      | 49971      | 49971      | 49971      | 45208      |
| Nados vivos  | 15-19            | 288        | 272        | 258        | 267        | 232        | 212        | 193        | 190        | 187        | 194        | 179        |
|  | 20-24            | 1094       | 1085       | 1030       | 983        | 892        | 846        | 751        | 723        | 715        | 658        | 562        |
|  | 25-29            | 797        | 806        | 759        | 765        | 780        | 704        | 727        | 735        | 710        | 706        | 659        |
|  | 30-34            | 368        | 417        | 416        | 415        | 350        | 364        | 398        | 357        | 348        | 399        | 372        |
|  | 35-39            | 206        | 179        | 149        | 158        | 148        | 131        | 130        | 140        | 143        | 127        | 110        |
|  | 40-44            | 70         | 59         | 57         | 50         | 35         | 41         | 37         | 33         | 26         | 25         | 19         |
|  | 45-49            | 8          | 5          | 5          | 2          | 8          | 6          | 7          | 4          | 1          | 3          | 1          |
|  | 40 e mais        | 78         | 64         | 62         | 52         | 43         | 47         | 44         | 37         | 27         | 28         | 20         |
|  | TOTAL            | 2831       | 2823       | 2674       | 2640       | 2445       | 2304       | 2243       | 2182       | 2130       | 2112       | 1902       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 30,6       | 28,9       | 27,4       | 28,3       | 24,6       | 22,5       | 20,5       | 20,2       | 19,8       | 20,6       | 24,1       |
|  | 20-24            | 136,7      | 135,5      | 128,7      | 122,8      | 111,4      | 105,7      | 93,8       | 90,3       | 89,3       | 82,2       | 83,9       |
|  | 25-29            | 124,9      | 126,3      | 118,9      | 119,9      | 122,2      | 110,3      | 113,9      | 115,2      | 111,3      | 110,6      | 104,0      |
|  | 30-34            | 63,9       | 72,4       | 72,2       | 72,1       | 60,8       | 63,2       | 69,1       | 62,0       | 60,4       | 69,3       | 56,6       |
|  | 35-39            | 35,4       | 30,7       | 25,6       | 27,1       | 25,4       | 22,5       | 22,3       | 24,0       | 24,6       | 21,8       | 17,6       |
|  | 40-44            | 10,3       | 8,6        | 8,4        | 7,3        | 5,1        | 6,0        | 5,4        | 4,8        | 3,8        | 3,7        | 3,2        |
|  | 45-49            | 1,0        | 0,6        | 0,6        | 0,3        | 1,0        | 0,8        | 0,9        | 0,5        | 0,1        | 0,4        | 0,2        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>5,3</b> | <b>4,4</b> | <b>4,3</b> | <b>3,6</b> | <b>2,9</b> | <b>3,2</b> | <b>3,0</b> | <b>2,5</b> | <b>1,9</b> | <b>1,9</b> | <b>1,7</b> |
|  | TOTAL            | 56,7       | 56,5       | 53,5       | 52,8       | 48,9       | 46,1       | 44,9       | 43,7       | 42,6       | 42,3       | 42,1       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Castelo Branco 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 7532       | 7446       | 7317       | 7114       | 6800       | 6604       | 6389       | 6170       | 5884       | 6110       |
|  | 20-24            | 7109       | 7222       | 7368       | 7520       | 7648       | 7618       | 7537       | 7386       | 7189       | 6599       |
|  | 25-29            | 6341       | 6506       | 6654       | 6788       | 6946       | 7200       | 7319       | 7454       | 7618       | 6274       |
|  | 30-34            | 6530       | 6404       | 6312       | 6402       | 6405       | 6406       | 6586       | 6724       | 6874       | 6283       |
|  | 35-39            | 6386       | 6497       | 6709       | 6635       | 6637       | 6590       | 6468       | 6360       | 6465       | 6663       |
|  | 40-44            | 6192       | 6176       | 6199       | 6297       | 6377       | 6437       | 6562       | 6764       | 6693       | 6824       |
|  | 45-49            | 5940       | 5958       | 5963       | 5968       | 6110       | 6207       | 6201       | 6225       | 6343       | 6559       |
|  | 40 e mais        | 12132      | 12134      | 12162      | 12265      | 12487      | 12644      | 12763      | 12989      | 13036      | 13383      |
|  | TOTAL            | 46030      | 46209      | 46522      | 46724      | 46923      | 47062      | 47062      | 47083      | 47066      | 45312      |
| Nascimentos  | 15-19            | 153        | 146        | 136        | 134        | 106        | 116        | 93         | 104        | 86         | 88         |
|  | 20-24            | 554        | 476        | 505        | 395        | 455        | 428        | 373        | 369        | 353        | 286        |
|  | 25-29            | 628        | 633        | 550        | 585        | 582        | 610        | 585        | 555        | 625        | 548        |
|  | 30-34            | 353        | 389        | 376        | 350        | 394        | 402        | 441        | 466        | 434        | 470        |
|  | 35-39            | 103        | 137        | 131        | 98         | 127        | 169        | 155        | 173        | 157        | 201        |
|  | 40-44            | 25         | 21         | 16         | 20         | 17         | 29         | 22         | 20         | 27         | 25         |
|  | 45-49            | 3          | 1          | 2          | 3          | 0          | 3          | 3          | 2          | 1          | 1          |
|  | 40 e mais        | 28         | 22         | 18         | 23         | 17         | 32         | 25         | 22         | 28         | 26         |
|  | TOTAL            | 1819       | 1803       | 1716       | 1585       | 1681       | 1757       | 1672       | 1689       | 1683       | 1619       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 20,3       | 19,6       | 18,6       | 18,8       | 15,6       | 17,6       | 14,6       | 16,9       | 14,6       | 14,4       |
|  | 20-24            | 77,9       | 65,9       | 68,5       | 52,5       | 59,5       | 56,2       | 49,5       | 50,0       | 49,1       | 43,3       |
|  | 25-29            | 99,0       | 97,3       | 82,7       | 86,2       | 83,8       | 84,7       | 79,9       | 74,5       | 82,0       | 87,3       |
|  | 30-34            | 54,1       | 60,7       | 59,6       | 54,7       | 61,5       | 62,8       | 67,0       | 69,3       | 63,1       | 74,8       |
|  | 35-39            | 16,1       | 21,1       | 19,5       | 14,8       | 19,1       | 25,6       | 24,0       | 27,2       | 24,3       | 30,2       |
|  | 40-44            | 4,0        | 3,4        | 2,6        | 3,2        | 2,7        | 4,5        | 3,4        | 3,0        | 4,0        | 3,7        |
|  | 45-49            | 0,5        | 0,2        | 0,3        | 0,5        | 0,0        | 0,5        | 0,5        | 0,3        | 0,2        | 0,2        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>2,3</b> | <b>1,8</b> | <b>1,5</b> | <b>1,9</b> | <b>1,4</b> | <b>2,5</b> | <b>2,0</b> | <b>1,7</b> | <b>2,1</b> | <b>1,9</b> |
|  | TOTAL            | 39,5       | 39,0       | 36,9       | 33,9       | 35,8       | 37,3       | 35,5       | 35,9       | 35,8       | 35,7       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

[Quadro 2.7]

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Coimbra 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina  | 15-19            | 17529      | 17529      | 17529      | 17529      | 17529      | 17529      | 17529      | 17529      | 17529      | 17529      | 16762      |
|   | 20-24            | 16216      | 16216      | 16216      | 16216      | 16216      | 16216      | 16216      | 16216      | 16216      | 16216      | 15616      |
|   | 25-29            | 14627      | 14627      | 14627      | 14627      | 14627      | 14627      | 14627      | 14627      | 14627      | 14627      | 15124      |
|   | 30-34            | 13857      | 13857      | 13857      | 13857      | 13857      | 13857      | 13857      | 13857      | 13857      | 13857      | 14737      |
|   | 35-39            | 12950      | 12950      | 12950      | 12950      | 12950      | 12950      | 12950      | 12950      | 12950      | 12950      | 14123      |
|   | 40-44            | 13763      | 13763      | 13763      | 13763      | 13763      | 13763      | 13763      | 13763      | 13763      | 13763      | 14018      |
|   | 45-49            | 14139      | 14139      | 14139      | 14139      | 14139      | 14139      | 14139      | 14139      | 14139      | 14139      | 13133      |
|   | 40 e mais        | 27902      | 27902      | 27902      | 27902      | 27902      | 27902      | 27902      | 27902      | 27902      | 27902      | 27151      |
|   | TOTAL            | 103081     | 103081     | 103081     | 103081     | 103081     | 103081     | 103081     | 103081     | 103081     | 103081     | 103513     |
| Nados vivos   | 15-19            | 800        | 798        | 743        | 669        | 589        | 565        | 490        | 435        | 464        | 408        | 375        |
|   | 20-24            | 2310       | 2297       | 2189       | 2095       | 1827       | 1678       | 1625       | 1603       | 1443       | 1395       | 1291       |
|   | 25-29            | 1774       | 1754       | 1646       | 1637       | 1574       | 1493       | 1480       | 1564       | 1556       | 1537       | 1498       |
|   | 30-34            | 1022       | 956        | 849        | 877        | 732        | 723        | 731        | 758        | 820        | 792        | 823        |
|   | 35-39            | 354        | 321        | 350        | 293        | 304        | 292        | 268        | 237        | 252        | 268        | 253        |
|   | 40-44            | 128        | 93         | 91         | 73         | 56         | 64         | 50         | 62         | 62         | 52         | 57         |
|   | 45-49            | 23         | 17         | 11         | 12         | 11         | 3          | 3          | 5          | 1          | 6          | 5          |
|   | 40 e mais        | 151        | 110        | 102        | 85         | 67         | 67         | 53         | 67         | 63         | 58         | 62         |
|   | TOTAL            | 6411       | 6236       | 5879       | 5656       | 5093       | 4818       | 4647       | 4664       | 4598       | 4458       | 4302       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)   | 15-19            | 45,6       | 45,5       | 42,4       | 38,2       | 33,6       | 32,2       | 28,0       | 24,8       | 26,5       | 23,3       | 22,4       |
|   | 20-24            | 142,5      | 141,7      | 135,0      | 129,2      | 112,7      | 103,5      | 100,2      | 98,9       | 89,0       | 86,0       | 82,7       |
|   | 25-29            | 121,3      | 119,9      | 112,5      | 111,9      | 107,6      | 102,1      | 101,2      | 106,9      | 106,4      | 105,1      | 99,0       |
|   | 30-34            | 73,8       | 69,0       | 61,3       | 63,3       | 52,8       | 52,2       | 52,8       | 54,7       | 59,2       | 57,2       | 55,8       |
|   | 35-39            | 27,3       | 24,8       | 27,0       | 22,6       | 23,5       | 22,5       | 20,7       | 18,3       | 19,5       | 20,7       | 17,9       |
|   | 40-44            | 9,3        | 6,8        | 6,6        | 5,3        | 4,1        | 4,7        | 3,6        | 4,5        | 4,5        | 3,8        | 4,1        |
|   | 45-49            | 1,6        | 1,2        | 0,8        | 0,8        | 0,8        | 0,2        | 0,2        | 0,4        | 0,1        | 0,4        | 0,4        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>5,4</b> | <b>3,9</b> | <b>3,7</b> | <b>3,0</b> | <b>2,4</b> | <b>2,4</b> | <b>1,9</b> | <b>2,4</b> | <b>2,3</b> | <b>2,1</b> | <b>2,3</b> |
|   | TOTAL            | 62,2       | 60,5       | 57,0       | 54,9       | 49,4       | 46,7       | 45,1       | 45,2       | 44,6       | 43,2       | 41,6       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Coimbra 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina  | 15-19            | 16835      | 16590      | 16450      | 15826      | 15153      | 14753      | 14385      | 13725      | 13348      | 13564      |
|   | 20-24            | 16211      | 16416      | 16594      | 16863      | 17144      | 16962      | 16736      | 16289      | 15357      | 16261      |
|   | 25-29            | 15188      | 15220      | 15174      | 15277      | 15351      | 15634      | 15792      | 15670      | 15494      | 16259      |
|   | 30-34            | 15053      | 15057      | 15083      | 14991      | 14845      | 14760      | 14739      | 14987      | 15331      | 15279      |
|   | 35-39            | 14364      | 14576      | 14881      | 15112      | 15336      | 15437      | 15475      | 15912      | 16341      | 16174      |
|   | 40-44            | 14418      | 14296      | 14317      | 14542      | 14770      | 14972      | 15254      | 15567      | 15897      | 15532      |
|   | 45-49            | 13389      | 13963      | 14253      | 14273      | 14540      | 14805      | 14758      | 14843      | 15071      | 14929      |
|   | 40 e mais        | 27807      | 28259      | 28570      | 28815      | 29310      | 29777      | 30012      | 30410      | 30968      | 30461      |
|   | TOTAL            | 105458     | 106118     | 106752     | 106884     | 107139     | 107323     | 107139     | 106993     | 106839     | 107998     |
| Nascimentos   | 15-19            | 356        | 341        | 306        | 283        | 277        | 252        | 259        | 261        | 228        | 190        |
|   | 20-24            | 1224       | 1194       | 1098       | 1032       | 993        | 1050       | 922        | 862        | 868        | 727        |
|   | 25-29            | 1521       | 1472       | 1425       | 1428       | 1442       | 1480       | 1466       | 1358       | 1395       | 1284       |
|   | 30-34            | 874        | 922        | 883        | 987        | 1050       | 1070       | 1148       | 1197       | 1204       | 1134       |
|   | 35-39            | 241        | 267        | 267        | 301        | 332        | 343        | 383        | 423        | 481        | 491        |
|   | 40-44            | 46         | 50         | 58         | 54         | 55         | 54         | 67         | 61         | 69         | 71         |
|   | 45-49            | 4          | 1          | 5          | 8          | 3          | 4          | 1          | 4          | 5          | 6          |
|   | 40 e mais        | 50         | 51         | 63         | 62         | 58         | 58         | 68         | 65         | 74         | 77         |
|   | TOTAL            | 4266       | 4247       | 4042       | 4093       | 4152       | 4253       | 4246       | 4166       | 4250       | 3903       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)   | 15-19            | 21,1       | 20,6       | 18,6       | 17,9       | 18,3       | 17,1       | 18,0       | 19,0       | 17,1       | 14,0       |
|   | 20-24            | 75,5       | 72,7       | 66,2       | 61,2       | 57,9       | 61,9       | 55,1       | 52,9       | 56,5       | 44,7       |
|   | 25-29            | 100,1      | 96,7       | 93,9       | 93,5       | 93,9       | 94,7       | 92,8       | 86,7       | 90,0       | 79,0       |
|   | 30-34            | 58,1       | 61,2       | 58,5       | 65,8       | 70,7       | 72,5       | 77,9       | 79,9       | 78,5       | 74,2       |
|   | 35-39            | 16,8       | 18,3       | 17,9       | 19,9       | 21,6       | 22,2       | 24,7       | 26,6       | 29,4       | 30,4       |
|   | 40-44            | 3,2        | 3,5        | 4,1        | 3,7        | 3,7        | 3,6        | 4,4        | 3,9        | 4,3        | 4,6        |
|   | 45-49            | 0,3        | 0,1        | 0,4        | 0,6        | 0,2        | 0,3        | 0,1        | 0,3        | 0,3        | 0,4        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>1,8</b> | <b>1,8</b> | <b>2,2</b> | <b>2,2</b> | <b>2,0</b> | <b>1,9</b> | <b>2,3</b> | <b>2,1</b> | <b>2,4</b> | <b>2,5</b> |
|   | TOTAL            | 40,5       | 40,0       | 37,9       | 38,3       | 38,8       | 39,6       | 39,6       | 38,9       | 39,8       | 36,1       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.



| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Évora 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina  | 15-19            | 6586       | 6586       | 6586       | 6586       | 6586       | 6586       | 6586       | 6586       | 6586       | 6586       | 6107       |
|   | 20-24            | 6047       | 6047       | 6047       | 6047       | 6047       | 6047       | 6047       | 6047       | 6047       | 6047       | 5602       |
|   | 25-29            | 5384       | 5384       | 5384       | 5384       | 5384       | 5384       | 5384       | 5384       | 5384       | 5384       | 5531       |
|   | 30-34            | 5105       | 5105       | 5105       | 5105       | 5105       | 5105       | 5105       | 5105       | 5105       | 5105       | 5450       |
|   | 35-39            | 5010       | 5010       | 5010       | 5010       | 5010       | 5010       | 5010       | 5010       | 5010       | 5010       | 5322       |
|   | 40-44            | 6112       | 6112       | 6112       | 6112       | 6112       | 6112       | 6112       | 6112       | 6112       | 6112       | 5120       |
|   | 45-49            | 6816       | 6816       | 6816       | 6816       | 6816       | 6816       | 6816       | 6816       | 6816       | 6816       | 4995       |
|   | 40 e mais        | 12928      | 12928      | 12928      | 12928      | 12928      | 12928      | 12928      | 12928      | 12928      | 12928      | 10115      |
|   | TOTAL            | 41060      | 41060      | 41060      | 41060      | 41060      | 41060      | 41060      | 41060      | 41060      | 41060      | 38127      |
| Nados vivos   | 15-19            | 383        | 396        | 344        | 302        | 291        | 287        | 241        | 262        | 243        | 227        | 234        |
|   | 20-24            | 849        | 840        | 822        | 819        | 708        | 673        | 625        | 566        | 533        | 483        | 508        |
|   | 25-29            | 625        | 657        | 629        | 650        | 536        | 552        | 592        | 564        | 550        | 501        | 565        |
|   | 30-34            | 338        | 301        | 303        | 264        | 258        | 276        | 297        | 257        | 306        | 260        | 276        |
|   | 35-39            | 108        | 123        | 100        | 118        | 106        | 98         | 94         | 95         | 107        | 106        | 105        |
|   | 40-44            | 35         | 43         | 33         | 29         | 40         | 25         | 26         | 22         | 17         | 14         | 19         |
|   | 45-49            | 4          | 1          | 9          | 2          | 3          | 0          | 3          | 2          | 2          | 1          | 2          |
|   | 40 e mais        | 39         | 44         | 42         | 31         | 43         | 25         | 29         | 24         | 19         | 15         | 21         |
|   | TOTAL            | 2342       | 2361       | 2240       | 2184       | 1942       | 1911       | 1878       | 1768       | 1758       | 1592       | 1709       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                       | 15-19            | 58,2       | 60,1       | 52,2       | 45,9       | 44,2       | 43,6       | 36,6       | 39,8       | 36,9       | 34,5       | 38,3       |
|   | 20-24            | 140,4      | 138,9      | 135,9      | 135,4      | 117,1      | 111,3      | 103,4      | 93,6       | 88,1       | 79,9       | 90,7       |
|   | 25-29            | 116,1      | 122,0      | 116,8      | 120,7      | 99,6       | 102,5      | 110,0      | 104,8      | 102,2      | 93,1       | 102,2      |
|   | 30-34            | 66,2       | 59,0       | 59,4       | 51,7       | 50,5       | 54,1       | 58,2       | 50,3       | 59,9       | 50,9       | 50,6       |
|   | 35-39            | 21,6       | 24,6       | 20,0       | 23,6       | 21,2       | 19,6       | 18,8       | 19,0       | 21,4       | 21,2       | 19,7       |
|   | 40-44            | 5,7        | 7,0        | 5,4        | 4,7        | 6,5        | 4,1        | 4,3        | 3,6        | 2,8        | 2,3        | 3,7        |
|   | 45-49            | 0,6        | 0,1        | 1,3        | 0,3        | 0,4        | 0,0        | 0,4        | 0,3        | 0,3        | 0,1        | 0,4        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>3,0</b> | <b>3,4</b> | <b>3,2</b> | <b>2,4</b> | <b>3,3</b> | <b>1,9</b> | <b>2,2</b> | <b>1,9</b> | <b>1,5</b> | <b>1,2</b> | <b>2,1</b> |
|   | TOTAL            | 57,0       | 57,5       | 54,6       | 53,2       | 47,3       | 46,5       | 45,7       | 43,1       | 42,8       | 38,8       | 44,8       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

[Quadro 2.8]

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Évora 1981-2001 |                  |              |              |              |              |              |              |              |              |              |              |
|---|------------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|--------------|
|   |                  | 1992         | 1993         | 1994         | 1995         | 1996         | 1997         | 1998         | 1999         | 2000         | 2001         |
| População Feminina  | 15-19            | 6336         | 6267         | 6111         | 5919         | 5656         | 5446         | 5267         | 5191         | 4906         | 5072         |
|   | 20-24            | 5506         | 5633         | 5745         | 5955         | 6200         | 6323         | 6258         | 6101         | 5912         | 5961         |
|   | 25-29            | 5440         | 5360         | 5362         | 5390         | 5315         | 5348         | 5457         | 5554         | 5755         | 5887         |
|   | 30-34            | 5433         | 5454         | 5432         | 5393         | 5418         | 5363         | 5280         | 5283         | 5301         | 5657         |
|   | 35-39            | 5248         | 5326         | 5387         | 5390         | 5419         | 5518         | 5545         | 5540         | 5503         | 5828         |
|   | 40-44            | 5073         | 5093         | 5150         | 5275         | 5355         | 5360         | 5445         | 5509         | 5525         | 5629         |
|   | 45-49            | 4946         | 4974         | 4971         | 5043         | 5087         | 5134         | 5167         | 5236         | 5370         | 5502         |
|   | 40 e mais        | 10019        | 10067        | 10121        | 10318        | 10442        | 10494        | 10612        | 10745        | 10895        | 11131        |
|   | <b>TOTAL</b>     | <b>37982</b> | <b>38107</b> | <b>38158</b> | <b>38365</b> | <b>38450</b> | <b>38492</b> | <b>38419</b> | <b>38414</b> | <b>38272</b> | <b>39536</b> |
| Nascimentos   | 15-19            | 191          | 207          | 174          | 178          | 150          | 152          | 120          | 130          | 127          | 128          |
|   | 20-24            | 471          | 424          | 390          | 348          | 375          | 397          | 363          | 347          | 366          | 300          |
|   | 25-29            | 547          | 485          | 477          | 476          | 519          | 521          | 523          | 526          | 549          | 453          |
|   | 30-34            | 304          | 313          | 304          | 300          | 318          | 371          | 404          | 383          | 369          | 415          |
|   | 35-39            | 95           | 92           | 93           | 104          | 104          | 145          | 111          | 156          | 151          | 152          |
|   | 40-44            | 14           | 20           | 18           | 19           | 20           | 17           | 23           | 26           | 29           | 33           |
|   | 45-49            | 2            | 2            | 0            | 0            | 0            | 2            | 1            | 0            | 1            | 1            |
|   | 40 e mais        | 16           | 22           | 18           | 19           | 20           | 19           | 24           | 26           | 30           | 34           |
|   | <b>TOTAL</b>     | <b>1624</b>  | <b>1543</b>  | <b>1456</b>  | <b>1425</b>  | <b>1486</b>  | <b>1605</b>  | <b>1545</b>  | <b>1568</b>  | <b>1592</b>  | <b>1482</b>  |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                       | 15-19            | 30,1         | 33,0         | 28,5         | 30,1         | 26,5         | 27,9         | 22,8         | 25,0         | 25,9         | 25,2         |
|   | 20-24            | 85,5         | 75,3         | 67,9         | 58,4         | 60,5         | 62,8         | 58,0         | 56,9         | 61,9         | 50,3         |
|   | 25-29            | 100,6        | 90,5         | 89,0         | 88,3         | 97,6         | 97,4         | 95,8         | 94,7         | 95,4         | 76,9         |
|   | 30-34            | 56,0         | 57,4         | 56,0         | 55,6         | 58,7         | 69,2         | 76,5         | 72,5         | 69,6         | 73,4         |
|   | 35-39            | 18,1         | 17,3         | 17,3         | 19,3         | 19,2         | 26,3         | 20,0         | 28,2         | 27,4         | 26,1         |
|   | 40-44            | 2,8          | 3,9          | 3,5          | 3,6          | 3,7          | 3,2          | 4,2          | 4,7          | 5,2          | 5,9          |
|   | 45-49            | 0,4          | 0,4          | 0,0          | 0,0          | 0,0          | 0,4          | 0,2          | 0,0          | 0,2          | 0,2          |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>1,6</b>   | <b>2,2</b>   | <b>1,8</b>   | <b>1,8</b>   | <b>1,9</b>   | <b>1,8</b>   | <b>2,3</b>   | <b>2,4</b>   | <b>2,8</b>   | <b>3,1</b>   |
|   | <b>TOTAL</b>     | <b>42,8</b>  | <b>40,5</b>  | <b>38,2</b>  | <b>37,1</b>  | <b>38,6</b>  | <b>41,7</b>  | <b>40,2</b>  | <b>40,8</b>  | <b>41,6</b>  | <b>37,5</b>  |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

[Quadro 2.9]

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Faro 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 10992      | 10992      | 10992      | 10992      | 10992      | 10992      | 10992      | 10992      | 10992      | 10992      | 12566      |
|  | 20-24            | 10762      | 10762      | 10762      | 10762      | 10762      | 10762      | 10762      | 10762      | 10762      | 10762      | 11194      |
|  | 25-29            | 10520      | 10520      | 10520      | 10520      | 10520      | 10520      | 10520      | 10520      | 10520      | 10520      | 11213      |
|  | 30-34            | 9777       | 9777       | 9777       | 9777       | 9777       | 9777       | 9777       | 9777       | 9777       | 9777       | 11590      |
|  | 35-39            | 9155       | 9155       | 9155       | 9155       | 9155       | 9155       | 9155       | 9155       | 9155       | 9155       | 11518      |
|  | 40-44            | 9771       | 9771       | 9771       | 9771       | 9771       | 9771       | 9771       | 9771       | 9771       | 9771       | 10948      |
|  | 45-49            | 10533      | 10533      | 10533      | 10533      | 10533      | 10533      | 10533      | 10533      | 10533      | 10533      | 9942       |
|  | 40 e mais        | 20304      | 20304      | 20304      | 20304      | 20304      | 20304      | 20304      | 20304      | 20304      | 20304      | 20890      |
|  | TOTAL            | 71510      | 71510      | 71510      | 71510      | 71510      | 71510      | 71510      | 71510      | 71510      | 71510      | 78971      |
| Nados vivos  | 15-19            | 715        | 782        | 727        | 723        | 610        | 558        | 546        | 506        | 527        | 464        | 459        |
|  | 20-24            | 1518       | 1449       | 1463       | 1435       | 1322       | 1325       | 1229       | 1193       | 1251       | 1122       | 1166       |
|  | 25-29            | 1137       | 1141       | 1125       | 1155       | 1093       | 1161       | 1188       | 1136       | 1164       | 1200       | 1238       |
|  | 30-34            | 567        | 624        | 665        | 691        | 574        | 624        | 671        | 647        | 735        | 680        | 707        |
|  | 35-39            | 238        | 288        | 251        | 262        | 283        | 262        | 253        | 276        | 257        | 281        | 270        |
|  | 40-44            | 76         | 70         | 60         | 55         | 58         | 63         | 64         | 68         | 67         | 56         | 68         |
|  | 45-49            | 11         | 13         | 6          | 9          | 6          | 8          | 7          | 6          | 3          | 3          | 3          |
|  | 40 e mais        | 87         | 83         | 66         | 64         | 64         | 71         | 71         | 74         | 70         | 59         | 71         |
|  | TOTAL            | 4262       | 4367       | 4297       | 4330       | 3946       | 4001       | 3958       | 3832       | 4004       | 3806       | 3911       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                      | 15-19            | 65,0       | 71,1       | 66,1       | 65,8       | 55,5       | 50,8       | 49,7       | 46,0       | 47,9       | 42,2       | 36,5       |
|  | 20-24            | 141,1      | 134,6      | 135,9      | 133,3      | 122,8      | 123,1      | 114,2      | 110,9      | 116,2      | 104,3      | 104,2      |
|  | 25-29            | 108,1      | 108,5      | 106,9      | 109,8      | 103,9      | 110,4      | 112,9      | 108,0      | 110,6      | 114,1      | 110,4      |
|  | 30-34            | 58,0       | 63,8       | 68,0       | 70,7       | 58,7       | 63,8       | 68,6       | 66,2       | 75,2       | 69,6       | 61,0       |
|  | 35-39            | 26,0       | 31,5       | 27,4       | 28,6       | 30,9       | 28,6       | 27,6       | 30,1       | 28,1       | 30,7       | 23,4       |
|  | 40-44            | 7,8        | 7,2        | 6,1        | 5,6        | 5,9        | 6,4        | 6,5        | 7,0        | 6,9        | 5,7        | 6,2        |
|  | 45-49            | 1,0        | 1,2        | 0,6        | 0,9        | 0,6        | 0,8        | 0,7        | 0,6        | 0,3        | 0,3        | 0,3        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>4,3</b> | <b>4,1</b> | <b>3,3</b> | <b>3,2</b> | <b>3,2</b> | <b>3,5</b> | <b>3,5</b> | <b>3,6</b> | <b>3,4</b> | <b>2,9</b> | <b>3,4</b> |
|  | TOTAL            | 59,6       | 61,1       | 60,1       | 60,6       | 55,2       | 56,0       | 55,3       | 53,6       | 56,0       | 53,2       | 49,5       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

[Quadro 2.9]

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Faro 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 12883      | 12872      | 12719      | 12300      | 11986      | 11810      | 11681      | 11658      | 11479      | 11821      |
|  | 20-24            | 11571      | 11970      | 12446      | 13109      | 13587      | 13753      | 13822      | 13736      | 13423      | 13615      |
|  | 25-29            | 11265      | 11422      | 11511      | 11731      | 11969      | 12428      | 12908      | 13444      | 14198      | 14522      |
|  | 30-34            | 11675      | 11687      | 11921      | 11991      | 12245      | 12427      | 12691      | 12868      | 13205      | 13921      |
|  | 35-39            | 11636      | 11865      | 12146      | 12549      | 12922      | 13135      | 13283      | 13613      | 13821      | 14329      |
|  | 40-44            | 11309      | 11529      | 11874      | 12282      | 12488      | 12906      | 13271      | 13644      | 14163      | 13919      |
|  | 45-49            | 10475      | 10828      | 11158      | 11465      | 11821      | 12202      | 12514      | 12929      | 13444      | 13347      |
|  | 40 e mais        | 21784      | 22357      | 23032      | 23747      | 24309      | 25108      | 25785      | 26573      | 27607      | 27266      |
|  | TOTAL            | 80814      | 82173      | 83775      | 85427      | 87018      | 88661      | 90170      | 91892      | 93733      | 95474      |
| Nascimentos  | 15-19            | 417        | 392        | 355        | 332        | 338        | 281        | 303        | 314        | 302        | 282        |
|  | 20-24            | 1094       | 1027       | 951        | 875        | 847        | 929        | 840        | 877        | 922        | 814        |
|  | 25-29            | 1251       | 1238       | 1219       | 1215       | 1264       | 1255       | 1232       | 1357       | 1436       | 1365       |
|  | 30-34            | 750        | 857        | 762        | 782        | 849        | 968        | 970        | 1033       | 1090       | 1070       |
|  | 35-39            | 272        | 308        | 293        | 286        | 329        | 320        | 410        | 401        | 490        | 515        |
|  | 40-44            | 63         | 61         | 62         | 73         | 60         | 68         | 79         | 81         | 95         | 110        |
|  | 45-49            | 4          | 8          | 2          | 6          | 3          | 8          | 6          | 3          | 8          | 8          |
|  | 40 e mais        | 67         | 69         | 64         | 79         | 63         | 76         | 85         | 84         | 103        | 118        |
|  | TOTAL            | 3851       | 3891       | 3644       | 3569       | 3690       | 3829       | 3840       | 4066       | 4343       | 4164       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                      | 15-19            | 32,4       | 30,5       | 27,9       | 27,0       | 28,2       | 23,8       | 25,9       | 26,9       | 26,3       | 23,9       |
|  | 20-24            | 94,5       | 85,8       | 76,4       | 66,7       | 62,3       | 67,5       | 60,8       | 63,8       | 68,7       | 59,8       |
|  | 25-29            | 111,1      | 108,4      | 105,9      | 103,6      | 105,6      | 101,0      | 95,4       | 100,9      | 101,1      | 94,0       |
|  | 30-34            | 64,2       | 73,3       | 63,9       | 65,2       | 69,3       | 77,9       | 76,4       | 80,3       | 82,5       | 76,9       |
|  | 35-39            | 23,4       | 26,0       | 24,1       | 22,8       | 25,5       | 24,4       | 30,9       | 29,5       | 35,5       | 35,9       |
|  | 40-44            | 5,6        | 5,3        | 5,2        | 5,9        | 4,8        | 5,3        | 6,0        | 5,9        | 6,7        | 7,9        |
|  | 45-49            | 0,4        | 0,7        | 0,2        | 0,5        | 0,3        | 0,7        | 0,5        | 0,2        | 0,6        | 0,6        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>3,1</b> | <b>3,1</b> | <b>2,8</b> | <b>3,3</b> | <b>2,6</b> | <b>3,0</b> | <b>3,3</b> | <b>3,2</b> | <b>3,7</b> | <b>4,3</b> |
|  | TOTAL            | 47,7       | 47,4       | 43,5       | 41,8       | 42,4       | 43,2       | 42,6       | 44,2       | 46,3       | 43,6       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Guarda 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 8856       | 8856       | 8856       | 8856       | 8856       | 8856       | 8856       | 8856       | 8856       | 8856       | 6876       |
|  | 20-24            | 7387       | 7387       | 7387       | 7387       | 7387       | 7387       | 7387       | 7387       | 7387       | 7387       | 5880       |
|  | 25-29            | 5409       | 5409       | 5409       | 5409       | 5409       | 5409       | 5409       | 5409       | 5409       | 5409       | 5564       |
|  | 30-34            | 4694       | 4694       | 4694       | 4694       | 4694       | 4694       | 4694       | 4694       | 4694       | 4694       | 5666       |
|  | 35-39            | 5063       | 5063       | 5063       | 5063       | 5063       | 5063       | 5063       | 5063       | 5063       | 5063       | 5291       |
|  | 40-44            | 5684       | 5684       | 5684       | 5684       | 5684       | 5684       | 5684       | 5684       | 5684       | 5684       | 4976       |
|  | 45-49            | 6388       | 6388       | 6388       | 6388       | 6388       | 6388       | 6388       | 6388       | 6388       | 6388       | 5343       |
|  | 40 e mais        | 12072      | 12072      | 12072      | 12072      | 12072      | 12072      | 12072      | 12072      | 12072      | 12072      | 10319      |
|  | TOTAL            | 43481      | 43481      | 43481      | 43481      | 43481      | 43481      | 43481      | 43481      | 43481      | 43481      | 39596      |
| Nados vivos  | 15-19            | 263        | 267        | 258        | 255        | 226        | 219        | 177        | 176        | 142        | 165        | 148        |
|  | 20-24            | 1070       | 988        | 951        | 964        | 881        | 812        | 764        | 681        | 614        | 563        | 489        |
|  | 25-29            | 803        | 762        | 707        | 805        | 706        | 710        | 722        | 745        | 671        | 651        | 599        |
|  | 30-34            | 379        | 390        | 401        | 377        | 319        | 313        | 376        | 345        | 365        | 340        | 342        |
|  | 35-39            | 185        | 169        | 148        | 173        | 143        | 137        | 137        | 138        | 127        | 112        | 108        |
|  | 40-44            | 80         | 86         | 83         | 60         | 46         | 47         | 38         | 37         | 38         | 31         | 33         |
|  | 45-49            | 15         | 17         | 8          | 4          | 5          | 3          | 9          | 7          | 3          | 4          | 5          |
|  | 40 e mais        | 95         | 103        | 91         | 64         | 51         | 50         | 47         | 44         | 41         | 35         | 38         |
|  | TOTAL            | 2795       | 2679       | 2556       | 2638       | 2326       | 2241       | 2223       | 2129       | 1960       | 1866       | 1724       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 29,7       | 30,1       | 29,1       | 28,8       | 25,5       | 24,7       | 20,0       | 19,9       | 16,0       | 18,6       | 21,5       |
|  | 20-24            | 144,8      | 133,7      | 128,7      | 130,5      | 119,3      | 109,9      | 103,4      | 92,2       | 83,1       | 76,2       | 83,2       |
|  | 25-29            | 148,5      | 140,9      | 130,7      | 148,8      | 130,5      | 131,3      | 133,5      | 137,7      | 124,1      | 120,4      | 107,7      |
|  | 30-34            | 80,7       | 83,1       | 85,4       | 80,3       | 68,0       | 66,7       | 80,1       | 73,5       | 77,8       | 72,4       | 60,4       |
|  | 35-39            | 36,5       | 33,4       | 29,2       | 34,2       | 28,2       | 27,1       | 27,1       | 27,3       | 25,1       | 22,1       | 20,4       |
|  | 40-44            | 14,1       | 15,1       | 14,6       | 10,6       | 8,1        | 8,3        | 6,7        | 6,5        | 6,7        | 5,5        | 6,6        |
|  | 45-49            | 2,3        | 2,7        | 1,3        | 0,6        | 0,8        | 0,5        | 1,4        | 1,1        | 0,5        | 0,6        | 0,9        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>7,9</b> | <b>8,5</b> | <b>7,5</b> | <b>5,3</b> | <b>4,2</b> | <b>4,1</b> | <b>3,9</b> | <b>3,6</b> | <b>3,4</b> | <b>2,9</b> | <b>3,7</b> |
|  | TOTAL            | 64,3       | 61,6       | 58,8       | 60,7       | 53,5       | 51,5       | 51,1       | 49,0       | 45,1       | 42,9       | 43,5       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Guarda 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 7008       | 7003       | 6924       | 6740       | 6561       | 6368       | 6175       | 5972       | 5737       | 5827       |
|  | 20-24            | 6293       | 6482       | 6679       | 6899       | 7023       | 7018       | 7025       | 6957       | 6780       | 5690       |
|  | 25-29            | 5653       | 5671       | 5758       | 5900       | 6087       | 6309       | 6504       | 6704       | 6928       | 5158       |
|  | 30-34            | 5584       | 5603       | 5581       | 5581       | 5567       | 5660       | 5687       | 5791       | 5942       | 5231       |
|  | 35-39            | 5483       | 5582       | 5641       | 5670       | 5680       | 5591       | 5614       | 5591       | 5600       | 5771       |
|  | 40-44            | 5197       | 5142       | 5216       | 5276       | 5354       | 5462       | 5568       | 5637       | 5679       | 6032       |
|  | 45-49            | 5223       | 5140       | 5051       | 4953       | 5083       | 5158       | 5112       | 5187       | 5262       | 5514       |
|  | 40 e mais        | 10420      | 10282      | 10267      | 10229      | 10437      | 10620      | 10680      | 10824      | 10941      | 11546      |
|  | TOTAL            | 40441      | 40623      | 40850      | 41019      | 41355      | 41566      | 41685      | 41839      | 41928      | 39223      |
| Nascimentos  | 15-19            | 133        | 126        | 116        | 114        | 132        | 113        | 103        | 85         | 80         | 76         |
|  | 20-24            | 472        | 460        | 413        | 350        | 392        | 356        | 341        | 310        | 322        | 272        |
|  | 25-29            | 550        | 501        | 541        | 498        | 434        | 490        | 457        | 478        | 452        | 451        |
|  | 30-34            | 342        | 343        | 324        | 299        | 368        | 356        | 379        | 353        | 396        | 357        |
|  | 35-39            | 128        | 110        | 103        | 105        | 119        | 134        | 157        | 157        | 176        | 174        |
|  | 40-44            | 32         | 24         | 22         | 22         | 20         | 19         | 24         | 22         | 31         | 31         |
|  | 45-49            | 4          | 3          | 3          | 2          | 2          | 1          | 2          | 1          | 2          | 2          |
|  | 40 e mais        | 36         | 27         | 25         | 24         | 22         | 20         | 26         | 23         | 33         | 33         |
|  | TOTAL            | 1661       | 1567       | 1522       | 1390       | 1467       | 1469       | 1463       | 1406       | 1459       | 1363       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 19,0       | 18,0       | 16,8       | 16,9       | 20,1       | 17,7       | 16,7       | 14,2       | 13,9       | 13,0       |
|  | 20-24            | 75,0       | 71,0       | 61,8       | 50,7       | 55,8       | 50,7       | 48,5       | 44,6       | 47,5       | 47,8       |
|  | 25-29            | 97,3       | 88,3       | 94,0       | 84,4       | 71,3       | 77,7       | 70,3       | 71,3       | 65,2       | 87,4       |
|  | 30-34            | 61,2       | 61,2       | 58,1       | 53,6       | 66,1       | 62,9       | 66,6       | 61,0       | 66,6       | 68,2       |
|  | 35-39            | 23,3       | 19,7       | 18,3       | 18,5       | 21,0       | 24,0       | 28,0       | 28,1       | 31,4       | 30,2       |
|  | 40-44            | 6,2        | 4,7        | 4,2        | 4,2        | 3,7        | 3,5        | 4,3        | 3,9        | 5,5        | 5,1        |
|  | 45-49            | 0,8        | 0,6        | 0,6        | 0,4        | 0,4        | 0,2        | 0,4        | 0,2        | 0,4        | 0,4        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>3,5</b> | <b>2,6</b> | <b>2,4</b> | <b>2,3</b> | <b>2,1</b> | <b>1,9</b> | <b>2,4</b> | <b>2,1</b> | <b>3,0</b> | <b>2,9</b> |
|  | TOTAL            | 41,1       | 38,6       | 37,3       | 33,9       | 35,5       | 35,3       | 35,1       | 33,6       | 34,8       | 34,8       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Leiria 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 18434      | 18434      | 18434      | 18434      | 18434      | 18434      | 18434      | 18434      | 18434      | 18434      | 16920      |
|  | 20-24            | 15980      | 15980      | 15980      | 15980      | 15980      | 15980      | 15980      | 15980      | 15980      | 15980      | 15774      |
|  | 25-29            | 13897      | 13897      | 13897      | 13897      | 13897      | 13897      | 13897      | 13897      | 13897      | 13897      | 15407      |
|  | 30-34            | 12892      | 12892      | 12892      | 12892      | 12892      | 12892      | 12892      | 12892      | 12892      | 12892      | 14774      |
|  | 35-39            | 12595      | 12595      | 12595      | 12595      | 12595      | 12595      | 12595      | 12595      | 12595      | 12595      | 14451      |
|  | 40-44            | 13139      | 13139      | 13139      | 13139      | 13139      | 13139      | 13139      | 13139      | 13139      | 13139      | 13650      |
|  | 45-49            | 13222      | 13222      | 13222      | 13222      | 13222      | 13222      | 13222      | 13222      | 13222      | 13222      | 12990      |
|  | 40 e mais        | 26361      | 26361      | 26361      | 26361      | 26361      | 26361      | 26361      | 26361      | 26361      | 26361      | 26640      |
|  | TOTAL            | 100159     | 100159     | 100159     | 100159     | 100159     | 100159     | 100159     | 100159     | 100159     | 100159     | 103966     |
| Nados vivos  | 15-19            | 791        | 710        | 639        | 670        | 603        | 523        | 521        | 446        | 444        | 354        | 346        |
|  | 20-24            | 2220       | 2245       | 2077       | 2083       | 1909       | 1845       | 1653       | 1604       | 1598       | 1394       | 1261       |
|  | 25-29            | 1830       | 1888       | 1840       | 1807       | 1640       | 1669       | 1650       | 1718       | 1675       | 1751       | 1738       |
|  | 30-34            | 930        | 945        | 949        | 868        | 826        | 817        | 834        | 864        | 838        | 921        | 972        |
|  | 35-39            | 380        | 396        | 389        | 392        | 318        | 280        | 281        | 278        | 277        | 316        | 354        |
|  | 40-44            | 114        | 101        | 105        | 105        | 88         | 87         | 71         | 77         | 57         | 60         | 57         |
|  | 45-49            | 12         | 12         | 17         | 9          | 10         | 4          | 9          | 7          | 4          | 4          | 6          |
|  | 40 e mais        | 126        | 113        | 122        | 114        | 98         | 91         | 80         | 84         | 61         | 64         | 63         |
|  | TOTAL            | 6277       | 6297       | 6016       | 5934       | 5394       | 5225       | 5019       | 4994       | 4893       | 4800       | 4734       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 42,9       | 38,5       | 34,7       | 36,3       | 32,7       | 28,4       | 28,3       | 24,2       | 24,1       | 19,2       | 20,4       |
|  | 20-24            | 138,9      | 140,5      | 130,0      | 130,4      | 119,5      | 115,5      | 103,4      | 100,4      | 100,0      | 87,2       | 79,9       |
|  | 25-29            | 131,7      | 135,9      | 132,4      | 130,0      | 118,0      | 120,1      | 118,7      | 123,6      | 120,5      | 126,0      | 112,8      |
|  | 30-34            | 72,1       | 73,3       | 73,6       | 67,3       | 64,1       | 63,4       | 64,7       | 67,0       | 65,0       | 71,4       | 65,8       |
|  | 35-39            | 30,2       | 31,4       | 30,9       | 31,1       | 25,2       | 22,2       | 22,3       | 22,1       | 22,0       | 25,1       | 24,5       |
|  | 40-44            | 8,7        | 7,7        | 8,0        | 8,0        | 6,7        | 6,6        | 5,4        | 5,9        | 4,3        | 4,6        | 4,2        |
|  | 45-49            | 0,9        | 0,9        | 1,3        | 0,7        | 0,8        | 0,3        | 0,7        | 0,5        | 0,3        | 0,3        | 0,5        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>4,8</b> | <b>4,3</b> | <b>4,6</b> | <b>4,3</b> | <b>3,7</b> | <b>3,5</b> | <b>3,0</b> | <b>3,2</b> | <b>2,3</b> | <b>2,4</b> | <b>2,4</b> |
|  | TOTAL            | 62,7       | 62,9       | 60,1       | 59,2       | 53,9       | 52,2       | 50,1       | 49,9       | 48,9       | 47,9       | 45,5       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Leiria 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 17025      | 17004      | 16968      | 16795      | 16404      | 16125      | 15827      | 15519      | 15191      | 14526      |
|  | 20-24            | 16315      | 16568      | 16964      | 17242      | 17542      | 17754      | 17890      | 17734      | 17386      | 16647      |
|  | 25-29            | 15441      | 15354      | 15245      | 15469      | 15756      | 16068      | 16346      | 16553      | 16446      | 16906      |
|  | 30-34            | 15272      | 15453      | 15560      | 15459      | 15351      | 15226      | 15117      | 15254      | 15659      | 16510      |
|  | 35-39            | 14492      | 14664      | 14889      | 15335      | 15805      | 16141      | 16455      | 16931      | 17300      | 17295      |
|  | 40-44            | 14079      | 14224      | 14636      | 14945      | 15088      | 15369      | 15688      | 15995      | 16536      | 16168      |
|  | 45-49            | 13435      | 13750      | 13980      | 14042      | 14222      | 14584      | 14803      | 15272      | 15601      | 15323      |
|  | 40 e mais        | 27514      | 27974      | 28616      | 28987      | 29310      | 29953      | 30491      | 31267      | 32137      | 31491      |
|  | TOTAL            | 106059     | 107017     | 108242     | 109287     | 110168     | 111267     | 112126     | 113258     | 114119     | 113375     |
| Nascimentos  | 15-19            | 342        | 302        | 291        | 319        | 289        | 266        | 250        | 238        | 246        | 246        |
|  | 20-24            | 1263       | 1207       | 1130       | 1012       | 999        | 980        | 924        | 981        | 981        | 873        |
|  | 25-29            | 1788       | 1711       | 1640       | 1683       | 1691       | 1783       | 1713       | 1849       | 1826       | 1633       |
|  | 30-34            | 943        | 997        | 971        | 1117       | 1179       | 1238       | 1266       | 1273       | 1378       | 1345       |
|  | 35-39            | 330        | 345        | 299        | 339        | 389        | 422        | 465        | 551        | 528        | 583        |
|  | 40-44            | 59         | 76         | 65         | 72         | 59         | 78         | 73         | 80         | 95         | 89         |
|  | 45-49            | 3          | 4          | 2          | 3          | 2          | 7          | 4          | 7          | 5          | 13         |
|  | 40 e mais        | 62         | 80         | 67         | 75         | 61         | 85         | 77         | 87         | 100        | 102        |
|  | TOTAL            | 4728       | 4642       | 4398       | 4545       | 4608       | 4774       | 4695       | 4979       | 5059       | 4782       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 20,1       | 17,8       | 17,1       | 19,0       | 17,6       | 16,5       | 15,8       | 15,3       | 16,2       | 16,9       |
|  | 20-24            | 77,4       | 72,9       | 66,6       | 58,7       | 56,9       | 55,2       | 51,6       | 55,3       | 56,4       | 52,4       |
|  | 25-29            | 115,8      | 111,4      | 107,6      | 108,8      | 107,3      | 111,0      | 104,8      | 111,7      | 111,0      | 96,6       |
|  | 30-34            | 61,7       | 64,5       | 62,4       | 72,3       | 76,8       | 81,3       | 83,7       | 83,5       | 88,0       | 81,5       |
|  | 35-39            | 22,8       | 23,5       | 20,1       | 22,1       | 24,6       | 26,1       | 28,3       | 32,5       | 30,5       | 33,7       |
|  | 40-44            | 4,2        | 5,3        | 4,4        | 4,8        | 3,9        | 5,1        | 4,7        | 5,0        | 5,7        | 5,5        |
|  | 45-49            | 0,2        | 0,3        | 0,1        | 0,2        | 0,1        | 0,5        | 0,3        | 0,5        | 0,3        | 0,8        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>2,3</b> | <b>2,9</b> | <b>2,3</b> | <b>2,6</b> | <b>2,1</b> | <b>2,8</b> | <b>2,5</b> | <b>2,8</b> | <b>3,1</b> | <b>3,2</b> |
|  | TOTAL            | 44,6       | 43,4       | 40,6       | 41,6       | 41,8       | 42,9       | 41,9       | 44,0       | 44,3       | 42,2       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.



| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Lisboa 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 75158      | 75158      | 75158      | 75158      | 75158      | 75158      | 75158      | 75158      | 75158      | 75158      | 83411      |
|  | 20-24            | 77287      | 77287      | 77287      | 77287      | 77287      | 77287      | 77287      | 77287      | 77287      | 77287      | 76732      |
|  | 25-29            | 79689      | 79689      | 79689      | 79689      | 79689      | 79689      | 79689      | 79689      | 79689      | 79689      | 74463      |
|  | 30-34            | 83027      | 83027      | 83027      | 83027      | 83027      | 83027      | 83027      | 83027      | 83027      | 83027      | 73986      |
|  | 35-39            | 75917      | 75917      | 75917      | 75917      | 75917      | 75917      | 75917      | 75917      | 75917      | 75917      | 76070      |
|  | 40-44            | 71540      | 71540      | 71540      | 71540      | 71540      | 71540      | 71540      | 71540      | 71540      | 71540      | 80526      |
|  | 45-49            | 72304      | 72304      | 72304      | 72304      | 72304      | 72304      | 72304      | 72304      | 72304      | 72304      | 72922      |
|  | 40 e mais        | 143844     | 143844     | 143844     | 143844     | 143844     | 143844     | 143844     | 143844     | 143844     | 143844     | 153448     |
|  | TOTAL            | 534922     | 534922     | 534922     | 534922     | 534922     | 534922     | 534922     | 534922     | 534922     | 534922     | 538110     |
| Nados vivos  | 15-19            | 2975       | 2928       | 2793       | 2728       | 2324       | 2005       | 1936       | 1794       | 1715       | 1659       | 1625       |
|  | 20-24            | 8465       | 8571       | 8132       | 7861       | 6711       | 6437       | 5981       | 5875       | 5699       | 5454       | 5275       |
|  | 25-29            | 8843       | 8697       | 8131       | 8137       | 7405       | 7327       | 7198       | 7708       | 7643       | 7870       | 8149       |
|  | 30-34            | 5329       | 5085       | 4839       | 4787       | 4456       | 4256       | 4316       | 4536       | 4719       | 4826       | 5139       |
|  | 35-39            | 2003       | 1970       | 1914       | 1925       | 1829       | 1707       | 1729       | 1762       | 1795       | 1768       | 1883       |
|  | 40-44            | 545        | 449        | 434        | 463        | 423        | 376        | 405        | 367        | 374        | 390        | 427        |
|  | 45-49            | 76         | 54         | 38         | 47         | 44         | 43         | 37         | 33         | 26         | 18         | 25         |
|  | 40 e mais        | 621        | 503        | 472        | 510        | 467        | 419        | 442        | 400        | 400        | 408        | 452        |
|  | TOTAL            | 28236      | 27754      | 26281      | 25948      | 23192      | 22151      | 21602      | 22075      | 21971      | 21985      | 22523      |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 39,6       | 39,0       | 37,2       | 36,3       | 30,9       | 26,7       | 25,8       | 23,9       | 22,8       | 22,1       | 19,5       |
|  | 20-24            | 109,5      | 110,9      | 105,2      | 101,7      | 86,8       | 83,3       | 77,4       | 76,0       | 73,7       | 70,6       | 68,7       |
|  | 25-29            | 111,0      | 109,1      | 102,0      | 102,1      | 92,9       | 91,9       | 90,3       | 96,7       | 95,9       | 98,8       | 109,4      |
|  | 30-34            | 64,2       | 61,2       | 58,3       | 57,7       | 53,7       | 51,3       | 52,0       | 54,6       | 56,8       | 58,1       | 69,5       |
|  | 35-39            | 26,4       | 25,9       | 25,2       | 25,4       | 24,1       | 22,5       | 22,8       | 23,2       | 23,6       | 23,3       | 24,8       |
|  | 40-44            | 7,6        | 6,3        | 6,1        | 6,5        | 5,9        | 5,3        | 5,7        | 5,1        | 5,2        | 5,5        | 5,3        |
|  | 45-49            | 1,1        | 0,7        | 0,5        | 0,7        | 0,6        | 0,6        | 0,5        | 0,5        | 0,4        | 0,2        | 0,3        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>4,3</b> | <b>3,5</b> | <b>3,3</b> | <b>3,5</b> | <b>3,2</b> | <b>2,9</b> | <b>3,1</b> | <b>2,8</b> | <b>2,8</b> | <b>2,8</b> | <b>2,9</b> |
|  | TOTAL            | 52,8       | 51,9       | 49,1       | 48,5       | 43,4       | 41,4       | 40,4       | 41,3       | 41,1       | 41,1       | 41,9       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Lisboa 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 82775      | 80687      | 77750      | 74270      | 70307      | 67042      | 64553      | 62057      | 59297      | 61878      |
|  | 20-24            | 80164      | 81469      | 83068      | 84489      | 84755      | 84133      | 82636      | 80456      | 77551      | 82210      |
|  | 25-29            | 76215      | 76043      | 76300      | 77203      | 79037      | 80779      | 82503      | 84629      | 86536      | 88546      |
|  | 30-34            | 74281      | 74580      | 75185      | 75304      | 75918      | 76369      | 76480      | 76711      | 77633      | 79930      |
|  | 35-39            | 74809      | 74418      | 74331      | 74763      | 74977      | 75036      | 75738      | 76458      | 76640      | 78446      |
|  | 40-44            | 80659      | 78888      | 77666      | 76354      | 75384      | 74932      | 74910      | 75112      | 75714      | 75908      |
|  | 45-49            | 78622      | 80307      | 80804      | 80779      | 80561      | 80052      | 78493      | 77473      | 76288      | 76943      |
|  | 40 e mais        | 159281     | 159195     | 158470     | 157133     | 155945     | 154984     | 153403     | 152585     | 152002     | 152851     |
|  | TOTAL            | 547525     | 546392     | 545104     | 543162     | 540939     | 538343     | 535313     | 532896     | 529659     | 543861     |
| Nascimentos  | 15-19            | 1627       | 1751       | 1580       | 1463       | 1506       | 1384       | 1489       | 1471       | 1510       | 1437       |
|  | 20-24            | 5168       | 4879       | 4501       | 4420       | 4204       | 4247       | 4241       | 4366       | 4627       | 4119       |
|  | 25-29            | 8338       | 8062       | 7762       | 7427       | 7689       | 7803       | 7906       | 8250       | 8442       | 8192       |
|  | 30-34            | 5289       | 5675       | 5560       | 5799       | 6162       | 6510       | 7063       | 7090       | 7737       | 7451       |
|  | 35-39            | 1955       | 2011       | 2004       | 2109       | 2390       | 2531       | 2839       | 3137       | 3310       | 3251       |
|  | 40-44            | 423        | 390        | 391        | 410        | 467        | 493        | 457        | 549        | 637        | 646        |
|  | 45-49            | 26         | 15         | 20         | 31         | 23         | 35         | 22         | 29         | 45         | 40         |
|  | 40 e mais        | 449        | 405        | 411        | 441        | 490        | 528        | 479        | 578        | 682        | 686        |
|  | TOTAL            | 22826      | 22783      | 21818      | 21659      | 22441      | 23003      | 24017      | 24892      | 26308      | 25136      |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 19,7       | 21,7       | 20,3       | 19,7       | 21,4       | 20,6       | 23,1       | 23,7       | 25,5       | 23,2       |
|  | 20-24            | 64,5       | 59,9       | 54,2       | 52,3       | 49,6       | 50,5       | 51,3       | 54,3       | 59,7       | 50,1       |
|  | 25-29            | 109,4      | 106,0      | 101,7      | 96,2       | 97,3       | 96,6       | 95,8       | 97,5       | 97,6       | 92,5       |
|  | 30-34            | 71,2       | 76,1       | 74,0       | 77,0       | 81,2       | 85,2       | 92,4       | 92,4       | 99,7       | 93,2       |
|  | 35-39            | 26,1       | 27,0       | 27,0       | 28,2       | 31,9       | 33,7       | 37,5       | 41,0       | 43,2       | 41,4       |
|  | 40-44            | 5,2        | 4,9        | 5,0        | 5,4        | 6,2        | 6,6        | 6,1        | 7,3        | 8,4        | 8,5        |
|  | 45-49            | 0,3        | 0,2        | 0,2        | 0,4        | 0,3        | 0,4        | 0,3        | 0,4        | 0,6        | 0,5        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>2,8</b> | <b>2,5</b> | <b>2,6</b> | <b>2,8</b> | <b>3,1</b> | <b>3,4</b> | <b>3,1</b> | <b>3,8</b> | <b>4,5</b> | <b>4,5</b> |
|  | TOTAL            | 41,7       | 41,7       | 40,0       | 39,9       | 41,5       | 42,7       | 44,9       | 46,7       | 49,7       | 46,2       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Portalegre 1981-2001 |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
| População Feminina   | 15-19            | 5129       | 5129       | 5129       | 5129       | 5129       | 5129       | 5129       | 5129       | 5129       | 5129       | 4499       |
|  | 20-24            | 4604       | 4604       | 4604       | 4604       | 4604       | 4604       | 4604       | 4604       | 4604       | 4604       | 4162       |
|  | 25-29            | 3728       | 3728       | 3728       | 3728       | 3728       | 3728       | 3728       | 3728       | 3728       | 3728       | 3996       |
|  | 30-34            | 3602       | 3602       | 3602       | 3602       | 3602       | 3602       | 3602       | 3602       | 3602       | 3602       | 4035       |
|  | 35-39            | 3688       | 3688       | 3688       | 3688       | 3688       | 3688       | 3688       | 3688       | 3688       | 3688       | 3687       |
|  | 40-44            | 4455       | 4455       | 4455       | 4455       | 4455       | 4455       | 4455       | 4455       | 4455       | 4455       | 3669       |
|  | 45-49            | 5137       | 5137       | 5137       | 5137       | 5137       | 5137       | 5137       | 5137       | 5137       | 5137       | 3620       |
|  | 40 e mais        | 9592       | 9592       | 9592       | 9592       | 9592       | 9592       | 9592       | 9592       | 9592       | 9592       | 7289       |
|  | TOTAL            | 30343      | 30343      | 30343      | 30343      | 30343      | 30343      | 30343      | 30343      | 30343      | 30343      | 27668      |
| Nados vivos  | 15-19            | 257        | 260        | 251        | 237        | 228        | 212        | 155        | 196        | 144        | 158        | 156        |
|  | 20-24            | 663        | 642        | 593        | 606        | 522        | 571        | 455        | 435        | 458        | 379        | 381        |
|  | 25-29            | 448        | 430        | 417        | 461        | 447        | 439        | 444        | 407        | 424        | 396        | 366        |
|  | 30-34            | 228        | 240        | 207        | 187        | 210        | 186        | 189        | 194        | 209        | 193        | 209        |
|  | 35-39            | 105        | 100        | 103        | 74         | 82         | 79         | 80         | 78         | 72         | 62         | 57         |
|  | 40-44            | 34         | 45         | 36         | 29         | 27         | 34         | 22         | 16         | 22         | 13         | 14         |
|  | 45-49            | 4          | 6          | 1          | 1          | 3          | 2          | 2          | 5          | 1          | 0          | 1          |
|  | 40 e mais        | 38         | 51         | 37         | 30         | 30         | 36         | 24         | 21         | 23         | 13         | 15         |
|  | TOTAL            | 1739       | 1723       | 1608       | 1595       | 1519       | 1523       | 1347       | 1331       | 1330       | 1201       | 1184       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 50,1       | 50,7       | 48,9       | 46,2       | 44,5       | 41,3       | 30,2       | 38,2       | 28,1       | 30,8       | 34,7       |
|  | 20-24            | 144,0      | 139,4      | 128,8      | 131,6      | 113,4      | 124,0      | 98,8       | 94,5       | 99,5       | 82,3       | 91,5       |
|  | 25-29            | 120,2      | 115,3      | 111,9      | 123,7      | 119,9      | 117,8      | 119,1      | 109,2      | 113,7      | 106,2      | 91,6       |
|  | 30-34            | 63,3       | 66,6       | 57,5       | 51,9       | 58,3       | 51,6       | 52,5       | 53,9       | 58,0       | 53,6       | 51,8       |
|  | 35-39            | 28,5       | 27,1       | 27,9       | 20,1       | 22,2       | 21,4       | 21,7       | 21,1       | 19,5       | 16,8       | 15,5       |
|  | 40-44            | 7,6        | 10,1       | 8,1        | 6,5        | 6,1        | 7,6        | 4,9        | 3,6        | 4,9        | 2,9        | 3,8        |
|  | 45-49            | 0,8        | 1,2        | 0,2        | 0,2        | 0,6        | 0,4        | 0,4        | 1,0        | 0,2        | 0,0        | 0,3        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>4,0</b> | <b>5,3</b> | <b>3,9</b> | <b>3,1</b> | <b>3,1</b> | <b>3,8</b> | <b>2,5</b> | <b>2,2</b> | <b>2,4</b> | <b>1,4</b> | <b>2,1</b> |
|  | TOTAL            | 57,3       | 56,8       | 53,0       | 52,6       | 50,1       | 50,2       | 44,4       | 43,9       | 43,8       | 39,6       | 42,8       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Portalegre 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 4500       | 4396       | 4271       | 4222       | 4035       | 3906       | 3901       | 3767       | 3608       | 3694       |
|  | 20-24            | 4236       | 4245       | 4326       | 4340       | 4422       | 4405       | 4297       | 4167       | 4106       | 3886       |
|  | 25-29            | 3927       | 3970       | 3943       | 4012       | 4006       | 4036       | 4021       | 4085       | 4078       | 3807       |
|  | 30-34            | 4086       | 4045       | 3963       | 3894       | 3830       | 3785       | 3815       | 3775       | 3841       | 3844       |
|  | 35-39            | 3799       | 3881       | 3978       | 4003       | 4113       | 4095       | 4054       | 3978       | 3920       | 4093       |
|  | 40-44            | 3611       | 3615       | 3653       | 3689       | 3738       | 3822       | 3916       | 4026       | 4057       | 4044       |
|  | 45-49            | 3627       | 3620       | 3605       | 3639       | 3621       | 3606       | 3612       | 3654       | 3697       | 3712       |
|  | 40 e mais        | 7238       | 7235       | 7258       | 7328       | 7359       | 7428       | 7528       | 7680       | 7754       | 7756       |
|  | TOTAL            | 27786      | 27772      | 27739      | 27799      | 27765      | 27655      | 27616      | 27452      | 27307      | 27080      |
| Nascimentos  | 15-19            | 148        | 132        | 121        | 119        | 104        | 108        | 98         | 97         | 113        | 92         |
|  | 20-24            | 353        | 327        | 297        | 293        | 285        | 278        | 282        | 273        | 255        | 215        |
|  | 25-29            | 383        | 372        | 332        | 340        | 338        | 368        | 354        | 390        | 364        | 338        |
|  | 30-34            | 213        | 228        | 230        | 230        | 225        | 252        | 237        | 277        | 259        | 257        |
|  | 35-39            | 63         | 74         | 76         | 82         | 80         | 92         | 80         | 99         | 117        | 115        |
|  | 40-44            | 5          | 26         | 17         | 19         | 20         | 10         | 24         | 15         | 38         | 17         |
|  | 45-49            | 0          | 1          | 0          | 0          | 4          | 0          | 0          | 3          | 1          | 1          |
|  | 40 e mais        | 5          | 27         | 17         | 19         | 24         | 10         | 24         | 18         | 39         | 18         |
|  | TOTAL            | 1165       | 1160       | 1073       | 1083       | 1056       | 1108       | 1075       | 1154       | 1147       | 1035       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 32,9       | 30,0       | 28,3       | 28,2       | 25,8       | 27,6       | 25,1       | 25,7       | 31,3       | 24,9       |
|  | 20-24            | 83,3       | 77,0       | 68,7       | 67,5       | 64,5       | 63,1       | 65,6       | 65,5       | 62,1       | 55,3       |
|  | 25-29            | 97,5       | 93,7       | 84,2       | 84,7       | 84,4       | 91,2       | 88,0       | 95,5       | 89,3       | 88,8       |
|  | 30-34            | 52,1       | 56,4       | 58,0       | 59,1       | 58,7       | 66,6       | 62,1       | 73,4       | 67,4       | 66,9       |
|  | 35-39            | 16,6       | 19,1       | 19,1       | 20,5       | 19,5       | 22,5       | 19,7       | 24,9       | 29,8       | 28,1       |
|  | 40-44            | 1,4        | 7,2        | 4,7        | 5,2        | 5,4        | 2,6        | 6,1        | 3,7        | 9,4        | 4,2        |
|  | 45-49            | 0,0        | 0,3        | 0,0        | 0,0        | 1,1        | 0,0        | 0,0        | 0,8        | 0,3        | 0,3        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>0,7</b> | <b>3,7</b> | <b>2,3</b> | <b>2,6</b> | <b>3,3</b> | <b>1,3</b> | <b>3,2</b> | <b>2,3</b> | <b>5,0</b> | <b>2,3</b> |
|  | TOTAL            | 41,9       | 41,8       | 38,7       | 39,0       | 38,0       | 40,1       | 38,9       | 42,0       | 42,0       | 38,2       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Porto 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina  | 15-19            | 77175      | 77175      | 77175      | 77175      | 77175      | 77175      | 77175      | 77175      | 77175      | 77175      | 75572      |
|   | 20-24            | 69407      | 69407      | 69407      | 69407      | 69407      | 69407      | 69407      | 69407      | 69407      | 69407      | 72819      |
|   | 25-29            | 62113      | 62113      | 62113      | 62113      | 62113      | 62113      | 62113      | 62113      | 62113      | 62113      | 71480      |
|   | 30-34            | 56003      | 56003      | 56003      | 56003      | 56003      | 56003      | 56003      | 56003      | 56003      | 56003      | 66414      |
|   | 35-39            | 46247      | 46247      | 46247      | 46247      | 46247      | 46247      | 46247      | 46247      | 46247      | 46247      | 61327      |
|   | 40-44            | 44899      | 44899      | 44899      | 44899      | 44899      | 44899      | 44899      | 44899      | 44899      | 44899      | 56180      |
|   | 45-49            | 44228      | 44228      | 44228      | 44228      | 44228      | 44228      | 44228      | 44228      | 44228      | 44228      | 46721      |
|   | 40 e mais        | 89127      | 89127      | 89127      | 89127      | 89127      | 89127      | 89127      | 89127      | 89127      | 89127      | 102901     |
|   | TOTAL            | 400072     | 400072     | 400072     | 400072     | 400072     | 400072     | 400072     | 400072     | 400072     | 400072     | 450513     |
| Nados vivos   | 15-19            | 2504       | 2589       | 2424       | 2428       | 2136       | 2016       | 1879       | 1878       | 1748       | 1643       | 1643       |
|   | 20-24            | 9228       | 9403       | 8987       | 8830       | 8214       | 7971       | 7471       | 7433       | 7083       | 6662       | 6393       |
|   | 25-29            | 8160       | 8306       | 7960       | 7846       | 7395       | 7405       | 7526       | 7769       | 7663       | 7772       | 8028       |
|   | 30-34            | 4494       | 4625       | 4397       | 4222       | 3946       | 3946       | 4084       | 4022       | 4069       | 4234       | 4548       |
|   | 35-39            | 1774       | 1718       | 1707       | 1727       | 1586       | 1547       | 1636       | 1534       | 1542       | 1476       | 1568       |
|   | 40-44            | 680        | 583        | 518        | 456        | 467        | 446        | 412        | 366        | 362        | 351        | 376        |
|   | 45-49            | 79         | 63         | 65         | 59         | 49         | 42         | 29         | 28         | 35         | 30         | 35         |
|   | 40 e mais        | 759        | 646        | 583        | 515        | 516        | 488        | 441        | 394        | 397        | 381        | 411        |
|   | TOTAL            | 26919      | 27287      | 26058      | 25568      | 23793      | 23373      | 23037      | 23030      | 22502      | 22168      | 22591      |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                       | 15-19            | 32,4       | 33,5       | 31,4       | 31,5       | 27,7       | 26,1       | 24,3       | 24,3       | 22,6       | 21,3       | 21,7       |
|   | 20-24            | 133,0      | 135,5      | 129,5      | 127,2      | 118,3      | 114,8      | 107,6      | 107,1      | 102,1      | 96,0       | 87,8       |
|   | 25-29            | 131,4      | 133,7      | 128,2      | 126,3      | 119,1      | 119,2      | 121,2      | 125,1      | 123,4      | 125,1      | 112,3      |
|   | 30-34            | 80,2       | 82,6       | 78,5       | 75,4       | 70,5       | 70,5       | 72,9       | 71,8       | 72,7       | 75,6       | 68,5       |
|   | 35-39            | 38,4       | 37,1       | 36,9       | 37,3       | 34,3       | 33,5       | 35,4       | 33,2       | 33,3       | 31,9       | 25,6       |
|   | 40-44            | 15,1       | 13,0       | 11,5       | 10,2       | 10,4       | 9,9        | 9,2        | 8,2        | 8,1        | 7,8        | 6,7        |
|   | 45-49            | 1,8        | 1,4        | 1,5        | 1,3        | 1,1        | 0,9        | 0,7        | 0,6        | 0,8        | 0,7        | 0,7        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>8,5</b> | <b>7,2</b> | <b>6,5</b> | <b>5,8</b> | <b>5,8</b> | <b>5,5</b> | <b>4,9</b> | <b>4,4</b> | <b>4,5</b> | <b>4,3</b> | <b>4,0</b> |
|   | TOTAL            | 67,3       | 68,2       | 65,1       | 63,9       | 59,5       | 58,4       | 57,6       | 57,6       | 56,2       | 55,4       | 50,1       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Porto 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina  | 15-19            | 73052      | 71106      | 69057      | 66978      | 65232      | 63937      | 62800      | 61262      | 60272      | 61245      |
|   | 20-24            | 75627      | 75663      | 75936      | 75553      | 74432      | 72882      | 70895      | 69081      | 67459      | 70249      |
|   | 25-29            | 74149      | 74314      | 73279      | 72556      | 72403      | 72108      | 71320      | 71189      | 70410      | 77178      |
|   | 30-34            | 69654      | 70606      | 71635      | 71995      | 71784      | 71361      | 70803      | 68899      | 67445      | 74218      |
|   | 35-39            | 62796      | 64211      | 65946      | 67531      | 69411      | 70330      | 71322      | 72075      | 71926      | 75158      |
|   | 40-44            | 58774      | 59021      | 60096      | 61436      | 62363      | 64239      | 66132      | 68276      | 70040      | 68654      |
|   | 45-49            | 50639      | 53165      | 54866      | 56166      | 58308      | 59824      | 60507      | 61894      | 63404      | 63487      |
|   | 40 e mais        | 109413     | 112186     | 114962     | 117602     | 120671     | 124063     | 126639     | 130170     | 133444     | 132141     |
|   | TOTAL            | 464691     | 468086     | 470815     | 472215     | 473933     | 474681     | 473779     | 472676     | 470956     | 490189     |
| Nascimentos   | 15-19            | 1536       | 1517       | 1352       | 1251       | 1219       | 1289       | 1226       | 1264       | 1336       | 1259       |
|   | 20-24            | 6132       | 6127       | 5583       | 5273       | 5246       | 5161       | 4945       | 4866       | 4624       | 4132       |
|   | 25-29            | 7956       | 7876       | 7398       | 7251       | 7324       | 7615       | 7520       | 7501       | 7616       | 6867       |
|   | 30-34            | 4696       | 4775       | 4836       | 5075       | 5466       | 5758       | 5779       | 5917       | 6098       | 5791       |
|   | 35-39            | 1518       | 1534       | 1565       | 1657       | 1827       | 2027       | 2084       | 2303       | 2415       | 2432       |
|   | 40-44            | 354        | 324        | 300        | 337        | 328        | 346        | 344        | 411        | 405        | 424        |
|   | 45-49            | 15         | 25         | 15         | 26         | 20         | 24         | 19         | 26         | 22         | 17         |
|   | 40 e mais        | 369        | 349        | 315        | 363        | 348        | 370        | 363        | 437        | 427        | 441        |
|   | TOTAL            | 22207      | 22178      | 21049      | 20870      | 21430      | 22220      | 21917      | 22288      | 22516      | 20922      |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                       | 15-19            | 21,0       | 21,3       | 19,6       | 18,7       | 18,7       | 20,2       | 19,5       | 20,6       | 22,2       | 20,6       |
|   | 20-24            | 81,1       | 81,0       | 73,5       | 69,8       | 70,5       | 70,8       | 69,8       | 70,4       | 68,5       | 58,8       |
|   | 25-29            | 107,3      | 106,0      | 101,0      | 99,9       | 101,2      | 105,6      | 105,4      | 105,4      | 108,2      | 89,0       |
|   | 30-34            | 67,4       | 67,6       | 67,5       | 70,5       | 76,1       | 80,7       | 81,6       | 85,9       | 90,4       | 78,0       |
|   | 35-39            | 24,2       | 23,9       | 23,7       | 24,5       | 26,3       | 28,8       | 29,2       | 32,0       | 33,6       | 32,4       |
|   | 40-44            | 6,0        | 5,5        | 5,0        | 5,5        | 5,3        | 5,4        | 5,2        | 6,0        | 5,8        | 6,2        |
|   | 45-49            | 0,3        | 0,5        | 0,3        | 0,5        | 0,3        | 0,4        | 0,3        | 0,4        | 0,3        | 0,3        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>3,4</b> | <b>3,1</b> | <b>2,7</b> | <b>3,1</b> | <b>2,9</b> | <b>3,0</b> | <b>2,9</b> | <b>3,4</b> | <b>3,2</b> | <b>3,3</b> |
|   | TOTAL            | 47,8       | 47,4       | 44,7       | 44,2       | 45,2       | 46,8       | 46,3       | 47,2       | 47,8       | 42,7       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Santarém 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 17692      | 17692      | 17692      | 17692      | 17692      | 17692      | 17692      | 17692      | 17692      | 17692      | 16447      |
|  | 20-24            | 15849      | 15849      | 15849      | 15849      | 15849      | 15849      | 15849      | 15849      | 15849      | 15849      | 14997      |
|  | 25-29            | 13875      | 13875      | 13875      | 13875      | 13875      | 13875      | 13875      | 13875      | 13875      | 13875      | 14897      |
|  | 30-34            | 13567      | 13567      | 13567      | 13567      | 13567      | 13567      | 13567      | 13567      | 13567      | 13567      | 14468      |
|  | 35-39            | 13450      | 13450      | 13450      | 13450      | 13450      | 13450      | 13450      | 13450      | 13450      | 13450      | 13743      |
|  | 40-44            | 14796      | 14796      | 14796      | 14796      | 14796      | 14796      | 14796      | 14796      | 14796      | 14796      | 13884      |
|  | 45-49            | 15272      | 15272      | 15272      | 15272      | 15272      | 15272      | 15272      | 15272      | 15272      | 15272      | 13582      |
|  | 40 e mais        | 30068      | 30068      | 30068      | 30068      | 30068      | 30068      | 30068      | 30068      | 30068      | 30068      | 27466      |
|  | TOTAL            | 104501     | 104501     | 104501     | 104501     | 104501     | 104501     | 104501     | 104501     | 104501     | 104501     | 102018     |
| Nados vivos  | 15-19            | 835        | 715        | 729        | 740        | 595        | 558        | 479        | 409        | 401        | 349        | 336        |
|  | 20-24            | 2122       | 2148       | 2012       | 2034       | 1754       | 1785       | 1600       | 1411       | 1328       | 1316       | 1259       |
|  | 25-29            | 1678       | 1624       | 1652       | 1673       | 1511       | 1564       | 1520       | 1515       | 1478       | 1551       | 1556       |
|  | 30-34            | 860        | 847        | 877        | 755        | 764        | 703        | 715        | 714        | 721        | 766        | 818        |
|  | 35-39            | 320        | 314        | 312        | 301        | 292        | 276        | 288        | 249        | 230        | 231        | 225        |
|  | 40-44            | 113        | 94         | 97         | 77         | 81         | 62         | 66         | 55         | 58         | 61         | 48         |
|  | 45-49            | 19         | 14         | 11         | 10         | 12         | 14         | 4          | 8          | 5          | 1          | 5          |
|  | 40 e mais        | 132        | 108        | 108        | 87         | 93         | 76         | 70         | 63         | 63         | 62         | 53         |
|  | TOTAL            | 5947       | 5756       | 5690       | 5590       | 5009       | 4962       | 4672       | 4361       | 4221       | 4275       | 4247       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 47,2       | 40,4       | 41,2       | 41,8       | 33,6       | 31,5       | 27,1       | 23,1       | 22,7       | 19,7       | 20,4       |
|  | 20-24            | 133,9      | 135,5      | 126,9      | 128,3      | 110,7      | 112,6      | 101,0      | 89,0       | 83,8       | 83,0       | 84,0       |
|  | 25-29            | 120,9      | 117,0      | 119,1      | 120,6      | 108,9      | 112,7      | 109,5      | 109,2      | 106,5      | 111,8      | 104,5      |
|  | 30-34            | 63,4       | 62,4       | 64,6       | 55,6       | 56,3       | 51,8       | 52,7       | 52,6       | 53,1       | 56,5       | 56,5       |
|  | 35-39            | 23,8       | 23,3       | 23,2       | 22,4       | 21,7       | 20,5       | 21,4       | 18,5       | 17,1       | 17,2       | 16,4       |
|  | 40-44            | 7,6        | 6,4        | 6,6        | 5,2        | 5,5        | 4,2        | 4,5        | 3,7        | 3,9        | 4,1        | 3,5        |
|  | 45-49            | 1,2        | 0,9        | 0,7        | 0,7        | 0,8        | 0,9        | 0,3        | 0,5        | 0,3        | 0,1        | 0,4        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>4,4</b> | <b>3,6</b> | <b>3,6</b> | <b>2,9</b> | <b>3,1</b> | <b>2,5</b> | <b>2,3</b> | <b>2,1</b> | <b>2,1</b> | <b>2,1</b> | <b>1,9</b> |
|  | TOTAL            | 56,9       | 55,1       | 54,4       | 53,5       | 47,9       | 47,5       | 44,7       | 41,7       | 40,4       | 40,9       | 41,6       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Santarém 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 16430      | 16165      | 15897      | 15577      | 15125      | 14883      | 14800      | 14731      | 14388      | 13507      |
|  | 20-24            | 15510      | 15887      | 16475      | 16983      | 17465      | 17573      | 17567      | 17681      | 17608      | 15280      |
|  | 25-29            | 14858      | 14859      | 14834      | 15147      | 15545      | 16161      | 16719      | 17541      | 18226      | 15741      |
|  | 30-34            | 14784      | 14917      | 15200      | 15283      | 15248      | 15232      | 15314      | 15191      | 15389      | 15206      |
|  | 35-39            | 13835      | 14212      | 14467      | 14880      | 15316      | 15594      | 15919      | 16162      | 16144      | 16095      |
|  | 40-44            | 14181      | 13788      | 13896      | 13831      | 14000      | 14301      | 14799      | 15164      | 15595      | 15360      |
|  | 45-49            | 13580      | 13864      | 13986      | 14039      | 14116      | 14239      | 13886      | 14002      | 13908      | 14530      |
|  | 40 e mais        | 27761      | 27652      | 27882      | 27870      | 28116      | 28540      | 28685      | 29166      | 29503      | 29890      |
|  | TOTAL            | 103178     | 103692     | 104755     | 105740     | 106815     | 107983     | 109004     | 110472     | 111258     | 105719     |
| Nascimentos  | 15-19            | 358        | 316        | 307        | 255        | 286        | 262        | 239        | 256        | 265        | 227        |
|  | 20-24            | 1106       | 1144       | 1019       | 946        | 951        | 960        | 929        | 843        | 887        | 798        |
|  | 25-29            | 1476       | 1542       | 1407       | 1404       | 1487       | 1493       | 1452       | 1643       | 1605       | 1609       |
|  | 30-34            | 880        | 853        | 866        | 921        | 971        | 1000       | 1116       | 1182       | 1249       | 1158       |
|  | 35-39            | 263        | 260        | 272        | 305        | 286        | 341        | 407        | 422        | 516        | 486        |
|  | 40-44            | 55         | 71         | 57         | 44         | 57         | 55         | 59         | 80         | 65         | 96         |
|  | 45-49            | 1          | 3          | 7          | 1          | 3          | 3          | 2          | 4          | 9          | 7          |
|  | 40 e mais        | 56         | 74         | 64         | 45         | 60         | 58         | 61         | 84         | 74         | 103        |
|  | TOTAL            | 4139       | 4189       | 3935       | 3876       | 4041       | 4114       | 4204       | 4430       | 4596       | 4381       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 21,8       | 19,5       | 19,3       | 16,4       | 18,9       | 17,6       | 16,1       | 17,4       | 18,4       | 16,8       |
|  | 20-24            | 71,3       | 72,0       | 61,9       | 55,7       | 54,5       | 54,6       | 52,9       | 47,7       | 50,4       | 52,2       |
|  | 25-29            | 99,3       | 103,8      | 94,8       | 92,7       | 95,7       | 92,4       | 86,8       | 93,7       | 88,1       | 102,2      |
|  | 30-34            | 59,5       | 57,2       | 57,0       | 60,3       | 63,7       | 65,7       | 72,9       | 77,8       | 81,2       | 76,2       |
|  | 35-39            | 19,0       | 18,3       | 18,8       | 20,5       | 18,7       | 21,9       | 25,6       | 26,1       | 32,0       | 30,2       |
|  | 40-44            | 3,9        | 5,1        | 4,1        | 3,2        | 4,1        | 3,8        | 4,0        | 5,3        | 4,2        | 6,3        |
|  | 45-49            | 0,1        | 0,2        | 0,5        | 0,1        | 0,2        | 0,2        | 0,1        | 0,3        | 0,6        | 0,5        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>2,0</b> | <b>2,7</b> | <b>2,3</b> | <b>1,6</b> | <b>2,1</b> | <b>2,0</b> | <b>2,1</b> | <b>2,9</b> | <b>2,5</b> | <b>3,4</b> |
|  | TOTAL            | 40,1       | 40,4       | 37,6       | 36,7       | 37,8       | 38,1       | 38,6       | 40,1       | 41,3       | 41,4       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.



| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Serúbal 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1981       | 1982       | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina  | 15-19            | 23234      | 23234      | 23234      | 23234      | 23234      | 23234      | 23234      | 23234      | 23234      | 23234      | 30147      |
|   | 20-24            | 24840      | 24840      | 24840      | 24840      | 24840      | 24840      | 24840      | 24840      | 24840      | 24840      | 24804      |
|   | 25-29            | 25837      | 25837      | 25837      | 25837      | 25837      | 25837      | 25837      | 25837      | 25837      | 25837      | 25438      |
|   | 30-34            | 26973      | 26973      | 26973      | 26973      | 26973      | 26973      | 26973      | 26973      | 26973      | 26973      | 27569      |
|   | 35-39            | 24226      | 24226      | 24226      | 24226      | 24226      | 24226      | 24226      | 24226      | 24226      | 24226      | 27617      |
|   | 40-44            | 22956      | 22956      | 22956      | 22956      | 22956      | 22956      | 22956      | 22956      | 22956      | 22956      | 27815      |
|   | 45-49            | 21879      | 21879      | 21879      | 21879      | 21879      | 21879      | 21879      | 21879      | 21879      | 21879      | 24638      |
|   | 40 e mais        | 44835      | 44835      | 44835      | 44835      | 44835      | 44835      | 44835      | 44835      | 44835      | 44835      | 52453      |
|   | TOTAL            | 169945     | 169945     | 169945     | 169945     | 169945     | 169945     | 169945     | 169945     | 169945     | 169945     | 188028     |
| Nados vivos   | 15-19            | 1267       | 1237       | 1219       | 1152       | 983        | 923        | 841        | 831        | 767        | 759        | 754        |
|   | 20-24            | 3141       | 3166       | 3062       | 2946       | 2538       | 2513       | 2310       | 2290       | 2108       | 2051       | 1895       |
|   | 25-29            | 2745       | 2840       | 2754       | 2766       | 2603       | 2608       | 2624       | 2645       | 2491       | 2573       | 2639       |
|   | 30-34            | 1576       | 1553       | 1496       | 1456       | 1344       | 1353       | 1389       | 1491       | 1561       | 1641       | 1655       |
|   | 35-39            | 574        | 574        | 592        | 573        | 561        | 562        | 552        | 587        | 553        | 619        | 633        |
|   | 40-44            | 168        | 124        | 111        | 131        | 133        | 133        | 118        | 144        | 137        | 145        | 119        |
|   | 45-49            | 26         | 14         | 15         | 13         | 14         | 12         | 10         | 6          | 10         | 21         | 5          |
|   | 40 e mais        | 194        | 138        | 126        | 144        | 147        | 145        | 128        | 150        | 147        | 166        | 124        |
|   | TOTAL            | 9497       | 9508       | 9249       | 9037       | 8176       | 8104       | 7844       | 7994       | 7627       | 7809       | 7700       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)   | 15-19            | 54,5       | 53,2       | 52,5       | 49,6       | 42,3       | 39,7       | 36,2       | 35,8       | 33,0       | 32,7       | 25,0       |
|   | 20-24            | 126,4      | 127,5      | 123,3      | 118,6      | 102,2      | 101,2      | 93,0       | 92,2       | 84,9       | 82,6       | 76,4       |
|   | 25-29            | 106,2      | 109,9      | 106,6      | 107,1      | 100,7      | 100,9      | 101,6      | 102,4      | 96,4       | 99,6       | 103,7      |
|   | 30-34            | 58,4       | 57,6       | 55,5       | 54,0       | 49,8       | 50,2       | 51,5       | 55,3       | 57,9       | 60,8       | 60,0       |
|   | 35-39            | 23,7       | 23,7       | 24,4       | 23,7       | 23,2       | 23,2       | 22,8       | 24,2       | 22,8       | 25,6       | 22,9       |
|   | 40-44            | 7,3        | 5,4        | 4,8        | 5,7        | 5,8        | 5,8        | 5,1        | 6,3        | 6,0        | 6,3        | 4,3        |
|   | 45-49            | 1,2        | 0,6        | 0,7        | 0,6        | 0,6        | 0,5        | 0,5        | 0,3        | 0,5        | 1,0        | 0,2        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>4,3</b> | <b>3,1</b> | <b>2,8</b> | <b>3,2</b> | <b>3,3</b> | <b>3,2</b> | <b>2,9</b> | <b>3,3</b> | <b>3,3</b> | <b>3,7</b> | <b>2,4</b> |
|   | TOTAL            | 55,9       | 55,9       | 54,4       | 53,2       | 48,1       | 47,7       | 46,2       | 47,0       | 44,9       | 46,0       | 41,0       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Setúbal 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina  | 15-19            | 31439      | 31205      | 30435      | 29084      | 27541      | 26530      | 25796      | 25092      | 24216      | 23940      |
|   | 20-24            | 26369      | 27698      | 29516      | 31228      | 32560      | 33228      | 33293      | 32955      | 31856      | 30474      |
|   | 25-29            | 25190      | 24852      | 24706      | 25332      | 26097      | 27431      | 29016      | 31139      | 33111      | 32245      |
|   | 30-34            | 26885      | 26603      | 26530      | 26306      | 26225      | 26004      | 25768      | 25538      | 26109      | 28130      |
|   | 35-39            | 27965      | 28325      | 28530      | 28549      | 28512      | 28263      | 28225      | 28160      | 27903      | 28834      |
|   | 40-44            | 28572      | 28187      | 28163      | 28306      | 28595      | 29035      | 29610      | 29969      | 30048      | 29428      |
|   | 45-49            | 26883      | 27770      | 28193      | 28538      | 28956      | 29168      | 28908      | 28959      | 29144      | 29007      |
|   | 40 e mais        | 55455      | 55957      | 56356      | 56844      | 57551      | 58203      | 58518      | 58928      | 59192      | 58435      |
|   | TOTAL            | 193303     | 194640     | 196073     | 197343     | 198486     | 199659     | 200616     | 201812     | 202387     | 202058     |
| Nascimentos   | 15-19            | 756        | 658        | 693        | 664        | 620        | 621        | 615        | 604        | 607        | 521        |
|   | 20-24            | 1888       | 1753       | 1757       | 1709       | 1739       | 1764       | 1806       | 1809       | 1904       | 1741       |
|   | 25-29            | 2662       | 2698       | 2657       | 2538       | 2696       | 2811       | 2700       | 2982       | 3367       | 3164       |
|   | 30-34            | 1697       | 1813       | 1791       | 1829       | 1888       | 2152       | 2226       | 2206       | 2378       | 2374       |
|   | 35-39            | 614        | 675        | 667        | 667        | 714        | 743        | 842        | 1039       | 1098       | 1007       |
|   | 40-44            | 132        | 135        | 156        | 134        | 134        | 155        | 147        | 200        | 199        | 211        |
|   | 45-49            | 7          | 6          | 10         | 13         | 7          | 5          | 11         | 7          | 26         | 15         |
|   | 40 e mais        | 139        | 141        | 166        | 147        | 141        | 160        | 158        | 207        | 225        | 226        |
|   | TOTAL            | 7756       | 7738       | 7731       | 7554       | 7798       | 8251       | 8347       | 8847       | 9579       | 9033       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)   | 15-19            | 24,0       | 21,1       | 22,8       | 22,8       | 22,5       | 23,4       | 23,8       | 24,1       | 25,1       | 21,8       |
|   | 20-24            | 71,6       | 63,3       | 59,5       | 54,7       | 53,4       | 53,1       | 54,2       | 54,9       | 59,8       | 57,1       |
|   | 25-29            | 105,7      | 108,6      | 107,5      | 100,2      | 103,3      | 102,5      | 93,1       | 95,8       | 101,7      | 98,1       |
|   | 30-34            | 63,1       | 68,2       | 67,5       | 69,5       | 72,0       | 82,8       | 86,4       | 86,4       | 91,1       | 84,4       |
|   | 35-39            | 22,0       | 23,8       | 23,4       | 23,4       | 25,0       | 26,3       | 29,8       | 36,9       | 39,4       | 34,9       |
|   | 40-44            | 4,6        | 4,8        | 5,5        | 4,7        | 4,7        | 5,3        | 5,0        | 6,7        | 6,6        | 7,2        |
|   | 45-49            | 0,3        | 0,2        | 0,4        | 0,5        | 0,2        | 0,2        | 0,4        | 0,2        | 0,9        | 0,5        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>2,5</b> | <b>2,5</b> | <b>2,9</b> | <b>2,6</b> | <b>2,5</b> | <b>2,7</b> | <b>2,7</b> | <b>3,5</b> | <b>3,8</b> | <b>3,9</b> |
|   | TOTAL            | 40,1       | 39,8       | 39,4       | 38,3       | 39,3       | 41,3       | 41,6       | 43,8       | 47,3       | 44,7       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Viana do Castelo 1981-2001 |                  |             |            |             |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|-------------|------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981        | 1982       | 1983        | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 12173       | 12173      | 12173       | 12173      | 12173      | 12173      | 12173      | 12173      | 12173      | 12173      | 10881      |
|  | 20-24            | 10026       | 10026      | 10026       | 10026      | 10026      | 10026      | 10026      | 10026      | 10026      | 10026      | 9379       |
|  | 25-29            | 7989        | 7989       | 7989        | 7989       | 7989       | 7989       | 7989       | 7989       | 7989       | 7989       | 8793       |
|  | 30-34            | 6996        | 6996       | 6996        | 6996       | 6996       | 6996       | 6996       | 6996       | 6996       | 6996       | 8417       |
|  | 35-39            | 7080        | 7080       | 7080        | 7080       | 7080       | 7080       | 7080       | 7080       | 7080       | 7080       | 7890       |
|  | 40-44            | 7627        | 7627       | 7627        | 7627       | 7627       | 7627       | 7627       | 7627       | 7627       | 7627       | 7473       |
|  | 45-49            | 8335        | 8335       | 8335        | 8335       | 8335       | 8335       | 8335       | 8335       | 8335       | 8335       | 7317       |
|  | 40 e mais        | 15962       | 15962      | 15962       | 15962      | 15962      | 15962      | 15962      | 15962      | 15962      | 15962      | 14790      |
|  | TOTAL            | 60226       | 60226      | 60226       | 60226      | 60226      | 60226      | 60226      | 60226      | 60226      | 60226      | 60150      |
| Nados vivos  | 15-19            | 389         | 330        | 342         | 313        | 326        | 253        | 270        | 261        | 218        | 205        | 200        |
|  | 20-24            | 1423        | 1500       | 1340        | 1340       | 1234       | 1048       | 1089       | 976        | 901        | 868        | 848        |
|  | 25-29            | 1138        | 1111       | 1129        | 1100       | 1023       | 998        | 985        | 979        | 940        | 944        | 947        |
|  | 30-34            | 593         | 679        | 568         | 573        | 501        | 519        | 496        | 499        | 470        | 476        | 494        |
|  | 35-39            | 325         | 353        | 307         | 283        | 251        | 228        | 246        | 186        | 205        | 166        | 162        |
|  | 40-44            | 167         | 131        | 142         | 105        | 107        | 87         | 74         | 53         | 55         | 55         | 48         |
|  | 45-49            | 23          | 18         | 24          | 16         | 18         | 13         | 8          | 6          | 9          | 4          | 2          |
|  | 40 e mais        | 190         | 149        | 166         | 121        | 125        | 100        | 82         | 59         | 64         | 59         | 50         |
|  | TOTAL            | 4058        | 4122       | 3852        | 3730       | 3460       | 3146       | 3168       | 2960       | 2798       | 2718       | 2701       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 32,0        | 27,1       | 28,1        | 25,7       | 26,8       | 20,8       | 22,2       | 21,4       | 17,9       | 16,8       | 18,4       |
|  | 20-24            | 141,9       | 149,6      | 133,7       | 133,7      | 123,1      | 104,5      | 108,6      | 97,3       | 89,9       | 86,6       | 90,4       |
|  | 25-29            | 142,4       | 139,1      | 141,3       | 137,7      | 128,1      | 124,9      | 123,3      | 122,5      | 117,7      | 118,2      | 107,7      |
|  | 30-34            | 84,8        | 97,1       | 81,2        | 81,9       | 71,6       | 74,2       | 70,9       | 71,3       | 67,2       | 68,0       | 58,7       |
|  | 35-39            | 45,9        | 49,9       | 43,4        | 40,0       | 35,5       | 32,2       | 34,7       | 26,3       | 29,0       | 23,4       | 20,5       |
|  | 40-44            | 21,9        | 17,2       | 18,6        | 13,8       | 14,0       | 11,4       | 9,7        | 6,9        | 7,2        | 7,2        | 6,4        |
|  | 45-49            | 2,8         | 2,2        | 2,9         | 1,9        | 2,2        | 1,6        | 1,0        | 0,7        | 1,1        | 0,5        | 0,3        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>11,9</b> | <b>9,3</b> | <b>10,4</b> | <b>7,6</b> | <b>7,8</b> | <b>6,3</b> | <b>5,1</b> | <b>3,7</b> | <b>4,0</b> | <b>3,7</b> | <b>3,4</b> |
|  | TOTAL            | 67,4        | 68,4       | 64,0        | 61,9       | 57,5       | 52,2       | 52,6       | 49,1       | 46,5       | 45,1       | 44,9       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

[Quadro 2.17]

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Viana do Castelo 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 11016      | 10886      | 10624      | 10310      | 9963       | 9644       | 9311       | 8950       | 8459       | 8628       |
|  | 20-24            | 10097      | 10301      | 10592      | 10907      | 11013      | 10941      | 10810      | 10555      | 10250      | 9263       |
|  | 25-29            | 8921       | 9106       | 9257       | 9398       | 9707       | 10010      | 10224      | 10524      | 10850      | 9012       |
|  | 30-34            | 8738       | 8783       | 8788       | 8811       | 8726       | 8838       | 9032       | 9177       | 9332       | 8502       |
|  | 35-39            | 8095       | 8256       | 8350       | 8420       | 8654       | 8645       | 8704       | 8710       | 8732       | 8994       |
|  | 40-44            | 7773       | 7678       | 7763       | 7866       | 7817       | 8001       | 8164       | 8258       | 8342       | 8798       |
|  | 45-49            | 7453       | 7543       | 7543       | 7432       | 7568       | 7661       | 7562       | 7651       | 7754       | 8188       |
|  | 40 e mais        | 15226      | 15221      | 15306      | 15298      | 15385      | 15662      | 15726      | 15909      | 16096      | 16986      |
|  | TOTAL            | 62093      | 62553      | 62917      | 63144      | 63448      | 63740      | 63807      | 63825      | 63719      | 61385      |
| Nascimentos  | 15-19            | 189        | 194        | 172        | 151        | 157        | 148        | 141        | 130        | 133        | 108        |
|  | 20-24            | 721        | 692        | 681        | 603        | 612        | 584        | 516        | 540        | 528        | 480        |
|  | 25-29            | 882        | 829        | 815        | 798        | 823        | 794        | 832        | 850        | 864        | 802        |
|  | 30-34            | 564        | 574        | 526        | 510        | 572        | 545        | 554        | 578        | 609        | 605        |
|  | 35-39            | 194        | 171        | 179        | 224        | 195        | 222        | 203        | 257        | 275        | 247        |
|  | 40-44            | 37         | 50         | 29         | 42         | 33         | 42         | 51         | 30         | 43         | 43         |
|  | 45-49            | 2          | 3          | 5          | 3          | 1          | 2          | 2          | 1          | 3          | 3          |
|  | 40 e mais        | 39         | 53         | 34         | 45         | 34         | 44         | 53         | 31         | 46         | 46         |
|  | TOTAL            | 2589       | 2513       | 2407       | 2331       | 2393       | 2337       | 2299       | 2386       | 2455       | 2288       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 17,2       | 17,8       | 16,2       | 14,6       | 15,8       | 15,3       | 15,1       | 14,5       | 15,7       | 12,5       |
|  | 20-24            | 71,4       | 67,2       | 64,3       | 55,3       | 55,6       | 53,4       | 47,7       | 51,2       | 51,5       | 51,8       |
|  | 25-29            | 98,9       | 91,0       | 88,0       | 84,9       | 84,8       | 79,3       | 81,4       | 80,8       | 79,6       | 89,0       |
|  | 30-34            | 64,5       | 65,4       | 59,9       | 57,9       | 65,6       | 61,7       | 61,3       | 63,0       | 65,3       | 71,2       |
|  | 35-39            | 24,0       | 20,7       | 21,4       | 26,6       | 22,5       | 25,7       | 23,3       | 29,5       | 31,5       | 27,5       |
|  | 40-44            | 4,8        | 6,5        | 3,7        | 5,3        | 4,2        | 5,2        | 6,2        | 3,6        | 5,2        | 4,9        |
|  | 45-49            | 0,3        | 0,4        | 0,7        | 0,4        | 0,1        | 0,3        | 0,3        | 0,1        | 0,4        | 0,4        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>2,6</b> | <b>3,5</b> | <b>2,2</b> | <b>2,9</b> | <b>2,2</b> | <b>2,8</b> | <b>3,4</b> | <b>1,9</b> | <b>2,9</b> | <b>2,7</b> |
|  | TOTAL            | 41,7       | 40,2       | 38,3       | 36,9       | 37,7       | 36,7       | 36,0       | 37,4       | 38,5       | 37,3       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Vila Real 1981-2001 |                  |             |             |             |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|-------------|-------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1981        | 1982        | 1983        | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina  | 15-19            | 13319       | 13319       | 13319       | 13319      | 13319      | 13319      | 13319      | 13319      | 13319      | 13319      | 10851      |
|   | 20-24            | 9527        | 9527        | 9527        | 9527       | 9527       | 9527       | 9527       | 9527       | 9527       | 9527       | 8589       |
|   | 25-29            | 6966        | 6966        | 6966        | 6966       | 6966       | 6966       | 6966       | 6966       | 6966       | 6966       | 7802       |
|   | 30-34            | 5932        | 5932        | 5932        | 5932       | 5932       | 5932       | 5932       | 5932       | 5932       | 5932       | 7437       |
|   | 35-39            | 6494        | 6494        | 6494        | 6494       | 6494       | 6494       | 6494       | 6494       | 6494       | 6494       | 7042       |
|   | 40-44            | 7274        | 7274        | 7274        | 7274       | 7274       | 7274       | 7274       | 7274       | 7274       | 7274       | 6509       |
|   | 45-49            | 7602        | 7602        | 7602        | 7602       | 7602       | 7602       | 7602       | 7602       | 7602       | 7602       | 6822       |
|   | 40 e mais        | 14876       | 14876       | 14876       | 14876      | 14876      | 14876      | 14876      | 14876      | 14876      | 14876      | 13331      |
|   | TOTAL            | 57114       | 57114       | 57114       | 57114      | 57114      | 57114      | 57114      | 57114      | 57114      | 57114      | 55052      |
| Nados vivos   | 15-19            | 568         | 556         | 521         | 483        | 463        | 451        | 365        | 354        | 316        | 273        | 283        |
|   | 20-24            | 1534        | 1448        | 1492        | 1408       | 1267       | 1266       | 1172       | 1154       | 1023       | 915        | 871        |
|   | 25-29            | 1050        | 1092        | 1023        | 1048       | 969        | 965        | 963        | 957        | 918        | 880        | 886        |
|   | 30-34            | 571         | 576         | 535         | 498        | 526        | 530        | 494        | 511        | 497        | 481        | 460        |
|   | 35-39            | 370         | 328         | 269         | 293        | 240        | 247        | 230        | 198        | 211        | 186        | 189        |
|   | 40-44            | 185         | 162         | 153         | 133        | 106        | 106        | 77         | 72         | 60         | 55         | 51         |
|   | 45-49            | 31          | 16          | 18          | 15         | 16         | 18         | 10         | 10         | 5          | 6          | 6          |
|   | 40 e mais        | 216         | 178         | 171         | 148        | 122        | 124        | 87         | 82         | 65         | 61         | 57         |
|   | TOTAL            | 4309        | 4178        | 4011        | 3878       | 3587       | 3583       | 3311       | 3256       | 3030       | 2796       | 2746       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)   | 15-19            | 42,6        | 41,7        | 39,1        | 36,3       | 34,8       | 33,9       | 27,4       | 26,6       | 23,7       | 20,5       | 26,1       |
|   | 20-24            | 161,0       | 152,0       | 156,6       | 147,8      | 133,0      | 132,9      | 123,0      | 121,1      | 107,4      | 96,0       | 101,4      |
|   | 25-29            | 150,7       | 156,8       | 146,9       | 150,4      | 139,1      | 138,5      | 138,2      | 137,4      | 131,8      | 126,3      | 113,6      |
|   | 30-34            | 96,3        | 97,1        | 90,2        | 84,0       | 88,7       | 89,3       | 83,3       | 86,1       | 83,8       | 81,1       | 61,9       |
|   | 35-39            | 57,0        | 50,5        | 41,4        | 45,1       | 37,0       | 38,0       | 35,4       | 30,5       | 32,5       | 28,6       | 26,8       |
|   | 40-44            | 25,4        | 22,3        | 21,0        | 18,3       | 14,6       | 14,6       | 10,6       | 9,9        | 8,2        | 7,6        | 7,8        |
|   | 45-49            | 4,1         | 2,1         | 2,4         | 2,0        | 2,1        | 2,4        | 1,3        | 1,3        | 0,7        | 0,8        | 0,9        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>14,5</b> | <b>12,0</b> | <b>11,5</b> | <b>9,9</b> | <b>8,2</b> | <b>8,3</b> | <b>5,8</b> | <b>5,5</b> | <b>4,4</b> | <b>4,1</b> | <b>4,3</b> |
|   | TOTAL            | 75,4        | 73,2        | 70,2        | 67,9       | 62,8       | 62,7       | 58,0       | 57,0       | 53,1       | 49,0       | 49,9       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Vila Real 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina  | 15-19            | 10931      | 10811      | 10601      | 10166      | 9608       | 9188       | 8737       | 8244       | 7727       | 7757       |
|   | 20-24            | 8991       | 9372       | 9819       | 10273      | 10577      | 10650      | 10541      | 10332      | 9921       | 7857       |
|   | 25-29            | 7710       | 7854       | 7920       | 8097       | 8421       | 8771       | 9142       | 9608       | 10069      | 7084       |
|   | 30-34            | 7325       | 7303       | 7356       | 7351       | 7370       | 7490       | 7647       | 7728       | 7924       | 6885       |
|   | 35-39            | 6889       | 7003       | 7026       | 7057       | 7095       | 7119       | 7095       | 7150       | 7149       | 7850       |
|   | 40-44            | 6565       | 6508       | 6572       | 6683       | 6690       | 6672       | 6790       | 6839       | 6890       | 7621       |
|   | 45-49            | 6451       | 6356       | 6218       | 6126       | 6289       | 6349       | 6285       | 6349       | 6453       | 7281       |
|   | 40 e mais        | 13016      | 12864      | 12790      | 12809      | 12979      | 13021      | 13075      | 13188      | 13343      | 14902      |
|   | TOTAL            | 54862      | 55207      | 55512      | 55753      | 56050      | 56239      | 56237      | 56250      | 56133      | 52335      |
| Nascimentos   | 15-19            | 229        | 231        | 233        | 194        | 198        | 186        | 166        | 151        | 160        | 142        |
|   | 20-24            | 755        | 714        | 617        | 548        | 553        | 628        | 539        | 486        | 484        | 427        |
|   | 25-29            | 841        | 811        | 689        | 699        | 670        | 712        | 621        | 667        | 674        | 580        |
|   | 30-34            | 528        | 501        | 488        | 488        | 555        | 502        | 515        | 536        | 517        | 531        |
|   | 35-39            | 159        | 158        | 181        | 183        | 183        | 184        | 224        | 213        | 254        | 213        |
|   | 40-44            | 37         | 34         | 39         | 37         | 47         | 38         | 40         | 59         | 57         | 30         |
|   | 45-49            | 4          | 6          | 8          | 3          | 2          | 2          | 2          | 0          | 5          | 2          |
|   | 40 e mais        | 41         | 40         | 47         | 40         | 49         | 40         | 42         | 59         | 62         | 32         |
|   | TOTAL            | 2553       | 2455       | 2255       | 2152       | 2208       | 2252       | 2107       | 2112       | 2151       | 1925       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)   | 15-19            | 20,9       | 21,4       | 22,0       | 19,1       | 20,6       | 20,2       | 19,0       | 18,3       | 20,7       | 18,3       |
|   | 20-24            | 84,0       | 76,2       | 62,8       | 53,3       | 52,3       | 59,0       | 51,1       | 47,0       | 48,8       | 54,3       |
|   | 25-29            | 109,1      | 103,3      | 87,0       | 86,3       | 79,6       | 81,2       | 67,9       | 69,4       | 66,9       | 81,9       |
|   | 30-34            | 72,1       | 68,6       | 66,3       | 66,4       | 75,3       | 67,0       | 67,3       | 69,4       | 65,2       | 77,1       |
|   | 35-39            | 23,1       | 22,6       | 25,8       | 25,9       | 25,8       | 25,8       | 31,6       | 29,8       | 35,5       | 27,1       |
|   | 40-44            | 5,6        | 5,2        | 5,9        | 5,5        | 7,0        | 5,7        | 5,9        | 8,6        | 8,3        | 3,9        |
|   | 45-49            | 0,6        | 0,9        | 1,3        | 0,5        | 0,3        | 0,3        | 0,3        | 0,0        | 0,8        | 0,3        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>3,1</b> | <b>3,1</b> | <b>3,7</b> | <b>3,1</b> | <b>3,8</b> | <b>3,1</b> | <b>3,2</b> | <b>4,5</b> | <b>4,6</b> | <b>2,1</b> |
|   | TOTAL            | 46,5       | 44,5       | 40,6       | 38,6       | 39,4       | 40,0       | 37,5       | 37,5       | 38,3       | 36,8       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Viseu 1981-2001 |                  |             |             |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|-------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1981        | 1982        | 1983       | 1984       | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina  | 15-19            | 19656       | 19656       | 19656      | 19656      | 19656      | 19656      | 19656      | 19656      | 19656      | 19656      | 16871      |
|   | 20-24            | 15069       | 15069       | 15069      | 15069      | 15069      | 15069      | 15069      | 15069      | 15069      | 15069      | 13724      |
|   | 25-29            | 11805       | 11805       | 11805      | 11805      | 11805      | 11805      | 11805      | 11805      | 11805      | 11805      | 12760      |
|   | 30-34            | 10472       | 10472       | 10472      | 10472      | 10472      | 10472      | 10472      | 10472      | 10472      | 10472      | 12066      |
|   | 35-39            | 10928       | 10928       | 10928      | 10928      | 10928      | 10928      | 10928      | 10928      | 10928      | 10928      | 11522      |
|   | 40-44            | 11702       | 11702       | 11702      | 11702      | 11702      | 11702      | 11702      | 11702      | 11702      | 11702      | 11092      |
|   | 45-49            | 12556       | 12556       | 12556      | 12556      | 12556      | 12556      | 12556      | 12556      | 12556      | 12556      | 11201      |
|   | 40 e mais        | 24258       | 24258       | 24258      | 24258      | 24258      | 24258      | 24258      | 24258      | 24258      | 24258      | 22293      |
|   | TOTAL            | 92188       | 92188       | 92188      | 92188      | 92188      | 92188      | 92188      | 92188      | 92188      | 92188      | 89236      |
| Nados vivos   | 15-19            | 807         | 827         | 763        | 729        | 638        | 616        | 592        | 529        | 507        | 461        | 465        |
|   | 20-24            | 2609        | 2568        | 2420       | 2499       | 2321       | 2143       | 1994       | 1811       | 1635       | 1535       | 1363       |
|   | 25-29            | 1832        | 1748        | 1789       | 1710       | 1642       | 1589       | 1642       | 1528       | 1510       | 1447       | 1375       |
|   | 30-34            | 1044        | 1040        | 947        | 925        | 896        | 770        | 799        | 760        | 822        | 773        | 797        |
|   | 35-39            | 622         | 571         | 500        | 470        | 424        | 383        | 376        | 358        | 320        | 288        | 334        |
|   | 40-44            | 283         | 203         | 211        | 168        | 167        | 146        | 122        | 137        | 94         | 87         | 85         |
|   | 45-49            | 39          | 40          | 29         | 32         | 24         | 18         | 22         | 17         | 17         | 9          | 8          |
|   | 40 e mais        | 322         | 243         | 240        | 200        | 191        | 164        | 144        | 154        | 111        | 96         | 93         |
|   | TOTAL            | 7236        | 6997        | 6659       | 6533       | 6112       | 5665       | 5547       | 5140       | 4905       | 4600       | 4427       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                       | 15-19            | 41,1        | 42,1        | 38,8       | 37,1       | 32,5       | 31,3       | 30,1       | 26,9       | 25,8       | 23,5       | 27,6       |
|   | 20-24            | 173,1       | 170,4       | 160,6      | 165,8      | 154,0      | 142,2      | 132,3      | 120,2      | 108,5      | 101,9      | 99,3       |
|   | 25-29            | 155,2       | 148,1       | 151,5      | 144,9      | 139,1      | 134,6      | 139,1      | 129,4      | 127,9      | 122,6      | 107,8      |
|   | 30-34            | 99,7        | 99,3        | 90,4       | 88,3       | 85,6       | 73,5       | 76,3       | 72,6       | 78,5       | 73,8       | 66,1       |
|   | 35-39            | 56,9        | 52,3        | 45,8       | 43,0       | 38,8       | 35,0       | 34,4       | 32,8       | 29,3       | 26,4       | 29,0       |
|   | 40-44            | 24,2        | 17,3        | 18,0       | 14,4       | 14,3       | 12,5       | 10,4       | 11,7       | 8,0        | 7,4        | 7,7        |
|   | 45-49            | 3,1         | 3,2         | 2,3        | 2,5        | 1,9        | 1,4        | 1,8        | 1,4        | 1,4        | 0,7        | 0,7        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>13,3</b> | <b>10,0</b> | <b>9,9</b> | <b>8,2</b> | <b>7,9</b> | <b>6,8</b> | <b>5,9</b> | <b>6,3</b> | <b>4,6</b> | <b>4,0</b> | <b>4,2</b> |
|   | TOTAL            | 78,5        | 75,9        | 72,2       | 70,9       | 66,3       | 61,5       | 60,2       | 55,8       | 53,2       | 49,9       | 49,6       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Viseu 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|---|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|   |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina  | 15-19            | 17772      | 17623      | 17312      | 16972      | 16509      | 15986      | 15486      | 15030      | 14343      | 14168      |
|   | 20-24            | 15353      | 15917      | 16414      | 16958      | 17293      | 17387      | 17266      | 16647      | 16022      | 14383      |
|   | 25-29            | 13031      | 13072      | 13180      | 13368      | 13796      | 14269      | 14764      | 14936      | 15011      | 13208      |
|   | 30-34            | 12598      | 12621      | 12662      | 12548      | 12315      | 12186      | 12155      | 12541      | 12950      | 12579      |
|   | 35-39            | 11983      | 12195      | 12242      | 12345      | 12578      | 12557      | 12604      | 13050      | 13450      | 13746      |
|   | 40-44            | 11593      | 11441      | 11581      | 11848      | 11989      | 12206      | 12453      | 12495      | 12674      | 13183      |
|   | 45-49            | 11343      | 11440      | 11448      | 11303      | 11534      | 11658      | 11548      | 11734      | 12011      | 12310      |
|   | 40 e mais        | 22936      | 22881      | 23029      | 23151      | 23523      | 23864      | 24001      | 24229      | 24685      | 25493      |
|   | TOTAL            | 93673      | 94309      | 94839      | 95342      | 96014      | 96249      | 96276      | 96433      | 96461      | 93577      |
| Nascimentos   | 15-19            | 471        | 427        | 408        | 393        | 351        | 369        | 334        | 315        | 291        | 287        |
|   | 20-24            | 1318       | 1282       | 1210       | 1059       | 1124       | 1054       | 1054       | 1071       | 985        | 926        |
|   | 25-29            | 1396       | 1338       | 1342       | 1250       | 1211       | 1290       | 1272       | 1311       | 1355       | 1304       |
|   | 30-34            | 839        | 763        | 821        | 816        | 812        | 843        | 925        | 963        | 987        | 964        |
|   | 35-39            | 286        | 258        | 311        | 297        | 302        | 343        | 367        | 403        | 403        | 367        |
|   | 40-44            | 95         | 68         | 80         | 71         | 58         | 65         | 73         | 76         | 68         | 76         |
|   | 45-49            | 7          | 8          | 7          | 3          | 4          | 4          | 6          | 3          | 5          | 1          |
|   | 40 e mais        | 102        | 76         | 87         | 74         | 62         | 69         | 79         | 79         | 73         | 77         |
|   | TOTAL            | 4412       | 4144       | 4179       | 3889       | 3862       | 3968       | 4031       | 4142       | 4094       | 3925       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)                                       | 15-19            | 26,5       | 24,2       | 23,6       | 23,2       | 21,3       | 23,1       | 21,6       | 21,0       | 20,3       | 20,3       |
|   | 20-24            | 85,8       | 80,5       | 73,7       | 62,4       | 65,0       | 60,6       | 61,0       | 64,3       | 61,5       | 64,4       |
|   | 25-29            | 107,1      | 102,4      | 101,8      | 93,5       | 87,8       | 90,4       | 86,2       | 87,8       | 90,3       | 98,7       |
|   | 30-34            | 66,6       | 60,5       | 64,8       | 65,0       | 65,9       | 69,2       | 76,1       | 76,8       | 76,2       | 76,6       |
|   | 35-39            | 23,9       | 21,2       | 25,4       | 24,1       | 24,0       | 27,3       | 29,1       | 30,9       | 30,0       | 26,7       |
|   | 40-44            | 8,2        | 5,9        | 6,9        | 6,0        | 4,8        | 5,3        | 5,9        | 6,1        | 5,4        | 5,8        |
|   | 45-49            | 0,6        | 0,7        | 0,6        | 0,3        | 0,3        | 0,3        | 0,5        | 0,3        | 0,4        | 0,1        |
|   | <b>40 e mais</b> | <b>4,4</b> | <b>3,3</b> | <b>3,8</b> | <b>3,2</b> | <b>2,6</b> | <b>2,9</b> | <b>3,3</b> | <b>3,3</b> | <b>3,0</b> | <b>3,0</b> |
|   | TOTAL            | 47,1       | 43,9       | 44,1       | 40,8       | 40,2       | 41,2       | 41,9       | 43,0       | 42,4       | 41,9       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.



| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Região Autónoma dos Açores 1981-2001 |                  |             |             |             |             |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981        | 1982        | 1983        | 1984        | 1985       | 1986       | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 11416       | 11416       | 11416       | 11416       | 11416      | 11416      | 11416      | 11416      | 11416      | 11416      | 10642      |
|  | 20-24            | 9496        | 9496        | 9496        | 9496        | 9496       | 9496       | 9496       | 9496       | 9496       | 9496       | 9012       |
|  | 25-29            | 7477        | 7477        | 7477        | 7477        | 7477       | 7477       | 7477       | 7477       | 7477       | 7477       | 8909       |
|  | 30-34            | 6595        | 6595        | 6595        | 6595        | 6595       | 6595       | 6595       | 6595       | 6595       | 6595       | 8353       |
|  | 35-39            | 6062        | 6062        | 6062        | 6062        | 6062       | 6062       | 6062       | 6062       | 6062       | 6062       | 6964       |
|  | 40-44            | 5862        | 5862        | 5862        | 5862        | 5862       | 5862       | 5862       | 5862       | 5862       | 5862       | 6195       |
|  | 45-49            | 6410        | 6410        | 6410        | 6410        | 6410       | 6410       | 6410       | 6410       | 6410       | 6410       | 5670       |
|  | 40 e mais        | 12272       | 12272       | 12272       | 12272       | 12272      | 12272      | 12272      | 12272      | 12272      | 12272      | 11865      |
|  | TOTAL            | 53318       | 53318       | 53318       | 53318       | 53318      | 53318      | 53318      | 53318      | 53318      | 53318      | 55745      |
| Nados vivos  | 15-19            | 590         | 588         | 571         | 495         | 465        | 430        | 436        | 391        | 411        | 391        | 385        |
|  | 20-24            | 1777        | 1822        | 1770        | 1755        | 1674       | 1659       | 1530       | 1464       | 1293       | 1214       | 1158       |
|  | 25-29            | 1289        | 1264        | 1340        | 1381        | 1312       | 1354       | 1329       | 1314       | 1281       | 1282       | 1237       |
|  | 30-34            | 768         | 750         | 714         | 743         | 701        | 705        | 678        | 687        | 637        | 668        | 688        |
|  | 35-39            | 381         | 392         | 356         | 362         | 335        | 334        | 343        | 310        | 271        | 274        | 306        |
|  | 40-44            | 147         | 145         | 115         | 117         | 99         | 106        | 102        | 76         | 80         | 66         | 60         |
|  | 45-49            | 17          | 15          | 9           | 12          | 8          | 13         | 4          | 8          | 6          | 7          | 8          |
|  | 40 e mais        | 164         | 160         | 124         | 129         | 107        | 119        | 106        | 84         | 86         | 73         | 68         |
|  | TOTAL            | 4969        | 4976        | 4875        | 4865        | 4594       | 4601       | 4422       | 4250       | 3979       | 3902       | 3842       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 51,7        | 51,5        | 50,0        | 43,4        | 40,7       | 37,7       | 38,2       | 34,3       | 36,0       | 34,3       | 36,2       |
|  | 20-24            | 187,1       | 191,9       | 186,4       | 184,8       | 176,3      | 174,7      | 161,1      | 154,2      | 136,2      | 127,8      | 128,5      |
|  | 25-29            | 172,4       | 169,1       | 179,2       | 184,7       | 175,5      | 181,1      | 177,7      | 175,7      | 171,3      | 171,5      | 138,8      |
|  | 30-34            | 116,5       | 113,7       | 108,3       | 112,7       | 106,3      | 106,9      | 102,8      | 104,2      | 96,6       | 101,3      | 82,4       |
|  | 35-39            | 62,9        | 64,7        | 58,7        | 59,7        | 55,3       | 55,1       | 56,6       | 51,1       | 44,7       | 45,2       | 43,9       |
|  | 40-44            | 25,1        | 24,7        | 19,6        | 20,0        | 16,9       | 18,1       | 17,4       | 13,0       | 13,6       | 11,3       | 9,7        |
|  | 45-49            | 2,7         | 2,3         | 1,4         | 1,9         | 1,2        | 2,0        | 0,6        | 1,2        | 0,9        | 1,1        | 1,4        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>13,4</b> | <b>13,0</b> | <b>10,1</b> | <b>10,5</b> | <b>8,7</b> | <b>9,7</b> | <b>8,6</b> | <b>6,8</b> | <b>7,0</b> | <b>5,9</b> | <b>5,7</b> |
|  | TOTAL            | 93,2        | 93,3        | 91,4        | 91,2        | 86,2       | 86,3       | 82,9       | 79,7       | 74,6       | 73,2       | 68,9       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Região Autónoma dos Açores 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 10875      | 10766      | 10597      | 10565      | 10403      | 10247      | 10338      | 10341      | 10405      | 9876       |
|  | 20-24            | 9650       | 9716       | 9993       | 10070      | 10234      | 10303      | 10174      | 9947       | 9823       | 10123      |
|  | 25-29            | 10050      | 10041      | 9591       | 9321       | 9042       | 8725       | 8447       | 8411       | 8022       | 9548       |
|  | 30-34            | 9184       | 9504       | 9754       | 9737       | 9724       | 9627       | 9334       | 8674       | 8187       | 8580       |
|  | 35-39            | 6980       | 7316       | 7745       | 8342       | 8784       | 9161       | 9516       | 9840       | 9946       | 9000       |
|  | 40-44            | 6118       | 6107       | 6295       | 6257       | 6405       | 6862       | 7353       | 7915       | 8658       | 8178       |
|  | 45-49            | 5654       | 5737       | 5614       | 5747       | 5897       | 5953       | 6035       | 6280       | 6343       | 6812       |
|  | 40 e mais        | 11772      | 11844      | 11909      | 12004      | 12302      | 12815      | 13388      | 14195      | 15001      | 14990      |
|  | TOTAL            | 58511      | 59187      | 59589      | 60039      | 60489      | 60878      | 61197      | 61408      | 61384      | 62117      |
| Nascimentos  | 15-19            | 426        | 403        | 382        | 412        | 393        | 372        | 345        | 367        | 416        | 349        |
|  | 20-24            | 1060       | 1091       | 1082       | 1015       | 1041       | 997        | 1003       | 936        | 948        | 779        |
|  | 25-29            | 1088       | 1129       | 1124       | 1059       | 1036       | 1032       | 996        | 991        | 1092       | 955        |
|  | 30-34            | 768        | 727        | 701        | 658        | 729        | 735        | 715        | 691        | 662        | 688        |
|  | 35-39            | 255        | 277        | 294        | 284        | 280        | 300        | 324        | 309        | 280        | 287        |
|  | 40-44            | 70         | 68         | 69         | 57         | 72         | 62         | 51         | 62         | 62         | 64         |
|  | 45-49            | 6          | 4          | 2          | 5          | 3          | 2          | 5          | 6          | 2          | 7          |
|  | 40 e mais        | 76         | 72         | 71         | 62         | 75         | 64         | 56         | 68         | 64         | 71         |
|  | TOTAL            | 3673       | 3699       | 3654       | 3490       | 3554       | 3500       | 3439       | 3362       | 3462       | 3129       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 39,2       | 37,4       | 36,0       | 39,0       | 37,8       | 36,3       | 33,4       | 35,5       | 40,0       | 35,3       |
|  | 20-24            | 109,8      | 112,3      | 108,3      | 100,8      | 101,7      | 96,8       | 98,6       | 94,1       | 96,5       | 77,0       |
|  | 25-29            | 108,3      | 112,4      | 117,2      | 113,6      | 114,6      | 118,3      | 117,9      | 117,8      | 136,1      | 100,0      |
|  | 30-34            | 83,6       | 76,5       | 71,9       | 67,6       | 75,0       | 76,3       | 76,6       | 79,7       | 80,9       | 80,2       |
|  | 35-39            | 36,5       | 37,9       | 38,0       | 34,0       | 31,9       | 32,7       | 34,0       | 31,4       | 28,2       | 31,9       |
|  | 40-44            | 11,4       | 11,1       | 11,0       | 9,1        | 11,2       | 9,0        | 6,9        | 7,8        | 7,2        | 7,8        |
|  | 45-49            | 1,1        | 0,7        | 0,4        | 0,9        | 0,5        | 0,3        | 0,8        | 1,0        | 0,3        | 1,0        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>6,5</b> | <b>6,1</b> | <b>6,0</b> | <b>5,2</b> | <b>6,1</b> | <b>5,0</b> | <b>4,2</b> | <b>4,8</b> | <b>4,3</b> | <b>4,7</b> |
|  | TOTAL            | 62,8       | 62,5       | 61,3       | 58,1       | 58,8       | 57,5       | 56,2       | 54,7       | 56,4       | 50,4       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Região Autónoma da Madeira 1981-2001 |                  |             |             |             |             |             |             |            |            |            |            |            |
|--|------------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|-------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1981        | 1982        | 1983        | 1984        | 1985        | 1986        | 1987       | 1988       | 1989       | 1990       | 1991       |
| População Feminina   | 15-19            | 14846       | 14846       | 14846       | 14846       | 14846       | 14846       | 14846      | 14846      | 14846      | 14846      | 12606      |
|  | 20-24            | 11437       | 11437       | 11437       | 11437       | 11437       | 11437       | 11437      | 11437      | 11437      | 11437      | 11194      |
|  | 25-29            | 8512        | 8512        | 8512        | 8512        | 8512        | 8512        | 8512       | 8512       | 8512       | 8512       | 10864      |
|  | 30-34            | 7269        | 7269        | 7269        | 7269        | 7269        | 7269        | 7269       | 7269       | 7269       | 7269       | 9288       |
|  | 35-39            | 6906        | 6906        | 6906        | 6906        | 6906        | 6906        | 6906       | 6906       | 6906       | 6906       | 8361       |
|  | 40-44            | 7133        | 7133        | 7133        | 7133        | 7133        | 7133        | 7133       | 7133       | 7133       | 7133       | 7275       |
|  | 45-49            | 7715        | 7715        | 7715        | 7715        | 7715        | 7715        | 7715       | 7715       | 7715       | 7715       | 6755       |
|  | 40 e mais        | 14848       | 14848       | 14848       | 14848       | 14848       | 14848       | 14848      | 14848      | 14848      | 14848      | 14030      |
|  | TOTAL            | 63818       | 63818       | 63818       | 63818       | 63818       | 63818       | 63818      | 63818      | 63818      | 63818      | 66343      |
| Nados vivos  | 15-19            | 499         | 487         | 492         | 486         | 417         | 395         | 373        | 342        | 360        | 349        | 344        |
|  | 20-24            | 1410        | 1423        | 1358        | 1459        | 1386        | 1245        | 1192       | 1221       | 1060       | 1055       | 899        |
|  | 25-29            | 1196        | 1187        | 1144        | 1195        | 1084        | 1123        | 1065       | 1172       | 1135       | 1079       | 1130       |
|  | 30-34            | 678         | 712         | 665         | 726         | 692         | 700         | 688        | 695        | 693        | 692        | 695        |
|  | 35-39            | 399         | 401         | 387         | 412         | 384         | 321         | 362        | 312        | 311        | 292        | 299        |
|  | 40-44            | 213         | 171         | 161         | 139         | 148         | 146         | 124        | 120        | 99         | 72         | 86         |
|  | 45-49            | 23          | 35          | 16          | 16          | 12          | 18          | 16         | 8          | 14         | 8          | 6          |
|  | 40 e mais        | 236         | 206         | 177         | 155         | 160         | 164         | 140        | 128        | 113        | 80         | 92         |
|  | TOTAL            | 4418        | 4416        | 4223        | 4433        | 4123        | 3948        | 3820       | 3870       | 3672       | 3547       | 3459       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 33,6        | 32,8        | 33,1        | 32,7        | 28,1        | 26,6        | 25,1       | 23,0       | 24,2       | 23,5       | 27,3       |
|  | 20-24            | 123,3       | 124,4       | 118,7       | 127,6       | 121,2       | 108,9       | 104,2      | 106,8      | 92,7       | 92,2       | 80,3       |
|  | 25-29            | 140,5       | 139,5       | 134,4       | 140,4       | 127,3       | 131,9       | 125,1      | 137,7      | 133,3      | 126,8      | 104,0      |
|  | 30-34            | 93,3        | 98,0        | 91,5        | 99,9        | 95,2        | 96,3        | 94,6       | 95,6       | 95,3       | 95,2       | 74,8       |
|  | 35-39            | 57,8        | 58,1        | 56,0        | 59,7        | 55,6        | 46,5        | 52,4       | 45,2       | 45,0       | 42,3       | 35,8       |
|  | 40-44            | 29,9        | 24,0        | 22,6        | 19,5        | 20,7        | 20,5        | 17,4       | 16,8       | 13,9       | 10,1       | 11,8       |
|  | 45-49            | 3,0         | 4,5         | 2,1         | 2,1         | 1,6         | 2,3         | 2,1        | 1,0        | 1,8        | 1,0        | 0,9        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>15,9</b> | <b>13,9</b> | <b>11,9</b> | <b>10,4</b> | <b>10,8</b> | <b>11,0</b> | <b>9,4</b> | <b>8,6</b> | <b>7,6</b> | <b>5,4</b> | <b>6,6</b> |
|  | TOTAL            | 69,2        | 69,2        | 66,2        | 69,5        | 64,6        | 61,9        | 59,9       | 60,6       | 57,5       | 55,6       | 52,1       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

[Quadro 2.21]

| Taxas de fecundidade por grupos de idade<br>Região Autónoma da Madeira 1981-2001 |                  |            |            |            |            |            |            |            |            |            |            |
|--|------------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|
|  |                  | 1992       | 1993       | 1994       | 1995       | 1996       | 1997       | 1998       | 1999       | 2000       | 2001       |
| População Feminina   | 15-19            | 12295      | 11862      | 11420      | 11064      | 10725      | 10571      | 10513      | 10570      | 10599      | 9581       |
|  | 20-24            | 11523      | 11436      | 11590      | 11578      | 11628      | 11371      | 10944      | 10476      | 10060      | 9483       |
|  | 25-29            | 11662      | 11549      | 11083      | 10605      | 10181      | 9879       | 9485       | 9364       | 8959       | 9703       |
|  | 30-34            | 10138      | 10575      | 10861      | 10935      | 10881      | 10646      | 10272      | 9638       | 8978       | 9766       |
|  | 35-39            | 8056       | 8173       | 8460       | 8886       | 9375       | 9814       | 10312      | 10684      | 10896      | 10443      |
|  | 40-44            | 7222       | 7320       | 7530       | 7609       | 7776       | 7912       | 8189       | 8596       | 9172       | 8959       |
|  | 45-49            | 6501       | 6536       | 6572       | 6740       | 6828       | 6990       | 7199       | 7488       | 7650       | 7836       |
|  | 40 e mais        | 13723      | 13856      | 14102      | 14349      | 14604      | 14902      | 15388      | 16084      | 16822      | 16795      |
|  | TOTAL            | 67397      | 67451      | 67516      | 67417      | 67394      | 67183      | 66914      | 66816      | 66314      | 65771      |
| Nascimentos  | 15-19            | 311        | 322        | 310        | 281        | 295        | 336        | 273        | 292        | 260        | 288        |
|  | 20-24            | 904        | 876        | 806        | 688        | 664        | 710        | 706        | 705        | 659        | 604        |
|  | 25-29            | 1054       | 1051       | 1032       | 910        | 891        | 916        | 825        | 921        | 957        | 933        |
|  | 30-34            | 729        | 799        | 798        | 787        | 762        | 733        | 842        | 834        | 824        | 807        |
|  | 35-39            | 307        | 337        | 298        | 307        | 339        | 348        | 360        | 416        | 414        | 454        |
|  | 40-44            | 95         | 87         | 87         | 79         | 63         | 71         | 66         | 79         | 93         | 71         |
|  | 45-49            | 6          | 3          | 5          | 5          | 7          | 5          | 6          | 3          | 10         | 3          |
|  | 40 e mais        | 101        | 90         | 92         | 84         | 70         | 76         | 72         | 82         | 103        | 74         |
|  | TOTAL            | 3406       | 3475       | 3336       | 3057       | 3021       | 3119       | 3078       | 3250       | 3217       | 3160       |
| t <sub>x</sub><br>(‰)  | 15-19            | 25,3       | 27,1       | 27,1       | 25,4       | 27,5       | 31,8       | 26,0       | 27,6       | 24,5       | 30,1       |
|  | 20-24            | 78,5       | 76,6       | 69,5       | 59,4       | 57,1       | 62,4       | 64,5       | 67,3       | 65,5       | 63,7       |
|  | 25-29            | 90,4       | 91,0       | 93,1       | 85,8       | 87,5       | 92,7       | 87,0       | 98,4       | 106,8      | 96,2       |
|  | 30-34            | 71,9       | 75,6       | 73,5       | 72,0       | 70,0       | 68,9       | 82,0       | 86,5       | 91,8       | 82,6       |
|  | 35-39            | 38,1       | 41,2       | 35,2       | 34,5       | 36,2       | 35,5       | 34,9       | 38,9       | 38,0       | 43,5       |
|  | 40-44            | 13,2       | 11,9       | 11,6       | 10,4       | 8,1        | 9,0        | 8,1        | 9,2        | 10,1       | 7,9        |
|  | 45-49            | 0,9        | 0,5        | 0,8        | 0,7        | 1,0        | 0,7        | 0,8        | 0,4        | 1,3        | 0,4        |
|  | <b>40 e mais</b> | <b>7,4</b> | <b>6,5</b> | <b>6,5</b> | <b>5,9</b> | <b>4,8</b> | <b>5,1</b> | <b>4,7</b> | <b>5,1</b> | <b>6,1</b> | <b>4,4</b> |
|  | TOTAL            | 50,5       | 51,5       | 49,4       | 45,3       | 44,8       | 46,4       | 46,0       | 48,6       | 48,5       | 48,0       |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000.

## Taxas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos

## Distritos, 1981-2001

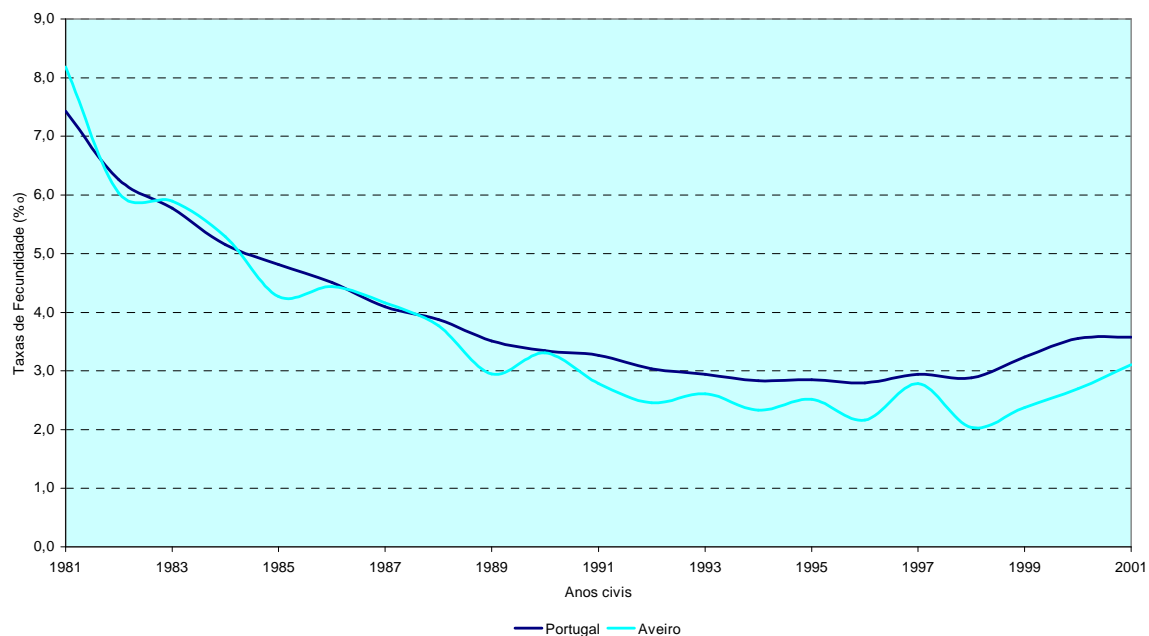
|               | 1981 | 1982 | 1983 | 1984 | 1985 | 1986 | 1987 | 1988 | 1989 | 1990 | 1991 | 1992 | 1993 | 1994 | 1995 | 1996 | 1997 | 1998 | 1999 | 2000 | 2001 |
|---------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
|               | ‰    |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
| Portugal      | 7,4  | 6,3  | 5,8  | 5,2  | 4,8  | 4,5  | 4,1  | 3,9  | 3,5  | 3,3  | 3,3  | 3,0  | 2,9  | 2,8  | 2,9  | 2,8  | 2,9  | 2,9  | 3,2  | 3,6  | 3,6  |
| Aveiro        | 8,2  | 6,0  | 5,9  | 5,3  | 4,3  | 4,4  | 4,2  | 3,8  | 2,9  | 3,3  | 2,8  | 2,5  | 2,6  | 2,3  | 2,5  | 2,2  | 2,8  | 2,0  | 2,4  | 2,7  | 3,1  |
| Beja          | 5,1  | 3,6  | 4,9  | 4,0  | 3,8  | 2,9  | 2,3  | 3,0  | 1,9  | 2,3  | 2,5  | 3,9  | 2,8  | 2,4  | 1,8  | 2,2  | 2,5  | 3,4  | 2,6  | 3,8  | 3,9  |
| Braga         | 16,9 | 14,7 | 12,9 | 10,1 | 9,3  | 8,3  | 7,7  | 7,5  | 5,8  | 5,3  | 4,8  | 3,7  | 3,6  | 3,7  | 3,1  | 3,2  | 2,7  | 2,9  | 3,1  | 3,4  | 3,5  |
| Bragança      | 9,6  | 11,1 | 8,3  | 7,5  | 6,4  | 5,9  | 4,3  | 4,7  | 4,4  | 3,4  | 2,7  | 4,3  | 3,3  | 2,8  | 3,3  | 2,9  | 2,9  | 3,1  | 3,2  | 3,3  | 2,8  |
| C. Branco     | 5,3  | 4,4  | 4,3  | 3,6  | 2,9  | 3,2  | 3,0  | 2,5  | 1,9  | 1,9  | 1,7  | 2,3  | 1,8  | 1,5  | 1,9  | 1,4  | 2,5  | 2,0  | 1,7  | 2,1  | 1,9  |
| Coimbra       | 5,4  | 3,9  | 3,7  | 3,0  | 2,4  | 2,4  | 1,9  | 2,4  | 2,3  | 2,1  | 2,3  | 1,8  | 1,8  | 2,2  | 2,2  | 2,0  | 1,9  | 2,3  | 2,1  | 2,4  | 2,5  |
| Évora         | 3,0  | 3,4  | 3,2  | 2,4  | 3,3  | 1,9  | 2,2  | 1,9  | 1,5  | 1,2  | 2,1  | 1,6  | 2,2  | 1,8  | 1,8  | 1,9  | 1,8  | 2,3  | 2,4  | 2,8  | 3,1  |
| Faro          | 4,3  | 4,1  | 3,3  | 3,2  | 3,2  | 3,5  | 3,5  | 3,6  | 3,4  | 2,9  | 3,4  | 3,1  | 3,1  | 2,8  | 3,3  | 2,6  | 3,0  | 3,3  | 3,2  | 3,7  | 4,3  |
| Guarda        | 7,9  | 8,5  | 7,5  | 5,3  | 4,2  | 4,1  | 3,9  | 3,6  | 3,4  | 2,9  | 3,7  | 3,5  | 2,6  | 2,4  | 2,3  | 2,1  | 1,9  | 2,4  | 2,1  | 3,0  | 2,9  |
| Leiria        | 4,8  | 4,3  | 4,6  | 4,3  | 3,7  | 3,5  | 3,0  | 3,2  | 2,3  | 2,4  | 2,4  | 2,3  | 2,9  | 2,3  | 2,6  | 2,1  | 2,8  | 2,5  | 2,8  | 3,1  | 3,2  |
| Lisboa        | 4,3  | 3,5  | 3,3  | 3,5  | 3,2  | 2,9  | 3,1  | 2,8  | 2,8  | 2,8  | 2,9  | 2,8  | 2,5  | 2,6  | 2,8  | 3,1  | 3,4  | 3,1  | 3,8  | 4,5  | 4,5  |
| Portalegre    | 4,0  | 5,3  | 3,9  | 3,1  | 3,1  | 3,8  | 2,5  | 2,2  | 2,4  | 1,4  | 2,1  | 0,7  | 3,7  | 2,3  | 2,6  | 3,3  | 1,3  | 3,2  | 2,3  | 5,0  | 2,3  |
| Porto         | 8,5  | 7,2  | 6,5  | 5,8  | 5,8  | 5,5  | 4,9  | 4,4  | 4,5  | 4,3  | 4,0  | 3,4  | 3,1  | 2,7  | 3,1  | 2,9  | 3,0  | 2,9  | 3,4  | 3,2  | 3,3  |
| Santarém      | 4,4  | 3,6  | 3,6  | 2,9  | 3,1  | 2,5  | 2,3  | 2,1  | 2,1  | 2,1  | 1,9  | 2,0  | 2,7  | 2,3  | 1,6  | 2,1  | 2,0  | 2,1  | 2,9  | 2,5  | 3,4  |
| Setúbal       | 4,3  | 3,1  | 2,8  | 3,2  | 3,3  | 3,2  | 2,9  | 3,3  | 3,3  | 3,7  | 2,4  | 2,5  | 2,5  | 2,9  | 2,6  | 2,5  | 2,7  | 2,7  | 3,5  | 3,8  | 3,9  |
| V. Castelo    | 11,9 | 9,3  | 10,4 | 7,6  | 7,8  | 6,3  | 5,1  | 3,7  | 4,0  | 3,7  | 3,4  | 2,6  | 3,5  | 2,2  | 2,9  | 2,2  | 2,8  | 3,4  | 1,9  | 2,9  | 2,7  |
| Vila Real     | 14,5 | 12,0 | 11,5 | 9,9  | 8,2  | 8,3  | 5,8  | 5,5  | 4,4  | 4,1  | 4,3  | 3,1  | 3,1  | 3,7  | 3,1  | 3,8  | 3,1  | 3,2  | 4,5  | 4,6  | 2,1  |
| Viseu         | 13,3 | 10,0 | 9,9  | 8,2  | 7,9  | 6,8  | 5,9  | 6,3  | 4,6  | 4,0  | 4,2  | 4,4  | 3,3  | 3,8  | 3,2  | 2,6  | 2,9  | 3,3  | 3,3  | 3,0  | 3,0  |
| R. A. Açores  | 13,4 | 13,0 | 10,1 | 10,5 | 8,7  | 9,7  | 8,6  | 6,8  | 7,0  | 5,9  | 5,7  | 6,5  | 6,1  | 6,0  | 5,2  | 6,1  | 5,0  | 4,2  | 4,8  | 4,3  | 4,7  |
| R. A. Madeira | 15,9 | 13,9 | 11,9 | 10,4 | 10,8 | 11,0 | 9,4  | 8,6  | 7,6  | 5,4  | 6,6  | 7,4  | 6,5  | 6,5  | 5,9  | 4,8  | 5,1  | 4,7  | 5,1  | 6,1  | 4,4  |

**Fonte:** Cálculos próprios (Quadros 2.1-2.21) com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Taxas específicas de fecundidade em mulheres de 40 e mais anos, 1981-2001

### Aveiro

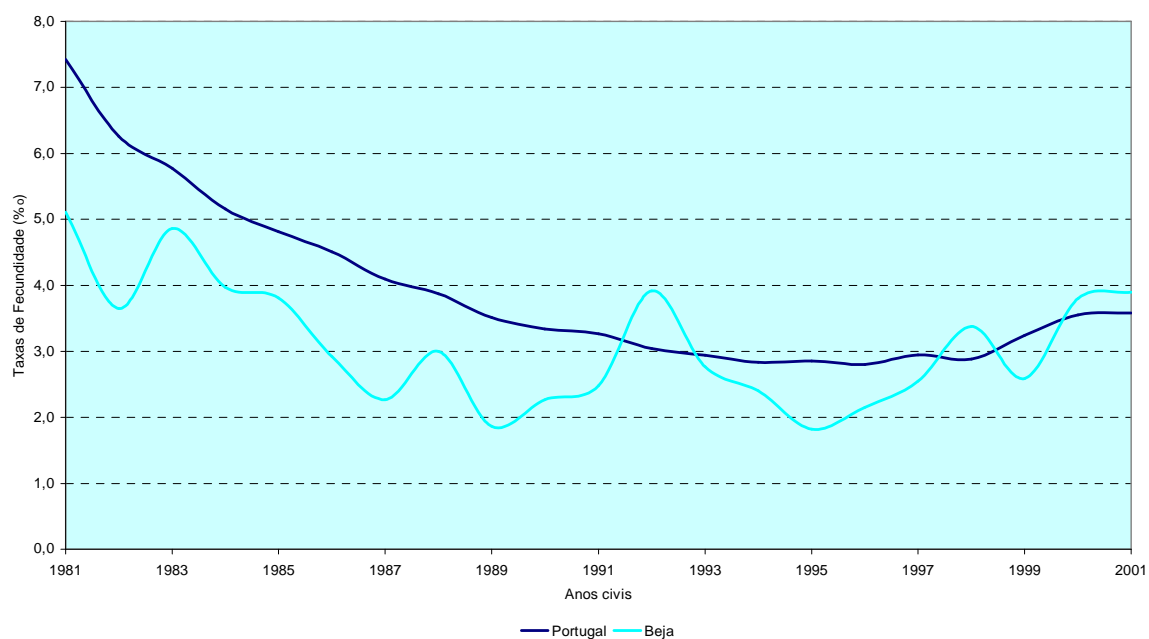
[Gráfico 2.2]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

### Beja

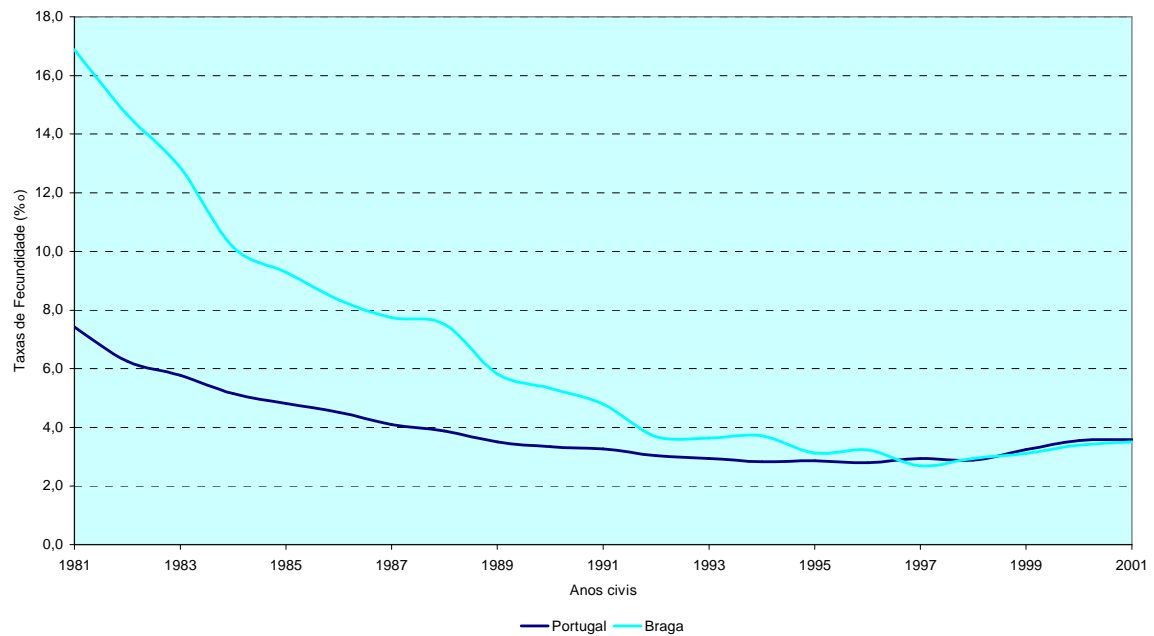
[Gráfico 2.3]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Braga

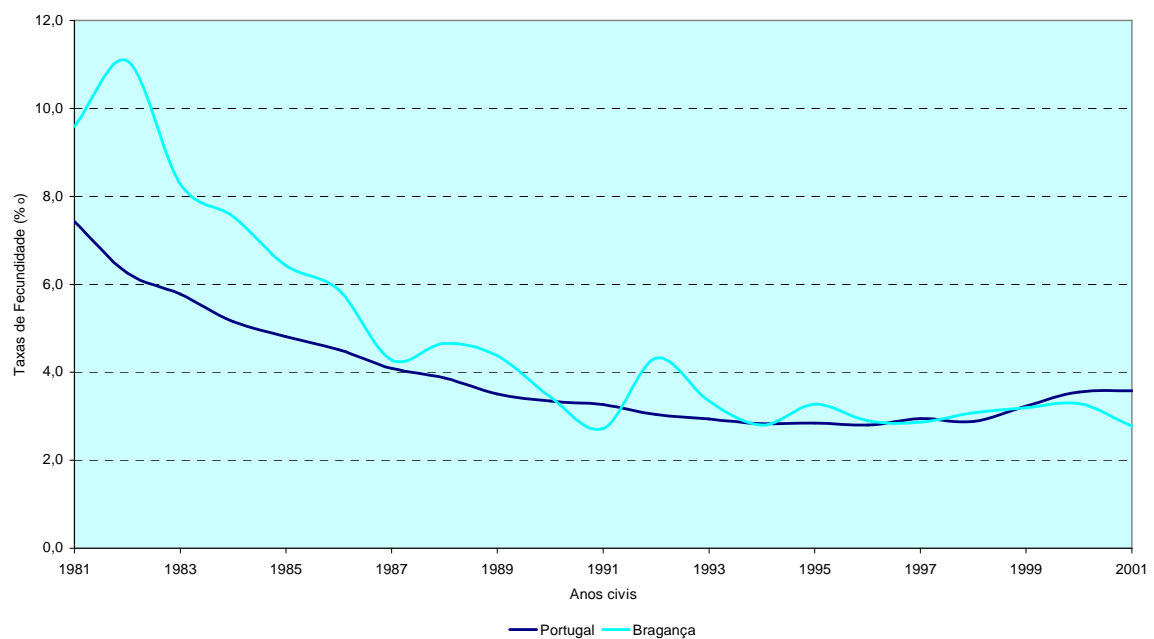
[Gráfico 2.4]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Bragança

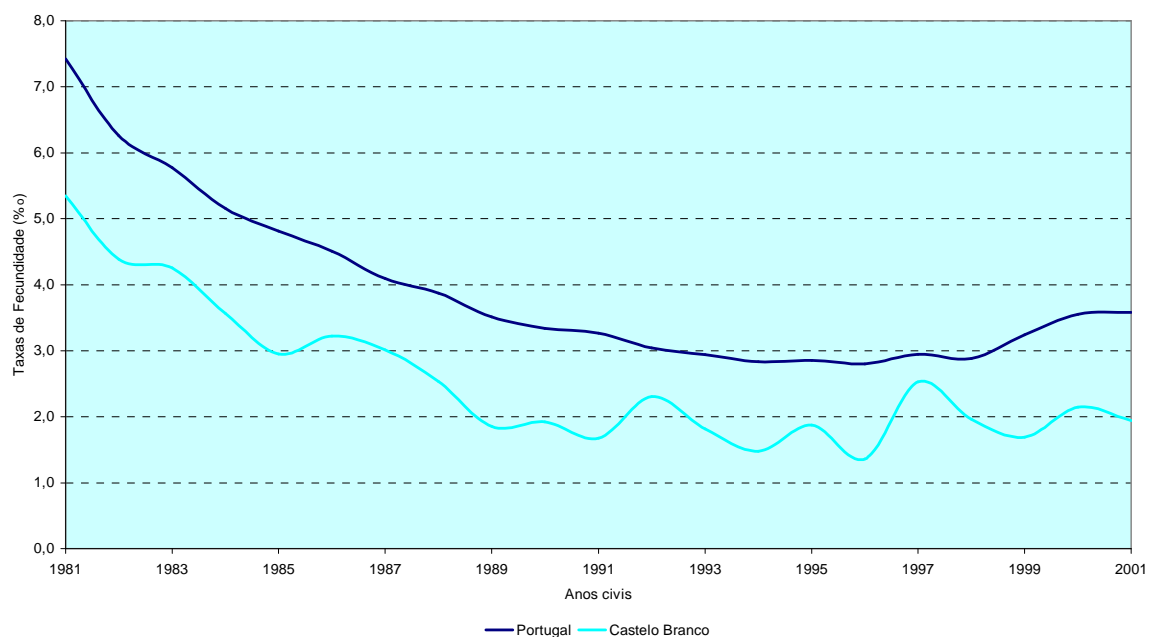
[Gráfico 2.5]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Castelo Branco

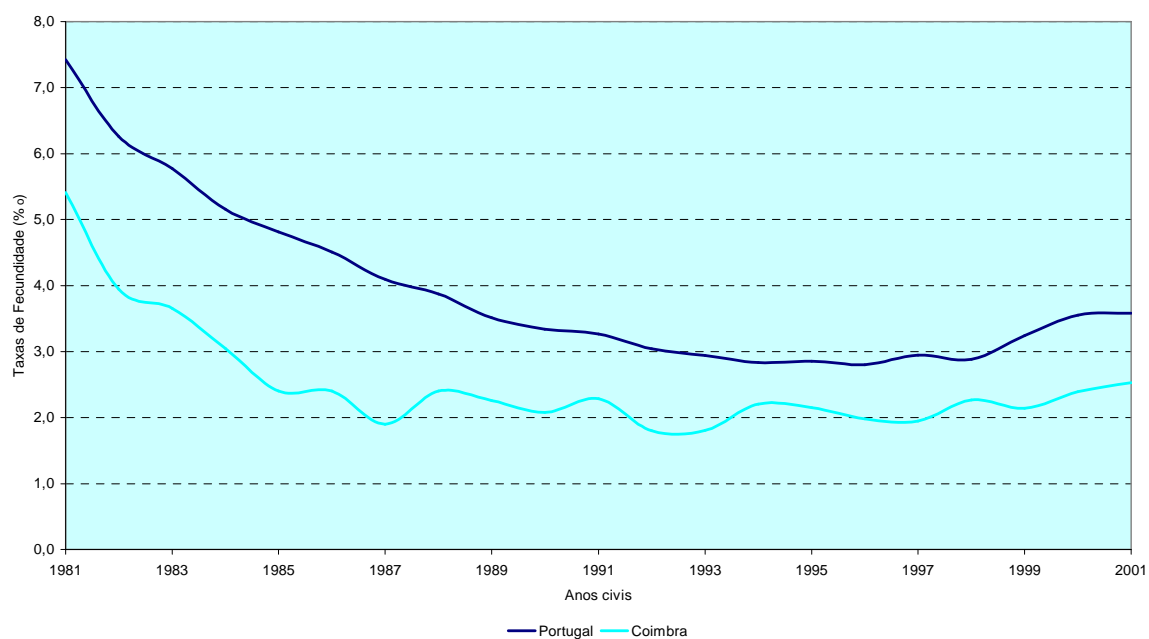
[Gráfico 2.6]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Coimbra

[Gráfico 2.7]

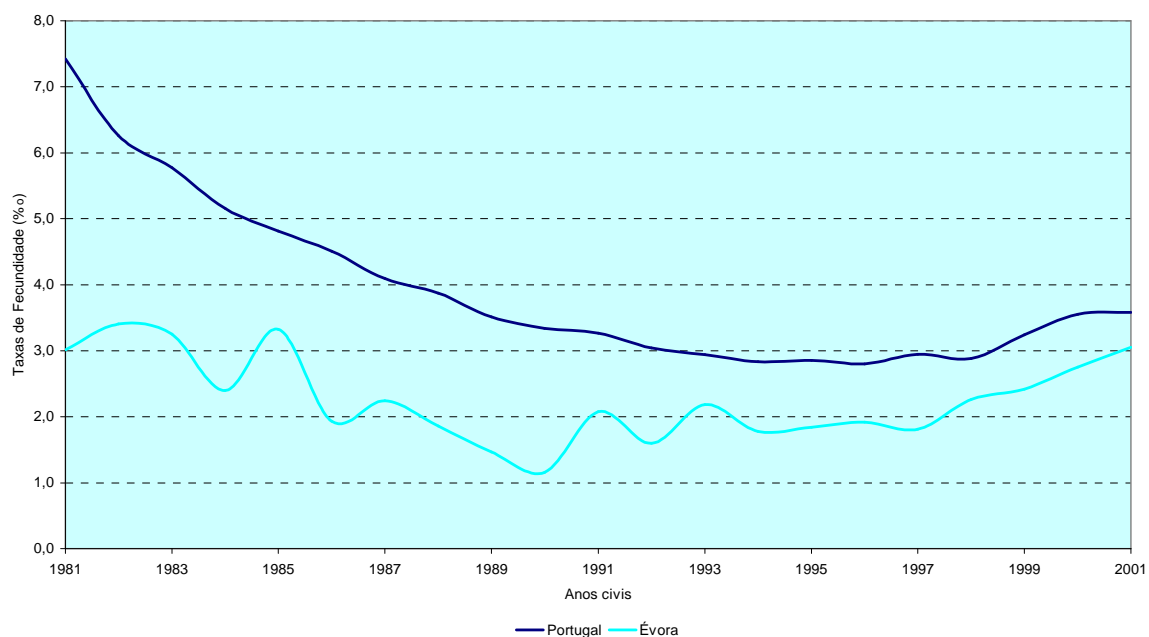


**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.



## Évora

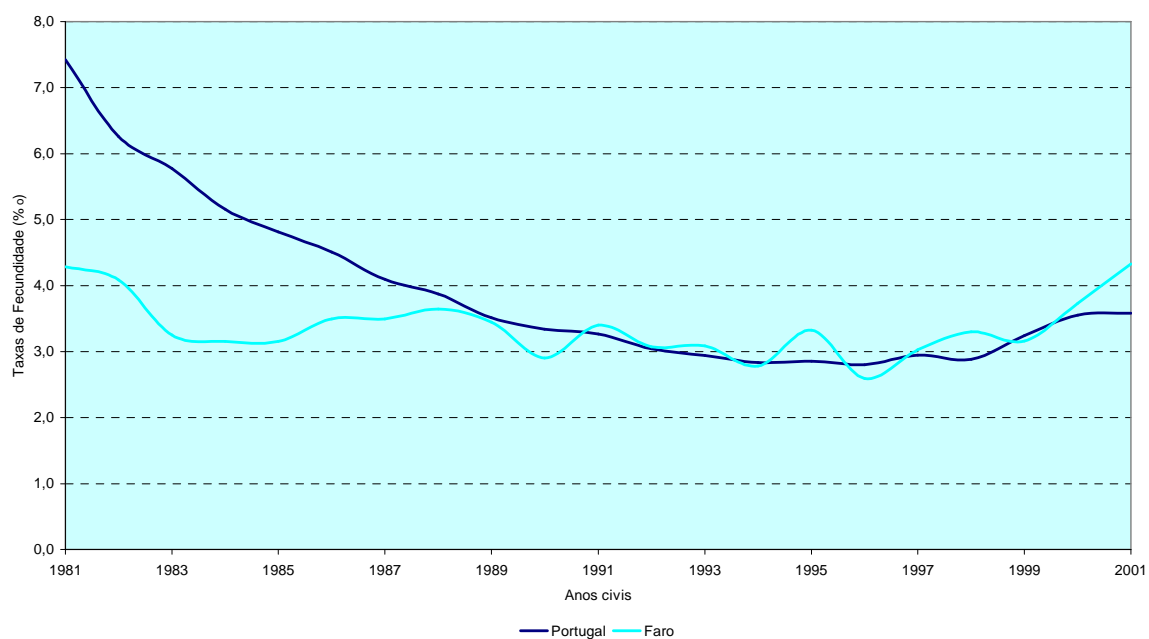
[Gráfico 2.8]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Faro

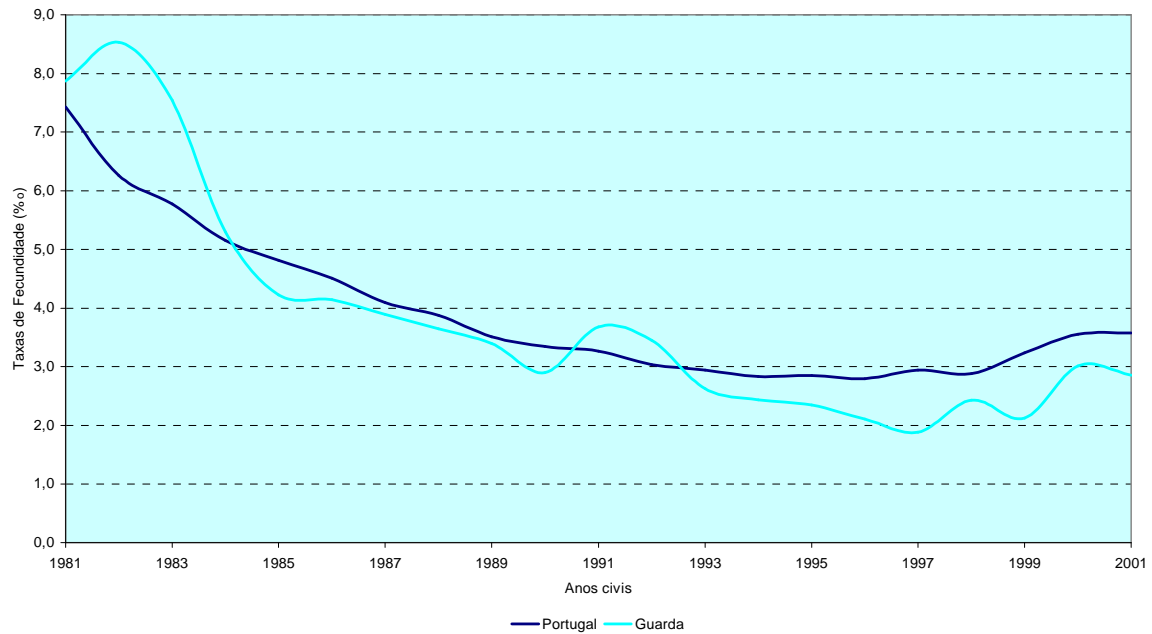
[Gráfico 2.9]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Guarda

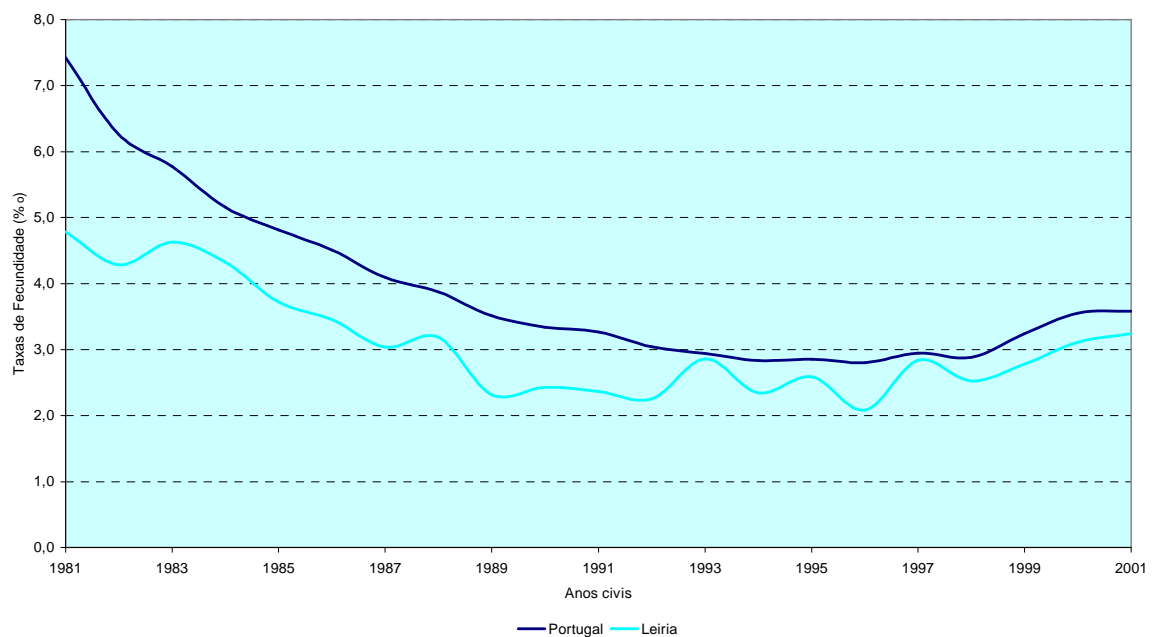
[Gráfico 2.10]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Leiria

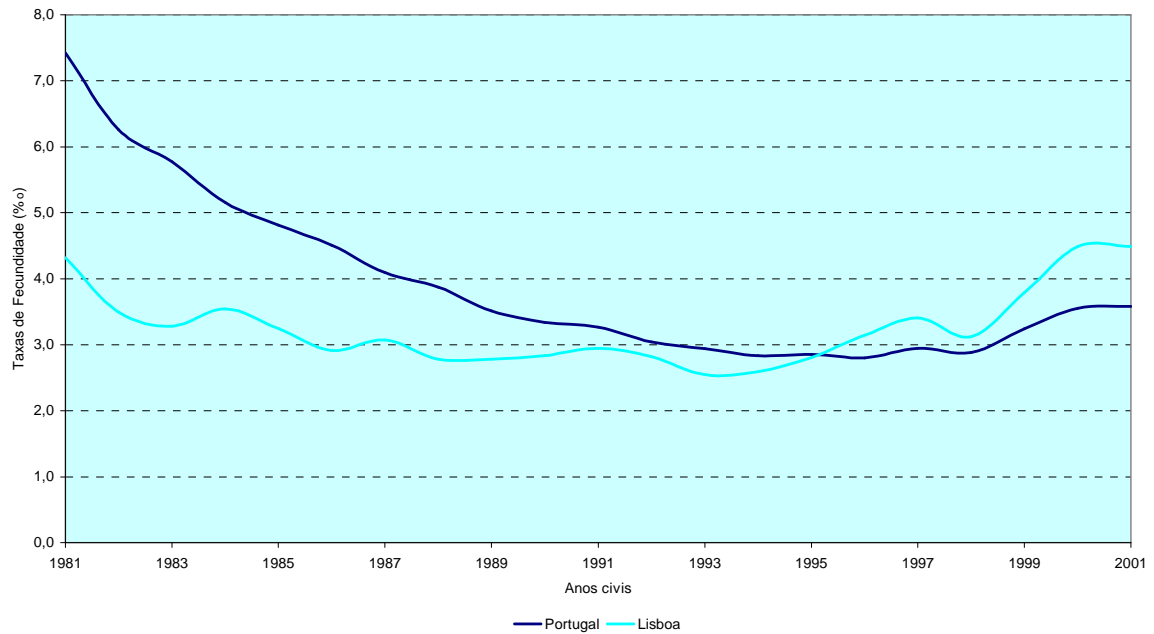
[Gráfico 2.11]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Lisboa

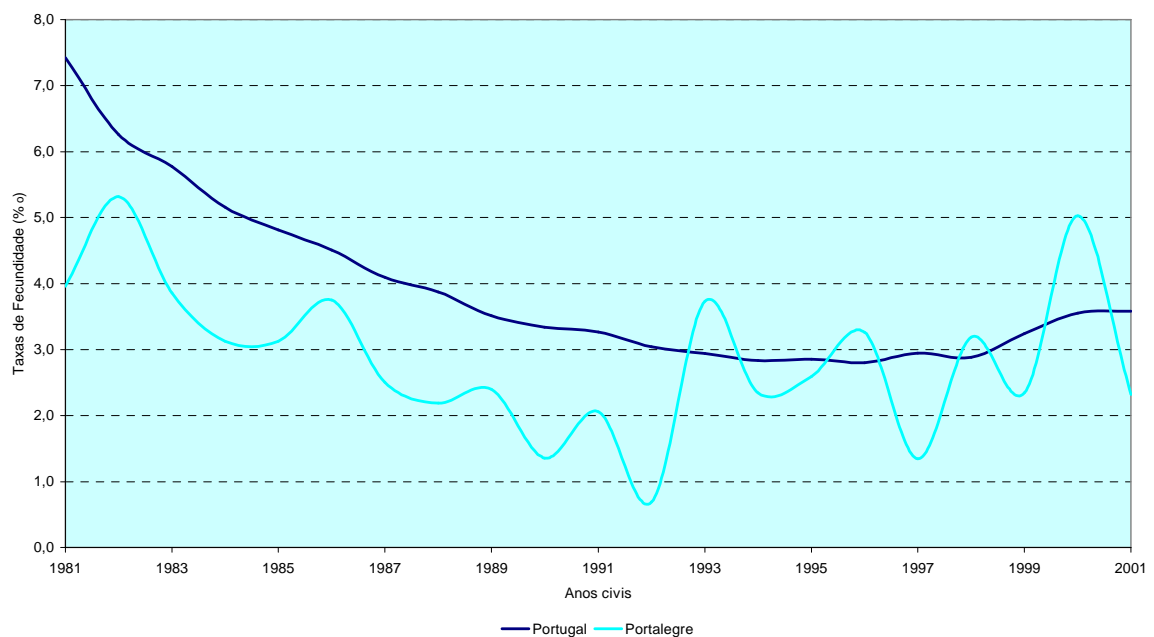
[Gráfico 2.12]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Portalegre

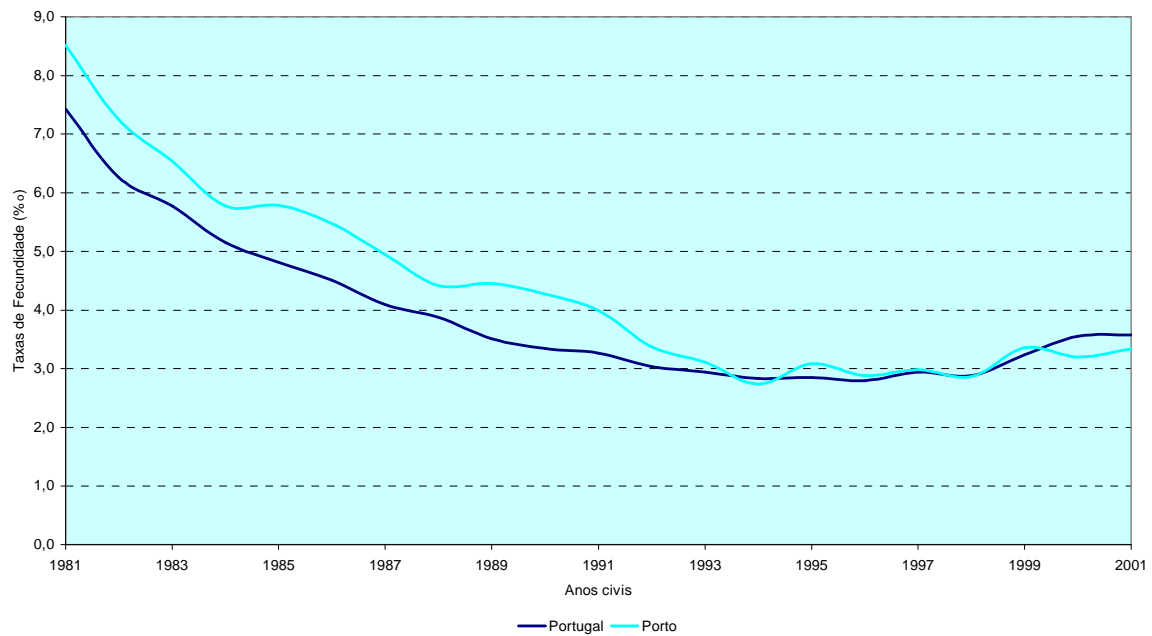
[Gráfico 2.13]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Porto

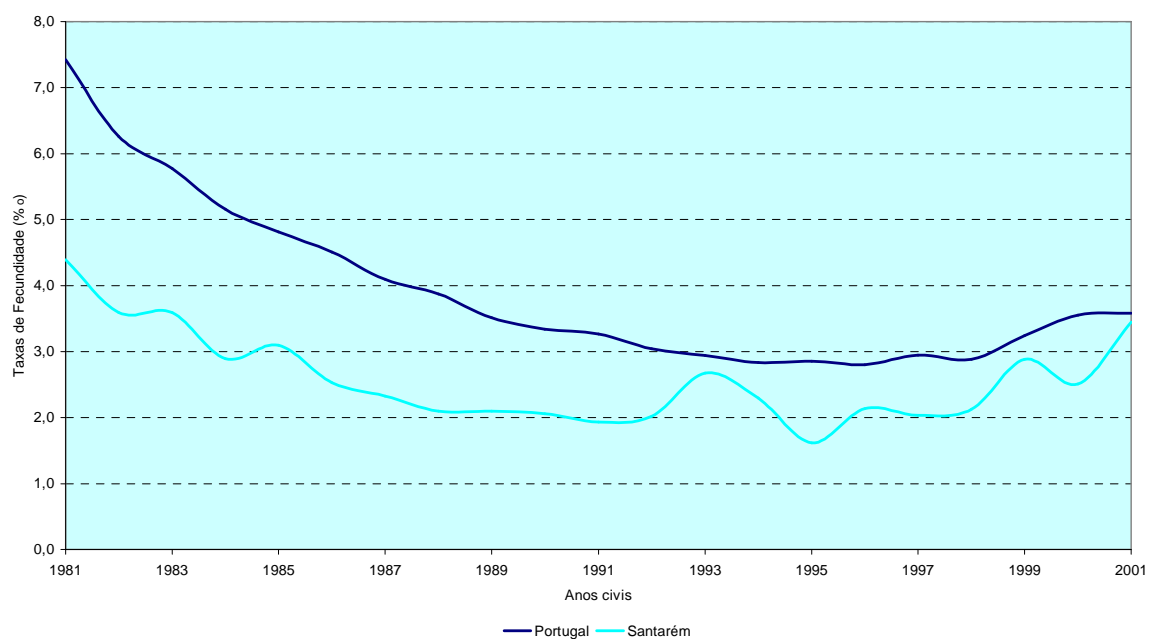
[Gráfico 2.14]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Santarém

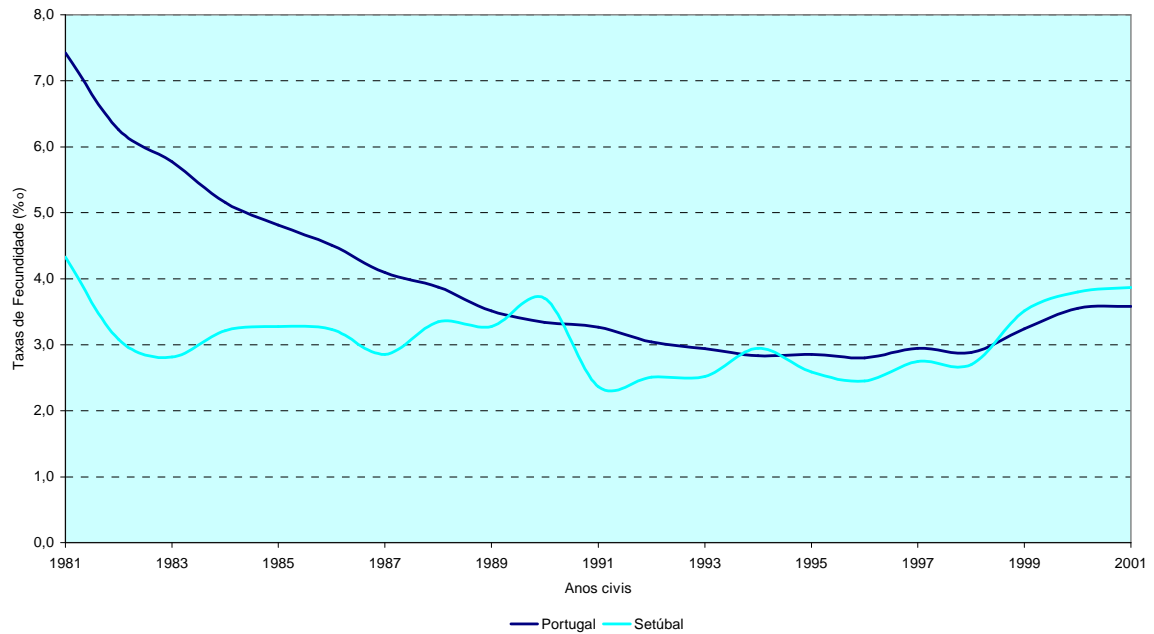
[Gráfico 2.15]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Setúbal

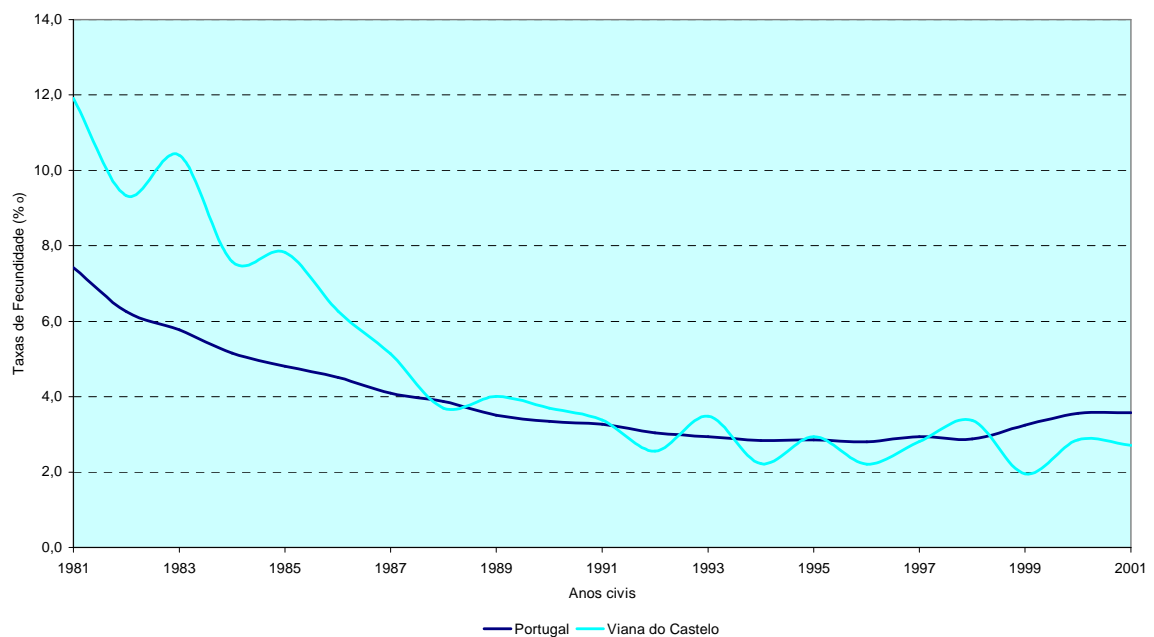
[Gráfico 2.16]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Viana do Castelo

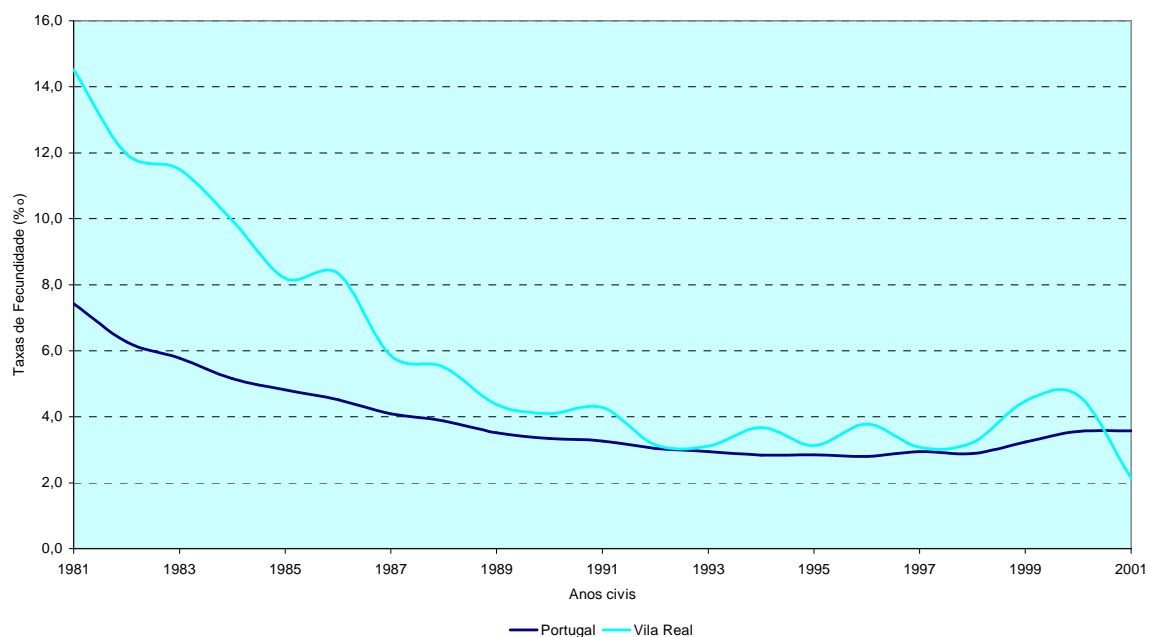
[Gráfico 2.17]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001, Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001 e Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Vila Real

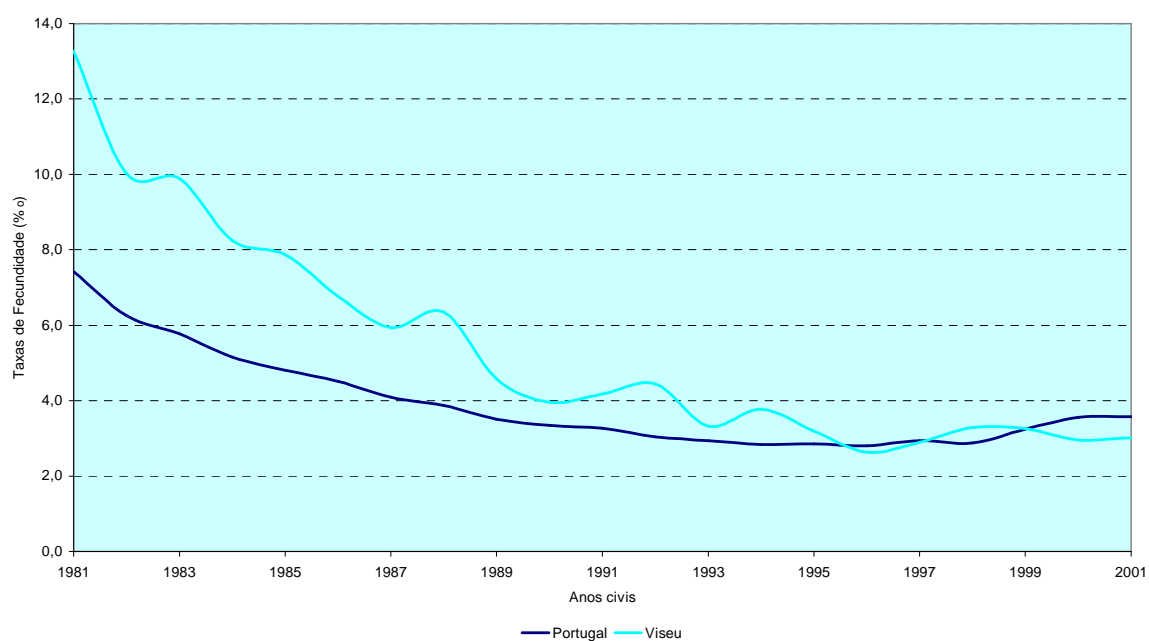
[Gráfico 2.18]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Viseu

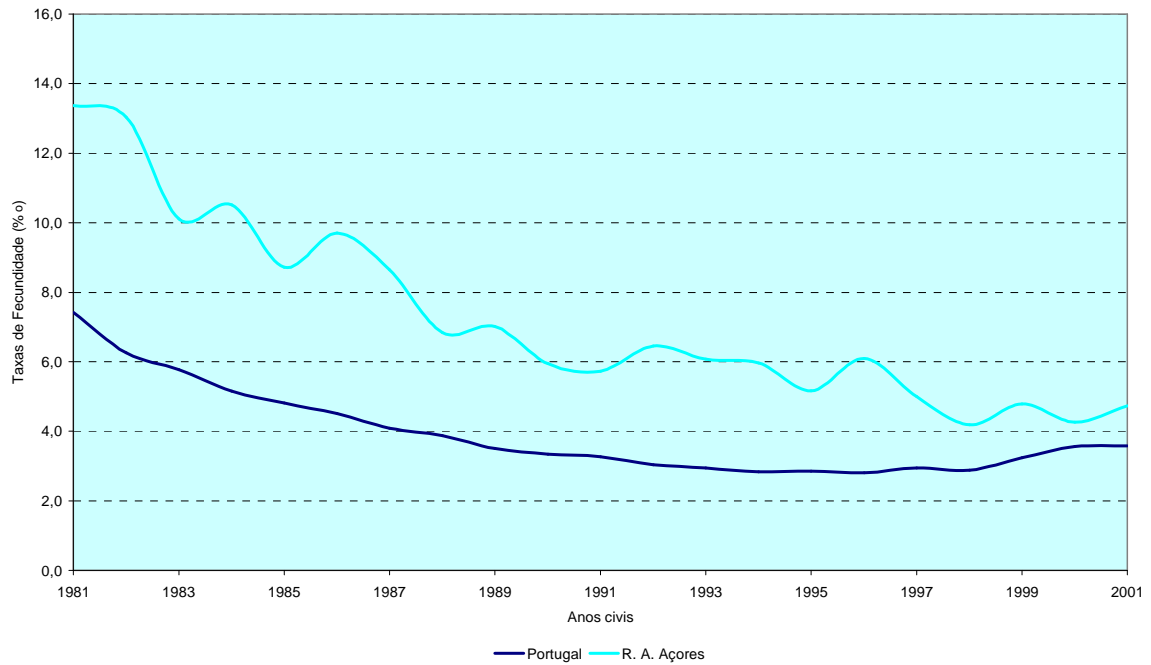
[Gráfico 2.19]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Região Autónoma dos Açores

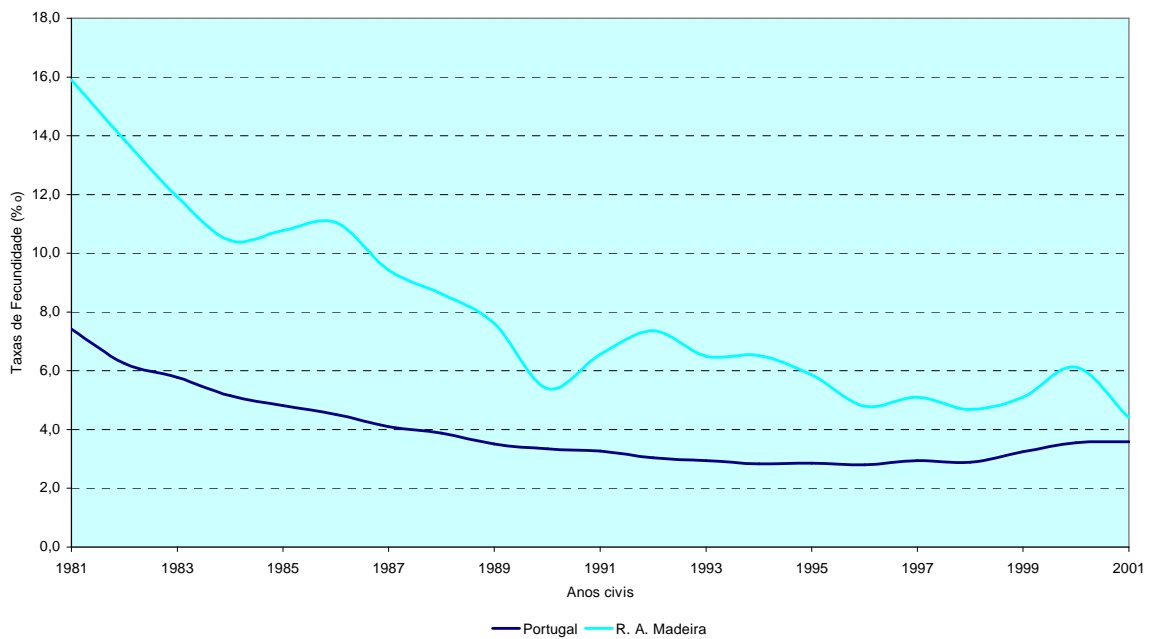
[Gráfico 2.20]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Região Autónoma da Madeira

[Gráfico 2.21]



**Fonte:** Cálculos próprios (Quadro 2.22), com base no INE, *Estatísticas Demográficas 1981-2001*, *Recenseamento Geral da População 1981, 1991 e 2001* e *Estimativas Intercensitárias da População Residente 1992-2000*.

## Taxas de fecundidade por grupos de idade da mãe, NUTS II - 2001

[Quadro 3.1]

| Área geográfica de residência da mãe |               | Total   | De 15 a 19 | De 20 a 24 | De 25 a 29 | De 30 a 34 | De 35 a 39 | De 40 a 44 | De 45 a 49 | De 40 e mais anos |
|--------------------------------------|---------------|---------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|------------|-------------------|
| Portugal                             | Nados Vivos   | 112768  | 6873       | 21726      | 37570      | 30852      | 13157      | 2441       | 149        | <b>2590</b>       |
|                                      | Pop. Feminina | 2631330 | 337264     | 390814     | 405418     | 382094     | 391998     | 370990     | 352752     | <b>723742</b>     |
|                                      | ‰             | 42,86   | 20,38      | 55,59      | 92,67      | 80,74      | 33,56      | 6,58       | 0,42       | <b>3,58</b>       |
| Norte                                | Nados Vivos   | 41471   | 2353       | 8474       | 14013      | 11187      | 4605       | 795        | 44         | <b>839</b>        |
|                                      | Pop. Feminina | 984656  | 130673     | 144764     | 151468     | 145352     | 149378     | 136762     | 126259     | <b>263021</b>     |
|                                      | ‰             | 42,12   | 18,01      | 58,54      | 92,51      | 76,96      | 30,83      | 5,81       | 0,35       | <b>3,19</b>       |
| Centro                               | Nados Vivos   | 16778   | 972        | 3274       | 5581       | 4667       | 1934       | 331        | 19         | <b>350</b>        |
|                                      | Pop. Feminina | 429813  | 57204      | 63914      | 63231      | 60944      | 64201      | 61939      | 58380      | <b>120319</b>     |
|                                      | ‰             | 39,04   | 16,99      | 51,23      | 88,26      | 76,58      | 30,12      | 5,34       | 0,33       | <b>2,91</b>       |
| LVT                                  | Nados Vivos   | 39643   | 2249       | 6835       | 13323      | 11315      | 4891       | 966        | 64         | <b>1030</b>       |
|                                      | Pop. Feminina | 875514  | 102217     | 131222     | 140431     | 127190     | 127053     | 123671     | 123730     | <b>247401</b>     |
|                                      | ‰             | 45,28   | 22,00      | 52,09      | 94,87      | 88,96      | 38,50      | 7,81       | 0,52       | <b>4,16</b>       |
| Alentejo                             | Nados Vivos   | 4423    | 380        | 946        | 1400       | 1118       | 471        | 104        | 4          | <b>108</b>        |
|                                      | Pop. Feminina | 117985  | 15892      | 17693      | 16515      | 16341      | 17594      | 17562      | 16388      | <b>33950</b>      |
|                                      | ‰             | 37,49   | 23,91      | 53,47      | 84,77      | 68,42      | 26,77      | 5,92       | 0,24       | <b>3,18</b>       |
| Algarve                              | Nados Vivos   | 4164    | 282        | 814        | 1365       | 1070       | 515        | 110        | 8          | <b>118</b>        |
|                                      | Pop. Feminina | 95474   | 11821      | 13615      | 14522      | 13921      | 14329      | 13919      | 13347      | <b>27266</b>      |
|                                      | ‰             | 43,61   | 23,86      | 59,79      | 94,00      | 76,86      | 35,94      | 7,90       | 0,60       | <b>4,33</b>       |
| RA Açores                            | Nados Vivos   | 3129    | 349        | 779        | 955        | 688        | 287        | 64         | 7          | <b>71</b>         |
|                                      | Pop. Feminina | 62117   | 9876       | 10123      | 9548       | 8580       | 9000       | 8178       | 6812       | <b>14990</b>      |
|                                      | ‰             | 50,37   | 35,34      | 76,95      | 100,02     | 80,19      | 31,89      | 7,83       | 1,03       | <b>4,74</b>       |
| RA Madeira                           | Nados Vivos   | 3160    | 288        | 604        | 933        | 807        | 454        | 71         | 3          | <b>74</b>         |
|                                      | Pop. Feminina | 65771   | 9581       | 9483       | 9703       | 9766       | 10443      | 8959       | 7836       | <b>16795</b>      |
|                                      | ‰             | 48,05   | 30,06      | 63,69      | 96,16      | 82,63      | 43,47      | 7,92       | 0,38       | <b>4,41</b>       |

**Fonte:** INE, *Estatísticas Demográficas 2001 e Recenseamento Geral da População 2001*.

## Nados vivos em mães de 40 e mais anos por idade da mãe, Portugal - 2001

[Quadro 3.2]

|              | Ano de Nascimento da mãe |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      |
|--------------|--------------------------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|------|
|              | 1948                     | 1951 | 1952 | 1953 | 1954 | 1955 | 1956 | 1957 | 1958 | 1959 | 1960 | 1961 |
| Idade        | 53                       | 50   | 49   | 48   | 47   | 46   | 45   | 44   | 43   | 42   | 41   | 40   |
| Nados vivos  | 2                        | 3    | 12   | 12   | 21   | 54   | 100  | 168  | 321  | 495  | 838  | 564  |
| Total        |                          |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      | 2590 |
| Média        |                          |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      | 41,8 |
| Valor máximo |                          |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      | 53   |
| Valor mínimo |                          |      |      |      |      |      |      |      |      |      |      | 40   |

**Fonte:** INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP).



## Taxas de fecundidade, por grau de instrução, em mulheres de 40 e mais anos, NUTS II – 2001

[Quadro 4.I]

| Área geográfica de residência da mãe | Escalão etário da mãe | Grau de Instrução da Mãe |                     |               |                   |                 |          |
|--------------------------------------|-----------------------|--------------------------|---------------------|---------------|-------------------|-----------------|----------|
|                                      |                       | Total                    | Sem Nível de Ensino | Ensino Básico | Ensino Secundário | Ensino Superior | Ignorada |
| Portugal                             | 15-49                 | 2631330                  | 360238              | 1410499       | 539707            | 320886          | 0        |
|                                      | Nados Vivos           | 112825                   | 1575                | 66923         | 24086             | 20235           | 6        |
|                                      | %                     | 42,88                    | 4,37                | 47,45         | 44,63             | 63,06           | -        |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | 723742                   | 99253               | 460318        | 81265             | 82906           | 0        |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | 2592                     | 86                  | 1589          | 400               | 517             | 0        |
|                                      | %                     | 3,58                     | 0,87                | 3,45          | 4,92              | 6,24            | -        |
| Norte                                | 15-49                 | 984656                   | 135893              | 588193        | 165153            | 95417           | 0        |
|                                      | Nados Vivos           | 41537                    | 520                 | 28569         | 6662              | 5783            | 3        |
|                                      | %                     | 42,18                    | 3,83                | 48,57         | 40,34             | 60,61           | -        |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | 263021                   | 36009               | 181408        | 20805             | 24799           | 0        |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | 840                      | 22                  | 601           | 91                | 126             | 0        |
|                                      | %                     | 3,19                     | 0,61                | 3,31          | 4,37              | 5,08            | -        |
| Centro                               | 15-49                 | 429813                   | 57727               | 240794        | 81889             | 49403           | 0        |
|                                      | Nados Vivos           | 16815                    | 216                 | 9908          | 3472              | 3219            | 0        |
|                                      | %                     | 39,12                    | 3,74                | 41,15         | 42,40             | 65,16           | -        |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | 120319                   | 15953               | 81244         | 10397             | 12725           | 0        |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | 349                      | 9                   | 225           | 49                | 66              | 0        |
|                                      | %                     | 2,90                     | 0,56                | 2,77          | 4,71              | 5,19            | -        |
| Lisboa e Vale do Tejo                | 15-49                 | 875514                   | 110444              | 398424        | 224620            | 142026          | 0        |
|                                      | Nados Vivos           | 39683                    | 513                 | 19265         | 10742             | 9162            | 1        |
|                                      | %                     | 45,33                    | 4,64                | 48,35         | 47,82             | 64,51           | -        |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | 247401                   | 33302               | 138229        | 39454             | 36416           | 0        |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | 1035                     | 36                  | 514           | 208               | 277             | 0        |
|                                      | %                     | 4,18                     | 1,08                | 3,72          | 5,27              | 7,61            | -        |
| Alentejo                             | 15-49                 | 117985                   | 17707               | 63610         | 24708             | 11960           | 0        |
|                                      | Nados Vivos           | 4403                     | 166                 | 2513          | 1014              | 708             | 2        |
|                                      | %                     | 37,32                    | 9,37                | 39,51         | 41,04             | 59,20           | -        |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | 33950                    | 4817                | 22071         | 3734              | 3328            | 0        |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | 108                      | 8                   | 66            | 16                | 18              | 0        |
|                                      | %                     | 3,18                     | 1,66                | 2,99          | 4,28              | 5,41            | -        |
| Algarve                              | 15-49                 | 95474                    | 14245               | 48351         | 22540             | 10338           | 0        |
|                                      | Nados Vivos           | 4127                     | 64                  | 2323          | 1076              | 664             | 0        |
|                                      | %                     | 43,23                    | 4,49                | 48,04         | 47,74             | 64,23           | -        |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | 27266                    | 3863                | 16490         | 4060              | 2853            | 0        |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | 116                      | 6                   | 77            | 16                | 17              | 0        |
|                                      | %                     | 4,25                     | 1,55                | 4,67          | 3,94              | 5,96            | -        |
| Região Autónoma dos Açores           | 15-49                 | 62117                    | 12077               | 35655         | 9043              | 5342            | 0        |
|                                      | Nados Vivos           | 3113                     | 49                  | 2300          | 440               | 324             | 0        |
|                                      | %                     | 50,12                    | 4,06                | 64,51         | 48,66             | 60,65           | -        |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | 14990                    | 2342                | 10044         | 1290              | 1314            | 0        |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | 71                       | 3                   | 50            | 10                | 8               | 0        |
|                                      | %                     | 4,74                     | 1,28                | 4,98          | 7,75              | 6,09            | -        |
| Região Autónoma da Madeira           | 15-49                 | 65771                    | 12145               | 35472         | 11754             | 6400            | 0        |
|                                      | Nados Vivos           | 3147                     | 47                  | 2045          | 680               | 375             | 0        |
|                                      | %                     | 47,85                    | 3,87                | 57,65         | 57,85             | 58,59           | -        |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | 16795                    | 2967                | 10832         | 1525              | 1471            | 0        |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | 73                       | 2                   | 56            | 10                | 5               | 0        |
|                                      | %                     | 4,35                     | 0,67                | 5,17          | 6,56              | 3,40            | -        |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 2001 (IDNP) e Recenseamento Geral da População 2001.

# Taxas de fecundidade, por condição perante o trabalho, em mulheres de 40 e mais anos

## NUTS II – 2001

[Quadro 5.1]

| Área geográfica de residência da mãe | Escalão etário da mãe | Condição da Mãe perante o Trabalho |               |              |               |          |
|--------------------------------------|-----------------------|------------------------------------|---------------|--------------|---------------|----------|
|                                      |                       | Total                              | Empregada     | Desempregada | Não activa    | Ignorada |
| Portugal                             | M 15-49               | 2631330                            | 1663373       | 165065       | 802892        | 0        |
|                                      | Nados-Vivos           | 112825                             | 80150         | 4460         | 28209         | 6        |
|                                      | %                     | 42,88                              | 48,19         | 27,02        | 35,13         | -        |
|                                      | <b>M 40-49 anos</b>   | <b>723742</b>                      | <b>486518</b> | <b>36463</b> | <b>200761</b> | <b>0</b> |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>2592</b>                        | <b>1731</b>   | <b>72</b>    | <b>789</b>    | <b>0</b> |
|                                      | %                     | <b>3,58</b>                        | <b>3,56</b>   | <b>1,97</b>  | <b>3,93</b>   | -        |
| Norte                                | M 15-49               | 984656                             | 612586        | 57863        | 314207        | 0        |
|                                      | Nados-Vivos           | 41537                              | 31090         | 1444         | 9000          | 3        |
|                                      | %                     | 42,18                              | 50,75         | 24,96        | 28,64         | -        |
|                                      | <b>M 40-49 anos</b>   | <b>263021</b>                      | <b>163072</b> | <b>13119</b> | <b>86830</b>  | <b>0</b> |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>840</b>                         | <b>551</b>    | <b>26</b>    | <b>263</b>    | <b>0</b> |
|                                      | %                     | <b>3,19</b>                        | <b>3,38</b>   | <b>1,98</b>  | <b>3,03</b>   | -        |
| Centro                               | M 15-49               | 429813                             | 264751        | 24320        | 140742        | 0        |
|                                      | Nados-Vivos           | 16815                              | 12205         | 868          | 3742          | 0        |
|                                      | %                     | 39,12                              | 46,10         | 35,69        | 26,59         | -        |
|                                      | <b>M 40-49 anos</b>   | <b>120319</b>                      | <b>79794</b>  | <b>5041</b>  | <b>35484</b>  | <b>0</b> |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>349</b>                         | <b>244</b>    | <b>13</b>    | <b>92</b>     | <b>0</b> |
|                                      | %                     | <b>2,90</b>                        | <b>3,06</b>   | <b>2,58</b>  | <b>2,59</b>   | -        |
| Lisboa e Vale do Tejo                | M 15-49               | 875514                             | 587329        | 58830        | 229355        | 0        |
|                                      | Nados-Vivos           | 39683                              | 28294         | 1240         | 10148         | 1        |
|                                      | %                     | 45,33                              | 48,17         | 21,08        | 44,25         | -        |
|                                      | <b>M 40-49 anos</b>   | <b>247401</b>                      | <b>183275</b> | <b>13469</b> | <b>50657</b>  | <b>0</b> |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>1035</b>                        | <b>729</b>    | <b>19</b>    | <b>287</b>    | <b>0</b> |
|                                      | %                     | <b>4,18</b>                        | <b>3,98</b>   | <b>1,41</b>  | <b>5,67</b>   | -        |
| Alentejo                             | M 15-49               | 117985                             | 69555         | 10887        | 37543         | 0        |
|                                      | Nados-Vivos           | 4403                               | 2506          | 428          | 1467          | 2        |
|                                      | %                     | 37,32                              | 36,03         | 39,31        | 39,08         | -        |
|                                      | <b>M 40-49 anos</b>   | <b>33950</b>                       | <b>23013</b>  | <b>2513</b>  | <b>8424</b>   | <b>0</b> |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>108</b>                         | <b>64</b>     | <b>5</b>     | <b>39</b>     | <b>0</b> |
|                                      | %                     | <b>3,18</b>                        | <b>2,78</b>   | <b>1,99</b>  | <b>4,63</b>   | -        |
| Algarve                              | M 15-49               | 95474                              | 61621         | 5807         | 28046         | 0        |
|                                      | Nados-Vivos           | 4127                               | 2716          | 305          | 1106          | 0        |
|                                      | %                     | 43,23                              | 44,08         | 52,52        | 39,44         | -        |
|                                      | <b>M 40-49 anos</b>   | <b>27266</b>                       | <b>19347</b>  | <b>1326</b>  | <b>6593</b>   | <b>0</b> |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>116</b>                         | <b>72</b>     | <b>7</b>     | <b>37</b>     | <b>0</b> |
|                                      | %                     | <b>4,25</b>                        | <b>3,72</b>   | <b>5,28</b>  | <b>5,61</b>   | -        |
| Região Autónoma dos Açores           | M 15-49               | 62117                              | 30283         | 4544         | 27290         | 0        |
|                                      | Nados-Vivos           | 3113                               | 1443          | 66           | 1604          | 0        |
|                                      | %                     | 50,12                              | 47,65         | 14,52        | 58,78         | -        |
|                                      | <b>M 40-49 anos</b>   | <b>14990</b>                       | <b>7690</b>   | <b>528</b>   | <b>6772</b>   | <b>0</b> |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>71</b>                          | <b>29</b>     | <b>0</b>     | <b>42</b>     | <b>0</b> |
|                                      | %                     | <b>4,74</b>                        | <b>3,77</b>   | <b>0,00</b>  | <b>6,20</b>   | -        |
| Região Autónoma da Madeira           | M 15-49               | 65771                              | 37248         | 2814         | 25709         | 0        |
|                                      | Nados-Vivos           | 3147                               | 1896          | 109          | 1142          | 0        |
|                                      | %                     | 47,85                              | 50,90         | 38,73        | 44,42         | -        |
|                                      | <b>M 40-49 anos</b>   | <b>16795</b>                       | <b>10327</b>  | <b>467</b>   | <b>6001</b>   | <b>0</b> |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>73</b>                          | <b>42</b>     | <b>2</b>     | <b>29</b>     | <b>0</b> |
|                                      | %                     | <b>4,35</b>                        | <b>4,07</b>   | <b>4,28</b>  | <b>4,83</b>   | -        |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 2001 (IDNP) e Recenseamento Geral da População 2001.

Taxas de fecundidade, por situação na profissão, em mulheres de 40 e mais anos

NUTS II – 2001

[Quadro 6.I]

| Área geográfica de residência da mãe | Escalão etário da mãe | Situação da Mãe na Profissão |              |                                |                                  |                |          |               |
|--------------------------------------|-----------------------|------------------------------|--------------|--------------------------------|----------------------------------|----------------|----------|---------------|
|                                      |                       | Total                        | Empregadora  | Trabalhadora por conta própria | Trabalhadora por conta de outrem | Outra situação | Ignorada | Não aplicável |
| Portugal                             | 15-49                 | 2631330                      | 115913       | 68715                          | 1446517                          | 32228          | 0        | 967957        |
|                                      | Nados Vivos           | 112825                       | 444          | 6676                           | 74391                            | 2193           | 6        | 29115         |
|                                      | %                     | 42,88                        | 3,83         | 97,15                          | 51,43                            | 68,05          | -        | 30,08         |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | <b>723742</b>                | <b>43441</b> | <b>29418</b>                   | <b>401665</b>                    | <b>11994</b>   | <b>0</b> | <b>237224</b> |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>2592</b>                  | <b>12</b>    | <b>223</b>                     | <b>1521</b>                      | <b>41</b>      | <b>0</b> | <b>795</b>    |
|                                      | %                     | <b>3,58</b>                  | <b>0,28</b>  | <b>7,58</b>                    | <b>3,79</b>                      | <b>3,42</b>    | -        | <b>3,35</b>   |
| Norte                                | 15-49                 | 984656                       | 42433        | 27096                          | 531317                           | 11740          | 0        | 372070        |
|                                      | Nados Vivos           | 41537                        | 202          | 2527                           | 28735                            | 808            | 3        | 9262          |
|                                      | %                     | 42,18                        | 4,76         | 93,26                          | 54,08                            | 68,82          | -        | 24,89         |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | <b>263021</b>                | <b>15304</b> | <b>10833</b>                   | <b>132563</b>                    | <b>4372</b>    | <b>0</b> | <b>99949</b>  |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>840</b>                   | <b>5</b>     | <b>74</b>                      | <b>481</b>                       | <b>16</b>      | <b>0</b> | <b>264</b>    |
|                                      | %                     | <b>3,19</b>                  | <b>0,33</b>  | <b>6,83</b>                    | <b>3,63</b>                      | <b>3,66</b>    | -        | <b>2,64</b>   |
| Centro                               | 15-49                 | 429813                       | 16930        | 12619                          | 228772                           | 6430           | 0        | 165062        |
|                                      | Nados Vivos           | 16815                        | 53           | 1150                           | 11274                            | 400            | 0        | 3938          |
|                                      | %                     | 39,12                        | 3,13         | 91,13                          | 49,28                            | 62,21          | -        | 23,86         |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | <b>120319</b>                | <b>6754</b>  | <b>5750</b>                    | <b>64531</b>                     | <b>2759</b>    | <b>0</b> | <b>40525</b>  |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>349</b>                   | <b>2</b>     | <b>32</b>                      | <b>213</b>                       | <b>7</b>       | <b>0</b> | <b>95</b>     |
|                                      | %                     | <b>2,90</b>                  | <b>0,30</b>  | <b>5,57</b>                    | <b>3,30</b>                      | <b>2,54</b>    | -        | <b>2,34</b>   |
| Lisboa e Vale do Tejo                | 15-49                 | 875514                       | 43474        | 20004                          | 514002                           | 9849           | 0        | 288185        |
|                                      | Nados Vivos           | 39683                        | 127          | 2220                           | 26512                            | 490            | 1        | 10333         |
|                                      | %                     | 45,33                        | 2,92         | 110,98                         | 51,58                            | 49,75          | -        | 35,86         |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | <b>247401</b>                | <b>16185</b> | <b>8855</b>                    | <b>154936</b>                    | <b>3299</b>    | <b>0</b> | <b>64126</b>  |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>1035</b>                  | <b>3</b>     | <b>74</b>                      | <b>662</b>                       | <b>9</b>       | <b>0</b> | <b>287</b>    |
|                                      | %                     | <b>4,18</b>                  | <b>0,19</b>  | <b>8,36</b>                    | <b>4,27</b>                      | <b>2,73</b>    | -        | <b>4,48</b>   |
| Alentejo                             | 15-49                 | 117985                       | 4518         | 3555                           | 59645                            | 1837           | 0        | 48430         |
|                                      | Nados Vivos           | 4403                         | 30           | 298                            | 2296                             | 146            | 2        | 1631          |
|                                      | %                     | 37,32                        | 6,64         | 83,83                          | 38,49                            | 79,48          | -        | 33,68         |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | <b>33950</b>                 | <b>1870</b>  | <b>1580</b>                    | <b>18924</b>                     | <b>639</b>     | <b>0</b> | <b>10937</b>  |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>108</b>                   | <b>1</b>     | <b>9</b>                       | <b>57</b>                        | <b>1</b>       | <b>0</b> | <b>40</b>     |
|                                      | %                     | <b>3,18</b>                  | <b>0,53</b>  | <b>5,70</b>                    | <b>3,01</b>                      | <b>1,56</b>    | -        | <b>3,66</b>   |
| Algarve                              | 15-49                 | 95474                        | 5258         | 2971                           | 52318                            | 1074           | 0        | 33853         |
|                                      | Nados Vivos           | 4127                         | 30           | 321                            | 2396                             | 234            | 0        | 1146          |
|                                      | %                     | 43,23                        | 5,71         | 108,04                         | 45,80                            | 217,88         | -        | 33,85         |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | <b>27266</b>                 | <b>2160</b>  | <b>1349</b>                    | <b>15404</b>                     | <b>434</b>     | <b>0</b> | <b>7919</b>   |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>116</b>                   | <b>1</b>     | <b>24</b>                      | <b>48</b>                        | <b>6</b>       | <b>0</b> | <b>37</b>     |
|                                      | %                     | <b>4,25</b>                  | <b>0,46</b>  | <b>17,79</b>                   | <b>3,12</b>                      | <b>13,82</b>   | -        | <b>4,67</b>   |
| Região Autónoma dos Açores           | 15-49                 | 62117                        | 1281         | 1168                           | 27344                            | 490            | 0        | 31834         |
|                                      | Nados Vivos           | 3113                         | 2            | 93                             | 1349                             | 54             | 0        | 1615          |
|                                      | %                     | 50,12                        | 1,56         | 79,62                          | 49,33                            | 110,20         | -        | 50,73         |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | <b>14990</b>                 | <b>458</b>   | <b>446</b>                     | <b>6632</b>                      | <b>154</b>     | <b>0</b> | <b>7300</b>   |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>71</b>                    | <b>0</b>     | <b>6</b>                       | <b>23</b>                        | <b>0</b>       | <b>0</b> | <b>42</b>     |
|                                      | %                     | <b>4,74</b>                  | <b>0,00</b>  | <b>13,45</b>                   | <b>3,47</b>                      | <b>0,00</b>    | -        | <b>5,75</b>   |
| Região Autónoma da Madeira           | 15-49                 | 65771                        | 2019         | 1302                           | 33119                            | 808            | 0        | 28523         |
|                                      | Nados Vivos           | 3147                         | 0            | 67                             | 1829                             | 61             | 0        | 1190          |
|                                      | %                     | 47,85                        | 0,00         | 51,46                          | 55,23                            | 75,50          | -        | 41,72         |
|                                      | <b>40-49 anos</b>     | <b>16795</b>                 | <b>710</b>   | <b>605</b>                     | <b>8675</b>                      | <b>337</b>     | <b>0</b> | <b>6468</b>   |
|                                      | <b>Nados Vivos</b>    | <b>73</b>                    | <b>0</b>     | <b>4</b>                       | <b>37</b>                        | <b>2</b>       | <b>0</b> | <b>30</b>     |
|                                      | %                     | <b>4,35</b>                  | <b>0,00</b>  | <b>6,61</b>                    | <b>4,27</b>                      | <b>5,93</b>    | -        | <b>4,64</b>   |

Fonte: INE, Estatísticas Demográficas 2001 (IDNP) e Recenseamento Geral da População 2001.

## Nados vivos em mães de 40 e mais anos por profissão da mãe, NUTS II – 2001

[Quadro 7.1]

| Área geográfica de residência da mãe | Escalão etário da mãe | Profissão da Mãe |      |       |       |      |       |       |       |       |       |       |       |       |  |
|--------------------------------------|-----------------------|------------------|------|-------|-------|------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|-------|--|
|                                      |                       | Total            | FA   | QSAPE | EPIC  | TPNI | PAS   | PSV   | ATQAP | OATS  | OIMTM | TNQ   | IGNOR | SPROF |  |
| Portugal                             | Total                 | 112825           | 156  | 1254  | 13169 | 6347 | 13803 | 17281 | 1659  | 23575 | 878   | 4394  | 1194  | 29115 |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,14 | 1,11  | 11,67 | 5,63 | 12,23 | 15,32 | 1,47  | 20,90 | 0,78  | 3,89  | 1,06  | 25,81 |  |
|                                      | De 40 e mais anos     | 2592             | 4    | 32    | 356   | 163  | 298   | 325   | 48    | 392   | 14    | 150   | 15    | 795   |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,15 | 1,23  | 13,73 | 6,29 | 11,50 | 12,54 | 1,85  | 15,12 | 0,54  | 5,79  | 0,58  | 30,67 |  |
| Norte                                | Total                 | 41537            | 22   | 399   | 3828  | 1681 | 3970  | 5113  | 532   | 14736 | 421   | 1002  | 571   | 9262  |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,05 | 0,96  | 9,22  | 4,05 | 9,56  | 12,31 | 1,28  | 35,48 | 1,01  | 2,41  | 1,37  | 22,30 |  |
|                                      | De 40 e mais anos     | 840              | 0    | 5     | 84    | 51   | 85    | 81    | 16    | 212   | 8     | 27    | 7     | 264   |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,00 | 0,60  | 10,00 | 6,07 | 10,12 | 9,64  | 1,90  | 25,24 | 0,95  | 3,21  | 0,83  | 31,43 |  |
| Centro                               | Total                 | 16815            | 24   | 138   | 2266  | 744  | 1957  | 2579  | 277   | 4062  | 140   | 496   | 194   | 3938  |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,14 | 0,82  | 13,48 | 4,42 | 11,64 | 15,34 | 1,65  | 24,16 | 0,83  | 2,95  | 1,15  | 23,42 |  |
|                                      | De 40 e mais anos     | 349              | 2    | 0     | 51    | 16   | 42    | 48    | 10    | 67    | 1     | 14    | 3     | 95    |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,57 | 0,00  | 14,61 | 4,58 | 12,03 | 13,75 | 2,87  | 19,20 | 0,29  | 4,01  | 0,86  | 27,22 |  |
| Lisboa e Vale do Tejo                | Total                 | 39683            | 87   | 617   | 5756  | 3219 | 5996  | 6869  | 605   | 3719  | 237   | 1903  | 342   | 10333 |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,22 | 1,55  | 14,50 | 8,11 | 15,11 | 17,31 | 1,52  | 9,37  | 0,60  | 4,80  | 0,86  | 26,04 |  |
|                                      | De 40 e mais anos     | 1035             | 2    | 25    | 180   | 82   | 135   | 142   | 12    | 87    | 2     | 77    | 4     | 287   |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,19 | 2,42  | 17,39 | 7,92 | 13,04 | 13,72 | 1,16  | 8,41  | 0,19  | 7,44  | 0,39  | 27,73 |  |
| Alentejo                             | Total                 | 4403             | 7    | 33    | 458   | 212  | 528   | 634   | 81    | 381   | 32    | 339   | 67    | 1631  |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,16 | 0,75  | 10,40 | 4,81 | 11,99 | 14,40 | 1,84  | 8,65  | 0,73  | 7,70  | 1,52  | 37,04 |  |
|                                      | De 40 e mais anos     | 108              | 0    | 1     | 14    | 6    | 12    | 15    | 1     | 7     | 0     | 12    | 0     | 40    |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,00 | 0,93  | 12,96 | 5,56 | 11,11 | 13,89 | 0,93  | 6,48  | 0,00  | 11,11 | 0,00  | 37,04 |  |
| Algarve                              | Total                 | 4127             | 12   | 43    | 368   | 208  | 604   | 1092  | 55    | 261   | 18    | 319   | 1     | 1146  |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,29 | 1,04  | 8,92  | 5,04 | 14,64 | 26,46 | 1,33  | 6,32  | 0,44  | 7,73  | 0,02  | 27,77 |  |
|                                      | De 40 e mais anos     | 116              | 0    | 0     | 14    | 3    | 8     | 25    | 4     | 10    | 2     | 12    | 1     | 37    |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,00 | 0,00  | 12,07 | 2,59 | 6,90  | 21,55 | 3,45  | 8,62  | 1,72  | 10,34 | 0,86  | 31,90 |  |
| Região Autónoma dos Açores           | Total                 | 3113             | 4    | 12    | 236   | 107  | 334   | 362   | 29    | 181   | 13    | 201   | 19    | 1615  |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,13 | 0,39  | 7,58  | 3,44 | 10,73 | 11,63 | 0,93  | 5,81  | 0,42  | 6,46  | 0,61  | 51,88 |  |
|                                      | De 40 e mais anos     | 71               | 0    | 1     | 6     | 4    | 6     | 3     | 1     | 2     | 1     | 5     | 0     | 42    |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,00 | 1,41  | 8,45  | 5,63 | 8,45  | 4,23  | 1,41  | 2,82  | 1,41  | 7,04  | 0,00  | 59,15 |  |
| Região Autónoma da Madeira           | Total                 | 3147             | 0    | 12    | 257   | 176  | 414   | 632   | 80    | 235   | 17    | 134   | 0     | 1190  |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,00 | 0,38  | 8,17  | 5,59 | 13,16 | 20,08 | 2,54  | 7,47  | 0,54  | 4,26  | 0,00  | 37,81 |  |
|                                      | De 40 e mais anos     | 73               | 0    | 0     | 7     | 1    | 10    | 11    | 4     | 7     | 0     | 3     | 0     | 30    |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,00 | 0,00  | 9,59  | 1,37 | 13,70 | 15,07 | 5,48  | 9,59  | 0,00  | 4,11  | 0,00  | 41,10 |  |

**Fonte:** INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP).

**Nota:** Forças Armadas (FA); Quadros Superiores da Administração Pública, Dirigentes e Quadros Superiores de Empresas (QSAPE); Especialistas das Profissões Intelectuais e Científicas (EPIC); Técnicos e Profissionais de Nível Intermédio (TPNI); Pessoal Administrativo e Similares (PAS); Pessoal dos Serviços e Vendedores (PSV); Agricultores e Trabalhadores Qualificados da Agricultura e Pescas (ATQAP); Operários, Artífices e Trabalhadores Similares (OATS); Operadores de Instalações e Máquinas, e Trabalhadores da Montagem (OIMTM); Trabalhadores não Qualificados (TNQ); Ignorado (IGNOR); Sem Profissão (SPROF).

## Nados vivos em mães de 40 e mais anos por profissão da mãe, Portugal – 2001

[Quadro 7.2]

| Área geográfica de residência da mãe | Escalão etário da mãe | Profissão da Mãe |      |       |       |      |       |       |       |       |       |      |  |
|--------------------------------------|-----------------------|------------------|------|-------|-------|------|-------|-------|-------|-------|-------|------|--|
|                                      |                       | Total            | FA   | QSAPE | EPIC  | TPNI | PAS   | PSV   | ATQAP | OATS  | OIMTM | TNQ  |  |
| Portugal                             | Total                 | 82516            | 156  | 1254  | 13169 | 6347 | 13803 | 17281 | 1659  | 23575 | 878   | 4394 |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,19 | 1,52  | 15,96 | 7,69 | 16,73 | 20,94 | 2,01  | 28,57 | 1,06  | 5,33 |  |
|                                      | De 40 e mais anos     | 1782             | 4    | 32    | 356   | 163  | 298   | 325   | 48    | 392   | 14    | 150  |  |
|                                      | %                     | 100,00           | 0,22 | 1,80  | 19,98 | 9,15 | 16,72 | 18,24 | 2,69  | 22,00 | 0,79  | 8,42 |  |

**Fonte:** INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP).

## Nados vivos em mães de 40 e mais anos por ordem de nascimentos, NUTS II – 2001

[Quadro 8.1]

|                            | Área geográfica de residência da mãe | Escalão etário da mãe | Ordem de Nascimento |       |       |       |       |       |      |      |      |      |      |
|----------------------------|--------------------------------------|-----------------------|---------------------|-------|-------|-------|-------|-------|------|------|------|------|------|
|                            |                                      |                       | Total               | 1.º   | 2.º   | 3.º   | 4.º   | 5.º   | 6.º  | 7.º  | 8.º  | 9.º  |      |
| Portugal                   | Total                                |                       | 112768              | 60093 | 38657 | 9802  | 2620  | 927   | 360  | 174  | 74   | 34   | 27   |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 53,29 | 34,28 | 8,69  | 2,32  | 0,82  | 0,32 | 0,15 | 0,07 | 0,03 | 0,02 |
|                            | De 40 e mais anos                    |                       | 2590                | 613   | 786   | 601   | 287   | 148   | 65   | 43   | 21   | 13   | 13   |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 23,67 | 30,35 | 23,20 | 11,08 | 5,71  | 2,51 | 1,66 | 0,81 | 0,50 | 0,50 |
| Norte                      | Total                                |                       | 41471               | 22117 | 14728 | 3344  | 819   | 269   | 106  | 43   | 25   | 15   | 5    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 53,33 | 35,51 | 8,06  | 1,97  | 0,65  | 0,26 | 0,10 | 0,06 | 0,04 | 0,01 |
|                            | De 40 e mais anos                    |                       | 839                 | 183   | 245   | 210   | 93    | 56    | 24   | 13   | 9    | 5    | 1    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 21,81 | 29,20 | 25,03 | 11,08 | 6,67  | 2,86 | 1,55 | 1,07 | 0,60 | 0,12 |
| Centro                     | Total                                |                       | 16778               | 8893  | 5999  | 1380  | 318   | 111   | 42   | 23   | 5    | 3    | 4    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 53,00 | 35,76 | 8,23  | 1,90  | 0,66  | 0,25 | 0,14 | 0,03 | 0,02 | 0,02 |
|                            | De 40 e mais anos                    |                       | 350                 | 84    | 115   | 77    | 46    | 17    | 4    | 3    | 1    | 1    | 2    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 24,00 | 32,86 | 22,00 | 13,14 | 4,86  | 1,14 | 0,86 | 0,29 | 0,29 | 0,57 |
| Lisboa e Vale do Tejo      | Total                                |                       | 39643               | 21603 | 12884 | 3599  | 989   | 335   | 126  | 66   | 29   | 5    | 7    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 54,49 | 32,50 | 9,08  | 2,49  | 0,85  | 0,32 | 0,17 | 0,07 | 0,01 | 0,02 |
|                            | De 40 e mais anos                    |                       | 1030                | 263   | 323   | 234   | 103   | 47    | 25   | 22   | 7    | 2    | 4    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 25,53 | 31,36 | 22,72 | 10,00 | 4,56  | 2,43 | 2,14 | 0,68 | 0,19 | 0,39 |
| Alentejo                   | Total                                |                       | 4423                | 2248  | 1575  | 396   | 119   | 48    | 22   | 8    | 2    | 1    | 4    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 50,83 | 35,61 | 8,95  | 2,69  | 1,09  | 0,50 | 0,18 | 0,05 | 0,02 | 0,09 |
|                            | De 40 e mais anos                    |                       | 108                 | 25    | 35    | 25    | 11    | 6     | 2    | 1    | 1    | 0    | 2    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 23,15 | 32,41 | 23,15 | 10,19 | 5,56  | 1,85 | 0,93 | 0,93 | 0,00 | 1,85 |
| Algarve                    | Total                                |                       | 4164                | 2171  | 1466  | 337   | 120   | 40    | 17   | 5    | 4    | 2    | 2    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 52,14 | 35,21 | 8,09  | 2,88  | 0,96  | 0,41 | 0,12 | 0,10 | 0,05 | 0,05 |
|                            | De 40 e mais anos                    |                       | 118                 | 28    | 37    | 24    | 13    | 7     | 3    | 2    | 0    | 2    | 2    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 23,73 | 31,36 | 20,34 | 11,02 | 5,93  | 2,54 | 1,69 | 0,00 | 1,69 | 1,69 |
| Região Autónoma dos Açores | Total                                |                       | 3129                | 1437  | 984   | 418   | 147   | 76    | 32   | 18   | 8    | 4    | 5    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 45,93 | 31,45 | 13,36 | 4,70  | 2,43  | 1,02 | 0,58 | 0,26 | 0,13 | 0,16 |
|                            | De 40 e mais anos                    |                       | 71                  | 11    | 8     | 17    | 10    | 10    | 6    | 2    | 2    | 3    | 2    |
|                            |                                      | %                     | 100                 | 15,49 | 11,27 | 23,94 | 14,08 | 14,08 | 8,45 | 2,82 | 2,82 | 4,23 | 2,82 |
| Região Autónoma da Madeira | Total                                |                       | 3160                | 1624  | 1021  | 328   | 108   | 48    | 15   | 11   | 1    | 4    | 0    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 51,39 | 32,31 | 10,38 | 3,42  | 1,52  | 0,47 | 0,35 | 0,03 | 0,13 | 0,00 |
|                            | De 40 e mais anos                    |                       | 74                  | 19    | 23    | 14    | 11    | 5     | 1    | 0    | 1    | 0    | 0    |
|                            |                                      | %                     | 100,00              | 25,68 | 31,08 | 18,92 | 14,86 | 6,76  | 1,35 | 0,00 | 1,35 | 0,00 | 0,00 |

Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP).

## Nados vivos em mães de 40 e mais anos por ordem de nascimentos, NUTS II – 2001

### (Quadro Resumo)

[Gráfico 8.2]

| Área geográfica<br>de residência da<br>mãe | 1. <sup>a</sup> ordem | 2. <sup>a</sup> ordem | 3. <sup>a</sup> ordem | 4. <sup>a</sup> ordem | 5. <sup>a</sup> ordem<br>ou<br>superior |
|--|-----------------------|-----------------------|-----------------------|-----------------------|---|
|  | %                     |                       |                       |                       |   |
| Total nados-vivos                          | 53,29                 | 34,28                 | 8,69                  | 2,32                  | 1,42                                    |
| Portugal                                   | 23,67                 | 30,35                 | 23,20                 | 11,08                 | 11,70                                   |
| Norte                                      | 21,81                 | 29,20                 | 25,03                 | 11,08                 | 12,87                                   |
| Centro                                     | 24,00                 | 32,86                 | 22,00                 | 13,14                 | 8,00                                    |
| LVT  | 25,53                 | 31,36                 | 22,72                 | 10,00                 | 10,39                                   |
| Alentejo                                   | 23,15                 | 32,41                 | 23,15                 | 10,19                 | 11,11                                   |
| Algarve                                    | 23,73                 | 31,36                 | 20,34                 | 11,02                 | 13,56                                   |
| RA Açores                                  | 15,49                 | 11,27                 | 23,94                 | 14,08                 | 35,21                                   |
| RA Madeira                                 | 25,68                 | 31,08                 | 18,92                 | 14,86                 | 9,46                                    |

**Fonte:** INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP).

## Nados vivos em mães de 40 e mais anos por filiação, NUTS II – 2001

[Gráfico 9.I]

| Área geográfica de residência da mãe | Escalão etário da mãe    | Filiação      |                     |                   |                         |                         |
|--------------------------------------|--------------------------|---------------|---------------------|-------------------|-------------------------|-------------------------|
|                                      |                          | Total         | Dentro do casamento | Fora do casamento |                         |                         |
|                                      |                          |               |                     | Total             | Com coabitação dos pais | Sem coabitação dos pais |
| Portugal                             | Total                    | 112768        | 85954               | 26814             | 20062                   | 6752                    |
|                                      | %                        | 100,00        | 76,22               | 23,78             | (17,79)                 | (5,99)                  |
|                                      | <b>De 40 e mais anos</b> | <b>2590</b>   | <b>1801</b>         | <b>789</b>        | <b>587</b>              | <b>202</b>              |
|                                      | %                        | <b>100,00</b> | <b>69,54</b>        | <b>30,46</b>      | <b>(22,66)</b>          | <b>(7,80)</b>           |
| Norte                                | Total                    | 41471         | 35335               | 6136              | 4278                    | 1858                    |
|                                      | %                        | 100,00        | 85,20               | 14,80             | 10,32                   | 4,48                    |
|                                      | <b>De 40 e mais anos</b> | <b>839</b>    | <b>673</b>          | <b>166</b>        | <b>125</b>              | <b>41</b>               |
|                                      | %                        | <b>100,00</b> | <b>80,21</b>        | <b>19,79</b>      | <b>(14,90)</b>          | <b>(4,89)</b>           |
| Centro                               | Total                    | 16778         | 13830               | 2948              | 2262                    | 686                     |
|                                      | %                        | 100,00        | 82,43               | 17,57             | 13,48                   | 4,09                    |
|                                      | <b>De 40 e mais anos</b> | <b>350</b>    | <b>280</b>          | <b>70</b>         | <b>56</b>               | <b>14</b>               |
|                                      | %                        | <b>100,00</b> | <b>80,00</b>        | <b>20,00</b>      | <b>(16,00)</b>          | <b>(4,00)</b>           |
| Lisboa e Vale do Tejo                | Total                    | 39643         | 26117               | 13526             | 10282                   | 3244                    |
|                                      | %                        | 100,00        | 65,88               | 34,12             | 25,94                   | 8,18                    |
|                                      | <b>De 40 e mais anos</b> | <b>1030</b>   | <b>620</b>          | <b>410</b>        | <b>299</b>              | <b>111</b>              |
|                                      | %                        | <b>100,00</b> | <b>60,19</b>        | <b>39,81</b>      | <b>(29,03)</b>          | <b>(10,78)</b>          |
| Alentejo                             | Total                    | 4423          | 3009                | 1414              | 1148                    | 266                     |
|                                      | %                        | 100,00        | 68,03               | 31,97             | 25,96                   | 6,01                    |
|                                      | <b>De 40 e mais anos</b> | <b>108</b>    | <b>55</b>           | <b>53</b>         | <b>40</b>               | <b>13</b>               |
|                                      | %                        | <b>100,00</b> | <b>50,93</b>        | <b>49,07</b>      | <b>(37,04)</b>          | <b>(12,04)</b>          |
| Algarve                              | Total                    | 4164          | 2431                | 1733              | 1441                    | 292                     |
|                                      | %                        | 100,00        | 58,38               | 41,62             | 34,61                   | 7,01                    |
|                                      | <b>De 40 e mais anos</b> | <b>118</b>    | <b>55</b>           | <b>63</b>         | <b>50</b>               | <b>13</b>               |
|                                      | %                        | <b>100,00</b> | <b>46,61</b>        | <b>53,39</b>      | <b>(42,37)</b>          | <b>(11,02)</b>          |
| Região Autónoma dos Açores           | Total                    | 3129          | 2688                | 441               | 262                     | 179                     |
|                                      | %                        | 100,00        | 85,91               | 14,09             | 8,37                    | 5,72                    |
|                                      | <b>De 40 e mais anos</b> | <b>71</b>     | <b>57</b>           | <b>14</b>         | <b>8</b>                | <b>6</b>                |
|                                      | %                        | <b>100,00</b> | <b>80,28</b>        | <b>19,72</b>      | <b>(11,27)</b>          | <b>(8,45)</b>           |
| Região Autónoma da Madeira           | Total                    | 3160          | 2544                | 616               | 389                     | 227                     |
|                                      | %                        | 100,00        | 80,51               | 19,49             | 12,31                   | 7,18                    |
|                                      | <b>De 40 e mais anos</b> | <b>74</b>     | <b>61</b>           | <b>13</b>         | <b>9</b>                | <b>4</b>                |
|                                      | %                        | <b>100,00</b> | <b>82,43</b>        | <b>17,57</b>      | <b>(12,16)</b>          | <b>(5,41)</b>           |

Fonte: INE, *Estatísticas Demográficas 2001* (IDNP).







© Copyright 2003 by Rosalina Costa

All Rights Reserved

PDF version: January, 2012